



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Campus de São José do Rio Preto

BEATRIZ GIL

**O cenário brasileiro de publicação de artigos científicos das Grandes Áreas de Ciências
Humanas, Linguística, Letras e Artes em periódicos (inter)nacionais:
práticas, motivos, necessidades e estratégias**

São José do Rio Preto
2022

BEATRIZ GIL

O cenário brasileiro de publicação de artigos científicos das Grandes Áreas de Ciências Humanas, Linguística, Letras e Artes em periódicos (inter)nacionais:
práticas, motivos, necessidades e estratégias

Tese apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de São José do Rio Preto.

Financiadora: CAPES

Orientadora: Prof^a. Dr^a Solange Aranha

São José do Rio Preto
202

G463c	GIL, BEATRIZ O cenário brasileiro de publicação de artigos científicos das Grandes Áreas de Ciências Humanas, Linguística, Letras e Artes em periódicos (inter)nacionais: : práticas, motivos, necessidades e estratégias / BEATRIZ GIL. – São José do Rio Preto, 2022 316 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto Orientadora: Solange Aranha 1. Práticas de publicação. 2. Ciências Humanas, Letras, Linguística e Artes. 3. Escrita Acadêmica. 4. Artigo Científico. I. Título.
-------	---

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

BEATRIZ GIL

O cenário brasileiro de publicação de artigos científicos das Grandes Áreas de Ciências Humanas, Linguística, Letras e Artes em periódicos (inter)nacionais:
práticas, motivos, necessidades e estratégias

Tese apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de São José do Rio Preto.

Financiadora: CAPES

Comissão Examinadora

Prof^a. Dr^a. Solange Aranha
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto
Orientadora

Prof^a. Dr^a. Kyria Rebeca Finardi
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

Prof^a. Dr^a. Daniella Lopes Dias Ignácio Rodrigues
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC MG)

Prof. Dr. Orlando Vian Jr.
Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

Prof^a. Dr^a. Lília Santos Abreu-Tardelli
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto

São José do Rio Preto
03 de fevereiro de 2022

Dedico este trabalho à minha família, de sangue e de alma, por quem tudo vale a pena.

AGRADECIMENTOS

Esta foi a primeira página que escrevi da tese. Foi uma decisão consciente e uma escolha deliberada. No processo de escrita da minha dissertação de Mestrado, os agradecimentos foram a última coisa que eu fiz; não por algum motivo especial, mas, sim, por simples esquecimento. Nos seis anos que separam aquele momento deste, tudo mudou, e, por isso, fiz questão de marcar essa mudança no meu processo e no meu texto. Ainda que já tivesse muitas responsabilidades há seis anos, é fácil creditar a maior parte do esforço a você mesmo. Agora, depois de um casamento, dois filhos - um deles nascido no meio do doutorado – trabalho e pandemia, sei que chegar até aqui só é possível pelos agradecimentos que explico a seguir.

Gostaria de agradecer a Deus, primeiramente, pela resiliência concedida ao longo desses anos e por me ofertar, não tudo aquilo que eu queria, mas o que meu coração precisava.

À Unesp, que no período de 15 anos, passou de uma desconhecida a grande responsável por quem eu sou hoje.

Ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos de SJRP, pelo suporte oferecido em todos os momentos.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001, pelo financiamento e apoio. Que muitos outros pesquisadores possam se beneficiar dos mesmos privilégios que eu e que a sociedade entenda cada vez mais seu papel fundamental.

À agência de fomento alemã DAAD, pela bolsa de curta duração de pesquisa, desenvolvida na *University of Hamburg*. Apesar de a pandemia ter impedido de eu vivenciar a experiência de estudar em uma universidade europeia “em carne e osso”, foi inestimável o ganho pessoal e acadêmico que a bolsa me proporcionou, mesmo em formato online.

À minha orientadora, profa. Dra. Solange Aranha, que segue comigo em um longo relacionamento de mais de dez anos, me ensinando sobre pesquisa e ética, mas, sobretudo, sobre a vida. Cada palavra, conselho, incentivo e puxão de orelha ajudaram a moldar meu caminho. Obrigada por se doar e me ensinar tanto. Vejo vários pedaços de Solange na Bia de hoje e serei eternamente grata pelo seu exemplo de força.

Aos professores que tive o prazer de acompanhar durante o Doutorado. Professores Lauro Maia Amorim, Lilia Abreu-Tardelli, e Fernanda Galli, que eu possa representar para os meus alunos o exemplo de pessoas e profissionais que vocês representam para mim.

Aos professores que contribuíram imensamente em dois momentos cruciais para o desenvolvimento desta pesquisa. Professoras Daniella Lopes e Kyria Finardi, pela leitura atenta e sugestões feitas durante a Qualificação. Professor Orlando Vian Jr pelo debate no Selin e riqueza de contribuições. Obrigada também por aceitarem tão gentilmente, juntamente com a prof. Lillia, fazerem parte da minha banca de defesa.

Ao professor Robert Fuchs, por me supervisionar durante minha estadia virtual de pesquisa, na *University of Hamburg*, mesmo sem me conhecer. Seu acolhimento e educação durante todo o processo de seleção, com meus pedidos de incontáveis documentos, e nas nossas aulas e reuniões foram ímpares. Espero ter a oportunidade de conhece-los – você e a universidade – pessoalmente, um dia.

Ao meu marido, por sempre me incentivar, apoiar e fazer acontecer. Por sempre acreditar em mim e abraçar minhas batalhas. Por sempre abdicar de seu tempo para cuidar das crianças nas minhas incontáveis horas pesquisando. Quanto crescemos, aprendemos, mudamos e nos transformamos juntos. E, como já sabemos desde 2010, *always better together*.

Aos meus filhos, Théo e Clara, por quem tudo vale a pena. Pela carinha no vidro da porta, me espiando, enquanto estou trancada trabalhando. Pelos abraços e beijos depois de um dia longo. Pela metamorfose que fui obrigada a sofrer por vocês e que me transformou na mulher-mãe-professora-pesquisadora que sou. Amo vocês mais!

À minha mãe, por me ensinar tanto por seu exemplo, por ser quem é, por sua sabedoria nas pequenas coisas, por sua força irrestrita e seu coração do tamanho do universo.

Ao meu pai, que desde antes mesmo de eu saber o que queria da minha vida, já falava que ia me ver doutora. Agora pode falar que eu vou ganhar na loteria, pai!

Aos meus sogros, que sempre se disponibilizaram a nos ajudar, mesmo enfrentando suas próprias batalhas, com os braços e as portas sempre estiveram abertas para nós. Não teria conseguido sem a generosidade e o cuidado de vocês. Obrigada por tudo e por tanto.

À minha avó Maria, carinhosamente Iaia, por ser a base de uma família de mulheres fortes e destemidas.

À minha família – Melissa, Leonardo, Maybelle, João, Henrique, Geisla, Wellington, Gabriel, Matheus, Fernando, Cauê, Noah – pelo incentivo, amor, risadas, presença e cores que pintam nossas vidas.

Aos meus amigos – Mariana, Leandro, Ana Luísa, Mônica, Bruna Gabriela, Sabrina, Natália, Fábio – por sempre me compreenderem tão bem e torcerem tanto.

Aos meus “assistentes” de pesquisa – meu marido, minha amiga Larissa, meu primo João Pedro – por acelerarem um pouco a pesquisa ao me ajudarem com alguns gráficos, porcentagens e contagens. Vocês são incríveis!

A todos que, diretamente ou indiretamente, contribuíram com este trabalho os meus mais profundos agradecimentos.

Que agora venham os novos desafios!

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo mapear as práticas, estratégias, motivações, dificuldades e necessidades dos pesquisadores brasileiros da Grande Área de Ciências Humanas, Linguística, Letras e Artes frente à publicação de artigos em periódicos nacionais e internacionais. Com base nas abordagens de *English for Academic Purposes* (EAP) e *English for Research Publication Purposes* (ERPP), a pesquisa se divide em duas fases. A Fase-I conduziu um questionário online, disponibilizado e respondido por quinhentos e dois docentes e discentes, vinculados a 190 programas de pós-graduação, localizados em todas as regiões do país. Os dados encontrados revelam que há uma subdivisão das subáreas estudadas, no que tange a importância da língua inglesa para suas dinâmicas de pesquisa. Ainda que todas as subáreas integrem o mesmo campo de saber, notou-se um alinhamento de práticas de publicação e impacto em Arqueologia, Ciência Política e Psicologia, voltadas à hegemonia da língua inglesa como língua franca. Na contramão desses resultados, as áreas de Letras e Educação se mostraram como as subáreas mais resistentes à hegemonia do inglês, o que parece estar vinculado aos seus focos de pesquisa mais locais. Além disso, grande parte dos participantes sinalizou dificuldades no que se refere às dinâmicas de publicação, tais como falta de financiamento para revisão e tradução. A Fase-II aprofundou o entendimento dessas práticas na subárea de Psicologia, a qual sinalizou maior necessidade de cursos voltados para escrita acadêmica, na Fase-I. Por meio de pesquisa documental de documentos disponibilizados pela Capes e de questionário conduzido com pesquisadores da subárea, os dados colhidos indicam a grande influência das linhas de pesquisa dentro das práticas de publicação, bem como o forte caráter interdisciplinar de Psicologia.

Palavras-chave: Práticas de publicação. Ciências Humanas, Linguística, Letras e Artes. Escrita Acadêmica. Artigo Científico.

ABSTRACT

This study aims to map the practices, strategies, motivations, difficulties and needs of Brazilian researchers of Human Sciences, Languages, Linguistics and Arts subjects considering the publication of research articles. Based on English for Academic Purposes (EAP) and English for Research Publication Purposes (ERPP) approaches, the project is divided into two phases: I and II. Phase-I applied an online questionnaire answered by five hundred and two professors and students, enrolled at 190 post-graduate programs, located in the five regions of the country. Even though all subareas are part of the same field of knowledge, on the one hand, Archeology, Political Science and Psychology reveal practices towards the hegemony of the English language as a lingua franca and focus on international publication. On the other hand, Letters and Education are the most resistant subareas to English imperialism, mainly due to their local research scopus. Additionally, most participants signaled difficulties with regard to publication dynamics, such as lack of funding for proofreading and translation. Phase-II deepened the understanding of these practices in the Psychology subarea. Through documentary research of Capes documents and a questionnaire conducted with researchers, data indicated that there are strong interdisciplinary features within Psychology research, as well as the great influence of the research lines within the publishing practices.

Keywords: Publishing Practices. Human Sciences. Academic Writing. Research Article.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Inglês como Língua Franca (ILF), Inglês como Língua Internacional (ILI), Inglês como Língua Adicional (ILA), Inglês como Língua Estrangeira (ILE), de acordo com Jenkins, Cogo & Dewey (2011).	35
Figura 2 – Disciplinas do WoS por área.....	55
Figura 3 – Cálculo Fator de Impacto	57
Figura 4 – Exemplo de comparação entre 3 investigadores através do Índice H.....	59
Figura 5 – Cálculo CiteScore	59
Figura 6 – Cálculo Snip.....	59
Figura 7 – Cálculo JIF	60
Figura 8 – Cálculo SJR.....	60
Figura 9 – Cálculo Índice h5 e Mediana h5.....	61
Figura 10 – Organização retórica do artigo de pesquisa	66
Figura 11 – Processo de revisão pelos pares	70
Figura 12 — Abordagem multi-método	76
Figura 13 — Questionário on-line: prós e contras	78
Figura 14 — Níveis de hierarquização do conhecimento.....	79
Figura 15 – Tipos de perguntas para análise	95
Figura 16 — Organização de dados quantitativos para análise.....	112
Figura 17 — Panorama das grandes áreas da Psicologia	187
Figura 18 — Especialidades da área de Psicologia	189
Figura 19 — Quantidade de PPGs de Psicologia	192
Figura 20 — Fronteiras disciplinares da subárea de Psicologia.....	204
Figura 21 — Vizinhança disciplinas de Psicologia Social	205
Figura 22 — Classificação Capes para a revista <i>Athenea</i> (quadriênio 2013-2016).....	210
Figura 23 — Classificação Capes para a revista <i>Psicologia e Sociedade</i> (quadriênio 2013-2016).....	212
Figura 24 — Classificação Capes para a revista <i>INTERthesis</i> (quadriênio 2013-2016)	213
Figura 25 — Classificação Capes para a revista <i>Paidéia</i> (quadriênio 2013-2016)	215
Figura 26 — Classificação Capes para a revista <i>Frontiers</i> (quadriênio 2013-2016).....	216
Figura 27 - Classificação Capes para a revista <i>Journal of Neuroscience</i> (quadriênio 2013-2016).....	218
Figura 28 — Classificação Capes para a revista <i>Hippocampus</i> (quadriênio 2013-2016).....	220

Figura 29 - Classificação Capes para a revista <i>Journal of Creative Behavior</i> (quadriênio 2013-2016)	222
---	-----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Programas conceito 5, por subáreas	47
Gráfico 2 – Programas conceito 7, por subáreas	48
Gráfico 3 – Documentos X Índice H	49
Gráfico 4 — PPGs convidados - Conceito 5	97
Gráfico 5 — PPGs convidados - Conceito 6	98
Gráfico 6 — PPGs convidados - Conceito 7	98
Gráfico 7 — PPGs docentes em relação ao universo	99
Gráfico 8 — PPGs docentes - Conceito 5	102
Gráfico 9 — PPGs docentes - Conceito 6	102
Gráfico 10 — PPGs docentes - Conceito 7	103
Gráfico 11 — Quantidade de docentes por subáreas.....	104
Gráfico 12 — PPGs discentes em relação ao universo	105
Gráfico 13 — PPGs discentes - Conceito 5.....	106
Gráfico 14 — PPGs discentes - Conceito 6.....	107
Gráfico 15 — PPGs discentes - Conceito 7.....	109
Gráfico 16 — Quantidade de discentes por subáreas.....	110
Gráfico 17 — Subárea de pesquisa (S2Q6).....	114
Gráfico 18 — Gênero dos participantes por área (S2Q1)	115
Gráfico 19 — Liderança dos grupos de pesquisa por sexo e subáreas.....	116
Gráfico 20 — Língua Materna (S2Q2).....	117
Gráfico 21 — Instituições por subáreas e estados	118
Gráfico 22 — S2Q4 - Nível de escolaridade.....	119
Gráfico 23 — Tempo de obtenção do título de doutorado (S2Q5)	120
Gráfico 24 — Idiomas já publicou (S3Q1)	121
Gráfico 25 — Idiomas de publicação X Grau de experiência	122
Gráfico 26 — Nível de escolaridade X subárea	124
Gráfico 27 — Qual idioma deseja publicar (S3Q2)	124
Gráfico 28 — Principal gênero escrito (S3Q3)	126
Gráfico 29 — Língua Franca pelas subáreas.....	128
Gráfico 30 — Língua Franca por subárea (S4Q1)	129
Gráfico 31 — Percepção sobre a influência da nacionalidade nas avaliações (S4Q8)	130

Gráfico 32 — Motivos para desfavorecimento nas avaliações (S4Q9).....	132
Gráfico 33 — Quantidade de artigos publicados em ambas as línguas (S4Q4 - S6Q1)	135
Gráfico 34 — S4Q12.....	144
Gráfico 35 — Avaliações negativas S4Q12	145
Gráfico 36 — S6Q7.....	149
Gráfico 37 — S6Q7 Avaliações negativas: subcategorias	149
Gráfico 38 — Publicação em inglês em periódicos nacionais (S5Q1).....	153
Gráfico 39 — Motivos para publicar internacionalmente em inglês (S4Q3).....	155
Gráfico 40 — Motivos para publicar nacionalmente em português (S6Q3).....	156
Gráfico 41 — Motivos para publicar nacionalmente em inglês (S5Q2)	160
Gráfico 42 — Estratégias (S4Q6).....	164
Gráfico 43 — Estratégias (S6Q4).....	165
Gráfico 44 — Estratégias (S7Q1).....	166
Gráfico 45 — Nível de dificuldade em língua inglesa (S4Q13)	171
Gráfico 46 — Nível de dificuldade em língua portuguesa (S6Q8)	174
Gráfico 47 — Necessidade de estudos (S7Q2)	177
Gráfico 48 — Necessidade de estudos por nível de escolaridade (Inglês).....	177
Gráfico 49 — Necessidade de estudos por nível de escolaridade (Português)	178
Gráfico 50 — Aceite em participar da Fase-II (S7Q5)	181
Gráfico 51 — Aceite em participar da Fase-II por expertise (S7Q5).....	181
Gráfico 52 — Aceite em compartilhar pareceres (S7Q6)	182
Gráfico 53 — Aceite em compartilhar pareceres por expertise (S7Q6).....	183
Gráfico 54 — Linhas de pesquisa de Psicologia, quadriênio 2017	190
Gráfico 55 — Idade dos discentes PPGs por nível.....	194
Gráfico 56 — Porcentagem periódicos por Qualis.....	197

LISTA DE MAPAS

Mapa 1– Concentração de programas 4-5-6-7 por estados	50
Mapa 2 – Programas conceito 6, por estados	51
Mapa 3 – Programas conceito 7, por estados	51
Mapa 4 — Distribuição das Instituições de Ensino Superior (IES) convidadas	96
Mapa 5 — Distribuição dos Programas de Pós-Graduação (PPGs) convidados.....	96
Mapa 6 — Distribuição dos docentes convidados.....	101
Mapa 7 — Distribuição dos discentes	109
Mapa 8 — Taxa de resposta por subárea X taxa de resposta pelo número de convidados	118
Mapa 9 — Distribuição geográfica dos PPGs de Psicologia, quadriênio 2017	191

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Níveis de colaboração.....	73
Quadro 2 — Divisão das grandes áreas de Ciências Humanas e Letras, Linguística e Artes..	79
Quadro 3 — Quadro comparativo ENEIDA e BRAPuH	82
Quadro 4 — Perfil	84
Quadro 5 — Práticas	86
Quadro 6 — Práticas em Língua Inglesa em Periódicos Internacionais	87
Quadro 7 — Práticas em Língua Inglesa em Periódicos Nacionais	89
Quadro 8 — Práticas em Língua Portuguesa em Periódicos Nacionais.....	89
Quadro 9 — Motivos.....	91
Quadro 10 — Estratégias.....	92
Quadro 11 — Necessidades.....	92
Quadro 12 — Perguntas relacionadas à aplicação da pesquisa	94
Quadro 13 — Codificação das respostas abertas.....	113
Quadro 14 —Taxa de respostas por subárea (S4Q4 e S6Q1)	135
Quadro 15 — Escrita de artigos em relação à autoria (S4Q5)	137
Quadro 16 — Escrita de artigos em relação à autoria (S6Q3)	138
Quadro 17 — Comentários de pareceristas (S4Q11-S6Q6).....	141
Quadro 18 — Comentários de pareceristas por subáreas (S4Q11)	141
Quadro 19 — Comentários de pareceristas por subáreas (S6Q6)	142
Quadro 20 – Respostas dos participantes Avaliações Negativas	146
Quadro 21 — Relação alternativas e capitais de Bourdieu (S4Q3 – S6Q2)	155
Quadro 22 — Resumo maiores e menores dificuldades por subárea	173
Quadro 23 — Nível de dificuldade em língua inglesa por nível de escolaridade (S4Q13) ...	174
Quadro 24 — Resumo maiores e menores dificuldades por subárea (S6Q8)	175
Quadro 25 — Nível de dificuldade em língua portuguesa por nível de escolaridade (S6Q8)	176
Quadro 26 — Cursos devem contemplar em língua portuguesa e língua inglesa(S7Q3)	179
Quadro 27 — Necessidades de aprendizagem por subárea (S7Q4)	180
Quadro 28 — Participantes da Fase-II	198
Quadro 29 — Questões questionário da Fase-II.....	199
Quadro 30 — Participantes por especialidade.....	202

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 — Quantidade de PPGs por subárea - Docentes	100
Tabela 2 — Taxa de respostas em S4Q9	132
Tabela 3 — Quantitativo de artigos já publicados (S4Q4 e S6Q1).....	134
Tabela 4 — Escrita de artigos em relação à autoria (S4Q5 e S6Q3).....	137
Tabela 5 — Aceite e recusas de artigos (S4Q10-S6Q5)	139
Tabela 6 — Ordem decrescente de fatores motivadores para publicação, em ambas as línguas	157
Tabela 7 — Ordem decrescente de capitais motivadores para publicação, em ambas as línguas	157
Tabela 8 — Ordem decrescente de capitais motivadores para publicação, em inglês, por disciplina.....	159
Tabela 9 — Ordem decrescente de capitais motivadores para publicação, em português, por disciplina.....	160
Tabela 10 — Estratégias de escrita em língua inglesa (S4Q6).....	164
Tabela 11 — Estratégias de escrita em língua portuguesa (S6Q4)	165
Tabela 12 — Nível de dificuldade (S4Q13 - S6Q8)	171
Tabela 13 — Crescimento dos PPGs de Psicologia entre os anos 2016 e 2019	192
Tabela 14 — Notas PPGs, quadriênio 2017	193
Tabela 15 — Conceitos PPGs por região geográfica	193
Tabela 16 — Proporção de publicações artigos e livros	195
Tabela 17 — Resultados de S4Q13, de Psicologia	225
Tabela 18 — Dados S7Q4, de Psicologia.....	227

LISTA DE ORGANOGRAMAS

Organograma 1 — Periódicos de Psicologia Social.....	209
Organograma 2 — Periódicos de Psicologia Fisiológica	216
Organograma 3 — Periódicos de Psicologia do Desenvolvimento.....	220

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

A	Artes
AN	Antropologia
AP	Artigo de Pesquisa
AR	Arqueologia
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CP	Ciência Política
E	Educação
EAL	English as Additional Language (Inglês como língua adicional)
EAP	English for Academic Purposes (Inglês para fins acadêmicos)
ELF	English as Lingua Franca (Inglês como língua franca)
EMI	English as a Medium of Instruction (Inglês como meio de instrução)
ENEIDA	Time espanhol de estudos interculturais em discurso acadêmico
ERPP	English for Research Publication Purposes (Inglês para fins de publicação de pesquisa)
ESP	English for Specific Purposes (Inglês para fins específicos)
F	Filosofia
FI	Fator de impacto
FN	Falante nativo (de língua inglesa)
FNN	Falante não-nativo (de língua inglesa)
G	Geografia
GEOCAPES	Sistema de Informações Georreferenciadas da Capes
H	História
IES	Instituição de Ensino Superior
L	Letras
LG	Linguística
LSP	Language for Specific Purposes (Língua para Fins Específicos)
P	Psicologia
PPG	Programa de Pós-Graduação
S	Sociologia
T	Teologia
WoS	Web of Science

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	22
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	30
3 FASE-I: ANÁLISE CONTEXTUAL	75
3.1 A Metodologia da Fase-I	76
3.1.1 A estratificação do conhecimento pela Capes	78
3.1.2 O instrumento	80
3.1.3 O modelo: o questionário ENEIDA	81
3.1.4 O questionário BRAPuH	82
3.1.5 Os participantes	95
3.1.6 A aplicação do questionário	110
3.1.7 Análise da Fase-I	112
3.2 Os resultados	113
3.2.1 Perfil	114
3.2.2 Práticas	121
3.3 Motivos	154
3.4 Estratégias	163
3.5 Necessidades	170
3.6 Perguntas extras	180
4 FASE-II: ANÁLISE CONTEXTUAL DA SUBÁREA DE PSICOLOGIA	185
4.1 A subárea de Psicologia no Brasil	185
4.1.1 A interdisciplinaridade de Psicologia	186
4.1.2 A expansão da pós-graduação	191
4.1.3 A produção científica e a internacionalização	194
4.2 Metodologia	197
4.2.1 Os participantes da Fase-II	198
4.2.2 O questionário da Fase-II	199
4.2.3 Análise da respostas	201
4.3 Análise e discussão de dados	201
4.3.1 Questão 1	201
4.3.2 Questão 2	203
4.3.3 Questão 3	206
4.3.4 Questão 4	208
4.3.4.1 Psicologia Social	209

4.3.4.2 Psicologia Fisiológica	215
4.3.4.3 Psicologia do Desenvolvimento Humano	220
4.3.5 Questão 5	223
4.3.6 Questão 6	224
4.3.7 Questão 7	227
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	229
REFERÊNCIAS	236
APÊNDICE A — UNIVERSO DE PESQUISA	250
APÊNDICE B — QUESTIONÁRIO INICIAL	257
APÊNDICE C — E-MAILS DE CONTATO	282
APÊNDICE D — GRÁFICOS "MOTIVOS PARA PUBLICAR EM LÍNGUA INGLESA"	284
APÊNDICE E — GRÁFICOS "NÍVEL DE DIFICULDADE"	291
APÊNDICE F — GRÁFICOS "CURSOS DEVEM CONTEMPLAR" - S7Q3 - POR SUBÁREA	305
APÊNDICE G — GRÁFICOS "NECESSIDADES DE APRENDIZAGEM COM RELAÇÃO ÀS ETAPAS DE ESCRITA DE UM ARTIGO" - S7Q4 - POR SUBÁREA	310
ANEXO A — ANÁLISE DE CONTEÚDO (BARDIN, 1977, P.102)	316
ANEXO B — CHARGE "CORRIDA DE ANIMAIS"	317

1 INTRODUÇÃO

A internacionalização do ensino superior –“processo amplo e dinâmico envolvendo ensino, pesquisa e prestação de serviços para a sociedade, [...] um recurso para tornar a educação superior responsiva aos requisitos e desafios de uma sociedade globalizada” (CAPES, 2017) – vem ganhando cada vez mais espaço no Brasil, seja ela nas atividades internacionais ou "em casa" (KNIGHT, 2018).

A mobilidade acadêmica internacional, na qual alunos, professores e outros membros da universidade têm a oportunidade de vivenciar o mundo acadêmico em universidades estrangeiras, é a atividade mais conhecida de internacionalização (RAMOS, 2018), mas não é a única, como comumente se acredita (KNIGHT, 2012; DE WIT, 2011). Nesse quesito, podem-se citar programas governamentais, como o antigo *Ciências sem Fronteiras* e o vigente *Capes-PRINT*, responsáveis por financiar tanto a ida de pesquisadores brasileiros para instituições estrangeiras quanto a vinda de pesquisadores de outros países para o Brasil.

Entretanto, além de ser apenas uma das possibilidades constituintes do processo de internacionalização, essa modalidade atinge uma parcela muito pequena da comunidade acadêmica, ao mesmo tempo em que requer grande investimento de recursos financeiros, motivo pelo qual a internacionalização em casa vem ganhando impulso (BAUMVOL E SARMENTO, 2016; KNIGHT, 2018; RAMOS, 2018; FINARDI; GUIMARÃES, 2019; 2020). Dentro da internacionalização em casa, podem-se enquadrar diversas práticas, como, por exemplo, o incentivo à Educação Transnacional, as políticas linguísticas e as publicações e parcerias em pesquisa.

A Educação Transnacional é um conjunto de iniciativas que compreendem o acesso a cursos on-line, de graduação, pós-graduação e especialização, ministrados por instituições fora do país, obtenção de diploma duplo ou até mesmo a instalação de filiais de universidades em outros países (BELLANI, 2017; BRITISH COUNCIL, 2019). Bernheim (2018) chama a atenção para que não haja uma confusão entre os termos internacionalização e transnacionalização. Ele advoga a favor da internacionalização, por ser baseada em um diálogo com respeito à identidade de todos os países participantes, promovendo uma interação horizontal enquanto que a transnacionalização se aproxima ao conceito de comodificação da educação já que facilita o estabelecimento de universidades de países mais desenvolvidos em outros menos, seguindo um paradigma mais de dominação do que de cooperação, que segue os princípios do mercado.

As políticas linguísticas também integram o rol de incentivos voltados à internacionalização em casa, já que para que esta seja possível, são necessários idiomas

comuns que permitam a troca de informações, em especial, a língua inglesa, considerada língua franca e acadêmica (JENKINS, 2013). Talvez, a política mais popular seja o ensino de línguas estrangeiras, no ambiente universitário, como no projeto *Idiomas sem Fronteiras*, antes vinculado à agência governamental Capes e, agora, à Andifes (Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior) voltado a oferecer cursos de idiomas gratuitos.

Outras políticas fomentadas são o uso do Inglês como Meio de Instrução (*English as a medium of instruction/EMI*) em aulas e cursos de conteúdos diversos, permitindo que pesquisadores estrangeiros acompanhem aulas em outros países (BAUMVOL; SARMENTO, 2016; BRITISH COUNCIL, 2018, 2019). Podem-se citar também as ofertas de cursos de escrita acadêmica, presenciais e on-line, fornecidos por universidades como a USP, UNICAMP e a Universidade de Santa Maria, ou ainda como a recente parceria entre as universidades brasileiras - UNESP SJRP e UFRGS - com a instituição britânica - Universidade de Surrey - em workshop sobre escrita de artigos¹.

Taquini e Finardi (2021) demonstram que a oferta de EMI está se expandindo no país, mas ainda é mais estimulada na pós-graduação do que na graduação. Além disso, a prática ainda não está normalizada nem é igualitária entre as universidades. Para exemplificar, as autoras demonstram que, no ano de 2018, a UERG ofereceu 58 cursos de EMI, enquanto a UFES ofereceu somente cinco. Parece-nos evidente que a iniciativa dos cursos de EMI ainda é um terreno fértil para ser expandido no país.

Por fim, mas não menos importante, integram esses esforços o maior incentivo a publicações, notadamente em língua inglesa, o que para Parker (2014) evidencia o caráter mais aparente da internacionalização, uma vez que, por meio dela, existe a possibilidade de comunicação e colaboração entre pesquisadores, inclusive permitindo parcerias e coautorias de pesquisa internacionais. De fato, a prática de publicação em língua inglesa vem se tornando cada vez mais sólida no país, considerando dados apresentados pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), os quais trazem que, no período de 2008 a 2018, os índices de colaboração internacional passaram de 25% para 38%.²

Apesar da preocupação em internacionalizar o ensino superior, principalmente, a pós-graduação e a pesquisa brasileira, evidenciada na curva crescente da participação do Brasil na

¹Informações sobre a parceira acesse: Disponível em <<https://www2.unesp.br/portal#!/noticia/34412/unesp-oferece-oficina-gratuita-de-escrita-academica-em-ingles/>>. Acesso em: 04 ago. 2020

²Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2020-01/capes-busca-maior-qualidade-em-programas-de-intercambio>>. Acesso em: 04 ago. 2020

produção científica mundial (BRITISH COUNCIL, 2018, 2019; CLARIVATE ANALYTICS, 2018), a produção nacional apresenta 24% menos impacto, considerando-se a média global, além de 40% menos citações (BRITISH COUNCIL, 2018).

Dados provenientes de outras fontes corroboram essa leitura. Em levantamento feito entre 1996-2019³, pela plataforma Scimago Journal & Country Rank, cujo objetivo é metrificar a produção científica ao redor do mundo, apesar de o Brasil ocupar a expressiva 15^a posição no ranking – considerando o total de 239 países - o impacto das pesquisas brasileiras está aquém do esperado. Finardi e França (2016) chegam à mesma conclusão ao analisar artigos brasileiros indexados na base Scopus, das subáreas de Linguagem e Linguística. Os autores argumentam que a produção brasileira ainda é baixa e que estratégias devem ser pensadas para que a internacionalização e o diálogo científico avancem.

O índice H, que avalia a produtividade e o impacto dos cientistas por meio de citações a seus artigos, também mostra que a relevância da pesquisa brasileira se encontra bem abaixo dos países que ocupam posição superior à sua, e, inclusive, abaixo também de alguns países que ocupam posição inferior, como, por exemplo, Suíça e Suécia, os quais ocupam a posição 16 e 18, no ranking do ano de 2020, respectivamente, com índice H de 993 e 896, contra 578 do Brasil.

Para Meneghini, em entrevista concedida à Folha de São Paulo (2017), uma das possíveis explicações para um impacto de pesquisa menor do que a quantidade de artigos publicados é a baixa indexação de periódicos⁴ brasileiros em bases internacionais que aumentam as chances de citação. Nesse mesmo sentido, Buquet (2013), em uma pesquisa feita com pesquisadores latinoamericanos de Ciências Sociais, evidencia que os idiomas prioritários utilizados nos trabalhos da América Latina são em espanhol e em português, ou seja, pode haver uma dificuldade no acesso de pesquisadores internacionais a seu conteúdo devido à barreira linguística.

Outros dados que chamam a atenção em relação à publicação acadêmica brasileira no cenário internacional é a discrepância entre a quantidade e a qualidade dessa publicação pelas áreas do conhecimento. Relatório feito pela Clarivate Analytics, empresa responsável pela plataforma *Web of Science* (WoS, doravante), aponta Medicina Clínica, Agricultura, Física, Meio Ambiente/ Ecologia, Matemática e Psiquiatria/Psicologia como áreas de destaque, em cenário internacional. Já as Ciências Humanas e Sociais não são mencionadas pelo relatório.

³Disponível em: <https://www.scimagojr.com/countryrank.php?min=0&min_type=it>. Acesso em: 10 set. 2020

⁴ Os termos periódico, revista e *jornal* serão utilizados como sinônimo neste trabalho.

Levantamento disponibilizado pelo Scimago Journal & Country Rank, no período de 2019-2020, também ilustra que a produção brasileira, tanto em quantidade de artigos, citação e índice-H, em Artes e Humanidade é irrisória quando comparada com as Ciências Exatas e Biológicas, notadamente das áreas de Medicina, Agricultura e Ciências Biológicas e Engenharia.

O desequilíbrio entre o volume e o impacto das publicações das áreas de Ciências Humanas e Sociais em comparação com Ciências Exatas e Biológicas não é algo exclusivamente brasileiro. Gómez et al. (2006) mostram resultados parecidos no contexto espanhol de publicações. Em levantamento das métricas de produção internacional dos pesquisadores espanhóis no WoS, eles perceberam que nas áreas de Ciências e Tecnologia 79% dos artigos eram publicados em bases internacionais, já nas áreas de Ciências Sociais e Humanidades, no mesmo período, apenas 20%.

Os autores justificam essas métricas considerando o fato de que há uma abertura mais lenta nas Ciências Sociais e Humanidades às práticas internacionais de pesquisa, como, por exemplo, a cooperação entre centros e pesquisadores estrangeiros. Adicionalmente, mesmo que estejam mudando gradativamente, essas áreas conduzem pesquisas mais locais, os autores trabalham de maneira individual, e não em grupos, e os livros e monografias ainda são vias importantíssimas de difusão do conhecimento nessas áreas bem como o que se denominada de literatura cinzenta, com a finalizada de divulgação, incluem relatórios, avaliações, documentos governamentais. (FIORIN, 2007; BRUNNER; SALAZAR, 2009).

Outro agravante do contexto brasileiro é o pouco investimento, além de os cortes de verbas cada vez mais recorrentes nas Ciências Humanas, baseados em justificativas governamentais que não consideram as especificidades das práticas de fazer pesquisa de cada campo. Como ilustração, é possível citar o antigo Programa Ciências sem Fronteiras, o qual não incluía intercâmbios para as áreas e subáreas de Humanidades (FINARDI; FRANÇA, 2016) ou, mais recentemente, o edital de oferta de bolsas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), ofertado pelo Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações, executado pelo CNPq, o qual excluiu totalmente bolsas para as áreas de Humanas, a menos que a pesquisa esteja relacionada com alguma "tecnologia prioritária".

Hyland (2015), em pesquisa multidisciplinar conduzida para investigar os aspectos dos gêneros textuais, identidade e disciplinas, também observa esse padrão de discrepância nas publicações. Para ele, um fator de influência é o fato de os cursos de inglês acadêmico, de forma não prevista, privilegiarem uma expressão linguística apropriada para as áreas exatas e biológicas, excluindo a linguagem esperada das áreas de Humanas.

Apesar de partirem de enfoques diferentes e em áreas distintas, o que as pesquisas de Gómez et al. (2006) e Hyland (2015) têm em comum é a preocupação em entender o cenário e as motivações da publicação científica internacional, em seus respectivos contextos. A abordagem de ESP (*English for Specific Purposes*), especificamente no ramo de EAP (*English for Academic Purposes*), se volta para o ensino de inglês em ambiente acadêmico (CHARLES, 2013), seja para entender palestras, ler textos, escrever ensaios, entre outros. Já o ERPP (*English for Research Publication Purposes*), de maneira mais específica, é balizador na investigação dos quadros de pesquisa e publicação em língua inglesa e, conseqüentemente, formas de suprir brechas de formação do pesquisador no que concerne à comunicação acadêmica para publicação, notadamente o gênero artigo de pesquisa, oferecendo novas perspectivas para que pesquisadores consigam se posicionar de forma mais efetiva dentro dessa comunidade internacional organizada em torno da língua inglesa (FLOWERDEW, 2013).

Flowerdew (2012), em consonância com a importância e a centralidade do artigo de pesquisa dentro da academia, afirma que são abundantes as pesquisas que enfocam esse gênero, em diferentes contextos, principalmente nos quais os pesquisadores não são falantes nativos de inglês, isto é, pesquisadores que tem o inglês como língua adicional (*English as Additional Language*, EAL). Ele ainda afirma que, mesmo que esses pesquisadores tenham uma desvantagem em relação à língua, a questão do grau de experiência dentro da comunidade - novato ou experiente (SWALES, 2004) - e o conhecimento das práticas da área de sua pesquisa parecem ser mais determinantes do que a língua materna.

Um dos exemplos de pesquisa voltada ao mapeamento e à melhoria da produção acadêmica em língua inglesa para falantes não-nativos, em diferentes áreas, é o Projeto ENEIDA, acrônimo para *Spanish National Team for Intercultural Studies of Academic Discourse*,⁵ dirigido pela pesquisadora Ana I. Moreno e conduzido na Universidade de Leon, Espanha

Esse projeto reúne um grupo de pesquisadores espanhóis, dos quais pode-se citar Sally Burgess e Pedro Martín, da Universidade de La Laguna, e consultores de três instituições estrangeiras, John Swales, da Universidade de Michigan, Itesh Sachdev, da Universidade de Londres e Theresa Lillis, da Open University, no Reino Unido. Em andamento desde 2010, Moreno et al. (2011, 2013) pontuam que o ENEIDA tem como objetivo a análise das

⁵ Disponível em: <<https://blogs.unileon.es/amoreno/?p=195>>. Acesso em: 12 jul. 2019.

necessidades dos pesquisadores espanhóis frente a "treinamentos"⁶, cursos e workshops em escrita acadêmica para fins de publicação de pesquisa em inglês.

Iniciativas como esse projeto mostram a franca expansão de pesquisas sobre EAP e ERPP ao redor do mundo. Entretanto, ainda há áreas de estudo negligenciadas pela literatura existente no que se refere ao treinamento de ERPP para pesquisadores cujo inglês é língua adicional (MORENO et al., 2011, 2013), o que parece ser o caso do Brasil, na área de Humanidades, conforme apontado pelas métricas apresentadas.

Baseados no contexto apresentado, da pressão constante para diálogo acadêmico internacional, notadamente em língua inglesa, e da produtividade da área de Ciência Humanas, Letras, Linguística e Artes inferior às outras áreas, nomeamos esta pesquisa de doutorado, que se desenvolve dentro das abordagens específicas de EAP e ERPP, com o acrônimo Projeto BRAPuH (*Brazilian Publication in Humanities/ Publicações Brasileiras em Humanidades*) a fim de mapear as práticas, estratégias, motivações, dificuldades e necessidades dos pesquisadores brasileiros da Grande Área de Ciências Humanas, Linguística, Letras e Artes frente à publicação de artigos em periódicos nacionais e internacionais.

A pesquisa foi dividida em duas fases, uma vez que as escolhas teórico-metodológicas da segunda fase derivam dos achados da Fase-I, logo não seria possível desenvolvê-las concomitantemente. As fases são:

Fase-I: visa a conduzir, por meio de questionário online em larga escala, pesquisa com a comunidade acadêmica brasileira, das áreas de Ciências Humanas, Letras, Linguística e Artes a fim de traçar as práticas, estratégias, motivações e dificuldades em escrita acadêmica de artigos, em língua inglesa e portuguesa, além de necessidades de cursos específicos de escrita acadêmica.

Fase-II: aprofunda a pesquisa na subárea de Psicologia, a qual mais se destacou na Fase-I em relação à centralidade do inglês nas dinâmicas acadêmicas e necessidade de mais cursos e aulas de escrita acadêmica.

Os objetivos e perguntas de pesquisa que norteiam esta investigação são:

Fase I

OBJETIVO GERAL

⁶Os autores utilizam a terminologia "training" para descrever seus objetivos de pesquisa, de forma que o uso da palavra "treinamento" reflete a visão desses autores, não a nossa. O conceito de gênero será desenvolvido no tópico 2.3, encaminhamentos futuros deste trabalho.

- Mapear as práticas, estratégias, motivações, dificuldades e necessidades dos pesquisadores brasileiros da Grande Área de Ciências Humanas, Linguística, Letras e Artes frente à publicação de artigos em periódicos nacionais e internacionais.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Coletar dados referentes às práticas, estratégias, motivações, dificuldades e necessidades dos pesquisadores brasileiros dessas áreas e possíveis dificuldades em publicar em língua inglesa.
- Identificar quais as necessidades de cursos em Inglês para Fins de Publicação de Pesquisa.

PERGUNTAS DE PESQUISA

1. Quais as práticas, estratégias, motivações, dificuldades e necessidades de publicação de pesquisa brasileira em Ciências Humanas, Letras, Linguística e Artes, no cenário nacional e internacional?
2. Quais as dificuldades dos pesquisadores brasileiros referentes à escrita acadêmica, em língua inglesa, sinalizadas pelos participantes da Fase-I?

Fase 2

OBJETIVO GERAL

- Aprofundar os conhecimentos a respeito das dinâmicas de pesquisadores da subárea de Psicologia.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar particularidades da subárea de Psicologia, no Brasil
- Identificar a(s) maior(es) dificuldade(s) apontada(s) pelos pesquisadores da subárea de Psicologia em relação às dimensões discursivas (BHATIA, 2015) do gênero artigo de pesquisa, em língua inglesa.

PERGUNTAS DE PESQUISA

3. Quais são as particularidades da subárea de Psicologia, no Brasil?
4. Quais as maiores dificuldades dos pesquisadores da subárea de Psicologia e que deveriam ser consideradas para a elaboração de cursos de escrita para fins de publicação?

A seguir, apresentamos o Capítulo 2 - Fundamentação Teórica, o qual traz e discute as principais abordagens e conceitos que nortearam a condução do Projeto BRAPuH. O Capítulo 3 traz os fundamentos metodológicos e os resultados obtidos com a aplicação da Fase-I, enquanto que o Capítulo 4 exerce a mesma função, só que para a Fase-II. Por fim, o Capítulo 5 responde às perguntas de pesquisa elencadas na pesquisa, seguidas de nossas conclusões sobre a pesquisa e, por fim, os apêndices e anexos com os dados sobre o universo da pesquisa, questionários e dados quantitativos.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O Inglês para Fins Específicos (*English for Specific Purposes/ESP*) faz parte de um movimento internacional conhecido como Língua para Fins Específicos (*Language for Specific Purposes/LSP*) (DUDLEY-EVANS; ST. JOHN, 1998), sendo o mais conhecido devido ao status da língua inglesa como língua franca acadêmica.

Belcher (2009) define ESP como ensino de linguagem específica centrada nas necessidades do aluno para aprendizagem de língua inglesa. A história das pesquisas nesta abordagem data da década de 1960, no pós Segunda Guerra Mundial (JOHNS, 2013). Suas primeiras manifestações foram nos estudos do Inglês para Ciência e Tecnologia, em contextos acadêmicos. As pesquisas eram de cunho descritivo e calcavam-se em estatísticas gramaticais, no nível da sentença. A partir de 1990, com o lançamento do livro *Genre Analysis*, de John Swales, ocorre o que Johns (2002) define como uma mudança de paradigma na abordagem de ESP, devido à adoção do conceito de *gênero* e ao fato de que praticamente todas as pesquisas passam a se fundamentar nele.⁷ Na mesma direção, Hyland (2015) afirma que o conceito de gênero é um dos poucos que mudaram de forma significativa e irreversível a forma pela qual se entende linguagem e ensino.

Até hoje, 30 anos após a formalização do primeiro conceito de gênero (SWALES, 1990), múltiplas pesquisas e abordagens o utilizam como cerne. Levantamento bibliográfico, realizado por Pradhan (2013), revela que as pesquisas de ESP nas revistas mais tradicionais da área conduzem análises textuais e discursivas, cada vez mais interessadas na exploração dos gêneros e influência dos contextos na materialização dos discursos, destacam-se também metodologias de cunho etnográfico e um crescente uso de tecnologia no auxílio de coleta de dados e análises.

Outro ponto a se destacar sobre ESP é que este se trata de um termo guarda-chuva que encobre uma variedade de contextos de ensino de língua inglesa (LESIAK-BIELAWASKA, 2015), ramificando-se em outras abordagens, de acordo com o escopo de interesse. O livro *The Handbook of English for Specific Purposes* (PALTRIDGE; STARFIELD, 2013), por exemplo, apresenta 10 áreas de pesquisa diferentes dentro de ESP. Dentre essas áreas, duas são centrais para esta pesquisa: a abordagem de EAP (*English for Academic Purposes*/Inglês para Fins Acadêmicos) e, mais notadamente, a de ERPP (*English for Research Publication Purposes*/ Inglês para Fins de Publicação de Pesquisa).

⁷Techniques for collecting and assessing information relevant to course design: it is the means of establishing the how and what of a course. (HYLAND, 2014, p.375)

A abordagem de EAP se volta para o ensino de pessoas que precisam usar o inglês em ambiente acadêmico (CHARLES, 2013), seja para entender palestras, ler textos, escrever ensaios, entre outros. Por esse motivo, seu enfoque se dá no contexto acadêmico de graduação e pós-graduação (BELCHER, 2009). Para Hyland (2014), EAP pode ser entendido como uma abordagem orientada ao texto que explora a constituição e estrutura dos discursos acadêmicos oral e escrito de forma a torná-los explícitos para os estudantes, dessa forma, o pesquisador enfatiza o propósito pedagógico da abordagem.

O pesquisador ainda complementa que EAP não entende as dificuldades dos estudantes apenas como deficiências linguísticas a serem supridas em algumas aulas, mas sim a busca em adquirir um novo letramento e, mais amplamente, novas práticas comunicativas. As ideias centrais dessa abordagem são Análise de Necessidades, Análise de Gênero, Análise Contextual e a especificidade das disciplinas, já que a materialização dos textos varia consideravelmente entre as áreas.⁸

Já em relação ao ERPP, Flowerdew e Habibbie (2021) relacionam seu desenvolvimento a partir do desapontamento do inglês como língua franca da pesquisa científica e do imperativo dos pesquisadores necessitarem publicar em inglês. Historicamente, o primeiro marco que reivindica ERPP como um ramo específico dentro dos estudos de ESP foi a criação do acrônimo, por Burgess e Cargill, em 2008, em uma edição especial do periódico *Journal of English for Academic Purpose*, organizada com trabalhos apresentados no congresso PRISEAL (*Publishing and Presenting Research Internationally: Issues for Speakers of English as an Additional Language*), ocorrida em Tenerife, Espanha, em 2007.

Nessa edição, Burgess e Cargill (2008, p.75) esclarecem que o ERPP “[...] pode ser pensado como um ramo de EAP (English for Academic Purposes) voltado para as necessidades de pesquisadores profissionais e estudantes de pós-graduação que necessitam publicar em periódicos indexados internacionalmente”⁹

Nota-se que a definição apresentada é breve. Flowerdew e Habibbie (2021, p.2) aprofundam:

ERPP é, então, uma abordagem especializada de letramento e língua inglesa focada em todos que escrevem para publicação de pesquisa, sejam eles pesquisadores que utilizam inglês como língua adicional (EAL) ou pesquisadores anglófonos. [...] ERPP constitui uma abordagem acadêmica preocupada com a investigação da natureza e do uso de inglês em contextos de publicação e pesquisa, ao mesmo tempo

⁸ Conceitos a serem desenvolvidos em 2.3, encaminhamentos futuros deste trabalho.

⁹ English for Research Publication Purposes (ERPP) can be thought of as a branch of EAP [English for Academic Purposes] addressing the concerns of professional researchers and post-graduate students who need to publish in peer-reviewed international journals. (BURGESS; CARGILL, 2008, P.75)

é também um campo de prática, focado nas necessidades daqueles que desejam publicar em revistas internacionais.¹⁰

A partir da definição acima, é imperativo destacar dois traços constitutivos da abordagem: (i) seu desenvolvimento tanto para falantes de inglês como língua adicional quanto para falantes de inglês como língua nativa; (ii) seu traço pedagógico, voltado para a prática.

ERPP, então, assume uma posição de balizador na investigação dos quadros de pesquisa e publicação em língua inglesa e, conseqüentemente, nas formas de suprir brechas de formação do pesquisador no que concerne à comunicação acadêmica para publicação, oferecendo novas perspectivas para que esses pesquisadores consigam se posicionar de forma mais efetiva dentro dessa comunidade internacional de pesquisa organizada em torno da língua inglesa (CARGILL; BURGUESS, 2008; FLOWERDEW, 2013; ENGLANDER; CORCORAN, 2019).

O segundo marco apresentado por Flowerdew e Habibie (2021) é a criação do periódico *Journal of Research Publication Purposes (JERPP)*, em 2020, publicado pela editora John Benjamins e organizado por Sue Starfield, Universidade de Sidney, e Pejman Habibie, Universidade de Ontário Universal. Atualmente, o periódico conta com quatro volumes publicados e encontra-se indexado apenas pela plataforma *Dimensions*.

Um dos cuidados que Flowerdew e Habibie (ibid) têm nesta edição introdutória a respeito dessa nova abordagem de ERPP é o de delimitar teorias e metodologias que embasam sua prática. Teoricamente, há duas abordagens recorrentes como embasadoras das pesquisas de ERPP: a análise de gênero e o construtivismo social.

A análise de gênero, em linhas gerais, é “uma abordagem que estuda eventos comunicativos que são associados com contextos específicos e que reconhece estruturas e funções comunicativas” (Flowerdew, 2002, p. 183). Já a abordagem do construtivismo social é “uma teoria que enxerga a aprendizagem como ocorrendo primeiramente em contextos sociais e culturais do que apenas dentro de esfera individual” (FLOWERDEW; HABIBBIE, p.3 *apud* FRY; KETTERING; MARSHALL, 2008).¹¹ A produção de textos é investigada como uma prática social, assim os escopos de pesquisa são as interações entre os

¹⁰ ERPP is thus a specialised approach to English language and literacy education focused on all those writing for research publication, whether they be scholars for whom English is an additional language or Anglophone scholars. [...]ERPP constitutes an academic field concerned with the investigation of the nature and use of English in research and publication contexts and at the same time a field of practice focused on the needs of those who wish to publish in international journals (FLOWERDEW E HABIBBIE, 2021, p.20).

¹¹ “a theory that views learning as primarily taking place in social and cultural settings rather than solely within the individual” (FLOWERDEW; HABIBBIE, p.3 *apud* FRY; KETTERING & MARSHALL, 2008).

pesquisadores, editores e pareceristas, as pressões enfrentadas pelos cientistas e que moldam as suas práticas de pesquisa, em outras palavras, o foco é “[...] desenvolver um entendimento acerca do *modus operandi* e experiências práticas sobre escrita para publicação de diferentes grupos de escritores e indivíduos” (FLOWERDEW; HABIBIE, 2021, p.3).¹²

Delimitado o aporte teórico que embasa esta pesquisa – ERPP, na abordagem de construtivismo social - a seguir serão desenvolvidos conceitos e noções centrais para as pesquisas dessa área. Em 1.1, apresentamos o inglês como língua franca e alguns de seus desdobramentos, tais como as dicotomias nativo e não-nativo de língua inglesa (ARANHA, 1996, 2004; SWALES, 1990, 2004; FINARDI, 2014; FLOWERDEW, 2019; HYLAND, 2016; FINARDI; FRANÇA, 2016; HIRANO; MONTEIRO, 2020; SIMONELI; FINARDI, 2020; entre outros); e noviço e perito (SWALES, 1990, 2004; BHATIA, 1993, 2004). A subseção 1.2 trabalha com as noções de centralidade e periferia (CANAGARAJAH, 2002; BENETT, 2014; ENGLANDER; CORCORAN, 2019), notadamente no contexto semiperiférico da pesquisa brasileira (CANAGARAJAH, 2002; BELCHER, 2007; CURRY; LILLIS, 2010; BENETT, 2014; MURESAN; PÉREZ-LLANTADA, 2014; PÉREZ-LLANTADA, 2015; CURRY; LILLIS, 2017; ENGLANDER; CORCORAN, 2019; HIRANO; MONTEIRO, 2020, entre muitos outros). 1.3 desenvolve discussão em torno do impacto, a partir dos capitais de Bourdieu (1987, 1991) e dos rankings de avaliação, como índices bibliométricos (índice-h, fator de impacto) e bancos de dados (WoS, Scopus). E, por fim, 1.4 considera o processo de revisão de artigos pelos pares e a função dos *brokers* e *gatekeepers*.

2.1 Inglês como Língua Franca: *Fait Accompli*

Mauranen (2003, p.1) define língua franca como "língua de contato falada por pessoas que não compartilham a mesma língua nativa".¹³ Tardy (2004) determina que seu papel é permitir a fácil e ampla comunicação, permitindo avanços científicos e sociais. A determinação de uma língua franca, em dado momento histórico, não é aleatória, e sim social, como advoga Crystal (2003)¹⁴: "uma língua se torna global devido ao poder das pessoas que a falam", revelando a relação indubitável entre língua e poder.¹⁵

¹² [...] to develop an understanding of the *modus operandi* and practical experiences in going about writing for publication of distinct groups of writers and individuals. (FLOWERDEW; HABIBIE, 2021, p.3).

¹³ No original: "language spoken by people who do not share a native language" (MAURANEN, 2012, p.1).

¹⁴ No original: "a language becomes a global language because of the power of the people who speak it." (CRYSTAL, 2003).

¹⁵ A seção a seguir desenvolve questões relacionadas à língua inglesa, vantagens e lucro.

Para Bourdieu (1991), a língua é fruto de um complexo processo histórico, não isento de conflitos. Ao contrário disso, o sobrepujamento de uma língua, que passa a ser vista como legítima e dominante em um campo, subordinando as outras tidas como periféricas, deriva de embates. A língua vencedora nesses embates sociohistóricos e econômicos alcança status de prestígio social, moldando as interações e tornando-se um bem de valor, o qual Bourdieu (ibid.) nomeia de capital linguístico¹⁶. Em linhas gerais, quanto mais capital linguístico um sujeito possui, maior é o valor agregado ao sujeito e mais ele consegue explorar o sistema a seu favor.

Atualmente, a língua que cumpre essa função de dominação é a língua inglesa, devido a fatores políticos e econômicos. Historicamente, de acordo com Mauranen (2015), a dominação do inglês começa no século XIV, com as empreitadas britânicas de colonizar outros territórios pelo globo. Posteriormente, o inglês passa a ser a língua relacionada com a maior parte das invenções do mundo moderno (CRYSTAL, 2003). Uma dessas invenções foi a internet, chave para a consolidação do inglês como língua franca ao conectar todos os pontos do mundo, por meio desse idioma, fomentando o fenômeno da globalização (MAURANEN, 2015).

Na esfera acadêmica, a hegemonia da língua inglesa é o que Gentil e Séror (2014) definem como *fait accompli*, isto é, um fenômeno que não deixa outra opção, além de aceitá-lo. Curry e Lillis (2017) informam que de 75% a 90% dos periódicos, a depender da disciplina, utilizam inglês. Mauranen (2015) afirma que o inglês ocupa papel de centralidade em todos os domínios internacionais de pesquisa (publicação, congressos, pesquisas, cursos de graduação e pós-graduação), e crescentemente, nos domínios nacionais. Lillis e Curry (2010) esclarecem que até mesmo dentro de alguns países não-anglófonos o inglês já desponta como a língua de publicação mais usada. Finardi (2016) relaciona esse contexto de pesquisas em língua inglesa com a visão bourdiesana, já que os falantes desse idioma acumulam mais capital linguístico que outros, conseguindo tirar vantagem e gerar lucro a partir disso.

Entretanto, o inglês como língua franca não é visto de forma neutra (SWALES, 1997; RAJAGOPALAN, 2000). Em 1997, Swales (1997, p. 374) usou a analogia entre o papel do idioma no mundo e o *Tyrannosaurus Rex* "carnívoro poderoso devorando todos os habitantes de outros territórios linguísticos". Citando Becher (1989), o pesquisador salienta estar havendo uma espécie de diáspora discursiva, uma vez que os pesquisadores, cada vez mais, migram para o inglês para se comunicarem com uma audiência maior.

¹⁶ As noções de capital serão desenvolvidas na seção 1.1.3.

Longe de promover um acesso igualitário por meio da língua, o inglês gera disparidades e assimetrias entre os pesquisadores, promovendo uma subdivisão do mundo de pesquisa em centro e periferia, detalhados no próximo tópico.

Atualmente, um a cada quatro falantes de inglês é nativo, ou seja, 75% são falantes não nativos do idioma (SEIDHOLFER, 2005). Segundo Crystal (2003)

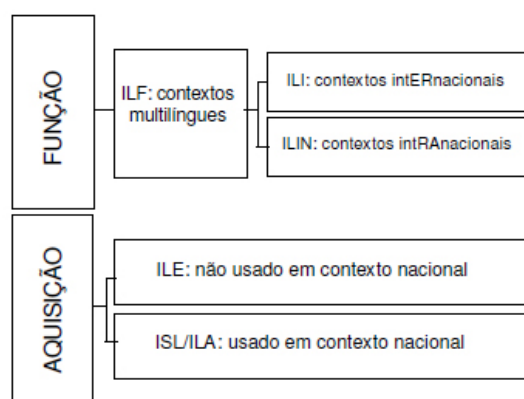
o fato de ter se tornado uma língua internacional faz com que nenhuma nação possa requerer a sua custódia, ou seja, ninguém mais a tem, aliás, todos aqueles que a aprenderam a possuem – e podem compartilhar dela, o que seria mais correto afirmar – e, além disso, possuem o direito de utilizá-la da maneira como quiserem (CRYSTAL, 2003, p. 3).

O que acontece, na realidade, é algo oposto. A concepção de que o falante nativo é a autoridade máxima em sua língua deu aos países centrais – EUA e Inglaterra – um poder considerável sobre o uso do idioma, levando à falácia de que a língua pertence a esses falantes e eles são os responsáveis em decidir o que é ou não aceitável (KRACHU, 1985; SEIDHOLFER, 2005).

Nesse contexto, são muitas as pesquisas sobre a língua inglesa, seu papel no mundo contemporâneo e o papel relegado aos falantes nativos (FNs) e falantes não-nativos (FNNs). É comum cruzarmos na literatura da área com termos como EIL (*English as International Language*/ Inglês como Língua Internacional), EFL (*English as Foreign Language*/ Inglês como língua estrangeira), EAL (*English as Additional Language*/ Inglês como língua adicional), ELF (*English as Lingua Franca*/ Inglês como língua franca), ESL (*English as Second Language*/ Inglês como segunda língua) para citar alguns.

Jordão (2014) e Simoneli e Finardi (2020) discutem que essas terminologias são empregadas por perspectivas de estudos diferentes e, conseqüentemente, partem de diferentes concepções acerca de língua e de seus falantes. Primeiramente, Jordão (2014) faz uma distinção primária entre as perspectivas: função e aquisição.

Figura 1 – Inglês como Língua Franca (ILF), Inglês como Língua Internacional (ILI), Inglês como Língua Adicional (ILA), Inglês como Língua Estrangeira (ILE), de acordo com Jenkins, Cogo & Dewey (2011).



Fonte: Jordão (2014, p. 17)

Na figura 1, Jordão (2014) apresenta que a perspectiva de ELF compreende a função da língua inglesa de permitir interação entre diferentes falantes do globo. Para ela, ELF é um termo mais abrangente e engloba o EIL, pois este se refere ao inglês utilizado em contexto internacional, excluindo o intranacional. De qualquer forma, então, EFL e EIL se preocupam com a função comunicativa do idioma.

Já o EFL, ESL e ELA estudam a aquisição da língua inglesa pelos sujeitos. Finardi (2014) problematiza os acrônimos EFL e ESL, pois se o inglês é identificado como a segunda língua e/ou língua estrangeira de uns, se parte da premissa de que ele é a primeira língua e/ou língua materna de outros, enfatizando a problemática dicotomia falantes nativos *versus* falantes não-nativos¹⁷ e hierarquizando o inglês ao colocá-lo como a segunda língua que alguém deve adquirir.

A partir dessa discussão, os termos ELF e EAL seriam mais adequados, já que o ELF “empodera os falantes não-nativos a se apropriarem ou reivindicarem a posse da língua”¹⁸ (SIMONELI; FINARDI, 2020, p.16); e o EAL não hierarquiza o inglês como uma língua superior a outras (FINARDI, 2014). Em concordância com as autoras, adotamos neste trabalho as terminologias ELF ou inglês como língua franca em relação à função comunicativa da língua inglesa, e EAL, ao refletirmos sobre os processos de ensino e aprendizagem da língua.

A clara assimetria entre FN e FNN e a vantagem do primeiro sobre o segundo não é unânime e gera bastante divergência entre os pesquisadores em EAP e ERPP. De um lado, há

¹⁷ Essa dicotomia será explorada ainda neste tópico.

¹⁸ “empowers non-native speakers the language to appropriate or “take ownership” of the language” (SIMONELI; FINARDI, 2020, p.16).

autores que afirmam que os elementos não linguísticos são mais determinantes nas práticas de publicação. De outro, pesquisadores defendem também a grande influência da língua.

Canagarajah (2002), por exemplo, afirma que "ser publicado depende de ter os recursos econômicos e tecnológicos para suprir as convenções e práticas da indústria de publicação" (p. 22)¹⁹. De fato, os recursos econômicos são relevantes quando pensamos nas práticas de acesso restrito à pesquisa, seja como leitor ou como autor. Até 2013, 70% da produção dos periódicos indexados na plataforma *Web of Science* provinham de seis grandes editoras - Elsevier, Blackwell, Springer, Taylor & Francis, American Chemical Society e Sage, compondo um oligopólio na publicação acadêmica (LARIVIÈRE et al., 2015). Todas essas editoras funcionam com a política de acesso restrito a seu conteúdo, sendo necessário pagar para publicar e para ter acesso aos artigos publicados por elas.

A título de ilustração, em agosto de 2020, para se publicar em uma das revistas mais bem conceituadas nas abordagens de ESP - *Journal of English for Specific Purposes*- o autor precisaria desembolsar U\$ 2.700, algo em torno de R\$ 15.000.²⁰ Uma publicação no periódico *The Lancet*, de alto prestígio na área de medicina, custa ao pesquisador U\$ 5.000 (R\$ 28.000,00). Esse valor ainda não contempla acesso aberto, ou seja, além de o autor pagar essa quantia para a editora, o leitor precisa pagar outro tanto para conseguir ler o artigo. Em 2018, a Capes pagou R\$ 402 milhões com assinaturas de periódicos para permitir o acesso de universidades estaduais e federais a leitura do material produzido por essas editoras²¹.

Nesses termos, publicar ou não em uma revista indexada de alto impacto e ter acesso ao que se publica em suas páginas, primeiramente, tem a ver com a disponibilidade de recursos financeiros – condição de pagar por essa publicação – e de recursos linguísticos – ser capaz ou não de escrever em inglês ou, novamente, ter recursos para pagar por uma tradução.

Outro elemento de influência nas práticas de publicação, que comporia o rol de elementos não linguísticos é o grau de senioridade, ou expertise. São inúmeros os autores (SWALES, 2004; BHATIA, 2004; HYLAND, 2016; SOLER, 2019, para citar alguns) que defendem o tempo de experiência do pesquisador como determinante para seu sucesso, uma relação entre competência discursiva e expertise profissional, sendo a primeira um dos

¹⁹"Getting published depends on having the technological and economic resources to meet the convention and practices of the publishing industry"(CANAGARAJAH, 2002, p. 22).

²⁰Disponível em <<https://www.elsevier.com/open-access#:~:text=Elsevier's%20APCs%20range%20between%20c,please%20visit%20our%20pricing%20page.>>>. Acesso em: 24 ago. 2020.

²¹Disponível em: <https://www.periodicos.capes.gov.br/?option=com_pnews&component=Clipping&view=pnewsclipping&cid=1489&mn=0#:~:text=No%20Brasil%2C%20v%C3%AAm%20crescendo%20os,foi%20a%20R%24%20402%20milh%C3%B5es.>> Acesso em: 24 ago. 2020.

marcadores da segunda (HYLAND, 2007). Dressen-Hammouda (2008) afirma haver uma indissociabilidade entre a aquisição do conhecimento das práticas da disciplina e domínio dos gêneros que fazem parte dela.

Para Bhatia (2004), a expertise profissional vem da soma de três elementos: (i) a competência discursiva, que permite ao pesquisador “construir, interpretar e usar um repertório de gêneros específicos para participar das atividades diárias e alcançar os objetivos de uma comunidade profissional específica” apropriadamente” (BHATIA, 2004, p.142),²² dentro dela, situam-se a *competência textual*, habilidade para construir e interpretar textos em contexto, relacionada à competência linguística no idioma no qual se escreve ou fala; *competência genérica*, habilidade de explorar gêneros relacionados a práticas acadêmicas e profissionais para cumprir as atividades esperadas; e *competência social*, efetividade no uso da língua em contextos sociais e institucionais; (ii) conhecimento da disciplina de atuação e (iii) prática profissional.

Há, então, de certa forma, uma dicotomia entre noviços *versus* peritos. Na primeira categoria, estão os pesquisadores em fase de doutoramento (SWALES, 1990) e os em estágio inicial da carreira, representados por Soler (2019) por aqueles que obtiveram título de doutorado a, no máximo, 5 anos. Na segunda categoria, estariam aqueles que obtiveram título de doutorado a mais de cinco anos. É claro que essa relação entre tempo e expertise precisa ser vista com parcimônia, já que é possível um indivíduo doutor há 10 anos, por exemplo, que não tenha se inserido efetivamente nas práticas profissionais esperadas, e um formado há 3 que já o tenha. No panorama brasileiro, talvez seja possível sugerir que sujeitos vinculados a cargos de docência em universidades, notadamente estaduais e federais, assumam a posição de peritos, já que há criteriosas avaliações de contratação de professores, com base em produção e experiência, e eventuais evoluções a professores-adjuntos, professores-titulares e livre-docentes.

De modo mais categórico, Hyland (2016) também defende a ideia de que os elementos não linguísticos são mais determinantes para a pesquisa e publicação. O pesquisador defende não haver nenhum tipo de privilégios do FN. Nos termos do autor, há um “mito da injustiça linguística” que acarreta a crença de que para o FN tudo é mais fácil, quando, na verdade, a linguagem acadêmica não é a língua materna de ninguém, e deva ser adquirida seja por nativos ou não-nativos. Soler (2019) também argumenta que a questão de privilégio

²² “[...] to identify, construct, interpret and successfully exploit a specific repertoire of professional, disciplinary or workplace genres to participate in the daily activities and to achieve the goals of a specific professional community” (BHATIA, 2004, p.142).

linguístico deve ser repensada, considerando que os achados de sua pesquisa com cientistas suecos apontam para a relevância dos recursos econômicos, materiais e tecnológicos citados por Hyland (2016), mais do que a língua, por si só.

O posicionamento do mito, defendido por Hyland (2016), é controverso dentro da área. Primeiramente, podemos pensar na questão dos capitais linguísticos e simbólicos atrelados à língua inglesa, o que, sem dúvidas, gera privilégios aos falantes nativos. Politzer-Ahles et al. (2016, p.2) partem da definição de privilégio - "vantagens sociais conferidas a um indivíduo ou grupo não como resultado de mérito, mas como resultado de fortuito pertencimento a um grupo"²³ – para esclarecer essa problemática. Assim um FN apenas pelo fato de ter nascido em um contexto mais valorizado, em termos de capitais (BOURDIEU, 1991), pode ter oportunidade de trabalho, estudo e acesso mais fácil a algumas instituições simplesmente pelo fato de serem nativos.

Além disso, os FNs, ainda que precisem aprender a linguagem acadêmica, já possuem a língua materna. Aranha (1996) afirma que os FNNs precisam aprender ambos: o idioma e o registro acadêmico. Portanto, além da influência de todos os fatores não discursivos, ainda precisam desenvolver as habilidades necessárias de escrita em uma língua que não é sua língua materna (CURRY; LILLIS, 2004).

Na mesma direção, Flowerdew (2019) e Flowerdew e Habibie (2021) compartilham a visão de que existem desafios a serem superados por ambos, entretanto os FNNs carregam um fardo extra. No Brasil, por exemplo, Gimenez (2013 p. 202) relata um levantamento no qual a nação ficou em 46º lugar entre 54 países em relação à proficiência no inglês, apontando para problemas no nível linguístico como parte das dificuldades.

Finardi (2014), em análise das políticas educacionais brasileiras, avalia que há um abismo grande no que tange o ensino de inglês no país. Em sua análise, ela observa que lei educacional brasileira, assim como suas orientações e parâmetros, privilegia o desenvolvimento da habilidade leitora. As escolas públicas, por seguirem tais preceitos, concentram o ensino, prioritariamente, na habilidade de leitura. Em contrapartida, existem os centros privados de ensino de idiomas, os quais não são obrigados a seguirem as políticas educacionais, e podem trabalhar no desenvolvimento de todas as habilidades. Logo, o acesso de inglês como língua internacional fica restrito apenas àqueles que podem pagar por ele. Portanto, vê-se que o país enfrenta uma crise na proficiência de inglês geral, o que pode impactar a produção científica.

²³"[...] social advantages conferred upon an individual or group not as a result of merit but as a result of fortuitous group membership" (POLITZER et al., 2016, p.2).

Além do privilégio dos nativos e dos desafios da proficiência geral no não-nativos, Politzer-Ahles et al. (2016) sinalizam o problema do preconceito. Simoneli e Finardi (2020) exemplificam algumas das situações de preconceito derivadas do pensamento cultural e linguístico hegemônico, tais como, a falácia de que FNNs falam um inglês ruim – *broken English*, são professores menos competentes e ocupam lugar de inferioridade, pois são sempre os estrangeiros, o Outro.

Independentemente das diferentes visões, o único ponto no qual todos parecem concordar é com a necessidade de haver mais investigação sobre o tópico, principalmente porque a resposta a essa pergunta é altamente situável em contextos específicos.

Outra noção intrínseca a toda problemática discutida, provinda do imperialismo linguístico do inglês, é a visão de que os conceitos de centralidade e periferia estão imbricados na produção acadêmica, tópico esse desenvolvido em 1.1.2.

2.2 A geopolítica da escrita acadêmica: o centro e a periferia

No livro *A geopolítica da escrita acadêmica*, Canagarajah (2002) tece discussões elaboradas em outras áreas do conhecimento para, analogamente, entender as práticas e relações que entranham a publicação acadêmica. O pesquisador, inicialmente, apoia-se na teoria de centro-periferia de Galtung (1971), na qual o sistema capitalista cria um centro, a localidade produtora de capital e tecnologia, e uma periferia, localidades excluídas dessa produção. Na mesma proporção em que é necessária a existência do centro na geração de bens de consumo e valores, é imperativa a existência de uma periferia, consumidora dos produtos provenientes do centro, perpetuando o *status quo*.

Não só o capitalismo, mas o neoliberalismo – “teoria político-econômica que afirma o livre mercado como garantidor da liberdade individual de empreender e que confere ao Estado o papel mínimo de preservar a ordem institucional necessária” (ANDRADE, 2019, p. 221) também molda as relações humanas e, conseqüentemente, a academia:

neoliberalismo é debatido e confrontado como uma teoria econômica, quando, na realidade, deve ser compreendido com o discurso hegemônico de um modelo civilizatório, isto é, como uma extraordinária síntese dos valores básicos de uma sociedade liberal moderna em torno do ser humano, da riqueza, da história, do progresso, do conhecimento e da vida boa. (LANDER, 2018, p.9)

Nessas leituras, a organização de grande parte do globo, baseada no capital e no mercado, não fica restrita apenas ao domínio econômico e político, moldando também todas as esferas da vida humana, inclusive a pesquisa e a publicação. O World Bank Indicators

(2002) defende que há uma relação intrínseca entre os resultados de pesquisa e o desenvolvimento econômico, afirmação que vai ao encontro da análise de Swales (1990, 2004) em relação ao impacto da comodificação e da mercantilização presentes nas práticas acadêmicas.

A academia e a escrita, como práticas sociais, portanto, são influenciadas por essa organização. As transformações sofridas no ensino superior e na pesquisa, e a mercantilização das universidades e da pesquisa, aproximando-as ao comportamento do mercado, são definidas como *capitalismo acadêmico*. (SLAUGHTER; LESLIE, 1999, 2004). Slaughter e Leslie (2004) exemplificam que algumas ações que refletem a tendência da ciência ao neoliberal são as vendas de patentes, a competição institucional por verbas, a pressão por produção de conhecimento, investimento institucional em empresas derivadas de professores, entre outros.

No Brasil, Paula, Costa e Lima (2020, p.7) analisam que a forma mais expressiva do capitalismo acadêmico é a financeirização da educação superior brasileira por meio do incentivo às instituições privadas de Ensino Superior, dos quais citam a Lei nº 11.096/05 que instituiu o ProUni, e a Lei 13.530/17 do novo Fies, que representam “formas fictícias de atuação do capital que contribuirão para a manutenção das instituições privadas com finalidade de lucro.” O mercado educacional brasileiro está sendo marcado pela expansão das holdings educacionais, os grupos Kroton, Anhanguera e Estácio possuirá 1,5 milhão de estudantes, 400 mil a mais que todas as 63 universidades federais juntas” (LEHER; VITTORIA; MOTTA, 2017, p. 21 *apud* PAULA; COSTA; LIMA, 2020,p.7)

Outro projeto citado pelos autores, que exemplifica o capitalismo acadêmico brasileiro é o FUTURE-SE, Programa Institutos e Universidades Empreendedoras e Inovadoras, lançado em 2019, no qual um dos objetivos é captar recursos no mercado para fortalecer a autonomia administrativa e financeira das instituições federais.

Uma das noções mais caras à abordagem de ERPP e que carrega em si a questão do poder é a (não) centralidade dos países em relação a suas práticas de publicações acadêmicas. A subdivisão dos países em centro e periferia advém, em grande parte, da tríade de excelência nas práticas de publicações acadêmicas: publicação de *artigos de pesquisa*, em *língua inglesa* e em *jornais indexados* revisados pelos pares (ENGLANDER; CORCORAN, 2019), sendo:

(i) centro, países anglófonos e não-anglófonos do norte da Europa, tais como Estados Unidos e Inglaterra (BENETT, 2014), que correspondem ao círculo interno de dominação do inglês e que possuem clara vantagem (TARDY, 2004);

(ii) semiperiferia, países em desenvolvimento, como, por exemplo os BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), México e outros países do Leste Europeu; (BENETT, 2014) e, por fim,

(iii) periferia, as nações empobrecidas, como países da África e Ásia (CANAGARAJAH, 2002; BENETT, 2014).

Essa divisão fica mais clara ao analisarmos estatísticas e relatórios disponibilizados a respeito da produção científica no mundo. O *Journal Citation Report* (JCR), um dos produtos disponibilizados pelo grupo WoS, fruto da empresa *Clarivate Analytics*, compreende um total de 11.896 periódicos indexados, “agrega[ndo] citações dos principais periódicos selecionados, permitindo a vasta rede de pesquisadores contar sua história”

De acordo com dados da Organização das Nações Unidas (ONU), o território mundial é dividido em 194 países. A lista de JCR contempla periódicos indexados de 88 deles. Para esse medidor, 54% dos países encontra-se em posição periférica ao não integrarem essa lista. Estados Unidos e Inglaterra, juntos, dominam quase 59% dos periódicos contidos na lista, sendo que o Brasil indexa apenas 1,25% e a América Latina só 1,6% (FISCHMAN; ALPERIN, 2010). Dados como esse fomentam o argumento de que os dois primeiros países localizam-se na centralidade de pesquisa, enquanto que a América Latina e o Brasil não.

Outra nuance provinda da questão da centralidade-periferia é o fato de que elas podem ser vinculadas a domínios (APPADURAI, 1994; CANAGARAJAH, 2002). Exemplificando essa questão na atualidade, a Coreia do Norte, por exemplo, poderia ser considerada um centro militar, devido ao seu poderio e armamento, porém, se considerarmos outros domínios, como a dimensão cultural, esse mesmo país passaria a posição periférica. O termo, então, teria uma característica fluida, permitindo a existência de periferias no centro e centros nas periferias.

Canagarajah personifica essa discussão. Ele é um pesquisador originário do Sri Lanka, país periférico em pesquisa, mas devido às oportunidades de estudo e trabalho, alinha-se com as práticas exercidas e produtividades esperadas pelo centro. Ele mesmo afirma que é dotado de uma “visão dupla”. Ele argumenta que para advogar em defesa de seus colegas periféricos, precisa fazer isso por meio de livros e artigos em inglês, que provavelmente não serão lidos ou acessados pelos defendidos. Beigel (2014, p. 623) explica esse paradoxo ao afirmar que há pesquisadores que “[...] publicam em inglês, mas ‘perecem localmente’, e há aqueles que são

reconhecidos localmente [...], mas ‘perecem globalmente’”,²⁴ revelando a imposição de os autores mais periféricos negociarem constantemente seus conhecimentos e interesses com aqueles do centro, para conseguirem algum espaço em suas áreas.

Desde uma perspectiva das epistemologias do Sul, essa tensão deriva do que Souza Santos (2010) chama de “pensamento abissal” moderno ocidental. Esse pensamento deriva de distinções visíveis e invisíveis. Uma dessas distinções invisíveis é uma linha imaginária que separaria “o universo ‘deste lado da linha’ e o universo ‘do outro lado da linha’” (p.29). Na visão anglocêntrica/eurocêntrica, ‘o outro lado da linha’ é inexistente, “é excluído de forma radical porque permanece exterior ao universo que a própria concepção aceite de inclusão considera como sendo o Outro.” (p.29)

Para demarcar o que é o Eu e o que é o Outro, voltemos à História. Na seção anterior, apresentamos um panorama histórico que explica a hegemonia da língua inglesa, nos dias de hoje, a partir das práticas de colonização. Em retrospectiva, a conquista das potências europeias de territórios latino-americanos, asiáticos e africanos originou a primeira distinção global Norte (colonizador/Eu) – Sul (colônia/Outro). Assim, houve um movimento de colonização e, posteriormente, a descolonização dos territórios, a partir da independência deles.

Entretanto, mesmo após a conquista da liberdade, a adoção do sistema capitalista e neoliberal favoreceu a solidificação dos Estados Unidos e do Reino Unido como potências econômicas. A dominação, então, não deixou de existir, só foi deslocada de geográfica e territorial para político-econômica-cultural. Continuamos com o Norte, paíse economicamente mais poderosos, ponto de referência mundial em economia, política e cultura e com o Sul, os países, países que dominados politico-economicamente. Essa distinção Norte-Sul cria o que Santos (2010) denomina de pensamento abissal, no qual o conhecimento produzido no Norte é valorizado e o do Sul, invisível. De fato, a invisibilidade das universidades brasileiras parece permear nossa produção/internacionalização (PICCIN; FINARDI, 2021).

Ainda existe um Norte, “que inclui os países de economia avançada [...] ponto de referência para o mundo em termos econômicos, políticos e culturais, [...] estabelece os limites na construção de conhecimento” (GUZMÁN-VALENZUELA, 2017, p. 6)²⁵, e um Sul,

²⁴ “[...]those who publish in English but ‘perish locally’, and those who are recognized locally and write on Arabic but ‘perish globally’. (BEIGEL, 2014, p. 623).

²⁵ Historically, the North – which mainly includes advanced-economy countries – has been constructed as a reference point for the world in economic, political and cultural terms. At the same time, the North has established limits in the construction of knowledge. (GUZMÁN-VALENZUELA, 2017, p. 6).

"lado dos oprimidos pelas diferentes formas de dominação colonial e capitalista" (SOUZA SANTOS, 2010, p.20). Essas novas formas de domínio são denominadas por Walsh (2017, p.479) como colonialidade:

conceito que traduz esse tipo de colonização que sobreviveu a colonização territorial e condiciona a geopolítica internacional e as relações intraregionais no mundo, como se tivesse validade universal, apesar de ser concebida a partir de uma realidade muito particular [...]²⁶

As implicações da colonialidade para o contexto de pesquisa que estamos inseridos são muitas. Primeiramente, podemos citar a dicotomia *universal* versus *local* (BIEGEL, 2014; MIGNOLO; WALSH, 2018; WALSH, 2019; SIMONELI; FINARDI, 2020). Há a crença de que a língua inglesa, nos periódicos do “Norte”, do “centro”, confere universalidade à pesquisa, já que ela seria acessível a todos do globo. Já a publicação em outra língua que não o inglês, em outros formatos que não o artigo, nem nos periódicos “certos”, determina a localidade daquele conhecimento. Nesse paradigma, a universalidade é “boa”, pois permite a *visibilidade*, e a localidade é “ruim”, porque ela implica em *invisibilidade*.

A segunda dicotomia é a *visibilidade* versus *invisibilidade*. Entretanto, algumas pesquisas apresentam dados que desmistificam esse senso comum, mostrando a falácia deste pensamento. Rossoni (2018), que em levantamentos de artigos da subárea de Administração, em uma das revistas mais prestigiadas da área, observa haver maior citação e diálogo com os manuscritos publicados na língua materna, do que com outros publicados em língua estrangeira, concluindo que publicar em inglês não é garantia de visibilidade, como se crê. Além disso, o autor tece duras críticas afirmando que essa ação

Esboça a tendência cada vez maior de subordinar o conhecimento local a uma lógica internacional que não tem nada a ver com o conteúdo e a qualidade em si do que é produzido, mas sim porque há um interesse em homogeneizar a roupagem de tal produção sob uma lógica acadêmica que é estruturada sob a égide de poucos centros legitimados como produtores do conhecimento. (ROSSONI, 2018, p.II).

Na mesma linha de argumentação, Cabral (2007) também pondera que publicar em inglês não é sinônimo de impacto, porque o determinante para o impacto não é apenas a língua de publicação, mas citar o que os pares esperam, relatando já haver submetido internacionalmente e ter o manuscrito pendente de aprovação devido à falta de inclusão de referências internacionais que, na prática, não trouxeram/trariam nada de novo em relação ao

²⁶ “Colonialidad es el concepto que traduce este tipo de colonización, que sobrevivió a la colonización territorial y condiciona la geopolítica internacional y las relaciones intrarregionales en el mundo, como se tuvieran validez universal, a pesar de que fue concebida desde una realidad muy particular” (WALSH, 2017, p.479).

já discutido nas referências que ele julgou pertinente incluir na revisão da literatura. A consequência dessa atitude seria a manipulação das métricas para inflacionar ainda mais os índices de tais periódicos. Conforme observam Brunner e Salazar (2009), a maioria dos artigos publicados não é efetivamente citada e, aqueles que são, são citados pelos autores e editores do mesmo periódico de publicação.

Por fim, Vessuri, Guédon e Cetto (2014) sugerem que a visibilidade não é a única questão a ser considerada para explicar essas discrepâncias. Caso fosse, os artigos publicados via Ciência Aberta com acesso aberto (*open access*), prática comum na América Latina, seriam visíveis e acessíveis de qualquer computador com internet, o que não ocorre. A visibilidade continua sendo relacionada a artigos indexados pelo WoS e de bases internacionais indexadas.

Apesar da presença da colonialidade nos processo de produção do conhecimento, há esforços para desconstruir essa visão. No ambiente latinoamericano, destaca-se a discussão em torno da de(s)colonialidade do conhecimento, práticas que demonstram resistência à dominação e à imposição de um determinado saber-fazer (PICCIN; FINARDI, 2021) .

Souza Santos (2010), no livro *Epistemologia do Sul*, utiliza-se da terminologia descolonização. Já Walsh (2017) defende a adoção do termo decolonialidade em detrimento de descolonialidade ou descolonização a partir da reflexão do prefixo de negação –des, do espanhol. A autora explica que ele carrega em si o significado de reverter, negar uma situação, passar de colonial para não colonial, e não é essa a questão, já que não é uma possibilidade negar a herança e a prática atual de dominação, como se em um momento ela existisse e no outro não. Decolonialidade seria um termo mais apropriado, porque expressa “um caminho de luta contínuo no qual se pode identificar, visibilizar e alentar ‘lugares’ de exterioridade e construções alter-(n)ativas.” (WALSH, 2017, p.3).²⁷ Achinte (2017, p. 452) complementa que

[...]a decolonialidade é “o processo pelo qual reconhecimentos outras histórias, trajetórias e formas de estar no mundo, diferentes da lógica racional do capitalismo como expressão cultural (Jameson, 1995; Zizek, 1998), humanizando a existência no sentido de devolver a dignidade a quem, por força do projeto hegemônico moderno/colonial, foram considerados inferiores ou não humanos.”²⁸

²⁷ Lo decolonial denota, entonces, un camino de lucha continuo en el cual se puede identificar, visibilizar y alentar “lugares” de exterioridad y construcciones alter-(n)ativas (WALSH, 2017, p.3).

²⁸ “[...] el proceso por medio del cual re-conocemos otras historias, trayectorias y formas de ser y estar en el mundo, distintas a la lógica racional del capitalismo contemporáneo como expresión cultural, humanizando la existencia en el sentido de devolver la dignidad a quienes por fuerza del proyecto hegemónico moderno/colonial fueron considerados inferiores o no-humanos” (ACHINTE, 2017, p.452).

É muito forte a marcação do Outro, da alteridade a partir do pensamento do ocidente moderno e que ocupa posição de subalternidade (WALSH, 2017; ACHINTE, 2017; SIMONELI E FINARDI, 2021). Logo, a decolonialidade se preocupa em visibilizar a luta desse Outro pela validação de seu ser, poder e saber. Walsh (2017) cita como exemplo os grupos de indígenas equatorianos e afroequatorianos, considerando seu contexto.

Souza Santos (2010), em exemplo desse movimento de de(s)colonização, luta pela criação de uma Epistemologia do Sul, que busca dar visibilidade à

sujeitos coletivos de outras formas de saber e de conhecimento que, a partir do cânone epistemológico ocidental, foram ignorados, silenciados, marginalizados, desqualificados ou simplesmente eliminados, vítimas de epistemicídios tantas vezes perpetrados em nome da razão, das luzes e do Progresso. Nesta perspectiva, o que conta como conhecimento é muito mais do que a epistemologia convencional — e a sua crítica, mesmo a ‘naturalista’ — admite (NUNES, 2010, p.231.)

No contexto linguístico, o pensamento decolonial não busca a negação da relevância do inglês, mas a defesa de se ter espaço para outros ser-saber-fazer numa ecologia de línguas e saberes. Não é sobre a destruição de uma, para que outra emergja, afinal esse movimento ainda pressuporia uma hierarquização e imposição, e não é esse o caso. A adoção da política do Inglês como Língua Internacional, como forma de interação entre os falantes do globo, sem a visão de que a língua pertence ao nativo e que os não-nativos a emprestam, conjuntamente com o fomento a abordagens (FINARDI, 2019) e políticas multilíngues (por exemplo, FINARDI, 2017), são maneiras de equilibrar a influência do inglês ao mesmo tempo em que incentiva o crescimentos de outros idiomas (FINARDI, 2014).

Uma das iniciativas feita em 2021 que destaca a relevância e a importância de uma perspectiva multilíngue dentro da academia é o volume especial 37(3), da revista brasileira Delta - Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, voltado para a discussão da escrita acadêmica na educação superior. O volume editado por Macedo, Navarro, Vian Jr e Ferreira (2021) compreende artigos escritos em português, espanhol e inglês. A apresentação do volume é relevante, uma vez que além de os editores defenderem o multilinguismo, eles fazem isso textualmente, por meio da alternância de código linguístico (*code-switching*), isto é, o próprio texto inicial alterna entre português, espanhol e inglês, sem que se privilegie uma em detrimento da outra:

Esperamos que este posicionamento embase a visibilidade da riqueza dos diversos patrimônios linguísticos e semióticos que se usam no jogo de escrever. Esta apresentação translíngue também serve para colocar em foco as complexas práticas letradas nas quais participam os investigadores latinoamericanos, que, em seu cotidiano, devem conversar, ler e escrever em – pelo menos – espanhol, português e

inglês. Este volume especial, escrito em três línguas, é um exemplo concreto de como se dialoga na latinoamérica (MACEDO et al., 2021, p.2.)²⁹

A discussão centralidade-periferia/colonização-decolonização é essencial para se pensar as áreas de conhecimento e suas práticas. A Capes estratifica o conhecimento em três grandes colégios: Ciências da Vida; Ciências Exatas, Tecnológicas e Multidisciplinar; Humanidades. Na terminologia inglesa, temos o que é conhecido, respectivamente por *life sciences*, *hard sciences* e *soft sciences*. As métricas apontam para a centralidade das duas primeiras em detrimento da terceira (CURRY; LILLIS, 2010; FINARDI; FRANÇA, 2016; CODATO, MADEIRA, BITTENCOUR, 2020; HIRANO; MONTEIRO, 2020, entre outros), como tento demonstrar a partir da análise do panorama de pesquisa e da pós-graduação brasileira.

Dados apresentados pelo Sistema de Informações Georreferenciadas da Capes (GEOCAPES) indicam a existência de 4.259 programas de pós-graduação no país, avaliados por conceitos que vão de 4 a 7, sendo programas nota 4 bons, 5 muito bons; e 6 e 7 excelentes, indicando "desempenho equivalente ao alto padrão internacional" (CAPES). Os critérios para atribuição de conceitos consideram, dentre outros, perfil do corpo docente; compatibilidade e impacto econômico, social e cultural; e a internacionalização e visibilidade do programa³⁰. Logo, vê-se que os programas 6 e 7 apresentam práticas de pesquisa valorizadas pelo meio acadêmico internacional, alinhando-se com o esperado pelas centralidades de pesquisa.

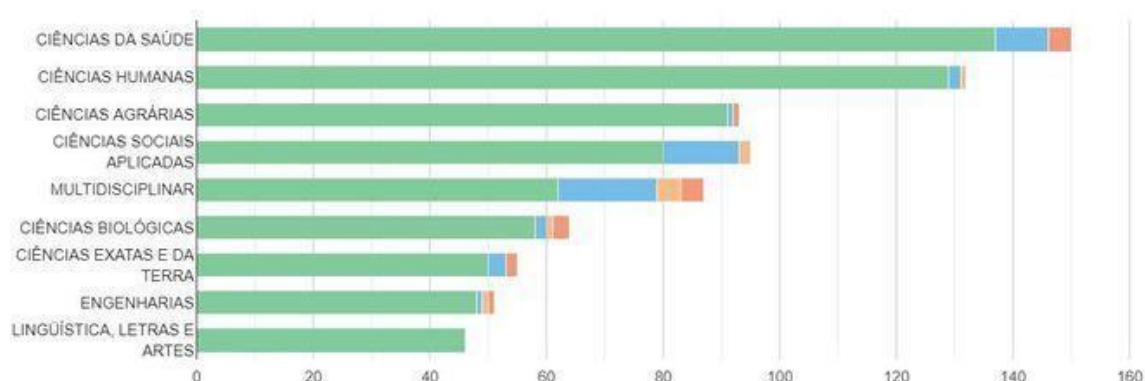
Pelas subáreas, nota-se que Ciências da Saúde são as que possuem maior número de programas de pós-graduação, conceito 5, seguido de Ciências Humanas e, em último lugar, Linguística, Letras e Artes.

Gráfico 1 – Programas conceito 5, por subáreas

²⁹ Esperamos que este posicionamiento aporte a la visibilización de la riqueza de los patrimonios lingüísticos y semióticos diversos que se ponen en juego al escribir. Esta presentación translingüe también sirve para poner en foco las complejas prácticas letradas en las que participan los investigadores latinoamericanos, quienes en su cotidianeidad deben pensar, conversar, leer y escribir en—al menos—español, portugués e inglés. Este volumen especial, escrito en tres lenguas, es un ejemplo concreto de cómo se dialoga en Latinoamérica. (MACEDO et al., 2021, p.2.)

³⁰ Disponível em

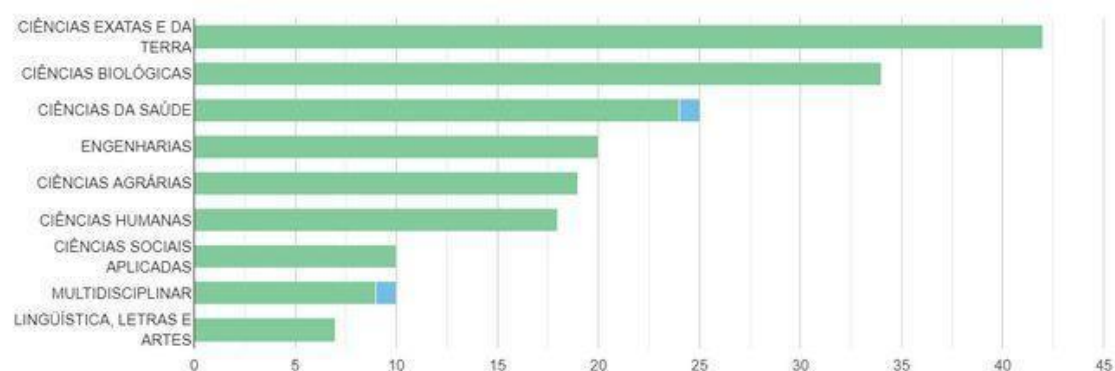
<https://www.capes.gov.br/images/novo_portal/documentos/DAV/avaliacao/06032019_Ficha_Avaliacao.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2020.



Fonte: GeoCapes (2019)

Entretanto, ao se considerar o Gráfico 2, que demonstra os programas de pós-graduação conceito 7, aqueles com maior impacto internacional, nota-se que Ciências Humanas cai para sexta posição, sendo ultrapassada por Ciências Biológicas, da Saúde, Agrárias e Engenharias.

Gráfico 2 – Programas conceito 7, por subáreas

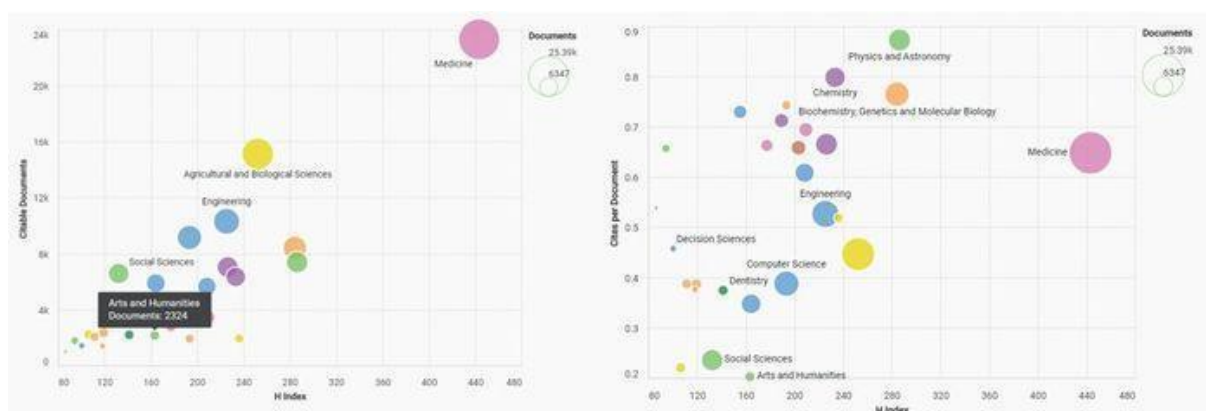


Fonte: GeoCapes (2019)

Considerando os critérios de atribuição de conceito adotados pela Capes, esses dados podem indicar que a produção internacional das áreas de Humanidades não é tão forte quanto nas outras áreas. Essa leitura é reforçada por dados trazidos pelo Scimago Journal & Country Ranking. Em levantamento da relação entre índice H^{31} e os documentos citáveis e citados publicados por pesquisadores brasileiros, observa-se maiores valores nas publicações de Medicina, Agricultura e Ciências Biológicas, Química e Engenharia, enquanto Artes e Humanidades e Ciências Sociais ocupam as posições mais inferiores do gráfico:

³¹ A definição do índice H será trabalhada na próxima seção.

Gráfico 3 – Documentos X Índice H



Fonte: Scimago Journal & Country Rank (2020)

Relatório feito pela *Clarivate Analytics* (2018) aponta que as áreas de destaque no cenário de publicação internacional são Medicina, com impacto maior que o da média nacional; Agricultura, grande número de artigos publicados; Física e Ciência Espacial, alto impacto das citações, com alta porcentagem de artigos dentre o 1% melhores do mundo. Em contrapartida, Artes e Humanidades não chegam a ser citados pelo relatório.

Finardi e França (2016) debatem que a produção científica em português e em inglês, da área de Artes e Humanidades – Subárea Linguagem e Linguística, em periódicos indexados na base de dados referencial Scopus é muito baixa, sugerindo que as subáreas devem repensar as estratégias de circulação de sua produção, a fim de permitir mais internacionalização e intercâmbio científico, sem o qual a ciência não pode avançar de forma plena.

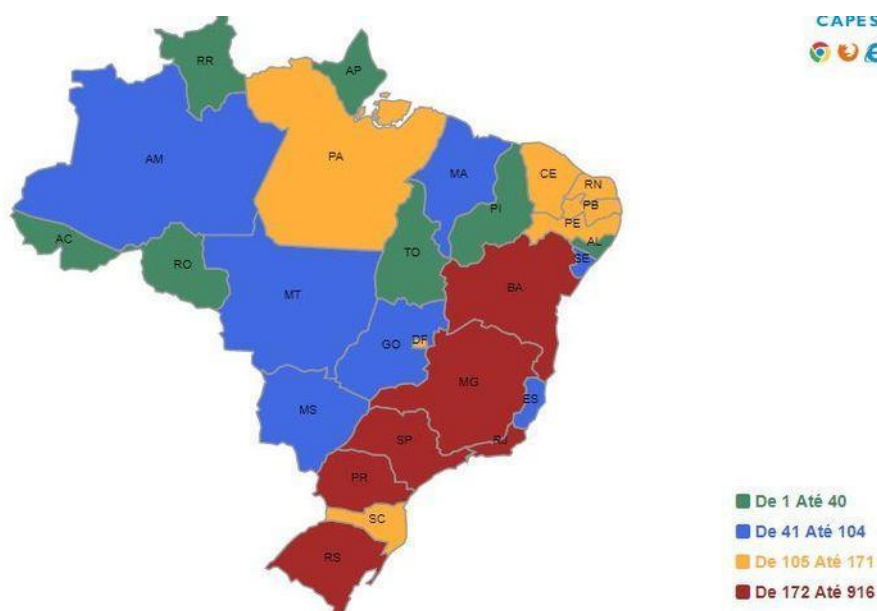
Monteiro e Hirano (2020), em um dos poucos trabalhos a discutir especificamente a produção brasileira em cenário internacional, trazem como resultados de uma pesquisa com 358 pesquisadores brasileiros de diferentes áreas, que os cientistas das Humanidades foram os que reportaram menor prática de publicação em língua inglesa, ainda que a maioria tenha indicado ser a língua franca de sua área. As autoras propõem alinhar a área de Humanidades com a periferia de pesquisa da semiperiferia ocupada pelo Brasil, corroborando a tese de Canagarajah (2002) de que a periferia e a centralidade podem se manifestar em qualquer lugar.

É errôneo, todavia, deduzir que a pesquisa em Humanidades seria inferior à pesquisa em outras áreas. O que podemos depreender é que essas análises partem de métricas e práticas coloniais de pesquisa, que privilegiam a tríade de ouro: *artigos* em *inglês* publicados em

periódico indexados de alto fator de impacto, logo outras formas de fazer e publicar pesquisa, que destoem do centro e do colonial, serão desprivilegiadas. As *soft sciences*, por exemplo, seriam mais próximas de práticas decoloniais de pesquisa (FINARDI; GUIMARÃES, 2017; GUZMÁN-VALENZUELA; GÓMEZ, 2019). Além disso, Buquet (2013) quantifica que 80% da produção da América Latina é feita em português ou espanhol, portanto, muitas vezes, não são contabilizadas por essas métricas. A problemática não é em torno da qualidade e/ou do esforço da pesquisa, mas sim dos critérios de avaliação adotados.³²

Geograficamente, também se pode observar regiões do país que se alinham com expectativas de produção acadêmica do centro, e outras, da periferia. Os mapas 1, 2 e 3, fornecidos pelo GEOCAPES (2019) mostram uma concentração maior de programas de pós-graduação nas regiões Sul (RS, SC e PR) e Sudeste (SP, MG, RJ).

Mapa 1– Concentração de programas 4-5-6-7 por estados

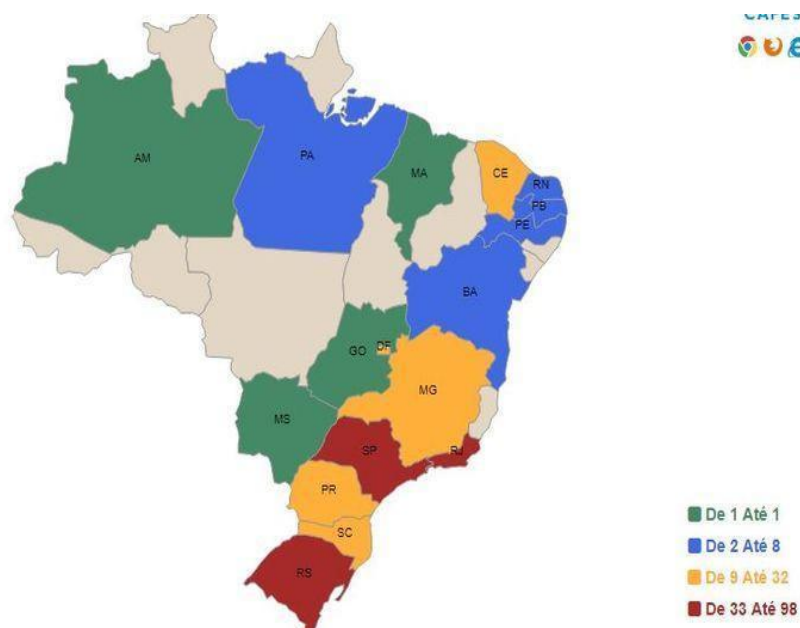


Fonte: GeoCapes (2019)

Ao observar a concentração de programas 6 e 7, demonstradas nos mapas a seguir, ou seja, aqueles com práticas de pesquisas reconhecidas internacionalmente, vê-se que estes se alocam, prioritariamente no estado de SP. Esses seriam indicativos de que as produções nessas regiões, em especial em SP, aproximam-se com a expectativa do centro.

³² Essa discussão continuará a ser desenvolvida no próximo tópico.

Mapa 2 – Programas conceito 6, por estados



Fonte: GeoCapes (2019)

Mapa 3 – Programas conceito 7, por estados



Fonte: GeoCapes (2019)

A partir dos mapas, as regiões Sul e Sudeste do país despontam como centralidades de pesquisa, considerando que os estados que as compõem são aqueles com maior concentração de programas de pós-graduação, de forma geral, e, especificamente, programas conceituados com notas 6 e 7. Nesse contexto, São Paulo e Rio de Janeiro se destacam como os estados que concentram maior número de programas em todo o país.

As regiões Norte e Centro-Oeste são as que apresentam menor concentração de programas, independentemente da relação com os conceitos dos programas. Ao se observar, em especial, apenas os programas mais bem-conceituados, vê-se que há apenas um programa com conceito 7 e menos de 10 programas com conceito 6, o que relega as duas regiões e os dez estados que as compõem à periferia de pesquisa brasileira.

A região Nordeste aparenta ser a mais heterogênea entre todas. Há a presença de estados com baixa quantidade de programas de pós-graduação (Piauí, Alagoas, Sergipe, Maranhão) e outros com números mais elevados (Bahia, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco). Esses dados corroboram, então, a leitura de que existem múltiplas periferias e múltiplos centros, tanto geográficos quanto geopolíticos. Além disso, comprovam a defesa de Santos e Menezes (2010) de o Norte-Sul ser metafórico, já mesmo dentro da mesma nação, claramente, há a adoção de práticas que se alinham com as do Norte, como as dos programas 6 e 7, e práticas que se alinham com as do Sul.

Esta seção discutiu a (i) expansão do capitalismo acadêmico, o qual aumentou a pressão para que os pesquisadores se voltassem para a publicação de artigos em inglês em contexto internacional, (ii) a organização geopolítica das universidades, programas de pós-graduação e pesquisadores centrais ou periféricos e (ii) a problemática do neocolonialismo e da colonidade no panorama de pesquisa. Uma questão que tangenciou esse tópico em vários momentos foi a relevância do impacto para o contexto da ciência, motivo pelo qual 1.1.3 se dedica apenas a essa questão

2.3 *Illusio*: o jogo do impacto

O estilo de vida promovido pelo sistema capitalista commodifica e mercantiliza todos os aspectos da vida moderna (CANAGARAJAH, 2002). Com o conhecimento não é diferente uma vez que está relacionado com a criação de riqueza e competitividade econômica, sendo visto como sinônimo de crescimento econômico e poder (HAZELKORN, 2014). Como toda mercadoria existente dentro desse sistema, há a necessidade de se quantificá-la e ranquear os envolvidos em relação a seu (in)sucesso (CANAGARAJAH, 2002; HAZELKORN, 2014; ENGLANDER; CORCORAN, 2019).

Nesse contexto, as universidades, grandes produtoras de pesquisa e, consequentemente, conhecimento, tornam-se valiosas devido a seu capital intelectual (FINARDI; FRANÇA, 2016) e despontam como um dos principais agentes dessa dinâmica de produção de capital e mercadorias. Consequentemente, todas as instâncias vinculadas a ela - cursos de graduação e pós-graduação, produção e publicação acadêmica, pesquisadores -

sofrem com os efeitos da mercantilização do conhecimento. Quanto mais conhecimento acumulado, maior poder.

Neste ponto, da busca incessante pelo acúmulo de conhecimento como instrumento de poder, é possível estabelecer uma intersecção com a leitura de Bourdieu (1989) sobre sociedade. Para ele, a sociedade capitalista é regida por um poder invisível, validado tanto por quem o detém quanto por quem se sujeita a ele. A esse poder, nomeia-o de simbólico, exercido por meio do "jogo", o qual explicamos por meio da citação de Seidl (2017, p. 241)

concepção da vida social como conjunto de atividades reguladas realizadas por agentes que se orientam uns em relação aos outros em determinado espaço social. Essas atividades são invariavelmente informadas por uma lógica de competição, de concorrência ou de lutas entre agentes (jogadores) que dispõem de recursos desiguais (capitais) e estão interessados em manter ou melhorar suas posições dentro do jogo - pelo aumento do patrimônio econômico, obtenção de mais cultura, maior reconhecimento profissional.

Illusio é o termo que caracteriza a adesão dos agentes a esse jogo social (AGUIAR, 2017, p. 242), o que garante a existência do jogo como crença coletiva dotada de sentido e razão de ser para todos os envolvidos. A posição ocupada dentro dele é determinada pela dotação de capital, "os bens que se disputam" (MONTEIRO, 2018, p.71).

Os principais capitais estruturadores da sociedade contemporânea são o *econômico* - conjunto de bens materiais, patrimônios, dinheiro, tudo que se relaciona com financeiro (BOURDIEU, 1989; MONTEIRO, 2018)-, e o *cultural* - conjunto de bens simbólicos, provindos de três naturezas distintas: (i) incorporado, características físicas de uma pessoa, herdadas da família (postura, modos, gosto estético, habilidade comunicativa, etc.); (ii) objetivado, posse de bens e objetos valorizados pela classe dominante (livros, joias, obras de arte); e (iii) institucionalizado, competências adquiridas (diplomas, certificados).

Bourdieu (1989) ainda cita os capitais *social* e o *simbólico*. O primeiro se constitui pelos benefícios agregados aos indivíduos por meio de suas relações sociais e seu status de pertencimento a grupos e redes. Sobre esse capital, Bourdieu (1986, p.21) ilustra que

O volume de capital social possuído por dado agente depende do tamanho da rede de conexões que ele pode efetivamente mobilizar e o volume de capital (econômico, cultura ou simbólico) possuído em seu direito por cada um daqueles a quem está conectado³³.

³³ The volume of the social capital possessed by a given agent thus depends on the size of the network of connections he can effectively mobilize and on the volume of the capital (economic, cultural or symbolic) possessed in his own right by each of those to whom he is connected. (BOURDIEU, 1986, p.21).

O *capital simbólico* se relaciona à honra, reconhecimento e títulos. Na realidade, ele é reflexo de todos os outros capitais, ele é “poder atribuído àqueles que obtiveram reconhecimento suficiente para ter condição de impor o reconhecimento” (BOURDIEU, 1987, p. 164).

Hazelkorn (2014) sublinha a existência de uma "corrida global" na busca por acúmulo de capital e um dos instrumentos que mede esse acúmulo é os rankings de universidades. Partindo da visão bourdieana de que os capitais podem se transformar em outros, quanto mais alta a posição galgada por uma instituição, mais prestígio e honrarias (capital simbólico) e investimentos, públicos e privados (capital econômico), recebem. Consequentemente, seu poder simbólico dentro do jogo da pesquisa aumenta

porque apenas algumas pessoas podem se beneficiar, o acesso a essa mercadoria escassa eleva o valor de seu prêmio. Logo, como apenas 100 universidades podem ser top 100, os rankings aumentam o valor das instituições de elite e suas nações hospedeiras (HAZELKORN, 2014, p.18)³⁴.

A pesquisadora aponta que o surgimento dos primeiros rankings remonta à década de 1910, nos Estados Unidos, país favorecido grandemente por eles devido sua dominação histórica. Ou seja, é um instrumento criado pelo dominador, cuja lógica é continuar favorecendo seu domínio ao valorizar sua visão de mundo. Hazelkorn (2014) ainda destaca que a prática dos rankings vem remodelando várias práticas nacionais, especialmente em países nos quais o inglês não é língua nativa, onde pesquisas regionais e locais começam a ser enxergadas como de menor valia quando comparadas com aquelas publicadas em periódicos internacionais. Neste âmbito, fica explícita a relação de colonialidade a qual se submetem as universidades, pesquisas e pesquisadores, cenário esse já descrito no Brasil (FINARDI; GUIMARÃES, 2017). Despontam nos rankings aqueles que conseguem “jogar o jogo conforme as regras”, isto é, colocar em prática o que é valorizado pelo meio.

Os rankings não impactam apenas as universidades, mas também todas as "peças" envolvidas na produção de conhecimento. Os programas de pós-graduação, os pesquisadores, os periódicos e, até mesmo, os textos são passíveis de serem quantificados e qualificados por um número de índices criados especificamente para esse fim. A contagem da produção de textos que se enquadram na tríade de prestígio da publicação acadêmica - artigos científicos

³⁴“Because only a few people can benefit at any one time, access to scarce goods and facilities elevates their premium value. Thus, because only 100 universities can be in the top 100, rankings have heightened the value of elite institutions and their host nations.” (HAZELKORN, 2014, p.18).

publicados em inglês em periódicos revisto pelos pares - é vista como a forma mais eficiente de medir essa produção.

Nesse contexto, ganham força ciências como a cientometria e a bibliometria. Tague-Sutcliffe (1992) define cientometria como “estudo dos aspectos quantitativos da ciência como uma disciplina ou atividade econômica.”³⁵ Silva e Bianchi (2001) também definem que:

A cientometria consiste em aplicar técnicas numéricas analíticas para estudar a ciência da ciência. Já a bibliometria consiste no tratamento e na análise estatística da mensuração destes resultados e desenvolvimentos através das diferentes publicações científicas refletidas em artigos, livros e em revistas científicas editadas. (SILVA; BIANCHI, 2001, p.6)

São inúmeros os bancos de dados, métricas, plataformas e sites criados especificamente para a quantificação e qualificação da publicação de artigos, em língua inglesa, em jornais de prestígio. Independente do banco de dados ou métrica adotada, o simples fato de ter um artigo publicado e avaliado por eles é motivo de prestígio, principalmente se possuem relevância internacional, como é o caso do (i) WoS e seu indicador bibliométrico do Fator de Impacto (FI); e do (ii) Scopus, com o índice H.

O WoS é um dos bancos de dados mais renomados internacionalmente, a ponto de periódicos que não estão indexados nele serem rejeitados pela comunidade internacional. Ele agrupa o conhecimento em cinco áreas de pesquisa distintas que, por sua vez, subdividem-se em disciplinas: (i) *Arts and Humanities* (Artes e Humanidade); (ii) *Life Science and Biomedicine* (Ciências da Vida e Biomedicina), (iii) *Physical Science* (Ciência Física), (iv) *Social Science* (Ciências Sociais) e (v) *Technology* (Tecnologia). A imagem abaixo apresenta as disciplinas consideradas pelo WoS, por área:

Figura 2 – Disciplinas do WoS por área

³⁵“Scientometrics is the study of the quantitative aspects of science as a discipline or economic activity. It is part of the sociology of science” (TAGUE-SUTCLIFFE, 1992, p. 01).

Artes & Humanidades	Ciências da Vida & Biomedicina	Ciências Físicas	Ciências Sociais	Tecnologia
Arquitetura; Artes; Artes & Humanidades Outros Tópicos; Estudos Asiáticos; Clássicos; Dança; Filme, Rádio & Televisão; História; História e Filosofia da Ciência; Literatura; Música; Filosofia; Religião; Teatro	Agricultura; Alergia; Anatomia & Morfologia; Anestesiologia; Antropologia; Audiologia & Patologias da Fala; Ciência do Comportamento; Bioquímica & Biologia Molecular; Biofísica; Biodiversidade & Conservação; Biotecnologia & Microbiologia Aplicada; Sistema Cardiovascular & Cardiologia; Biologia Celular; Cuidados Intensivos; Odontologia, Cirurgia Bucal & Medicina; Dermatologia; Biologia do Desenvolvimento; Medicina Emergencial; Endocrinologia & Metabolismo; Entomologia; Ciências do Meio Ambiente & Ecologia; Biologia Evolucionária; Pesca; Ciências dos Alimentos & Tecnologia; Engenharia Florestas; Gastroenterologia & Hepatologia; Medicina Geral; Genética; Hematologia; Imunologia; Doenças Infecciosas; entre outras.	Astronomia & Astrofísica; Química; Cristalografia; Eletroquímica; Geoquímica e Geofísica; Geologia; Matemática; Meteorologia & Ciências Atmosféricas; Mineralogia; Mineração; Oceanografia; Ótica; Geografia Física; Física; Ciência dos Polímeros; Termodinâmica; Recursos Hídricos	Arqueologia; Ciências Sociais Biomédicas; Administração e Economia; Comunicação; Criminologia & Penologia; Estudos Culturais; Demografia; Desenvolvimento; Educação & Pesquisa Educacional; Estudos étnicos; Estudos Familiares; Geografia; Governo & Lei; Relações Internacionais; Linguística; Métodos Matemáticos em Ciências Sociais; Psicologia; Administração Pública; Questões Sociais; Outros Tópicos de Ciências Sociais; Trabalho Social; Sociologia; Estudos Urbanos; Estudos da Mulher	Acústica; Automação & Sistema de Controles; Ciência da Computação; Construção & Tecnologia da Construção; Energia & Combustíveis; Engenharia; Ciências da Imagem & Tecnologia Fotográfica; Ciência da Informação & Biblioteconomia; Instrumentos & Instrumentalização; Ciência dos Materiais; Mecânica; Metalurgia & Ciência Metalúrgica; Microscopia; Ciência Nuclear e Tecnologia; Pesquisa em Operações & Ciência da Administração; Robótica; Ciência & Outros Tópicos em Tecnologia; Espectroscopia; Telecomunicações; Transportes.

Fonte: Clarivate Analytics, tradução nossa

Para fins de pesquisa, o WoS organiza os dados de produção acadêmica escrita das áreas e das disciplinas no que chama de *core collection*, composta por uma série de índices, dos quais destacamos por se relacionarem a revistas científicas:³⁶

- *Science Citation Index Expanded* (SCI): índice multidisciplinar de periódicos das ciências, cobrindo mais de 8.300 periódicos importantes em 150 disciplinas das áreas de Ciências da Vida, Biomedicina, Ciência Física e Tecnologia. É publicado desde 1900.
- *Social Science Citation Index* (SSCI): índice multidisciplinar para as Ciências Sociais. Cobre 2.900 periódicos em 50 disciplinas da área. Também é publicado desde 1900.
- *Arts & Humanities Citation Index* (A&HCI): índice multidisciplinar que cobre 1.600 periódicos de Artes e Humanidades, além de mais de 6.000 revistas de Ciências e Ciências Sociais. É publicado desde 1975.
- *Emerging Sources Citation Index* (ESCI): lançado em 2005, conta com 7.800 títulos de todas as disciplinas. Ele abrange desde publicações internacionais de amplo escopo até aquelas que proporcionam uma área mais regional ou especializada.

Os periódicos que compõem os bancos de dados do WoS são avaliados pelo *Journal Citation Report* (JCR), publicação anual da *Clarivate Analytics* que, com base no Fator de Impacto (FI), metrifica os jornais especializados. É imperativo mencionar que o ano de 2021 foi o primeiro ano em que JCR passou a considerar os periódicos de ESCI e A&HCI em sua

³⁶ Disponível em: <https://images.webofknowledge.com/WOKRS516B3/help/pt_BR/WOK/hp_database.html> Acesso em: 24 ago. 2020.

listagem, isto significa que antes de 2021, os periódicos que constavam exclusivamente nesses índices não possuíam FI. O fato de um índice, existente desde 1975, como é o caso de A&HCI, passar a ser considerado apenas agora, quase 50 anos depois de sua criação, nos diz muita coisa acerca da assimetria das áreas de pesquisa.

A clara hierarquização das áreas não é a única questão negativa desse banco de dados. Ainda que conte com uma excelente cobertura temporal (LOPES et al., 2012), há pouco conteúdo aberto, a cobertura de periódicos da área de Ciências é muito maior do que das áreas de Humanidades e Ciências Sociais e há o privilégio de conteúdos anglo-saxônicos em sua base. Mais de 70% das revistas indexadas em WoS são escritas em inglês (CURRY; LILLIS, 2010), excluindo automaticamente grande parte da produção global feita em outro idioma.

Para avaliar os periódicos que compõem seu banco, o WoS utiliza o indicador do fator de impacto (FI), índice criado em 1955, por Eugene Garfield. O FI é baseado no número de vezes que os artigos de uma revista foram citados, dividido pelo número de artigos publicados por ela, nos últimos dois anos anteriores à avaliação:

Figura 3 – Cálculo Fator de Impacto

Fator de Impacto do periódico em 2011		
Ano	Artigos citados	Artigos publicados
2009	42	120
2010	36	120
Total	78	240

$$FI_{2011} = \frac{42 + 36}{120 + 120} = \frac{78}{240} = 0,325$$

Fonte: Site Blog do Pós Graduando

Quanto maior o fator de impacto, maior a relevância da revista para a área e, consequentemente, maior a busca em se publicar nesses periódicos para alcance de maior visibilidade (THOMAZ et al., 2011).

Todavia, existem várias limitações em torno desse cálculo, que podem levá-lo a favorecer algumas revistas e áreas em detrimento de outras. *A priori*, apesar de o cálculo considerar apenas artigos originais e de revisão, outros gêneros podem ser contabilizados para as citações; logo, revistas que publicam resenhas, cartas, editoriais, entre outros, podem ter seu fator de impacto inflacionado. Outra prática que pode favorecer alguns periódicos é a dinâmica de autocitação, tanto do autor por ele mesmo, quanto de outros artigos da revista.

Por considerar apenas os últimos dois anos, periódicos com ritmo de publicação mais acelerado também são beneficiados.

A maior problemática em torno do FI, talvez, seja a não contemplação dos diferentes modos de fazer pesquisa nas áreas e subáreas, o que, definitivamente, impacta a forma pela qual os pesquisadores escrevem (HYLAND, 2000, 2014, 2018). É o exemplo de Thomaz et al. (2011), no qual a densidade de citações (número de referências) é muito maior nas Ciências da Saúde do que nas Ciências Exatas, assim, o FI dos periódicos da primeira área costuma ser maior e mais elevado do que o da segunda. Se tomado isoladamente, alguns podem supor que as revistas de Ciências da Saúde são melhores que as de Ciências Exatas, o que, provavelmente, não é verídico.

Por muito tempo, o WoS e o fator de impacto foram a forma mais confiável de avaliação. Até o surgimento do Scopus (NASSÍ-CALÓ, 2017), da Elsevier, que se autointitula como "maior banco de dados de resumos e citações da literatura com revisão por pares: revistas científicas, livros, processos de congressos e publicações do setor". Scopus organiza o conhecimento em quatro áreas: Ciências Sociais e Humanas, Ciências da Saúde, Ciências da Vida, Ciências Físicas e Multidisciplinar.

Lopes et al. (2012) salientam que a base Scopus apresenta mais conteúdo aberto que a do WoS. Os autores pontuam que há grande cobertura da produção europeia, não apenas a anglo-saxônica, mas essa característica ainda pode ser interpretada como o privilégio do centro, já que muitos países europeus a compõem.

Um dos indicadores, utilizado tanto pelo Scopus quanto pelo WoS, é o índice-H, criado em 2005, e voltado para avaliar impacto e produtividade de pesquisas, universidades, periódicos e pesquisadores, ou seja, é um índice mais flexível do que o FI, o qual se calcula apenas para revistas. Gil e Galli (2019) afirmam que quanto maior o índice H de um pesquisador, mais artigos ele escreveu e citações recebeu. O cálculo considera o maior número (H) de artigos que um pesquisador publicou, com pelo menos o mesmo número H de citações. Utilizando o exemplo de Gil e Galli (2019, p.783), "um cientista que tenha índice H 10 significa que publicou, no mínimo, 10 artigos com 10 citações cada um."

Da mesma forma que FI, o índice H também recebe críticas. Costa et al. (2012) sublinham que pesquisadores em começo de carreira podem ser prejudicados pelo índice, porque a quantidade de artigos e de citações recebidas é algo que cresce com o tempo. Na figura abaixo, produzida pelos autores, a pesquisa conduzida pelo investigador 1 mostra-se mais relevante, em termos de impacto, porém recebe o mesmo índice H de investigador 3, esclarecendo como o índice pode ser enganoso.

Figura 4 – Exemplo de comparação entre 3 investigadores através do Índice H

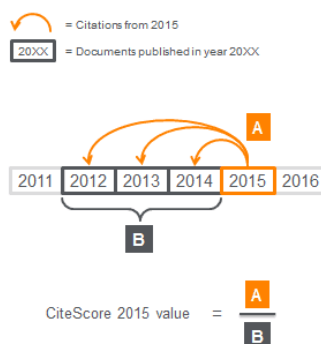
Investigador	Nº Artigos	Nº Citações	H-index
Inv. 1	1	500	1
Inv. 2	5	5	5
Inv. 3	30	1	1

Fonte: Lopes et al., 2012, p.4

No Brasil, destaca-se o Qualis para os periódicos. Dividido em oito estratos - A1, A2, B1, B2, B3, B4, B5 e C, em ordem decrescente de relevância - também se baseia na indexação da revista no WoS e Scopus para classificação nos estratos. Em resumo, o principal parâmetro dos dois índices bibliométricos listados acima é a citação, o que por si só já não é um indicativo de mérito ou qualidade de pesquisa (NASSI-CALÓ, 2017). Silva e Bianchi (2001) ilustram essa questão ao citar um trabalho sobre Quociente Intelectual (QI), desempenho escolar e influências da hereditariedade, classe social e raça que recebeu alta quantidade de citações, mas com conotações negativas e críticas.

Além do Índice H, para revistas, outras métricas também utilizadas pela base Scopus são: (i) *CiteScore*, número de citações a documentos por um jornal nos últimos quatro anos, dividido pelo número de mesmo tipo de documentos publicados nos últimos quatro anos:

Figura 5 –Cálculo CiteScore



Fonte: Biblioteca FMUSP (2010)

(ii) *Snip* (*Source Normalized Impact per Paper*): citações de itens publicados recentemente no periódico contextualizado por área do conhecimento. Uma das críticas é que o índice tende a aumentar as diferenças entre os periódicos

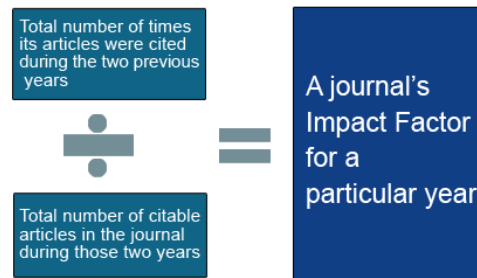
Figura 6 – Cálculo Snip

$$SNIP = \frac{\frac{\text{nº de citações recebidas no ano Y pelos artigos publicados nos 3 anos anteriores}}{\text{número de artigos publicados nos 3 anos anteriores}}}{\text{Potencial de Citação da Área de Conhecimento}}$$

Fonte: Fernandes e Salviano (2016, p.7)

(iii) JIF (*Journal Impact Factor*): média de citações recebidas por um jornal em um ano em relação aos dois anos anteriores de publicação, dividido pela soma de itens citáveis dos últimos dois anos:

Figura 7 – Cálculo JIF



Fonte: Biblioteca FMUSP (2010)

(iv) SJR (*SCImago Journal Rank*): prestígio entre jornais visto por meio da citação entre eles³⁷.

Figura 8 – Cálculo SJR

$$SJR_i = \frac{(1-d-e)}{N} + e \cdot \frac{Art_i}{\sum_{j=1}^N Art_j} + d \cdot \sum_{j=1}^N \frac{C_{ji} \cdot SJR_j}{C_j} \cdot \frac{1 - \left(\frac{\sum_{k \in \{Dangling-nodes\}} SJR_k}{\sum_{h=1}^N \sum_{k=1}^N \frac{C_{kh} \cdot SJR_k}{C_k}} \right)}{\sum_{h=1}^N \sum_{k=1}^N \frac{C_{kh} \cdot SJR_k}{C_k}} + d \cdot \left[\frac{\sum_{k \in \{Dangling-nodes\}} SJR_k}{\sum_{j=1}^N Art_j} \right] \cdot \frac{Art_i}{\sum_{j=1}^N Art_j}$$

Onde

d = constante (normalmente igual a 0,85)

e = constante (normalmente igual a 0,10)

N = número de revistas

Art_i = número de artigos publicados na revista i

C_{ji} = número de vezes em que a revista i é citada pela revista j

C_j = número de citações realizadas pela revista j

Fonte: Fernandes e Salviano (2016, p.12)

(v) Quartis

Utilizado pelo SCImago, a classificação em quartis permite a comparação de uma revista com outras dentro da sua categoria, com base no Fator de Impacto. O quartil é obtido pela divisão do número total de revistas de uma categoria por 4, permitindo a sua classificação em Q1, Q2,

³⁷ Disponível em: <<https://www.elsevier.com/authors/tools-and-resources/measuring-a-journals-impact>>. Acesso em: 24 ago. 2020.

Q3 e Q4. Se uma revista pertencer ao Q1, significa que tem um desempenho melhor do que, pelo menos, 75% das revistas dessa mesma categoria.

Outras métricas que merecem atenção são o Índice h5 e a Mediana h5, utilizados pelo Google Scholar. O primeiro é o maior número h (artigos mais citados) de um autor (ou grupo de autores), e o segundo a mediana do conjunto formado pelos números de citações dos artigos que compõem o índice h5.

Figura 9 – Cálculo Índice h5 e Mediana h5

Revista A	Nº de citações nos últimos 5 anos	Índice h5	Mediana h5
Artigo 1	3	3	4
Artigo 2	4		
Artigo 3	5		
Revista B	Nº de citações nos últimos 5 anos	Índice h5	Mediana h5
Artigo 1	10	3	12
Artigo 2	12		
Artigo 3	14		

Fonte: Fernandes e Salviano (2016, p.20)

Todos esses índices apresentados possuem vantagens e desvantagens. A principal problemática é o que Curry e Lillis (2017) chamam de *ótica da centralidade*, pois os índices são criados por países do centro e sua lógica é o autofavorecimento, ocasionando uma bolha de privilégios. Portanto, universidades, áreas e pesquisadores que adotem uma resistência maior às práticas hegemônicas serão constantemente desfavorecidos pelos bancos de dados e métricas aqui elencadas, independentemente da qualidade de suas pesquisas e impacto local, regional, nacional e/ou social. Hazelkorn (2014) aponta para as imperfeições dos indicadores de qualidade, já que, em exemplos das avaliações de universidade

qual universidade é 'melhor' depende de qual questão está sendo perguntada, quem a está perguntando e o objetivo dessa pergunta. O contexto é vital. Ainda assim, governos e instituições veem seu conteúdo para determinar prioridade nacionais e institucionais e metas baseadas em indicadores imperfeitos (HAZELKORN, 2014, p.23.)³⁸

³⁸ "Which university is "best" depends upon what question is being asked, who is asking the question, and the purpose of the question. Context is vital. Nonetheless, governments and HEIs seem content to set national and institutional priorities and targets based upon imperfect indicators." (HAZELKORN, 2014.p.23).

Em uma tentativa de regular a injusta balança desse sistema, Curry e Lillis (2010, 2017) defendem o uso de bancos alternativos. Na América Latina, destacam-se dois bancos de dados distintos: Latindex e SciELO. Latindex - Sistema Regional de Información en Línea para Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal - é um sistema de informação organizado em torno de revistas acadêmicas ibero-americanas. Atualmente, integram a sua rede de cooperação: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Equador, Espanha, Guatemala, México, Nicarágua, Panamá, Peru, Portugal, Porto Rico, República Dominicana, Uruguai e Venezuela.

A base SciELO (Scientific Electronic Library Online), criada em 1997 e financiada pela Fapesp, é uma biblioteca eletrônica que abrange uma coleção selecionada de periódicos científicos brasileiros e de outros 14 países diferentes localizados na América do Sul e Central. Inicialmente, a base foi criada apenas para periódicos da área de Medicina e, pouco tempo depois, para áreas exatas. Atualmente, indexa periódicos de todas as áreas de conhecimento.

Além de não ser um banco de dados voltado para o centro, ele disponibiliza artigos em formato de livre acesso, contribuindo para a popularização dos achados científicos, que não ficam mais restritos a apenas quem pode comprar assinaturas e artigos.³⁹ O acesso aberto pode ser feito por duas vias: a via verde, disponibilização de artigos já publicados ou aceitos para publicação, com autorização dos editores, para que os disponibilize em outras plataformas, tais como Google Scholar, Academia Edu e Research Gate⁴⁰; e a via dourada, acesso aberto aos conteúdos de um periódico favorecido pelos próprios editores (ALVES 2008). Na atualidade, o Brasil é o país líder com mais publicações científicas em acesso aberto (GUIMARÃES, 2018)

Fischman, Alperin e Willinsky (2010) explicam que a iniciativa do acesso aberto predomina na América Latina, principalmente, porque 86% das revistas costumam ser vinculadas às universidades públicas, recebendo, então, financiamento governamental. As funções de editoração e revisão, geralmente, são realizadas *pro bono*. Eles também salientam o papel da tecnologia, que permite aos periódicos o formato digital. De maneira geral, o ambiente de publicação latinoamericano não visa o lucro, o que favorece a política do acesso aberto, diferentemente das grandes editoras que monopolizam a publicação internacional e tendem, claramente, à mercantilização de todo o processo.

³⁹ Disponível em: <<https://www.scielo.br/scielo.php?lng=pt>>. Acesso em: 24 ago. 2020.

⁴⁰ Google Scholar, Academia e Research Gate são redes sociais voltadas para a criação de *networking* acadêmico.

Apesar de ser uma iniciativa louvável e promover a visibilidade de muitos trabalhos latinoamericanos que não teriam as mesmas oportunidades em bases como o WoS, por exemplo, a SciELO também tem suas fraquezas. Babini (2011) constatou que entre as 50 instituições com mais pesquisas e mais visibilidade das bases Scopus, 36 delas coincidiram com as instituições mais renomadas da base SciELO, o que seria uma prática similar a dos bancos de dados internacionais ao promover visibilidade maior sempre dos mesmos elementos.

Outra iniciativa que conta com crescente apelo e discussão é a Altmétrie (*alt*: alternativo; *metria*: medição), termo cunhado por Priem et al. (2010) para definir as métricas alternativas que surgem para responder à insatisfação com as formas tradicionais de medição do impacto científico e suprir a necessidade de novos indicadores baseados na Web 2.0, caracterizada pelas redes sociais e pelo movimento *open access*, por exemplo. (VANTI; SANZ-CASADO, 2016).

Priem et al. (2012) definem Altmétrie como:

Altmétrie é o estudo e uso de medidas de impacto com base nas atividades acadêmicas e em ferramentas e ambientes online. O termo também tem sido utilizado para descrever métricas próprias que podem ser expressas no plural [em inglês] "um conjunto de novas altmetrics". Altmétrie é, na maioria dos casos, fruto da intersecção de ambas as métricas, a Cientometria e a Webometria; sendo um subconjunto desta última que se concentra mais especificamente na influência acadêmica, medida por meio de ferramentas e ambientes em linha, mais do que na Web em geral (PRIEM et al., 2012, tradução de VANTI; SANZ-CASADO, 2016, p.352.)

Alperin (2013) afirma que as medidas altimétricas são uma alternativa que desafia a hegemonia atual que favorece ao Norte, e oferece um novo significado para o prefixo *alt*-, pesquisador alternativo, isto é, aqueles que se encontram à margem do sistema atual, que partem de ambientes e tópicos de pesquisas decoloniais.

As subseções desenvolvidas até aqui procuraram contextualizar as crenças e imposições do ambiente acadêmico atual e problematizar seus impactos. 1.4 aprofunda as práticas de publicação em si, tais como o caminho que o artigo percorre até sua disponibilização e os sujeitos envolvidos nesse processo.

2.4 “Publique ou pereça”: o artigo científico, os aliados e os guardiões

As práticas discutidas até aqui são sintetizadas pela célebre expressão “publique ou pereça”. Flowerdew e Habibie (2021) afirmam que o termo foi cunhado há aproximadamente cem anos, mas parece que vem alcançando seu auge no momento atual. As sátiras do meio acadêmico já, inclusive, modernizaram a expressão para que ela se adeque

melhor nos dias atuais: “publique em inglês ou pereça” e “publique em inglês em periódicos indexados internacionalmente ou pereça”.

Os pesquisadores (FLOWERDEW, HABIBIE, 2021) listam alguns efeitos negativos da pressão indiscriminada por publicação. Em primeiro momento, os autores citam a variação disciplinar, que faz com que alguns nichos de estudo estejam em desvantagem pelo fato de que suas pesquisas circulem entre um número menor de pessoas, além da questão de que algumas áreas conduzem pesquisas com metodologias mais longas, acarretando em publicações mais espaçadas. Um segundo aspecto é a proliferação de periódicos predatórios, os quais não adotam rigor teórico e metodológico na revisão dos artigos e vendem a ideia de publicação rápida e fácil em troca de taxas de publicação exorbitantes. Por fim, a prática de se publicar mais artigos com qualidade baixa ou média, do que se buscar a publicação de menos artigos, porém que poderiam ser completos.

Outro ponto que pode ser levantado aqui são práticas não éticas de publicação, que acabam sendo utilizadas – conscientemente ou não – para multiplicar o número de artigos publicáveis: plágio, autoplágio e *salami-slicing*, fatiamento de salame, em tradução literal, técnica que consiste em dividir resultados de pesquisa que deveriam ser publicados em um artigo, em vários manuscritos, como se fossem pesquisas independentes.

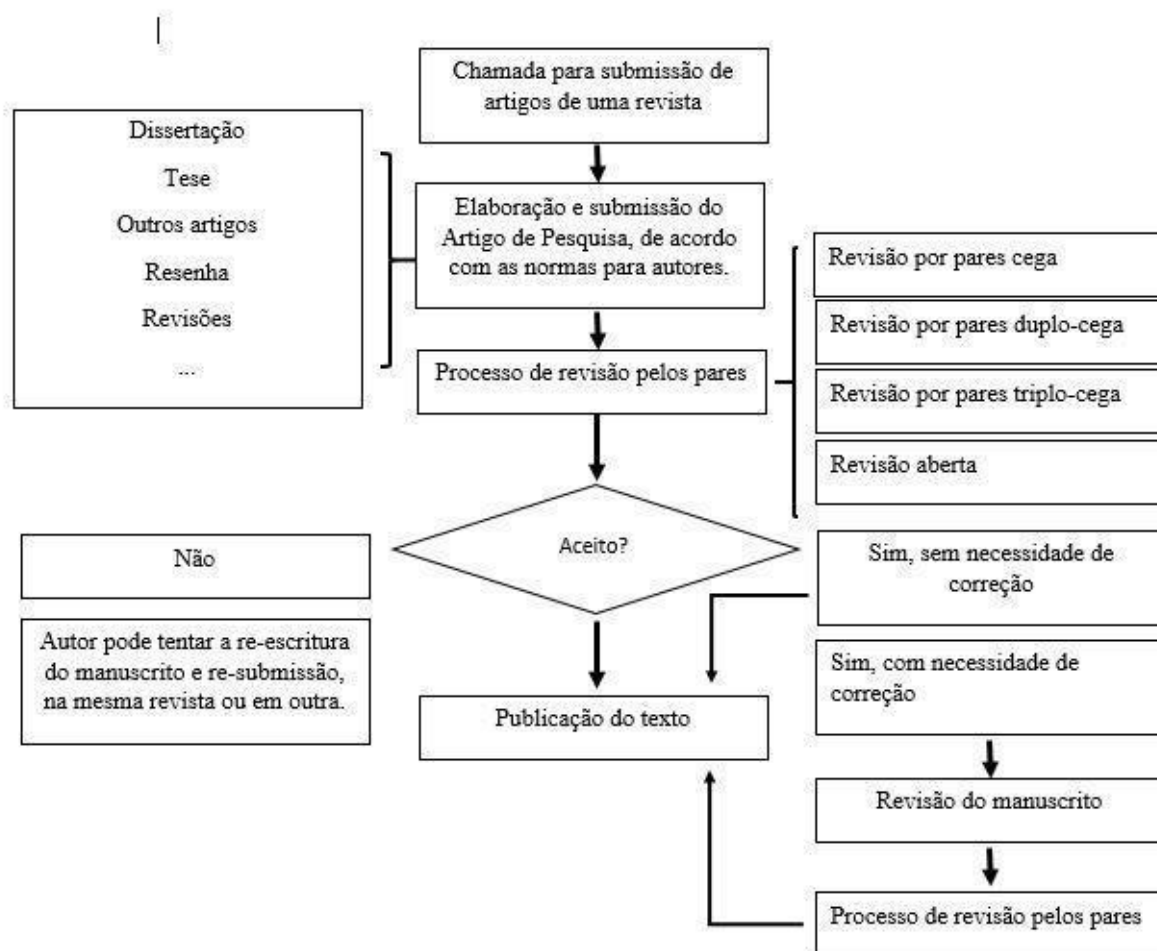
Em toda nossa revisão bibliográfica, fica explícita a relevância do gênero Artigo de Pesquisa como o balizador das práticas de publicação. Partindo de uma definição inicial de Artigo de Pesquisa, Swales (1990, p.93) afirma que ele pertence à modalidade escrita, limitado a uma quantidade de palavras que tem como propósito comunicativo principal relatar a condução, desenvolvimento e relação de uma pesquisa com outras já realizadas em sua área. É publicado em periódicos ou revistas importantes que modelam o processo de escrita orientando e exaltando certas práticas, com o intuito de manter o nível de qualidade e de padronização aceitável e esperado.

Ele também pode ser visto como “um produto final que foi especificamente moldado e negociado nos esforços do autor para obtenção de aceitação” (SWALES, 1990, p. 93)⁴¹. A ideia de produto final é retomada por Swales em 2004, quando o pesquisador esclarece que esse produto advém de um resultado de um complexo processo, que envolve meses de escrita, rascunhos, correções de coautores, colegas, pareceristas e editores. O analista também destaca a influência de outros gêneros, como apresentações de congressos, resenhas, pertencentes à rede genérica do artigo.

⁴¹ “[...] an end product that has been specifically shaped and negotiated in the author’s effort to obtain acceptance” (SWALES, 1990, p.93).

Não há dúvidas de que o artigo de pesquisa é um gênero central nas dinâmicas da academia, principalmente porque sua publicação é a prova de que a pesquisa relacionada a ele foi julgada adequada pelo crivo exigente dos pares. Como gênero central, a cadeia genérica, grosso modo, a sucessão de eventos comunicativos e outros gêneros que antecedem a publicação desse, é complexa, conforme ilustrado pela figura 11:

Figura 11 — Cadeia de publicação do gênero artigo científico



Fonte: Swales (1990, p.), tradução nossa.

O primeiro passo na cadeia genérica para publicação do gênero artigo de pesquisa é a abertura de uma chamada para submissão de artigos em algum periódico de interesse do pesquisador. A escrita do artigo precisa seguir o guia para autores, isto é, os pré-requisitos definidos pela revista no que se refere à extensão do manuscrito, seções apresentadas, formatação, referência bibliográficas, escopo de pesquisa, entre outros.

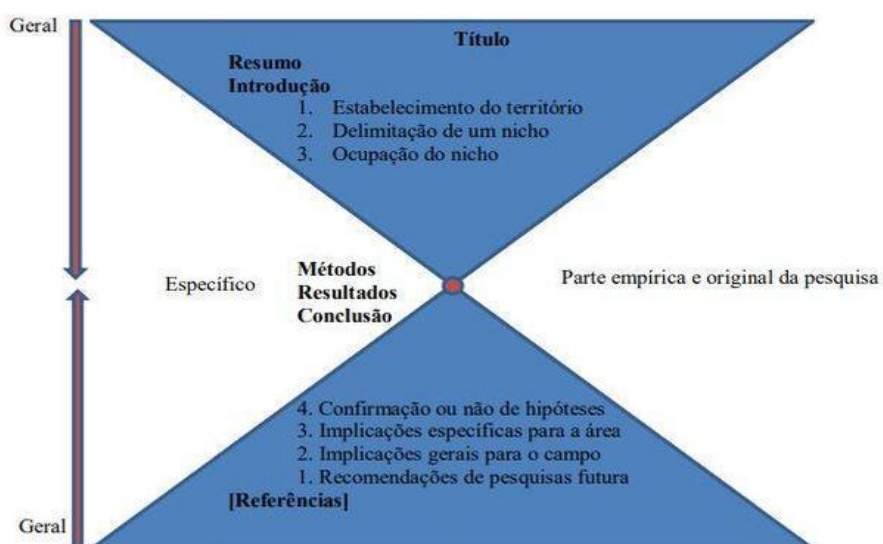
Para a elaboração do manuscrito, ativa-se o que Swales (2004) nomeia de **rede de gêneros**, definida como "a totalidade de gêneros disponíveis para um setor particular (como o

mundo de pesquisa) em um dado momento sincrônico." Gil (2014) explica que a proposta da rede de gêneros é observar como um gênero se relaciona constitutivamente com outros, ou seja, como um gênero foi criado pela transformação de gêneros anteriores a eles. Bazerman (1983), por exemplo, mostra que o artigo de pesquisa tal como o conhecemos hoje foi uma evolução de cartas trocadas por pesquisadores a fim de discutir ideias e pesquisas científicas, mostrando a rede entre o gênero carta e o gênero artigo de pesquisa.

Fazem parte da rede de gêneros do mundo de pesquisa não só o artigo de pesquisa, mas outros, como dissertações, teses, resenhas, apresentações de congressos, resumos, entre outros. O artigo de pesquisa não surge sem um gênero prévio, podendo derivar de uma dissertação de mestrado ou ainda de uma apresentação em um seminário, de forma que, para sua materialização, é essencial a rede de gêneros da qual faz parte.

Em relação a sua macroestrutura, Swales (1990) explicita o formato IMRD - Introdução, Metodologia, Resultados e Discussão, comparando seu formato com o de uma ampulheta, já que o manuscrito se inicia em um território amplo, afunilando-se para a ocupação de um nicho com seus objetivos específicos, procedimento e resultados, e partindo dos achados específicos alarga-se novamente para tecer as implicações das descobertas para a área:

Figura 10 – Organização retórica do artigo científico



Fonte: Swales (1990) tradução de Gil (2014, p.81)

A origem dessa organização remonta à adoção do método científico, nos séculos XVII e XVIII, com o Iluminismo. Flowerdew e Habibie (2021) explicam que antes do Iluminismo,

o conhecimento era advindo de uma autoridade, geralmente a Igreja ou a Nobreza. Com as mudanças sociais provocadas pelo Iluminismo, o método científico passa a se consolidar como a forma de produção de conhecimento. Esse processo envolvia a criação de hipóteses, previsões baseadas nessas hipóteses e a testagem das hipóteses por meio de experimentos. Essa sequência pode ser resumida em Pergunta de pesquisa -> Hipótese -> Predição -> Experimento -> Análise. Esse raciocínio persiste até hoje e precede a estrutura padrão do artigo de pesquisa como conhecemos hoje: Introdução (apresentação das perguntas e hipóteses de pesquisa -> Métodos -> Resultado -> Discussão, em outras palavras, a estrutura do artigo de pesquisa reflete as etapas seguidas na condução da pesquisa em si.

Todavia, há evidências de que essa estrutura pode não representar todas as manifestações do gênero, conforme sinalizado por Swales (1990). Um exemplo disso é o que ocorre no corpus de 30 artigos vindos da Matemática, de Graves et al. (2013), o qual apontou para a estrutura Introdução, Introdução Complementar (terminologia específica, descrição do problema, revisão de pesquisas prévias), Resultados e Conclusão, sem as seções de Metodologia e Discussão. Os autores justificam a variação da estrutura em função da epistemologia e da cultura disciplinar dessa área que parte do estabelecimento de metodologia de pesquisa presumida, a natureza complexa dos conceitos matemáticos manipulados, do domínio do formalismo na área e da poderosa presença da lógica na disciplina.

A influência disciplinar é o que Adler-Kassner e Wardle (2016) nomeiam como um dos conceitos base para entender sobre a escrita. As autoras organizaram um volume dedicado a nomear vários conceitos base para pensar e estudar a escrita. No livro, Lerner (2016, p. 40) advoga que:

A reivindicação central desse conceito base [escrever é uma forma de representar a disciplinaridade] é que as disciplinas moldam – e, em retorno, também são moldadas – escrita que os membros dessas disciplinas fazem. Em resumo, a relação entre construir conhecimento disciplinar e as formas que a escrita e outras práticas comunicativas criam e comunicam esse conhecimento é o cerne do que define as disciplinas.⁴²

Na mesma direção, Becher e Trowler (2001) defendem que a forma pela qual os diferentes grupos acadêmicos se engajam com suas atividades profissionais está diretamente relacionada com as atividades intelectuais que desempenham. O recorte de interesse que fazem do mundo, a maneira pela qual veem e refletem sobre esse recorte e a forma pela qual

⁴² “The central claim of this threshold concept is that disciplines shape—and in turn are shaped by—the writing that members of those disciplines do. In sum, the relationship between disciplinary knowledge making and the ways writing and other communicative practices create and communicate that knowledge are at the heart of what defines particular disciplines” (LERNER, 2016, p.40).

se desenvolvem são fatores cruciais na construção das disciplinas, suas práticas sociais, valores, atitudes e coerência ao longo do tempo e dos lugares. A comunicação científica reflete as características do campo de pesquisa na qual se inserem, assim como as características da comunidade de pesquisa.

Hyland (2002, 2004, 2011) explica que as Ciências Humanas e Sociais, por exemplo, são mais interpretativas e influenciadas por fatores contextuais. Como há uma diversidade nos resultados de pesquisa e diversos pontos de vista sobre o mesmo objeto, há uma necessidade de promover uma dialogicidade, por meio do reconhecimento de outras vozes. Há um esforço mais pronunciado em estabelecer credibilidade e criar um entendimento com os leitores.

Já nas Engenharias e Ciências Exatas, a crença é de que o texto e os fatos devem falar por si só, levando os autores a privilegiar uma objetividade linguística, desconsiderando posicionamentos mais interpretativos. Hyland (2011) também aponta que, nessa área, os pesquisadores estão mais familiarizados com pesquisas e textos anteriores, além de dividirem um conhecimento partilhado maior e se calcarem nos mesmos métodos, não sendo necessário, portanto, um forte elemento interpessoal. Predomina uma visão mais impessoal e indutiva da ciência, uma visão que mostra o cientista “descobrimdo” a verdade e não a construindo.

As vizinhanças disciplinares – relações de proximidade com outras disciplinas do conhecimento no fazer científico - também influenciam na constituição do gênero (GIL, 2014; GIL; ARANHA, 2017; GIL, 2021). Gil (2021) afirma que todas as disciplinas são heterogêneas em sua natureza, porque são orientadas por mais de uma teoria, uma metodologia e uma forma de fazer pesquisa. As Humanidades, em especial, possuem fronteiras permeáveis e osmóticas, permitindo trocas mais intensas com o que está ao seu redor e isso se reflete na materialização da escrita, que pode se adequar mais à organização de sua vizinhança disciplinar do que às características da própria área.

Para exemplificar, Gil e Aranha (2017), ao analisar um corpus de 24 *abstracts* da subárea de Antropologia, observam que a estrutura retórica e o uso de recursos interacionais (HYLAND, 2004) foram diferentes nos dois periódicos analisados. As autoras defendem que essas diferenças foram originadas devido às diferentes fronteiras disciplinares ocupadas pelos dois periódicos. Um deles – Antropologia Social – em intersecção com outras disciplinas de Ciências Humanas, e o outro – Antropologia Física – em vizinhança com disciplinas de Ciências Biológicas.

Após a escrita do artigo, adequado à estrutura, conteúdo e recursos linguísticos da área de especialidade e periódico de interesse, parte-se para o processo de revisão pelos pares e outros gêneros associados a esse momento. O Processo de Revisão desempenha papel crucial

na dinâmica de publicação (BELCHER, 2007; ENGLANDER; LOPEZ-BONILLA, 2011; THARIRIAN; SADRI, 2013; PALTRIDGE, 2017; FALKENBURG; SORANNO, 2018; YAKOHNTOVA, 2019; entre outros), já que é por meio dele que o trabalho científico é aceito e validado por pesquisadores especialista e, como extensão, pela comunidade (PALTRIDGE, 2017).

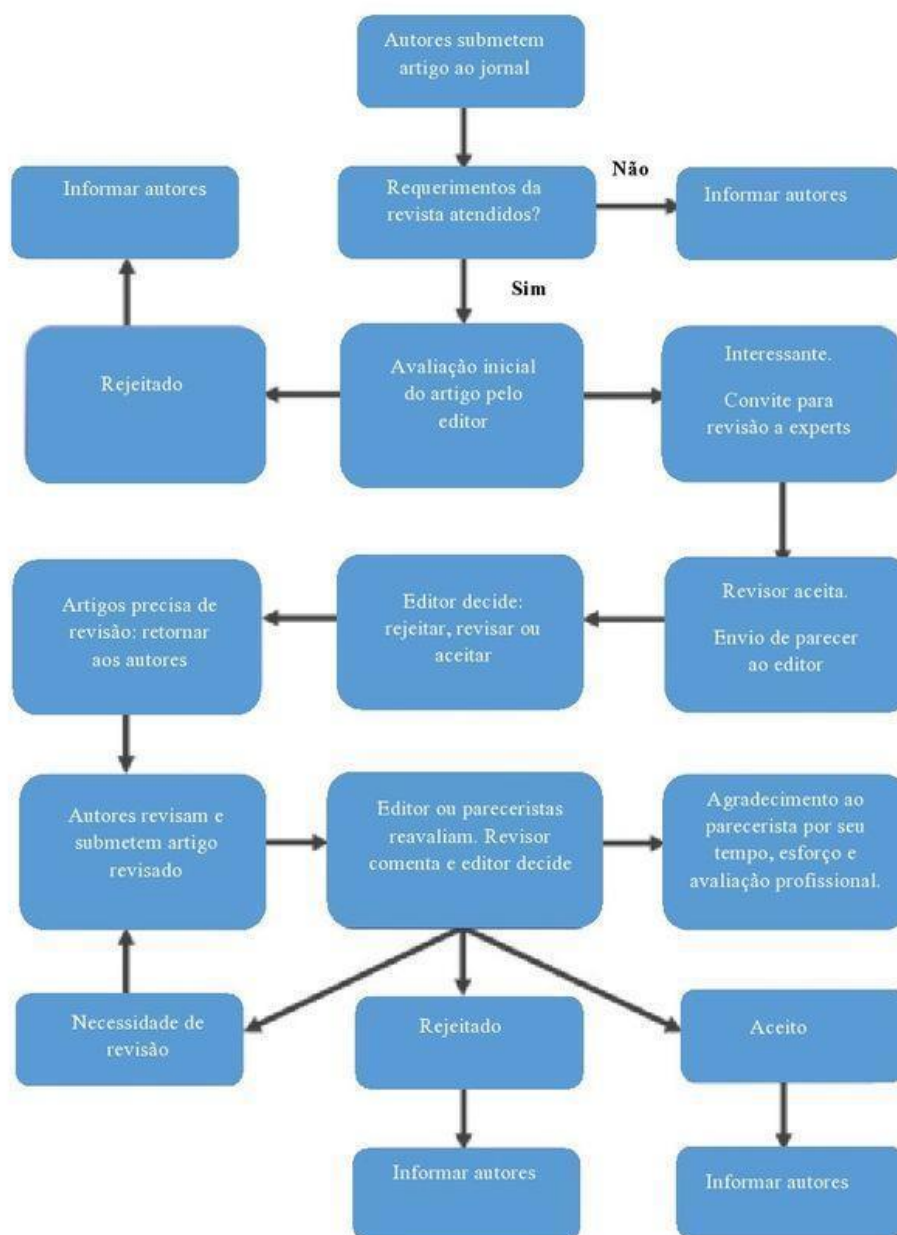
A revisão pelos pares faz parte das dinâmicas do contexto acadêmico há mais de 300 anos, quando a Sociedade Real de Edinburgh e a Sociedade Real de Londres começaram a consultar seus membros a respeito das publicações de suas revistas (PALTRIDGE, 2017). O processo de revisão de pares é reconhecidamente relevante para as dinâmicas acadêmicas. Uma pesquisa conduzida, em 2015, pela Mark Ware Consulting, aponta que a maioria dos entrevistados apoia a prática e acredita que sem ela a academia perderia seu rigor.

Porém muitas críticas são levantadas a respeito da condução do processo, tais como a morosidade do processo, a possibilidade de os pareceristas compartilharem interesses semelhantes de pesquisa e atrasarem a publicação do artigo para publicarem os achados antes ou, até mesmo, apropriação de ideias, rudeza desnecessária por parte dos pareceristas e revisões muito superficiais (ELSEVIER; PEER REVIEW SURVEY, 2016).

A figura 11, disponibilizada pela Elsevier⁴³, detalha as etapas da revisão dos pares:

⁴³Disponível em: <<https://www.elsevier.com/reviewers/what-is-peer-review>>. Acesso em: 24 out. 2021.

Figura 11 – Processo de revisão pelos pares



Fonte: Site Elsevier (tradução nossa)

Diferentemente da cadeia genérica envolvida na escrita e publicação do gênero Artigo de Pesquisa, vê-se que essa relação é composta, prioritariamente, por gêneros oclusos, ou seja, gêneros pertencentes ao processo de publicação em si ou, indiretamente, compondo os processos administrativos acadêmicos, são gêneros “escondidos, ‘fora da vista’, ‘oclusos’ do olhar público por um véu de confidencialidade” (SWALES, 1996, p. 42)⁴⁴. São exemplos as

⁴⁴ “[...] hidden, ‘out of sight’ or ‘occluded’ from the public gaze by a veil of confidentiality.” (SWALES, 1996, p. 42).

correspondências entre editor-autor-parecerista e o aceite ou recusa recebido pelos autores, desempenhado pelo gênero parecer.

Pode-se notar que o processo de revisão pode ser extenso a depender das indicações dos pareceristas sobre a necessidade de correções ou não do artigo, podendo levar ao que Belcher sintetiza (2007, p.11) na situação de "paciência do revisor e persistência do autor"⁴⁵. Há quatro resultados possíveis na revisão de um manuscrito:

- Aceito, sem necessidade de correções: ocorre quando os pareceristas não projetam nenhum empecilho para publicação do texto, não sendo necessária nenhuma alteração;
- Aceito, com correções mínimas: são necessárias poucas alterações de língua, conteúdo, entre outros, geralmente, em locais pontuais do texto;
- Aceito, com correções extensas: são necessárias correções mais longas e demoradas, tanto pontuais (como gramática e formatação) quanto gerais (estrutura, aprofundamento de conteúdo, revisão de literatura);
- Rejeitado: o manuscrito é rejeitado devido a problemas de desenvolvimento, conteúdo, escopo, entre outros.

No que tange à confidencialidade da identidade dos indivíduos envolvidos, esse processo pode ser conduzido de maneiras diferentes:

- Revisão cega: o nome dos pareceristas não é revelado ao autor. De acordo Elsevier, é o método mais tradicional e comum. Alguns pontos de discussão sobre esse tipo de revisão é a possível parcialidade que os pareceristas podem adotar ao conhecer o nome do autor, a preocupação dos autores de que os pareceristas possam atrasar o aceite do texto para que publiquem resultados parecidos primeiro e a prática de críticas demasiadas e/ou rudes por parte dos pareceristas, uma vez que sua identidade é sigilosa.
- Revisão duplo-cega: pareceristas e autores não são identificados. Como pontos a se considerar, podem-se citar a eliminação de possíveis preconceitos por parte do revisor em relação à nacionalidade, gênero, entre outros ou favorecimentos devido à reputação dos autores, ainda que haja a possibilidade de o parecerista reconhecer o autor com base em estilo da escrita, escopo da pesquisa ou autocitação.
- Revisão triplo-cega: pareceristas são anônimos e a identidade do autor é sigilosa para o revisor e para o editor.

⁴⁵“reviewer patience and author persistence” (Belcher, 2007, p. 11).

- Revisão aberta: a identidade de revisor e autor é conhecida por ambos. Esse tipo de revisão é visto por alguns como a melhor maneira de prevenir rudezas desnecessárias, plágio e segundos interesses de pareceristas no aceite ou recusa do manuscrito. Por outros, é considerado uma forma não adequada, pois pareceristas podem ser menos críticos que o necessário por medo de retribuição/retaliação. É uma modalidade bastante recente e, por isso, carrega muitas polêmicas em torno de sua aceitação.

No Brasil, a revista de Linguística Abralín passou a adotar a revisão aberta a partir de 2019, como uma das iniciativas de fomento ao movimento Ciência Aberta (*Open Science*). A revista defende que essa forma de avaliação mostra o amadurecimento da área, bem como os *preprints*, em tradução livre, pré-publicação, outra prática de disseminação científica que vem se popularizando (NASSI-CALÒ, 2017). O *preprint* é uma forma de divulgar um artigo que ainda não foi submetido a revisão pelos pares de um periódico científico. Ele é divulgado em plataformas específicas para isso como bioRxiv, para a área de Biologia, ChemRxiv (Química), PsyArXiv (Psicologia) e SocArXiv (Ciências Sociais). A prática permite a comunicação e agilidade na troca de informações, permitindo que o manuscrito receba comentários de vários pesquisadores. Recebe a titularidade da ideia, aquele artigo com a data mais antiga de publicação.

No que diz respeito à apresentação da crítica do texto, Belcher (2007), no estudo de pareceres recebidos tanto por pesquisadores nativos quanto não nativos de língua inglesa que submeteram artigos para a renomada *English for Specific Purposes*, divide os comentários encontrados em nove categorias: (i) audiência, (ii) tópico, (iii) pergunta de pesquisa, (iv) métodos, (v) resultados, (vi) revisão de literatura, (vii) discussão, (viii) língua e (ix) implicações pedagógicas.

A quantificação de seus resultados mostra que a maioria dos comentários das avaliações se concentra nos aspectos negativos do texto, em especial a respeito de língua, tanto em textos de nativos quanto de não nativos. Os únicos tópicos que fogem a essa regra, desenvolvendo-se por comentários positivos, foram audiência e tópico.

O jogo da avaliação de artigos, metaforicamente, é performizado por três tipos de jogadores diferentes: editores, pareceristas e autores. Esses jogadores podem assumir duas funções diferentes na partida: *gatekeepers* e *brokers*. Editores e pareceristas desempenham a função de *gatekeepers*, em tradução literal, *porteiros*, isto é, são eles que decidem quais artigos são interessantes o suficiente para serem publicados em determinada revista, barrando aqueles que consideram inferiores em termos teóricos, linguísticos e/ou metodológicos

(CURRY; LILLIS, 2010; ENGLANDER; LOPEZ-BONILLA, 2011; ENGLANDER, 2014; ENGLANDER E CORCORAN, 2019; FLOWERDEW E HABIBBIE, 2021, entre outros)

Apesar de os pareceristas assumirem naturalmente a posição de *gatekeepers*, Englander e López-Bonilla (2011), ao analisarem pareceres recebidos por pesquisadores mexicanos, observaram, a partir dos comentários feitos pelos pareceristas, dois papéis diferentes desempenhados por eles:

- (i) aliados: quando as cientistas perceberam que pareceristas e autores partilhavam das mesmas crenças sobre fazer pesquisa que os pareceristas, estes assumiram o papel de aliados, no sentido de ajudarem os autores a adquirirem os recursos necessários para melhorarem os artigos;
- (ii) guardiões da disciplina: em oposição aos aliados, os guardiões foram identificados quando as crenças dos pareceristas sobre o saber científicos pareciam diferir dos autores, fazendo assim com que as questões linguísticas fossem enfatizadas, em detrimento de sugestões de melhoria no texto,

O segundo posicionamento assumido pelos cientistas, voltado não para impedir a publicação, mas sim para driblar esse panorama desfavorável, é o de *brokers*, ou seja, as parcerias de pesquisa, o *networking* (CURRY E LILLIS, 2010). Essas parcerias funcionam como capital social, já que operam por meio da relação e da reciprocidade entre acadêmicos.

Vilan Filho (2010) defende a existência de dois tipos de colaboração de pesquisa: a intranacional, pesquisadores de um mesmo país, e a internacional, pesquisadores de países diferentes. Essa colaboração pode ter níveis distintos, a depender dos elementos envolvidos nela, conforme quadro descritivo abaixo:

Quadro 1 – Níveis de colaboração

	Intra	Inter
Indivíduo	-	Entre indivíduos
Grupo	Entre indivíduos de mesmo grupo de pesquisa	Entre grupos no mesmo departamento
Departamento	Entre indivíduos ou grupos no mesmo departamento	Entre departamentos na mesma instituição
Instituição	Entre indivíduos ou dep. na mesma instituição	Entre instituições
Setor	Entre instituições de mesmo setor	Entre instituições de setores diferentes
Nação	Entre instituições de mesmo país	Entre instituições de países diferentes

Fonte: Vilan Filho (2010, p.36)

O autor também elenca que há diversos benefícios na prática de colaboração, tais como o compartilhamento de conhecimentos; confronto de ideias que leva a novas perspectivas e caminhos; o aumento da visibilidade e, potencialmente, do impacto do trabalho; e o companherismo intelectual. Curry e Lillis (2010) defendem que a *network*

facilita o acesso de pesquisadores às práticas de publicação, principalmente se considerarmos pesquisadores iniciantes ou não-nativos. No que tange às redes de pesquisa de coautoria internacionais, especialmente quando são assimétricas, isto é, são compostas de pesquisadores do Norte e do Sul, algumas problematizações emergem.

Codato, Madeira e Bitencourt (2020), em investigação sobre a cientometria dos artigos de Ciência Política, na América Latina, observam que as relações de coautoria da área se dão mais no eixo Norte-Sul, do que no Sul-Sul, indicando que o critério geopolítico é mais relevante na escolha de parceria de pesquisa do que o geográfico, mesmo que esses cientistas trabalhem em um mesmo tópico, empregando o mesmo método.

Guzmán-Valenzuela (2017) reflete sobre em que proporção as publicações em coautoria entre Norte-Sul são colaborativas, no sentido de que ambos os pesquisadores ganham com a parceria – os cientistas do Norte tomam parte em publicações com caráter mais internacionalizado, e os do Sul engajam com colegas do outro hemisfério - ou promovem relação de dependência. Em sua pesquisa, ela nota que, no corpus analisado, muitos estudos foram conduzidos no Norte por pesquisadores do Sul. Ela explica também a tendência desses pesquisadores latinoamericanos se apoiarem em teorias do Norte, validando o conhecimento convencional, do *mainstream*. A partir disso, a pesquisadora chama a atenção para a necessidade de um conhecimento do Sul para o Sul.

Outra questão dentro das relações de coautoria é a influências das áreas de conhecimento. Flowerdew e Habibie (2021) apontam que os artigos das Ciências Experimentais contam com uma média de nove autores, contra três das áreas de Física e Ciências da Computação. Nas Ciências Sociais, esse número cai para dois autores, sendo a publicação solo ainda a mais comum.

Discutidas as bases teóricas que fundamentam esta pesquisa, o Capítulo 3 apresenta a Fase-I, análise contextual das práticas, motivos, necessidade e estratégias dos pesquisadores brasileiros de Ciências Humanas, Linguística, Letras e Artes frente às práticas de publicação de artigos científicos.

3 FASE-I: ANÁLISE CONTEXTUAL

Flowerdew e Habibbie (2021) esclarecem que a metodologia de pesquisa em ERPP inclui tanto métodos quantitativos quanto qualitativos, incluindo questionários, entrevistas, estudos de caso, análise de conteúdo, análise de gênero, para citar alguns exemplos, já que este é “um campo eclético, aberto para qualquer método”⁴⁶ (p. 3).

Muitos dos estudos resenhados no capítulo anterior caracterizam-se por descreverem a experiência e as práticas em publicações de um grupo ou instituição por meio de análises textuais e métodos etnográficos empregados no sentido de promover *thick description* ou descrição densa, conforme descrito por Geertz (1989) e Creswell e Miller (2000).

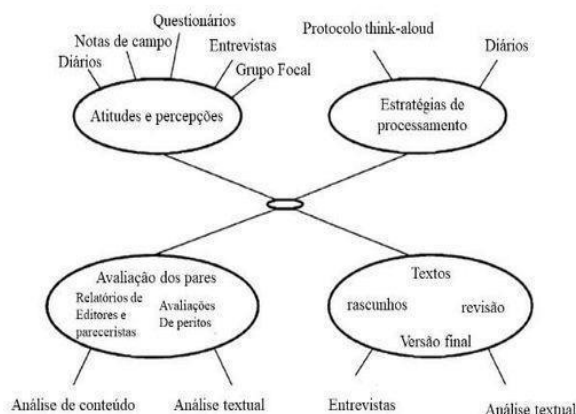
Independentemente da teoria ou do método escolhido, a descrição densa permite que o contexto, os participantes e os temas de uma pesquisa sejam pormenorizados com maior riqueza de detalhes possível e por múltiplos meios, conferindo credibilidade ao estudo e permitindo ao leitor ver a aplicabilidade de uma pesquisa em outras situações e contextos similares (CRESWELL; MILLER, 2000).

Na tentativa de promover a descrição densa de nosso contexto de pesquisa, foi necessário o emprego de métodos variados para que fosse possível “ver o elefante o máximo possível, como o ditado diz, ao invés de apenas uma parte dele” (BHATIA, 2015, p. iii). Para tal fim, as considerações de Flowerdew (2005, p. 68), sobre abordagem multi-método para pesquisas em ERPP, moldaram esta metodologia.

Flowerdew (2013) pondera que as pesquisas em ERPP são motivadas por “problemas”, e para abordá-los propõe quatro focos de investigação. O primeiro foco do autor são as *Atitudes e Percepções*, isto é, o que os pesquisadores pensam sobre o processo de escrita para publicação, sendo os métodos mais comuns para tal fim questionários e entrevistas. O segundo foco - *Estratégias de processamento* – visa a investigação do pensamento dos escritores no momento de escrita, normalmente investigados por meio de diários. O terceiro foco - *Avaliação dos pares* - volta-se para a obtenção e análise de documentos, utilizados por pareceristas e editores no processo de revisão de manuscritos. Por fim, o quarto foco - *Textos* - preocupa-se com a análise de diferentes gêneros textuais e versões de textos escritas pelos acadêmicos.

⁴⁶ “as an eclectic field, it is open to any method.” (FLOWERDEW; HABIBIE, 2021, p.3).

Figura 12 — Abordagem multi-método



Fonte: Flowerdew, 2005, p. 68 (tradução nossa)

Dentre os quatro focos descritos por Flowerdew (2005), o projeto BRAPuH enfoca as *Atitudes e Percepções*, por meio do Questionário Inicial, na Fase-I, e do Questionário da Fase-II, e nos *Textos*, com as análises de documentos e dados governamentais também na Fase-II.

3.1 A Metodologia da Fase-I

O uso de questionário, via internet, foi eleito como instrumento de coleta de dados para a análise contextual das práticas de publicação de pesquisa dos pesquisadores brasileiros das áreas de Ciências Humanas e de Linguística, Letras e Artes. Questionários são “qualquer instrumento escrito que apresenta aos respondentes uma série de perguntas ou afirmações as quais os sujeitos devem reagir seja para escrever ou para selecionar respostas existentes” (BROWN, 2001, p. 6 *apud* DÖRNYEI, 2003, p. 6)⁴⁷.

Dörnyei (2003) afirma que a popularidade dos questionários se dá pela capacidade que têm de reunir grande quantidade de informações de forma rápida e que, no campo de pesquisas em linguagens, é o segundo instrumento mais utilizado para coleta de dados. O questionário é um instrumento de pesquisa que pode ser aplicado de diferentes formas - via e-mail, telefone, correspondência (GRAY, 2009; MILLAR; DILLMAN, 2011). Para Gray (2009), o principal benefício do uso de questionários em pesquisa é permitir o acesso a um

⁴⁷ "Questionnaires are any written instruments that present respondents with a series of questions or statements to which they are to react either by writing out their answers or selecting from among existing answers" (BROWN, 2001, p. 6 *apud* DÖRNYEI, 2003, p. 6).

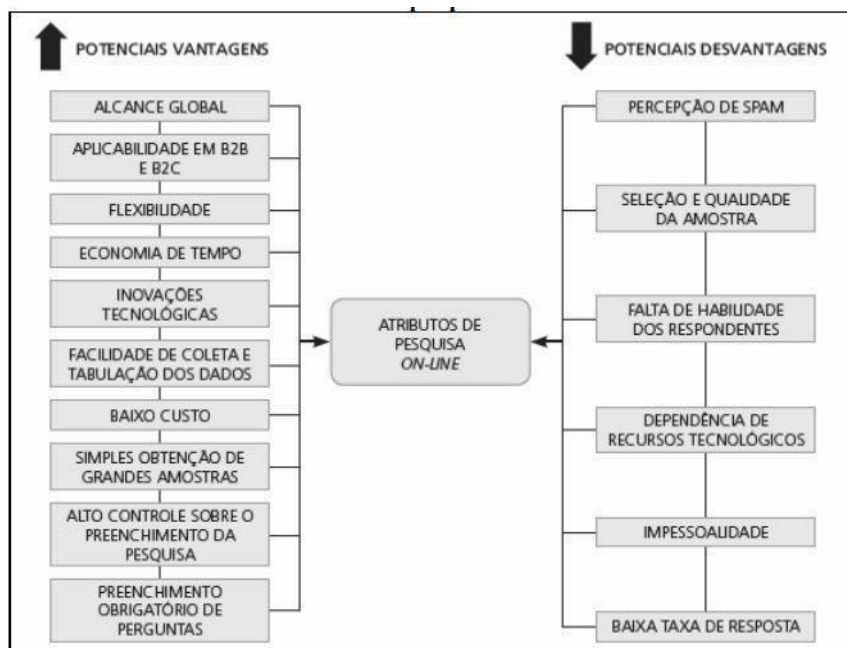
grande número de participantes, distribuídos em diferentes localidades, de forma rápida e com baixo custo.

Segundo Aaker et al. (2007), os questionários podem ser enviados quantas vezes forem necessárias, com maior velocidade no envio das perguntas e no recebimento das respostas. Gonçalves (2008) advoga sobre sua flexibilidade, considerando que podem ser respondidos de acordo com a conveniência e tempo do entrevistado. Outro benefício, do ponto de vista do pesquisador, seria a tabulação automática dos resultados, diminuindo chances de erros e transformando as respostas, automaticamente, em banco de dados.

Outros pontos na aplicação de questionários, porém, podem ser vistos como problemáticos. Primeiramente, há a possibilidade de a aplicação não cobrir demograficamente todos os participantes, já que alguns podem não ter acesso à internet ou não saber usá-la para tais fins (GRAY, 2009; MILLAR; DILLMAN, 2011). Stern et al. (2014) notam que nos EUA, por exemplo, é comum muitas pessoas terem apenas celular, e não computadores, o que dificulta a participação em pesquisas. Os autores também ponderam a respeito da impossibilidade de se saber, de fato, quantas pessoas receberam a pesquisa, devido ao grande número de bloqueadores de e-mail, redirecionadores de spam e lixo eletrônico, entre outros.

A soma de todos esses contras acarreta em uma baixa taxa de resposta, quando comparado com outras formas de contato, normalmente de 5% a 20% do universo de pesquisa (GRAY, 2009), com maiores chances de ficarem na casa de um dígito (DILMAN et al., 2014). Em resumo, os prós e contras são:

Figura 13 — Questionário on-line: prós e contras



Fonte: Gonçalves, 2008, p. 74

Interpretamos também como um benefício do questionário a possibilidade de que se investiguem, a partir deles, diferentes tipos de perguntas. Döneyi (2003) coloca que é possível criar questões *factuais*, utilizadas para descobrir quem é o participante (ex: idade, gênero, ocupação, entre outros); *questões comportamentais*, ações, estilo de vida, hábitos, história, em outras palavras, as ações conduzidas pelo sujeito; e *questões atitudinais*, voltadas para descobrir o que as pessoas pensam, acreditam e valorizam.

Considerando o perfil dos sujeitos convidados a responder o questionário, os benefícios para o uso deste instrumento foram maiores. Inicialmente, não haveria outra forma possível de contato, uma vez que estão espalhados por todas as regiões do país. Além disso, pesquisadores compõem o perfil de nossos convidados (cf. 2.1.3), por isso se desconsidera a limitação descrita pela falta de acesso à internet e computador ou de desconhecimento sobre como responder a pesquisa já que se sabe que o uso de ferramentas tecnológicas e o acesso à internet configuram parte da dinâmica diária dos participantes.

As subseções, a seguir, descrevem o processo de criação e disponibilização do questionário.

3.1.1 A estratificação do conhecimento pela Capes

Cada país, universidade, plataforma de dados de pesquisa organiza e classifica a pesquisa de formas distintas. A subárea de Antropologia, por exemplo, para a Capes, é

integrante das Ciências Humanas, enquanto para o WoS, das Ciências Sociais. Também há mudanças na terminologia, enquanto as instituições internacionais utilizam-se dos termos área e disciplina, no Brasil, agrupam-se os conhecimentos em áreas, subáreas e especialidades.

Como partimos do contexto de pesquisa brasileiro, e para evitar confusão terminológica, a organização proposta pela Capes para as áreas de conhecimento foi utilizada como referência. Nela, primeiro, agrupam-se os conhecimentos em 3 colégios: (i) Colégio de Ciências da Vida; (ii) Colégio de Ciências Exatas, Tecnológicas e Multidisciplinar; e (iii) Colégio de Humanidades. Depois, cada colégio subdivide-se em níveis, do mais abrangente ao mais específico, seguindo a ordem Grande área - Área de Conhecimento - Subárea - Especialidade.

A figura 14, fornecida pela Capes⁴⁸, organiza a hierarquia descrita, na qual o título em azul corresponde às grandes áreas, o subtítulo em vermelho às áreas do conhecimento, o tópico em negrito refere-se à subárea e, por fim, a lista que se segue traz as especialidades.

Figura 14 — Níveis de hierarquização do conhecimento

80000002	LINGÜÍSTICA, LETRAS E ARTES
	ÁREA DE AVALIAÇÃO: LETRAS / LINGÜÍSTICA
80100007	LINGÜÍSTICA
80101003	TEORIA E ANÁLISE LINGÜÍSTICA
80102000	FISIOLOGIA DA LINGUAGEM
80103006	LINGÜÍSTICA HISTÓRICA
80104002	SOCIOLINGÜÍSTICA E DIALETOLÓGIA
80105009	PSICOLINGÜÍSTICA
80106005	LINGÜÍSTICA APLICADA

Fonte: Capes, 2017

O Colégio de Humanidades, em específico, subdivide-se em três grandes áreas: (i) Ciências Humanas, (ii) Ciências Sociais, (iii) Letras, Linguística e Artes. Nesta pesquisa, as grandes áreas de Ciências Humanas e Linguística, Letras e Artes foram definidas como recorte. Essas grandes áreas organizam-se em 11 áreas básicas, 13 subáreas e 212 especialidades, a saber:

Quadro 2 — Divisão das grandes áreas de Ciências Humanas e Linguística, Letras e Artes

⁴⁸A tabela completa está disponível em: <https://www.capes.gov.br/images/documentos/documentos_diversos_2017/TabelaAreasConhecimento_072012_atualizada_2017_v2.pdf>. Acesso em: 15 out. 2019.

Grande Área	Área Básica	Subárea	Especialidade
Ciências Humanas	Arqueologia/Antropologia	Antropologia	5
		Arqueologia	13
	Ciência Política e Relações Internacionais	Ciência Política	26
	Educação	Educação	33
	Filosofia	Filosofia	6
	Geografia	Geografia	10
	História	História	12
	Psicologia	Psicologia	45
	Sociologia	Sociologia	9
	Teologia	Teologia	4
Linguística, Letras e Artes	Letras/Linguística	Letras	10
		Linguística	6
	Artes	Artes	33

Fonte: Elaborado pela autora com base na tabela das áreas de conhecimento da Capes

Em comparativo com as áreas consideradas no WoS, a diferença de recorte das áreas fica evidente. A maioria das subáreas de Ciências Humanas, Linguística, Letras e Artes, da Capes, constituem as Ciências Sociais, do WoS (Arqueologia, Ciência Política, Educação, Histórica, Linguística, Psicologia, Sociologia). São Ciências Humanas e Artes, em WoS, apenas Artes, Filosofia, Teologia e Literatura. Antropologia pertence à área de Ciências da Vida, enquanto Geografia consta tanto em Ciências Sociais quanto em Ciências Físicas, a depender da especialidade. Pode parecer uma diferença banal, mas é fundamental considerar essas diferenças nas metodologias de pesquisa; afinal, se considerarmos apenas as áreas, sem a atenção ao que as constituem, estaremos comparando o incomparável.

Para estruturação da pesquisa, foram considerados os níveis das áreas e das subáreas. O nível da grande área não foi considerado devido a sua abrangência, e o nível de especialidade, devido a sua grande especificidade no recorte dos objetos de análise.

3.1.2 O instrumento

A Fase-I conduziu o que batizamos de Projeto BRAPuH⁴⁹ (*Brazilian Publication in Humanities/ Pesquisa Brasileira em Humanidades*). O projeto BRAPuH, respeitando aos objetivos estipulados para a Fase-I, visa a conduzir, por meio de questionário online em larga escala, pesquisa com a comunidade acadêmica brasileira, das áreas de Ciências Humanas, Letras, Linguística e Artes a fim de levantar as práticas, estratégias, motivações e dificuldades em escrita acadêmica de artigos, em língua inglesa e portuguesa, além de necessidades de cursos específicos de escrita acadêmica.

A fim de descrever nosso instrumento, *a priori*, apresentamos uma pesquisa anterior que serviu de modelo inicial para essa (2.1.2.1) e, *a posteriori*, as características deste instrumento, nesta pesquisa (2.1.2.2).

3.1.3 O modelo: o questionário ENEIDA

A primeira fase desta pesquisa teve como modelo inicial o projeto ENEIDA. Liderado pela pesquisadora Ana Moreno, da Universidade de Léon, o projeto, financiado pelo Ministério de Ciência e Inovação da Espanha, é também composto por um time multidisciplinar, advindo de áreas como Linguística de Corpus, Sociologia, Estatística, Retórica, Linguística Computacional, dentre muitas outras (MORENO, 2011). Seu objetivo principal é “angariar informações a fim de obter um melhor entendimento das atuais dificuldades e necessidades frente a ERPP de pesquisadores de cinco instituições espanholas participantes do projeto.” (MORENO et al., 2013, p. 4)⁵⁰.

O projeto é dividido em três fases: (i) criação de um banco de dados sobre as dificuldades dos pesquisadores espanhóis no que tange a escrita para fins de publicação de artigos de pesquisa, em inglês e em espanhol, e as necessidades de treinamento necessárias; (ii) criação de base de dados de pares de artigos publicado em periódicos de médio impacto tanto em inglês quanto em espanhol para análise de estruturas retóricas e outras funções específicas do discurso acadêmico entre culturas; e, por fim, (iii) estudos interculturais, criação de banco de dados de Espanhol, língua materna, e Inglês, língua estrangeira, incluindo manuscritos submetidos, correspondências trocadas na revisão de texto pelo pares, correspondências editoriais, entre outros. A primeira fase do projeto ENEIDA serviu de modelo para o design da Fase-I desta pesquisa de doutorado.

⁴⁹ Tanto a Fase-I quanto a Fase-II da pesquisa estão aprovados pela Plataforma Brasil, CAAE 30729520.9.0000.5420.

⁵⁰ “to gather information in order to gain a better understanding of the current perceived difficulties and training needs vis-à-vis ERPP of research staff at the five Spanish” (MORENO et al., 2013, p. 4).

O questionário ENEIDA é composto por 37 perguntas divididas em seis seções, com os seguintes eixos norteadores: (i) informações pessoais, profissionais, demográficas, acadêmicas e linguísticas; (ii) autoavaliação de competência no uso de língua espanhola e língua materna; (iii) motivações, sentimentos, visões e atitudes em publicação em inglês e espanhol; (iv) experiências passadas e dificuldades em publicação de artigos; (v) estratégias empregadas para escrita de artigos para periódicos de médio-impacto, em inglês; (vi) e estratégias de aprendizagem e necessidades de treinamentos para ERPP (MORENO et al., 2012).

O público-alvo da fase 1 do ENEIDA foi 8.794 pós-doutores, distribuídos em cinco instituições de ensino superior espanholas e divididos em diferentes áreas do conhecimento, pertencentes aos campos das Exatas, Biológicas e Humanas.

3.1.4 O questionário BRAPuH

O questionário ENEIDA foi repensado e re-estruturado, pois, além de informações acerca das dificuldades e necessidades dos pesquisadores a respeito de cursos de ERPP, interessamo-nos pelas práticas de pesquisa e pelos motivos que levam o pesquisador a publicar em alguns contextos e não em outros. Nossa questão central é se a língua inglesa é, de fato, a língua de maior relevância para as áreas estudadas, característica que não parece central na estruturação do ENEIDA.

O ENEIDA traz a preocupação em mapear a autoavaliação dos pesquisadores em relação a seu conhecimento geral e acadêmico de língua espanhola e língua inglesa, dado não-relevante para nossa investigação, já que a percepção dos pesquisadores sobre sua competência linguística pode não corresponder à realidade. Por fim, merece atenção a publicação em língua estrangeira, em contexto nacional, aspecto não contemplado no ENEIDA.

A diferença nos contextos de aplicação do instrumento também influenciou. Enquanto o instrumento espanhol parte da coleta de dados de várias áreas do conhecimento, vindas das três grandes subdivisões em Ciências Exatas, Biológicas e Humanas, em apenas 5 instituições espanholas, enfocamo-nos apenas nas áreas de Ciências Humanas, Linguística, Letras e Artes em 76 instituições distribuídas por todo o país.

O quadro abaixo apresenta o resumo das questões trazidas pelo ENEIDA e sua contemplação, adaptação ou não utilização pelo BRAPuH:

		ENEIDA	BRAPuH
S1 Informação profissional e pessoal	1	Língua Materna	S1Q3
	2	País onde recebeu maior parte da educação	Não
	3	Língua na qual recebeu maior parte da educação	Não
	4	Gênero	S1Q1
	5	Ano de Nascimento	Não
	6	Ano que completou doutorado (aberta)	S1Q6 Adaptada
	7	Instituição	S1Q4
	8	Categoria profissional	Adaptada
	9	Área de pesquisa (UNESCO)	S1Q7(CAPES)
S2 Competência no uso de L1 e L2	10	Nível de competência L1 e L2 geral	Não
	11	Nível de competência L1 e L2 acadêmico	Não
S3 Opções linguística para publicação de artigos	12	Número artigos nos últimos 10 anos (aberta)	S4Q4 S6Q1 Adaptada
	13	Fatores de influência para publicação em L1 e L2	S4Q3 S5Q2 S6Q8
	14	Título de periódicos mais adequados para publicação (espanhol)	Não
	15	Título de periódicos mais adequados para publicação (inglês)	Não
	16	Já considerou publicar em inglês ou espanhol	Não
	17	Fatores de influência para não publicação em L1 e L2	Não
	18	Fatores de impedimento a publicação em L1 e L2	Não
	19	Proporção que os pesquisadores devem publicar em L1 e L2	Não
	20	Sentimento ao publicar em L1 e L2	Não
	21	Probabilidade de publicar próximo artigo em L1 ou L2	S3Q2 Adaptada
	22	Proporção em que os seguintes ajudam ou atrapalham a publicação	Não
	23	Impacto de espanhol como L1 na avaliação de manuscritos em inglês	S4Q8
S4 Experiência na publicação de artigos	24	Aceites e recusas	S4Q10 S6Q5
	25	Dificuldades em escrita em L1 e L2	S4Q13 S6Q8
	26	É/já foi parecerista	Não
	27	Familiarização com as situações na submissão	Não
	28	Estratégias de escrita de artigos	S4Q6 S6Q4
S5 Treinamento de escrita de artigos de pesquisa	29	Esforço/satisfação empregado na estratégia indicada em 28	Não
	30	Proporção em as estratégias ajudaram na aprendizagem de escrita	S7Q1
	31	Planeja continuar treinamentos de escrita em L1 e L2	S7Q2
	32	Treinamentos devem familiarizar pesquisador com...	S7Q3
	33	Ênfase a ser colocada nas áreas descritas	S7Q4
	34	Ênfase a ser colocada nas seções descritas	
	35	Ênfase nos tipos de publicação	Não
	36	Opções apropriadas para receber treinamentos	Não
	37	Perfil de professores para treinamentos em escrita	Não

Fonte: Elaborado pela autora

A primeira e a segunda colunas do quadro ilustram as seções do questionário ENEIDA e as perguntas vinculadas a elas. A terceira coluna sinaliza se a questão foi trazida ou não para o questionário BRAPuH e, em caso afirmativo, qual a correspondência numérica entre elas e se houve ou não adaptação. De as 37 perguntas elaboradas no ENEIDA, 11 foram utilizadas no BRAPuH.

O Questionário inicial foi elaborado em formulário do Google, com 41 perguntas, 37 fechadas e quatro abertas, divididas em sete seções: (i) Termo de Livre Consentimento; (ii) Perfil dos Pesquisadores; (iii) Idiomas de Pesquisa e Publicação; (iv) Publicação de Artigos em Língua Inglesa em Periódicos Internacionais; (v) Publicação de Artigos em Língua Inglesa

em Periódicos Nacionais; (vi) Publicação de Artigos em Língua Portuguesa; (vii) Cursos de Escrita Acadêmica para Fins de Publicação.

As questões foram elaboradas em torno de cinco perguntas norteadoras:

- 1) Qual o **perfil** dos pesquisadores das áreas de Ciências Humanas, Linguística, Letras e Artes?
- 2) Quais as **práticas de publicação de artigos científicos**, em língua inglesa e em língua portuguesa, desses pesquisadores?
- 3) Quais **fatores motivadores** levam esses pesquisadores a publicar artigos em ambas as línguas?
- 4) Quais **estratégias** eles adotam no momento de escrita e de publicação de artigos de pesquisa em ambas as línguas?
- 5) Qual a **necessidade** desses pesquisadores para aprimoramento da escrita acadêmica para fins de publicação de pesquisa em ambas as línguas?

Em resumo, os eixos norteadores do questionário são:

- Perfil

As perguntas relacionadas ao perfil visam levantar as características dos respondentes em relação ao gênero, língua materna, região do país, subárea e nível de experiência acadêmica. Adicionalmente, muitas dessas perguntas exercem a função extra de perguntas-filtro, ou seja, direcionam os participantes para outras partes do instrumento ou, até mesmo, para o encerramento de sua participação, caso o respondente não se encaixe nos critérios para participar da pesquisa. As perguntas relacionadas ao perfil são:

Quadro 4 — Perfil

Perfil	
Questão	Objetivo
Seção 2	
Q1. Gênero de identificação	Levantar dados sobre uma possível diferença na prática de publicação entre gêneros (NYGAARD E BAHGAT 2018; TUCK, 2018; PREECE, 2018; LILLIS E CURRY, 2018).
Q2. Língua Materna	Assegurar que apenas nativos de língua portuguesa participem da pesquisa. Participantes que sinalizarem outra língua materna são redirecionados ao fim do questionário (pergunta-filtro).
Q3. Instituição da qual faz parte	Mapear as práticas de produção científica por região do país e PPGs.
Q4. Nível de escolaridade	Redirecionar possíveis sujeitos que não pertinentes aos critérios de pesquisa para o fim do questionário (pergunta-filtro).
Q5. Há quanto tempo você obteve o título de doutoramento?	Dividir participantes entre novíços e peritos (SWALES, 2004; CANAGARAJAH, 2006; HYLAND, 2016; SOLER, 2019).
Q6. Subárea de pesquisa	Observar possíveis variações nas práticas de pesquisa entre as subáreas (SWALES, 2004; BHATIA, 2015; HYLAND, 2016; SOLOVOVA E SANTOS, 2018, entre outros). Eliminar possíveis respondentes que não se enquadram em nosso escopo de pesquisa (pergunta-filtro)

Fonte: Elaborado pela autora

As respostas obtidas aqui permitem a organização dos dados de acordo com noções que são caras à abordagem de ERPP, portanto, os resultados dessas perguntas são constantemente triangulados, por meio de filtros na tabulação dos dados, em planilha Excel, com os de outras perguntas para traçar as práticas de maneira mais específica e compará-las para observar se diferem em relação à subárea de pesquisa do pesquisador (Q6), seu papel de novíço ou perito na área (Q5) e instituição e região a que se vincula (centralidade X periferia - Q3).

○ Práticas

As indagações relacionadas às práticas dialogam com a segunda pergunta norteadora do questionário. Optou-se em subdividir as questões em (i) práticas de pesquisa gerais, (ii)

práticas de pesquisa em língua inglesa, em periódicos internacionais, (iii) práticas de pesquisa em língua inglesa, em periódicos nacionais e (iv) práticas de pesquisa em língua portuguesa, em periódicos nacionais.

(i) Práticas de pesquisa gerais: o propósito das três questões é mapear a(s) língua(s) franca(s) da subárea do respondente, já que, segundo indicado pela literatura, a abertura do inglês para as áreas de Humanidade (GÓMEZ et al., 2006; FIORIN, 2007) é mais lenta e gradual, logo é possível que o inglês não se configure como idioma principal de algumas subáreas. Além disso, busca levantar os idiomas em que os pesquisadores publicam, normalmente, ou optariam por publicar no futuro.

Outro ponto relevante é a respeito do gênero central para as práticas da subárea, uma vez que as práticas de Humanidades também diferem em relação a isso, com a centralidade de livros e capítulos (FIORIN, 2007), o que pode acarretar na não centralidade do gênero artigo de pesquisa em algumas subáreas.

Quadro 5 — Práticas

Práticas	
Questão	Objetivo
Seção 3 - Práticas de pesquisa em geral	
Q1. Qual(is) dos idiomas abaixo você já publicou?	Levantar os idiomas que fazem parte das práticas dos pesquisadores de Humanidades.
Q2. Qual(is) dos idiomas abaixo você publicaria seu próximo texto?	
Q3. Você considera o artigo de pesquisa o principal gênero de sua área?	Checar se o artigo de pesquisa é o gênero central da subárea (SWALES, 1998).
Q4. Qual língua franca de sua subárea?	Mapear as línguas de publicação mais importante da área estudada (AMMON, 1998; SEIDLHOFER, 2005; FERGUSON, 2007; FLOWERDEW, 2015; entre outros (pergunta-filtro, participantes que indicares outros idiomas que não o inglês são redirecionados para seção 5).

Fonte: Elaborado pela autora

Considerando o contexto mapeado da publicação brasileira, no qual se vê uma grande pressão para publicação de artigos, em língua inglesa, Q3 e Q4 podem ser consideradas cerne do questionário, pois, a partir delas, é possível identificar se essa pressão e comparação constante com outras áreas faz sentido - a prática de pesquisa da subárea é realmente essa, e

os pesquisadores não estão conseguindo exercê-la - ou se as práticas são distintas, e, conseqüentemente, não faz sentido pensar em escrita acadêmica de artigo para essa subárea.

Quadro 6 — Práticas em Língua Inglesa em Periódicos Internacionais

Práticas	
Questão	Objetivo
Seção 4 - Práticas de pesquisa em Língua Inglesa	
Q1. Qual seu posicionamento sobre o inglês ser língua franca de sua subárea?	Entender a percepção dos pesquisadores sobre domínio do inglês como língua franca: positivo (CRYSTAL, 2012; ENGLANDER E CORCORAN, 2015); negativo (PÉREZ-LLANTADA, 2012; SALAGER-MEYER, 2014; BENETT, 2015); complexo (CANAGARAJAH, 2002; TARDY, 2014).
Q2. Justifique sua resposta.	Pergunta aberta de aprofundamento da questão anterior.
Q4. Indique quantos artigos publicou em língua inglesa.	Quantificar a produção dos pesquisadores participantes.
Q5. Como se dá a escrita de seus artigos, em inglês, em relação à autoria?	Examinar as práticas quanto à relações de colaboração em pesquisa, em língua inglesa (CASANAVE, 1998; CURRY E LILLIS, 2010; SOLER, 2019).
Q7. Em que tipo de periódico você já submeteu/publicou artigos?	Avaliar o perfil de periódicos que os pesquisadores brasileiros buscam publicar internacionalmente quanto ao fator de impacto das revistas (CURRY E LILLIS, 2018; ENGLANDER E CORCORAN, 2019).
Q8. Como você acha que sua nacionalidade tem afetado o jeito pelo qual seus manuscritos são avaliados pelos periódicos?	Explorar a percepção dos pesquisadores quanto a visão internacional de sua nacionalidade (BELCHER, 2007; LILLIS E CURRY, 2010; KUTEEVA E MCGRATH,).
Q9. Caso tenha assinalado "me sinto desfavorecido", assinale as razões	Aprofundar os motivos pelos quais o pesquisador se sente desfavorecido por sua nacionalidade (BELCHER, 2007; HYLAND, 2016)
Q10. Com que frequência ocorreram as seguintes situações?	Investigar a predominância de parecer já recebida pelos pesquisadores (YAKHONTOVA, 2019).
Q11. Que tipo de comentário você já recebeu de pareceristas em artigos submetidos?	Entender as facilidades e dificuldades dos pesquisadores em relação à escrita, conforme identificada pelos pares (BELCHER, 2007; MONTEIRO E HIRANO, 2016).
Q12. Caso se sinta à vontade, dê maiores informações sobre sua resposta na questão anterior	Pergunta aberta de aprofundamento da questão anterior.

Fonte: Elaborado pela autora

Menciona-se que apenas os pesquisadores que indicaram o inglês como língua franca de sua subárea responderão a essas questões. Caso o respondente tenha sinalizado qualquer

outro idioma em S3Q4, ele será redirecionado para as práticas de pesquisa em língua portuguesa.

As respostas dessas questões dialogam com a literatura apresentada em 2.1. Destacam-se as perguntas sobre a percepção dos pesquisadores a respeito do status da língua inglesa como franca e das (des)vantagens que sentem ou sofrem a partir disso, como falantes não-nativos.

Essas questões mapeiam também o tipo de publicação feita por esses pesquisadores (jornal de baixo, médio, alto impacto; quantidade de texto já publicadas; parcerias nacionais ou internacionais), bem como a recepção e avaliação desses textos pelos pares (dificuldade, comentários recebidos).

(iii) práticas de pesquisa em língua inglesa em periódicos nacionais

Uma das discussões que fomenta a literatura e as pesquisas em ERPP é o crescente número de publicações em língua inglesa, mesmo em âmbito nacional, chegando até, em alguns países, como Alemanha, a ultrapassar a publicação em língua materna (ENGLANDER; CORCORAN, 2015). O objetivo dessas questões é investigar se essa prática é recorrente dentre os pesquisadores e, se sim, o que os motiva para tal ação, por meio da triangulação com a S5Q2.

Quadro 7 — Práticas em Língua Inglesa em Periódicos Nacionais

Práticas	
Questão	Objetivo
Seção 5 - Práticas de pesquisa em Língua Inglesa	
Q1. Você já publicou em inglês em periódicos nacionais?	Investigar a prática apontada pela literatura de que a publicação em língua inglesa está se sobrepondo à publicação em língua materna nos países não-anglófonos (HUTTNER-KORES, 2015 <i>apud</i> ENGLANDER E CORCORAN, 2019).

Fonte: Elaborado pela autora

(iv) práticas de pesquisa em língua portuguesa em periódicos nacionais

O enfoque é investigar as práticas de publicação, na língua materna dos pesquisadores, em periódicos nacionais de baixo, médio e alto impacto. Essa seção difere das anteriores, pois, como volta para o contexto nacional e a publicação em língua materna, não vimos a necessidade de pesquisar as percepções a respeito do impacto do idioma ou percepções de (des)vantagem.

Quadro 8 — Práticas em Língua Portuguesa em Periódicos Nacionais

Práticas	
Questão	Objetivo
Seção 6 - Práticas de pesquisa em Língua Portuguesa	
Q1. Indique quantos artigos em língua portuguesa você já publicou.	Quantificar a produção dos pesquisadores participantes.
Q3. Como se dá a escrita de seus artigos, em português, em relação à autoria?	Examinar as práticas quanto à relações de colaboração em pesquisa, em língua portuguesa (CASANAVE, 1998; CURRY E LILLIS, 2010; SOLER, 2019).
Q5. Pense a respeito dos artigos que já submeteu, em língua portuguesa. Com que frequência ocorreram as situações?	Investigar a predominância de parecer já recebida pelos pesquisadores (YAKHONTOVA, 2019).
Q6. Que tipo de comentário você já recebeu de pareceristas em artigos submetidos?	Entender as facilidades e dificuldades dos pesquisadores em relação à escrita, conforme identificada pelos pares (BELCHER, 2007; MONTEIRO E HIRANO, 2016).
Q7. Caso se sinta à vontade, dê maiores informações sobre sua resposta na questão anterior	Pergunta aberta de aprofundamento da questão anterior.

Fonte: Elaborado pela autora

Portanto, as perguntas se interessam pelo tipo de publicação que os pesquisadores privilegiam e a recepção de seus manuscritos por parte dos pares.

○ Motivos

O propósito dessa pergunta de pesquisa é investigar quais fatores motivadores levam os pesquisadores a publicar em língua inglesa e/ou língua portuguesa, e em periódicos de abrangência nacional e/ou internacional. As perguntas foram baseadas na noção de capital de Bourdieu (1991), a fim de entender qual tipo de recompensa o pesquisador busca com a publicação nesses diferentes contextos, e na literatura de ERPP. As alternativas de S4Q3 e S6Q3 relacionam-se com os tipos de capitais apontados por Bourdieu (1991): capital econômico, capital social, capital cultural, capital linguístico e capital simbólico.

Quadro 9 — Motivos

Motivos	
Questão	Objetivo
Seção 4	
Q3. Com qual frequência os seguintes fatores influenciam (ou influenciariam) sua decisão de publicar em inglês?	Compreender as motivações e quais tipos de capitais os pesquisadores brasileiros buscam com publicação em língua inglesa, internacionalmente (BOURDIEU, 1991; ENGLANDER, CORCORAN, 2015; CURRY, LILLIS, 2018)
Seção 5	
Q2. O que o motiva em publicar, em língua inglesa, em periódicos nacionais?	Compreender as motivações que os pesquisadores brasileiros buscam com publicação em língua portuguesa, nacionalmente (BOURDIEU, 1991; ENGLANDER, CORCORAN, 2015; CURRY, LILLIS, 2018). Pergunta aberta.
Seção 6	
Q3. Com qual frequência os seguintes fatores influenciam (ou influenciariam) sua decisão de publicar em português?	Compreender as motivações e quais tipos de capitais os pesquisadores brasileiros buscam com publicação em língua portuguesa, nacionalmente (BOURDIEU, 1991; ENGLANDER, CORCORAN, 2015; CURRY, LILLIS, 2018).

Fonte: Elaborado pela autora

Optou-se por deixar S5Q2 como uma pergunta aberta, uma vez que não encontramos na literatura muitas pesquisas voltadas à investigação da publicação em inglês, em cenário nacional, de forma que, talvez, as alternativas poderiam limitar as respostas dos respondentes e não contemplar algum motivo relevante para justificativa dessa prática.

○ Estratégias

As perguntas de estratégias relacionam-se com a terceira pergunta do questionário - Quais **fatores motivadores** levam esses pesquisadores a publicar artigos em ambas as línguas? O foco é mapear quais as principais estratégias já utilizadas pelos pesquisadores para publicação, em língua materna e língua estrangeira, além de quais estratégias eles acreditam serem positivas para fins pedagógicos.

Quadro 10 — Estratégias

Estratégias	
Questão	Objetivo
Seção 4	
Q6. Qual das seguintes estratégias de escrita em inglês você usa com maior frequência?	Entender e comparar, em língua inglesa, as estratégias de escrita usados pelos pesquisadores brasileiros (MORENO, 2013).
Seção 6	
Q4. Qual das seguintes estratégias de escrita em inglês você usa com maior frequência?	Entender e comparar, em língua portuguesa, as estratégias de escrita usados pelos pesquisadores brasileiros (MORENO, 2013).
Seção 7	
Q1. Qual(is) das seguintes estratégias te ajudariam a melhorar sua escrita acadêmica para fins de publicação?	Levantar a percepção dos participantes a respeito de suas necessidades.

Fonte: Elaborado pela autora

Salienta-se que são investigadas dimensões de naturezas diferentes. S4Q6 e S6Q4 voltam-se para estratégias linguísticas (contratações de tradutores e/ou pareceristas nativos ou não, por exemplo). S7Q1, além de estratégias de natureza linguística (consulta a manuais, observação de palavras e expressões), também considera elementos de natureza social (*feedback* de pesquisadores, editores, orientadores).

- Necessidades

A última pergunta do questionário visa identificar quais necessidades o respondente possui em relação ao ensino e aprendizagem de escrita acadêmica, para fins de publicação em ambas as línguas.

Quadro 11 — Necessidades

Necessidades	
Questão	Objetivo
Seção 4	
Q12. Qual nível de dificuldade você encontra nos processos abaixo?	Verificar a percepção dos participantes em relação às suas dificuldades de escrita acadêmica, em língua inglesa
Seção 6	
Q8. Qual nível de dificuldade você encontra nos processos abaixo?	Verificar a percepção dos participantes em relação às suas dificuldades de escrita acadêmica, em língua portuguesa.
Seção 7	
Q2. Você acha que precisa continuar seus estudos em escrita de artigos de pesquisa com a finalidade de publicação?	Levantar a percepção dos participantes a respeito de sua competência em escrita acadêmica, em ambas as línguas.
Q3. Cursos sobre como escrever artigos de pesquisa devem contemplar...	Identificar se as necessidades dos pesquisadores voltam-se para o domínio de elementos linguísticos ou não linguísticos (HYLAND, 2007).
Q4. Quais suas necessidades de aprendizado com relação às etapas que envolvem a escrita de um artigo?	

Fonte: Elaborado pela autora

Nesse quesito, procura-se também mapear as diferentes naturezas das dificuldades dos pesquisadores, sejam elas na dimensão gramatical (vocabulário específico, mecanismos de progressão textual, registro adequado, conhecimento de língua geral e/ou acadêmica), textual (dificuldade de escrever resumo, literatura, resultados, etc.), social (correspondência com editores e pareceristas, expectativas dos pareceristas/periódico) e até mesmo financeira (pouco financiamento).

- Perguntas relacionadas à aplicação da pesquisa

O último grupo de indagações apresentado não se relaciona a nenhuma pergunta do questionário, ao invés disso, volta-se à condução da pesquisa em si. A função principal desse grupo de perguntas é coletar o consentimento em participação na pesquisa, conforme exigido pelas regras do comitê de ética, e selecionar, dentre todos os respondentes da Fase-I, sujeitos dispostos a participar da Fase-II.

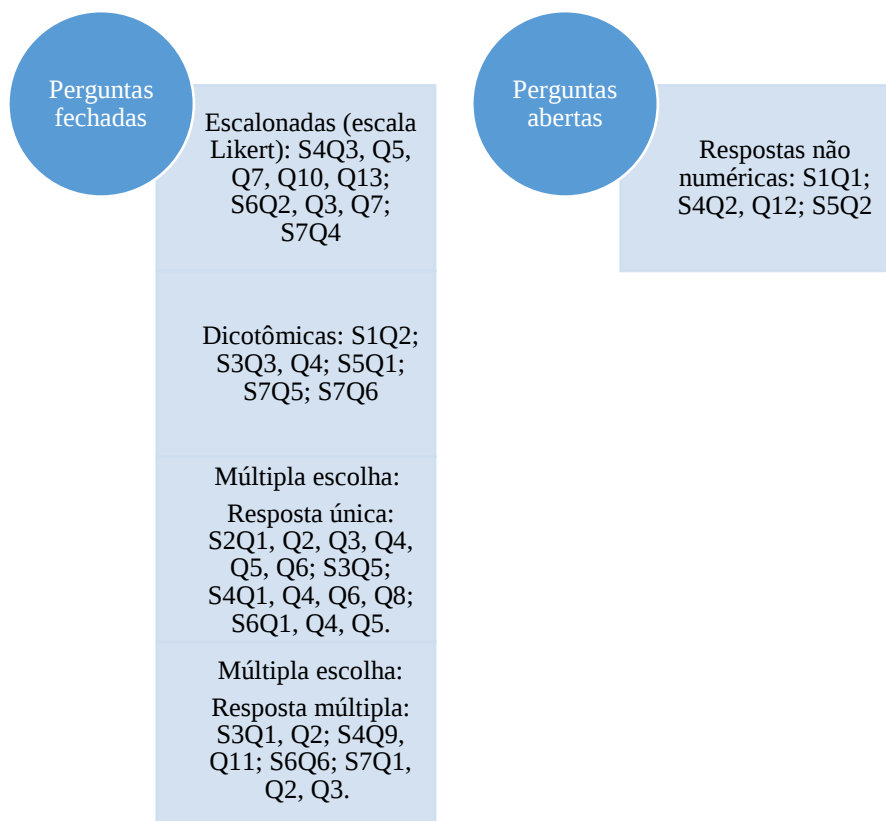
Quadro 12 — Perguntas relacionadas à aplicação da pesquisa

Perguntas especiais	
Questão	Objetivo
Seção 1	
Q1. E-mail	Coletar e-mails dos participantes para posterior contato em outras fases da pesquisa.
Q2. TCLE e consentimento de participação na pesquisa	Coletar consentimento em pesquisa, conforme orientado pelo Comitê de Ética (pergunta-filtro, caso a resposta seja não, participante é redirecionado ao fim do questionário).
Seção 6	
Q5. Você teria disponibilidade para participar de uma entrevista, via Skype, para coleta de mais informações?	Selecionar participantes para fase-II da pesquisa.
Q6. Você consentiria em compartilhar aceites e recusas de artigos que já recebeu?	Selecionar participantes para fase-II da pesquisa.

Fonte: Elaborado pela autora

Sobre o formato das questões, elas se organizam da seguinte forma (MORENO et al. 2012):

Figura 15 – Tipos de perguntas para análise



Fonte: Elaborado pela autora

Após a elaboração do questionário, foi conduzido um teste piloto, com docentes (convite direto por e-mail) e discentes (convite por meio de representação discente do programa) do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, da UNESP, campus de São José do Rio Preto. Treze sujeitos participaram do teste piloto e, com base em observações feitas nessas primeiras respostas, as únicas modificações feitas foram os acréscimos das perguntas abertas Q12- S4, e Q7-S6. Por fim, o instrumento foi enviado aos sujeitos selecionados (cf. seção 3.1.3).

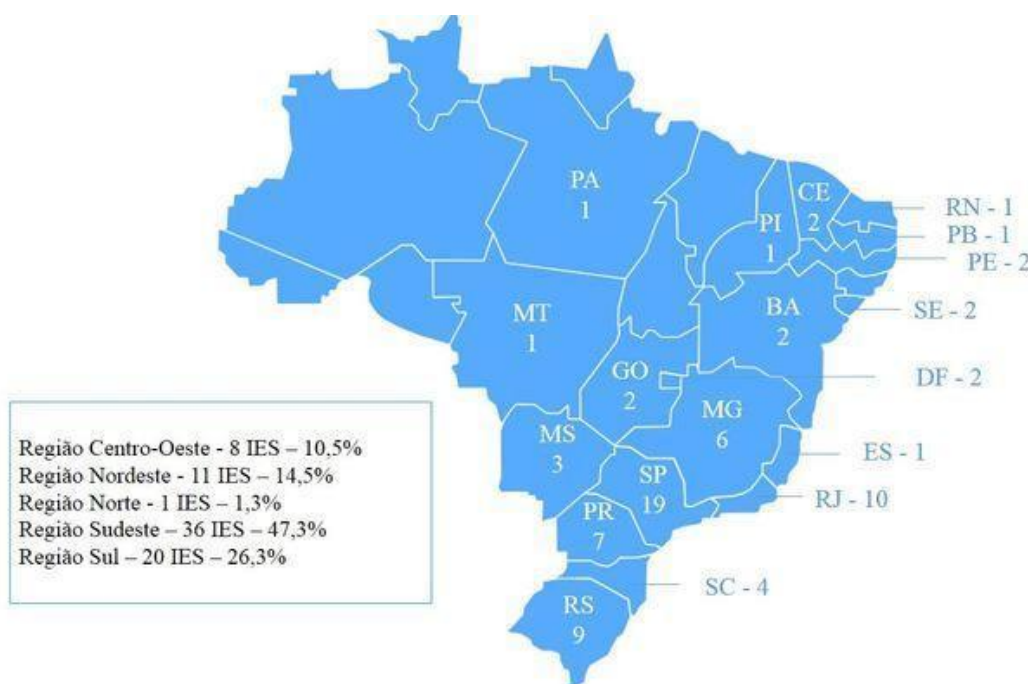
3.1.5 Os participantes

O público-alvo da Fase-I foi discentes, de nível de doutorado, e docentes filiados aos programas de pós-graduação selecionados por meio de busca na plataforma Sucupira, da Capes⁵¹, obedecendo aos seguintes critérios:

- Seleção de instituições que apresentam programas de pós-graduação, com mestrado e doutorado acadêmico, nas grandes áreas das Ciências Humanas e Letras, Linguística e Artes. Aquelas que forneciam, na data da coleta, apenas mestrado ou formação profissional foram excluídas;
- Seleção de PPGs com conceito 5, 6 e 7 (quadriênio 2017-2020).

A seleção final, após a triagem dos critérios, contou com 259 PPGs⁵², distribuídos entre 76 instituições, conforme ilustrações a seguir:

Mapa 4 — Distribuição das Instituições de Ensino Superior (IES) convidadas

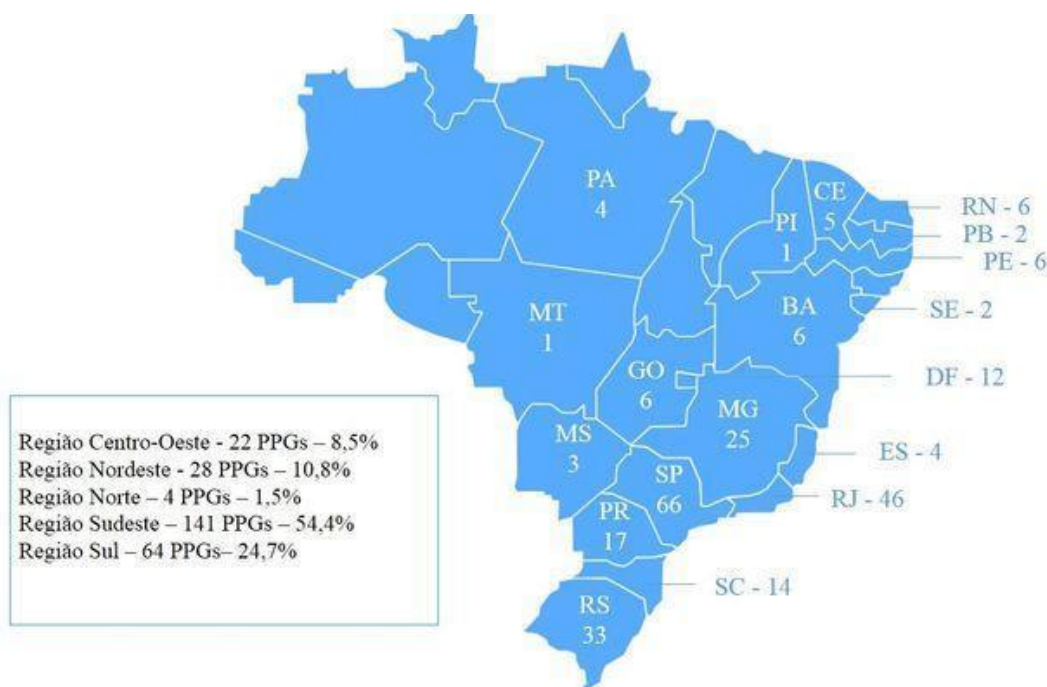


Fonte: Elaborado pela autora

Mapa 5 — Distribuição dos Programas de Pós-Graduação (PPGs) convidados

⁵¹ As instituições foram pesquisadas por meio da plataforma Sucupira, da Capes. Disponível em: <<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/programa/quantitativos/quantitativoAreaAvaliacao.jsf>>. Acesso em: 15 out. 2019

⁵² Ver Apêndice A para tabela completa do universo de pesquisa.



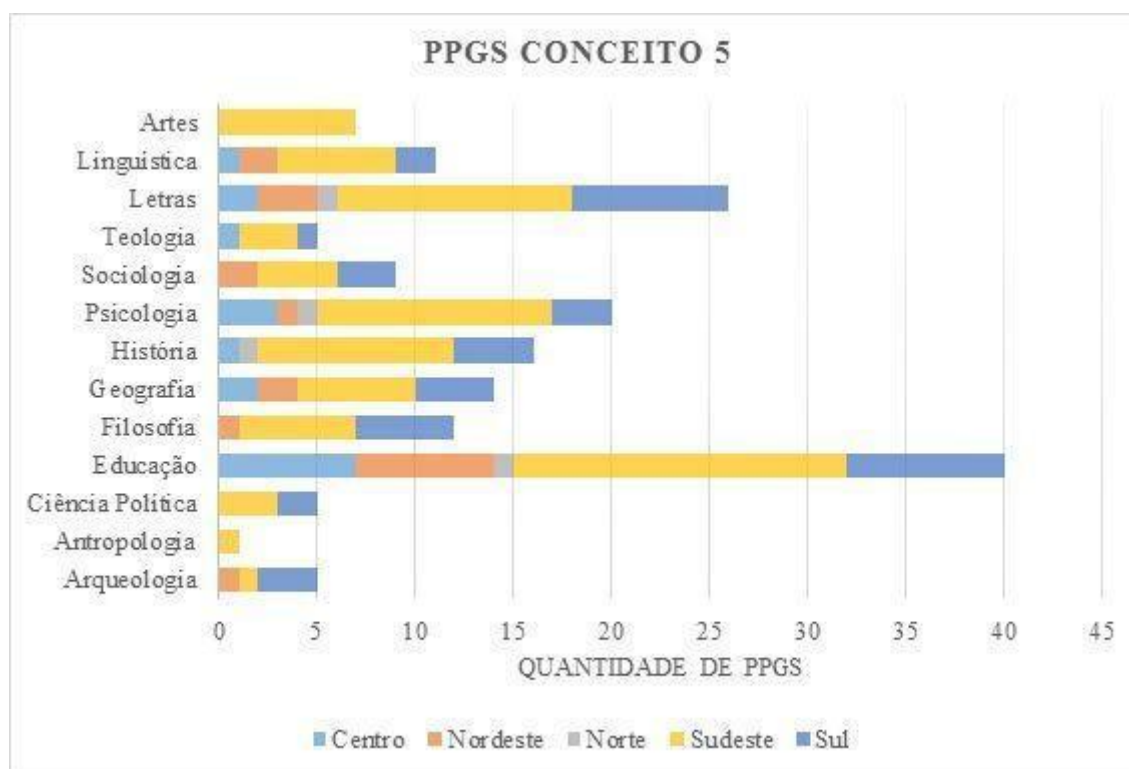
Fonte: Elaborado pela autora

A partir dos mapas apresentados, nota-se que grande parte dos participantes convidados se encontra na região Sudeste, seguido pela região Sul, devido ao grande número de IES e PPGs que se enquadram nos critérios de seleção. A concentração de pesquisadores corrobora os dados apresentados na Fundamentação Teórica deste trabalho em que estas regiões do país estão inseridas de maneira mais consistente com as práticas de pesquisa esperadas pelo “centro”. Em contrapartida, a região Norte coloca-se com participação quase inexpressiva, conforme esperado de localidades que se alinham com as periferias de pesquisa.

Convém também, para os objetivos desta pesquisa, organizar os PPGs de acordo com seus conceitos e subáreas de pesquisa. A maior parte dos PPGs são classificados pela Capes com conceito 5 (171 programas), seguido pelos PPGs conceito 6 (63) e conceito 7 (25).

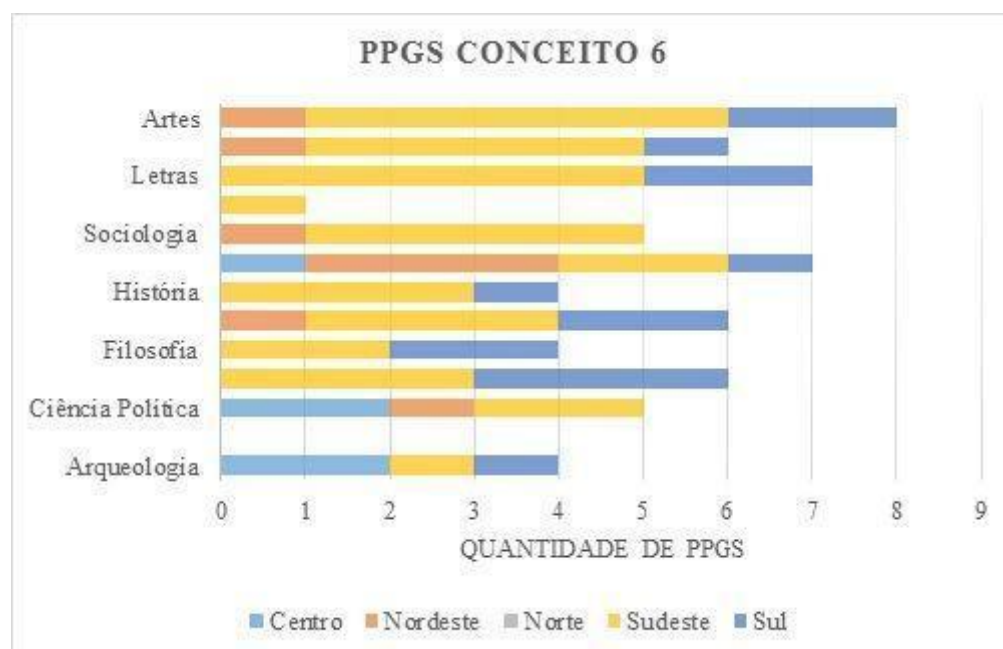
A subdivisão dos PPGs pelas subáreas, em ordem decrescente, aponta a subárea de Educação (49 programas) como a maior de nosso escopo, seguida por Letras (37) e Psicologia (30). As subáreas com menor representação de PPGs são Arqueologia (1) e Teologia (6). Além disso, têm-se as subáreas de Antropologia, Ciência Política, Filosofia, Geografia, História, Sociologia, Linguística e Artes com 11, 12, 17, 22, 22, 17, 19 e 16 PPGs, respectivamente, como apresentado pelos gráficos abaixo:

Gráfico 4 — PPGs convidados - Conceito 5



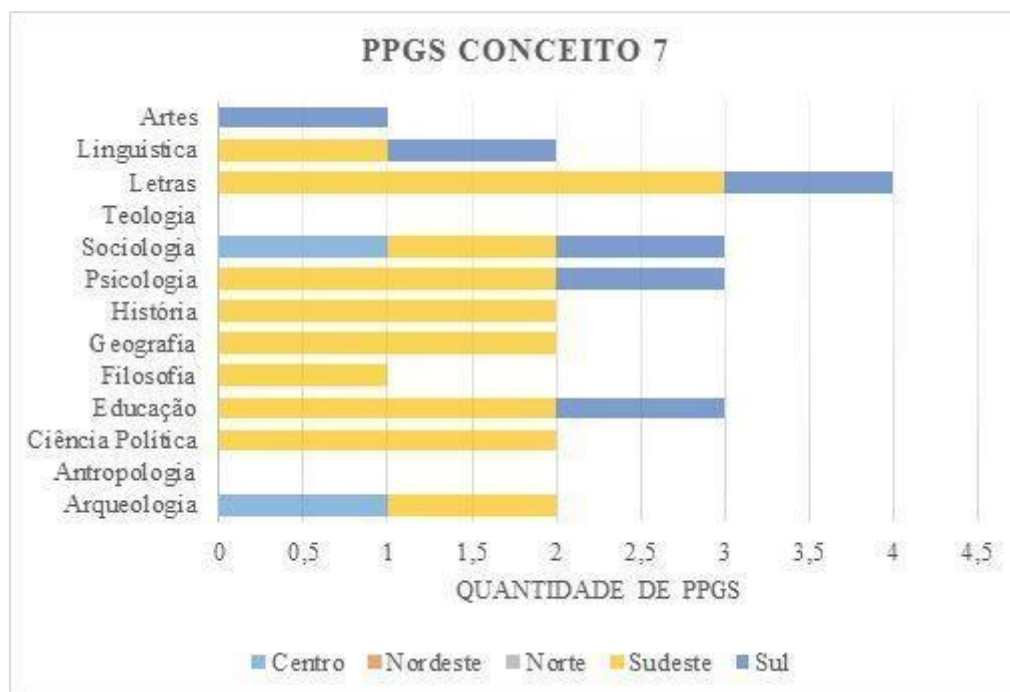
Fonte: Elaborada pela autora

Gráfico 5 — PPGs convidados - Conceito 6



Fonte: Elaborada pela autora

Gráfico 6 — PPGs convidados - Conceito 7



Fonte: Elaborada pela autora

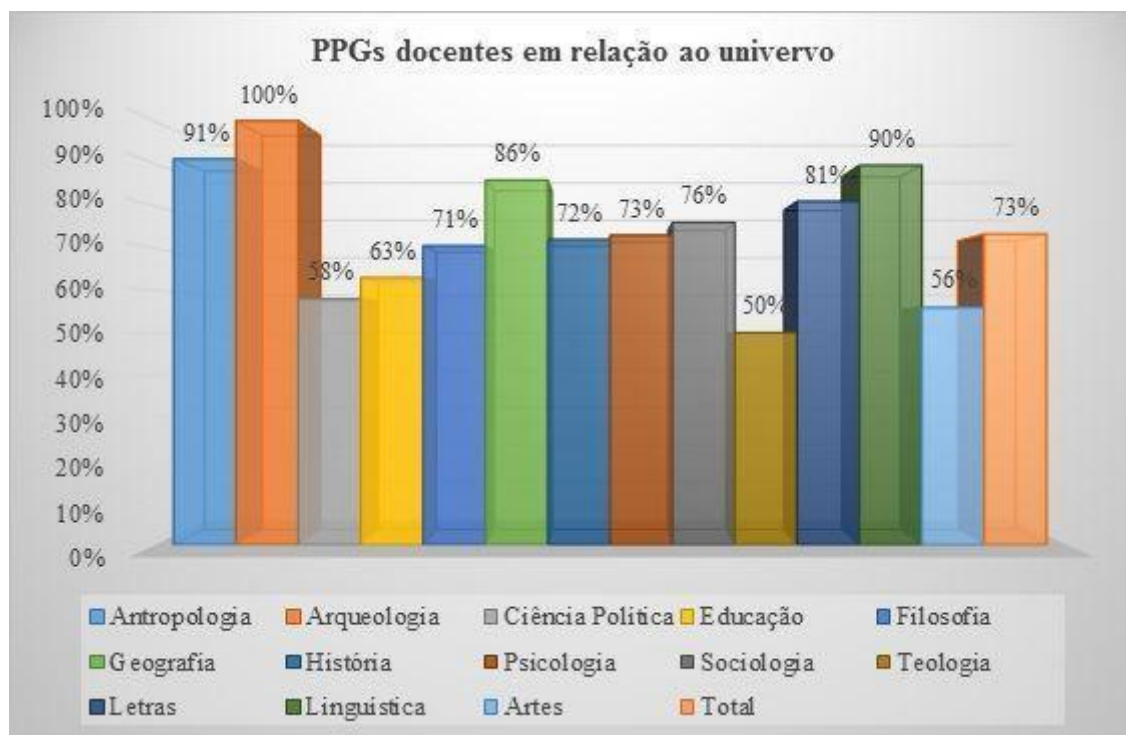
O próximo passo foi o contato-convite com os possíveis participantes. Também, por meio da plataforma Sucupira, foram coletados os endereços eletrônicos e e-mails de todos os programas de pós-graduação pré-selecionados. Cada endereço eletrônico foi acessado em busca de informações, tais como quantidade de pesquisadores vinculados aos programas e formas de contato.

Para facilitar o controle sobre o universo de pesquisa, os sujeitos foram organizados em duas classes - docentes e discentes.

○ Docentes

O critério para a seleção dos docentes convidados foi estabelecido com base na facilidade de acesso a eles. Do universo de 259 PPG iniciais, 190, isto é, 73,3% dos PPGs, fornecem em seu site o e-mail institucional de seus docentes, o que nos permitiu contato direto com esses pesquisadores, sem a necessidade de intermediários.

Apesar de 73,3% de os PPGs fornecerem diretamente o contato dos docentes, essa proporção seguiu padrões diferentes entre as subáreas:



Fonte: Elaborado pela autora

Quantitativamente, participaram da pesquisa 190 PPGs, distribuídos pelas subáreas de conhecimento conforme demonstrado pela Tabela 1:

Tabela 1 — Quantidade de PPGs por subárea - Docentes

Subárea	Qtdade PPGs
Antropologia	10
Arqueologia	1
Ciência Política	7
Educação	31
Filosofia	12
Geografia	19
História	16
Psicologia	22
Sociologia	13
Teologia	3
Letras	30
Linguística	17
Artes	9
Total	190

Fonte: Elaborado pela autora

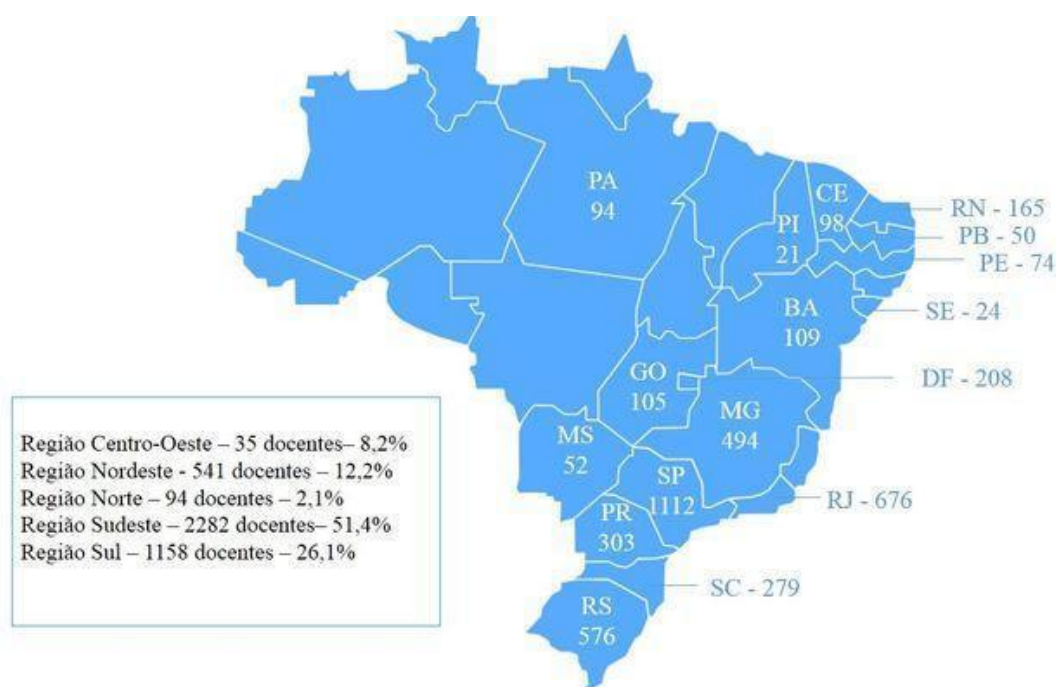
Destacam-se as subáreas de Antropologia, Arqueologia e Linguística com quase todos os PPGs participantes. Ciência Política, Teologia e Artes foram as subáreas com menos informações disponíveis sobre seus docentes.

Uma das dificuldades da coleta de e-mails dos docentes foi a diferente organização dos sites dos PPGs. Enquanto alguns apresentaram os endereços de maneira fácil, sendo só necessário copiar e colar o e-mail para montagem da lista de contatos, outros ofertavam contato com o docente apenas por meio de formulário do próprio site, consequentemente teríamos que enviar o convite individualmente, não sendo viável devido à grande quantidade de pessoas, ou, ainda, não possibilitavam nenhuma forma de contato com o pesquisador.

Ainda que pareça algo banal, uma melhor organização das informações de contato com os docentes, coordenadores e próprios funcionários do programa de pós-graduação é essencial em tempo nos quais a comunicação virtual prevalece. Sinto que a pesquisa possa ter perdido contribuições valiosas apenas pelo fato de não ter sido possível o contato com o docente. Além disso, outras implicações podem resultar da falta de dados, como perda de convites para congressos, parcerias, entre outros.

Ao todo, a lista final de contatos docentes contou com 4.440 pesquisadores distribuídos da seguinte forma pelas regiões do país, conforme ilustrado pelo Mapa 6:

Mapa 6 — Distribuição dos docentes convidados

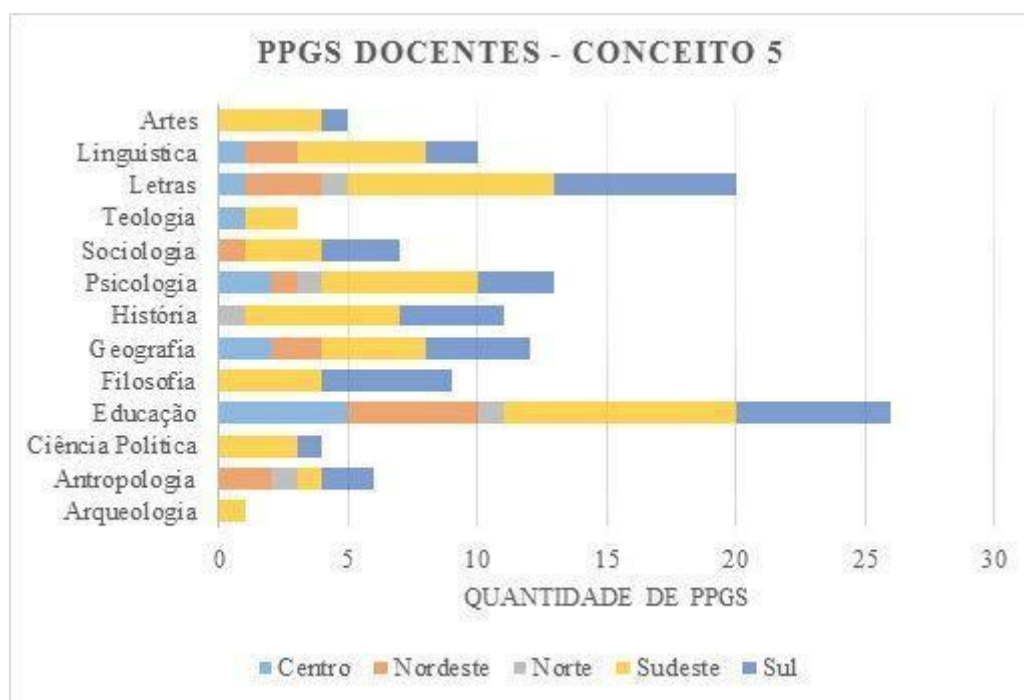


Fonte: Elaborado pela autora

Em consonância com dados apresentados anteriormente, o maior número de docentes convidados localiza-se na região Sudeste, do país, seguido pela região Sul; já os menores números habitam as regiões Norte e Centro-Oeste.

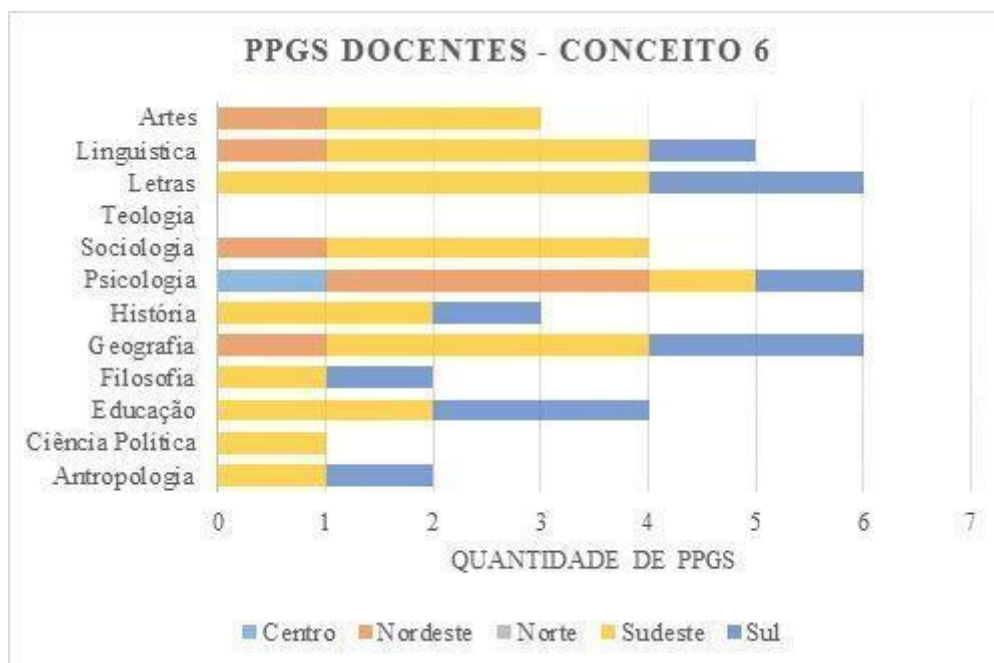
Os gráficos 8, 9 e 10 organizam o universo de docentes de acordo com os conceitos de PPGs e subáreas de pesquisa:

Gráfico 8 — PPGs docentes - Conceito 5



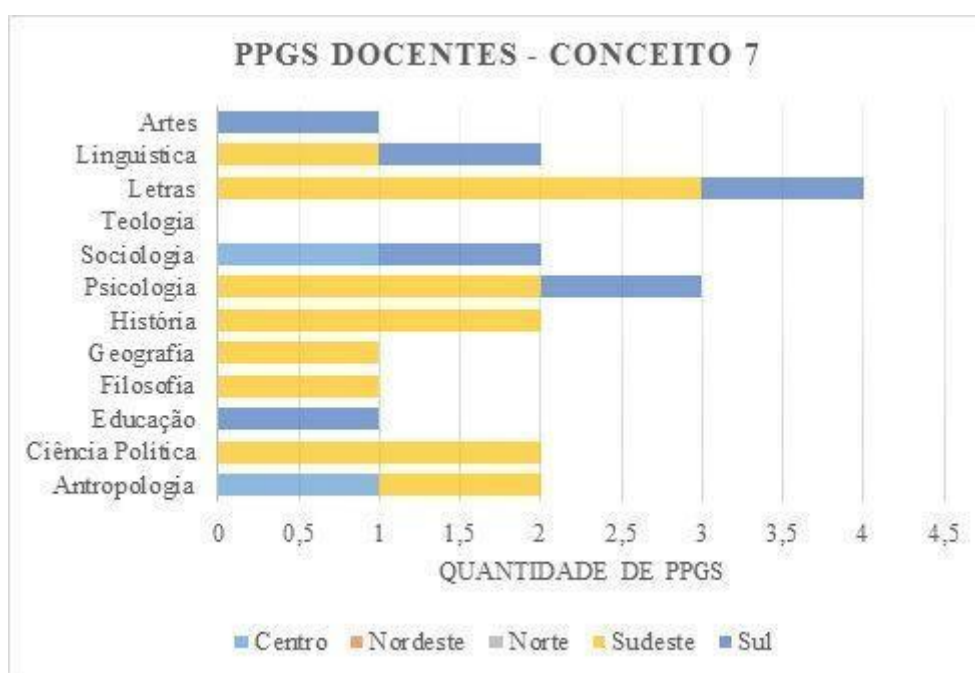
Fonte: Elaborado pela autora

Gráfico 9 — PPGs docentes - Conceito 6



Fonte: Elaborado pela autora

Gráfico 10 — PPGs docentes - Conceito 7

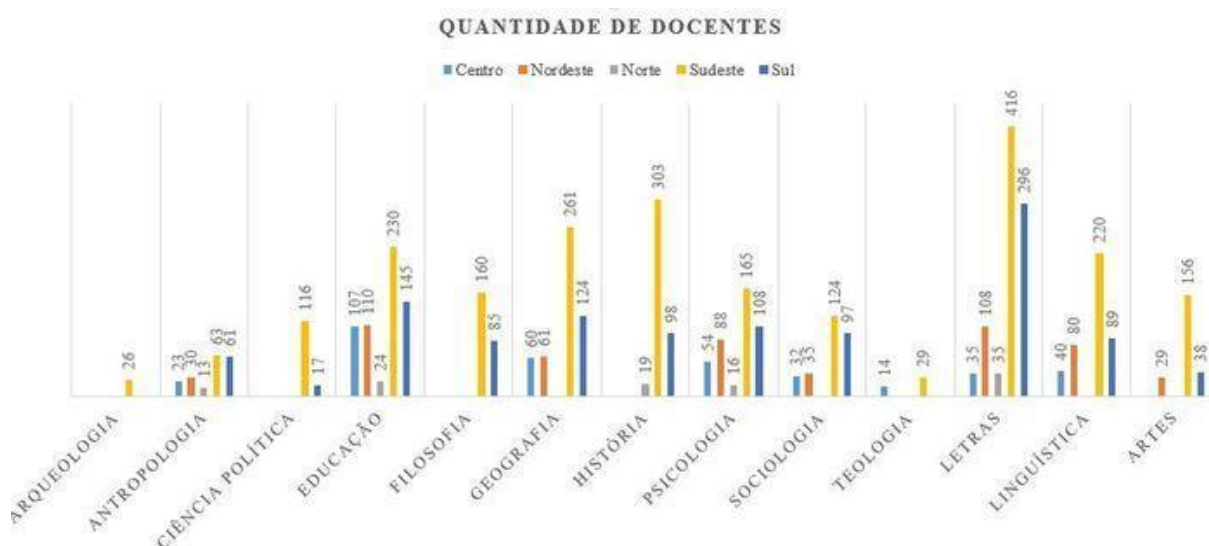


Fonte: Elaborado pela autora

É interessante destacar que a subárea de Educação, a maior em número de PPGs participantes (49), não foi a subárea com maior número de docentes convidados, justificado pelo fato de que muitos desses programas não forneceram e-mails dos docentes.

O gráfico abaixo destrincha a quantidade de docentes por subáreas e regiões do país:

Gráfico 11 — Quantidade de docentes por subáreas



Fonte: Elaborado pela autora

Foram feitos dois contatos com os docentes⁵³:

04/06/2020 a 18/06/2020: Envio do e-mail de apresentação do questionário e convite de participação de pesquisa aos docentes.

06/07/2020 a 08/07/2020: Envio de e-mail de agradecimento/lembrete aos pesquisadores que não preencheram o questionário com o primeiro contato.

Infelizmente, obtivemos 117 e-mails de retorno informando não ter sido possível a entrega da mensagem aos destinatários devido ao erro de endereço. Além disso, conforme apontado pela literatura, há a possibilidade de que outros pesquisadores também não receberam o instrumento devido aos bloqueadores e redirecionadores de mensagens.

○ Discentes

Por motivos de sigilo, a maioria dos sites dos PPGs não divulga os contatos dos alunos vinculados a eles. Alguns endereços eletrônicos apresentam estatísticas gerais, como a quantidade de alunos, porém essa informação é rara de se encontrar e, muitas vezes, encontra-se desatualizada. Portanto, a única forma pela qual foi possível entrar em contato com os alunos foi indiretamente com o auxílio dos programas de pós-graduação.

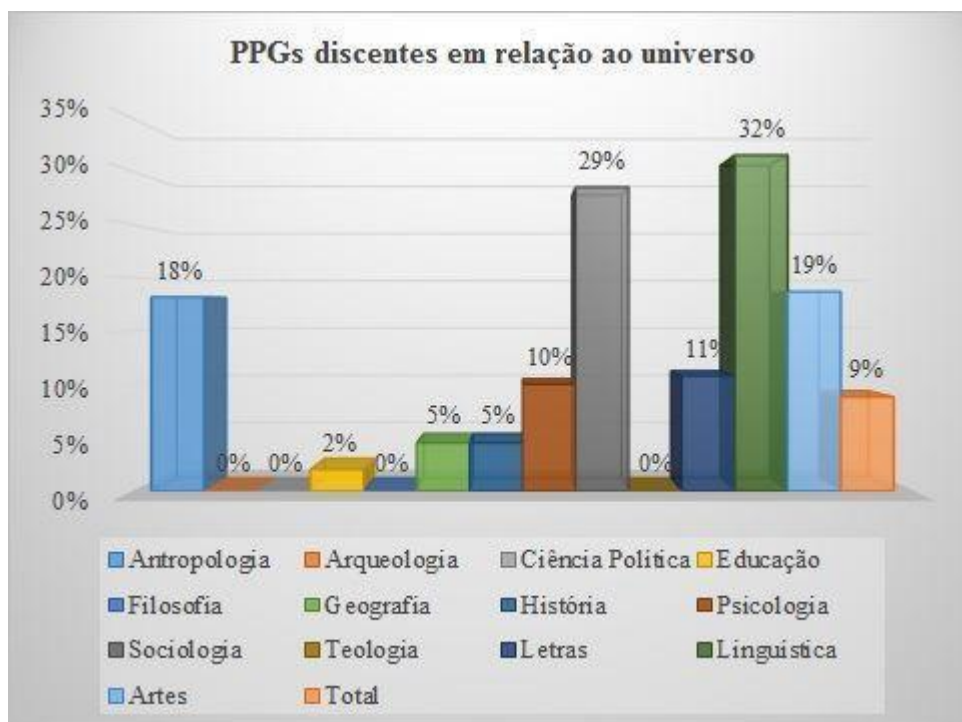
Foram realizados dois contatos com os PPGS:

⁵³ Consultar Anexo A para imagem explicativa.

- 03/06/2020: Primeiro contato com os programas de pós-graduação. Foram enviados e-mails de apresentação da pesquisa e solicitação de auxílio. Foi pedido que os PPGs informassem a quantidade de alunos de doutorado e docentes vinculados a ele e, além disso, que re-enviassem o e-mail com a apresentação e link do questionário aos alunos. Neste primeiro contato, apenas 17 PPGs nos responderam, comprometendo-se em repassar a pesquisa.

-19/06/2020: Segundo contato com os programas de pós-graduação. Foram enviados, novamente, e-mails aos programas que não responderam no primeiro contato. Desta vez, mais 6 programas aderiram à pesquisa, totalizando 23 PPGs participantes, 8,8% dos PPGs convidados, conforme gráfico abaixo:

Gráfico 12 — PPGs discentes em relação ao universo



Fonte: Elaborado pela autora

A maior dificuldade encontrada neste momento foi obter apoio dos PPGs contatados. Temos ciência de sete PPGs que não receberam nosso e-mail de contato, pois a mensagem nos foi retornada com a informação de que as caixas de entradas se encontravam cheias. Ainda assim, o retorno obtido foi baixo, mesmo com os dois contatos e e-mails de apresentação da pesquisa.

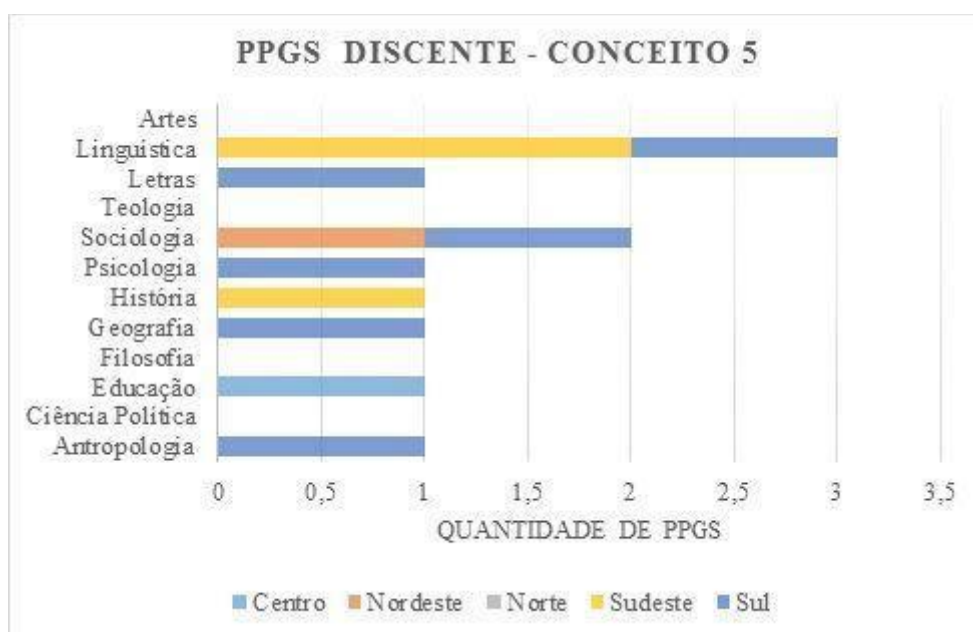
Hipotetizo três possíveis justificativas que podem ter influenciado essa questão; uma delas é a questão já prevista pela metodologia de condução de pesquisas via internet, de que alguns e-mails podem ter sido bloqueados ou redirecionados para spam ou lixo eletrônico.

Outra questão é o momento histórico vivido, da pandemia da doença do Covid-19, o que forçou a mudança de regime de trabalho presencial para remoto e um acúmulo de atividades, por parte das universidades para se adequarem à nova realidade. Outro acontecimento que pode ter servido como entrave para a participação de alguns PPGs foi os prazos da Capes para entrega de relatórios, sobrecarregando-os. Essa possibilidade integrou nossas hipóteses após a resposta de um PPG, do estado do RJ, oferecendo ajuda em pesquisa apenas após o período de entrega dos relatórios, devido ao grande fluxo de trabalho e prazos a que estavam submetidos.

No grupo de discentes, a maior adesão de PPGs foi da subárea de Linguística, o que pode ser visto como uma possível atenção especial e/ou solidariedade maior às investigações relacionadas a seu escopo de interesse. Frisa-se a não representação discente de algumas subáreas - Arqueologia, Ciência Política, Filosofia e Teologia.

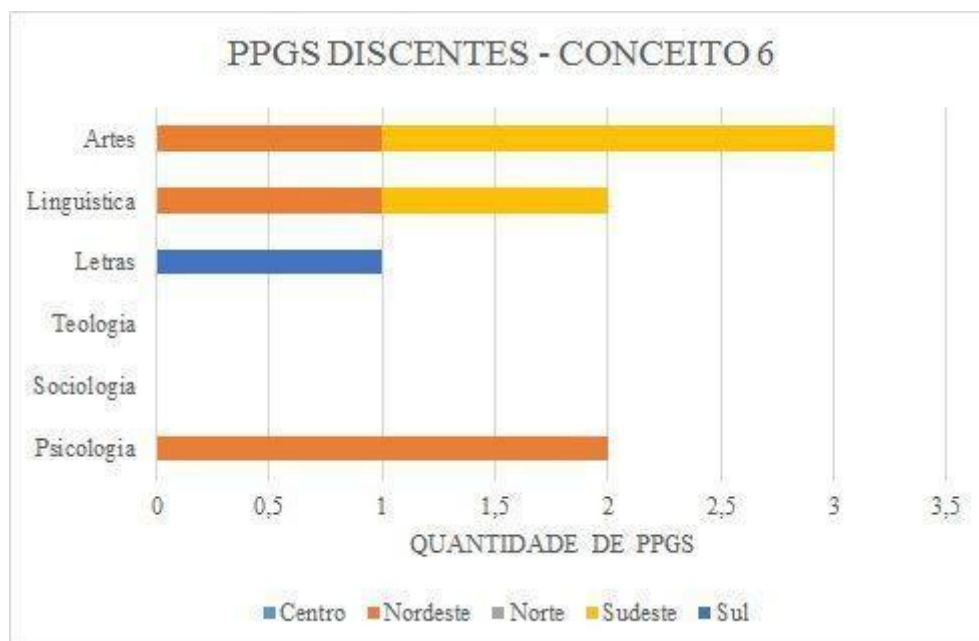
Em relação ao conceito, a adesão foi maior de PPGs conceito seis, seguidos por conceito 5 e 7, conforme gráficos a seguir:

Gráfico 13 — PPGs discentes - Conceito 5



Fonte: Elaborado pela autora

Gráfico 14 — PPGs discentes - Conceito 6

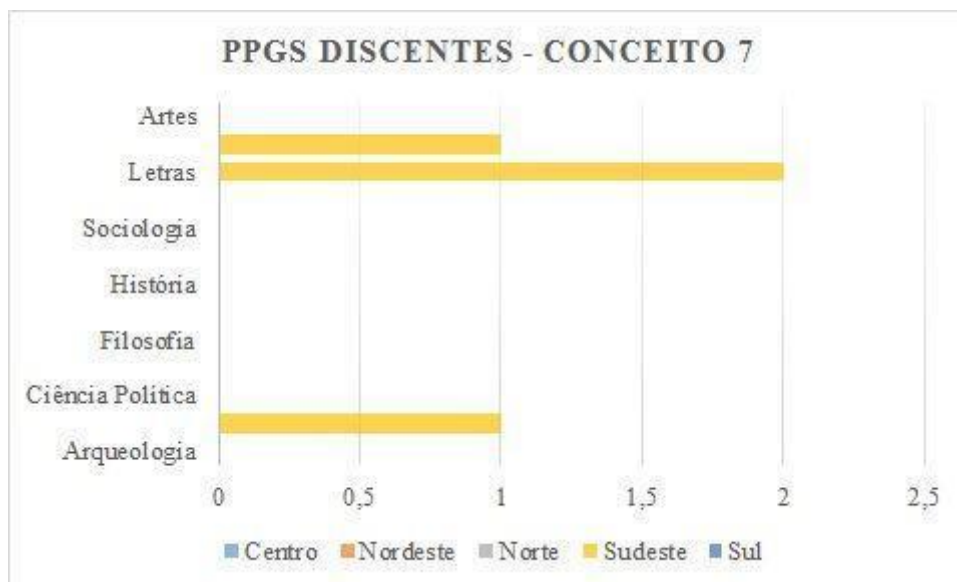


0

,0

Fonte: Elaborado pela autora

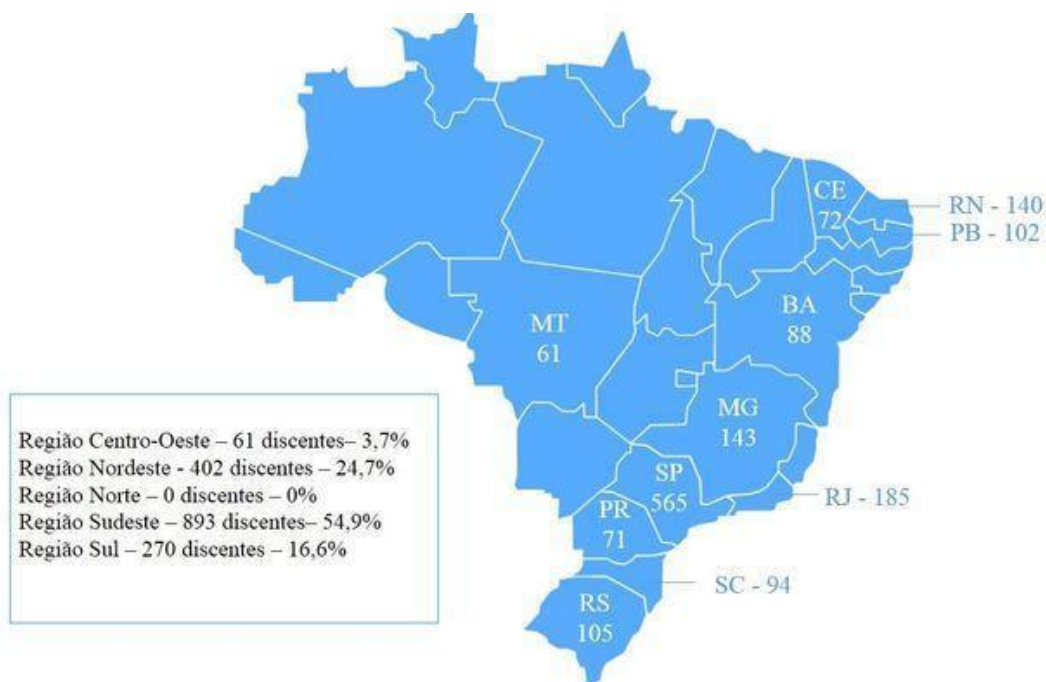
Gráfico 15 — PPGs discentes - Conceito 7



Fonte: Elaborado pela autora

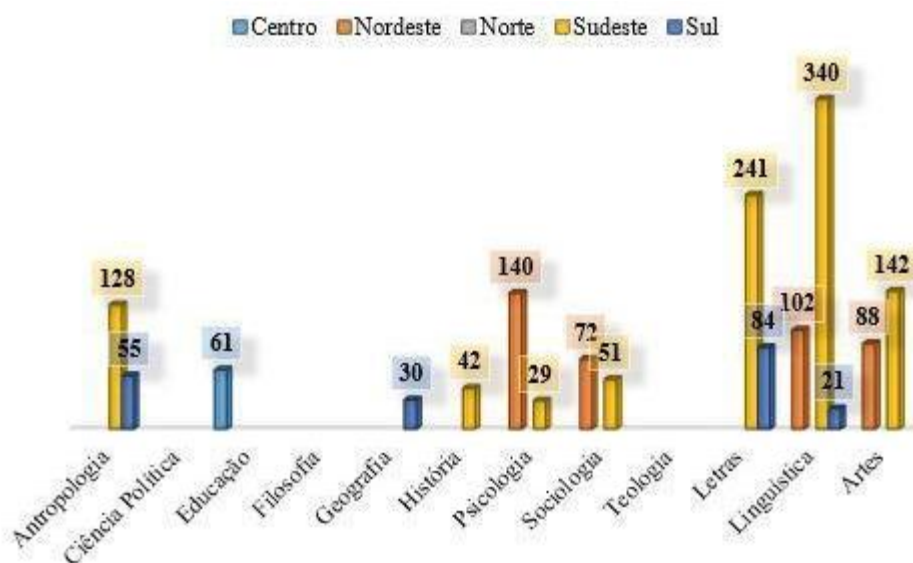
Ao todo, o convite, seguindo os números passados pelos PPGs, chegou à 1.626 discentes, divididos pela seguinte forma pelo país:

Mapa 7 — Distribuição dos discentes



Fonte: Elaborado pela autora

Gráfico 16 — Quantidade de discentes por subáreas



Fonte: Elaborado pela autora

Em suma, receberam convite para participar da Fase-I: 4.440 docentes e 1.626 discentes, totalizando 6.066 convidados. Ao final do primeiro contato com os pesquisadores, 355 sujeitos haviam respondido ao questionário, ou seja, uma taxa de resposta de 6,2%. Após o segundo contato, mais 147 sujeitos aderiram à proposta da pesquisa, aumentando a taxa de resposta para 8,3% (502 respostas).

Considerando a literatura em Estatística, a qual aponta que para um universo de 6.000 respondentes, 375 participantes fornecem 95% de confiabilidade nas respostas, o número pode ser considerado adequado e as respostas válidas para nosso contexto. (ARKIN; COLTON, 1971; BARBETTA, 2002).

3.1.6 A aplicação do questionário

O período de coleta de respostas total foi de um mês e meio (01/06/2020 a 15/07/2020), seguindo o cronograma:

- 01/06/2020 a 03/06/2020: Teste piloto com docentes e discentes do programa de pós-graduação em Estudos Linguísticos, UNESP/SJRP.

- 03/06/2020: Envio do e-mail⁵⁴ de apresentação e pedido de colaboração em pesquisa aos PPGs. Foi solicitado que os PPGs informassem a quantidade de alunos de doutorado vinculados ao programa e repassassem o questionário a eles.
- 04/06/2020 a 18/06/2020: Envio do e-mail de apresentação do questionário e convite de participação de pesquisa aos docentes.
- 19/06/2020: Envio de e-mail lembrete aos PPGs que não responderam ao primeiro contato.
- 06/07/2020 a 08/07/2020: Envio de e-mail de agradecimento/lembrete aos pesquisadores que não preencheram o questionário com o primeiro contato.
- 15/07/2020: Fechamento do questionário.

Foi interessante observar o *feedback* dado por alguns docentes, em resposta aos e-mails:

- Um coordenador da subárea de Educação, do estado de SP, e um docente da subárea de Geografia, do estado do RJ, elogiaram o tema da pesquisa, incentivando o compartilhamento dos resultados.
- Duas pesquisadoras, da área de Letras, estado de SC, pontuaram um problema de obrigatoriedade de respostas na questão nove, da seção 4, o que foi prontamente reavaliado porque a questão não deveria ser obrigatória.
- Um docente da subárea de Ciência Política, do estado do RJ, criticou a falta do nome da pesquisadora no e-mail, classificando o texto como "antiético". Após, esse *feedback*, alteramos a assinatura do e-mail, acrescentando nome, e-mail e telefone da pesquisadora. Após e-mail de agradecimento e aprofundamento na conversa, o pesquisador propôs relações de parcerias futuras, uma vez que ele trabalha com escopo de pesquisa semelhante sobre padrões de publicação em Ciências Sociais.
- Um docente, da subárea de Filosofia, do estado do RJ, respondeu ao e-mail perguntando se o convite era "algum tipo de piada" e solicitando que não fosse feito mais nenhum contato, o que foi respeitado e seu nome excluído de nossa lista.
- Um docente, da subárea de Psicologia, do Distrito Federal, criticou o início do questionário devido ao que ele nomeou como "perguntas pessoais", dispondo-se, cordialmente, em responder ao questionário se a ordem das perguntas fosse invertida, o que não foi possível de ser realizado e, como consequência, o docente não participou

⁵⁴Os e-mails enviados podem ser consultados no Apêndice A.

da pesquisa. Como contribuição, o pesquisador disponibilizou um artigo, de sua autoria, no qual descreve processos de aplicação de questionário.

- Dois discentes, dos quais não foi possível rastrear subárea e estado, que entraram em contato para relatar a falta de suas instituições, na questão 4, da seção 2, o que, também, foi resolvido prontamente.
- Um docente, da subárea de Linguística, do estado de São Paulo, que fez uma correção gramatical no uso de uma crase do texto.
- Uma docente, da subárea de Linguística, do estado de Santa Catarina, que problematizou o termo "gramática correta", na questão 4, da seção 7, pontuando nossa conduta como preconceito linguístico. A sugestão foi acatada e trocamos o termo por "gramática adequada".

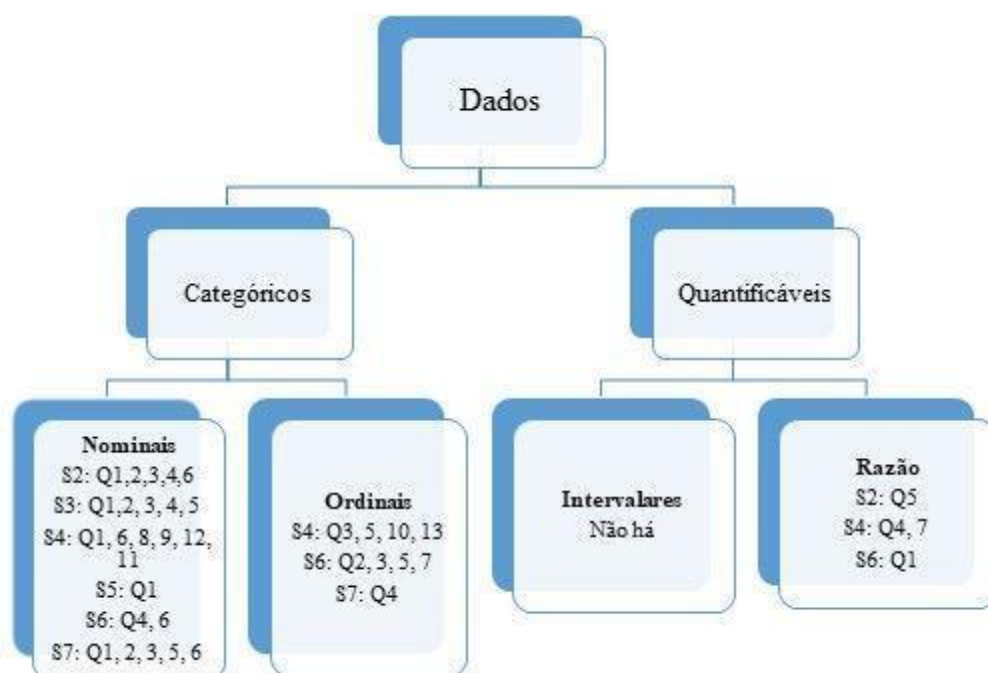
Aproveito esta subseção, para agradecer a todos os *feedbacks*, positivos ou negativos, construtivos ou não, por ajudarem na condução da pesquisa e também fornecerem dados passíveis de serem analisados.

3.1.7 Análise da Fase-I

Os dados coletados na Fase-I foram tabulados automaticamente pela plataforma *Google Docs*. Para a análise, as perguntas fechadas foram agrupadas de acordo com a característica do dado (GREY, 2010, p.360), sendo:

- Dados categóricos: aqueles que não podem ser quantificados numericamente. Subdividem-se em nominais, quando fornecem como resposta nomes e categorias (Ex: Qual língua franca de sua subárea de pesquisa? Inglês, Alemão, Português) e em ordinais, quando mostram uma classificação, ordem (Ex: Qual nível de dificuldade você encontra nos seguintes...? Muita dificuldade, dificuldade razoável, pouca dificuldade).
- Dados quantificáveis: podem ser quantificados numericamente. Subdividem-se em intervalares, nos quais há uma escala de intervalos, mas não há um ponto zero absoluto e razão, quando há um zero absoluto de referência, ou seja, há a ausência do fenômeno.

Figura 16 — Organização de dados quantitativos para análise



Fonte: GREY, 2010, p. 360 adaptado pela autora

Já as questões abertas foram analisadas de acordo com os preceitos da Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977, p.102), conforme apresentado no Anexo A. Primeiramente, foi desenvolvida a leitura flutuante das respostas coletadas, ou seja, a leitura com vistas à familiarização das respostas e ao levantamento de hipóteses. Após essa fase inicial de análise, partiu-se para a exploração do material, codificação e estatização dos dados, para, finalmente, interpretar os dados sistematizados à luz das hipóteses levantadas (seção 1.2).

As respostas foram codificadas com a inicial da subárea a qual o pesquisador faz parte, juntamente com o número correspondente na ordem de resposta do questionário.

Quadro 13 — Codificação das respostas abertas

AR - Arqueologia	E - Educação	L - Letras	T- Teologia
AN - Antropologia	F - Filosofia	LG - Linguística	
A - Artes	G - Geografia	P - Psicologia	
CP – Ciência Política	H - História	S - Sociologia	

Exemplificando, o código F202 significa que a resposta pertence à Filosofia e foi escrita pelo 202º respondente.

3.2 Os resultados

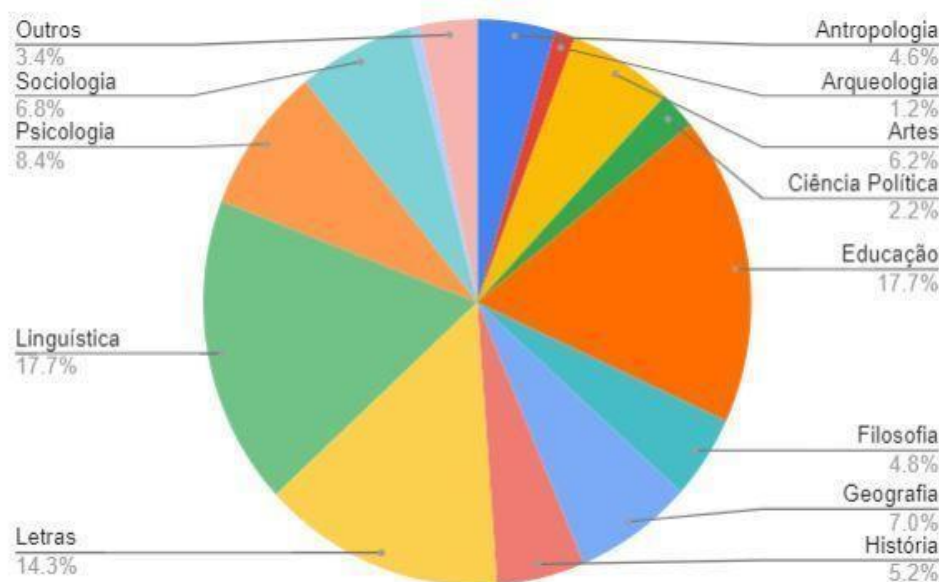
3.2.1 Perfil

As perguntas analisadas nesta subseção são:

S2Q1 – Gênero de identificação	S2Q4 – Nível de escolaridade
S2Q2 – Língua Materna	S2Q5 – Tempo de obtenção de título de doutoramento
S2Q3 – Instituição da qual faz parte	S2Q6 – Subárea de pesquisa

Baseado no fato de que um dos pontos principais da pesquisa é a possível variação das práticas e culturas disciplinares e seu impacto nas pesquisas e nos textos, este tópico se iniciará pela apresentação dos participantes da pesquisa pela subárea de atuação (S2Q6).

Gráfico 17 — Subárea de pesquisa (S2Q6)



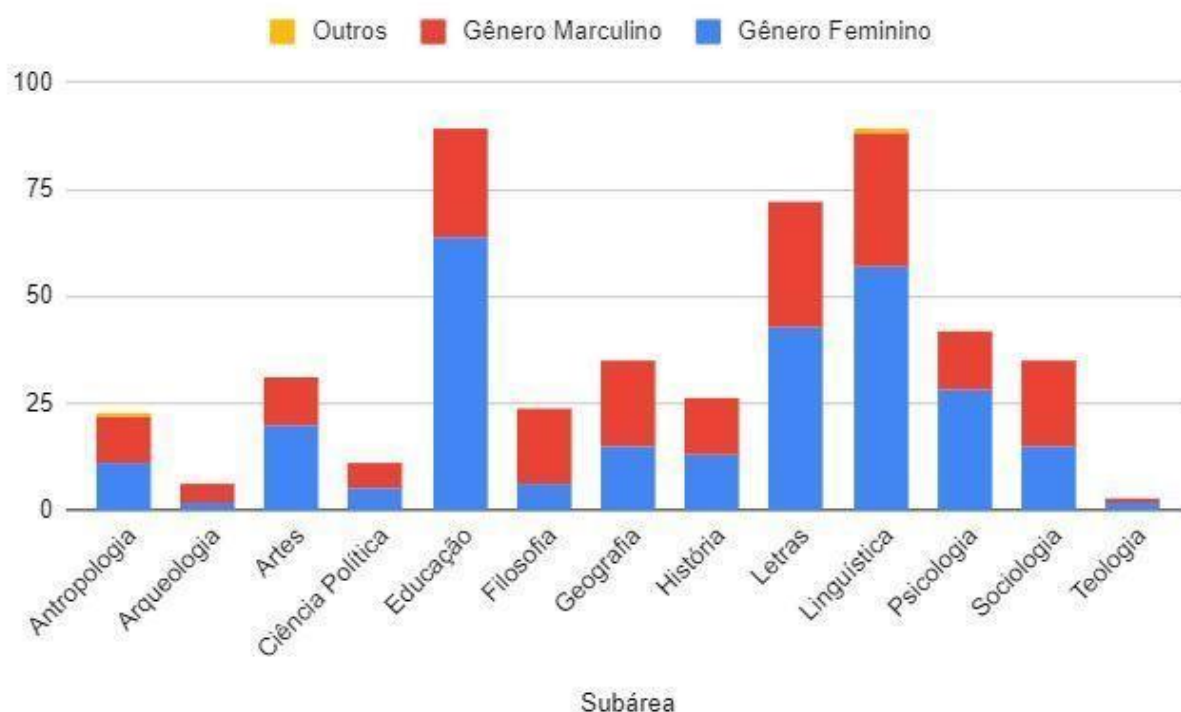
Fonte: Elaborado pela autora

As subáreas de maior participação na pesquisa foram Linguística e Educação, com 17.7% dos respondentes cada. Em seguida, Letras, com 14.3%. As menores participações foram de Ciência Política (2.2%), Arqueologia (1.2%) e Teologia (apenas 0.6%). Salienta-se também a presença de participantes advindos de outras subáreas que não se enquadram nas áreas de Ciências Humanas, Letras, Linguística e Artes e, por esse motivo, eles foram redirecionados ao fim do questionário após a resposta a essa pergunta.

58,4% dos respondentes se identificaram como gênero feminino, 41,2%, gênero masculino e 0,4% como outros. Entre as áreas, Antropologia, Arqueologia, Ciência Política, História e Teologia apresentaram proporção semelhante de participantes, por gênero. Nas subáreas de Artes, Educação, Letras, Linguística e Psicologia, respondentes de gênero

feminino chegaram quase ao dobro de masculinos. Em contrapartida, em Geografia, Sociologia e, drasticamente, em Filosofia, com mais que o triplo, participaram mais sujeitos de gênero masculino, como ilustrado pelo gráfico 18:

Gráfico 18 — Gênero dos participantes por área (S2Q1)



Fonte: Elaborado pela autora

É claro que nossa amostragem não corresponde ao número exato de pesquisadores brasileiros vinculados a cada uma das subáreas. Logo, não é possível estabelecer generalizações. Estatísticas providas da plataforma Lattes⁵⁵ quantifica que dentre os 70.567 currículos de doutores analisados, 47,5% são de mulheres. Entre as grandes áreas, essa proporção se modifica. As mulheres dominam as áreas de Ciências Biológicas, Humanas e

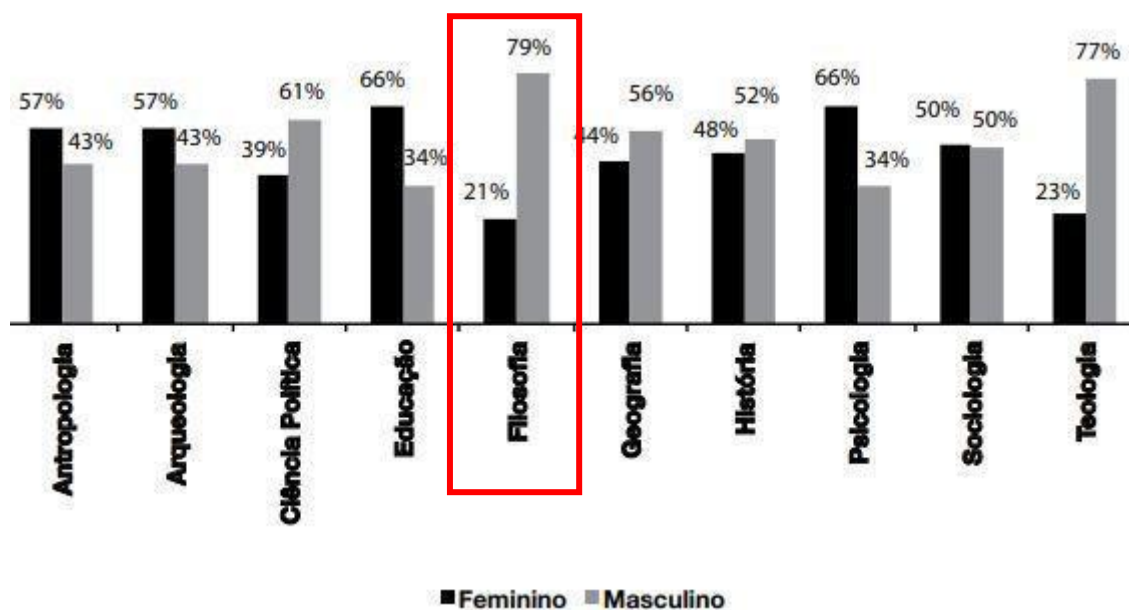
⁵⁵Disponível em: <<http://estatico.cnpq.br/painelLattes/sexofaixaetaria/>>. Acesso em: 13 dez. 2020.

Linguística, Letras e Artes. Enquanto os homens se restringem às áreas de Ciências Agrárias, Exatas e da Terra, Ciências Sociais Aplicadas e Engenharia.

A proporção da participação dos gêneros nessa pesquisa é corroborada pelos dados apresentados pelo Lattes, uma vez houve uma proporção maior de respondentes do sexo feminino, característica das áreas de Ciências Humanas, Linguística, Letras e Artes.

A subárea de Filosofia, todavia, parece destoar desse cenário. Isso pode ser explicado por uma "ausência e silenciamento" das mulheres nesse campo, fruto de uma mentalidade que data desde a Grécia Antiga, na qual as mulheres não são relacionadas à inteligência ou ao pensamento, sendo essas atividades delegadas aos homens (SILVA, 2011). Talvez, esse pensamento ainda ecoe na sociedade atual, não apenas considerando a participação bem menor de mulheres nesta pesquisa, mas também considerando dados de Barreto (2014) ao apontar que os grupos de pesquisa brasileiros em Filosofia são dominados por homens (79%).

Gráfico 19 — Liderança dos grupos de pesquisa por sexo e subáreas



Fonte: Barreto, 2014, p.38

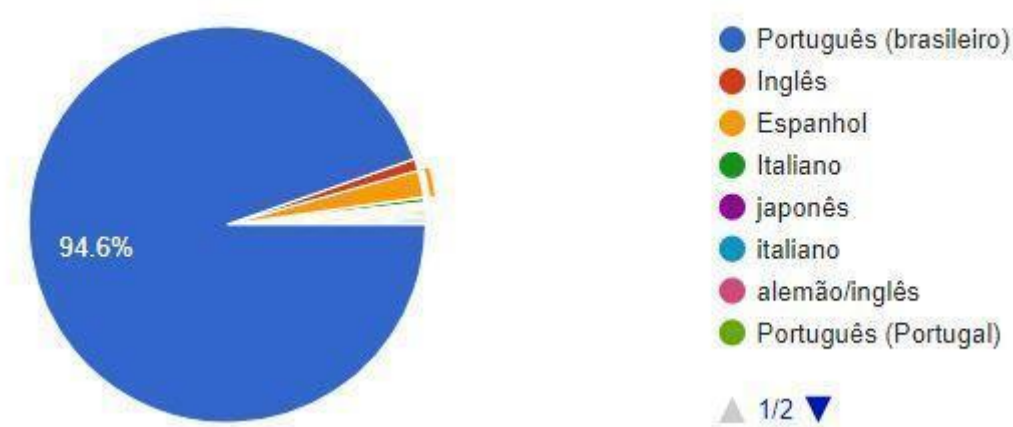
Chama a atenção também a massiva maioria de mulheres nas subáreas de Educação, Artes, Letras e Linguística. Essa proporção possivelmente reflita outros postulados culturais, como a relação entre docência, cuidados e feminilidade, a partir do século XIX (OLIVEIRA, 2016). Isto é, profissões que exigem cuidado com o próximo passaram a ser vistas essencialmente como femininas. Oliveira (2016) defende que o reflexo desses pensamentos

consolidados na sociedade pode ser a criação de estereótipos e a consequente inibição da entrada de sujeitos masculinos em cursos dados como femininos, e vice-versa.

Consideradas as devidas proporções, interpretamos os dados relacionados ao gênero dos participantes não apenas como dados aleatórios, mas também como representações da relação entre a mentalidade social e a prática de pesquisa entre as áreas.

Em relação à língua materna - S2Q2 - Português foi apontado como L1 de 94,6% dos sujeitos, aparecendo como opções inglês, italiano, espanhol, francês, japonês, alemão, russo, português (variedade de Portugal) e canelos-quichua para os 5,4% restantes.

Gráfico 20 — Língua Materna (S2Q2)



Fonte: Elaborado pela autora

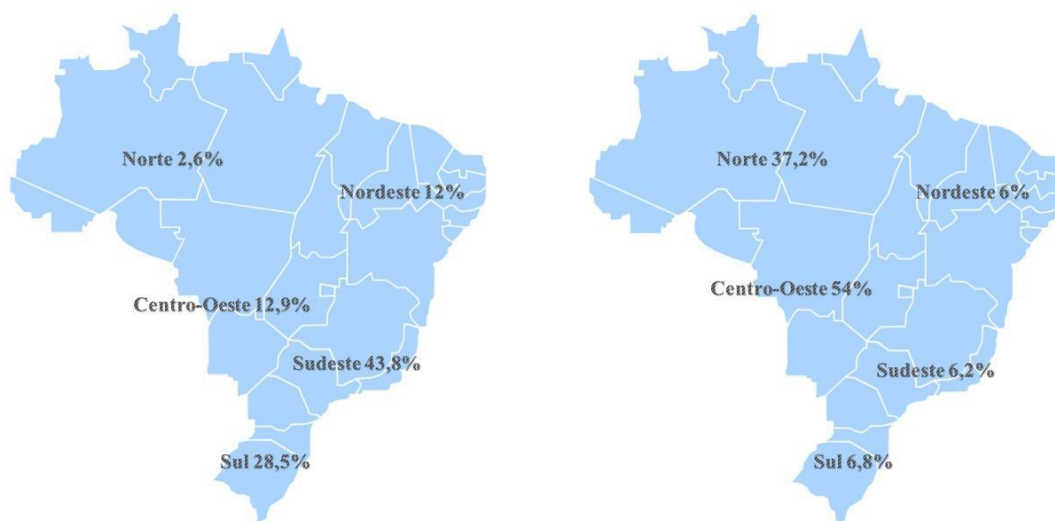
De as 75 IES convidadas a participar da pesquisa (S2Q3), apenas 13 não participaram (cinco de SP, dois do RJ, um de MG, um do DF, um de PE, um de RS e um de PR). Em contrapartida, houve a participação de outras instituições que não estavam previstas inicialmente (um em PA; um em SP; quatro em MG; um em GO; um em PI). Uma das hipóteses que explica o fenômeno é o fato de que alguns pesquisadores que receberam o convite mantêm vínculo empregatício com outras IES, seja porque mudaram de instituição ou assumiram cargos profissionais em localidade diferentes daquelas consideradas inicialmente.

Sudeste foi a região com maior número de participantes (43,8%). Entretanto, ao se analisar os dados proporcionalmente ao número de convidados por região, a maior taxa de resposta obtida no questionário foi na região Centro-Oeste - 54% dos sujeitos convidados localizados nessa região responderam à pesquisa, e Sudeste (6,2%) e Sul (6,8%) obtiveram taxas baixas. Uma das possíveis explicações pode ser devido aos bloqueadores de lixo

eletrônico. Como essas três regiões foram as que concentravam maior número de participantes, as listas de remetentes de e-mail mais longas podem ter ocasionado o bloqueio maior de envios, impedindo que o questionário chegasse a muitos destinatários.

Os mapas abaixo ilustram as taxas de resposta pelas áreas do país:

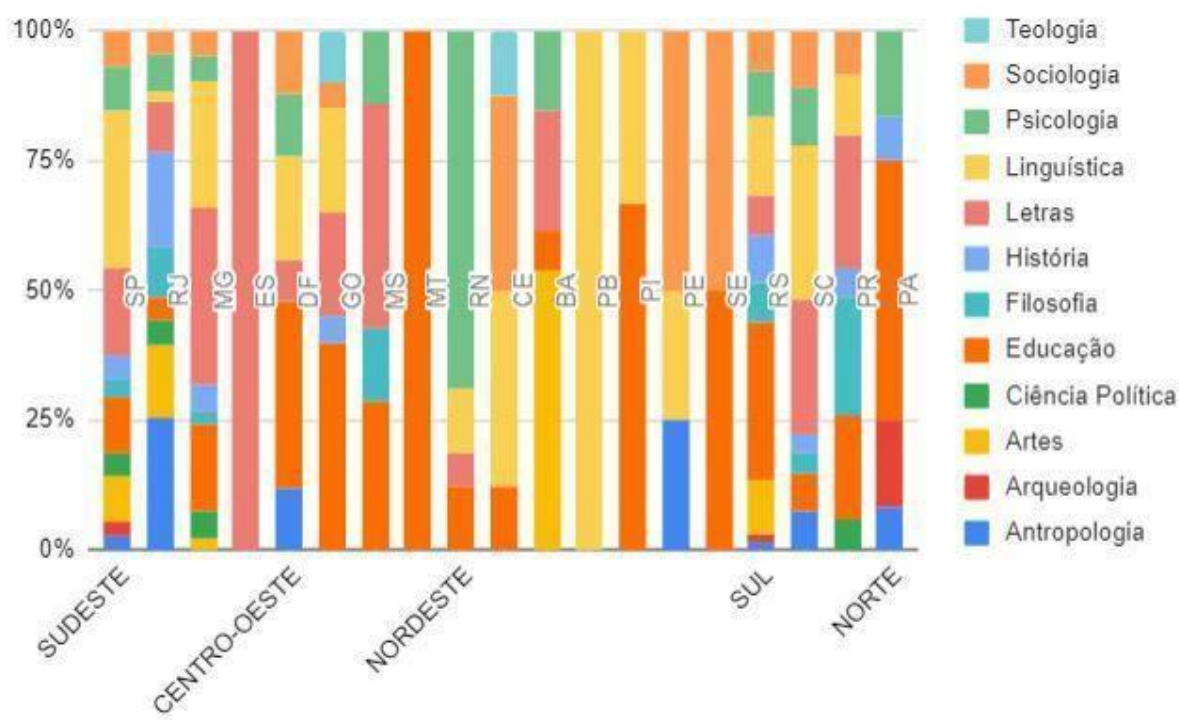
Mapa 8 — Taxa de resposta por subárea X taxa de resposta pelo número de convidados



Fonte: Elaborado pela autora

Fragmentando as respostas entre as subáreas e estados, as IES com maior número de respostas foram USP (39), UFRGS (38), UNICAMP (35), UNESP (30). Por estado, em DF, GO, MT, PI, SE, RS e PA sobressaem participantes da subárea de Educação. Em SP, CE, PB e SC, Linguística. Já MG, ES, MS e PR, há maior recorrência de resposta da subárea de Letras. Nos estados de RJ, RN, BA e PE, têm-se respectivamente História, Psicologia, Artes e Sociologia.

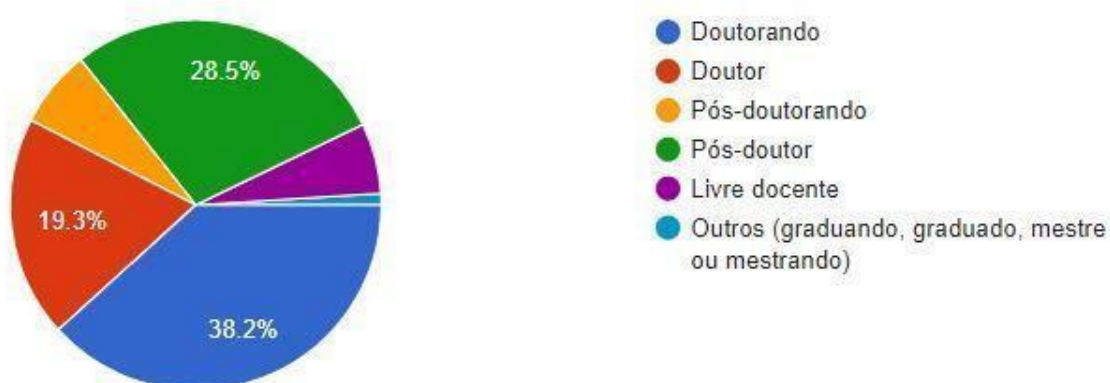
Gráfico 21 — Instituições por subáreas e estados



Fonte: Elaborado pela autora

Em relação ao nível de escolaridade, a maior taxa de resposta veio de doutorandos (38,2%), seguidos por pós-doutores (28,5%), doutores (19,3%), pós-doutorandos (6,8%), livre-docentes (6,2%) e outros (1%).

Gráfico 22 — S2Q4 - Nível de escolaridade



Fonte: Elaborado pela autora

Mais da metade dos participantes (59,20%) enquadram-se na categoria de peritos na área, considerando para fins de classificação Soler (2019), que aponta como novíços (*early stage*) os pesquisadores que ainda não obtiveram título de doutoramento ou o conseguiram há

até, no máximo, cinco anos. Os pesquisadores que já estão há mais de 5 anos inseridos nas práticas de pesquisa seriam, portanto, considerados peritos, pelo prisma do tempo de obtenção do título.

Gráfico 23 — Tempo de obtenção do título de doutorado (S2Q5)



Fonte: Elaborado pela autora

Poucos participantes indicaram ter concluído o doutorado há, no máximo cinco anos. Hipotetizo, considerando que há um mínimo de tempo para que o pesquisador consiga ingressar em uma universidade de prestígio, como docente, já que todas as instituições convidadas são as mais bem-conceituadas pela Capes em suas subáreas, consequentemente, IES com processos rigorosos de seleção e de contratação de servidores. Os respondentes foram exclusivamente pesquisadores vinculados a essas IES, seja pelo vínculo como discente ou docente. Raramente, um pesquisador considerado "iniciante" galga uma posição de docência nesses centros, sendo esses postos destinados a pesquisadores mais experientes. Ou seja, a experiência dos pesquisadores brasileiros parece derivar das práticas de pesquisa anteriores ao exercício da função de pesquisador pleno.

Comparando os dados das perguntas quatro e cinco, tem-se que 100% dos sujeitos livre-docentes obtiveram o título de doutor a mais de dez anos, confirmando a premissa de que somente pesquisadores muito experientes alcançam esse patamar, considerado elevado dentro da carreira acadêmica. Outro dado interessante é o fato de que 75% dos pesquisadores que indicaram ser "pós-doutorandos" já obtiveram título de doutoramento há mais de dez anos, o que pode revelar uma pressão crescente para que esses sujeitos acumulem títulos, mesmo após tantos anos inseridos nas práticas acadêmicas.

Em suma, a maior parte dos participantes é do sexo feminino, vinculados a instituições localizadas no Sudeste do país, das subáreas de Linguística e Educação, doutorandos, com pesquisa em andamento, ou pós-doutores, com obtenção do título há mais de dez anos.

3.2.2 Práticas

As práticas dos pesquisadores foram investigadas em questões distribuídas por quatro seções: S3 Idiomas de Pesquisa e Publicação; S4 Publicação em Língua Inglesa, internacionalmente; S5 Publicação em Língua Inglesa, nacionalmente; S6 Publicação em Língua Portuguesa, nacionalmente. As subseções abaixo apresentam os dados colhidos por estas perguntas.

Práticas de pesquisa

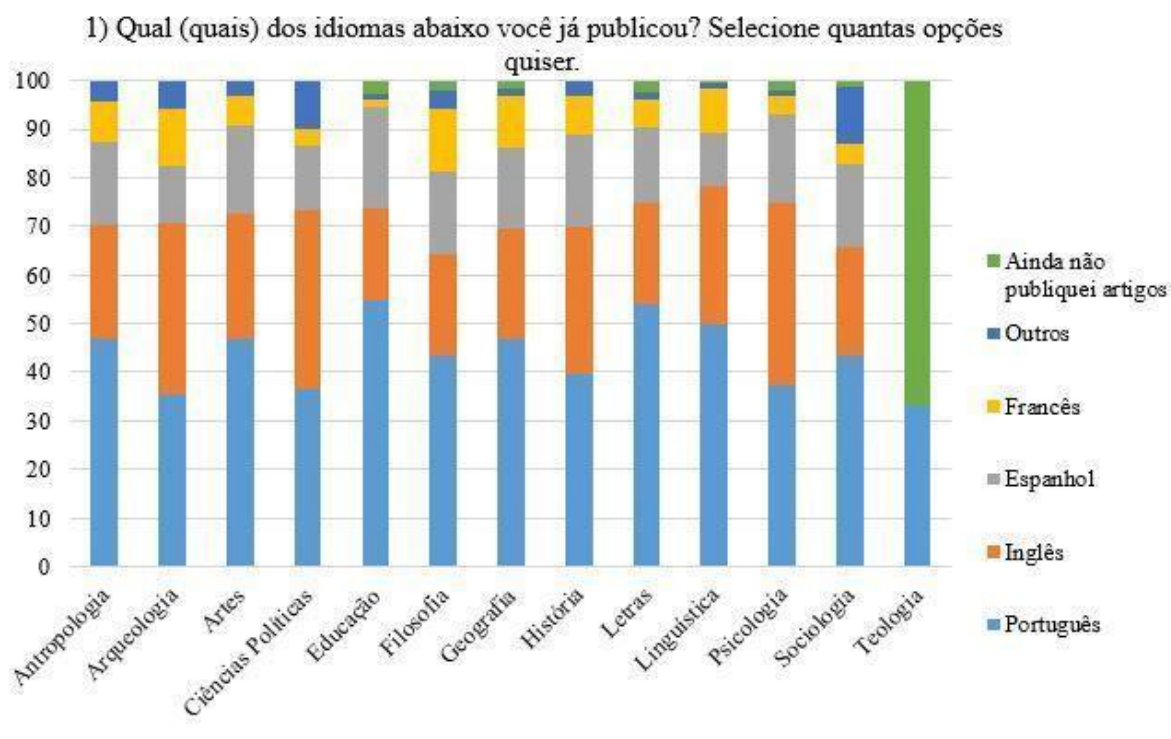
Esta subseção analisa as perguntas:

S3Q1 – Idiomas que já publicou	S3Q3 – Artigo é o principal gênero escrita de sua área?
S3Q2 – Idiomas que publicaria seu próximo texto	S3Q4 – Qual a língua franca de sua subárea

S3Q1 dedicou-se a investigar quais idiomas os participantes já haviam publicado. A questão não é múltipla escolha, de forma que se poderiam escolher quantas opções quisessem. Os três idiomas que notadamente fazem parte das dinâmicas de publicação dos pesquisadores brasileiros são Português (94%), Inglês (51,1%) e Espanhol (32,6%). Apenas 3% dos indivíduos ainda não publicaram artigos.

Por subárea, tem-se:

Gráfico 24 — Idiomas já publicou (S3Q1)



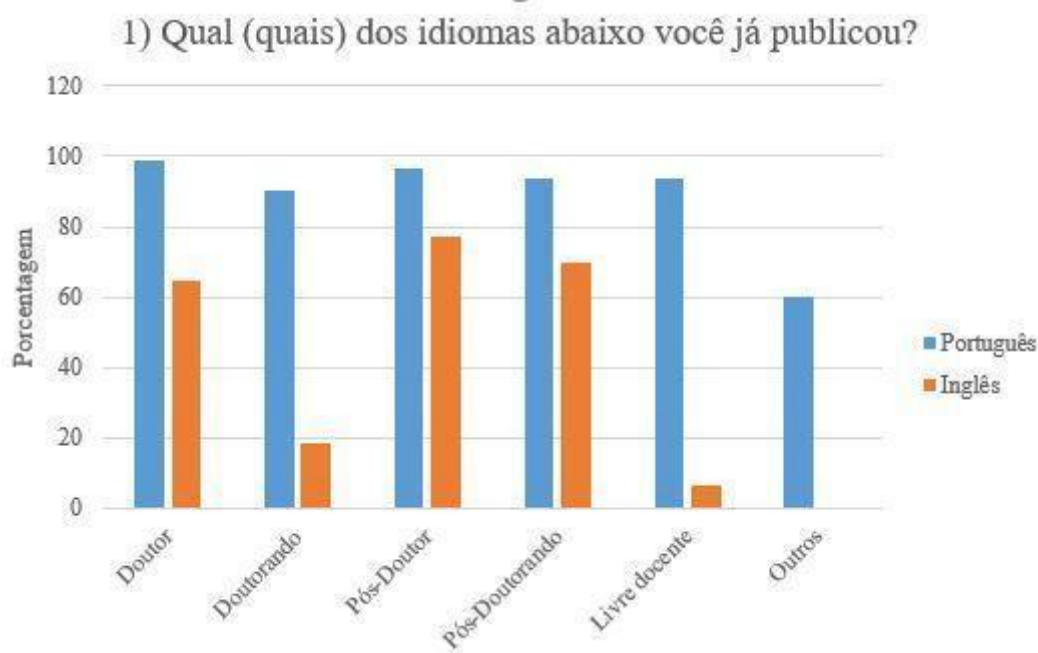
Fonte: Elaborado pela autora

Em linhas gerais, Português é o idioma de maior publicação dos participantes, seguido de Inglês. Chama a atenção Ciência Política e Psicologia, com praticamente a mesma porcentagem de publicação em ambas as línguas - 36,6% e 37,3%, respectivamente - o que pode indicar uma hegemonia mais forte da língua inglesa nessa subárea do que em outras e práticas de pesquisa mais sólidas na língua franca.

Educação e Letras foram as subáreas com menor porcentagem de publicação em inglês - 18,9% e 20,9%. Além disso, Educação foi a única a qual revelou publicar mais em espanhol do que em inglês - 20,9% contra 18,9%. Esses dados apontam para um fazer ciências nessas subáreas que difere daquele imposto pelo pensamento do Norte. Educação é uma subárea que conduz pesquisas aplicadas a contextos situados, geralmente locais, cujo público-alvo são outros pesquisadores que compartilham a mesma realidade social, econômica, política e cultural. As pesquisas em Letras, geralmente, são desenvolvidas a partir de idiomas, obras e autores específicos. A publicação almejada, então, seria nos idiomas nos quais essas pesquisas específicas são conduzidas.

Outro fator influenciador é o grau de experiência:

Gráfico 25 — Idiomas de publicação X Grau de experiência



Fonte: Elaborado pela autora

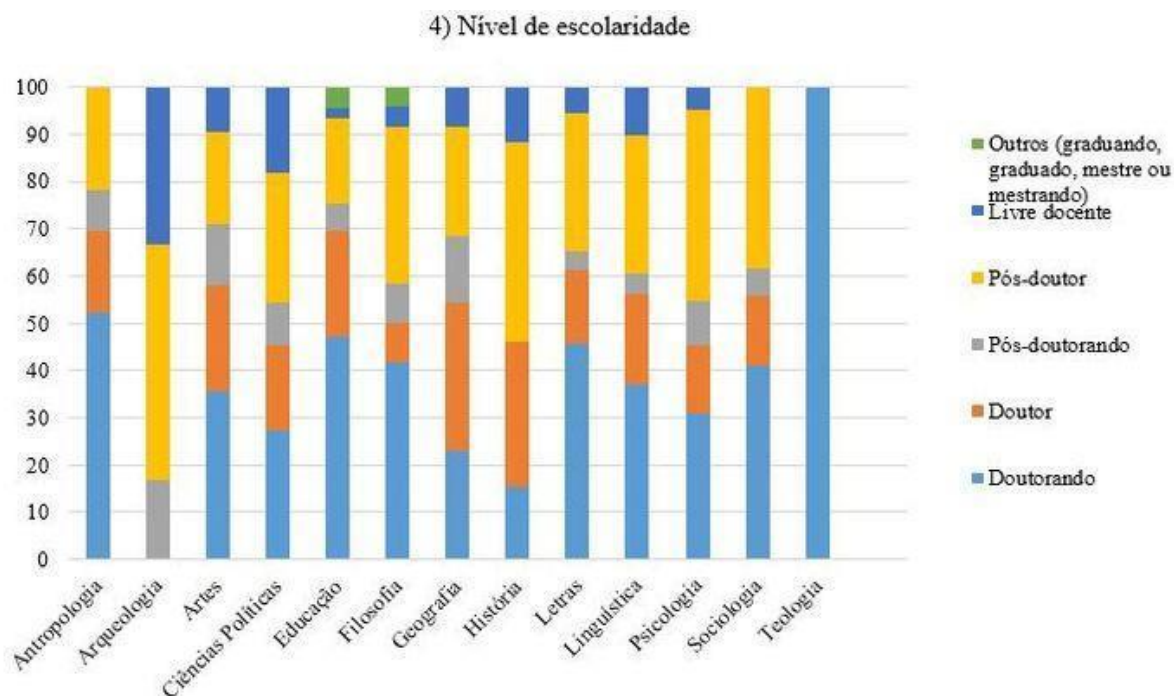
As porcentagens mais baixas de publicação em inglês são de doutorandos e livre-docentes. Os primeiros, provavelmente, possuem baixa porcentagem de publicação por ainda não terem o tempo para tal e a expertise que a publicação em língua estrangeira exige, considerando que quase todos já publicaram em língua portuguesa. Possivelmente, a publicação estrangeira será o próximo passo para esses sujeitos, após o término de sua pesquisa e, quem sabe, com o estabelecimento de coautoria com orientadores e outros pesquisadores que podem funcionar como *brokers*, citados por Lillis e Curry (2010), ou seja, pessoas que exercem a função de facilitadores.

Já o segundo grupo, em teoria, já obteve tempo, expertise e reconhecimento para tal fim. Uma das razões pelas quais livre-docentes publicaram menos em língua estrangeira pode ser uma marca na transição nas práticas de publicação de Humanidades, em geral. Esses sujeitos, em sua maioria, já ocupam cargo de docência há bastante tempo, passando parte de suas carreiras em um contexto acadêmico no qual o inglês não fazia parte tão atuante das pressões institucionais. O fato de doutores, pós-doutores e pós-doutorandos serem a fatia que mais publica parece reforçar essa leitura, pois ainda não atingiram o degrau máximo de suas carreiras acadêmicas e, para isso, não conseguem mais evitar a publicação internacional devido à pressão das agências de fomento e dos programas de pós-graduação.

A nossa primeira hipótese, a de que os livre-docentes se concentrariam em áreas que indicaram menor impacto do inglês não se prova verdadeira, uma vez que ao dividir o nível de

escolaridade pelas subáreas, nota-se que os livre-docentes se concentraram em Arqueologia, Ciência Política, História, Geografia e Linguística, as quais revelaram publicar em inglês.

Gráfico 26 — Nível de escolaridade X subárea

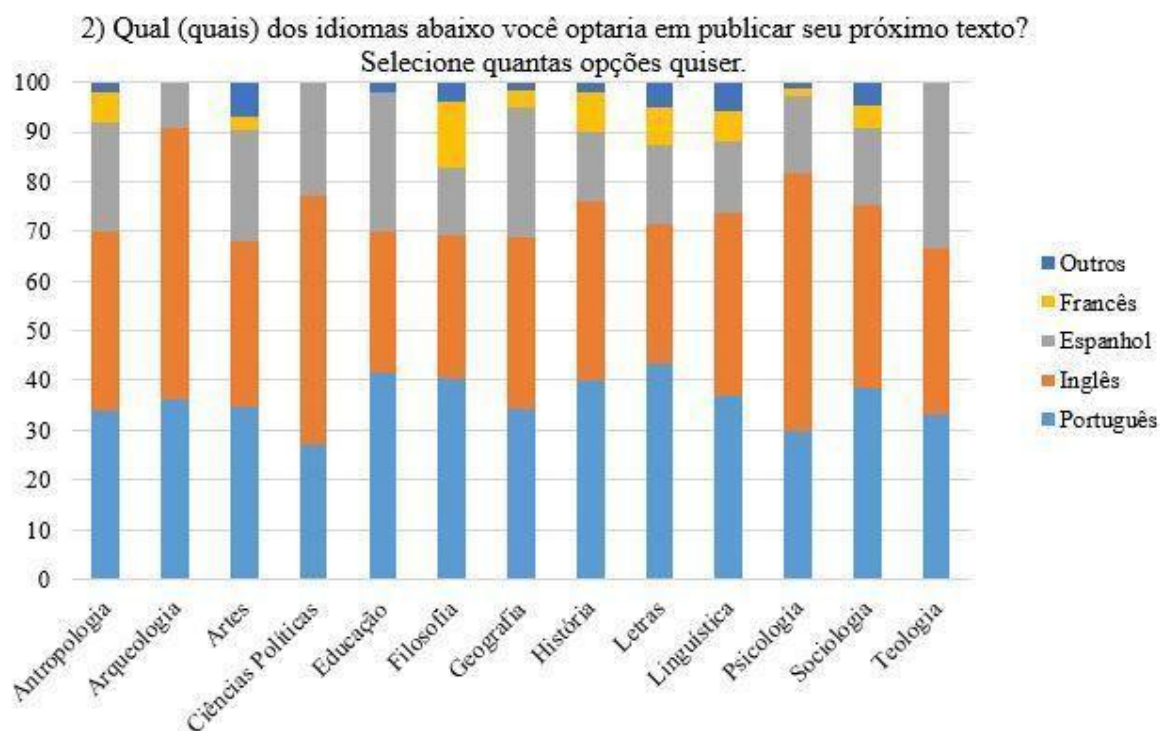


Fonte: Elaborado pela autora

S3Q2 voltou-se para as aspirações futuras, isto é, idiomas que os pesquisadores optariam em publicar próximos manuscritos. 71,5% indicaram desejo de publicar em português, 66% em inglês e 35,9% em espanhol. Mesmo que esta discussão se centre em língua portuguesa e língua inglesa, é válido notar a também a relevância da língua espanhola para o contexto, especialmente em Educação, Geografia e Teologia, com mais de 25% dos pesquisadores escolhendo o idioma. Sem dúvida, uma das influências é a inserção geopolítica brasileira, o que acarreta em um impacto da língua espanhola nas relações acadêmicas.

Especificando entre as subáreas, vê-se:

Gráfico 27 — Qual idioma deseja publicar (S3Q2)



Fonte: Elaborado pela autora

As porcentagens explicitadas no gráfico acima revelam uma tendência de as subáreas se agruparem em 3 categorias, de acordo com as respostas:

(i) Pesquisadores que desejam publicar mais em português do que em inglês: Educação, Filosofia, História, Letras

(ii) Pesquisadores que desejam publicar mais em inglês do que em português: Arqueologia, Ciência Política, Psicologia.

(iii) Pesquisadores que desejam publicar igualmente em inglês e em português (até 2 pontos percentuais de diferença para um ou outro): Antropologia, Artes, Geografia, Linguística, Sociologia e Teologia.

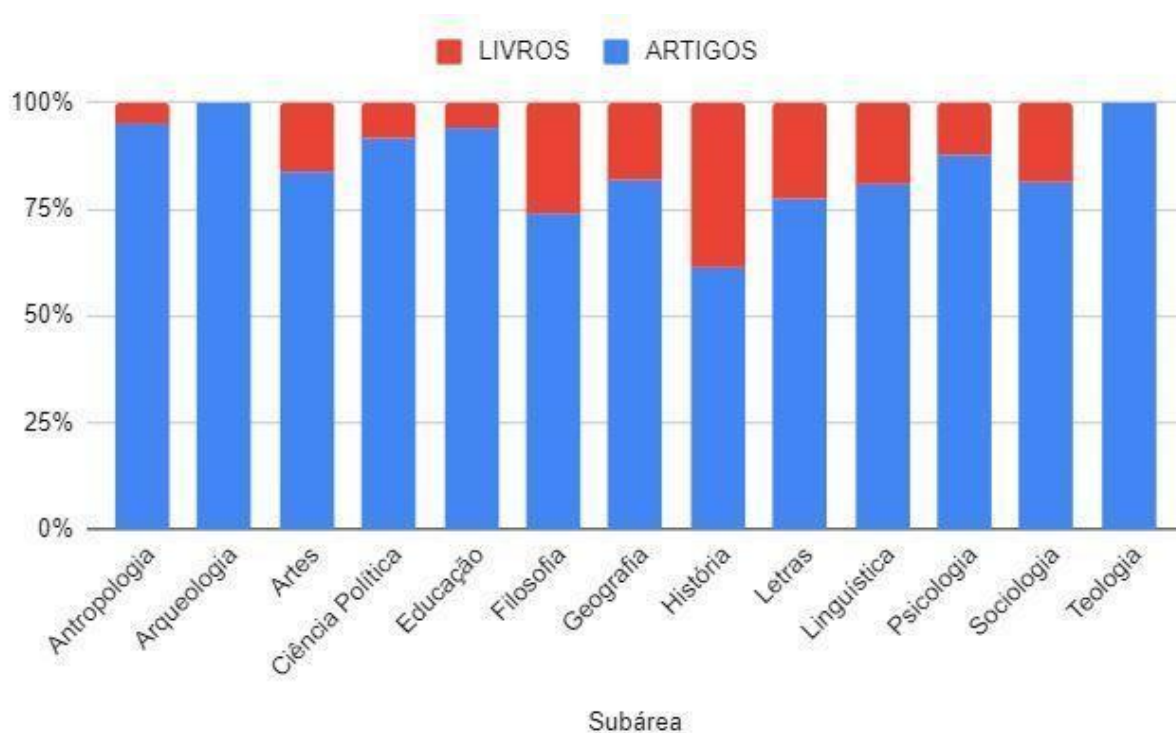
Nesse ponto, a centralidade da língua inglesa, em Ciência Política e Psicologia, entra em evidência, reforçando um impacto mais efetivo do idioma e indicando que existe a possibilidade de que iniciativas para escrita e publicação em língua inglesa sejam mais relevante para essas subáreas do que para outras.

S3Q3 busca confirmar a preferência do gênero artigo de pesquisa como principal gênero escrito nas subáreas estudadas em detrimento de outros. Os indivíduos poderiam escolher a alternativa SIM ou, caso não concordassem, indicar qual gênero considera primordial.

Já em 1990, Swales provava ser o artigo de pesquisa o gênero central das práticas de publicações das áreas. Apesar disso, muitos ainda defendem a relevância do livro para o contexto de Humanidades (FIORIN, 2007; GÓMES et al., 2006, entre outros). Os dados mostram que 78,4% dos pesquisadores indicaram o artigo como a principal forma de promoção, 15,25% citaram livros e/ou capítulos de livros como ainda sendo mais relevante.

Apesar de haver unanimidade entre todas as subáreas, é interessante chamar a atenção para História, a qual obteve mais participantes citando o livro como principal modalidade. Além disso, ela e a subárea de Filosofia foram únicas defensoras de que o veículo mais relevante seria a publicação de um livro de autoria única.

Gráfico 28 — Principal gênero escrito (S3Q3)



Fonte: Elaborado pela autora

Os dados corroboram em parte os resultados de Caballero-Rivero (2017). Na análise de senso realizado pelo CNPq em 2000-2014, o artigo firmou-se como o gênero mais popular. Entretanto, os trabalhos em anais, que não foram citados no questionário, aparecem em segundo lugar da estatística, chegando inclusive a ter maior número de publicação de 2004 a 2012. Os livros ocupam terceiro lugar, porém bem distante dos dois primeiros.

Santos et al. (2018) proporcionam percepções valiosas sobre esse panorama. Os pesquisadores advogam que o apelo maior do artigo de pesquisa, em uma área que construiu seu diálogo acadêmico por meio de livros e capítulos de livros, revela que as Humanidades

estariam mudando suas práticas por elas não serem rentáveis à mercantilização do conhecimento. Há ainda a ressalva de que "pior ainda é que as mudanças nas práticas de publicação podem vir junto à mudança na própria construção do objeto científico." (SANTO et al., 2018, p. 29)

Outra prova da crescente mudança das práticas epistêmicas das Ciências Humanas são os dados da Folha de São Paulo (2019) de que a publicação de artigos em Humanidades cresceu 123,5%, no período analisado. Dados disponíveis na mesma reportagem revelam que dois em cada três livros ou capítulos de livros acadêmicos publicados por pesquisadores do Brasil eram de Humanas, de Linguística e de Ciências Sociais Aplicadas. Nesse ponto, Santos et al. (2018) debatem haver uma adaptação nas publicações de livros, com o aumento de volumes destinados a fazer coletâneas, com vários autores, sobre um tema, rentabilizando também a publicação de livros.

Outra opção dada pelos participantes, refletindo este momento sociohistórico de pandemia da Covid-19, foi *lives*, *podcasts*, *webnares* e vídeos. Por mais que essas opções não sejam exemplos de gêneros escritos, tema da pergunta, a grande mobilização acadêmica para que a interação acadêmica não fosse prejudicada face ao isolamento social, com grande oferta de encontros e *lives* online está fazendo parte da vivência desses pesquisadores, o que influenciou uma parcela das respostas. Em outra perspectiva, ilumina-se ainda mais a transformação da tecnologia no ambiente de pesquisa e seu infreável impacto nos diálogos científicos.

Por fim, a última questão da seção 3 - S3Q4 - levantou um dos questionamentos centrais para esta pesquisa: a língua franca das subáreas. Aqui, os pesquisadores poderiam escolher uma dentre as opções disponíveis ou ainda adicionar sua resposta, se não se sentisse contemplado pelas alternativas.

No total de respostas, inglês foi considerado o idioma franco pela maioria dos respondentes: 47,2%. Apareceram também Português (28%), Francês (11,9%) e Espanhol (9,4%). Em proporções irrisórias, foram citados também os idiomas italiano (3 sujeitos) e russo (1 sujeito). Alguns participantes fizeram ressalvas sobre não ser possível precisar uma língua franca. Nos excertos reproduzidos abaixo, os respondentes demonstram a noção de que a escolha de uma língua franca está relacionada ao contexto de pesquisa:

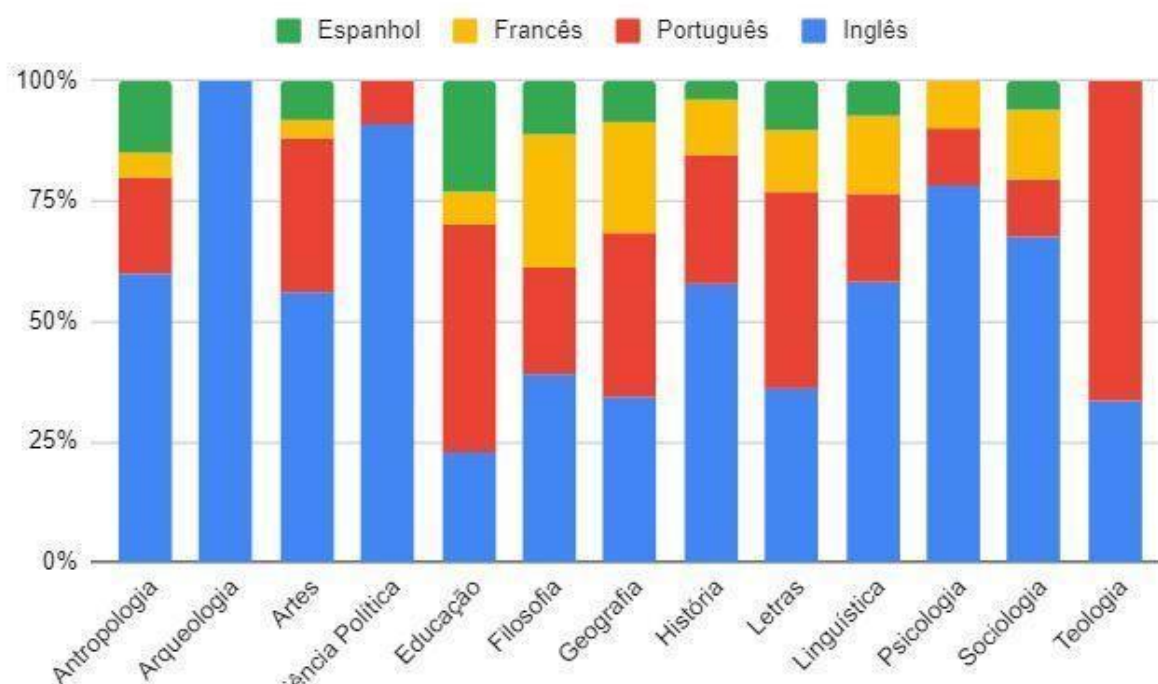
[L246] Não existe propriamente **uma língua franca nos estudos literários** - seria uma **negação da própria ideia de singularidade linguística** como uma das bases da singularidade poética.

[E24] Difícil precisar, **depende também das ramificações do campo**, do para que se produz conhecimento, para qual contexto.

Pelas subáreas, inglês foi eleita pela maioria dos participantes em Antropologia, Artes, História, Linguística, Sociologia e, especialmente em Arqueologia, Ciência Política e Psicologia, fortificando nossa interpretação dos dados de S3Q1 e S3Q2 de que inglês adquire papel hegemônico maior nessas três subáreas.

Em triangulação com os achados anteriores, Educação e Letras definitivamente são as subáreas com menor influência anglófona, o que pode ser explicado, parcialmente, por seus objetos de estudos contextualmente situados e locais. Do ponto de vista hegemônico, as duas subáreas ocupariam a periferia de pesquisa. Mas, se avaliarmos os dados de um ponto de vista decolonial, observamos que as pesquisas em Letras e Educação podem partir de premissas diferentes acerca da relevância do idioma e dos veículos de publicação. Portanto, avaliar o impacto delas pelos critérios do Norte as colocam em desvantagem, não pelo fato de os pesquisadores não serem capazes de escrever em inglês ou publicar em periódicos de alto impacto, mas sim pela questão de que essa prática, muitas vezes, não ser interessante, pois também há a necessidade de construir uma base de diálogo local. Logo, cobrar dessas subáreas um padrão de publicação semelhante àquele desenvolvido por subáreas que compartilham das práticas hegemônicas não faz sentido.

Gráfico 29 — Língua Franca pelas subáreas



Fonte: Elaborado pela autora

Além disso, S3Q4 possui a função extra de redirecionamento. Aqueles que avaliaram inglês ser a língua franca de sua subárea seguiram para S4, práticas de publicação em inglês; já os que indicaram outras alternativas foram levados diretamente para S6, práticas de publicação em português.

3.2.2.1 Percepções sobre inglês como língua franca

Esta subseção analisa as questões:

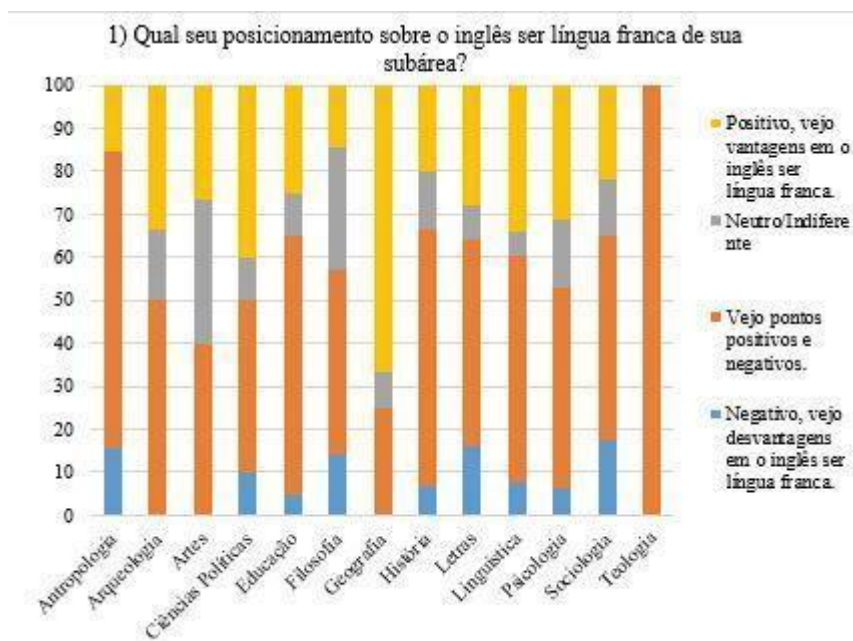
S4Q1 – Posicionamento sobre inglês como língua franca	S4Q9 - Caso tenha assinalado “me sinto desfavorecido”, assinale as razões
S4Q8 – Influência da nacionalidade nas avaliações recebidas	

Devido ao redirecionamento, 232 pesquisadores responderam aos questionamentos específicos das práticas em língua inglesa. Um dos pontos centrais da seção 4 é o posicionamento dos pesquisadores frente ao imperialismo anglófono, investigado por S4Q1 e S4Q2.

O posicionamento a respeito do impacto do inglês é divergente na literatura, ilustrado pela metáfora de Swales (1997) sobre o inglês ser um *Tyranosaurus Rex*, devorando tudo ao seu redor. Enquanto a possibilidade de haver uma língua comum, permitindo a interação entre a ciência em todo o mundo, preocupações emergem no que tange a um possível privilégio do inglês (CANAGARAJAH, 2002; CURRY; LILLIS, 2004; MAURANEN, 2014; HYLAND, 2016; POLITZER-AHLES et al., 2016; FLOWERDEW, 2009; dentre outros).

As respostas dos pesquisadores refletem essa dualidade discutida pela literatura, prova disso é a marca de 50% dos sujeitos que veem tanto os pontos positivos quando negativos da hegemonia anglófona. Os dados mostram ainda que 29,7% são apenas aspectos positivos; 11,6% declaram ser neutros ou indiferentes; e apenas 8,6% revelam encarar apenas como negativa essa realidade. Por subárea, tem-se:

Gráfico 30 — Língua Franca por subárea (S4Q1)



Fonte: Elaborado pela autora

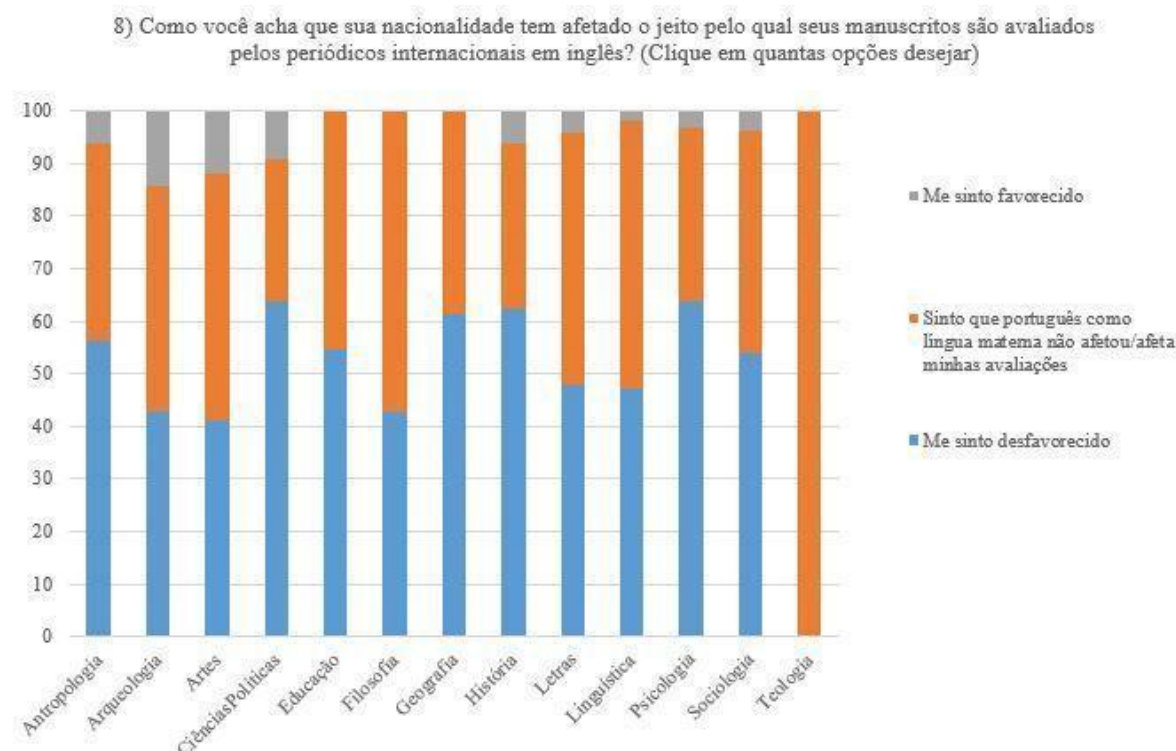
Ciência Política e Geografia são as subáreas que revelam atitudes mais otimistas em direção ao inglês como língua franca. Na primeira, 40% dos pesquisadores indicaram ver pontos positivos e negativos e outros 40% apenas pontos positivos. Na segunda, 66,6% veem apenas pontos positivos e 25%, pontos positivos e negativos, e 8,3% são neutros.

Com exceção das duas anteriores, todas as outras subáreas manifestam sentimentos ambivalentes para com essa realidade. As subáreas que apresentam maiores ressalvas com a hegemonia da língua inglesa são Letras, Sociologia, Filosofia e Antropologia, representadas com as maiores porcentagens de participantes que veem como negativa a influência do idioma anglófono - 16%, 17,4%, 14,28% e 15,38%, respectivamente.

Ainda no âmbito das discussões sobre língua hegemônica e pesquisa, S4Q8 e S4Q9 investigaram um possível desfavorecimento sentido pelos participantes em relação a sua nacionalidade. 56,5% defenderam se sentir desfavorecidos por sua nacionalidade, 45,7% não veem interferência da nacionalidade em suas avaliações e somente 4,7% sentem-se favorecidos.

Observa-se pelas subáreas:

Gráfico 31 — Percepção sobre a influência da nacionalidade nas avaliações (S4Q8)



Fonte: Elaborado pela autora

Na análise, foi possível dividir as subáreas em três grupos:

(i) participantes se sentem desfavorecidos, em sua maioria: Antropologia, Ciência Política, Educação, Geografia, História, Psicologia, Sociologia.

(ii) participantes não se sentem desfavorecidos, em sua maioria: Artes, Filosofia, Linguística, Teologia.

(iii) não há consenso entre os participantes (mesma taxa de resposta para favorecido e desfavorecido): Arqueologia e Letras.

No que tange à Linguística, respostas dadas na questão aberta S4Q12 ajudam a iluminar o posicionamento dos pesquisadores em não se considerarem desfavorecidos. Alguns indicaram trabalhar com língua inglesa, tendo formação profissional na área, ou ainda terem tido a oportunidade de ter parte de sua carreira de pesquisa em ambiente internacional:

[LG56] Como já disse, eu **sou professora de língua inglesa há 10 anos. Tenho graduação em inglês.** Não tenho formação acadêmica em português. Em decorrência disso, **tenho mais facilidade em escrever textos em inglês** do que em português.

A questão seguinte do questionário - S4Q9 - aprofunda o tópico do desfavorecimento, oferecendo alternativas que direcionam melhor o motivo de tal sentimento. Devido a um erro

de formulação, foi preciso desconsiderar parte das respostas. A pergunta foi configurada para ser obrigatória, quando não deveria, pois nem todos se sentem desfavorecidos. A falha foi sanada após recebermos *feedback*, via e-mail, de um dos participantes relatando o problema. A fim de evitar equívocos nos dados, excluimos as respostas de todos os pesquisadores que responderam à pergunta, mas não haviam assinalado a opção "Me sinto desfavorecido", anteriormente.

A tabela 2 resume a recorrência das respostas:

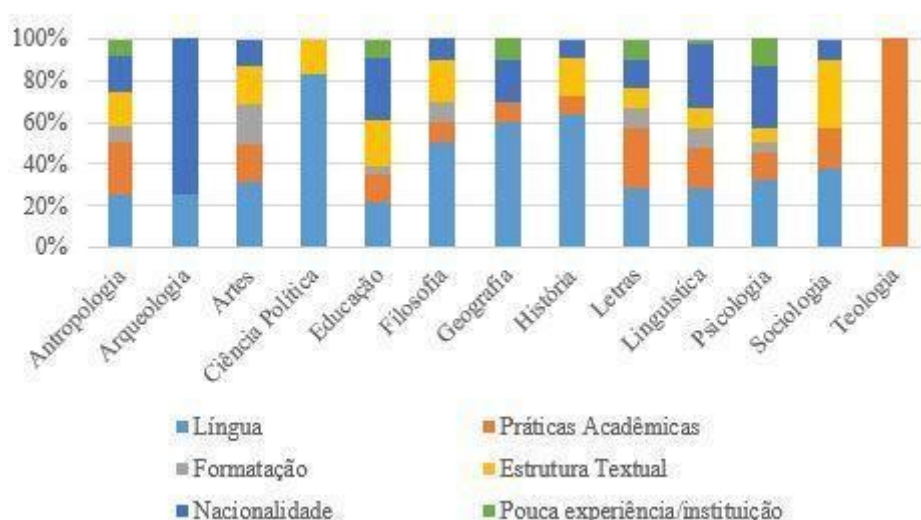
Tabela 2 — Taxa de respostas em S4Q9

Fator de desfavorecimento	Porcentagem	Principal fator para:
Fator língua	59,7%	Antropologia, Arqueologia, Artes, Ciência Política, Educação, Filosofia, Geografia, História, Letras, Psicologia, Sociologia
Nacionalidade	34,2%	Arqueologia, Linguística, Psicologia
Práticas acadêmicas	27,6%	-
Estrutura textual	21,9%	-
Conhecimento formatação	12,8%	-
Pouca experiência	10,7%	-

Fonte: Elaborado pela autora

Linguística foi a única subárea que não houve maior taxa de respostas para o *fator língua* como o principal fator de desfavorecimento. Conforme discutido anteriormente, o fato de muitos desses pesquisadores terem o inglês como objeto de estudo e língua utilizada em suas práticas profissionais pode ter influenciado a questão da nacionalidade ser a mais citada. Ainda que Arqueologia e Psicologia também tenham citado a nacionalidade com maior recorrência, ela não foi exclusiva, pois em ambas a taxa de resposta foi a mesma em *fator língua* e *nacionalidade*.

Gráfico 32 — Motivos para desfavorecimento nas avaliações (S4Q9)



Fonte: Elaborado pela autora

Ao subdividir as respostas dos participantes pelo fator nível de escolaridade, encontrou-se que a expertise dos sujeitos não influenciou nas respostas.

Esses dados podem ser concatenados com a discussão do "mito da injustiça dos falantes não nativos", corroborando a perspectiva defendida por Flowerdew (2019) de que falantes não nativos são, de fato, desfavorecidos pelo sistema centrado na língua inglesa. Em primeira análise, a maioria dos participantes investigados em nosso contexto possui senso de desfavorecimento. Em segunda análise, mesmo que os participantes tenham noção de que há outros elementos envolvidos nas desvantagens, a língua se configura como o principal motivador para tal sentimento. Assim, para esta pesquisa, refuta-se a perspectiva de Hyland (2016) de que a língua não é uma barreira para as práticas de publicação de não nativos.

3.2.2.2 Práticas em língua inglesa e língua portuguesa

Esta subseção analisa as questões:

Inglês	Português
S4Q4 – Quantidade de artigos publicados em inglês	S6Q1 – Quantidade de artigos publicados em inglês
S4Q5 – Escrita de artigos em relação à autoria	S6Q3 – Escrita de artigos em relação à autoria
S4Q10 – Com que frequência ocorreram as seguintes situações?	S6Q5 – Com que frequência ocorreram as seguintes situações?
S4Q11 – Que tipo de comentário já recebeu de pareceristas	S6Q6 – Que tipo de comentário já recebeu de pareceristas
S4Q12 – Caso se sinta à vontade, dê maiores informações	S6Q7 – Caso se sinta à vontade, dê maiores informações
S4Q7 – Tipo de periódico que já submeteu	-

ou publicou	
-------------	--

- Quantitativo de artigos já publicados (S4Q4 e S6Q1)

Em termos quantitativos de produção em língua inglesa - S4Q4 – e em ordem de respostas, tem-se:

Tabela 3 — Quantitativo de artigos já publicados (S4Q4 e S6Q1)

Quantitativo de artigos já publicados (S4Q4 e S6Q1)		
	Língua Inglesa	Língua Portuguesa
0 artigos	27,6%	4%
1 a 5 artigos	47,4%	30,7%
6 a 10 artigos	11,6%	21,2%
11 a 15 artigos	5,6%	17,9%
16 a 20 artigos	1,7%	9,5%
Mais de 20 artigos	6%	15,7%

Fonte: Elaborado pela autora

A taxa de publicação em língua materna é mais alta quando comparada com a língua estrangeira. É possível observar que, em quase todas as faixas de respostas, o Português domina, exceto na publicação de nenhum artigo e 1 – 5 artigos, pois a maioria dos participantes possui mais de 5 artigos publicados.

As estatísticas provam que o Português ainda prevalece como o maior veículo de diálogo acadêmico, diferentemente do que já ocorre em alguns países, como Alemanha, por exemplo, onde a taxa de publicação em língua inglesa supera a em língua materna (CURRY; LILLIS, 2010). Entretanto, as realidades brasileira e alemã são muito diferentes no que se refere à proficiência e ao uso de língua inglesa.

Um ranking anual de 2021, feito pela empresa *Education First*⁵⁶, mostra que a Alemanha ocupa o décimo-primeiro lugar de países com proficiência mais alta em língua inglesa. O Brasil, por sua vez, ocupa o 60º, classificado com baixa proficiência, conforme já destacado por Gimenez (2015) e Finardi e França (2016). Adicionalmente, o uso de Inglês como Meio de Instrução (EMI) vem crescendo enormemente, substituindo, muitas vezes, os cursos conduzidos em língua materna, não só na Alemanha, como na Europa, de forma geral (GÖPFERICH; MACHURA; MURPHY, 2019).

Para exemplificar o uso de EMI, utilizo de uma experiência pessoal. Entre os meses de abril a julho de 2021, fui contemplada, pela agência alemã DAAD, com uma bolsa de curta

⁵⁶ Disponível em: <<https://www.ef.com/wwen/epi/>>. Acesso em: 24 ago. 2020.

duração de pesquisa na *University of Hamburg*, sob a supervisão do professor doutor Robert Fuchs. Infelizmente, devido à pandemia do coronavírus e o barramento de brasileiros na Europa, precisei conduzir a bolsa em formato virtual. Participei de três disciplinas distintas – duas ministradas pelo Prof. Fuchs, uma na graduação e uma na pós-graduação, e uma ministrada por outro professor também na graduação. Todas as disciplinas foram ministradas em língua inglesa e todos os trabalhos desenvolvidos nelas também foram conduzidos no idioma. Lembro de apenas uma situação na qual uma das alunas não conseguiu explicar sua dúvida em inglês e recorreu ao alemão para questionar o professor, o qual a replicou na língua materna. O número de alunos estrangeiros também era expressivo na disciplina de graduação do Prof. Fuchs, dos 25 alunos, 4 eram de outros países – 16% da sala de aula.

Todos os documentos que recebi e preenchi relativos a bolsa eram bilíngues – alemão e inglês – e as interações e conversas que tive para dúvidas, negociar acesso ao sistema da universidade, entre outros, foram conduzidas em língua inglesa, sem nenhum obstáculo. É claro que esse relato deriva de uma experiência pessoal, que não possui nenhuma validade científica, porém o contato, ainda que breve, com a organização da universidade alemã me mostrou as muitas diferenças entre esse país e o Brasil, o que torna muito difícil a comparação de desempenho linguístico entre os dois.

O quadro abaixo resume as respostas das subáreas:

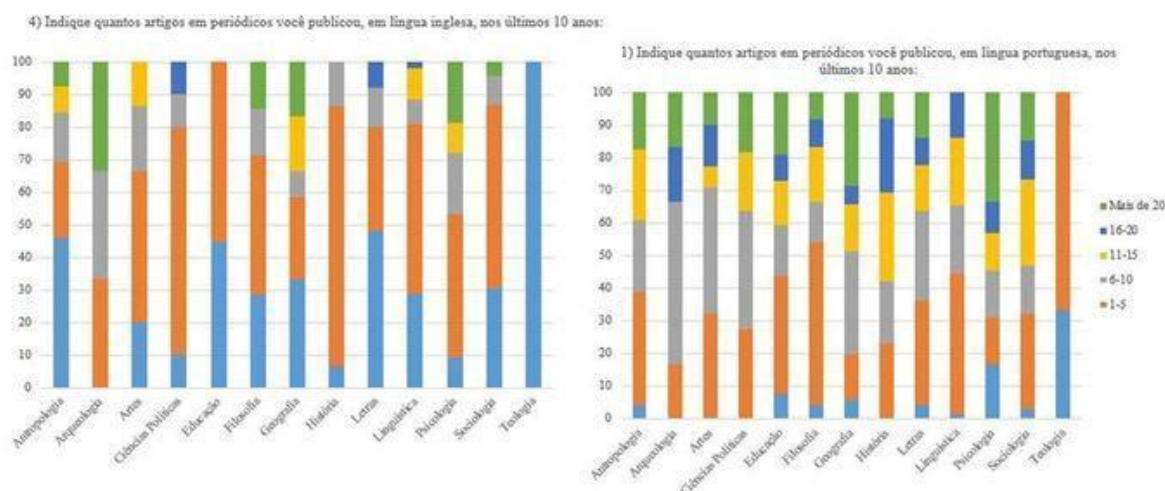
Quadro 14 —Taxa de respostas por subárea (S4Q4 e S6Q1)

Quantidade de artigos	Língua Inglesa	Língua Portuguesa
0 artigos	Antropologia, Geografia, Letras, Teologia	
1 a 5 artigos	Arqueologia, Artes, Ciência Política, Educação, Filosofia, História Linguística, Psicologia Sociologia,	Antropologia, Educação, Filosofia, Letras, Linguística, Sociologia, Teologia
6 a 10 artigos	Arqueologia	Arqueologia, Artes, Ciência Política, Geografia,
11 a 15 artigos		História
16 a 20 artigos		
Mais de 20	Arqueologia	Psicologia

Fonte: Elaborado pela autora

Os gráficos abaixo sumarizam as respostas dos participantes pelas subáreas:

Gráfico 33 — Quantidade de artigos publicados em ambas as línguas (S4Q4 - S6Q1)



Fonte: Elaborado pela autora

Em Português, não houve nenhuma subárea que mais citou nunca ter publicado, em língua estrangeira, a maior parte dos respondentes em Antropologia, Geografia, Letras e Teologia afirmam ainda não terem publicado no idioma.

Em inglês, Arqueologia é a subárea com maior índice de publicação – todos participantes possuem artigos em inglês como língua franca, dentre eles 33% mais de 20 manuscritos publicados. Ciência Política (10,5%), História (6,6%) e Psicologia (9,37%) são as subáreas com menor número de pesquisadores que nunca publicaram na língua franca, revelando também engajamento com produção no idioma.

Além disso, em Antropologia (7,69%), Arqueologia (33,3%), Filosofia (14,88%), Geografia (16,6%), Psicologia (18,75%) e Sociologia (4,34%) houve indicação de pesquisadores que publicaram mais de 20 artigos, demonstrando para essas subáreas a relevância da publicação no idioma.

Em Português, Psicologia e História revelam padrão de publicação de excelência. História desponta como a subárea com produção mais consistente - 56,9% dos pesquisadores publicaram mais de 10 artigos e não há nenhuma indicação de sujeito sem publicação. Na opção "mais de 20", Linguística foi a única que não houve resposta.

○ Escrita de artigos em relação à autoria (S4Q5 e S6Q3)

Intrinsecamente relacionada aos números de publicação, há a questão da colaboração de pesquisa, que pode assumir papel de facilitador, investigada em S4Q5 e S6Q3. Para tal fim, foram disponibilizadas aos sujeitos três tipos de relação de autoria - (i) não publico em coautoria, (ii) publico em coautoria com pesquisadores brasileiros, (iii) publico em coautoria

com pesquisadores internacionais - para que sinalizassem a frequência pela qual se utilizava de cada uma delas.

O quadro abaixo sumariza as respostas:

Tabela 4 — Escrita de artigos em relação à autoria (S4Q5 e S6Q3)

Colaboração em pesquisa	Língua Inglesa	Língua Portuguesa
Não publico em coautoria	Nunca (33,9%)	Raramente (34,5%) /Frequentemente (33,5%)
Publico em coautoria com pesquisadores brasileiros	Frequentemente (39,3%)	Frequentemente (44,5%)
Publico em coautoria com pesquisadores internacionais	Nunca (49,5%)	Nunca (59%)

Fonte: Elaborado pela autora

Em ambas as línguas, é mais recorrente a publicação em coautoria. Entretanto, em língua portuguesa, é mais frequente a publicação solo do que na língua estrangeira, talvez por uma maior confiança dos pesquisadores em relação ao idioma. Embora a coautoria com pesquisadores internacionais seja menos recorrente nos dois idiomas, em inglês, ela é maior do que em língua portuguesa, indicando ser mais profícua na língua estrangeira, talvez devido à dificuldade maior que seja publicar na língua franca e as vantagens que esse tipo de relação pode trazer, como divisão de custos e esforços (VILLAN FILHO, 2010).

Adicionalmente, o fato de que a coautoria foi mais frequentemente indicada pelos pesquisadores pode revelar que esteja havendo uma mudança nos padrões de publicação em Humanidades. Antes conhecida por publicações solo (FIORIN, 2007), as subáreas agora apresentam praticamente a mesma porcentagem de sujeitos que se utilizam do artifício da parceria em publicação.

Observando pelas subáreas, tem-se em língua inglesa:

Quadro 15 — Escrita de artigos em relação à autoria (S4Q5)

Subárea	Publicação solo	Coautoria com pesquisadores brasileiros	Coautoria com pesquisadores internacionais
Antropologia	Raramente	Nunca	Nunca
Arqueologia	Nunca/ Raramente	Frequentemente	Frequentemente
Artes	Raramente	Raramente	Nunca
Ciência Política	Raramente	Frequentemente	Nunca
Educação	Frequentemente	Nunca	Nunca
Filosofia	Nunca	Nunca	Nunca
Geografia	Nunca	Nunca/ Frequentemente	Nunca/ Frequentemente
História	Raramente	Nunca	Nunca
Letras	Nunca	Nunca	Nunca
Linguística	Nunca	Frequentemente	Nunca
Psicologia	Nunca	Sempre	Raramente

Sociologia	Raramente	Raramente	Nunca
Teologia	Nunca	Nunca	Nunca

Fonte: Elaborado pela autora

Psicologia, Ciência Política, Linguística e Arqueologia são as que mais utilizam parcerias para publicação em língua inglesa. Em contrapartida, Teologia, Letras, Filosofia e História são as que possuem menor prática.

Já no que tange o *networking* internacional, Arqueologia é a subárea que apresentou maior proximidade - 66,6% sempre ou frequentemente estabelecem esse tipo de parceria para publicação. Geografia e Psicologia, semelhantemente, também apresentam considerável nível de relacionamento com pesquisadores internacionais e também apresentam alto nível de desempenho em publicações em língua inglesa.

É interessante notar que as subáreas citadas, com relações de parceria internacionais mais fortes, estão entre as que apresentaram padrão de publicação mais consistente em inglês, conforme apresentado nos dados anteriores, corroborando a tese de Curry e Lillis (2014) de que as relações com *brokers* são essenciais para o sucesso das publicações. Teologia e Artes são as menos relacionadas com pesquisadores internacionais em âmbito de publicação internacional.

Em língua materna, ao dividir as respostas pelas subáreas:

Quadro 16 — Escrita de artigos em relação à autoria (S6Q3)

Subárea	Publicação solo	Coautoria com pesquisadores brasileiros	Coautoria com pesquisadores internacionais
Antropologia	Raramente	Raramente	Nunca
Arqueologia	Raramente	Frequentemente/ Raramente	Nunca
Artes	Frequentemente	Frequentemente	Nunca
Ciência Política	Raramente	Frequentemente	Nunca
Educação	Frequentemente	Frequentemente	Nunca
Filosofia	Nunca/ Raramente	Raramente/ Frequentemente	Nunca
Geografia	Raramente	Frequentemente	Nunca
História	Frequentemente	Frequentemente/ Raramente/	Nunca
Letras	Raramente	Raramente	Nunca
Linguística	Frequentemente	Frequentemente	Nunca
Psicologia	Nunca	Frequentemente	Raramente
Sociologia	Raramente	Frequentemente	Nunca
Teologia	Nunca	Nunca	Nunca

Fonte: Elaborado pela autora

Em Teologia, Letras, História e Filosofia houve menor taxa de resposta para sempre e frequentemente *não publico em autoria*, revelando uma manutenção do privilégio da autoria única.

Faz parte de suas práticas a coautoria em Geografia (87,1%), Psicologia (83,2%), Ciência Política (81,78%), Educação (80,8%), Linguística (79,2%) e Sociologia (61,7%). De maneira geral, Geografia e Psicologia utilizam-se da colaboração nas publicações nos dois idiomas, o que revela um aproveitamento de pesquisa maior, no que concerne a múltipla autoria, e aproximando-as de práticas mais comuns com áreas de estudo como Ciências Exatas e Biológicas, que utilizam esse artifício e são consideradas mais centrais nas dinâmicas de publicação. Artes (54,8%), Antropologia (52,1%) e Arqueologia (50%) inserem-se na posição intermediária.

Em contexto nacional, publicar em coautoria com pesquisadores internacionais é incomum; 90% relataram nunca ou raramente ter esse tipo de networking. Nesse quesito, talvez, o pesquisador brasileiro que assume o papel de facilitador pelo seu engajamento na pesquisa nacional e conhecimento da língua, mas como português não é língua franca haja menos interesse nesse tipo de publicação. Geografia (8,5%) é a subárea com maior taxa de "sempre publica", seguida de Psicologia (4,7%). 33,3% dos sujeitos em Arqueologia indicaram ser frequente a prática, o que em consonância com os dados anteriores, coloca esta subárea como uma das mais bem inseridas e com boas relações nas práticas de publicação.

Por meio dessas duas questões, foi possível visualizar que os pesquisadores brasileiros de Ciências Humanas, Letras, Linguística e Artes, possuem fortes relações intranacional, mas não possuem uma rede de colaboração internacional.

- O parecer do artigo de pesquisa
 - Aceite e recusas de artigos (S4Q10-S6Q5)

O primeiro par de questões que investiga a experiência dos pesquisadores com a submissão dos artigos mostra que os pesquisadores têm mais dificuldade com o processo de aceite e recusa de artigos na L2 do que em L1, conforme quadro-resumo:

Tabela 5 — Aceite e recusas de artigos (S4Q10-S6Q5)

Sempre ou frequentemente vivenciaram as situações:	Língua Inglesa	Língua Portuguesa
Sem necessidade correção	8%	40%
Necessidade de poucas correções	27%	49%
Necessidade de muitas correções	21%	5%
Recusado	10%	2%

Fonte: Elaborado pela autora

Estatísticas como essas justificam o fato de alguns pesquisadores terem relatados nas questões abertas sentirem que o processo de correção de artigos em inglês é mais rigoroso que em português (cf. tópico a seguir).

Em língua portuguesa, foi possível subdividir as subáreas em dois grupos:

- Artes, Filosofia e Letras: predomínio da situação *aceito, sem necessidades de correções*. 70,1%, 73,8% e 52,9%, respectivamente, dos sujeitos nunca foram solicitados a fazer nenhuma modificação de seus textos
- Antropologia, Arqueologia, Ciência Política, Educação, Filosofia, Geografia, História, Linguística, Psicologia, Sociologia e Teologia: predomínio da situação *aceito, com necessidades de correções mínimas*.

A subárea cuja porcentagem mais alta de pesquisadores indicou ter sempre e frequentemente seus manuscritos recusados foi Teologia (50%), Educação (5%) e História (4,1%). Arqueologia (16,6%) e Psicologia (10,8%) foram as quais indicaram mais pesquisadores que sempre e frequentemente precisaram fazer maiores modificações.

Em língua inglesa, pelas subáreas, as respostas foram menos homogêneas e houve maior recorrência de respostas como *às vezes*, algo não comum na pergunta anterior. Devido a não homogeneidade das respostas, as subáreas foram agrupadas em 4:

- Antropologia, Geografia, Psicologia: predomínio de sempre e frequentemente em *Aceito, com muitas modificações*.
- Filosofia, História, Linguística, Sociologia, Ciência Política: predomínio de sempre e frequentemente em *Aceito, com poucas modificações*.
- Arqueologia: predomínio de sempre e frequentemente em *Aceito, com poucas modificações* e *Aceito, com muitas modificações*.
- Letras: predomínio de sempre e frequentemente em *Aceito, sem necessidade de correções*.
- Educação: predomínio de sempre e frequentemente em *Recusado*.

Em conformidade com a análise das questões anteriores, Psicologia aparece mais uma vez como uma subárea que apresenta engajamento na publicação em L2, mas também certa dificuldade, aqui identificado com a experiência da maioria dos pesquisadores em precisarem fazer grandes modificações para publicação de seus manuscritos.

- Comentários de pareceristas (S4Q11-S6Q6)

Nas duas questões de comentários de pareceristas, foram investigadas quatro possibilidades de respostas– *predomínio de comentários positivos* (representação: +), *predomínio de comentários negativos* (-), *misto de comentários positivos e negativos* (M), *nunca recebi/não me lembro de ter recebido* (NR) – para nove tópicos (BELCHER, 2007), a saber:

Quadro 17 — Comentários de pareceristas (S4Q11-S6Q6)

Tópicos	Predomínio de	
	Inglês	Português
(i) Recorte de tema	Comentários positivos	Comentários positivos
(ii) Audiência	Nunca recebi/não me lembro	Comentários positivos
(iii) Discussão de dados	Misto de comentários	Comentários positivos
(iv) Língua	Nunca recebi/não me lembro	Comentários positivos
(v) Metodologia	Misto de comentários	Comentários positivos
(vi) Implicações Pedagógicas	Nunca recebi/não me lembro	Nunca recebi/não me lembro
(vii) Revisão de Literatura	Comentários positivos/ Misto de comentários	Comentários positivos
(viii) Resultados	Misto de comentários	Comentários positivos
(ix) Perguntas de pesquisa	Comentários positivos	Comentários positivos

Fonte: Elaborado pela autora

Em linhas gerais, os dados colhidos apontam uma maior rigorosidade nos pareceres em língua inglesa, já que há a predominância de *misto de comentários* em quatro tópicos. Em língua portuguesa, *comentários positivos* predominaram, exceto no tópico *Implicações pedagógicas*, o qual foi apontado *Nunca recebi/não me lembro*.

Na língua materna, *Recorte de tema* parece ser motivo de elogio por parte dos pareceristas, com 58% dos respondentes relatando receberem apenas comentários positivos. *Método*, *Discussão*, *Revisão de Literatura* e *Resultados*, ainda que foram assinalados com predomínio de *comentários positivos* – 42%, 40%, 47% e 46% , respectivamente - foram tópicos com recorrência acentuada de *misto de comentários* – 32%, 32%, 26%, 26% - revelando ser os quais os pesquisadores recebem mais críticas.

Pelas subáreas:

Quadro 18 — Comentários de pareceristas por subáreas (S4Q11)

	(i)	(ii)	(iii)	(iv)	(v)	(vi)	(vii)	(viii)	(ix)
AR	+	+	M/+	+	+	NR	M	+	+
AN	M	M	M/+	+	+	NR	+	+	+
A	+	NR	+	+	NR/+	NR	NR	+	+
CP	+	NR/+	M	NR	+	NR	M	M	NR/+
E	+	NR/+	M	+	M	NR	+	+	+

F	+	+	NR	+	+	NR	+	+	+
G	+	NR	+	+	M/+	NR	+	+	M/+
H	+	+	+	+	M	NR	M/NR	NR/+	+
L	+	+	+	+	+	NR	+	+	+
LG	+	+	+	+	+	NR	+	+	+
P	+	NR/+	M	+	M	NR	+	M	+
S	+	+	+	+	+	NR	+	+	+
T	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR

Fonte: Elaborado pela autora

Letras, Linguística e Sociologia são as subáreas com maior relato de retorno positivo dos pareceristas. Opostamente, Psicologia e Ciência Política demonstraram receber comentários mais rígidos em três tópicos investigados - *Discussão de dados*, *Revisão de Literatura* e *Resultados*.

Antropologia demonstrou sofrer críticas no que tange do Recorte de Tema e Audiência. Esse dado pode ser ponderado ao compararmos a pesquisa de Gil (2014). A pesquisadora, por meio da análise de abstract de três áreas de Ciências Humanas, dentre elas Antropologia, nota que os periódicos da área são muito distintos entre si e com escopos de interesse muito específicos, em alguns casos. Nesses termos, os pesquisadores brasileiros podem ter dificuldade em entender se, de fato, sua pesquisa é relevante para o recorte da revista. Educação também revela certo nível de dificuldade em *Discussão de dados* e *Metodologia*.

Teologia não oferece muitas informações sobre os pareceres, com predomínio de *nunca recebi/não me lembro de ter recebido* em todos os tópicos. Essa recorrência pode ser explicada pelos poucos respondentes dessa subárea no questionário e pela indicação de pouca publicação.

O tópico *Implicações pedagógicas* parece não ser relevante para a correção dos pareceres em língua materna, uma vez que a maioria dos pesquisadores selecionaram a opção *nunca recebi/não me lembro de ter recebido*.

Na língua estrangeira, pelas subáreas, tem-se:

Quadro 19 — Comentários de pareceristas por subáreas (S6Q6)

	(i)	(ii)	(iii)	(iv)	(v)	(vi)	(vii)	(viii)	(ix)
AN	+	M/+	M	NR	M/+	NR	M	M	+
AR	M/+	+	+	M	M	NR	M	+	M/+
A	+	+	NR	NR	NR	NR	NR	NR	+
CP	NR/+	+	M/-	M	M	NR	+	M	M
E	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR/+
F	+	NR/+	NR/+	NR/+	NR/+	NR	NR/+	+	NR

G	NR	NR	M	M	M/NR	NR	NR	M/+	M/NR
H	+	NR	+	M/+	+	NR	NR	+	NR/+
L	+	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR
LG	+	NR	M/+	M	+	NR	NR/+	+	+
P	NR	NR	M	M	M	NR	NR	M	+
S	+	NR	M	M	NR	NR	NR	+	+
T	NR	NR	NR	NR	M	NR	NR	M	NR

Fonte: Elaborado pela autora

Antropologia evidencia receber maiores críticas em *Discussão de dados*, *Metodologia*, *Revisão de Literatura* e *Resultados*. Arqueologia em *Língua Inglesa*, *Metodologia* e *Revisão de Literatura*.

Ciência Política, Geografia e Psicologia foram as subáreas cujas respostas dos pesquisadores indicaram mais *mistos de comentários negativos e positivos*. Nas três, *Resultados*, *Língua Inglesa*, *Metodologia* e *Discussão de dados* foram citadas como as mais problemáticas. Adicionalmente, na primeira também aparece *Perguntas de pesquisa*.

Educação, Letras, Artes e Teologia relataram não ter recebido comentários na maioria dos tópicos. Uma possível explicação para esse fato é a questão de essas subáreas não terem muito engajamento na publicação em língua inglesa e, conseqüentemente, pouca experiência no recebimento de pareceres.

Sociologia manifesta equilíbrio nas avaliações. *Discussão de dados* e *Língua Inglesa* predominam o misto de comentários; *Recorte*, *Resultados* e *Perguntas de pesquisa*, comentários positivos. Filosofia, História e Linguística são as subáreas que se destacaram por receberem maior indício de *comentários positivos* em seus manuscritos.

Outro ponto que merece destaque é que apesar de *Discussão de dados* e *Metodologia* sejam os tópicos mais citados pelas subáreas, *Língua Inglesa* foi o qual obteve maior índice de predomínio de comentários negativos - 31,25%, em Psicologia; 25%, em Geografia; e 20%, em Ciência Política; para citar alguns. O questionário não contemplou perguntas a respeito do motivo pelo qual a discussão de dados e a metodologia foram os tópicos mais problemáticos das avaliações. Mas, uma das respostas abertas de um dos participantes pode lançar alguma luz ao problema, conforme abaixo.

Em S6Q7 – Caso se sinta à vontade e ache pertinente, dê maiores informações sobre suas respostas na questão anterior (qual tipo de comentário você já recebeu de pareceristas em artigos submetidos) – um dos pesquisadores comentou que, a pedido da revista, precisou

conduzir experimentos adicionais, adicioná-los ao seu artigo e somente após isso, o manuscrito foi aceito pela revista internacional.

O que pode estar por trás desse pedido é o pensamento abissal (SOUZA SANTOS, 2010) de que apenas os métodos correntes no paradigma Norte são validados e aceitos. Assim, se a metodologia da pesquisa diferir da “esperada”, podem ocorrer críticas ou até mesmo recusas por parte dos pareceristas. O mesmo é válido com a análise dos dados, por serem provenientes dos métodos empregados, analisados sob a luz das teorias pré-determinadas, caso haja um descompasso da análise com o esperado, haverá críticas.

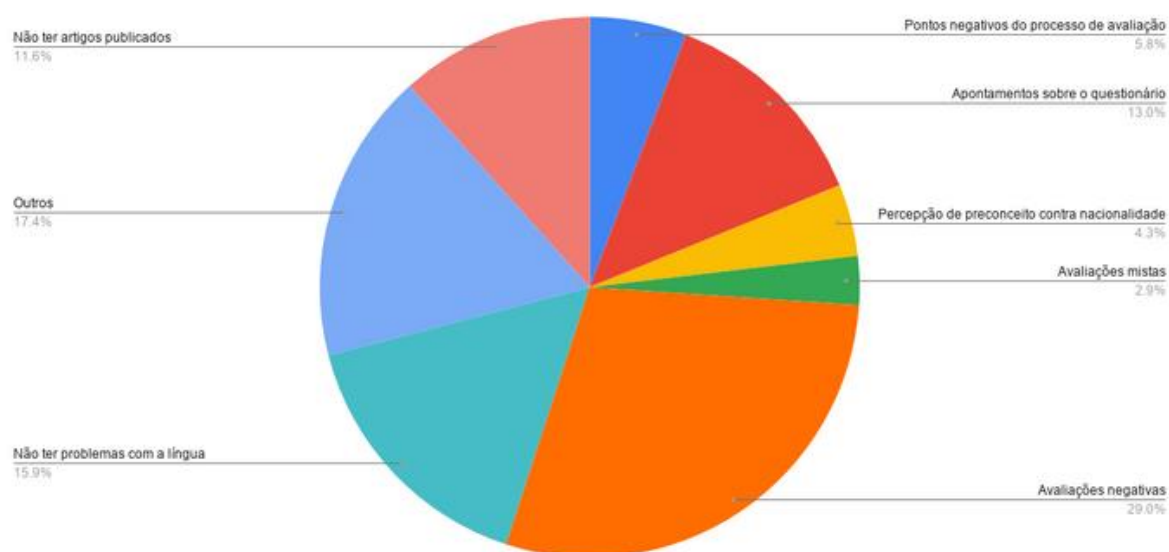
Comparando os resultados em ambas as línguas, nota-se que os comentários negativos recebidos pelos pesquisadores, nos dois idiomas, centram-se nos mesmos pontos, notadamente, *Método*, *Resultado* e *Discussão de dados*. Em língua estrangeira, surge a dificuldade no tópico *Língua*, o que não se repete na língua materna. O achado corrobora a discussão do possível desprivilegio de falantes não-nativos, pois a língua ocupa grande parte das avaliações negativas recebidas pelos pesquisadores brasileiros. Ainda que não seja a única razão de críticas, o fator língua definitivamente adiciona um fardo extra, nos termos de Flowerdew (2019) que o FNN deve lidar.

As porcentagens de críticas, em todos os tópicos, em língua estrangeira também são ligeiramente maiores, o que pode indicar a dificuldade aumentada dos pesquisadores para materializar um artigo adequado em inglês e/ou uma rigorosidade maior dos pareceres e pareceristas nesse contexto.

- Pergunta aberta sobre o conteúdo dos pareceres recebidos por eles (S4Q12-S6Q7).

Algumas luzes são lançadas sobre a diferença dos pareceres nas questões S4Q12 e S6Q7, perguntas abertas e livres para que os participantes adicionassem comentários, se assim se sentissem à vontade.

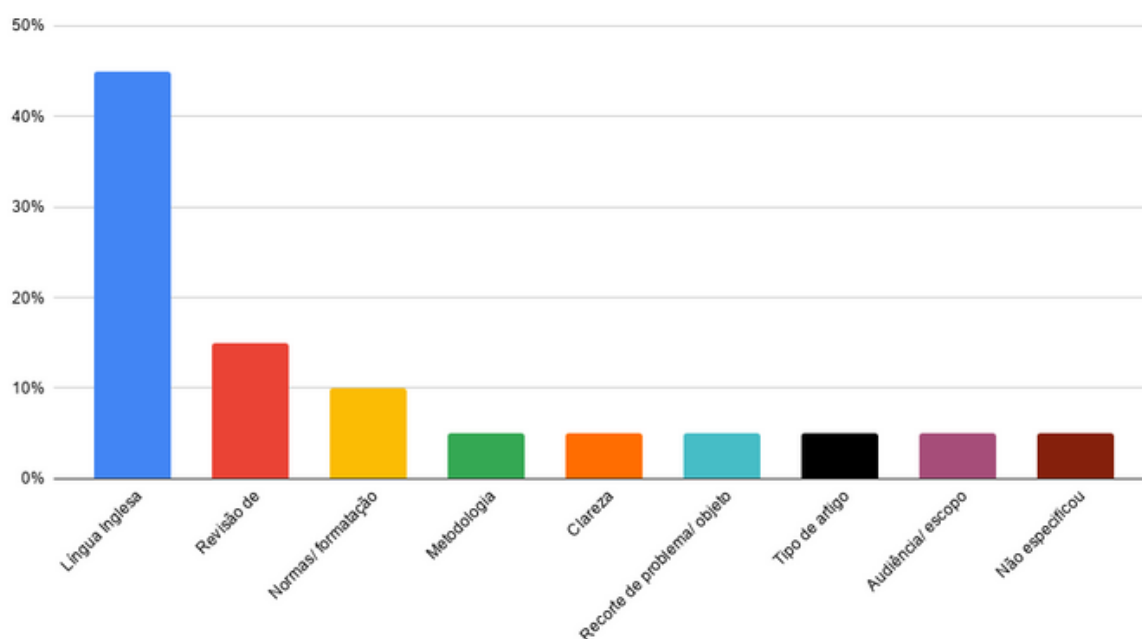
Cinquenta e cinco pesquisadores adicionaram comentários em S4Q12, "Dê maiores informações sobre suas respostas da questão anterior", no que concerne sua experiência de avaliações em língua inglesa. As categorias encontradas nos esclarecimentos dos pesquisadores foram:



Fonte: Elaborado pela autora

A maior recorrência de respostas - 29% - trouxe especificações sobre *avaliações negativas* recebidas em artigos submetidos. Foi possível ver a influência da questão anterior nas respostas, uma vez que os pesquisadores citaram as categorias elicitadas em S4Q11, tais como língua inglesa, recorte de tema, revisão de bibliografia, entre outros. A fim de uma melhor sistematização dos dados, a categoria *Avaliações Negativas* foi esmiuçada nas subcategorias:

Gráfico 35 — Avaliações negativas S4Q12



Fonte: Elaborado pela autora

É evidente pelo gráfico que as maiores correções recebidas por esses pesquisadores foram em relação ao uso de língua inglesa. Esse dado corrobora o posicionamento de Belcher (2007) de que, em seu corpus, a predominância de comentários negativos em pareces localiza-se em questões de língua e estilo. Além disso, esse achado aponta para uma possível predominância da função revisora dos pareceristas, isto é, preocupação na correção de ortografia, sintaxe e elementos linguísticos (YAKHONTOVA, 2019). Outra subcategoria citada foi revisão de literatura/bibliografia.

Quadro 20 – Respostas dos participantes Avaliações Negativas

Avaliações Negativas	
Língua Inglesa	Revisão de literatura/bibliografia
[P29] Já foi solicitado que eu enviasse o artigo para revisão para um nativo de língua inglesa. Mesmo que nesse artigo estava em coautoria um pesquisador canadense, que revisou o texto antes da submissão. [P263] Os pareceristas implicam tanto, que, na 2a ou 3a revisões chegam a criticar as próprias sugestões como “inglês principiante” [H187] As críticas, em geral, estão relacionadas à escrita em língua inglesa.	[H187] Outro problema é a revisão literária. Mesmo quando falamos de Brasil, nos é solicitado a inserir bibliografia internacional para que seja considerada suficiente. [LG230] Os comentários estavam voltados a uma inclusão de referências em língua inglesa.

Fonte: Elaborado pela autora

Outra subcategoria encontrada nas respostas aberta foi *Avaliações mistas*, isto é, os respondentes relataram receber tipos diferentes de parecer, em um mesmo artigo, apontando para inconsistências no processo. O fato de um mesmo artigo receber avaliação positiva, de um revisor, e negativa, de outro, pode estar relacionado com (i) a expertise do parecerista na área do manuscrito, pois quanto maior o conhecimento, maiores condições de *feedback*, o que pode acarretar em um parecer mais crítico; (ii) função assumida pelo parecerista no momento do *feedback* (YAKHONTOVA, 2019), (iii) subjetividade; (iv) estilo de escrita do parecer em si, já que pareceres mais modalizados podem passar a impressão de serem mais elogiosos, quando, na realidade, as críticas também estão presentes, porém de maneira mais cortês.

[AN171] A grande maioria dos pareceres que recebi **tinham avaliações bem diferentes do parecerista A e B**. Geralmente **um deles era mais crítico** e demandava maiores alterações ou desenvolvimento e **o outro era mais elogioso** e não demandavam muitas modificações, mais sugestões.

Tangente ao tema das avaliações, foram encontradas amostras que levantam *pontos negativos ao processo de avaliação em si*, como, por exemplo:

[H185] Geralmente sou avaliada por **brasilianistas que possuem posições muito conservadoras sobre a História do Brasil e não admitem questionamento** sobre as visões de História que eles mesmos expressam.

[E499] De modo geral **os pareceristas apontam críticas**, porém **não dão sugestões para atender às deficiências**.

[LG403] Acho que **processo** de submeter a periódicos **muito estressante**.

Além das categorias acima, foram recorrentes comentários de pesquisadores indicando não terem nenhum tipo de problema ao escrever em língua inglesa (15,9%) ou não terem publicado ainda em língua inglesa, por isso, não tendo experiência suficiente para a questão (11,6%).

Treze por cento das respostas incluíram percepções dos respondentes sobre o instrumento em si. A maioria das respostas que exemplificam essa categoria revela uma falha na constituição da pergunta S3Q9 do formulário, conforme já explicado acima. Duas respostas vislumbraram uma possível diferença entre subáreas no que tange a prática de publicação e avaliação de artigos.

A primeira, da subárea de Geografia, sugere uma reformulação da pergunta ao considerar que os pareceres não têm espaço para comentários positivos, o que não é verdadeiro para a subárea de Linguística, por exemplo (BELCHER, 2007).

[G387] Penso que a **questão 11 deveria ser reformulada**. Em geral, os **pareceristas não fazem comentários positivos**, mas sim apontam os erros e onde o texto pode ser melhorado.

A segunda resposta aponta para uma inadequação do formulário à subárea de Artes:

[A392] Creio que esse **questionário não seja tão adequado para a área de Artes**, já que **questões que priorizam impacto etc não são o foco principal das Artes**

Outra observação foi:

[LG361] Eu até me sinto à vontade, mas não sei que informações seriam necessárias/relevantes...

Isso nos fez refletir de que talvez a escolha de deixar a questão aberta, sem maiores direcionamentos para o participante, possa ter contribuído para que menos pessoas respondessem, por não saber o que preencher. A abertura da pergunta pode ter influenciado na aparição de informações não pertinente ao esperado, as quais foram enquadradas na categoria *Outros* (17,4%), e compreende elementos como

[G333] **Outra língua** em que tenho alguma publicação é em **castelhano**.

[AR130] **Fiz doutorado nos EUA** e tenho uma **boa rede internacional** de colaboradores.

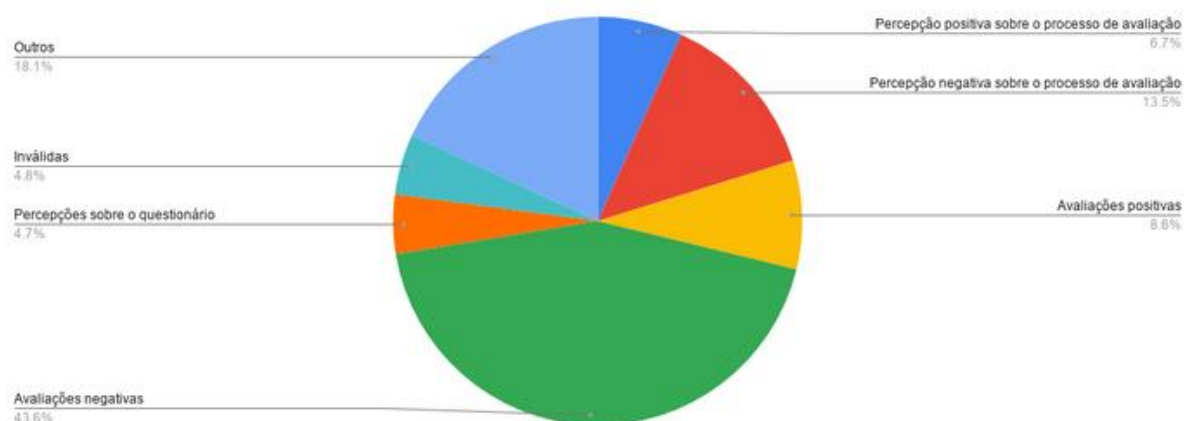
Por fim, foram encontradas respostas, mesmo que com recorrência baixa - 4,3% - destaca experiências com preconceito à nacionalidade:

[P447] **Deixei de informar nos manuscritos a origem dos ratos**, para **não haver identificação do país de origem** do artigo. Diminuíram as críticas ao inglês e **desapareceram os preconceitos** sobre a qualidade ou confiabilidade dos dados.

[LG257] Tive um artigo em coautoria com colega da UFMG aceito, fizemos os ajustes solicitados quanto ao tratamento estatístico dos dados e à discussão, enviamos, muito tempo se passou, nenhuma nova notícia. Tínhamos certeza de que a aceitação já era definitiva. Como estava demorando muito recebermos notícia, solicitamos informação sobre o andamento da publicação. Na resposta, **disseram que tinham mudado de ideia** e o artigo estava rejeitado. **Interpretamos como preconceito contra nacionalidade**. Escrever bem em inglês não é problema nem para mim nem para a colega.

Em relação ao par dessa questão, em língua portuguesa, S6Q7, 96 pesquisadores responderam-na.

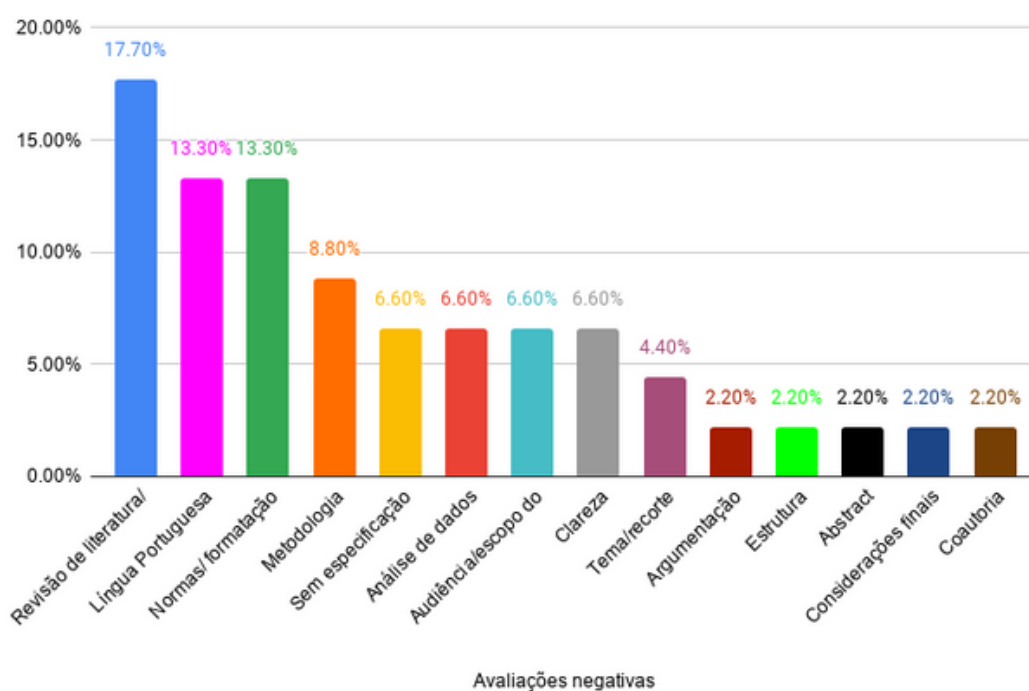
Gráfico 36 — S6Q7



Fonte: Elaborado pela autora

A maior recorrência de respostas - 43,6% - foi categorizada como *Avaliações negativas*. Dentro dela, foram encontradas várias subcategorias, grandemente vinculada às alternativas presentes na questão anterior a ela:

Gráfico 37 — S6Q7 Avaliações negativas: subcategorias



Fonte: Elaborado pela autora

Os trechos abaixo exemplificam respostas dos participantes nas três categorias mais recorrentes: revisão de literatura, língua portuguesa e normas/formatação:

Apenas 8,6% salientaram aspectos relacionados às *Avaliações positivas*:

Outras duas categorias encontradas nas respostas relacionaram-se com percepções do processo de avaliação em si, como tempo de submissão e qualidade dos pareceres. 13,5% foram *Percepções negativas sobre o processo de avaliação*, das respostas teceram críticas ao processo, notadamente a imprecisão e vagueza dos pareceres, com *feedback* pouco construtivo e o excesso de tempo levado para as respostas de aceite ou recusa:

[S349] **Acho o tempo de retorno** dos periódicos nacionais em ciências sociais **extremamente desrespeitoso**. Já esperei 2 anos para a resposta de um periódico cujo retorno foi "não está no escopo da revista".

[L365] Nota-se uma grande **discrepância entre comentários de pareceristas**, alguns são extremamente rigorosos, sugerindo muitas alterações, e outros aprovam nenhuma sugestão de melhoria.

[G136] As **revisões** em geral são muito **fracas** e **superficiais**.

[G438] **Dificuldade dos pareceristas** dos periódicos **em respeitar** e serem neutros quanto **as opções teóricas e metodológicas do autor**.

[CP37] os **pareceres nacionais tendem a ser menos críticos**.

Em contrapartida, 6,7% dos sujeitos trouxeram *Percepções positivas sobre o processo de avaliação*, em grande parte, no sentido de ser necessária e contribuir para a melhora do artigo e da pesquisa, como demonstrado nas amostras abaixo:

[P231] Muitas vezes os **artigos melhoram porque pareceristas deram boas sugestões** para melhorar pontos que não estavam bons. Penso que **no Brasil falta um pouco de maturidade para reagir a isso** [...]. O parecerista gasta o tempo dele, sem ganhar nada por isso, e emite a opinião dele; o autor pode concordar ou discordar, e se discordar, cabe ao autor argumentar.

[LG234] [...] as **sugestões** que surgem **são bem vistas e bem vindas** porque me **fazem refletir sobre o texto e o estudo realizado**.

[AN216] A **análise por pares é uma contribuição fundamental** para garantir a qualidade e a ética de um trabalho acadêmico.

4,7% indicaram *Percepções sobre o questionário*:

[L266] O formulário exige um **nível de detalhe que simplesmente não se aplica a minha área**.

[E33] Tive dificuldade para assinalar as alternativas porque ainda publico muito pouco e a **pergunta parece se direcionar para pesquisadores mais experientes**.

Uma das respostas, da subárea de Geografia, chamou a atenção:

[G333] A **questão anterior é estranha**, tenta **avaliar de forma simplista uma problemática complexa**. Respondê-la pode distorcer a leitura que a mesma possibilita.

Concordamos com a avaliação no sentido de que o combinado de 2 perguntas não são - e nunca serão - o suficiente para traçar todo o complexo fenômeno da dinâmica de pareceres de artigos, principalmente considerando que ela reflete muito mais do que apenas a qualidade de um texto, mas sim abarca posicionamentos a respeito de abordagens teórico-metodológicas, pontos de vistas sobre línguas e nacionalidades, subjetividade do parecerista e falhas do próprio sistema de avaliação. Porém, é uma tentativa de vislumbre da experiência dos pesquisadores que pode oferecer pontos valiosos para o aprofundamento desta e de outras pesquisas.

Por fim, 4,8% das respostas foram invalidadas, devido a afirmações como *Nada a declarar, sem mais* ou *não desejo publicar em português*. E 18,1% trouxeram informações que não respondiam diretamente à pergunta, se enquadrando *Outros*, como, por exemplo, *"Ninguém escreve de maneira perfeita"* ou *"Tive um artigo aceito, mas não publicado ainda"*.

- Tipo de periódico almejado pelos pesquisadores (S4Q7)

A única questão apresentada nesta subseção que não possui par de investigação, na língua materna é S4Q7 - tipo de periódicos que os pesquisadores já submeteram artigos. Os periódicos de médio e alto impacto são os mais visados pelos pesquisadores participantes da pesquisa. Periódicos de baixo impacto e não indexados não foram citados frequentemente pelos sujeitos.

Arqueologia, Educação, Filosofia, Linguística, Psicologia e Sociologia são as subáreas que citaram ter publicado artigos em revistas de médio impacto, sendo Arqueologia (50%) e Psicologia (28,5%) as que possuem mais artigos publicados nesse meio.

Antropologia, Arqueologia, Artes, Ciência Política, Filosofia e Geografia possuem experiência de publicação em revistas de alto impacto, sendo Arqueologia (25%) e Artes (20,1%) as mais bem-sucedidas. Psicologia sinaliza a tentativa em publicar nessas revistas, sem sucesso, entretanto, considerando que 42,8% dos participantes relaram terem tentado, mas terem sido rejeitados. Esse dado sinaliza uma brecha entre a vontade de o pesquisador de Psicologia em publicar em veículos de maior impacto ao mesmo tempo em que demonstra sua dificuldade presente para tal, indicando ser uma subárea profícua para a Fase-II desta pesquisa.

Linguística foi a única subárea que mencionou ter submetido e publicado em jornais não indexados. Antropologia (22,2%), Educação (7,1%) e Sociologia (7,6%) são as quais responderam ter submetido a periódicos de baixo impacto, não logrando êxito, entretanto.

3.2.2.3 Práticas de publicação em língua inglesa nacionalmente

Esta subseção analisa a questão:

S5Q1 – Você já publicou em inglês em periódicos nacionais?

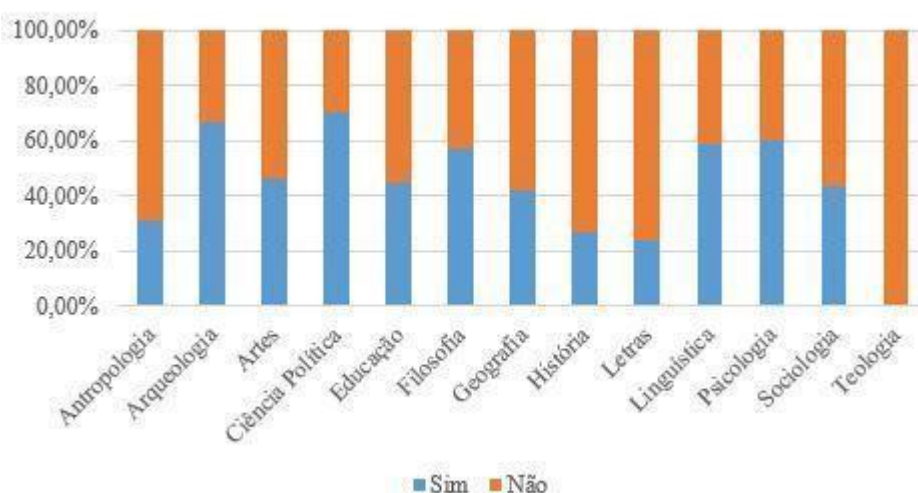
S5Q1 visa investigar a publicação de língua inglesa, em cenário nacional. Curry e Lillis (2010) apresentam estatísticas provando que, em alguns países não anglófonos, como

Alemanha, a publicação em língua inglesa supera aquela em língua materna. No contexto brasileiro, dados apresentados pela agência Fapesp (2013) surpreendem ao trazer que o número de publicações em inglês, na plataforma Scielo Brasil, havia, pela primeira vez, superado aquela em português, saltando de 38%, em 2007, para 52%, em 2012. Há um crescente também na adoção de artigos bilíngues, estratégia adotada primordialmente pelas áreas de Ciências da Saúde e Ciências Humanas.

Para a agência, essa realidade é um dos esforços em direção ao aumento da visibilidade e impacto internacional dos periódicos que compõe a base e que ainda é baixo em comparação aos países desenvolvidos. Todavia embora apareça ser uma tendência, a publicação nacional em língua inglesa gera debates, principalmente na área de Humanas, uma vez que dentro dela se discute a necessidade de valorização de outros idiomas, tal como o espanhol, considerando nossa inserção geográfica, e outros que seriam relevantes para a construção de conhecimentos nas áreas, como alemão, para filosofia (MEDEIROS, 2017). Adicionalmente, indaga-se se apenas a publicação em língua inglesa seria o suficiente para fortalecer a visibilidade e a citação de um artigo, conforme aponta Rossoni (2018), que em levantamentos de artigos da subárea de Administração, em uma das revistas mais prestigiadas, observa haver maior citação e diálogo com os manuscritos publicados na língua materna, do que em outros publicados na estrangeira, concluindo que essa prática não é garantia de visibilidade e/ou diálogo acadêmico, como se crê (CABRAL, 2007; VESSURI; GUÉDON; CETTO, 2014; ROSSINI, 2018)

Nesta pesquisa, esse posicionamento controverso foi refletido pelas respostas, principalmente na questão S5Q2, apresentada na seção subsequente. 50,4% dos participantes responderam nunca terem publicado em inglês nacionalmente e 49,6%, sim. O gráfico, a seguir, apresenta os dados pelas subáreas:

Gráfico 38 — Publicação em inglês em periódicos nacionais (S5Q1)



Fonte: Elaborado pela autora

Em Antropologia, Artes, Educação, Geografia, História, Letras, Sociologia e Teologia menos da metade dos participantes não publica em inglês, nacionalmente. Letras e História mostram-se como as subáreas mais resistentes a essa prática.

Nas subáreas de Arqueologia, Ciência Política, Filosofia, Linguística e Psicologia a prática de publicar em inglês, em periódicos nacionais, parece ser mais recorrente, especialmente em Ciência Política.

Triangulando as três questões preocupadas com os idiomas de publicação dos participantes - S3Q1, S3Q2 e S5Q1 - nota-se a tendência da publicação das áreas de Educação e Letras mais voltadas ao âmbito nacional e Arqueologia, Ciência Política e Psicologia com forte domínio do inglês em suas práticas acadêmicas.

3.3 Motivos

S4Q3 e S6Q2 assumem escopo semelhante, a primeira investigando publicação em língua inglesa, em cenário internacional, e a segunda, publicação em língua portuguesa, em cenário nacional. Ao todo, foram levantados 13 motivos distintos que poderiam levar os pesquisadores a publicar nos referidos contextos. Para a discussão, os motivos foram subdivididos com base na noção de capital de Bourdieu (1991), à luz dos capitais econômico, cultural (objetivado e institucionalizado), linguístico, social e simbólico.

Subdividir as práticas investigadas à luz dos capitais de Bourdieu é tarefa árdua. A própria teoria prevê que os capitais podem derivar um do outro, transformar-se uns nos outros ou ainda se sobreporem. Uma mesma alternativa, como, por exemplo, *Responder a um convite de editora*, poderia se enquadrar em capital social, pois ela demonstra a inserção do pesquisador e de sua pesquisa na comunidade acadêmica, a ponto de receber ser trabalho ser

relevante, e a negação do convite poder infringir as boas relações sociais entre pesquisador e meio. Mas, também pode ser enxergado como capital simbólico, já que o convite representa a legitimação de seu prestígio. Assim, foi necessário priorizar uma leitura sobre as outras para condução da análise.

Os treze motivos influenciadores foram, então, subcategorizados da seguinte forma:

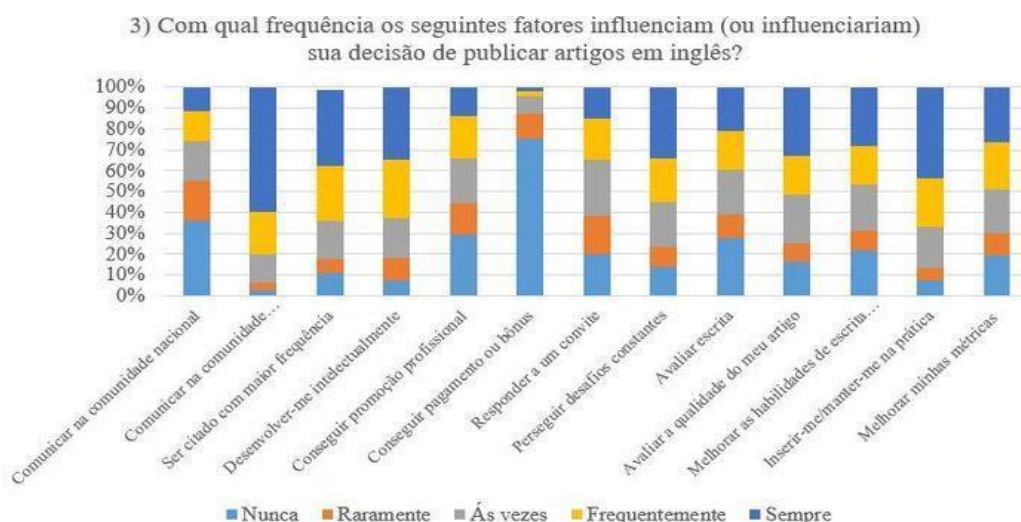
Quadro 21 — Relação alternativas e capitais de Bourdieu (S4Q3 – S6Q2)

Capital econômico	(i) Conseguir promoção profissional (ii) Conseguir pagamento ou bônus.
Capital cultural objetivado	(iii) Comunicar meus resultados na comunidade nacional (iv) Comunicar meus resultados na comunidade internacional
Capital cultural institucionalizado	(v) Avaliar a qualidade do meu artigo (vi) Desenvolver-me intelectualmente com os comentários dos pares
Capital linguístico	(vii) Avaliar minha habilidade em escrever nessa língua (viii) Melhorar as habilidades de escrita nessa língua
Capital social	(ix) Responder a um convite de uma editora ou de uma instituição (x) Inserir-me/manter-me na prática de publicação da minha área
Capital simbólico	(xi) Ser citado com maior frequência (xii) Perseguir desafios constantes (xiii) Melhorar minhas métricas (índice-H, por exemplo).

Fonte: Elaborado pela autora

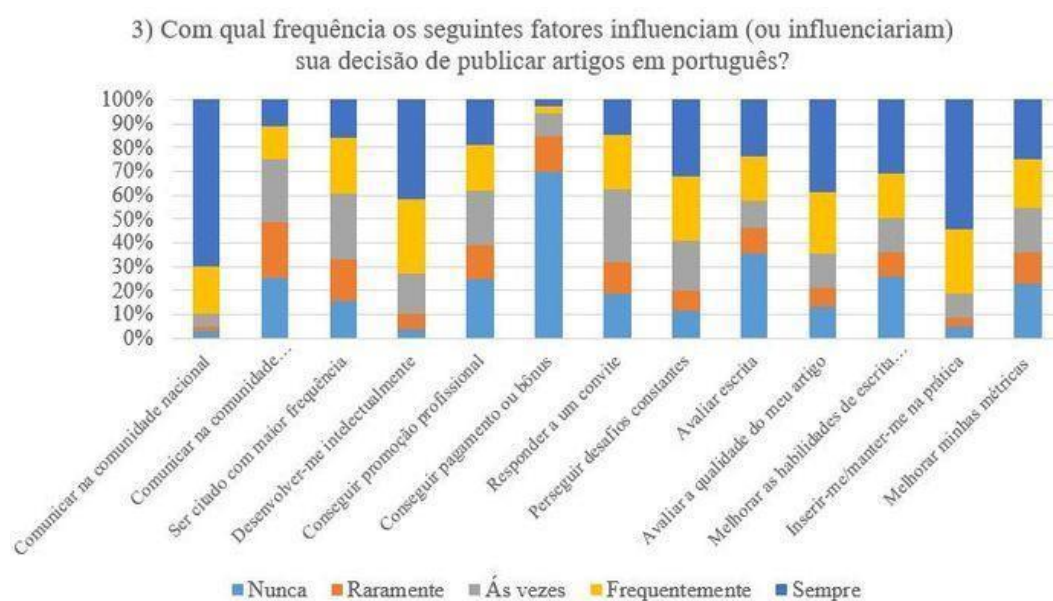
Os gráficos abaixo sumarizam as respostas dadas pelos participantes:

Gráfico 39 — Motivos para publicar internacionalmente em inglês (S4Q3)



Fonte: Elaborado pela autora

Gráfico 40 — Motivos para publicar nacionalmente em português (S6Q3)



Fonte: Elaborado pela autora

Organizando os motivos investigados, em ordem decrescente de respostas sempre-frequentemente, tem-se a seguinte hierarquização:

Tabela 6 — Ordem decrescente de fatores motivadores para publicação, em ambas as línguas

Motivos	
Língua Inglesa	Língua Portuguesa
1 - Comunicar na comunidade internacional (80,1%)	1 - Comunicar na comunidade nacional (89,6%)
2 - Inserir-me/manter-me na prática (66,8%)	2 - Inserir-me/manter-me na prática (81,2%)
3 - Ser citado com maior frequência (62,9%)	3 - Desenvolver-me intelectualmente (72,7%)
4 - Desenvolver-me intelectualmente (62,5%)	4 - Avaliar a qualidade do meu artigo (64,7%)
5 - Perseguir desafios constantes (55,1%)	5 - Perseguir desafios constantes (58,9%)
6 - Avaliar a qualidade do meu artigo (51,5%)	6 - Melhorar as habilidades de escrita nessa língua (49,6%)
7 - Melhorar minhas métricas (49,1%)	7 - Melhorar minhas métricas (45,1%)
8 - Melhorar as habilidades de escrita (46,5%)	8 - Avaliar escrita (42,4%)
9 - Avaliar escrita (39,2%)	9 - Ser citado com maior frequência (39,5%)
10 - Responder a um convite (34,9%)	10 - Conseguir promoção profissional (38,3%)
11 - Conseguir promoção profissional (34%)	11 - Responder a um convite (37,7%)
12 - Comunicar na comunidade nacional (25,8%)	12 - Comunicar na comunidade internacional (25,1%)
13 - Conseguir pagamento ou bônus (4,3%)	13 - Conseguir pagamento ou bônus (5,9%)

Fonte: Elaborado pela autora

Vê-se que *Comunicar os resultados nas comunidades* e *Inserir-se nas práticas acadêmicas* são as opções mais escolhidas. Esse resultado, de certa forma, reforça o famoso dito “publique ou pereça”, uma vez que há uma associação entre a ação de comunicar-dividir com a de pertencer à esfera acadêmica.

As porcentagens de resposta *Sempre* e *Frequentemente* de cada um dos motivos elencados foram somadas e, posteriormente, foi feita a média dos valores dos motivos pelos capitais que representam, possibilitando a hierarquização dos capitais:

Tabela 7 — Ordem decrescente de capitais motivadores para publicação, em ambas as línguas

Língua Inglesa		Língua Portuguesa	
Capital Cultural Institucionalizado	56,85%	Capital Cultural Institucionalizado	68,70%
Capital Simbólico	55,70%	Capital Social	59,45%
Capital Cultural Objetivado	52,90%	Capital Cultural Objetivado	57,35%
Capital Social	50,85%	Capital Simbólico	47,80%
Capital Linguístico	42,85%	Capital Linguístico	46,00%
Capital Econômico	19,10%	Capital Econômico	22,10%

Fonte: Elaborado pela autora

O *capital cultural institucionalizado* foi investigado por meio de (i) Avaliar a qualidade do meu artigo e (ii) Desenvolver-me intelectualmente com os comentários dos pares, uma vez que ambos se relacionam com qualificações adquiridas pelo pesquisador que atestam, de certa forma, sua competência na prática de publicação. Nos dois contextos, ele é o capital mais valorizado pelos participantes, indicando que o principal motivador é o

desenvolvimento das habilidades acadêmicas do cientista em detrimento de recompensas financeiras, honrarias acadêmicas e relações sociais.

Em segunda posição, há uma discrepância entre os idiomas. Em inglês, os participantes indicaram se preocuparem mais com o acúmulo do *capital simbólico*, mapeado por meio de alternativas que priorizam o impacto desse cientista no meio e, conseqüentemente, sua valorização e prestígio, traduzido como citações e métricas – (i) Ser citado com maior frequência, (ii) Perseguir desafios constantes, (iii) Melhorar minhas métricas. Esse dado indica que pode haver uma crença ou uma premissa dos participantes em torno da publicação em língua estrangeira, de forma que essa traria mais prestígio acadêmico que a publicação na língua materna. Além disso, o fato de escrever o texto em uma língua que não a materna e publicá-lo em contexto internacional seria mais desafiador e estimulador.

Em contrapartida, em português, o *capital social*, ou seja, a relação com outros pesquisadores - (i) Responder a um convite de uma editora ou de uma instituição e (ii) Inserir-me/manter-me na prática de publicação da minha área – foi o segundo fator mais estimulante. Dados colhidos na questão S6Q3, do questionário, mostram que os pesquisadores brasileiros possuem relações de coautoria mais fortes com outros pesquisadores conterrâneos quando comparados com pesquisadores estrangeiros, ou, até mesmo, a autoria solo, justificando assim a valorização das relações sociais em contexto nacional.

O *capital cultural objetivado*, os “bens” possuídos por um sujeito, foram interpretados como o compartilhamento dos resultados da pesquisa, a partir dos motivos (i) Comunicar meus resultados na comunidade nacional e (ii) Comunicar meus resultados na comunidade internacional. Esse tipo de capital aparece em terceiro lugar nas duas questões analisadas, na média entre os dois motivos. Entretanto, se tomados individualmente, *comunicar na comunidade nacional* apresentou a maior porcentagem em S6Q2, e, *comunicar na comunidade internacional*, em S4Q2, conforme apresentado anteriormente.

O *capital linguístico*, penúltimo capital escolhido em ambas as línguas, foi apresentado aos respondentes por meio das opções (i) Avaliar minha habilidade em escrever nessa língua e (ii) Melhorar as habilidades de escrita nessa língua, isto é, motivos que concernem ao desenvolvimento puramente linguístico da escrita nos idiomas. O fato de ser um capital menos valorizado pelos cientistas pode indicar que o *feedback* recebido nos artigos é insuficiente para gerar uma melhoria no conhecimento do idioma ou não é levado em consideração pelo participante.

A busca de *capital econômico* pelos participantes, a partir da publicação de manuscritos, em ambas as línguas, foi investigada por (i) *Conseguir pagamento ou bônus* e

(ii) *Conseguir promoção profissional*, já que em ambas as opções, os pesquisadores almejam recompensas em dinheiro ou bens para realizar ações - publicar para conseguir pagamento ou publicar para que seja possível ascender profissionalmente e aumentar os ganhos.

É quase unânime, em ambas as línguas, o fato de os pesquisadores não publicarem com vistas a retornos financeiros diretos. Em língua portuguesa, apenas 12 sujeitos indicaram sempre publicar com vistas a pagamentos ou bônus. Curiosamente, a maior parte desses sujeitos são doutorandos, o que nos indica que, talvez, o termo bônus possa ter sido interpretado como qualquer benefício provindo da publicação, como créditos extras para o Programa de Pós-Graduação ou êxito na obtenção de bolsas de pesquisa.

No idioma estrangeiro, inegavelmente, a busca pelo capital econômico é o que menos motiva os pesquisadores a publicarem, com o predomínio da resposta *nunca* para os dois motivos que investigavam esse capital.

Entre as disciplinas, no que concerne à língua inglesa, observam-se resultados semelhantes. A motivação pelo *capital cultural institucionalizado* foi o indicado com maior frequência pelos participantes, enquanto os capitais linguísticos e econômicos despontam como os de menor interesse. É importante salientar Filosofia e História, as únicas que indicaram valorizar mais o capital linguístico em detrimento dos demais.⁵⁷ Não há, todavia, nenhuma outra informação colhida no questionário que possa justificar essa ocorrência, sendo necessárias, portanto, mais pesquisas para interpretar esse dado.

Tabela 8 — Ordem decrescente de capitais motivadores para publicação, em inglês, por disciplina

Lingua Inglesa			
Antropologia	Arqueologia	Artes	Ciência Política
Capital Cultural Institucionalizado (72,9%)	Capital Cultural Institucionalizado (74,9%)	Capital Cultural Institucionalizado (74,9%)	Capital Cult. Institucionalizado/ Capital Simbólico (70%)
Capital Social (68,7%)	Capital Social (74,8%)	Capital Linguístico (53,3%)	Capital Social (65%)
Capital Cultural Objetivado (57,5%)	Capital Simbólico (72,1%)	Capital Social/ Capital Cult. Objetivado (49,9%)	Capital Cultural Objetivado (50,3%)
Capital Simbólico (48,6%)	Capital Cultural Objetivado (50%)	Capital Simbólico (48,8%)	Capital Linguístico (25%)
Capital Linguístico (33%)	Capital Econômico (20,6%)	Capital Econômico (14%)	Capital Econômico (24%)
Capital Econômico (23%)	Capital Linguístico (19,15%)		
Educação	Filosofia	Geografia	História
Capital Simbólico (57,6%)	Capital Linguístico (64,1%)	Capital Cultural Institucionalizado (79,1%)	Capital Linguístico (49,9%)
Capital Cultural Institucionalizado (57,5%)	Capital Cultural Objetivado (57,4%)	Capital Simbólico (63,8%)	Capital Cultural Institucionalizado (43,2%)
Capital Cultural Objetivado (55%)	Capital Social (57%)	Capital Linguístico/Capital Social (58,3%)	Capital Social (39,9%)
Capital Social (37,5%)	Capital Simbólico (52,2%)	Capital Cultural Objetivado (49,8%)	Capital Simbólico (35,5%)
Capital Linguístico (32,5%)	Capital Cultural Institucionalizado (49,9%)	Capital Econômico (12,3%)	Capital Cultural Objetivado (32,7%)
Capital Econômico (19%)	Capital Econômico (21,3%)		Capital Econômico (16,6%)
Letras	Linguística	Psicologia	Sociologia
Capital Cult. Institucionalizado/ Capital Cult. Objetivado (50%)	Capital Cultural Institucionalizado (59,7%)	Capital Cult. Institucionalizado/ Capital Cult. Objetivado (69,7%)	Capital Simbólico (56,4%)
Capital Social (38%)	Capital Cultural Objetivado (54,6%)	Capital Simbólico (69,7%)	Capital Cultural Objetivado (47,7%)
Capital Simbólico (36%)	Capital Simbólico (50,3%)	Capital Social (64%)	Capital Cultural Institucionalizado (43%)
Capital Linguístico (34%)	Capital Social (41,2%)	Capital Linguístico (59,1%)	Capital Social (41,2%)
Capital Econômico (20%)	Capital Linguístico (23,8%)	Capital Econômico (20,1%)	Capital Linguístico (23,8%)
	Capital Econômico (12,6%)		Capital Econômico (12,6%)

Fonte: Elaborado pela autora

Na língua materna, há também o predomínio do *capital cultural institucionalizado* em quase todas as disciplinas, exceto Arqueologia e Ciência Política, as quais priorizaram capital social, e Teologia, com o capital cultural objetificado.

⁵⁷ Teologia não constou na tabela, pois apenas um pesquisador respondeu à questão S4Q2.

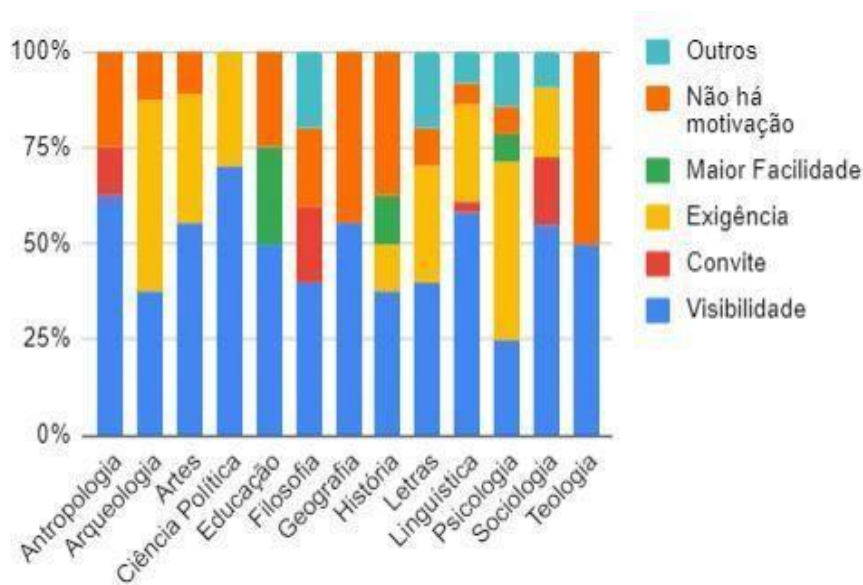
Tabela 9 — Ordem decrescente de capitais motivadores para publicação, em português, por disciplina

Língua Portuguesa			
Antropologia	Arqueologia	Artes	Ciência Política
Capital Cultural Institucionalizado (97,7%)	Capital Social (74,9%)	Capital Cultural Institucionalizado (66%)	Capital Social/ Capital Cultural Objetivado (49,9%)
Capital Linguístico (75,9%)	Capital Cultural Objetivado (50%)	Capital Social/ Capital Cult. Objetivado (64,4%)	Capital Cultural Institucionalizado (49,8%)
Capital Social (71,7%)	Capital Cultural Institucionalizado (33,3%)	Capital Simbólico (49,4%)	Capital Simbólico (48,3%)
Capital Cultural Objetivado (63%)	Capital Linguístico (33,2%)	Capital Linguístico (43,4%)	Capital Econômico (31,7%)
Capital Simbólico (54,9%)	Capital Simbólico (27,7%)	Capital Econômico (27,4%)	Capital Linguístico (0%)
Capital Econômico (21,6%)	Capital Econômico (0%)		
Educação	Filosofia	Geografia	História
Capital Cultural Institucionalizado (74,7%)	Capital Cultural Institucionalizado (62,85%)	Capital Cultural Institucionalizado (62,8%)	Capital Cultural Institucionalizado (67,2%)
Capital Cultural Objetivado (58,3%)	Capital Cultural Objetivado (55,6%)	Capital Cultural Objetivado (55,6%)	Capital Social (65,3%)
Capital Linguístico (57,9%)	Capital Social (54,2%)	Capital Social (54,4%)	Capital Cultural Objetivado (57,5%)
Capital Social (56,2)	Capital Linguístico (52,8%)	Capital Linguístico (52,8%)	Capital Simbólico (47,3%)
Capital Simbólico (51,9%)	Capital Simbólico (43,7%)	Capital Simbólico (43,7%)	Capital Linguístico (36,4%)
Capital Econômico (19,5%)	Capital Econômico (35,3%)	Capital Econômico (18,5%)	Capital Econômico (15,3%)
Letras	Linguística	Psicologia	Sociologia
Capital Cultural Institucionalizado (73,5%)	Capital Cultural Institucionalizado (65,1%)	Capital Cultural Institucionalizado (66,6%)	Capital Cultural Institucionalizado (64,6%)
Capital Cultural Objetivado (65,1%)	Capital Social (61,1%)	Capital Cultural Objetivado (55,9%)	Capital Social (60,6%)
Capital Social (63,1%)	Capital Cultural Objetivado (50,9%)	Capital Social (51%)	Capital Cultural Objetivado (54,3%)
Capital Simbólico (51,7%)	Capital Simbólico (48,5%)	Capital Linguístico (45,1%)	Capital Simbólico (43%)
Capital Linguístico (50,6%)	Capital Linguístico (40,3%)	Capital Simbólico (41%)	Capital Linguístico/ Capital Econômico (24,9%)
Capital Econômico (24,9%)	Capital Econômico (22,4%)	Capital Econômico (16,6%)	
Teologia			
Capital Cultural Objetivado (100%)			
Capital Social (83,3%)			
Capital Cultural Institucionalizado (66,6%)			
Capital Simbólico (55,5%)			
Capital Linguístico (49,9%)			
Capital Econômico (16,6%)			

Fonte: Elaborado pela autora

A última questão que investiga os motivos – S5Q2 *motivação de publicar em língua inglesa, em periódicos nacionais* – foi respondida por 270 sujeitos. Foram notadas 5 categorias principais que se repetiram entre as respostas: *Visibilidade, Exigência, Convite, Facilidade, Falta de motivação*. O gráfico abaixo apresenta a recorrência, em porcentagem, de cada categoria por subárea.

Gráfico 41 — Motivos para publicar nacionalmente em inglês (S5Q2)



Fonte: Elaborado pela autora

Em linhas gerais, a categoria *Visibilidade* foi a mais comum (155 respostas), revelando posicionamento positivo da maioria dos participantes em relação à prática de publicação em inglês, em cenário nacional. Ainda que a maioria das respostas não tenha especificado que tipo de visibilidade - 85 citaram apenas o termo – a visibilidade do pesquisador foi mais recorrente do que a de artigos e revistas.

Além dos termos relacionados a esse campo, foram considerados como pertencentes dessa categoria os sintagmas "maior+termos dos campos semânticos de impacto", como "maior acesso", "maior alcance", "maior impacto", "maior chance de ser lido/citado", uma vez que o cerne de todas essas práticas é o mesmo: ser visto, principalmente pela comunidade internacional. Nesse ponto, salienta-se a indissociabilidade entre visibilidade e internacionalização, já que foi comum os pesquisadores traçarem uma relação entre ambas, independente da subárea, ilustrando o pensamento abissal que perpassa as práticas acadêmicas, já que os pesquisadores possuem a crença de que a publicação em inglês, a língua do Norte global, é o suficiente para alçar seus textos à visibilidade e à relevância internacional.

[A446] **Acesso a comunidade internacional** a partir de uma publicação nacional.

[CP123] **Maior alcance da pesquisa** (e da própria produção acadêmica nacional como um todo).

[LG53] Divulgação dos estudos que, **mesmo sendo publicados em periódicos brasileiros**, são mais **facilmente encontrados ao serem publicados em inglês**, pois muitos **periódicos nacionais têm acesso aberto**.

Antropologia, Artes, Ciência Política, Geografia, Linguística e Teologia apontaram essa categoria como a mais relevante na justificativa de se publicar em inglês, em ambiente nacional, apontando para uma possível normalização da prática entre os pesquisadores dessas subáreas.

Ainda que com baixa recorrência, 1% das respostas, um traço importante levantado na análise é a categoria *Facilidade*, isto é, pesquisadores relataram achar mais fácil a avaliação de artigos em inglês nacionalmente:

[P235] Quando possuo um **artigo que não tem força para uma revista internacional**. Artigo regular.

[LG6] Tive apenas uma experiência de publicação em periódico internacional, mas sinto que **há mais chances de publicação em periódicos nacionais**.

[P272] A **avaliação é mais rápida**.

Ou seja, essa prática seria uma forma de ter artigos publicados em inglês, que podem igualmente ser lido pelos pares de outros países, mas sem a rigorosidade da avaliação dos periódicos internacionais que, na visão desses respondentes, é mais difícil e demorada. Ainda que seja uma baixa taxa de resposta, investigar-se-á esse traço na Fase-II, na tentativa de observar se ele teria um impacto maior nas práticas de publicação em L2 no cenário nacional.

Exigência também foi um termo que se repetiu com certa frequência. 22 respostas trouxeram que a escrita de artigo em inglês foi mandatória por parte das revistas ou do número temático, sendo que Arqueologia, Letras, Linguística e Artes foram as subáreas que mais apontaram a questão da exigência como motivadora.

[P238] **Exigência da revista**. Considero uma exigência adequada.

[A411] A chamada foi em inglês e só aceitava nessa língua

[LG234] Agora, uma **imposição de algumas revistas por pressão** a uma política que qualifica a produção em suas avaliações a partir dessa língua específica (com medidas de métricas variadas etc)

Na última resposta acima, o participante mostra conhecimento da exigência relacionada à necessidade de melhorias nas métricas das revistas.

Enquadram-se em *Convite* dois por cento das respostas já que a publicação ocorre devido a um convite do periódico, o que também reforça a leitura acima de haver uma preocupação das revistas em vincular em suas páginas textos em inglês. Antropologia, Sociologia e Filosofia foram as subáreas que relataram essa prática:

[AN86] Na única vez em que publiquei em inglês num periódico nacional foi a **pedido da própria comissão editorial.**

[S202] **Oferta da revista.**

A última categoria – Não há motivação - compõe-se por respostas negativas e críticas à prática de publicação em inglês nacionalmente. Citaram não haver publicado e/ou não haver motivação para tal 7,4% das respostas. Enquanto algumas respostas trouxeram certa neutralidade apenas com a informação "não publico" ou "nunca publiquei", outras 65% teceram críticas:

[A209] **Não vejo razão** de publicar em inglês em periódicos nacionais.

[G155] Nenhuma. **Acho uma estupidez.**

[AN291] **Não faz sentido**, se publico em português em revista nacional, quero que mais interessados leem e entendam meus trabalhos.

[H187] **É ridículo.** As revistas brasileiras nas Humanas não contam sequer com leitores nacionais. O pesquisador das humanidades deve optar por livros publicados por editoras com distribuição nacional (mercado). Os artigos de periódicos mais lidos em CH no Brasil têm em média umas poucas centenas de leitores. O impacto é diminuto.

As subáreas de História e Geografia foram as que adotaram um posicionamento mais críticos sobre essa prática de publicação. Relacionando os tópicos encontrados com os capitais de Bourdieu (1991), a motivação predominante dos pesquisadores pode ser vista como *capital simbólico*, pois a visibilidade se relaciona com o prestígio que o cientista deseja alcançar dentro de sua área de atuação.

3.4 Estratégias

A seção de estratégias é composta pela discussão de três perguntas:

S4Q6 - Estratégias de escrita em língua inglesa	S6Q4 - Estratégias de escrita em língua portuguesa
S7Q1 - Estratégias que mais ajudariam os participantes na melhoria de sua escrita	

Em S4Q6, duas táticas de escrita se destacaram e foram assinaladas por, praticamente, a mesma quantidade de sujeitos, como indicado no quadro abaixo:

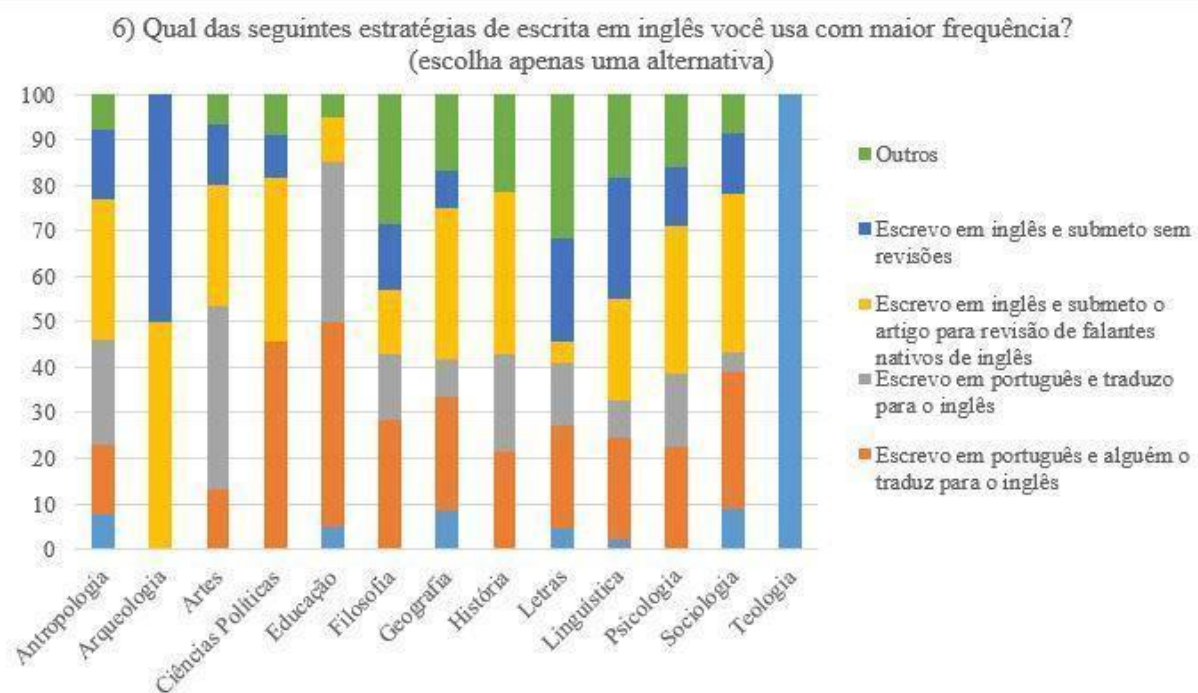
Tabela 10 — Estratégias de escrita em língua inglesa (S4Q6)

Estratégia	Língua Inglesa
Escrevo em inglês e submeto os artigos para revisão de falantes nativos de língua inglesa	25,6%
Escrevo em português e alguém traduz para o inglês	25,1%
Escrevo em inglês e submeto sem revisões	15,7%
Escrevo em português e traduzo para o inglês	15,2%
Escrevo em inglês e submeto o artigos para revisão de falantes nativos de português	8,1%

Fonte: Elaborado pela autora.

Entre as subáreas, é possível observar uma grande variação no emprego das diferentes estratégias e, em muitos casos, sem grandes discrepâncias percentuais entre elas:

Gráfico 42 — Estratégias (S4Q6)



Fonte: Elaborado pela autora

As subáreas de Antropologia (30,7%), Geografia (33,3%), História (35,7%), Psicologia (32,2%) e Sociologia (34,7%) indicaram escrever em língua inglesa e contar com a revisão de falantes nativos. Ciência Política (45,4%), Educação (45%), Filosofia (28,5%) e Letras (22,7%) sinalizaram o uso mais frequente de tradutores na versão para o inglês de seus manuscritos em português.

Nas subáreas de Arqueologia e Linguística algumas táticas obtiveram, praticamente, a mesma taxa de resposta. Na primeira subárea, 50% assinalou escrever e submeter sem revisões e 50% utilizarem de tradutores para tal fim. Já na segunda, 26,5% dos pesquisadores escrevem no idioma estrangeiro e submetem sem revisões, 22,4% escrevem em português e alguém traduz o artigo, 22,4% escrevem em inglês e submetem o texto para revisão de falantes nativos da língua.

Esse achado nos remete à ideia de que a escolha de qual estratégia usar não seja influenciada pela cultura disciplinar das subáreas, e sim por escolha individual, o que pode estar relacionada à própria proficiência na língua estrangeira, disponibilidade de rede de colaboradores nativos ou não-nativos que possam avaliar o texto antes e, até mesmo, recursos financeiros, pois, em S7Q1, no fim dessa seção, alguns apontaram a necessidade de verbas para os processos de escrita. Essas indagações serão investigadas na Fase-II, por meio das entrevistas semiestruturadas.

Particular às estratégias de escrita em língua materna, a maior parte dos pesquisadores indicaram escrever o texto e submeter sem revisões (52,2%).

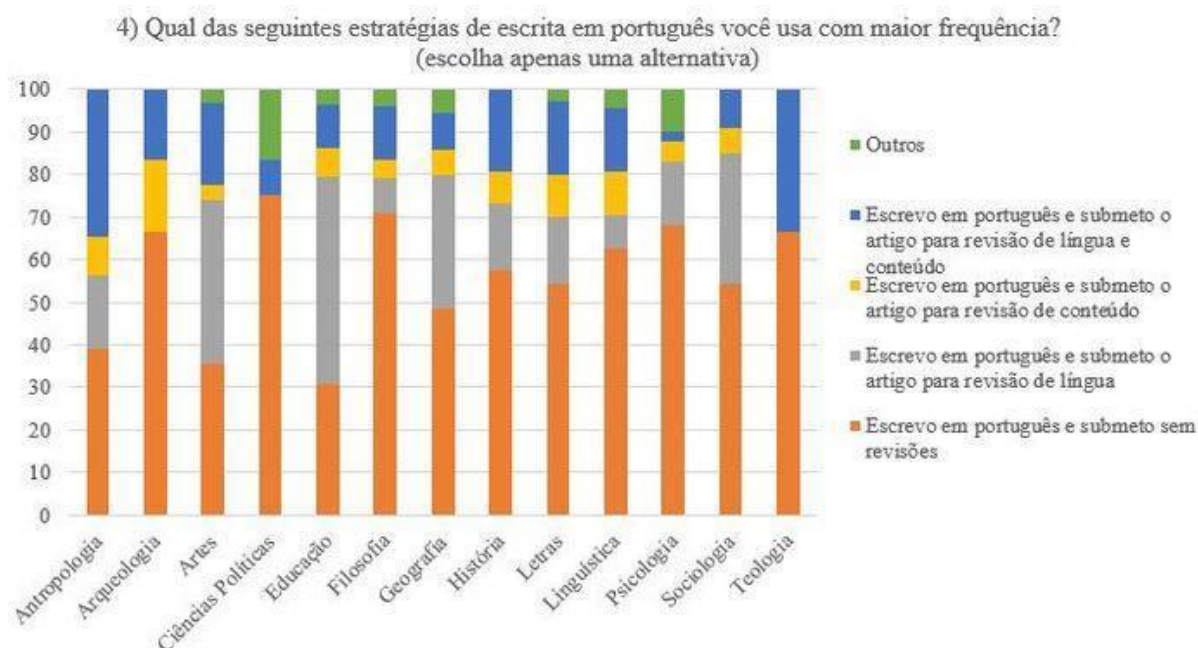
Tabela 11 — Estratégias de escrita em língua portuguesa (S6Q4)

Estratégia	Língua Inglesa
Escrevo o texto e submeto sem revisões	52,2%
Escrevo em português e submeto o artigo para revisão de língua	23%
Escrevo em português e submeto o artigo para revisão de língua e conteúdo	13,8%

Fonte: Elaborado pela autora.

Pelas subáreas:

Gráfico 43 — Estratégias (S6Q4)

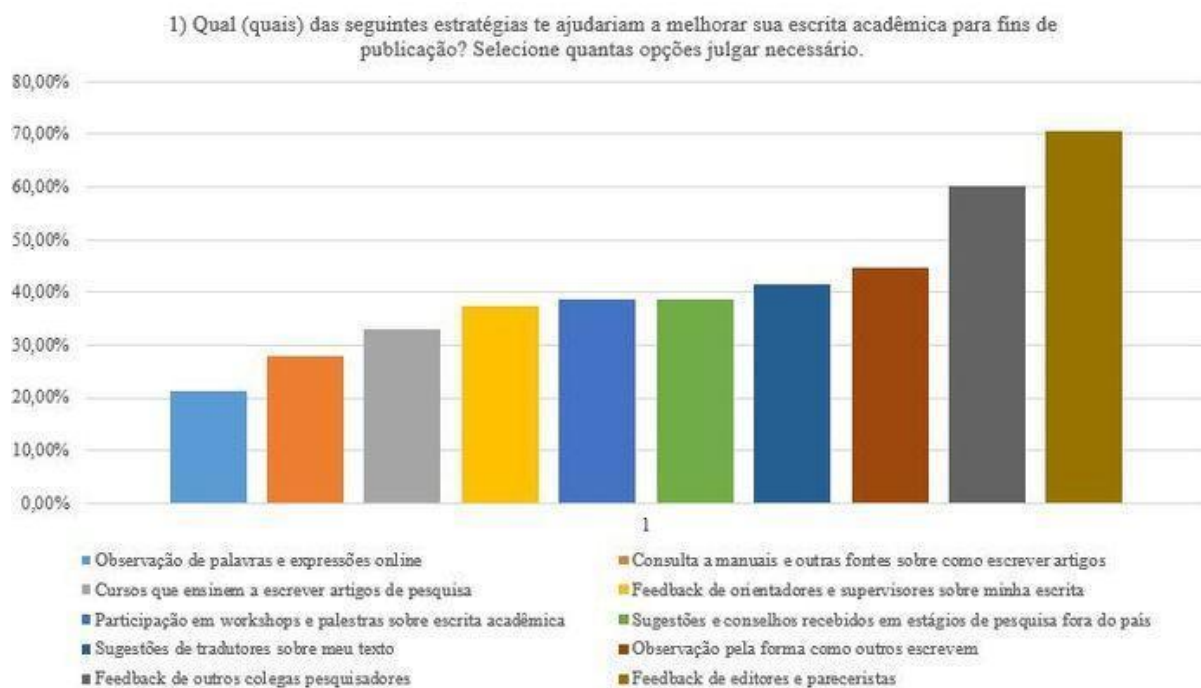


Fonte: Elaborado pela autora

As subáreas aqui também não parecem influenciar na escolha, já que, ao se observar o gráfico abaixo, nota-se que quase todas as subáreas indicaram *escrever e submeter sem revisão*, com exceção de Artes e Educação, as quais escolheram com mais frequência *Escrevo em português e submeto o artigo para revisão de língua*.

A última questão vinculada às estratégias - S7Q1 - procurou levantar estratégias que os respondentes julgassem pertinentes para ajudá-los no desenvolvimento de sua escrita acadêmica.

Gráfico 44 — Estratégias (S7Q1)



Fonte: Elaborado pela autora

As estratégias mais citadas, em 70,7% e 60% das respostas, respectivamente, foram *Feedback de editores e pareceristas* e *Feedback de outros colegas pesquisadores*. Apesar de aparecer com menor representatividade de resposta, no total, a opção *Feedback de orientadores e supervisores sobre minha escrita* deve ser vista com atenção, pois grande parte dos respondentes não trabalham com orientadores e supervisores. Ao isolar as respostas apenas de doutorandos, vê-se que essa estratégia foi selecionada por 81% desses participantes. Logo, considerando o escopo de respondentes específicos dessa alternativa, ela também galga posição de relevância.

A importância do outro no aprimoramento da escrita acadêmica reforça o traço dialógico presente nessa prática, sendo também fortificado por dois comentários adicionais da categoria *Outros*, espaço destinado para que os pesquisadores dessem suas sugestões:

[L384] dicas do orientador

[LG320] O mais efetivo, para mim, realmente é o *feedback*, a leitura exógena.

Esses dados podem ser discutidos à luz de Lillis e Curry (2006) que defendem a relevância dos *feedbacks* dos *gatekeepers* e outros *literacy brokers* na formação escritora dos pesquisadores é determinante para o alcance do objetivo final de publicar ou não o manuscrito. Huang (2010), com base em pesquisa feita com doutorandos taiwoneses, advoga

a favor da relevância do orientador e outros *gatekeepers* como fundamentais no desenvolvimento das habilidades escritoras dos pesquisadores iniciantes.

Um exemplo empírico é o relato de Corcoran (2017) sobre a incorporação bem-sucedida de atividade de *feedback* em cursos intensivos de ERPP, ministrados a pesquisadores mexicanos. O desenho de curso contemplou períodos específicos de escrita e revisão dos manuscritos, com o apoio de tutores. Outro diferencial foram palestras com editores provindos da área de expertise da maioria dos inscritos, compartilhando dicas e particularidades nas submissões, além de rodadas destinadas a dar um breve parecer sobre os *abstracts* dos alunos e, também, liberdade para perguntas.

Entrevista conduzida pós-curso indicou que as duas atividades relatadas acima foram as escolhidas pelos pesquisadores como as mais eficazes. Nesse ínterim, com base tanto no indicado pelo questionário quanto pela literatura indicada acima, a inclusão de atividades de *feedback* parece ser primordial para uma aprendizagem mais efetiva das dinâmicas de escrita acadêmica.

Outras alternativas que contemplam o rol de estratégias de *feedback* são *Sugestões de tradutores sobre meu texto* (escolhida por 41,4% dos sujeitos) e (ii) *Sugestões e conselhos recebidos em estágios de pesquisa fora do país* - 38,6%, porcentagem que pode ser influenciado pelo fato de que nem todos os respondentes possam ter feito estágios de pesquisa fora e, conseqüentemente, a estratégia não se aplicaria à sua realidade).

Quarenta e quatro por cento das respostas indicaram *Observar como outros escrevem* uma estratégia útil. Essa possibilidade remete, dentre outras possibilidades, ao uso dos modelos de estruturas retóricas elaborados em algumas abordagens de Análise de Gênero, nos quais, a partir de exemplos de textos considerados pertinentes para uma área ou contexto, observam-se padrões no uso de estruturas retóricas e elementos linguístico a fim de auxiliar os pesquisadores a produzirem seus textos de forma mais adequada à expectativa da comunidade.

As opções *Cursos que ensinem a escrever artigos acadêmicos* (33%) e *Participação em workshops e palestras sobre escrita acadêmica* (38,6%) apontam para o pouco impacto que situações de ensino formais sobre ERPP têm. Neste quesito, parece-me válido a consideração de que no Brasil essa ainda é uma atividade pouco difundida e, para tal fim, utilizo de uma experiência acadêmica pessoal.

Durante o mestrado, tive o privilégio de realizar estágio sanduiche na Universidade da Califórnia - Santa Bárbara (UCSB), sob orientação do professor doutor Charles Bazerman. Os alunos contam com uma infinidade de disciplinas específicas de escrita e pesquisa, desde a

graduação. Participei de duas aulas distintas voltadas à escrita acadêmica para Ciências Sociais e Ciências Humanas, escopo de investigação que já me interessava. Além disso, existiam cursos regulares de escrita acadêmica mais avançada para os alunos da pós-graduação.

Essa política pró-escrita não é exclusividade da UCSB. Russell (2014) afirma que o ensino de escrita é buscado pelas instituições, a ponto de já no primeiro ano de faculdade ser exigido que os estudantes participem em disciplinas de escrita. Ele também aponta para a realidade de os centros de escrita serem uma tradição entre as universidades americanas.

Em buscas a ferramentas de pesquisa, encontram-se, facilmente, websites de cursos de escrita e *writing centers*, vinculados a numerosas instituições inglesas, alemãs e de outros países europeus, indicando ser comum o investimento de países centrais de pesquisa à formação escritora dos alunos e pesquisadores.

Em contrapartida, ainda é irrisório o número de instituições que ofertam centros de escrita, no Brasil. Felizmente, parece estar havendo um incentivo maior para cursos de escrita acadêmica e espaços destinados para sua discussão, tais como o Espaço da Escrita, projeto desenvolvido pela Unicamp para o apoio aos alunos no que tange à escrita e publicação. Talvez, no futuro, com maior oferta de cursos pensados e desenhados para tal fim, como o curso de Corcoran (2017) citado acima, essas se tornem estratégias válidas e eficazes para nossos pesquisadores.

As estratégias menos populares foram *Consulta a manuais e outras fontes sobre como escrever artigos* e *Observação de palavras e expressões online*, respectivamente 27,8% e 21,2%. Mesmo que, aparentemente, não sejam muito populares entre os pesquisadores participantes, há provas na literatura de que é possível se beneficiar com o auxílio de buscas em corpora e softwares de auxílio de escrita, como Sketch Engine. É possível que muitos pesquisadores não conheçam as ferramentas mencionadas. Porém, de fato, são táticas que auxiliaram com mais precisão apenas no nível linguístico do texto, não abarcando diretamente outros pontos como a macroestrutura textual ou as culturas disciplinares.

Além dos itens disponibilizados pelo questionário, no campo *Outros*, recorreram comentários referente ao aspecto financeiro do processos:

[F135] Financiamento de tradução feita por especialistas na área

[LG358] poder contar com revisão / tradução **sem ter que pagar com meu próprio bolso**

É imprescindível a discussão do impacto financeiro nas publicações. Mesmo que o retorno de capital econômico não seja motivador para publicação, em consonância com os dados encontrados no questionário, a publicação, em si, pode despende muitos recursos para o pesquisador ou para sua instituição. Conforme apresentado na fundamentação teórica deste trabalho, ter seu manuscrito publicado em um periódico de média/alta circulação internacional pode custar ao pesquisador mais de 10 mil reais. Além das custas com as taxas em si, muitos sujeitos necessitam de auxílio para contratação de tradutores e/ou pareceristas já que não possuem nível de proficiência condizente para tal fim. Torna-se irreal pensar em tal quantia para publicação de um texto, o qual não se tem garantia de que será lido e citado, mesmo que esteja em língua franca, observando as pesquisas recentes que mostram o padrão de publicação estar muito mais vinculado à prática social da área de pesquisa do que à língua, simplesmente ou ainda à prática até mesmo antiética de alguns periódicos fomentarem a citação apenas artigos publicado em suas páginas, como uma forma de aumentarem suas métricas de produtividade (BRUNNER; SALAZAR, 2009).

Outras queixas foram relacionadas a (falta de) tempo para dedicação a essa atividade:

[AN236] Mais tempo para leitura de obras literárias que ampliam nosso horizonte criativo, imaginativo e especulativo. A sobrecarga de trabalho na universidade nos sufoca.

Essa resposta aflora outro desafio vivido pelos docentes brasileiros, de universidades públicas, principalmente. Como já sinalizado em pesquisa de Lima e Lima Filho (2009), 70,4% dos professores que participaram da amostragem trabalhavam com excesso de carga horária de aulas. Fora isso, o tempo despendido em tarefas administrativas exigidas sobressai ao tempo de pesquisa. Dessa forma, equilibrar a crescente demanda por publicações, algo que exige tempo de pesquisa e escrita, com as outras demandas de docência é grande desafio para os pesquisadores e, definitivamente, deve ser considerado ao pensar a questão do impacto em/de nosso país.

3.5 Necessidades

Esta subseção analisa as perguntas:

S4Q13 - Qual nível de dificuldade você encontra nos processos abaixo (inglês)	S6Q8 - Qual nível de dificuldade você encontra nos processos abaixo (português)
S7Q2 –Necessidade em continuar estudos em escrita de artigos	S7Q3 - Cursos sobre como escrever artigos de pesquisa devem contemplar...
S7Q4 - Necessidades de aprendizagem com relação às etapas que envolvem a escrita de um artigo	-

No par de perguntas S4Q13 e S6Q8, os quatorze tópicos investigados, os quais poderiam ser respondidos por quatro opções, em formato escala - *nenhuma, pouca, razoável ou muita dificuldade*, foram agrupados em 3 grupos de acordo com seu escopo:

Tabela 12 — Nível de dificuldade (S4Q13 - S6Q8)

	Língua Inglesa	Língua Portuguesa
Necessidades frente ao texto - Introdução - Revisão de literatura - Materiais e métodos - Discussão - Considerações finais - Resumo - Resultados	33,26% Razoável/ muita dificuldade	17% Razoável/ muita dificuldade
Necessidades frente à língua - Língua, em geral - Língua para fins acadêmicos	46,34% Razoável/ muita dificuldade	9,54% Razoável/ muita dificuldade
Necessidades frente às dinâmicas de publicação - Resposta e discussão com parecerista e editores - Conhecimento das expectativas do periódico - Escopo do periódico para publicação - Formatação do artigo - Pouco financiamento para publicação	49,32% Razoável/ muita dificuldade	35% Razoável/ muita dificuldade

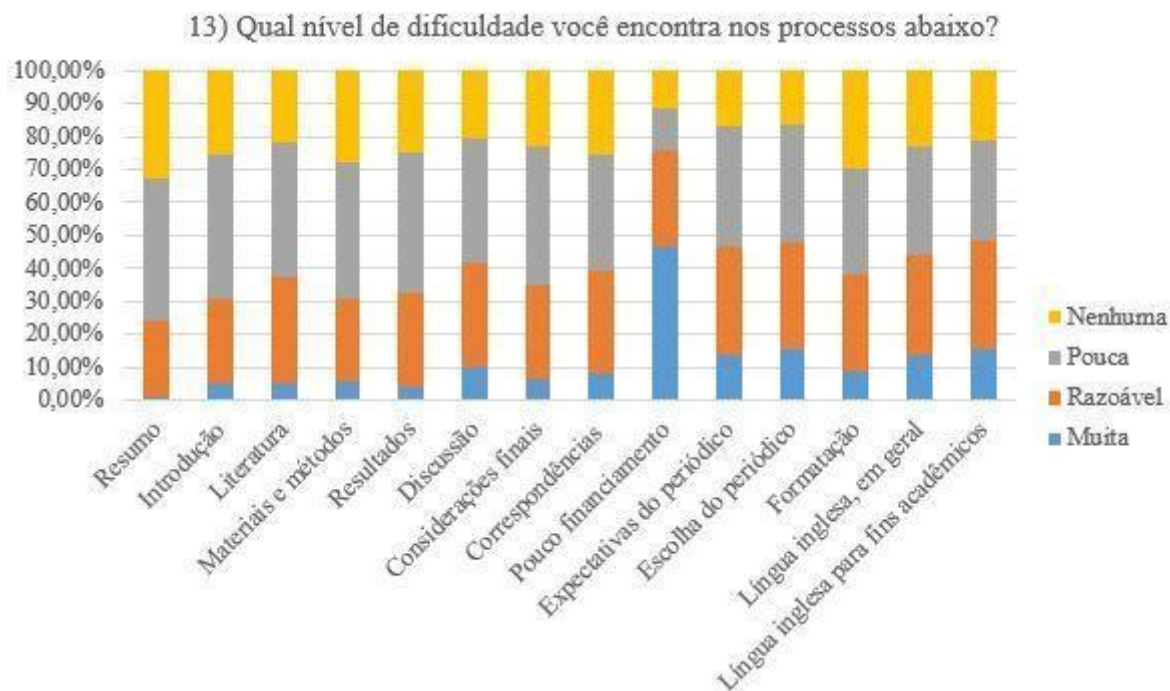
Fonte: Elaborado pela autora

A recorrência de maiores dificuldades em L2 é maior em todos os grupos. Ainda que o relato de problemas tenha sido maior com as dinâmicas de publicação, a língua parece agravar isso, no comparativo entre as duas questões. Essa leitura nos permite retornar à discussão proposta por Flowerdew (2019) sobre o peso que elementos não linguísticos, de fato, exerce na academia (CANAGARJAH, 2002; HYLAND, 2016), mas também fardo extra que a língua representa para o contexto.

Como esperado, a necessidade frente à língua, em português, foi o grupo onde os pesquisadores relataram maior tranquilidade. Diferentemente de inglês, cujos pesquisadores relataram haver quase o mesmo nível de dificuldade com as dinâmicas de publicação.

Ao fragmentar os dados pelas subáreas, em S4Q13:

Gráfico 45 — Nível de dificuldade em língua inglesa (S4Q13)



Fonte: Elaborado pela autora

O detalhamento revelado pelo gráfico acima mostra que, no grupo 1, o maior obstáculo dos pesquisadores é a seção Discussão do artigo - 41,76% relataram muita ou razoável dificuldade. Em seguida, Revisão de Literatura (37,42%), Considerações Finais (34,9%), Resultados (32,74%), Materiais e Métodos (31%), Introdução (30,9%), e Resumo (24,13%). Em ordem decrescente, Educação e Psicologia foram as subáreas que relataram mais dificuldade nesse grupo de respostas. Arqueologia, em direção oposta, sinalizou dificuldade apenas na Discussão dos resultados.

No grupo 2, os pesquisadores reportaram ter uma dificuldade ligeiramente maior em língua inglesa para fins específicos (48,2%) do que em língua inglesa, para fins gerais (44,49%). As subáreas que revelaram menor dificuldade no grupo foram Arqueologia (0%) e Letras (24%), sendo a primeira entendível considerando que perguntas anteriores revelaram grande expertise dos sujeitos participantes na escrita em língua inglesa, e a última esperada já que o estudo de línguas estrangeiras configura como atividade da área. Educação e Sociologia relataram maior dificuldade nesse quesito.

O grupo 3 manifesta o impacto da dimensão social nas práticas de publicação. Reportaram dificuldade com correspondência com editores e pareceristas 39,6% das respostas, 46,49% com expectativas do periódico, 47,76% com a escolha do periódico e 37,8% com formatação. Pouco financiamento foi a opção cujos pesquisadores relataram maior

índice de preocupação, não só no grupo 3, mas dentre as possibilidades de resposta. As subáreas de Ciência Política, Psicologia e Teologia, em específico, destacaram-se pelo alto índice de respostas. Semelhante ao grupo 1, Educação (69%) e Psicologia (60,58%) foram as subáreas com maior índice de dificuldades nos tópicos investigados aqui e Arqueologia (16,5%) e Geografia (30,3%), com menor dificuldade.

Em linhas gerais, e com exceção desse tópico, mais de 58,9% dos sujeitos relataram ter pouca ou nenhuma dificuldade nas dimensões estudadas. O quadro abaixo sintetiza as dimensões investigadas e as subáreas que relataram maior ou menor dificuldade.⁵⁸

Quadro 22 — Resumo maiores e menores dificuldades por subárea

	Maior dificuldade	Menor dificuldade
Escrita do Resumo	Educação	Arqueologia; Ciência Política
Escrita da Introdução	Psicologia; Educação	Arqueologia; Geografia
Escrita da Literatura	História; Psicologia	Arqueologia; Geografia
Escrita dos Materiais e métodos	Educação; Ciência Política	Arqueologia; Geografia
Escrita dos Resultados	Psicologia; Antropologia	Arqueologia; Geografia
Escrita da Discussão	Psicologia; Educação	Arqueologia; Geografia
Escrita das Considerações finais	Educação; Psicologia	Arqueologia; Geografia
Resposta e discussão com pareceristas e editores	Antropologia; História	Arqueologia; Sociologia
Pouco financiamento para publicação	Ciência Política; Artes	Arqueologia; Geografia
Conhecimento das expectativas do periódico	Educação; Psicologia	Arqueologia; Geografia
Escopo do periódico para publicação	Psicologia; Ciência Política	Arqueologia; Geografia
Formatação do artigo	Letras; Educação	Arqueologia; Geografia
Conhecimento de língua inglesa, em geral	Educação; Sociologia	Arqueologia; Letras
Conhecimento de língua inglesa para fins acadêmicos	Educação; História	Arqueologia; Letras

Fonte: Elaborado pela autora

Em linhas gerais, Educação e Psicologia foram as áreas que manifestaram maior nível de dificuldade, considerando a média de respostas muita/razoável em todos os quesitos - 54,64% e 46,4%, respectivamente. Na contramão, Arqueologia foi a qual relatou menos dificuldades (7,1%).

O nível de escolaridade foi o fator de influência mais determinante nas escolhas dos indivíduos, mais até do que as subáreas, nas quais, salvo os casos mencionados, houve pouca variação de respostas.⁵⁹

O quadro 24 apresenta a intensidade mais relatada pelos participantes. Os doutores, pós-doutores, pós-doutorandos e livre-docentes foram consistentes, marcando pouca ou

⁵⁸ Para confecção do quadro, a subárea de Teologia foi desconsiderada, pois apenas um pesquisador respondeu à questão.

⁵⁹ Os gráficos de todos os tópicos, divididos por subárea, podem ser consultados no Apêndice G.

nenhuma dificuldade em quase todas as situações. Já os doutorandos, predominantemente, alinharam-se com dificuldade razoável nos tópicos, o que indica a expertise e o tempo de inserção nas atividades de pesquisa como primordiais para o sucesso das práticas de publicação, como defendido por Swales (1990).

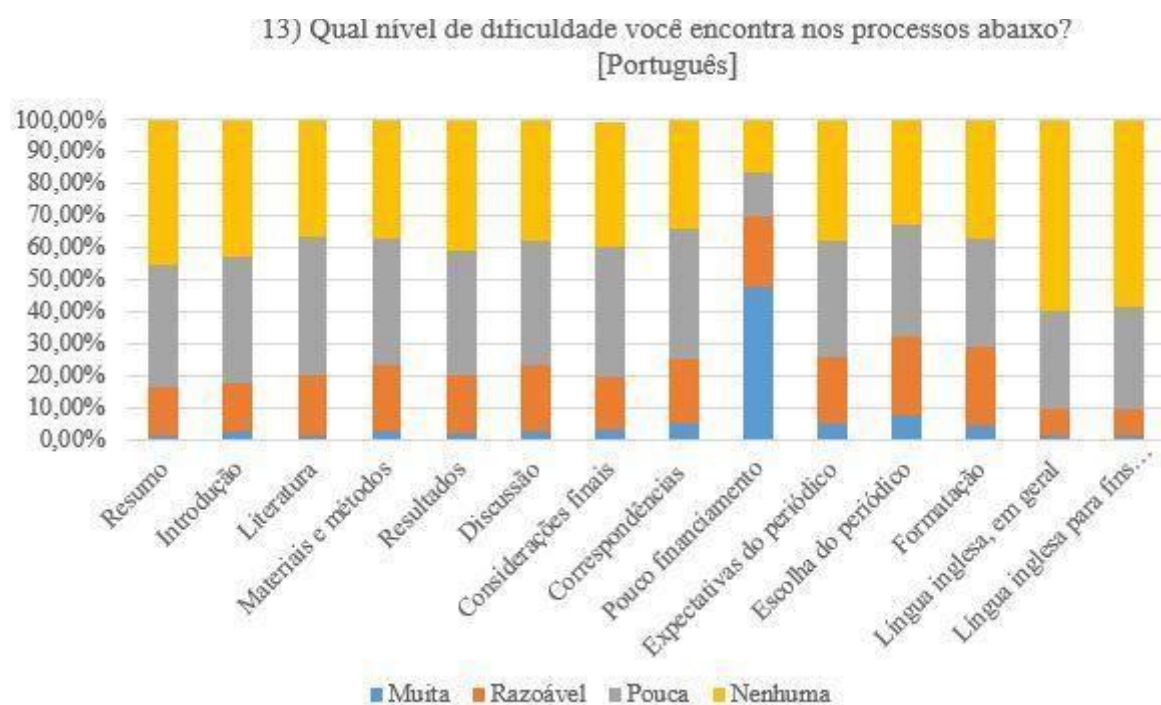
Quadro 23 — Nível de dificuldade em língua inglesa por nível de escolaridade (S4Q13)

S4Q13	Doutorando	Doutor	Pós-doutorando	Pós-doutor	Livre-docente
Escrita do resumo	Pouca	Pouca	Pouca	Nenhuma	Pouca
Escrita da introdução	Razoável	Nenhuma	Nenhuma/Pouca	Nenhuma	Nenhuma
Escrita da revisão de literatura	Pouca/Razoável	Pouca	Pouca/Razoável	Pouca/Razoável/Ne	Pouca
Escrita dos materiais e métodos	Pouca/Razoável	Pouca	Pouca/Razoável	Pouca	Pouca
Escrita dos resultados	Pouca/Razoável	Pouca	Pouca	Pouca	Nenhuma/Pouca
Escrita da discussão	Razoável	Pouca	Pouca/Razoável	Pouca	Pouca
Escrita das considerações finais	Razoável	Pouca	Pouca	Pouca	Nenhuma/Pouca
Resposta e discussão com parecerista e editores	Razoável	Pouca	Pouca	Pouca/Razoável/Ne	Pouca
Pouco financiamento para publicação	Razoável/ Muita	Muita	Razoável/ Muita	Muita	Razoável/ Muita
Conhecimento das expectativas do periódico	Razoável	Pouca	Pouca/Razoável/N	Pouca	Pouca
Escopo do periódico para publicação	Razoável	Pouca/Razoável	Pouca	Pouca	Pouca/Razoável
Formatação do artigo para atender normas de autores	Nenhuma/Razoável	Pouca/Razoável	Pouca/Razoável/N	Pouca	Pouca/Razoável
Conhecimento de língua inglesa, em geral	Razoável	Razoável	Pouca/Razoável	Pouca	Pouca/Razoável/Nenhuma
Conhecimento de língua inglesa para fins acadêmicos	Pouca/Razoável	Pouca	Razoável	Pouca/Razoável	Nenhuma/Razoável

Fonte: Elaborado pela autora

Em língua portuguesa, a principal queixa dos pesquisadores também foi no grupo de Dificuldades frente às dinâmicas de publicação. Dentre os tópicos específicos, como pode ser vista no gráfico abaixo, *Pouco financiamento* também foi o mais relevante para os pesquisadores.

Gráfico 46 — Nível de dificuldade em língua portuguesa (S6Q8)



Fonte: Elaborado pela autora

No grupo 1, a seção de Discussão também foi apontada como a de maior dificuldade dos pesquisadores (23,4%), seguido por Materiais e Métodos (23,21%), Literatura (20,5%), Resultados (20,1%), Considerações Finais (19,78%), Introdução (17,85%) e Resumo (16,40%). Os dois últimos também apontados com menor nível de dificuldade na língua franca. Ciência Política e Educação foram as subáreas que relataram maior dificuldades nesse grupo e Arqueologia e Geografia menor.

No grupo 2, houve pouca diferença de recorrência entre as opções Português para fins gerais e Português para fins específicos - 9,63% e 9,44%, respectivamente. Arqueologia e Ciência Política relataram 0% de muita/razoável dificuldade nos tópicos. Sociologia e Educação foram as subáreas com maiores dificuldades em língua.

O grupo 3 seguiu, na ordem decrescente de dificuldade, Pouco Financiamento (69,66%), Escolha do periódico (31,92%), Formatação (29,23%), Expectativas do periódico (26,1%) e Correspondência com editores e pareceristas (25,5%). Comparando com S4Q13, as respostas dadas pelos participantes foram discrepantes. No idioma estrangeiro, a escolha do periódico foi a opção que menos incomoda os participantes, em língua materna, diferentemente, foi a segunda mais problemática. Correspondência com pareceristas e editores também parecem ser problemáticas em inglês, o que não ocorre em português, mas esse quesito pode ser justificado pelo fator língua, uma vez que a negociação feita por essas correspondências pode ser dificultada em outro idioma.

Entre as subáreas, Geografia e Psicologia foram as que relataram maior dificuldade. Arqueologia e História, menor.

Quadro 24 — Resumo maiores e menores dificuldades por subárea (S6Q8)

	Maior dificuldade	Menor dificuldade
Escrita do Resumo	Antropologia; Artes	História; Ciência Política
Escrita da Introdução	Sociologia; Ciência Política	Arqueologia; Antropologia
Escrita da Literatura	Antropologia; Sociologia	Arqueologia; Geografia
Escrita dos Materiais e métodos	Educação; Ciência Política	Arqueologia; Filosofia
Escrita dos Resultados	Ciência Política; Educação	Arqueologia; História
Escrita da Discussão	Ciência Política; Educação	Arqueologia; Filosofia
Escrita das Considerações finais	Ciência Política; Antropologia	Arqueologia; Filosofia
Resposta e discussão com pareceristas e editores	Educação; Geografia	Filosofia; Ciência Política
Pouco financiamento para publicação	Ciência Política; Artes	Arqueologia; Filosofia
Conhecimento das expectativas do periódico	Educação; Geografia	Arqueologia; Artes
Escopo do periódico para publicação	Educação; Psicologia	História; Arqueologia
Formatação do artigo	Educação; Psicologia	Sociologia; Arqueologia
Conhecimento de língua inglesa, em geral	Educação; Sociologia	Arqueologia; Ciência Política
Conhecimento de Língua inglesa para fins acadêmicos	Educação; Sociologia	Arqueologia; Ciência Política

Fonte: Elaborado pela autora

Por escolaridade, a expertise não foi fator de influência, como ocorrido na língua estrangeira. Exceto nos tópicos *Conhecimento das expectativas do periódico* e *Escopo do periódico para publicação*, os quais doutorandos indicaram dificuldade razoável e os outros níveis nenhuma ou pouca, em todos os outros quesitos as respostas se equipararam, como pode ser notado no quadro-resumo abaixo:

Quadro 25 — Nível de dificuldade em língua portuguesa por nível de escolaridade (S6Q8)

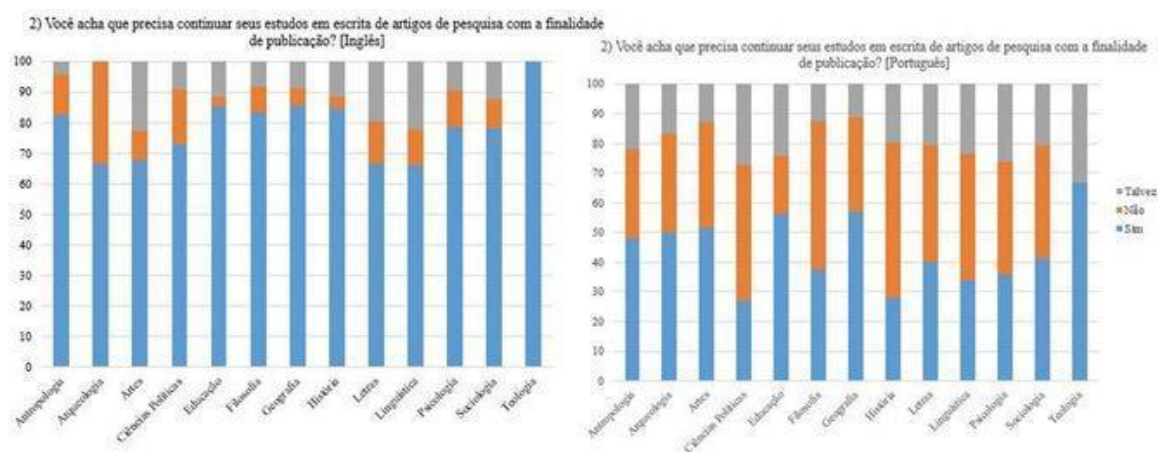
S6Q8	Doutorando	Doutor	Pós-doutorando	Pós-doutor	Livre-docente
Escrita do resumo	Pouca	Nenhuma	Nenhuma/Pouca	Nenhuma	Nenhuma/Pouca
Escrita da introdução	Pouca	Nenhuma	Nenhuma/Pouca	Nenhuma	Nenhuma
Escrita da revisão de literatura	Pouca	Pouca	Pouca	Nenhuma/Pouca	Nenhuma
Escrita dos materiais e métodos	Pouca	Nenhuma	Pouca	Pouca	Nenhuma
Escrita dos resultados	Pouca	Nenhuma	Pouca	Nenhuma	Nenhuma
Escrita da discussão	Pouca	Nenhuma	Pouca	Nenhuma	Nenhuma
Escrita das considerações finais	Pouca	Nenhuma	Nenhuma/Pouca	Nenhuma/Pouca	Nenhuma
Resposta e discussão com parecerista e editores	Pouca	Nenhuma/Pouca	Pouca	Pouca	Pouca
Pouco financiamento para publicação	Muita	Muita	Muita	Muita	Muita
Conhecimento das expectativas do periódico	Razoável	Pouca	Pouca	Pouca	Nenhuma
Escopo do periódico para publicação	Razoável	Pouca	Pouca	Pouca	Nenhuma
Formatação do artigo para atender normas de autores	Nenhuma/Razoável	Pouca	Pouca	Pouca	Nenhuma
Conhecimento de língua inglesa, em geral	Razoável	Pouca	Pouca	Nenhuma	Nenhuma
Conhecimento de língua inglesa para fins acadêmicos	Pouca/Razoável	Nenhuma	Nenhuma	Nenhuma	Nenhuma

Fonte: Elaborado pela autora

Outra pergunta relacionada às necessidades dos pesquisadores foi S7Q2 -Você acha que precisa continuar seus estudos em escrita de artigos de pesquisa com a finalidade de publicação? - a qual levantou as percepções dos pesquisadores acerca da necessidade de estudos específicos voltados para escrita de artigos, em ambos os idiomas. Observa-se pelos gráficos abaixo que a grande maioria dos pesquisadores respondeu afirmativamente para a

língua inglesa, independente da subárea. Em língua portuguesa, a maioria dos sujeitos indicou que não ou talvez necessite de cursos.

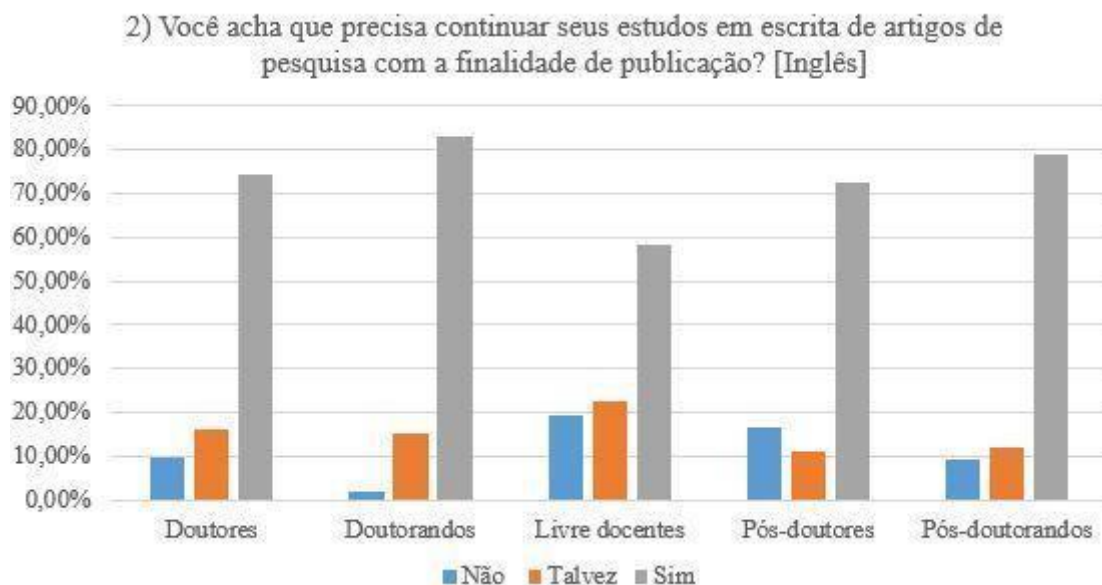
Gráfico 47 — Necessidade de estudos (S7Q2)



Fonte: Elaborado pela autora

A divisão das respostas pelo nível de escolaridade ilumina aspecto relacionado ao impacto da expertise nas práticas de publicação. Oitenta e três por cento dos doutorandos sinalizaram interesse em continuar estudos voltados para escrita acadêmica, contra 74,21% dos doutores, 78,88% dos pós-doutorandos, 72,4% dos pós-doutores e 58,07% dos livre-docentes. Em outras palavras, quanto maior a expertise do respondente, menor a percepção de sua necessidade em continuar estudos em escrita para fins de publicação, tanto na língua estrangeira, quanto na língua franca. Podemos triangular este dado com os de S7Q1, na qual a maior parte dos participantes indicarem o *feedback* de orientadores, colegas e pareceristas como essenciais para o desenvolvimento da escrita. Um perito da área, com seus anos de inserção nas interações acadêmicas, conseguiu moldar sua escrita pela prática, assim os cursos de escrita podem não ser interessantes por esse motivo.

Gráfico 48 — Necessidade de estudos por nível de escolaridade (Inglês)



Fonte: Elaborado pela autora

Em português, 63,45% dos doutorandos, 43% dos doutores, 42,52% dos pós-doutorandos, 28,56% dos pós-doutores e 9,75% dos livre-docentes expressaram necessidade de estudos de língua acadêmica em português.

Gráfico 49 — Necessidade de estudos por nível de escolaridade (Português)



Fonte: Elaborado pela autora

Nessa questão, o tempo parece ser fator crucial. Quanto maior o tempo de inserção do sujeito em seu escopo de pesquisa, menor sua necessidade de estudos. Esses estudos, que poderiam ser representados por cursos e aulas específicas, por exemplo, fariam mais sentido

para os novinhos como um atalho para adentrarem a cultura de sua disciplina tendo papel de *brokers* (LILLIS; CURRY, 2006).

S7Q3 - Cursos sobre como escrever artigos de pesquisa, em língua portuguesa e em língua inglesa, devem contemplar (selecione todas as alternativas que considerar apropriada) - levantou o tipo de conteúdo que os pesquisadores gostariam de estudar em cursos específicos, em ambas as línguas. Em todos os oito pontos levantados, os sujeitos expressaram maior necessidade na língua inglesa do que na língua materna. O quadro abaixo apresenta a ordem de importância sinalizada pelos respondentes:

Quadro 26 — Cursos devem contemplar em língua portuguesa e língua inglesa(S7Q3)

Ordem	Inglês	Português
1	Escrita acadêmica para publicações em geral	Escrita acadêmica para publicações em geral
2	Escrita acadêmica para publicações em áreas relacionadas a minha pesquisa	Escrita acadêmica para publicações em áreas relacionadas a minha pesquisa
3	Políticas editoriais	Problemas que autores brasileiros sofrem quando escrevem artigos de pesquisa
4	Escrita de cada seção do artigo de pesquisa (resumo, introdução, métodos, etc.)	Políticas editoriais
5	Normas de formatação para periódicos	Escrita de cada seção do artigo de pesquisa (resumo, introdução, métodos, etc.)
6	Escrita acadêmica para periódicos que pretendo publicar	Qualquer aspecto de escrita acadêmica
7	Problemas que autores brasileiros sofrem quando escrevem artigos de pesquisa	Normas de formatação para periódicos
8	Qualquer aspecto de escrita acadêmica	Escrita acadêmica para periódicos que pretendo publicar

Fonte: Elaborado pela autora

Nos dois idiomas prevaleceu o ensino de escrita acadêmica geral e disciplinar, indicando o fator língua como de preocupação dos pesquisadores, ainda que ele não tenha sido o mais citado como problemático em questões anteriores.

Por fim, a última questão da seção - S7Q4 Quais suas necessidades de aprendizagem com relação às etapas que envolvem a escrita de um artigo? - investigou 10 dimensões distintas, já elencadas em ordem decrescente de importância:

- (i) Expressar a relevância de minha contribuição
- (ii) Revisar a literatura apropriadamente
- (iii) Expressar claramente minha interpretação dos resultados
- (iv) Organizar ideias
- (v) Expressar minhas alegações com confiança e assertividade
- (vi) Progressão textual para os leitores entenderem minha argumentação

- (vii) Relacionar diferentes partes do artigo (ideias, parágrafos, seções)
- (viii) Escrever estilo acadêmico apropriado a minha disciplina. Ex: (im)personalidade
- (ix) Expressar minhas ideias com a gramática adequada
- (x) Aprender terminologia específica de minha área e da academia

Por subárea, Ciência Política e Psicologia foram as que indicaram bastante/muita dificuldade com maior frequência - 11,8% e 11,27%, respectivamente. Mas, ainda sim, com porcentagens baixas. Arqueologia (0%), Filosofia (5,4%), Linguística (7,1) e Letras (7,3%) demonstraram menor recorrência de problemas entre os tópicos levantados.

O quadro abaixo sintetiza, dentre as subáreas, quais os tópicos apontados como problemáticos:

Quadro 27 — Necessidades de aprendizagem por subárea (S7Q4)

	Muita/bastante necessidade	Pouca/Nenhuma necessidade
Antropologia	Expressar claramente minha interpretação dos resultados	Aprender terminologia específica de minha área e da academia
Arqueologia	-	Todas as opções
Artes	Expressar minhas alegações com confiança e assertividade	Expressar a relevância de minha contribuição
Ciência Política	Expressar a relevância de minha contribuição	Aprender terminologia específica de minha área e da academia
Educação	Expressar minhas alegações com confiança e assertividade	Expressar claramente minha interpretação dos resultados
Filosofia	Expressar a relevância de minha contribuição	Expressar minhas ideias com a gramática adequada/ Relacionar diferentes partes do artigo/ Progressão textual/ Organizar ideias/ Expressar claramente minha interpretação dos resultados
Geografia	Progressão textual para os leitores entenderem minha argumentação	Expressar claramente minha interpretação dos resultados
História	Revisar a literatura apropriadamente	Expressar a relevância de minha contribuição / Relacionar diferentes partes do artigo
Letras	Expressar a relevância de minha contribuição	Expressar claramente minha interpretação dos resultados
Linguística	Expressar claramente minha interpretação dos resultados	Expressar minhas ideias com a gramática adequada
Psicologia	Expressar claramente minha interpretação dos resultados/ Expressar minhas alegações com confiança e assertividade	Escrever estilo acadêmico apropriado a minha disciplina. Ex: (im)personalidade
Sociologia	Expressar minhas alegações com confiança e assertividade	Expressar claramente minha interpretação dos resultados
Teologia	33,3 em todas as outras	Aprender terminologia específica de minha área e da academia

Fonte: Elaborado pela autora

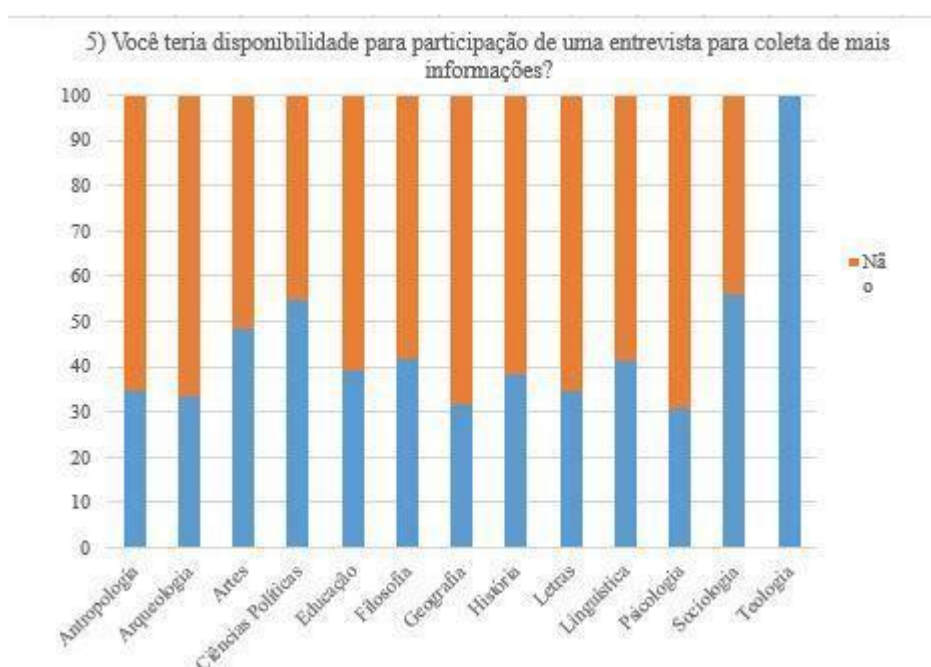
Em linhas gerais, a subárea que mais se destaca por constantemente sinalizar necessidade de aperfeiçoamento em escrita e publicação e dificuldade, de mais diversas naturezas, é Psicologia, motivo pelo qual será o foco de aprofundamento da Fase-II deste projeto de pesquisa.

3.6 Perguntas extras

Em relação às perguntas extras, E-mail e Aceite de participação em pesquisa foram respondidas por 100% dos respondentes já que se tratava de perguntas obrigatórias e, se o participante não as respondesse ou, no caso da pergunta de aceite, respondesse não, ele não conseguiria avançar.

Quarenta por cento dos participantes se disponibilizaram a participar da Fase-II da pesquisa. Desse montante, em relação às subáreas, a média de aceite de participação na Fase-II foi entre 30% e 40% dos participantes, exceto a área de Teologia, a qual 100% deles disponibilizaram seu tempo para Fase-II, Artes (48,4%), Ciência Política (54,5%) e Sociologia (55,8%).

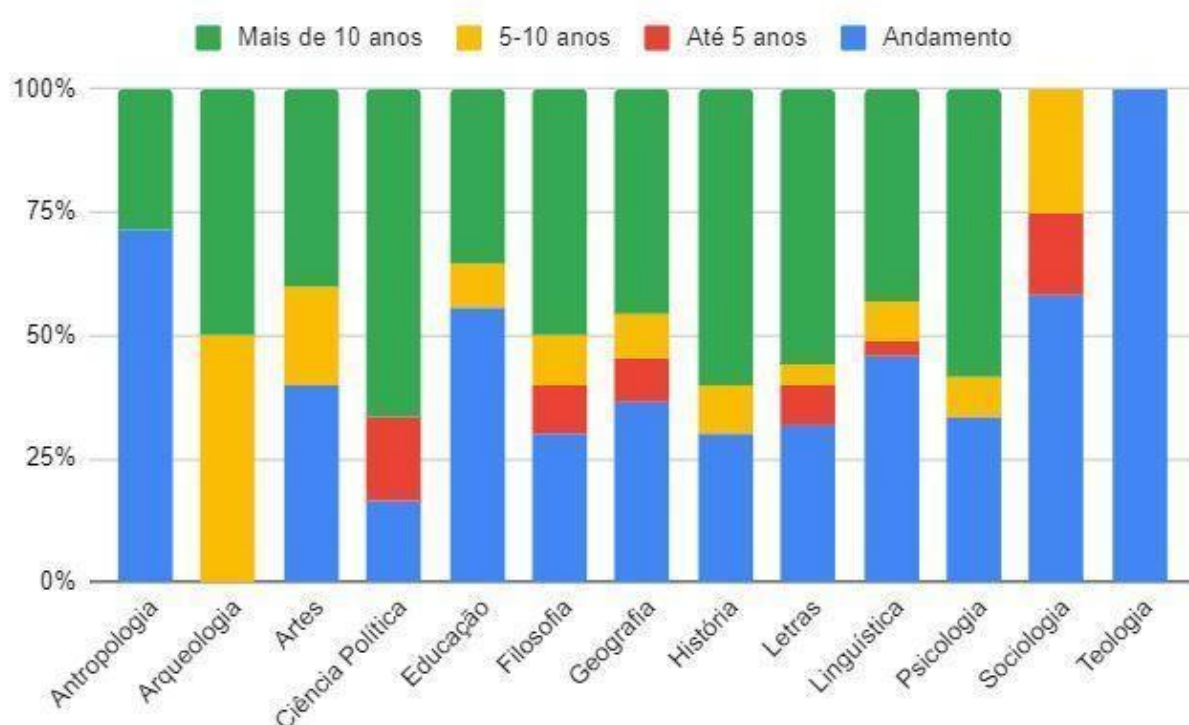
Gráfico 50 — Aceite em participar da Fase-II (S7Q5)



Fonte: Elaborado pela autora

Ao triangular as respostas com o tempo de experiência, notamos que os sujeitos que mostraram maior engajamento com a segunda fase da pesquisa foram aqueles que obtiveram título de doutor a, no máximo, cinco anos (47%). Em seguida, pesquisadores com doutorado ainda em andamento (42,5%), os doutores entre cinco e dez anos (40%) e, em último lugar, os doutores há mais de 10 anos (34%).

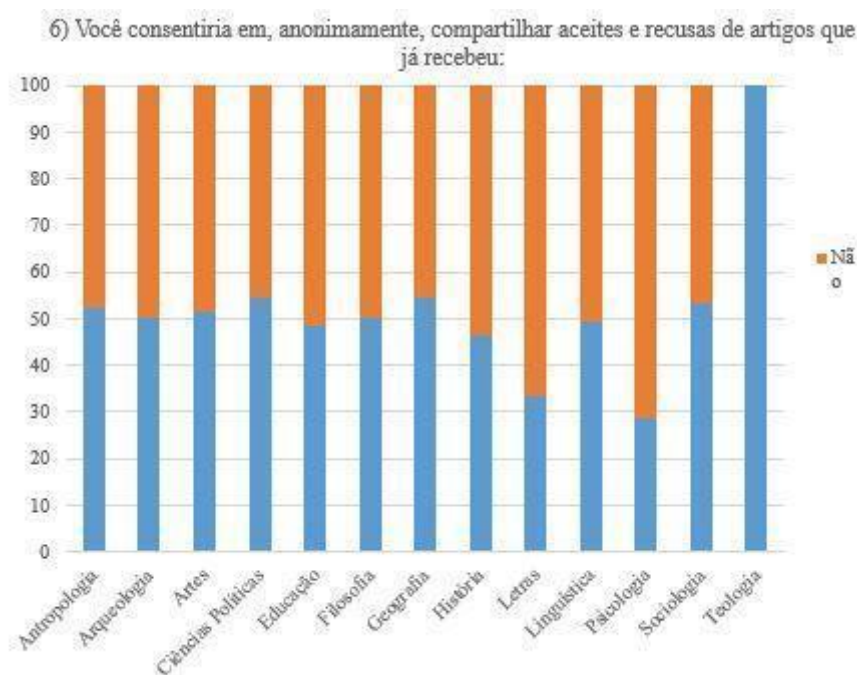
Gráfico 51 — Aceite em participar da Fase-II, por expertise (S7Q5)



Fonte: Elaborado pela autora

Quase metade dos sujeitos - 46,2% - aceitaram compartilhar pareceres de pesquisa, número ligeiramente maior do que os sujeitos dispostos a participar da entrevista. Destaca-se, novamente, a subárea de Teologia com 100% dos participantes oferecendo colaboração. Letras e Psicologia representaram as subáreas com menos participantes dispostos a partilhar pareceres - 33,3% e 28,5%, respectivamente. As demais subáreas apresentaram posicionamentos semelhantes, em média metade dos respondentes respondeu SIM à pergunta.

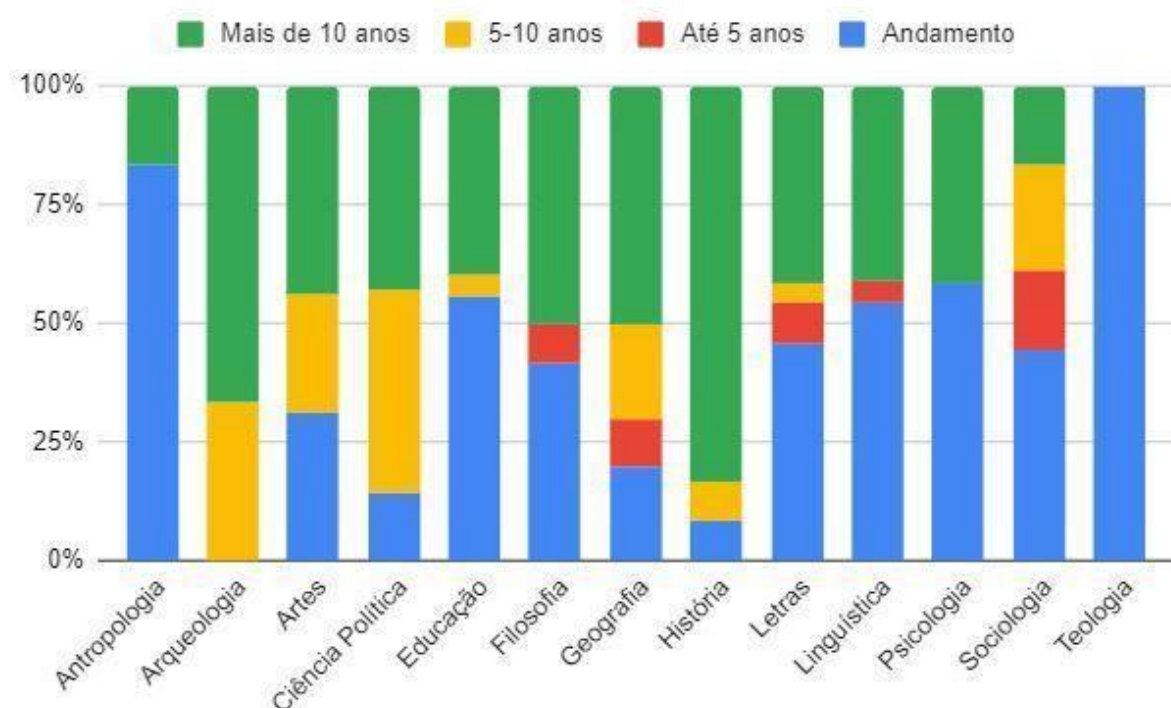
Gráfico 52 — Aceite em compartilhar pareceres (S7Q6)



Fonte: Elaborado pela autora

O engajamento dos sujeitos pelo tempo de experiência se manteve. Em primeiro lugar, quase todos os participantes em início de carreira (máximo 5 anos) responderam sim (76,5%). Após eles, os sujeitos com doutorado em andamento (53,2%), os com o título entre 5-10 anos (44,5%) e, por fim, os com mais de 10 anos (40,4%)

Gráfico 53 — Aceite em compartilhar pareceres, por expertise (S7Q6)



Fonte: Elaborado pela autora

Esses resultados fazem sentido ao considerar que os pesquisadores que ainda não terminaram o doutorado ou que estão em fase inicial de carreira, provavelmente, ainda não conseguiram se estabilizar dentro das práticas de publicação, aumentando a chance de se interessarem por pesquisas que possam auxiliá-los nessa finalidade.

Parte dos participantes que se disponibilizaram em S6Q5e S6Q6 serão convidados a participarem da Fase-II, conforme descrito no capítulo a seguir.

4 FASE-II: ANÁLISE CONTEXTUAL DA SUBÁREA DE PSICOLOGIA

A Fase-II desta investigação calca-se nos fundamentos da pesquisa qualitativa. Como seria um trabalho inviável, considerando a duração do tempo previsto de uma pesquisa de doutorado em, no máximo, cinco anos, conduzir a coleta e a investigação de dados de todas as áreas e subáreas participantes da Fase-I, elaboraram-se os seguintes critérios para escolha de qual subárea seria delimitada para investigação na Fase-II:

- Escolha de subárea na qual os pesquisadores, no Questionário Inicial, apontaram a centralidade do artigo de pesquisa e da língua inglesa para suas práticas acadêmicas;
- Escolha da subárea na qual os respondentes se mostraram interessados em cursos para escrita acadêmica em língua inglesa;
- Escolha da subárea na qual foi possível notar necessidades de escrita acadêmica em língua inglesa para as práticas de sua comunidade e dificuldades vivenciadas pelos pesquisadores nessa dinâmica.

A subárea de Psicologia foi a que se enquadrou nos critérios previamente estabelecidos, sendo, portanto, a escolhida para a Fase-II. Com a finalidade de compreender com mais profundidade as características dessa subárea no Brasil, bem como o posicionamento dos pesquisadores frente às dinâmicas de publicação e pesquisa, notadamente em língua inglesa, foram desenvolvidas (i) pesquisa documental e bibliográfica dos dados de Psicologia, fornecidos pelos Dados Abertos⁶⁰ e pelas plataformas Sucupira⁶¹ e Geocapes⁶², todos responsabilidade da agência Capes; por coleta de dados de rankings internacionais, como o Scimago Country; e artigos da área (YAMAMOTO, 2006; LISBOA; BARBOSA, 2009; MOTA; CARA; MIRANDA 2018) e (ii) questionário de perguntas abertas com participantes da Fase-I.

4.1 A subárea de Psicologia no Brasil

A subárea de Psicologia, integrante da Grande Área de Ciências Humanas do Colégio de Humanidades, corresponde ao código de área 37, nos documentos da Capes, e é coordenada por Gerson Aparecido Yukio Tomanari, vinculado à Universidade de São Paulo (USP), pela coordenadora adjunta de programas acadêmicos, Acácia Aparecida Angeli dos

⁶⁰ Disponível em: <<https://dadosabertos.capes.gov.br/dataset>>. Acesso em: 24 ago. 2020.

⁶¹ Disponível em: <<http://sucupirapaineis.capes.gov.br/>>. Acesso em: 24 ago. 2020.

⁶² Disponível em: <<https://geocapes.capes.gov.br/geocapes/>>. Acesso em: 24 ago. 2020.

Santos, da USF, e pela coordenadora de programas profissionais, Luciana Mourão Cerqueira e Silva.

Lisboa e Barbosa (2009) afirmam que, historicamente, a inserção efetiva da Psicologia no ensino superior data da década de 1930, mas ainda como uma disciplina dos cursos de Filosofia, Ciências Sociais, Pedagogia e Licenciaturas, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP. Apenas vinte e três anos depois, em 1953, iniciou-se o primeiro curso superior autônomo de Psicologia, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/RJ) e a aprovação da criação do curso de Psicologia, da USP, o qual iniciou seu funcionamento em 1958. (ROSAS et al., 1988)

Legalmente, Mota, Cara e Miranda (2018) marcam o ano de 1962 como decisivo, já que em 27 de agosto foi aprovada a Lei nº 4.119, a qual regulamenta a formação e o exercício profissional do psicólogo até os dias atuais. Também em 1962, o Conselho Federal de Educação (CFE) cria o parecer nº 403/62, o qual fixa o currículo mínimo e a duração dos cursos de Psicologia. Em 1966, é criado, na PUC/RJ, o primeiro curso de mestrado em Psicologia no Brasil (YAMAMOTO, 2006).

A década de 1970 é especialmente frutífera, com a abertura de mais cursos de Psicologia pelo país, com o aumento do número de profissionais formados (PEREIRA; PEREIRA NETO, 2003) e também pelo início dos cursos de doutorado na Universidade de São Paulo (USP), PUC-Rio e na Universidade de Brasília (UnB) (CAPES, 2019).

A pesquisa documental e dados fornecidos pela Capes, em relação ao quadriênio 2017-2019, apresenta a situação da pesquisa e da pós-graduação em Psicologia há aproximadamente 50 anos após a abertura do primeiro curso de mestrado no país. Três pontos principais se destacam nos documentos: a interdisciplinaridade de Psicologia (1.1.1), a expansão da pós-graduação (1.1.2) e a produção científica e internacionalização (1.1.3).

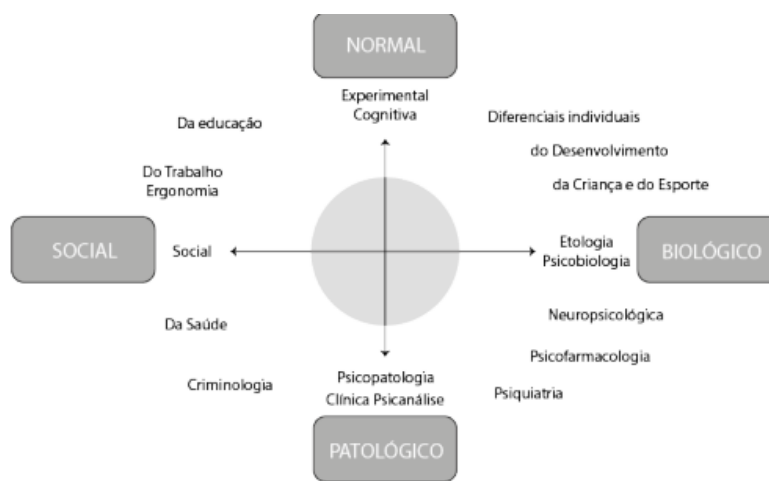
4.1.1 A interdisciplinaridade de Psicologia

A palavra Psicologia vem do grego *psico* (alma) e *logía* (estudo), ou seja, o *estudo da alma*. Joye e Joye (2013, p.9) esclarecem que

Para Elizabeth Demont (2009) a Psicologia é a ciência que estuda os fatos psíquicos, o conhecimento empírico ou intuitivo dos sentimentos, das ideias e dos comportamentos, o conjunto de maneiras de pensar, de sentir, de agir que caracterizam uma pessoa, um animal, um grupo, uma personagem. Como ciência, comporta-se tanto com o aspecto experimental, quanto científico, cujos métodos predominantes são a experimentação e a observação.

Joye e Joye (2013, p.10) também afirmam que não existe uma psicologia, e sim psicologias, utilizando o esquema de Demont (2009, p.8) para exemplificar:

Figura 17 — Panorama das grandes áreas da Psicologia



Fonte: Demont (2009, p.8) *apud* Joye; Joye (2013, p.10)

A figura acima divide a Psicologia em quatro grandes eixos: o vertical Normal – Patológico, ou seja a gradação dos estudos entre o que seria esperado ou doentio no desenvolvimento da pessoa; e o horizontal Social-Biológico, considerando quais os aspectos mais capitais para determinado recorte de pesquisa: se as característica do contexto ou o sistema biológico.

Os eixos, por sua vez, subdividem-se. A Criminologia, por exemplo, do ponto de vista psicológico, localiza-se no quadrante inferior esquerdo, já que investiga indivíduos que destoam do comportamento esperado, sendo visto como uma patologia, ao mesmo tempo em que é extremamente influenciada pelas características sociais do contexto. Já a Psicologia do Esporte, “[...]investigação, a consultoria clínica, a educação e atividades práticas programadas associadas à compreensão, à explicação e à influência de comportamentos de indivíduos e de grupos que estejam envolvidos em esporte de alta competição [...]” (VIEIRA et al. 2010, p.392), pertence ao quadrante superior direito, porque examina o desenvolvimento normal do indivíduo, com grande impacto de sua fisiologia biológica. Para dar conta da variedade dos eixos e suas subdivisões são necessários diferentes campos disciplinares para o entendimento dos fenômenos psicológicos.

O Documento da Área⁶³, texto disponibilizado em 03.07.2019, o qual mapeia informações a respeito das características da subárea, da pós-graduação e da publicação defende que “a área de Psicologia caracteriza-se por sua natureza interdisciplinar, situando-se na fronteira de inúmeras outras áreas de conhecimento e de atuação profissional.”(p.11)

Essa natureza interdisciplinar do campo fica evidente em alguns exemplos: no domínio da saúde, a Psicologia mantém forte interface com a Medicina, a Psiquiatria, a Saúde Coletiva, a Farmacologia, áreas com as quais compartilha conceitos e formas de lidar com os fenômenos; no mundo do trabalho, relaciona-se com a Administração, a Educação, a Engenharia, o Direito. (CAPES, p. 12, 2019)

A Capes (2017) define a interdisciplinaridade como:

uma forma de produção do conhecimento que implica trocas teóricas e metodológicas, geração de novos conceitos e metodologias e graus crescentes de intersubjetividade, visando a atender a natureza múltipla de fenômenos complexos. Entende-se por Interdisciplinaridade a convergência de duas ou mais áreas do conhecimento, não pertencentes à mesma classe, que contribua para o avanço das fronteiras da ciência e tecnologia, transfira métodos de uma área para outra, gerando novos conhecimentos ou disciplinas e faça surgir um novo profissional com um perfil distinto dos existentes, com formação básica sólida e integradora. (CAPES, 2017, p.1)

Como consequência, não existe uma identidade única e compartilhada igualmente entre todos os pesquisadores, criando-se “microcosmos dentro da Área” (p.12):

As interfaces com diferentes campos têm forte impacto na forma como a Psicologia se estrutura. Assim, as subáreas da Psicologia desenvolvem linguagem própria, diferenciam-se em termos metodológicos, ou desenvolvem estratégias singulares de como intervir nos problemas sob a sua competência. Com isto, criam-se domínios em que a Psicologia se aproxima fortemente de outras disciplinas. (DOCUMENTO DA ÁREA DE PSICOLOGIA, p.12, 2019)

A tabela das áreas de conhecimento subdivide a subárea em quarenta e seis especialidades, agrupadas em dez principais (grifadas em verde). É relevante mencionar que, dentre as subáreas investigadas de Ciências Humanas, Letras, Linguística e Artes, a Psicologia é a que apresenta maior número de especialidades:

⁶³ Há uma diferença terminológica adotada entre o Documento da Área e a estratificação do conhecimento da Capes. No primeiro, referem-se à Psicologia como uma área, dividida em subáreas. No segundo, Psicologia é uma subárea, dividida em especialidades.

Figura 18 — Especialidades da área de Psicologia

7.07.00.00-1 Psicologia
7.07.01.00-8 Fundamentos e Medidas da Psicologia
7.07.01.01-6 História, Teorias e Sistemas em Psicologia
7.07.01.02-4 Metodologia, Instrumentação e Equipamento em Psicologia
7.07.01.03-2 Construção e Validade de Testes, Escalas e Outras Medidas Psicológicas
7.07.01.04-0 Técnicas de Processamento Estatístico, Matemático e Computacional em Psicologia
7.07.02.00-4 Psicologia Experimental
7.07.02.01-2 Processos Perceptuais e Motores
7.07.02.02-0 Processos de Aprendizagem, Memória e Motivação
7.07.02.03-9 Processos Cognitivos e Atencionais
7.07.02.04-7 Estados Subjetivos e Emoção
7.07.03.00-0 Psicologia Fisiológica
7.07.03.01-9 Neurologia, Eletrofisiologia e Comportamento
7.07.03.02-7 Processos Psico-Fisiológicos
7.07.03.03-5 Estimulação Elétrica e com Drogas; Comportamento
7.07.03.04-3 Psicobiologia
7.07.04.00-7 Psicologia Comparativa
7.07.04.01-5 Estudos Naturalísticos do Comportamento Animal
7.07.04.02-3 Mecanismos Instintivos e Processos Sociais em Animais
7.07.05.00-3 Psicologia Social
7.07.05.01-1 Relações Interpessoais
7.07.05.02-0 Processos Grupais e de Comunicação
7.07.05.03-8 Papéis e Estruturas Sociais; Indivíduo
7.07.06.00-0 Psicologia Cognitiva
7.07.07.00-6 Psicologia do Desenvolvimento Humano
7.07.07.01-4 Processos Perceptuais e Cognitivos; Desenvolvimento
7.07.07.02-2 Desenvolvimento Social e da Personalidade
7.07.08.00-2 Psicologia do Ensino e da Aprendizagem
7.07.08.01-0 Planejamento Institucional
7.07.08.02-9 Programação de Condições de Ensino
7.07.08.03-7 Treinamento de Pessoal
7.07.08.04-5 Aprendizagem e Desempenho Acadêmicos
7.07.08.05-3 Ensino e Aprendizagem na Sala de Aula
7.07.09.00-9 Psicologia do Trabalho e Organizacional
7.07.09.01-7 Análise Institucional
7.07.09.02-5 Recrutamento e Seleção de Pessoal
7.07.09.03-3 Treinamento e Avaliação
7.07.09.04-1 Fatores Humanos no Trabalho
7.07.09.05-0 Planejamento Ambiental e Comportamento Humano
7.07.10.00-7 Tratamento e Prevenção Psicológica
7.07.10.01-5 Intervenção Terapêutica
7.07.10.02-3 Programas de Atendimento Comunitário
7.07.10.03-1 Treinamento e Reabilitação
7.07.10.04-0 Desvios da Conduta
7.07.10.05-8 Distúrbios da Linguagem
7.07.10.06-6 Distúrbios Psicossomáticos

Fonte: Capes (2017)

Existem vários outros indicadores que ilustram a interdisciplinaridade dos objetos de estudo de Psicologia, na prática. Um deles é o fato de que 70% do total dos periódicos em que há publicações dos PPG em Psicologia são de outras áreas. Outra questão é a diversidade do corpo docente e de linhas de pesquisa dos PPG.

Atualmente, existem programas em Psicologia que se inserem nas Ciências Biológicas (Análise do Comportamento, Neurociências, Psicobiologia, Psicofarmacologia, Psicofisiologia, Psicologia Evolucionista), Ciências da Saúde (Saúde Mental, Saúde do Trabalhador, Psicologia Hospitalar, Gerontologia); Ciências Humanas e Sociais (Antropologia, Sociologia, História, em temáticas como violência ou em campos como o da Psicologia Cultural ou da Psicologia Comunitária), Ciências Sociais Aplicadas (na área das

organizações, trabalho, economia, educação, comunicação, trânsito, interação com o universo da informática, economia, direito) e, em menor proporção, nas Ciências Exatas (Engenharias, Matemática, com Modelos quantitativos de comportamento). Há seis programas que apresentam propostas interdisciplinares, envolvendo pesquisadores de Psicologia e de áreas afins (três programas em Neurociências, dois em Psicobiologia, um em Psicologia de Comunidades e um em Ecologia Social).

A imagem abaixo, retirada do Documento da Área, ilustra a variedade das linhas de pesquisa relacionada à Psicologia:

Gráfico 54 — Linhas de pesquisa de Psicologia, quadriênio 2017



Fonte: Capes (2017, p.9)

Considerando apenas o dado quantitativo do número de linhas de pesquisa por temas, a pesquisa brasileira se concentra mais em Psicologia Social, Psicologia e Saúde e Psicologia do Desenvolvimento. No que concerne aos docentes, 15% daqueles que atuam em PPGs têm doutorado em outras áreas, com predomínio das Ciências da Saúde (50%), Ciências Biológicas (23%) e Ciências Sociais Aplicadas (10%). Há também quase mil docentes com formação em Psicologia que atuam como permanentes em programas de outras áreas, com predomínio das Áreas Interdisciplinar (30%), Ciências Humanas (29%), Ciências da Saúde (21%) e Ciências Sociais Aplicadas (11%).

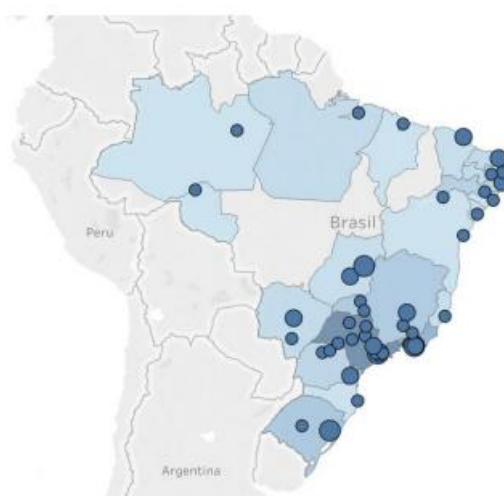
Todos os indicativos citados não deixam dúvidas a respeito da forte intersecção de Psicologia com outros domínios do conhecimento e da rica influência das fronteiras e vizinhanças disciplinares na forma de fazer pesquisa.

4.1.2 A expansão da pós-graduação

Além da diversidade teórico-metodológica, outro ponto que fica explícito na pesquisa documental feita é a franca expansão da subárea no país. Inicialmente concentrada nas regiões Sul e Sudeste, recentemente a pós-graduação em Psicologia vem sofrendo um movimento de expansão para as regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste. Entretanto, ainda existem quatro estados - Acre, Amapá, Roraima e Tocantins - não contemplados com estudos de pós-graduação *stricto-sensu*⁶⁴, questão pontuada como um dos desafios a serem superados futuramente, sendo, inclusive, o aspecto regional relevante como critério para a abertura de cursos novos, na tentativa de redução dessa assimetria regional.

O mapa abaixo, retirado do Documento da Área, ilustra a distribuição geográfica da pós-graduação em Psicologia no país:

Mapa 9 — Distribuição geográfica dos PPGs de Psicologia, quadriênio 2017



Fonte: Capes (2017, p.7)

A distribuição geográfica desses programas pelo território brasileiro aponta para a maior concentração de programas na região Sudeste do país (35), seguida pelo Nordeste (15), Sul e Centro-Oeste (12, cada) e, por fim, Norte (5). Em geral, considerando tanto as linhas de pesquisas acadêmicas quanto profissionais, a área conta com 102 programas e 164 cursos de

⁶⁴ De acordo com o Ministério da Educação (MEC), a pós-graduação *stricto-sensu*, do latim sentido estrito, compreende os cursos de mestrado e doutorado, sejam eles profissionais ou acadêmicos. Já a pós-graduação *lato-sensu*, do latim sentido amplo, são os cursos de especialização.

pós-graduação. Selecionando apenas as linhas acadêmicas, enfoque dessa pesquisa, o Brasil conta com 87 programas, 25 que fornecem apenas Mestrado Acadêmico e 62, Mestrado e Doutorado Acadêmico. Em relação aos cursos, são 149 ao total, 87 de Mestrado Acadêmico e 62 de Doutorado Acadêmico. A imagem abaixo, extraída da Plataforma Sucupira, da Capes, resume os dados:⁶⁵

Figura 19 — Quantidade de PPGs de Psicologia

Nome	Área de Avaliação	Total de Programas de pós-graduação							Totais de Cursos de pós-graduação				
		Total	ME	DO	MP	DP	ME/DO	MP/DP	Total	ME	DO	MP	DP
PSICOLOGIA	PSICOLOGIA	102	25	0	15	0	62	0	164	87	62	15	0
Totais		102	25	0	15	0	62	0	164	87	62	15	0

ME: Mestrado Acadêmico

DO: Doutorado Acadêmico

MP: Mestrado Profissional

DP: Doutorado Profissional

ME/DO: Mestrado Acadêmico e Doutorado Acadêmico

MP/DP: Mestrado Profissional e Doutorado Profissional

Fonte: Capes (2017)

O crescente investimento da pesquisa na subárea fica evidente quando se compara a quantidade de PPG em 2016 e em 2019. No curto espaço de três anos, a oferta de cursos praticamente dobrou, saltando de 84 para 164:

Tabela 13 — Crescimento dos PPGs de Psicologia entre os anos 2016 e 2019

Cursos e modalidade	2016	2019
Mestrado	25	86
Mestrado Profissional	5	14
Doutorado	54	64
Total	84	164

Fonte: Capes (2017, p.6)

Outra questão apontada pelos documentos é o aumento dos cursos de Mestrado Profissional, revelando a preocupação da área com as demandas do mundo do trabalho. O primeiro curso foi aberto em 2013 e, em menos de uma década, expandiram-se para sete cursos em funcionamento e outros sete com autorização de funcionamento, concentrados nas regiões Nordeste, Sul e Sudeste; nenhum curso nas regiões Norte e Centro-Oeste.

É válido pontuar que essa expansão dos cursos profissionais tem ampliado a atuação das Instituições de Ensino Superior privadas nesse cenário, claramente dominado pelas IES

65

Disponível

em:

<<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/programa/quantitativos/quantitativoAreaConhecimento.xhtml?areaAvaliacao=37>>. Acesso em: 02 dez. 2022.

públicas. Os dados abertos da Capes, ano de referência 2019, contemplam 159 cursos de pós-graduação em Psicologia. Desse número, 112 são ofertados por instituições públicas (70,4%) - 31 por instituições públicas estaduais e 81, por federais - e 47 por instituições particulares (29,55%).

Não só houve a expansão geográfica citada acima, mas também a melhoria dos indicadores de avaliação dos programas e cursos. Em relação ao quadriênio anterior (2013-2016), dos 84 Programas que passaram pela Avaliação Quadrienal 2017, 22 programas melhoraram a nota, sendo que quatro novos programas atingiram a nota 6 ou 7 e apenas dois programas diminuíram de nota. A tabela abaixo ilustra o comparativo de notas:

Tabela 14 — Notas PPGs, quadriênio 2017

		Nota atual					Total
		3	4	5	6	7	
Nota anterior a 2017	3	20	11				31
	4		22	7			29
	5		1	14	3		18
	6				2	1	3
	7				1	2	3
Total		20	34	21	6	3	84

Fonte: Capes (2017, p.10)

De acordo com os dados da tabela, então, tem-se 20 programas nota 3; 34 nota 4; 21 nota 5; 6 nota 6 e 3 nota 7. Unindo os dois indicadores discutidos – localização geográfica e conceito Capes dos programas – vê-se que as regiões Sul e Sudeste não concentram apenas a maior quantidade de cursos, mas também abrigam os PPG com melhores avaliações:

Tabela 15 — Conceitos PPGs por região geográfica

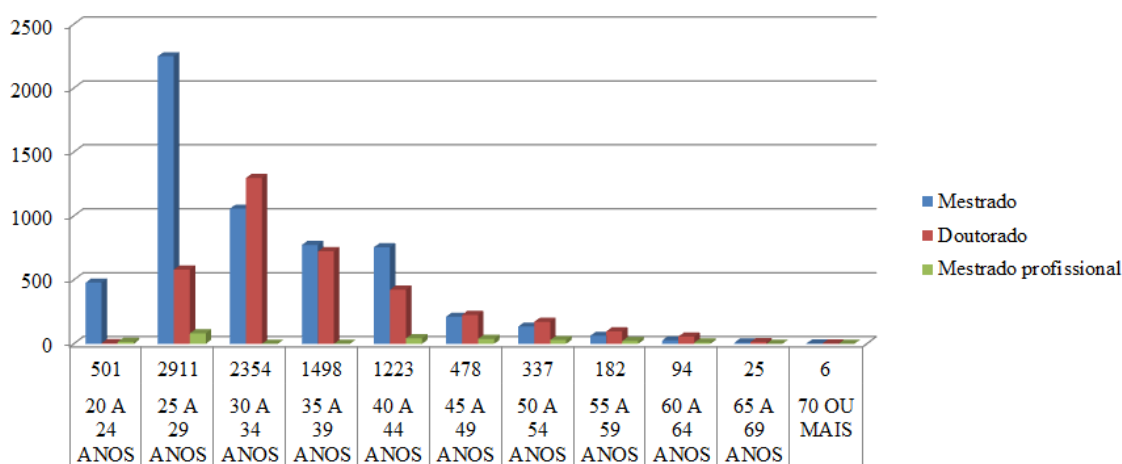
Região	Conceito					Total
	3	4	5	6	7	
Norte	3	1	1	-	-	5
Nordeste	4	7	2	2	-	15
Centro-Oeste	3	4	4	1	-	12
Sul	3	14	3	1	1	22
Sudeste	3	17	11	2	2	35

Fonte: Elaborado pela autora

Em relação aos docentes e discentes envolvidos com ensino e pesquisa na subárea, os Dados Abertos sistematizam 1806 docentes colaboradores e efetivos, alocados em instituições públicas e privadas, uma média de 18,5 docentes por PPG; e 9186 discentes, 3361 em nível de doutoramento, 5390 em Mestrado, e 434 em Mestrado Profissional.

A proporção entre os discentes e as faixas etárias mostra que a maior parte dos pesquisadores está entre 25 e 29 anos, desenvolvendo pesquisa em nível de mestrado. A segunda faixa etária com mais alunos é de 30 a 34 anos, mas prioritariamente de doutores em desenvolvimento.

Gráfico 55 – Idade dos discentes PPGs por nível



Fonte: Elaborado pela autora

Qualitativamente, uma das formas de avaliação do corpo docente é pelo Índice H (Google Scholar). Ainda que seja uma forma de avaliação, destaco os limites do indicador, conforme discutido anteriormente neste trabalho. A média brasileira do Índice H dos docentes de pós-graduação de Psicologia é 9,26, variando de um máximo de 25,8 a 2,4. Também é levada em conta a quantidade de docentes que realizaram estágios pós-doutoral e/ou que ocupam cargos de titulares ou livres docentes em suas instituições. A partir desses critérios, a avaliação da área considera uma maturidade nos profissionais formadores.

A boa avaliação dos docentes é fomentada pelo alto número de orientandos por docente (6,3, em média), faixa considerada muito boa para a área, e pela alta porcentagem de professores que lecionam na pós-graduação e na graduação (77,3%).

4.1.3 A produção científica e a internacionalização

Terceiro ponto de interesse citado no Documento da Área e nos relatórios avaliativos é a produção intelectual, a qual se afirma explicitamente que “(se) adota a política de privilegiar a qualidade em relação à quantidade” (p.3). Essa política seria fomentada por meio da Tabela de Melhor Produção (TMP), a qual considera para a avaliação os quatro “melhores” artigos publicados em um quadriênio, média de um artigo por ano, por docente do PPG. Entretanto, o Documento da Área faz a ressalva de haver um aumento progressivo de itens bibliográficos de menor qualidade, configurando o combate às práticas predatórias e não-éticas de publicação como um dos desafios futuros para a pós-graduação.

Um ponto relevante que dialoga com os dados colhidos na Fase-I deste projeto é o tipo de produção valorizado. O Documento da Área afirma que “na Área de Psicologia, periódicos científicos e livros são os principais veículos de divulgação científica” (p.9). Todavia, tem-se alterado a proporção na produção de livros e artigos, reafirmando a tendência à comodificação observada nos dados colhidos via questionário. A tabela abaixo mostra que entre 1998-2000, havia um equilíbrio entre a publicação de livros e artigos, cenário diferente em 2017, na qual os manuscritos passaram a ser aproximadamente 65% da produção:

Tabela 16 — Proporção de publicações artigos e livros

Tabela 2. Proporção de publicações na forma de artigos e livros/capítulos na Área de Psicologia ao longo dos anos.

	1998- 2000	2001- 2003	2004- 2006	2007- 2009	2010- 2012	2013- 2016
Artigos	49,6	46,6	55,2	58,9	61,4	65,2
Livros e Capítulos	50,4	53,4	44,8	41,1	38,6	34,8

Fonte: Capes (2017, p.11)

A porcentagem de 65% representa uma quantidade de 13.331 artigos, 5.958 a mais do que no quadriênio anterior (2013). O documento salienta que o aumento em quantidade foi seguido também pelo aumento em qualidade, uma vez que também o número de itens em revistas Qualis A1, A2 e B1 e livros em Qualis L4 e L3⁶⁶ foi também maior. Em média, 20% desses artigos foram publicados em periódicos estrangeiros. Nos programas com conceituação mais alta da Capes, a porcentagem chega a 70% ou mais, o que nos leva à internacionalização da subárea.

⁶⁶ Os livros também são classificados por Qualis L4, L3, L2 e L1, sendo L4 o de maior impacto e L1, de menor.

A internacionalização é um dos pontos positivos da subárea, os documentos afirmam já haver uma conscientização dos pesquisadores acerca da importância da internacionalização. Elas são observadas em três aspectos: (a) produção científica; (b) interações acadêmico-científicas; e (c) institucionalização da internacionalização. A *produção científica*, nosso enfoque, considera o percentual da produção publicada em periódicos estrangeiros qualificados nos quatro estratos superiores do Qualis; percentual de livros ou capítulos de livros, publicados; grau de colaboração internacional da produção bibliográfica; e grau de impacto internacional da produção (citações em textos publicados no exterior).

O Documento da Área sinaliza a existência de “diferentes níveis de internacionalização entre as subáreas” (p.11), justificada pela pluralidade teórica e metodológica das diferentes linhas de pesquisa. Psicologia Experimental, Processos Básicos, Psicobiologia, Neurociências e Comportamento são as linhas nas quais as práticas de internacionalização são mais consistentes, enquanto nas áreas mais aplicadas ou voltadas para problemas psicossociais da realidade local ou regional, a internacionalização tende a ser menos expressiva.

Há ênfase para a continuidade da publicação nacional, visto que há vários periódicos nacionais com alto nível de tradição e qualidade, mas também o fomento à publicação internacional, de maneira que as práticas de todas as subáreas e especialidade sejam consideradas e respeitadas.

A internacionalização das *interações acadêmico-científicas* contempla a participação de docentes e discentes em atividades como estágio sanduíche, cursos, (co)orientação, bancas, comissões editoriais, entre outros. Por fim, a *institucionalização da internacionalização*, importante indicador da maturidade do Programa, diz respeito à existência, amplitude, relevância de convênios internacionais existentes; captação de recursos de agências de fomento científico de âmbito internacional; projetos de pesquisa em desenvolvimento com centros ou núcleos de pesquisa no exterior, para citar alguns.

A colaboração internacional, analisada pelos documentos via SciVal, plataforma de análise de desempenho de artigos indexados na base Scopus (2017), mostra que cerca de 40% dos artigos brasileiros de Psicologia na base foram escritos em colaboração internacional. A média de colaboração internacional dos programas 6 e 7 foi de 25% (variando entre 12% e 38%). Mapeou-se que os artigos em colaboração internacional receberam mais citações quando comparados com aqueles escritos em colaboração nacional e autoria única – 6,5; 3,3 e 1,9 citações, respectivamente.

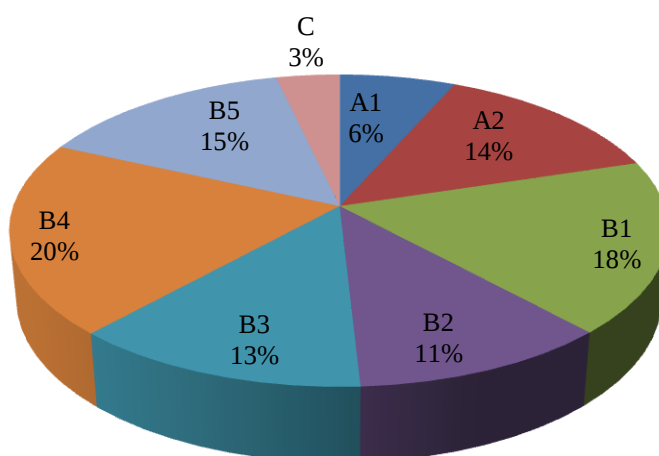
No contexto de busca acima, os países que mais estabelecem parceria com o Brasil são Estados Unidos, Reino Unido, Espanha, Portugal, Canadá, França, Austrália, Itália, Alemanha

e Bélgica. As análises da área salientam ser importante uma diversificação dos países com os quais são estabelecidas parcerias. Essas ações podem favorecer os avanços nas trocas científicas e aumentar o impacto das publicações derivadas das pesquisas produzidas no país, acarretando maior visibilidade da ciência brasileira.

No que tange às revistas acadêmicas, a plataforma Capes compreende 3024 periódicos classificados como pertencentes à Psicologia, sendo 613 Qualis A, 2303 Qualis B e 109 Qualis C. O gráfico abaixo ilustra a divisão das revistas por Qualis:

Gráfico 56 — Porcentagem periódicos por Qualis

Periódicos de Psicologia



Fonte: Elaboração própria (2021)

Na plataforma Scimago, o Brasil se encontra em oitava posição na quantidade de documentos publicados em Psicologia. Comparando-se com a posição do país em todas as áreas – 14º lugar – a produção quantitativa da subárea é mais acelerada. Quando se reorganiza a lista de modo a contemplar o índice-H de maior para menor índice, o Brasil cai para a 30ª posição.

4.2 Metodologia

Foram encontrados alguns desafios no percurso do desenvolvimento da Fase-II, inicialmente pensada para ser conduzida via entrevistas semiestruturadas com pesquisadores que, na Fase-I, disponibilizaram-se a participar da Fase-II. No mês de junho de 2021, foram enviados por e-mail os convites para os pesquisadores participarem das entrevistas semiestruturadas. Após o primeiro contato, apenas 2 dos 7 pesquisadores contatados inicialmente responderam ao e-mail aceitando a participação. O diálogo continuou com esses dois participantes, entretanto eles pararam de responder quando enviei o cronograma da coleta dos dados. Foi tentado mais um contato, que também foi infrutífero.

Para que se aumentassem as chances de adesão pelos participantes. Assim, o Questionário da Fase-II foi criado, uma vez que inferimos ser o motivo de recusa o trabalho que daria aos pesquisadores organizar um momento específico do seu dia para participação em uma chamada de vídeo, principalmente neste contexto pandêmico, no qual todos os sujeitos inseridos na universidade, independente da função, sentem-se sobrecarregados.

A estratégia foi melhor recebida pelos pesquisadores, de forma que, após novo contato explicando a mudança da entrevista para o questionário, quatro sujeitos responderam ao instrumento, possibilitando a coleta de mais informações para o desenvolvimento da Fase-II. A seguir, detalhamos os procedimentos de coleta e análise dos dados, da Fase-II.

4.2.1 Os participantes da Fase-II

Os participantes convidados foram aqueles que consentiram participar da Fase-II do questionário. Foram estabelecidos os seguintes critérios para a escolha dos entrevistados:

- Participantes que indicaram na S1Q6 que sua subárea é Psicologia, subárea escolhida para a condução da Fase-II;
- Participantes da Fase-I que na S7Q5 se dispuseram a participar da entrevista;
- Participantes que indicaram na S3Q4 que o inglês é a língua franca de seu contexto de pesquisa.

Ao todo, sete pesquisadores se enquadram nos critérios supracitados e foram convidados a participarem da Fase-II:

Quadro 28 — Participantes da Fase-II

Código	Gênero	Instituição	Titulação	Tempo de obtenção do doutorado
22	Masculino	UFRN	doutorando	em andamento
207	Feminino	UFBA	doutora	mais de 10 anos
226	Feminino	UFBA	doutora	mais de 10 anos
282	Masculino	UFMS	doutor	mais de 10 anos

364	Feminino	USP	doutoranda	em andamento
373	Feminino	UERJ	doutor	mais de 10 anos
389	Masculino	UnB	doutor	mais de 10 anos

Fonte: Elaboração própria (2021)

Responderam ao Questionário da Fase-II quatro pesquisadores dos sete convidados - códigos 22, 364, 373, 389 - isto é, uma taxa de resposta de 57,1% dos convidados.

4.2.2 O questionário da Fase-II

As perguntas do questionário da Fase-II foram baseadas nos dados encontrados no questionário inicial, nos documentos e dados das subáreas, disponibilizados pela Capes e apresentados acima, e nas questões relevantes às pesquisas de ERPP, seguindo os preceitos defendidos por Carleto (2003) de que perguntas e observações devem ser baseadas em conceitos derivados da literatura, da experiência e de trabalhos de campo preliminares.

Foram organizadas sete questões – uma fechada e seis abertas:

Quadro 29 — Questões questionário da Fase-II

1 A tabela de áreas de conhecimento, proposta pela CNPq, subdivide Psicologia em 10 especialidades distintas. Em qual delas você desenvolve pesquisa? Caso não se enquadre em nenhuma das opções acima, coloque a sua linha de pesquisa, por favor.	Questão fechada de múltipla escolha. Mapear os participantes por suas especialidades de pesquisa a fim de comparar as respostas posteriores não só pelas práticas da subárea de Psicologia, mas também da linha de pesquisa. Optamos disponibilizar para os pesquisadores as dez especialidades mais relevantes da lista
2 Os documentos, fornecidos pela Capes, indicam que a subárea de Psicologia compreende intersecção com outras áreas, principalmente outras disciplinas de Ciências Humanas e Ciências da Saúde, mas também das Ciências Exatas e da Ciência Biológicas. Como essa questão funciona na sua especialidade de pesquisa?	Questão aberta Mapear as vizinhanças disciplinares das linhas de pesquisa analisadas com vistas a aprofundar no entendimento das práticas de pesquisa e de publicação (HYLAND, 2002, 2004; GIL E ARANHA, 2014;

	GIL, 2021)
3 O Documento da Área (2019, p.3) traz a seguinte afirmação “Em relação à produção intelectual, a Área de Psicologia adota a política de privilegiar a qualidade em relação à quantidade”. Você acredita que isso é uma realidade na prática? Justifique.	Questão aberta Confrontar a percepção e a experiência dos participantes com aquelas defendidas pelos documentos oficiais da área.
4 Cite o nome de três periódicos de circulação internacional, de alto fator de impacto, que são relevantes para sua linha de pesquisa. Você já submeteu artigo(s) para algum deles? Se sim, como foi o processo de submissão (ex: longa/baixa espera na resposta; aceite/ recusa; qualidade dos pareceres)?	Questão aberta Coletar informações sobre os periódicos relevantes para a linha de pesquisa e, com base em suas características, enriquecer a análise em torno das vizinhanças disciplinares.
5 Alguns pesquisadores participantes da Fase-I da pesquisa relataram publicar em língua inglesa, em periódicos nacionais, por considerarem mais fácil do que a publicação em periódicos internacionais. Você concorda? Justifique.	Questão aberta Aprofundar os dados colhidos da Fase-I a respeito da publicação nacional, em língua inglesa. (S5Q1; S5Q2)
6 Na Fase-I, os participantes de Psicologia relataram um grau de moderado a alto na escrita das seções de artigo de pesquisa, em língua inglesa (introdução, literatura, resultados, discussão e considerações finais), além de também sinalizarem problemas em avaliar o escopo e as expectativas dos periódicos para publicação. Na sua experiência pessoal, quais as maiores dificuldade que você encontra frente à tarefa de precisar escrever um artigo acadêmico em língua inglesa? Justifique.	Questão aberta Aprofundar os dados colhidos na Fase-I (S4Q13)
7 Quais suas expectativas em relação a cursos que abordem escrita acadêmica em língua inglesa? Qual tipo de conteúdo você acha que seria relevante para suprir suas necessidades em relação à escrita e as práticas de sua especialidade de pesquisa?	Questão aberta Aprofundar dados colhidos na Fase-I (S7Q4)

Fonte: Elaboração própria (2021)

A coleta de dados obedeceu ao seguinte cronograma:

07/12/2021: Abertura do questionário e envio dos e-mails convite aos sete pesquisadores que, inicialmente, disponibilizaram-se a participar da Fase-II.

13/12/2021: Envio de e-mail lembrete sobre o fechamento do questionário para os sujeitos que ainda não haviam respondido o instrumento.

17/12/2021: Fechamento do questionário.

4.2.3 *Análise das respostas*

A análise das seis questões abertas do questionário da Fase-II foi conduzida de acordo com os preceitos da Análise de Conteúdo (BARDIN, 1997). Considerando que o instrumento é composto de seis perguntas abertas, e poderia haver um grande número de dados, foi determinado o uso do software para análise qualitativa de dados Atlas.ti 9⁶⁷ para a etapa de codificação das respostas.

O programa permite a criação de projetos que partem de Documentos Primários, isto é, as informações que foram coletadas e que serão analisadas. Essas informações podem ser em formato de texto (nas extensões .txt, .wri, .rtf, doc, entre outros), imagens (.jpg, .bmp, .wmf), áudio (.wav, .mp3, .snd, .au) e vídeo (.avi, .mpg.). Após o upload dos dados de análise, é possível extrair *citações*, trechos selecionados que carregam informações de maior relevância. As citações podem ser categorizadas em *códigos*, a unidade básica de análise do software e que permitirá o agrupamento dos dados em categorias de análise. No processo de seleção e codificação, é possível também a criação de *anotações*, comentários feitos pelo analista para que o auxiliem, posteriormente, na análise.

Os códigos também podem ser agrupados para formarem famílias e redes. Após a categorização, o Atlas.ti 9 elabora elementos visuais, como tabelas e gráficos, facilitando o entendimento dos dados coletados.

4.3 **Análise e discussão de dados**

4.3.1 *Questão 1*

A primeira pergunta - *A tabela de áreas de conhecimento, proposta pela Capes, subdivide Psicologia em 10 especialidades distintas. Em qual delas você desenvolve*

⁶⁷ A análise de dados via software Atlas.ti 9 <<https://atlasti.com/pt-pt/>> foi um dos aprendizados desenvolvidos durante a bolsa de pesquisa de curta duração, realizado na Universidade de Hamburgo, sob a supervisão do professor Robert Fuchs, fomento da agência alemã DAAD.

pesquisa? Caso não se enquadre em nenhuma das opções acima, coloque a sua linha de pesquisa, por favor - investigou a especialidade dos participantes, de acordo com a subdivisão proposta pela Capes/CNPq, para a subárea de Psicologia. Dois participantes responderam que desenvolvem suas pesquisas dentro da Psicologia Social; um deles, na Psicologia do Desenvolvimento Humano; e outro, Psicologia Fisiológica.

Quadro 30 — Participantes por especialidade

Cód.	Gênero	IES	Titulação	Tempo	Especialidade
22	Masc	UFRN Programa Psicobiologia Conceito 6	doutorando	em andamento	Psicologia Fisiológica
364	Fem	USP Programa de Pós-Graduação em Psicologia Conceito 5	doutoranda	em andamento	Psicologia Social
373	Fem	UERJ Programa de Pós-graduação em Psicologia Social Conceito 5	pós-doutora	mais de 10 anos	Psicologia Social
389	Masculino	UnB Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde Conceito 5	pós-doutor	mais de 10 anos	Psicologia do Desenvolvimento Humano

Fonte: Elaboração própria (2021)

A Psicologia Social desponta como a especialidade de Psicologia mais relevante para o país, considerando que apresenta quarenta e sete programas de pós-graduação, de acordo com dados da Capes. Psicologia do Desenvolvimento é o terceiro (30 PPGs) e Psicobiologia o décimo (16 PPGs).

Cada especialidade lida com uma interface diferente. Joye e Joye (2013) trazem que a Psicologia Social se interessa pelo indivíduo inserido em sociedade, pela influência “invisível” da sociedade, ficando clara a intersecção dos campos psicológico e social. Assim, tópicos comuns de interesse são identidade, normas, papéis sociais e representações sociais. A Psicologia do Desenvolvimento Humano se volta para o ciclo de vida do indivíduo, estudando as mudanças no desenvolvimento físico, cognitivo e psicossocial do ser humano da concepção

à velhice. E a Psicobiologia, termo utilizado pela primeira vez em 1914, investiga o comportamento em relação aos mecanismos biológicos, tentando responder às questões como relação entre fisiologia, ambiente, comportamento e genética.

4.3.2 Questão 2

Na segunda pergunta - *Os documentos, fornecidos pela Capes, indicam que a subárea de Psicologia compreende intersecção com outras áreas, principalmente outras disciplinas de Ciências Humanas e Ciências da Saúde, mas também das Ciências Exatas e da Ciência Biológicas. Como essa questão funciona na sua especialidade de pesquisa?* – dois participantes indicaram que suas pesquisas trazem maiores diálogos com Ciências Humanas e Ciências da Saúde; uma resposta sinalizou Ciências Biológicas; e a quarta, Ciências Exatas:

[389] [Psicologia Social] Vejo o diálogo mais amplo com **Ciências Humanas**. Alguns colegas também lidam com **temas da Saúde**.

[364] [Psicologia do Desenvolvimento] No meu caso da Psicologia Social, o enquadre é em **Ciências Humanas e da Saúde**. Entendo que ter um campo de atuação para a Psicologia traria uma coerência e funcionalidade maior. Enquanto estamos tão difundidas nas áreas, tudo fica diluído em termos de financiamento, o que é muito ruim.

[22] [Psicologia Fisiológica] Funciona bem com as **ciências biológicas**

[373] [Psicologia Social] É bastante difícil encontrar, de fato, revistas que acolham interfaces. Trabalho com Teoria Ator-rede. Essa proposta teórico-metodológica se articula, muitas vezes, com **engenharia, sistemas complexos...** parece não existir essa articulação nos órgãos de fomento....

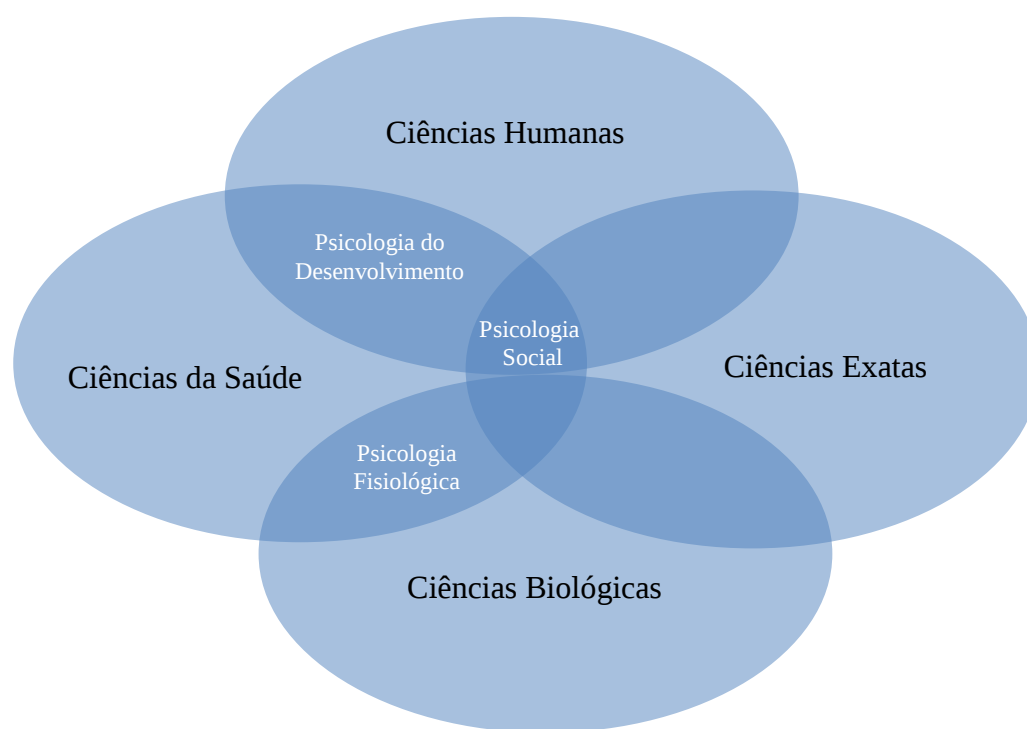
A intensa troca das subáreas de Humanas com outras que habitam ao seu redor não é especificidade de Psicologia e parece ser uma tendência nas *soft sciences*, conforme demonstram Gil (2014), Gil e Aranha (2017) e Gil (2021). Dentro da subárea de Antropologia, por exemplo, foram observadas duas especialidades distintas, nos periódicos analisados: a Antropologia Social, que, semelhantemente à Psicologia Social, conversa com outras áreas de Ciências Humanas e a Antropologia Física, que se aproxima das Ciências Exatas e Biológicas, assim como Psicologia Fisiológica. As linguistas observaram mudanças na estrutura retórica do gênero *abstract* e no uso de modalizadores do discurso dentro de uma mesma subárea por causa da influência da vizinhança disciplinar.

Fenômeno parecido pode ser observado em Linguística. Se compararmos a estrutura retórica encontrada por Gil (2011), em *abstracts* de Tradução, com aquelas encontradas por

Gil (2014), em artigos de Linguística Acústica e Neurolinguística, vê-se a força exercida pelas disciplinas de proximidade, já que as metodologias dos últimos foram muito mais extensas, detalhadas e com uso de procedimentos laboratoriais, tais como ocorrem nas Ciências Biológicas, diferentemente dos primeiros, que, para exemplificar, nem apresentavam metodologia, muitas vezes. Provavelmente, a análise de artigos produzidos pelas diferentes especialidades de Psicologia também vão ressaltar a relevância de se investigar as fronteiras disciplinares no contexto de escrita acadêmica.

Organizando as especialidades de Psicologia de acordo com as vizinhanças disciplinares, conforme proposto por Gil (2014), temos o esquema:

Figura 20 — Fronteiras disciplinares da subárea de Psicologia



Fonte: Elaboração própria (2021)

O esquema confirma a leitura feita pelo Documento da Área, no que tange à interdisciplinaridade da Psicológica e riqueza de intersecções com outras áreas do conhecimento. As especialidades de pesquisa, conforme sinalizadas pelos pesquisadores, colocam os três colégios – Ciências da Vida, Humanidades, Ciências Exatas e Multidisciplinar – em contato direto. As fronteiras das Ciências Humanas já são osmóticas por natureza (GIL, 2014; GIL; ARANHA, 2017; GIL, 2021), talvez as fronteiras da subárea

de Psicologia sejam ainda mais flexíveis, considerando as respostas dos participantes em conjunto com os dados fornecidos pelos documentos da Capes.

A Psicologia Social, prioritariamente, desenvolve diálogos próximos a de outras especialidades de Humanidades, conforme imagem abaixo:

Figura 21 — Vizinhança disciplinas de Psicologia Social



Fonte: Souza (2016, online)

Motivada por seu escopo de investigar o ser humano inserido em seu contexto social, destacam-se outras disciplinas com recorte de pesquisa similares, como Economia, História e Sociologia, por exemplo. A *teoria-ator rede*, citada por [373], deriva do campo da Sociologia, corroborando a interface da Psicologia com essa subárea, no caso específico das pesquisas desenvolvidas por [373] surge uma intersecção com as Ciências Exatas, com o uso de teoria e metodologias providas das Engenharias.

Joye e Joye (2013) anunciam que a Psicologia do desenvolvimento é composta de múltiplas disciplinas como Sociologia, Biologia, Educação, Antropologia, Fisiologia, Medicina e outras, de forma a explicar como funciona o “eu” biológico, cognitivo e social. Já a Psicobiologia atua na interface das Neurociências, Biologia, Etologia e Psicologia. As relações fronteiriças das especialidades com disciplinas diferentes irão influenciar a forma pela qual cada pesquisador conduz sua pesquisa, estrutura seus artigos, seleciona os elementos linguísticos, escolhe o veículo de publicação, enfim, a intensa interdisciplinaridade de Psicologia acarreta em muitas questões, seja da natureza do discurso, do contexto ou da sociedade, que exige um olhar único para lidar com as suas especificidades.

Os participantes [364] e [373] destacam uma questão relevante proveniente dessa interdisciplinaridade da subárea: o fomento. Bonacelli (2014) alega que mesmo que a interdisciplinaridade seja encarada como a possibilidade de avanço científico e descoberta de

novos conhecimentos, a pós-graduação ainda é fortemente disciplinar. A organização das universidades e dos departamentos é em torno das grandes áreas do conhecimento, assim como a avaliação das agências de fomento. A autora cita que o CNPq não tem uma área de conhecimento interdisciplinar, o que prejudica o financiamento de pesquisas desse cunho, validando o ponto de vista apresentado pelos pesquisadores e revelando um ponto de tensão vivenciado pelos psicólogos.

4.3.3 Questão 3

Na terceira questão - *O Documento da Área (2019, p.3) traz a seguinte afirmação “Em relação à produção intelectual, a Área de Psicologia adota a política de privilegiar a qualidade em relação à quantidade”. Você acredita que isso é uma realidade na prática? Justifique.* – apenas uma resposta mostrou concordância com o posicionamento adotado pelo Documento da Área, mas sem justificativa:

[22] [Psicologia Fisiológica] Acredito

As outras três respostas sinalizaram discordância, justificada de formas diferentes:

[389] [Psicologia Social] **Não acredito**, pois o que mais se pontua é quantidade.

[364] [Psicologia do Desenvolvimento] **Acho que não funciona**. Ainda dentro da psicologia há desmerecimento de áreas qualitativas e sociais.

[373] [Psicologia Social] Não exatamente. A **métrica das avaliações ainda é bastante quantitativa**. Quando se utiliza o índice h, se cria uma deturpação, uma vez que as revistas não têm parâmetro de impacto alto em psicologia.

Há um descompasso entre a percepção dos pesquisadores em relação ao ponto de vista adotado no Documento da Área e o que vivenciam na prática, predominando um sentimento negativo sobre tais práticas. Todos os pesquisadores participantes da Fase-II estão vinculados a programas de pós-graduação bem conceituados em Psicologia, sendo três conceito 5 e um conceito 6. A classificação de um programa nesses conceitos pressupõe intensa produção científica tanto por parte dos docentes, quanto, em menor proporção, por parte dos discentes.

No que concerne à produção científica, os critérios de avaliação da Capes configuram três níveis: a melhor produção docente, que considera no quadriênio os quatro artigos mais bem avaliados de cada professor; a melhor produção do programa, os dez itens mais bem avaliados do programa, considerando docentes e discentes; e a produção total qualificada,

todas as publicações de artigos, livros e capítulos de livros do quadriênio. De fato, se olharmos isoladamente para a melhor produção docente, os professores precisariam publicar um artigo por ano, um número aparentemente razoável.

Outras variáveis precisam compor essa equação, tais como a sobrecarga dos professores com as atividades de docência e orientação, como foi relatado por alguns participantes da Fase-I, em S7Q1,⁶⁸ deixando menos tempo para pesquisa e publicação; a longa espera na avaliação dos manuscritos, o que pode exigir que os pesquisadores escrevam mais de quatro artigos para que consigam publicar o teto exigido pela avaliação; e a consideração de que para o artigo como um produto final, principalmente o de “alta qualidade”, como pontuam, há toda uma rede de gêneros e uma cadeia de produção que o precede, como condução de experimentos, coleta de dados, análise e assim por diante. Essa cadeia leva tempo, a menos que se apele para as práticas predatórias de publicação, como o autoplágio, a reciclagem de artigos e o *salame-slicing*, por exemplo.

No caso de programas menores, com menor número de docentes, esse número pode aumentar já que para a avaliação dos produtos do programa são considerados os dez itens de melhor produção. Para a produção qualificada total, principalmente para os cursos mais bem conceituados, a quantidade de produção bibliográfica é relevante, pois impacta diretamente na manutenção ou avanço no conceito do programa. Ademais, a avaliação da maturidade do corpo docente é feita por meio do Índice H, que leva em consideração em seu cálculo a quantidade de artigos publicados pelo pesquisador. Outra problemática na avaliação do Índice H é discutida pelo pesquisador [373], ao ponderar que as revistas de sua especialidade não possuem alto impacto, o que prejudicaria o cálculo devido a essa especificidade.

As diferenças disciplinares também tangenciam a resposta [364]. A “melhor produção” nos cálculos dos conceitos se volta para a internacionalização e o impacto, logo recortes de pesquisa que sejam mais locais, voltados para uma realidade em particular, sofrerão com a imposição do pensamento do Norte, o que pode acarretar que ela seja vista como periférica ou menos produtiva, ao invés de considerada em sua particularidade. Hoje, pelos critérios adotados na avaliação dos PPGs, um programa de uma linha de pesquisa mais local, cujas relações de colaboração e publicação se centrem em periódicos nacionais, mesmo que sejam de alto impacto, jamais alcançará conceito 6 ou 7, o que impacta diretamente na quantidade de financiamento e bolsas de pesquisa que o programa receberá.

⁶⁸ [AN236] Mais tempo para leitura de obras literárias que ampliam nosso horizonte criativo, imaginativo e especulativo. A sobrecarga de trabalho na universidade nos sufoca.

A união da literatura e dos dados colhidos nas duas fases da pesquisa nos mostra o quanto a publicação é sensível aos pesquisadores. Durante a pandemia, houve uma intensa produção de mesas, congressos e falas acadêmicas em ambiente online, destinados a não deixar o distanciamento social interromper o diálogo científico. Em muitos dos eventos da área de Linguística, a problematização em torno dos critérios de avaliação, da decolonialidade de pesquisa e da pressão por produção foram discutidos, mesmo que, muitas vezes, o tópico central da fala não fosse esse.

Os cientistas, pelo menos de Humanidades, estão cientes da problemática em torno dessa questão e pedem por mudanças. Gil e Galli (2019) discutem alguns dos impactos negativos que os pesquisadores vêm sofrendo, tais como o aumento de depressão entre os pós-graduandos e, até mesmo, casos de suicídio. A sistemática em torno da publicação é sim necessária para que o Brasil se desenvolva cientificamente, mas o que todos parecem concordar é que isso precisa ser feito de forma diferente.

4.3.4 Questão 4

Na questão 4 - *Cite o nome de três periódicos de circulação internacional, de alto fator de impacto, que são relevantes para sua linha de pesquisa. Você já submeteu artigo(s) para algum deles? Se sim, como foi o processo de submissão (ex: longa/baixa espera na resposta; aceite/ recusa; qualidade dos pareceres)?* – apenas um dos pesquisadores citou os três periódicos, sem indicação de experiência com submissão de artigos ao periódico:

[389] [Psicologia do Desenvolvimento] *Cultural Psychology, Creativity: Theories - Research - Applications, Journal of Creative Behavior*

O periódico *Cultural Psychology* parece não existir, pois não apareceu em nenhuma busca feita tanto pelo Google quanto pelas plataformas Scupira, Scopus e Scimago . Existem nomes com variações, como *Culture & Psychology* ou *Journal of Cross-Cultural Psychology*. Por não sabermos exatamente a qual revista [389] se refere, não aprofundamos a pesquisa nela. As outras três respostas trouxeram a experiência dos pesquisadores com a submissão, ainda que [373] tenha indicado apenas uma, e não três revistas, conforme solicitado:

[22] [Psicologia Fisiológica] *Frontiers, Journal of Neuroscience e Hippocampus*. Já submeti para a *Frontiers*, **o processo de submissão foi rápido em 8 meses meu artigo foi publicado (levou 3 meses para que eu fizesse os experimentos adicionais solicitados)**.

[364] [Psicologia Social] *Psicologia e Sociedade; InterThesis; Paideia*. Já submeti para dois deles. **Foi um período longo de espera, em média um ano, com recusa**

da primeira, de maneira incoerente. Mas pareceres generosos e importantes para aprimoramento do conteúdo.

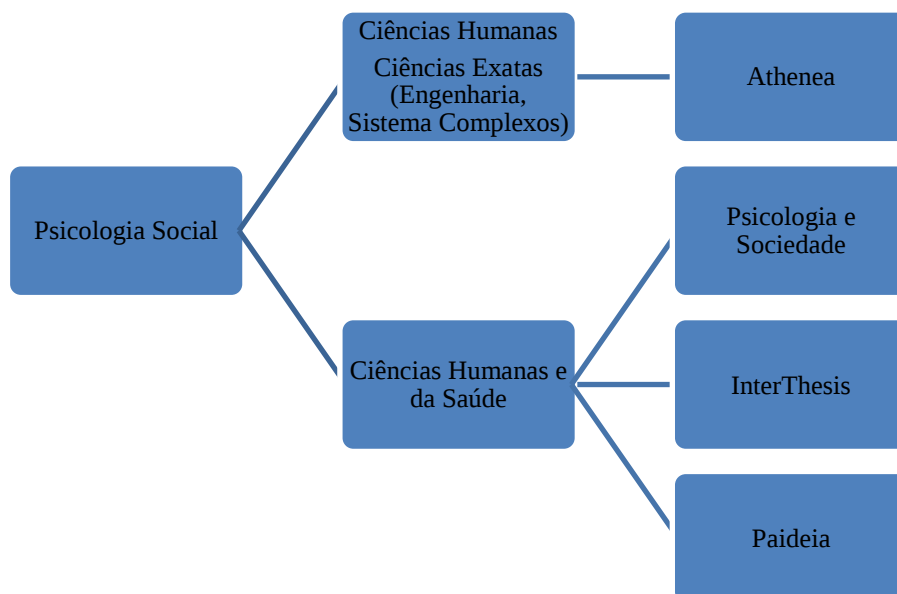
[373] [Psicologia Social] Athenea. Sim. **Longa espera. Recusa. Pareceres pouco aprofundados.**

As respostas elencadas acima salientam três aspectos do processo de submissão e revisão: o tempo de espera, a qualidade dos pareceres e as solicitações para correção do artigo. As subseções abaixo apresentam os periódicos assinalados e aprofundam a discussão em torno dos aspectos depreendidos das respostas dos participantes.

4.3.4.1 Psicologia Social

Dois participantes se enquadram na especialidade de Psicologia Social, mas ainda que fossem esperadas seis revistas, um deles indicou apenas uma, de forma que, para a análise dos periódicos de Psicologia Social, têm-se quatro exemplos, três periódicos brasileiros – *Psicologia e Sociedade*, *InterThesis* e *Paideia* - e um espanhol – *Athenea*.

Organograma 1 — Periódicos de Psicologia Social



Fonte: Elaborado pela autora

○ *Athenea Digital*

Athenea Digita: Revista de Pensamiento e Investigacion Social é uma publicação do departamento de Psicologia Social, da *Universitat Autònoma de Barcelona*, Espanha, indexada na base Scopus, Latindex, Emerging Sources Citation Index (WoS), para citar alguns. Em funcionamento desde 2001, ano de publicação de seu primeiro volume, publica

três volumes ao ano. Apresenta uma proposta multilíngue, aceitando publicações em espanhol, em inglês e outras línguas românicas, tais como, catalão, francês e italiano.

É uma revista interdisciplinar nas áreas de Ciências Humanas e Ciências Sociais, abordando fenômenos sociais contemporâneos, com vistas à articulação com diferentes domínios da atividade humana. Interessa-se pelas conexões e relações que aparecem entre os vários desenvolvimentos intelectuais, os processos de mudanças sociais e a transformação institucional em sentido mais amplo. Inclui investigações sobre etnicidade; imaginário social; meio ambiente e sociedade; globalização e discursos; poder-saber; gênero; materialidades; conflito social; sociedade, espaço e tempo; estudos urbanos; arquitetura-desenho; ciências sociais; tecnologia e sociedade; novos movimentos sociais; identidades; entre outros.

O periódico aceita artigos empíricos, com enfoque inter ou transdisciplinar; artigos teóricos, ensaios, com enfoque em temas polêmicos, enfatizando as relações político-ideológicas dos temas; revisões de literatura; resenhas; clássicos, terminologia dada para a tradução para o espanhol de artigos clássicos de Ciências Sociais, seguidas por um artigo introdutório; avaliações de dissertações e teses. É possível a organização de edições especiais, conjunto de doze artigos a comporem um dos números normais da revista; e monografias, um número do periódico publicado dedicado inteiramente a um tema específico, com, em média, 25 artigos.

Seu caráter interdisciplinar é comprovado pela classificação da revista nos diferentes bancos de dados. Na base Latindex, a revista é pertencente à Sociologia. A avaliação Capes, por exemplo, enquadra Athenea em doze áreas de avaliação, sendo Artes e Educação as com maior impacto (Qualis A2). Em Psicologia, a revista é Qualis B1.

Figura 22 — Classificação Capes para a revista Athenea (quadriênio 2013-2016)

ISSN	Título	Área de Avaliação	Classificação
1578-8946	ATHENEA DIGITAL	ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA E DE EMPRESAS, CIÊNCIAS CONTÁBEIS E TURISMO	B1
1578-8946	ATHENEA DIGITAL	ARTES	A2
1578-8946	ATHENEA DIGITAL	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	B1
1578-8946	ATHENEA DIGITAL	EDUCAÇÃO	A2
1578-8946	ATHENEA DIGITAL	ENFERMAGEM	B2
1578-8946	ATHENEA DIGITAL	ENSINO	B1
1578-8946	ATHENEA DIGITAL	HISTÓRIA	B2
1578-8946	ATHENEA DIGITAL	INTERDISCIPLINAR	B2
1578-8946	ATHENEA DIGITAL	PSICOLOGIA	B1
1578-8946	ATHENEA DIGITAL	SAÚDE COLETIVA	B3
1578-8946	ATHENEA DIGITAL	SERVIÇO SOCIAL	B1
1578-8946	ATHENEA DIGITAL	SOCIOLOGIA	B3

Fonte: Capes (2022)

Em SCImago SJR, a revista é Ciências Sociais Miscelânea, classificação de Índice H 11 e quartil 3, o que significa que a revista possui mais impacto que apenas 25% das revistas indexadas na base. Em Scopus, a classificação é Ciências Sociais Gerais, com CiteScore 0.3; SJR 2020, 0,166; e SNIP 2020, 0,398. No ranking da base, a *Athenea* ocupa a posição 205 de 260 revistas. O que todas as métricas listadas revelam é que a revista possui de médio a baixo impacto, a depender da área e da base de dados avaliada.

Sobre o processo avaliativo, a revista informa que o tempo médio de referência é 240 dias. Os critérios de avaliação são a coerência com a linha editorial da revista, a originalidade do conteúdo, a clareza da exposição e a adequação de estilo e das normas da revista. Como é uma publicação custeada pela universidade, os autores não precisam pagar nenhuma taxa. Além disso, é uma publicação em acesso aberto. O texto de apresentação da revista explicita que, caso haja um parecer de recusa, bem fundamentado, o artigo já é automaticamente recusado, independente do segundo parecer. Uma particularidade interessante da publicação é que o autor pode indicar até quatro pareceristas para revisarem seu manuscrito, para tanto, o site disponibiliza uma lista anual dos pareceristas da revista. Infelizmente, a lista está desatualizada, o último ano é 2018, e também não foi possível abrir as listas, devido a erros de abertura.

A experiência do participante na submissão a essa revista foi negativa. A resposta de [22] salienta a longa espera no processo de avaliação, ainda que a revista indique que o processo leve em torno de 240 dias, menos de um ano, pareceres superficiais e, por fim, a recusa de seu manuscrito:

[373] *Athenea*. Sim. Longa espera. Recusa. Pareceres pouco aprofundados.

Ao analisar os últimos quinze volumes da revista, publicados nos últimos cinco anos (2021-2017), nota-se uma expressiva participação de autores brasileiros e latinoamericanos. De os 197 artigos originais publicados, 123 foram de pesquisadores da América Latina, e, desse número, 44 de brasileiros.

○ *Psicologia e sociedade*

A revista *Psicologia e Sociedade* é uma publicação da Associação Brasileira de Psicologia Social. Fundada em 1986, é patrocinada pela Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia, pela Capes, pelo CNPq e pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais.

O escopo da revista são estudos que dialogam com a literatura e o campo de estudos da Psicologia Social, no âmbito das Ciências Humanas e Sociais. Até 2017, o periódico seguia periodicidade trianual, mais um ou dois números especiais. A partir de 2017, adotou a modalidade de publicação continuada, modalidade na qual os artigos aceitos podem ser publicados imediatamente, sem a necessidade de se fechar um número. É publicado um volume por ano, alimentado com novos artigos conforme estes vão sendo aceitos. A revista publica artigos originais, entrevistas, resenhas de livros, traduções e relatos de experiência profissional.

O manuscrito é primeiramente avaliado pelo editor, que decide se o manuscrito seguirá para a revisão de pares ou se será rejeitado. O processo de revisão é duplo-cego anônimo. Os autores não precisam pagar nenhum tipo de taxa para publicação e os leitores conseguem acessar todos os artigos, pois adotam o esquema de acesso aberto.

É indexada pelas bases Scopus, na área de Psicologia (Psicologia Social; CiteScore 0,3; SJR 0,2; SNIP 0,447; posição 267 de 289, no ranking de revistas de mesma classificação), SciELO, SCImago (Q4, em Psicologia Social), Latindex e Qualis Periódicos (A2, em Psicologia). Na base nacional, a revista é de alto impacto para a área de Psicologia, e nas bases anglófonas internacionais, de baixo impacto.

Figura 23 — Classificação Capes para a revista Psicologia e Sociedade (quadriênio 2013-2016)

ISSN	Título	Área de Avaliação	Classificação
0102-7182	PSICOLOGIA E SOCIEDADE (IMPRESSO)	ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA E DE EMPRESAS, CIÊNCIAS CONTÁBEIS E TURISMO	B2
0102-7182	PSICOLOGIA E SOCIEDADE (IMPRESSO)	ANTROPOLOGIA / ARQUEOLOGIA	B2
0102-7182	PSICOLOGIA E SOCIEDADE (IMPRESSO)	CIÊNCIA POLÍTICA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS	A2
0102-7182	PSICOLOGIA E SOCIEDADE (IMPRESSO)	CIÊNCIAS AMBIENTAIS	B1
0102-7182	PSICOLOGIA E SOCIEDADE (IMPRESSO)	EDUCAÇÃO	A2
0102-7182	PSICOLOGIA E SOCIEDADE (IMPRESSO)	EDUCAÇÃO FÍSICA	B2
0102-7182	PSICOLOGIA E SOCIEDADE (IMPRESSO)	ENFERMAGEM	B2
0102-7182	PSICOLOGIA E SOCIEDADE (IMPRESSO)	ENSINO	A2
0102-7182	PSICOLOGIA E SOCIEDADE (IMPRESSO)	INTERDISCIPLINAR	A2
0102-7182	PSICOLOGIA E SOCIEDADE (IMPRESSO)	LINGÜÍSTICA E LITERATURA	B1
0102-7182	PSICOLOGIA E SOCIEDADE (IMPRESSO)	MEDICINA II	B4
0102-7182	PSICOLOGIA E SOCIEDADE (IMPRESSO)	PSICOLOGIA	A2
0102-7182	PSICOLOGIA E SOCIEDADE (IMPRESSO)	SAÚDE COLETIVA	B3
0102-7182	PSICOLOGIA E SOCIEDADE (IMPRESSO)	SOCIOLOGIA	A2

Fonte: Capes (2022)

A revista não explicita seu caráter interdisciplinar, mas a variedade de áreas nas quais *Psicologia e Sociedade* é indexada aponta para a natureza variada das pesquisas que compõem seus volumes, já que ela também é de alto impacto (B2) para Sociologia,

Interdisciplinar e Ciência Política, e de médio impacto (B2 a B4) em Antropologia, Ciências Ambientais, Enfermagem, Medicina, Saúde Coletiva, entre outros. A avaliação nas áreas de conhecimento revela a intersecção entre Ciências Humanas e Ciências da Saúde para a especialidade.

Dos 231 artigos publicados nos últimos cinco anos, 228 são de pesquisadores latinoamericanos, especificamente 208 brasileiros, o que demonstra um diálogo mais forte entre pares em âmbito nacional. Há doze artigos publicados em coautoria brasileira e cientistas norte-americanos e europeus, confirmando, para essa publicação, os dados de que a publicação em Psicologia ocorre mais em cooperação intranacional ou solo.

○ *InterThesis*

A Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis, do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas e do Laboratório de Estudos Interdisciplinares, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), aceita estudos interdisciplinares em todas as áreas de conhecimento, com foco especial nas Ciências Humanas. Seu primeiro volume foi publicado em 2004, em formato bianual. Entre 2016 e 2019, a publicação passou a ser quadrimestral e, a partir de 2020, passou a adotar o esquema de publicação continuada. A revista é dividida em dois eixos temáticos: de caráter geral, que abrange quatro áreas de concentração interdisciplinares, a saber, África e suas Diásporas; Condição Humana e Saúde na Modernidade; Estudos de Gênero; Sociedade e Meio Ambiente, Migrações e Risco; e de caráter específicos, com chamadas especiais.

A revista publica, além de artigos originais, traduções de capítulos de livros não editados anteriormente em língua portuguesa e artigos teóricos, em português, em inglês, e em espanhol. Dentre os bancos de dados discutidos neste trabalho, é indexada apenas pelo Google Acadêmico, com Índice H 21, pelo Latindex e pelo Qualis periódicos, com classificações que vão desde nível B2, em Filosofia, História e Interdisciplinar, a nível C, em Biodiversidade e Ciências Biológicas. Em Psicologia, seu Qualis é B3. As métricas apontam que o periódico é de médio a baixo impacto, a depender da área de avaliação.

Figura 24 — Classificação Capes para a revista INTERthesis (quadriênio 2013-2016)

ISSN	Título	Área de Avaliação	Classificação
1807-1384	INTERTHESIS (FLORIANÓPOLIS)	ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA E DE EMPRESAS, CIÊNCIAS CONTÁBEIS E TURISMO	B3
1807-1384	INTERTHESIS (FLORIANÓPOLIS)	ANTROPOLOGIA / ARQUEOLOGIA	B4
1807-1384	INTERTHESIS (FLORIANÓPOLIS)	ARQUITETURA, URBANISMO E DESIGN	B4
1807-1384	INTERTHESIS (FLORIANÓPOLIS)	BIODIVERSIDADE	C
1807-1384	INTERTHESIS (FLORIANÓPOLIS)	CIÊNCIA POLÍTICA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS	B3
1807-1384	INTERTHESIS (FLORIANÓPOLIS)	CIÊNCIAS AGRÁRIAS I	B5
1807-1384	INTERTHESIS (FLORIANÓPOLIS)	CIÊNCIAS AMBIENTAIS	B3
1807-1384	INTERTHESIS (FLORIANÓPOLIS)	CIÊNCIAS BIOLÓGICAS I	C
1807-1384	INTERTHESIS (FLORIANÓPOLIS)	CIÊNCIAS BIOLÓGICAS II	C
1807-1384	INTERTHESIS (FLORIANÓPOLIS)	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	B3
1807-1384	INTERTHESIS (FLORIANÓPOLIS)	DIREITO	B3
1807-1384	INTERTHESIS (FLORIANÓPOLIS)	ECONOMIA	B3
1807-1384	INTERTHESIS (FLORIANÓPOLIS)	EDUCAÇÃO	B3
1807-1384	INTERTHESIS (FLORIANÓPOLIS)	EDUCAÇÃO FÍSICA	B4
1807-1384	INTERTHESIS (FLORIANÓPOLIS)	ENFERMAGEM	B4
1807-1384	INTERTHESIS (FLORIANÓPOLIS)	ENGENHARIAS I	B5
1807-1384	INTERTHESIS (FLORIANÓPOLIS)	ENSINO	B4
1807-1384	INTERTHESIS (FLORIANÓPOLIS)	FILOSOFIA	B2
1807-1384	INTERTHESIS (FLORIANÓPOLIS)	GEOCIÊNCIAS	B5
1807-1384	INTERTHESIS (FLORIANÓPOLIS)	GEOGRAFIA	B4
1807-1384	INTERTHESIS (FLORIANÓPOLIS)	HISTÓRIA	B2
1807-1384	INTERTHESIS (FLORIANÓPOLIS)	INTERDISCIPLINAR	B2
1807-1384	INTERTHESIS (FLORIANÓPOLIS)	LINGÜÍSTICA E LITERATURA	B5
1807-1384	INTERTHESIS (FLORIANÓPOLIS)	MEDICINA VETERINÁRIA	B5
1807-1384	INTERTHESIS (FLORIANÓPOLIS)	PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL / DEMOGRAFIA	B3
1807-1384	INTERTHESIS (FLORIANÓPOLIS)	PSICOLOGIA	B3
1807-1384	INTERTHESIS (FLORIANÓPOLIS)	SAÚDE COLETIVA	B5
1807-1384	INTERTHESIS (FLORIANÓPOLIS)	SERVIÇO SOCIAL	B3
1807-1384	INTERTHESIS (FLORIANÓPOLIS)	SOCIOLOGIA	B3

Fonte: Capes (2022)

O processo de avaliação pelos pares utiliza o sistema duplo-cego e anônimo. A primeira avaliação é feita pelo editor da seção específica na qual o autor deseja publicar. Nesta etapa, o autor receberá a resposta em até 15 dias, informando se foi aceito para análise ou não. Caso seja aceito, a revista informa que a avaliação do manuscrito levará quatro semanas, mas a escolha do momento de publicação cabe ao editor, isto é, não é pré-determinado o momento de publicação. A INTERthesis, assim como os dois *journals* citados até agora, segue a política de acesso aberto.

Foram publicados 94 artigos originais nos últimos cinco anos: 91, de cientistas da América Latina, e, desse número, 89 de brasileiros, fomentando o diálogo das pesquisas em Psicologia, em âmbito nacional.

A revista *Paidéia*, do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (USP), é editada desde 1991, e publica questões relacionadas ao campo da Psicologia, especificamente em Psicologia da Saúde, Psicologia do Desenvolvimento, Psicologia Escolar e Educacional, Psicologia Social e Avaliação Psicológica. Possui números desde 1991, em formato bianual até 2003; de 2004 a 2017, formato trianual e, a partir de 2017, formato de publicação continuada. Seu esquema de revisão é duplamente cega.

Patrocinada pelo Programa de Apoio às Publicações Científicas periódicas da USP, CNPq e Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia, os autores também não precisam pagar taxa de publicação e todos os artigos estão disponíveis em acesso aberto.

É indexada por Scopus (CiteScore 2020 0,7; SJR 2020, 0,176; SNIP 2020, 0,343), em duas áreas: Ciências Sociais (Educação), ranking 896/1319; e Psicologia (Psicologia Geral), ranking 163/203. Na avaliação Qualis periódicos, também apresenta classificação em oito áreas diferentes, entre Ciências Humanas e Ciências da Saúde. Para Psicologia, é Qualis A1.

Figura 25 — Classificação Capes para a revista *Paidéia* (quadriênio 2013-2016)

ISSN	Título	Área de Avaliação	Classificação
1982-4327	PAIDÉIA (USP. ONLINE)	ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA E DE EMPRESAS, CIÊNCIAS CONTÁBEIS E TURISMO	B1
1982-4327	PAIDÉIA (USP. ONLINE)	EDUCAÇÃO	A1
1982-4327	PAIDÉIA (USP. ONLINE)	EDUCAÇÃO FÍSICA	B2
1982-4327	PAIDÉIA (USP. ONLINE)	INTERDISCIPLINAR	A1
1982-4327	PAIDÉIA (USP. ONLINE)	MEDICINA I	B4
1982-4327	PAIDÉIA (USP. ONLINE)	MEDICINA II	B4
1982-4327	PAIDÉIA (USP. ONLINE)	PSICOLOGIA	A1
1982-4327	PAIDÉIA (USP. ONLINE)	SAÚDE COLETIVA	B2

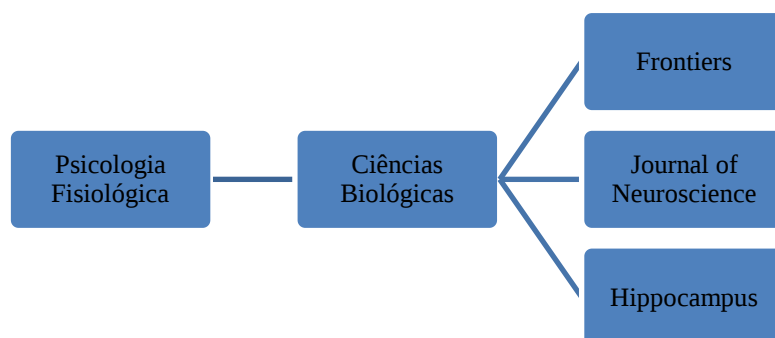
Fonte: Capes (2022)

No intervalo de 2017-2021, publicou 216 artigos originais, sendo 212 de pesquisadores de países latinoamericanos, mais especificamente, 209 brasileiros. Apenas quatro artigos apresentaram autoria do Norte, notadamente Estados Unidos e Espanha. A lista de 2021 mostra 132 pareceristas *ad hoc*, dos quais 117 são brasileiros, 14 portugueses e um chileno.

4.3.4.2 Psicologia Fisiológica

Na especialidade de Psicologia Fisiológica, o pesquisador indicou três periódicos distintos, todos eles estrangeiros, com indexação nos principais bancos de dados científicos:

Organograma 2 — Periódicos de Psicologia Fisiológica



Fonte: Elaborado pela autora

○ Frontiers

Frontiers é o nome geral de todos os 138 periódicos de várias áreas de conhecimento, da editora Fronties Media, da Suíça. A resposta de nosso participante não detalhou qual periódico em específico ele se refere, por esse motivo deduzimos que a indicação seria do periódico *Frontiers in Psychology*.

Ele é definido pelos seus editores como o maior periódico de sua área e é indexado por Scopus e SCImago como Psicologia (Miscelânea, Q2). Possui Índice H 110, Fator de Impacto é 3,5; CiteScore 3,5; SJR 20200.947; SNIP 20201.460. Na classificação Capes, mostra uma interface bastante disciplinar, apresentando Qualis em 26 áreas de avaliação diferentes, das quais se destaca Psicologia, Ciências Agrárias, Educação Física e Saúde Coletiva, com Qualis A1:

Figura 26 — Classificação Capes para a revista Frontiers (quadriênio 2013-2016)

ISSN	Título	Área de Avaliação	Classificação
1664-1078	FRONTIERS IN PSYCHOLOGY	ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA E DE EMPRESAS, CIÊNCIAS CONTÁBEIS E TURISMO	A2
1664-1078	FRONTIERS IN PSYCHOLOGY	ARTES	C
1664-1078	FRONTIERS IN PSYCHOLOGY	ASTRONOMIA / FÍSICA	B2
1664-1078	FRONTIERS IN PSYCHOLOGY	BIODIVERSIDADE	B1
1664-1078	FRONTIERS IN PSYCHOLOGY	BIOTECNOLOGIA	B1
1664-1078	FRONTIERS IN PSYCHOLOGY	CIÊNCIA DA COMPUTAÇÃO	B3
1664-1078	FRONTIERS IN PSYCHOLOGY	CIÊNCIAS AGRÁRIAS I	A1
1664-1078	FRONTIERS IN PSYCHOLOGY	CIÊNCIAS AMBIENTAIS	B2
1664-1078	FRONTIERS IN PSYCHOLOGY	CIÊNCIAS BIOLÓGICAS I	B1
1664-1078	FRONTIERS IN PSYCHOLOGY	CIÊNCIAS BIOLÓGICAS II	B1
1664-1078	FRONTIERS IN PSYCHOLOGY	CIÊNCIAS BIOLÓGICAS III	B1
1664-1078	FRONTIERS IN PSYCHOLOGY	ECONOMIA	B1
1664-1078	FRONTIERS IN PSYCHOLOGY	EDUCAÇÃO	B1
1664-1078	FRONTIERS IN PSYCHOLOGY	EDUCAÇÃO FÍSICA	A1
1664-1078	FRONTIERS IN PSYCHOLOGY	ENFERMAGEM	A2
1664-1078	FRONTIERS IN PSYCHOLOGY	ENGENHARIAS IV	B1
1664-1078	FRONTIERS IN PSYCHOLOGY	ENSINO	B2
1664-1078	FRONTIERS IN PSYCHOLOGY	FILOSOFIA	B1
1664-1078	FRONTIERS IN PSYCHOLOGY	INTERDISCIPLINAR	A2
1664-1078	FRONTIERS IN PSYCHOLOGY	LINGUÍSTICA E LITERATURA	B1
1664-1078	FRONTIERS IN PSYCHOLOGY	MEDICINA I	B1
1664-1078	FRONTIERS IN PSYCHOLOGY	MEDICINA II	B1
1664-1078	FRONTIERS IN PSYCHOLOGY	MEDICINA II	B1
1664-1078	FRONTIERS IN PSYCHOLOGY	NUTRIÇÃO	B1
1664-1078	FRONTIERS IN PSYCHOLOGY	PSICOLOGIA	A1
1664-1078	FRONTIERS IN PSYCHOLOGY	SAÚDE COLETIVA	A1

Fonte: Capes (2022)

Os artigos não são publicados em volumes e números, ficam dispostos no site de acordo com a data de publicação. Para navegar entre os textos, é possível buscar por algum título ou autor específico, ou ainda por intervalo de tempo. Os leitores conseguem acessar todo o conteúdo da revista de forma gratuita, pois ela segue os princípios do acesso aberto. Em contrapartida, os autores precisam pagar uma taxa de publicação que varia de U\$ 2950,00 a U\$ 0, a depender do tipo de artigo.

De todos os periódicos estudados, é o que assume tom mais comercial e publicitário, ao escrever seções específicas sobre as razões pelas quais os autores devem publicar na revista e ao criar slogans como “Avaliação minuciosa, imparcial, rápida e transparente” (*Thorough, Unbiased, Fast and Transparent Review*), vendendo a ideia de que muitos dos problemas que naturalmente ocorrem em outros processos de revisão pelos pares não ocorrem na revista. A resposta de [22] confirma a questão da velocidade na revisão, pois teve seu artigo publicado em oito meses, considerando que só os experimentos adicionais levaram três

meses. Inferimos que no caso de esses experimentos novos não terem sido necessários, a publicação ocorreria antes ainda.

O periódico explica que durante o processo de avaliação, os pareceristas sabem quem são os autores, mas os autores não sabem quem são os pareceristas. Após a resposta, os pareceristas são revelados, como forma de manter a transparência no processo. Nesse momento, a revisão se torna colaborativa, pois reúne autores, pareceristas e editores em diálogo online e direto para a melhoria do manuscrito.

A contabilidade dos artigos publicados nos últimos cinco anos, em relação à proporção de autores brasileiros e latinoamericanos, provou-se inviável, uma vez que nesse intervalo de tempo há mais de treze mil artigos na revista. De certa forma, essa quantidade alta de artigos publicados pela revista pode evidenciar tanto o apreço pelo diálogo acadêmico, como frisam em vários momentos, quanto o apelo comercial do periódico, com práticas mercantes.

- Journal of Neuroscience

O *Journal of Neuroscience* é uma publicação americana, organizada pela *Society for Neuroscience* e publicado pela editora americana *Wiley-Blackwell*, desde 1981. É um periódico multidisciplinar que publica artigos em uma variedade de tópicos em pesquisas relacionadas ao sistema nervoso. Sua periodicidade de publicação é semanal, isto é, por mês, lança quatro ou cinco novos volumes, aproximadamente 48 volumes anuais.

É indexado por Scopus, como Neurociência (Miscelânea, Q1), por SCImago. Possui Índice H 455; CiteScore 10,3; SJR 2020 3,48; e Fator de Impacto 4,164. Em outras palavras, é um periódico de alto impacto para sua área de avaliação. Na indexação brasileira, possui Qualis para outras áreas de conhecimento, a maioria relacionada com Ciências da Saúde:

Figura 27 - Classificação Capes para a revista *Journal of Neuroscience* (quadriênio 2013-2016)

ISSN	Título	Área de Avaliação	Classificação
0270-6474	THE JOURNAL OF NEUROSCIENCE	ASTRONOMIA / FÍSICA	A2
0270-6474	THE JOURNAL OF NEUROSCIENCE	CIÊNCIA DA COMPUTAÇÃO	B1
0270-6474	THE JOURNAL OF NEUROSCIENCE	CIÊNCIAS BIOLÓGICAS I	A1
0270-6474	THE JOURNAL OF NEUROSCIENCE	CIÊNCIAS BIOLÓGICAS II	A1
0270-6474	THE JOURNAL OF NEUROSCIENCE	CIÊNCIAS BIOLÓGICAS III	A1
0888-0395	THE JOURNAL OF NEUROSCIENCE NURSING	ENFERMAGEM	A1
0270-6474	THE JOURNAL OF NEUROSCIENCE	ENGENHARIAS IV	A2
0270-6474	THE JOURNAL OF NEUROSCIENCE	FARMÁCIA	A1
0270-6474	THE JOURNAL OF NEUROSCIENCE	INTERDISCIPLINAR	A1
0270-6474	THE JOURNAL OF NEUROSCIENCE	MEDICINA I	A1
0270-6474	THE JOURNAL OF NEUROSCIENCE	MEDICINA II	A1
0270-6474	THE JOURNAL OF NEUROSCIENCE	ODONTOLOGIA	A1
0270-6474	THE JOURNAL OF NEUROSCIENCE	PSICOLOGIA	A1

Fonte: Capes (2022)

A revisão é duplo-cega e anônima e não se cita o período médio de espera para avaliação do manuscrito. Os autores cujos textos forem aceitos precisam pagar uma taxa de U\$ 1595 ou U\$ 2270 – membros e não membros da *Society for Neuroscience*, respectivamente. Não seguem o princípio da ciência aberta, de forma que os leitores precisam pagar para acessar os artigos da publicação ou os autores pagam uma taxa de U\$ 3475 dólares para que o artigo fique disponível em formato aberto.

Como a revista apresenta um alto número de volumes anuais, coletamos informações relacionadas com o último ano de publicação, 2021. Neste ano, o *jornal* contou com 48 volumes e 576 artigos originais, dos quais apenas três foram de pesquisadores brasileiros e um artigos de filiação argentina. O periódico também fornece, em alguns volumes, a lista de pareceristas *ad hoc* que contribuíram com o número, entretanto essa lista não está em formato aberto, de maneira que não foi possível acessá-la, a menos que pagássemos o valor de 35 dólares, por lista.

○ Hippocampus

A revista *Hippocampus* é publicada desde 1991, pela editora norte-americana *Wiley-Blackwell* e se interessa especificamente pelos aspectos neurobiológicos do hipocampo, seja sua formação ou sua interação com outras regiões cerebrais. *Hippocampus* aceita experimentos multidisciplinares, artigos teóricos, artigos originais e estudos clínicos. Os

editores esclarecem que encorajam “a submissão de artigos que contribuem para o entendimento funcional da formação do hipocampo.”⁶⁹

O periódico é indexado no *Science Citation Index*, da WoS, com Fator de Impacto 3,899 e Scopus (Cite Score 2021 5,9, SJR 2020 1,767 e SNIP 2020 0,9), ocupando ranking 26/96 em Neurociência Cognitiva, quartile 1. Possui índice H 155. No Qualis, é classificado em A1 e A2 nas áreas de Ciências Biológicas e Saúde. Psicologia é a única área de Ciências Humanas.

Figura 28 — Classificação Capes para a revista *Hippocampus* (quadriênio 2013-2016)

ISSN	Título	Área de Avaliação	Classificação
1050-9631	HIPPOCAMPUS (NEW YORK, N.Y. PRINT)	CIÊNCIAS BIOLÓGICAS I	A2
1050-9631	HIPPOCAMPUS (NEW YORK, N.Y. PRINT)	CIÊNCIAS BIOLÓGICAS II	A2
1050-9631	HIPPOCAMPUS (NEW YORK, N.Y. PRINT)	EDUCAÇÃO FÍSICA	A2
1050-9631	HIPPOCAMPUS (NEW YORK, N.Y. PRINT)	INTERDISCIPLINAR	A1
1050-9631	HIPPOCAMPUS (NEW YORK, N.Y. PRINT)	MEDICINA I	A2
1050-9631	HIPPOCAMPUS (NEW YORK, N.Y. PRINT)	MEDICINA II	A2
1050-9631	HIPPOCAMPUS (NEW YORK, N.Y. PRINT)	MEDICINA III	A2
1050-9631	HIPPOCAMPUS (NEW YORK, N.Y. PRINT)	NUTRIÇÃO	A2
1050-9631	HIPPOCAMPUS (NEW YORK, N.Y. PRINT)	PSICOLOGIA	A2

Fonte: Capes (2022)

A avaliação é cega, de forma que o autor não conhece a identidade dos pareceristas. É possível o aceite de artigos que já tenham sido disponibilizados em servidores *preprint* ou em site pessoal do autor, mas exigem que os autores relacionem o *preprint* com o artigo publicado nos servidores e que citem apenas a versão da revista em outros trabalhos.

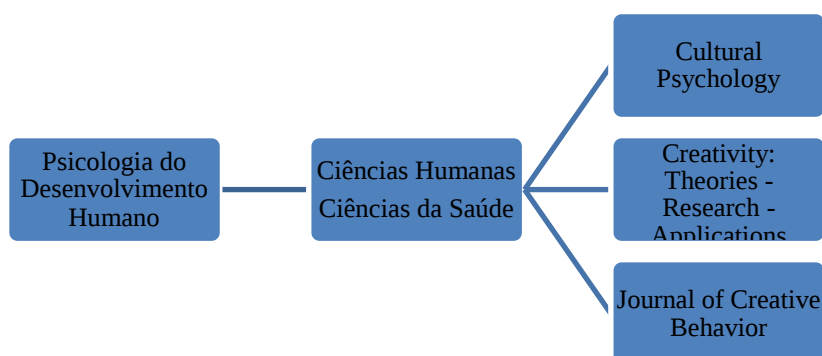
A proporção de autores por nacionalidade revela que a participação de pesquisadores brasileiros e latinoamericanos no jornal é mínima. Dos 378 artigos publicados entre 2017-2021, apenas 18 são da América Latina, e cinco brasileiros.

4.3.4.3 Psicologia do Desenvolvimento Humano

Esta subseção analisa as políticas editoriais de dois periódicos de Psicologia do Desenvolvimento. Como já foi comentado, o pesquisador citou três revistas, mas se confundiu no nome de uma delas.

Organograma 3 — Periódicos de Psicologia do Desenvolvimento

⁶⁹ “the submission of papers that contribute to a functional understanding of the hippocampal formation”. (HIPPOCAMPUS, 2022).



Fonte: Elaborado pela autora

- Creativity: Theories - Research – Applications

Creativity: Theories - Research – Applications é uma revista do grupo Sciendo De Gruyter, da Polônia. Em funcionamento desde 2015, possui oito volumes, publicados em números bianuais, todos os artigos são publicados em língua inglesa, único idioma aceito pela revista. Seu escopo é a criatividade humana e toda sua complexidade, do ponto de vista psicológico, sociológico, educacional, entre outros.

A revista é indexada pelo Scopus (CiteScore 2020:1.0; SJR 2020, 0.164; SNIP 2020 0.309) e SCImago em quatro áreas – Artes e Humanidades (Miscelânea, Q3); Artes Visuais (Q1); Ciência de Decisão (Estatística, Probabilidade e Incerteza, Q3) Artes, Ciências Sociais (Educação, Q3) e Psicologia (Psicologia Social, Q3). Não aparece na plataforma Sucupira e também não é indexada pelo WoS, motivo pelo qual não possui fator de impacto. O jornal também se organiza em acesso aberto.

No intervalo entre 2017-2021, publicou 96 artigos originais, apenas 6 de pesquisadores latinoamericanos, incluindo, desse número, quatro manuscritos brasileiros. A nacionalidade dos outros artigos é predominantemente europeia. Sobre o processo de revisão, segue o esquema cego-duplo e anônimo, sem menção ao tempo médio de resposta. Similar a *Athenea*, disponibiliza lista de pareceristas que prestam serviço para a revista. No ano de 2021, dos 34 pareceristas listados, três são latinoamericanos - dois brasileiros e um argentino.

- Journal of Creative Behavior

Journal of Creative Behavior é uma publicação americana, da Wiley-Blackwell, e responsabilidade da *Creative Education Foundation*, desde 1967. Possui 55 volumes, publicados em quatro números anuais. Publica artigos originais sobre criatividade em diferentes contextos. Indexado pelo Scopus (CiteScore 2020 4, SJR 2020 0,896; SNIP 2,033) e pela Social Sciences Citation Index (Fator de impacto 3,153). Em SCImago é classificação Q1, com Índice H 55. Possui classificação em três segmentos: Artes e Humanidades (Artes Visuais, ranking 5/532), Ciências Sociais (Educação, ranking 150/1319), Psicologia (Psicologia do Desenvolvimento e da Educação; 75/332). Na classificação Capes, é Qualis A2 apenas em Psicologia, não apresenta classificação em outras áreas.

Figura 29 - Classificação Capes para a revista *Journal of Creative Behavior* (quadriênio 2013-2016)

ISSN	Título	Área de Avaliação	Classificação
0022-0175	THE JOURNAL OF CREATIVE BEHAVIOR	PSICOLOGIA	A2

Fonte: Capes (2022)

O periódico não segue a prática de acesso aberto, a menos que os autores paguem a taxa de U\$ 2550 pela publicação nesse formato. Para a leitura dos artigos que não foram ofertados em acesso aberto, os leitores devem integrar organizações que pagam as taxas da editora ou precisam comprar a permissão de leitura. O periódico fomenta a via verde de publicação, os autores podem arquivar o arquivo pré-publicado, a qualquer momento, em páginas como ResearchGate e Google Scholar, e o arquivo é publicado depois de um período pré-estipulado.

A revisão é duplo-cega e anônima. Primeiramente, o editor decide se o manuscrito atende as normas e o escopo da revista e, caso atenda, o artigo será avaliado por dois pareceristas diferentes. Eles não citam o tempo médio de espera para a resposta, apenas que o autor terá 90 dias para submeter o artigo revisado, caso sejam solicitadas mudanças.

A participação de autores brasileiros e latinoamericanos, nos dois periódicos dessa especialidade, se alinha com as revistas de Psicologia Fisiológica, isto é, há baixa participação desses pesquisadores. Dos 242 artigos originais, oito são latinoamericanos e um brasileiro.

- Comparação entre os periódicos

A partir dos periódicos indicados pelos participantes, é possível fazer um contraponto entre as especialidades às quais os pesquisadores da Fase-II estão vinculados. Os dois

pesquisadores inseridos no campo da Psicologia Social, provavelmente pelo escopo mais local de suas investigações, indicaram periódicos com diálogo maior com outros pesquisadores brasileiros e latinoamericanos, além de clara intersecção com outras subáreas de Ciências Humanas e da Saúde. Com exceção de *Athenea*, as outras três publicações não são indexadas pela base WoS. Nota-se também predomínio de impacto médio e baixo.

Já os pesquisadores de Psicologia Fisiológica e Psicologia do Desenvolvimento, selecionaram revistas de caráter internacional, alto impacto nas bases mais reconhecidas da Ciência e pouca presença de pesquisas brasileiras, indicando que o ideal é que consigam estabelecer conversas científicas com a comunidade internacional.

Chama a atenção o impacto das novas formas de publicação na alteração da política editorial dos periódicos. Entre 2012 e 2014, durante minha pesquisa de Mestrado, eu trabalhei com alguns periódicos da área de Ciências Humanas a fim de analisar a estrutura retórica do gênero abstract. As políticas editoriais de dez anos atrás não mencionavam as práticas de *preprint* e de via verde ou dourada de disponibilização dos artigos, fato observado principalmente nas revistas americanas, de política de acesso fechado.

4.3.5 Questão 5

A quinta questão - *Alguns pesquisadores participantes da Fase-I da pesquisa relataram publicar em língua inglesa, em periódicos nacionais, por considerarem mais fácil do que a publicação em periódicos internacionais. Você concorda? Justifique.* – apresentou posicionamentos divididos. Em 50% das respostas, os pesquisadores sinalizaram não poder responder à questão por não terem informações a respeito:

[364] [Psicologia do Desenvolvimento] *Não passei por essa experiência*

[373] [Psicologia Social] **Não sei avaliar essa questão** especificamente em meu campo.

A outra metade das respostas foi de concordância:

[389] [Psicologia Social] **Sim, é verdade.** Mas eu e muitos colegas publicamos mais em português do que em inglês, nos periódicos nacionais.

[22] [Psicologia Fisiológica] **Concordo, muito dos termos que uso no dia-a-dia não possuem tradução boa o suficiente em português,** o que desacelera o processo de escrita. Sem mencionar que em inglês o seu trabalho possui uma *maior chance de ser citado*.

A partir das respostas dois pontos se destacam: (i) a questão da visibilidade, conforme já assinalado e discutido em S5Q2, da Fase-I; (ii) a facilidade maior em escrever em inglês devido à terminologia específica da área.

O sintagma *possuir tradução boa o suficiente em português*, escrito por [22], chama bastante a atenção. Por meio dessa afirmação, vê-se que o pesquisador atribui o pertencimento dos termos específico de sua área à língua inglesa. Nesse sentido, pode-se enxergar uma verticalização no eixo de relação da pesquisa brasileira - pesquisa anglófona, em que a segunda possui o crédito, a terminologia, os periódicos, e a segunda se adequa a tal dinâmica. Em outras palavras, nota-se uma relação assimétrica e colonial na forma pela qual esse pesquisador entende as práticas de pesquisa de sua especialidade. Essa leitura pode ser fortificada se considerarmos também os periódicos indicados por [22], todos publicados apenas em inglês e por grandes editoras que cobram taxas abusivas para publicação de artigo em acesso fechado, também indexados pela base hegemônica do WoS e com alto fator de impacto.

A maior facilidade em escrever em inglês ocasionado pela custódia do idioma na linha de pesquisa já foi discutido por Soler (2019). Em um estudo com seis pesquisadores internacionais, de variadas áreas, estabelecidos em universidades suecas, doutores há no máximo cinco anos, Soler (2019) descobre que esses cientistas não se sentem em desvantagem por não ter inglês como língua adicional, inclusive, preferem escrever no idioma franco, justamente pela facilidade terminológica. A facilidade de se escrever em língua inglesa, devido à terminologia, dificilmente ocorrerá em especialidades que partem do pensamento decolonial, pois o parâmetro de suas investigações não é o pensamento abissal do Norte, e sim outros estudos conduzidos em contextos semelhantes.

4.3.6 Questão 6

A questão 6 - *Na Fase-I, os participantes de Psicologia relataram um grau de moderado a alto na escrita das seções de artigo de pesquisa, em língua inglesa (introdução, literatura, resultados, discussão e considerações finais), além de também sinalizarem problemas em avaliar o escopo e as expectativas dos periódicos para publicação. Na sua experiência pessoal, quais as maiores dificuldades que você encontra frente à tarefa de precisar escrever um artigo acadêmico em língua inglesa? Justifique.* – dialoga com os achados das questões S4Q13 (Qual nível de dificuldade você encontra nos processos abaixo, em língua inglesa? Necessidades frente à língua, ao texto, aos processos de publicação), do Questionário Inicial, aplicado na Fase-I.

Nessa questão, os sujeitos da subárea de Psicologia foram aqueles que demonstraram maior nível de dificuldade nas dimensões investigadas, um dos motivos pelos quais a subárea foi selecionada para integrar a Fase-II. Os resultados da questão, em porcentagem, foram:

Tabela 17 — Resultados de S4Q13, de Psicologia

S4Q13		Razoável	Muita
Necessidades frente ao texto	- Introdução	34,37%	9,30%
	- Revisão de literatura	40,62%	6,25%
	- Materiais e métodos	18,75%	3,12%
	- Discussão	37,50%	18,75%
	- Considerações finais	37,50%	6,25%
	- Resumo	25,00%	0,00%
	- Resultados	43,75%	3,12%
41%		34%	7%
Necessidades frente à	- Língua, em geral	40,62%	12,50%
	- Língua para fins acadêmicos	37,50%	15,62%
53%		39%	14%
Necessidades frente às dinâmicas de publicação	- Resposta e discussão com parecerista e editores	34,37%	18,75%
	- Conhecimento das expectativas do periódico	43,75%	15,62%
	- Escopo do periódico para publicação	28,12%	18,75%
	- Formatação do artigo	28,12%	15,62%
	- Pouco financiamento para publicação	18,75%	65,62%
57%		31%	27%

Fonte: Elaborado pela autora

Em porcentagens gerais, a dimensão de *Dinâmicas Frente à Publicação* foi a com mais porcentagens de respostas *muita* e *razoável* nível de dificuldade (57%); *Língua* foi a segunda colocada (53%) e, finalmente, *Texto* (41%). Ponderando as opções individualmente, aquelas com mais de 50% de respostas indicando dificuldade, em ordem decrescente são: *Financiamento* (84,37%), *Expectativas do Periódico* (59,37%), *Escrita dos Resultados* (56,25%), *Língua Geral* (53,12%), *Língua Acadêmica* (53,12%) e *Diálogo com Editores e Pareceristas* (53,12%). O pouco financiamento para a publicação foi o item mais problemático para os participantes, porém, não foi citado no questionamento da Fase-II, pois entendemos que a obtenção ou não de financiamento está mais relacionada ao nível político e não propriamente acadêmico.

Uma das respostas indica que o pesquisador não consegue respondê-la por não ter passado pela experiência, ainda que ele não detalhe a qual experiência se refere:

[364] [Psicologia do Desenvolvimento] Não passei por essa experiência

A questão 7, do Questionário 2, menciona as partes do artigo científico e as expectativas e escopo dos periódicos. A dimensão língua, especificamente, não é citada, e, mesmo assim, 50% das respostas a problematiza:

[389] [Psicologia Social] **A própria estrutura da língua e os padrões de redação científica adotados internacionalmente** ou mesmo particularmente, em alguns periódicos.

[22] [Psicologia Fisiológica] Eu sempre **preciso de outra pessoa revisando meu texto**, devido à forma como eu aprendi inglês (auto-didata).

A partir das duas respostas elencadas acima, depreende-se o “fardo extra” que esses pesquisadores sentem em precisar, devido às exigências institucionais e disciplinares, escrever academicamente em uma língua que não é a sua materna. Esse dado não é novidade nesta pesquisa. Na Fase-I, em diferentes perguntas, o desconforto dos pesquisadores com a língua se sobressai, não como a única dificuldade vivenciada por eles, mas como algo relevante. Esse dado vai ao contrário do que advoga Hyland (2016) e aponta para a direção de a injustiça linguística não é um mito, e sim um fato real muito presente na vida desses cientistas. Neste ponto, os dados fomentam e se alinham novamente com a tese de Flowerdew (2019) de que os elementos extralinguísticos, como expertise, acesso a tecnologias e financiamento, por exemplo, impactam enormemente o (in)sucesso das publicações dos pesquisadores, mas que isso não descaracteriza também a influência da língua.

A única resposta que ilumina um pouco a questão em torno dos motivos pelos quais os resultados são particularmente controversos para a subárea, é a dada pela pesquisadora [373]:

[373] [Psicologia Social] A **expressão de ideias sutis e locais** que fazem parte das pesquisas em Psicologia Social Brasileira.

Pode-se relacionar o sintagma *expressão de ideias sutis e locais* com as questões de localidade de pesquisa e pesquisas decoloniais. Como já mencionado anteriormente, Psicologia Social é uma vertente de estudos psicológicos que estuda o indivíduo inserido em sociedade, logo, as particularidades de dado contexto social são extremamente relevantes para os resultados da área. A relevância do contexto e da localidade se contrapõe ao pensamento do centro e do Norte de que a pesquisa deve ser universalizada para ser relevante. Ainda assim, a língua inglesa faz parte das práticas de publicação da especialidade, o que gera um ponto de tensão no que toca à dosagem entre o que é local e o que é universal na pesquisa. A partir desse ponto, discussões em torno da geopolítica da escrita acadêmica parecem fulcrais para Psicologia e devem integrar o currículo de cursos voltados para escrita acadêmica e publicação.

4.3.7 Questão 7

A questão 7 - *Quais suas expectativas em relação a cursos que abordem escrita acadêmica em língua inglesa? Qual tipo de conteúdo você acha que seria relevante para suprir suas necessidades - ou a necessidade de seus alunos - em relação à escrita e as práticas de sua especialidade de pesquisa?* – visa entender melhor a necessidade dos pesquisadores de Psicologia frente à cursos de inglês para fins de publicação. Essa questão dialoga com S7Q4 – *Quais suas necessidades de aprendizagem com relação às etapas que envolvem a escrita de um artigo?* - no sentido de expandi-la. Na Fase-I, Ciência Política e Psicologia são as subáreas que sinalizaram bastante/muita dificuldade com maior frequência, ainda que com porcentagens baixas, que não ultrapassam os 20%. A tabela abaixo organiza as porcentagens de Psicologia, nas dimensões investigadas:

Tabela 18 — Dados S7Q4, de Psicologia

	Muita	Bastante	Alguma	Total
Expressar claramente minha interpretação dos resultados	7,89%	18,42%	26,30%	18%
Organizar ideias	7,89%	15,78%	21,05%	16%
Expressar minhas alegações com confiança e e assertividade	13,15%	13,15%	21,05%	13%
Progressão textual para os leitores entenderem minha argumentação	12,80%	15,38%	20,51%	16%
Relacionar diferentes partes do artigo (ideias, parágrafos, seções)	13,51%	5,40%	21,62%	14%
Escrever estilo acadêmico apropriado a minha disciplina. Ex: (im)personalidade	13,15%	2,63%	15,78%	11%
Expressar minhas ideias com a gramática adequada	10,52%	15,78%	18,42%	15%
Aprender terminologia específica de minha área e da academia	7,89%	7,89%	7,89%	8%
Expressar a relevância de minha contribuição	10,25%	10,25%	25,64%	15%
Revisar a literatura apropriadamente	5,26%	18,42%	13,15%	12%

Fonte: Elaborado pela autora

Os pesquisadores manifestaram maior necessidade, em primeiro lugar, de *expressar claramente a interpretação dos resultados*, e, em segundo lugar, de *organizar ideias e progressão textual*. O tópico com menos relevância é *aprender terminologia de minha área*. A questão 7, da Fase-II, não citou nenhuma questão em específico, para não direcionar as respostas dos respondentes.

Em linhas gerais, as respostas se concentraram no que codificamos como *construção de um artigo*:

[389] [Psicologia Social] Tenho muita vontade de fazer um curso que acrescente neste sentido, mas **precisaria de muita prática** também. Não poderia ser um curso rápido. Creio que poderia trabalhar *etapas da produção ou o ajuste de um artigo para submissão a um periódico*.

[364] [Psicologia do Desenvolvimento] Entendo que deve ser um curso que auxilie a **apontar as diferenças de textos em língua portuguesa e inglesa**, ou seja, o que é **mais esperado e importante na construção de um texto em inglês**.

[373] [Psicologia Social] Que se discutisse **como construir artigos que não sigam uma lógica pré-formatada**. Quais os **eixos centrais que precisam ser articulados e destacados no artigo**.

Uma resposta citou especificamente a gramática

[22] [Psicologia Fisiológica] Acho uma ideia excelente, para ensinar normas de **padronização e gramática**, eu seria imensamente beneficiado após um curso como esse, ganharia confiança na minha escrita.

A partir do que foi investigado nas duas fases desta pesquisa, um curso, em inglês, para fins de publicação e pesquisa para a subárea de Psicologia deve dedicar tempo especial à seção resultados, do artigo de pesquisa, tanto na dimensão mais textual quanto na dimensão cultural e política, debatendo com os participantes as questões de centralidade e periferia, universalidade e localidade e relacionando-as com as suas especialidades. Ademais, a discussão em torno das dinâmicas de publicação, desde a escolha do periódico mais adequado, considerando a grande interdisciplinaridade da subárea que muitas vezes torna essa escolha difícil de manejar com os escopos editoriais das revistas, até a negociação com editores e pareceristas para revisão dos manuscritos entre a aprovação e a publicação, parece essencial.

Considerando essas necessidades, o desenho de curso proposto por Vieira (2019) aparenta ser adequada. Vieira (2019) elaborou e conduziu um curso para pesquisadores da área de Ciências da Computação, fundamentado nas teorias crítico-complexas, com vistas a promover o letramento acadêmico de escrita do gênero *abstract* para pesquisadores deste contexto. Neste curso, a autora desenvolveu uma série de atividades que contemplaram não só as convenções retóricas e linguísticas de *abstracts*, mas também o pensamento crítico acerca dos processos de publicação acadêmica e sua não neutralidade, das relações sociais-político-ideológicas que influencia o processo de escrita e publicação, da comunidade acadêmica e do fazer científico de sua área de atuação.

Um dos pontos salientados por [389] é essencial: a *prática*. A Fase-I debateu em torno da dicotomia novato *versus* perito, e o impacto disso para a escrita e publicação. Em S7Q1 – *Quais das seguintes estratégias te ajudariam a melhorar sua escrita acadêmica para fins de publicação – o feedback*, seja de orientadores, colegas e/ou pareceristas, foi o mais citado como ferramenta de ajuda.

Levando em consideração que em S7Q2 - *Você acha que precisa continuar seus estudos em escrita de artigos de pesquisa com a finalidade de publicação?* – a maior porcentagem dos respondentes que responderam *sim* eram doutorandos ou recém-doutores,

um curso, voltado para atividades mais práticas, poderia ser o atalho para que os novatos, a partir da prática e do *feedback*, consigam modelar e adequar seu fazer-publicar pesquisa de forma mais eficiente não pelos os anos de profissão e sim pelo estudo.

Não creio que qualquer curso substitua a proficiência desenvolvida com as interações reais e com os anos de experiência, mas, em concordância com Vieira (2019), pode fazer a diferença para que os novatos façam uma transição mais segura e mais rápida na sua condição de espectador da sua comunidade para membro efetivo. Os dados apresentados por Vieira (2019, p.189) fomentam essa questão ao mostrar que os alunos de seu curso para *abstract* afirmaram “ter desenvolvido conhecimentos críticos a respeito do contexto de produção, circulação e consumo do gênero-alvo, relacionados a questões políticas e sociais que determinam relações de poder e acesso nos processos de publicação acadêmica de periódicos/congressos com alto fator de impacto em CC”.

O ponto que toda discussão desenvolvida parece levar é na importância inexorável do outro no processo de aprendizagem de escrita. Ainda que o trabalho da pesquisa seja tido pelo senso comum como um trabalho solitário, na verdade, vê-se que ele é permeado da presença de inúmeras outras pessoas que influenciam e moldam tanto o processo da pesquisa em si quanto o produto final em formato de texto.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta investigação desenvolveu o que nomeamos Projeto BRAPuH (*Brazilian Publication in Humanities/ Pesquisa brasileira em Humanidades*). Composto por duas fases, o projeto, em sua Fase-I, mapeou as práticas, estratégias, motivações, dificuldades em escrita acadêmica de artigos e necessidades de cursos específicos de escrita acadêmica, em língua inglesa e portuguesa, de pesquisadores brasileiros de Ciências Humanas, Letras, Linguística e Artes. A Fase-II aprofundou a investigação na subárea de Psicologia, a qual se destacou pelo inglês ser língua franca dos pesquisadores participantes e pela dificuldade e necessidade de cursos expressadas pelos respondentes, no Questionário Inicial.

Cada uma das fases contou com duas perguntas de pesquisa como fios condutores. Em resposta a nossa primeira pergunta - *Quais as práticas de publicação de pesquisa brasileira em Ciências Humanas, Letras, Linguística e Artes, no cenário nacional e internacional?* - os resultados iniciais apontam para uma subdivisão das subáreas de pesquisa analisadas. Ainda que todos integrem o mesmo campo do saber, notou-se um alinhamento de práticas de publicação e impacto em Arqueologia, Ciência Política e Psicologia, voltadas à hegemonia da língua inglesa como língua franca acadêmica. Além disso, os dados de produção de artigos nas três subáreas indicam que elas compõem a centralidade de pesquisa em Ciências Humanas, Letras, Linguística e Artes, especialmente Arqueologia, que se revelou como a subárea com relações internacionais mais solidificadas.

Na contramão desse achado, Letras e Educação despontaram como as subáreas mais resistentes ao uso do inglês como língua franca acadêmica, o que parece ser vinculado aos seus recortes de pesquisa mais locais. Educação, em especial, parece ser a subárea mais local, isto é, com escopos de pesquisas mais específicos contextualmente, no que concerne às práticas de publicação em língua inglesa. Se adotarmos o ponto de vista do pensamento abissal, podemos ver que Educação e Letras ocupariam a “periferia da periferia”, ou seja, a área de Humanidades, em comparação com Exatas e Biológicas, localiza-se na periferia de pesquisa, mas dentro da área, Educação e Letras seriam ainda mais periféricas.

Quando se tem acesso às métricas ou aos rankings de forma isolada, principalmente se analisados por leigos, jaz nas entrelinhas que o sentimento dessas áreas ditas “periféricas” é a de insatisfação e desejo de se igualar àquelas ditas “centrais”, e isso não é possível porque os trabalhos são menos interessantes ou os pesquisadores menos proficientes. Na realidade, a depender da ótica adotada, muda-se a interpretação desse cenário.

Se adotarmos o ponto de vista das pesquisas decoloniais ou, como defende Souza Santos (2010), da epistemologia do Sul, entende-se que essas áreas apenas partem de um fazer científico diferente daquele que foi adotado como o “melhor”. Logo, é um equívoco creditar esse cenário à incompetência, e sim a outras necessidades que essas áreas necessitam para que seu diálogo acadêmico caminhe.

No que tange ao cenário de publicação, os pesquisadores revelaram a centralidade do artigo de pesquisa, em detrimento até mesmo do livro, que até poucos anos atrás era a principal forma de diálogo acadêmico. Gómes et al. (2006) e Fiorin (2007) argumentam que as Ciências Humanas vivenciam uma abertura mais lenta e gradual à prática de publicação mais mercantilizada dos artigos de pesquisa, que são menores e mais “ágeis”, em termos tanto de tempo de elaboração e processo de publicação quanto de leitura. Quinze anos após essas afirmações, o panorama parece ser outro e uma possível interpretação para isso é um crescente alinhamento das Ciências Humanas com as práticas mais mercantilizadas de publicação.

Outro dado que indica para a adesão das Humanidades em direção à mercantilização é a coautoria. Conhecida pela primazia de publicação única, os dados mostraram que a colaboração acadêmica, em maior proporção com outros pesquisadores nacionais, já predomina.

Em relação à segunda pergunta de pesquisa - *Quais as dificuldades referentes à escrita acadêmica, em língua inglesa, sinalizadas pelos participantes da Fase-I?* - foram sinalizadas dificuldades mais acentuadas em elementos relacionados às dinâmicas de publicação. A consonância de respostas foi no fator financiamento, devido aos altos preços de tradução, revisão e publicação. Outros pontos também revelaram ser cruciais, como inexperiência, diálogo com editores e pareceristas, escolha de periódico, e preconceitos contra nacionalidade. Mesmo que o fator língua não tenha sido diretamente o tópico mais citado pelos pesquisadores, ele também demonstra ser relevante para os pesquisadores brasileiros envolvidos neste contexto de pesquisa, uma vez que relatam receber maior parte de críticas em relação a ela nos pareceres de artigos submetidos a revistas internacionais apontando necessidade de cursos de contemplem a escrita acadêmica. Portanto, nesta pesquisa, alinhamo-nos com a leitura de Politzer et al. (2016) e Flowerdew (2019) a respeito da extrema relevância de aspectos não linguísticos como influenciadores nas práticas e publicação, ao mesmo tempo em que a língua estrangeira atua como fardo extra sobre os pesquisadores não anglófonos e, como consequência, distanciamo-nos do advogado por Hyland (2016) acerca do mito da injustiça linguística sofrida por falantes não-nativos.

A afirmação de que a língua não é o único fator de desfavorecimento pode ser corroborado pelos dados colhidos e apresentados nesta pesquisa. Entretanto, pontuar que não há nenhuma vantagem para falantes nativos, como pontua Hyland (2016), naturalmente inserido em um contexto de centralidade, remete-nos à citação de Mauranen (*apud* SWALES, 1997, p.375) "de uma posição de domínio, em qualquer área, parece que as coisas não são ideológicas, enquanto para a posição de dominado, a ideologia é altamente saliente."⁷⁰.

Além da cultura disciplinar, foi possível ver a influência do *expertise* em algumas das questões investigadas, tais como a necessidade de continuar os estudos sobre escrita nas línguas materna e estrangeira. Observou-se também impacto do nível individual do pesquisador nas estratégias usadas, que foram semelhantes e indicam muito mais preferências no nível individual.

Após o aprofundamento em leituras a respeito das dinâmicas de publicação e o cotejo dessa literatura com as respostas dos participantes, prevalece a irreabilidade em querer comparar o impacto da pesquisa brasileira em um mundo que não foi moldado para nos favorecer remetendo-nos à velha anedota da corrida de qual animal sobe na árvore primeiro, mas, cujos participantes são um macaco, um elefante, um peixe e uma foca.⁷¹ Ainda que a charge tenha sido feita pensando no sistema educacional, a extensão para o contexto de publicação de pesquisa nos parece adequada.

Em um país semiperiférico, não-anglófono, que atravessa dificuldades das mais variadas ordens político-sociais, tais como cortes de verbas frequentes nas universidades, moeda constantemente desvalorizada frente ao dólar, padrão para taxas de publicação internacional, na verdade, soa como um milagre que alcancemos posições tão altas nos rankings.

A terceira pergunta de pesquisa, primeira da Fase-II - *Quais são as particularidades da subárea de Psicologia, no Brasil?* - revela que a hegemonia da língua inglesa demonstrada pelos participantes de Psicologia, na Fase-I da pesquisa, não tem o mesmo peso entre as especialidades estudadas aqui. Psicobiologia e Psicologia do Desenvolvimento, a partir das respostas dos participantes e da análise dos periódicos, seguem tópicos de pesquisa mais universalizados, pois tratam de aspectos fisiológicos e cognitivos do indivíduo que são inerentes ao corpo humano, logo de interesse mais geral. O diálogo científico é

⁷⁰ 'from a dominant position, in any field, it looks as if things are not ideological, while from a dominated position, it looks as if they are, and that ideology is highly salient' (p.c). (SWALES, 1997, p.375)

⁷¹ A charge supracitada é apresentada no anexo C.

prioritariamente em língua inglesa e os periódicos almejados são indexados nas bases de dados tradicionais.

Psicologia Social, mesmo que também privilegie inglês como língua franca, alterna o cenário com a necessidade da também publicação em língua nacional, destacando a localidade de suas pesquisas. Uma das questões assinaladas nas respostas foi justamente a dificuldade em dosar o caráter local para que a pesquisa ainda seja interessante em nível global. A tensão do centro X periferia, Norte X Sul, local X universal parece ser mais latente dentro dessa especialidade.

Por fim, a última pergunta de pesquisa - *Quais as maiores dificuldades dos pesquisadores da subárea de Psicologia e que deveriam ser consideradas para a elaboração de cursos de escrita para fins de publicação?*- é respondida, em partes, como extensão do cenário traçado na questão 3. A soma do caráter interdisciplinar da subárea e a consequente diferença nas práticas de investigação científica acarretam em uma dificuldade por fomento. Mais de uma resposta marcou o descompasso entre o real e a burocracia, a qual considera uma divisão disciplinar para distribuição de verba que não corresponde na prática. Os critérios de avaliação dos programas de pós-graduação, por incentivarem a internacionalização, acabam por prejudicar as linhas de pesquisas mais locais.

Os resultados, tanto na Fase-I quanto na Fase-II, indicaram a seção do artigo de pesquisa que os participantes da subárea indicaram maiores problemas. Em parte, também devido à tensão local x global que permeia algumas especialidades, fazendo com que os pesquisadores precisem dosar os dois componentes de forma que os resultados não percam as especificidades locais do contexto, mas também interessem a uma audiência internacional. Por fim, a necessidade de trabalhar a língua inglesa em si, e a construção dos artigos foram tópicos que se destacaram. Logo, a partir das necessidades demonstradas pelos autores de Psicologia, nas duas fases da pesquisa, um curso de escrita acadêmica para fins de publicação precisa dar conta de diferentes dimensões, desde a dimensão textual, com aspectos da superficialidade linguística, passando pela dimensão do gênero textual, com discussões e práticas em torno da estrutura do artigo, chegando até a dimensão profissional, por meio da discussão das dinâmicas de publicação e reflexão do contexto de pesquisa no qual estão inseridos.

5.1 Limitações da pesquisa

Foram vivenciadas algumas limitações no curso da pesquisa. Na Fase-I, destaca-se a questão da tecnologia. Os convites para os participantes foram feitos por meio de e-mail Gmail. Em vários momentos, sofremos bloqueio de acesso ao Gmail, porque estávamos enviando uma grande quantidade de e-mails, o que foi interpretado como *spam*. Além dos bloqueios, alguns dos docentes contatados não receberam efetivamente o convite por estarem com as caixas cheias.

O fato de não obtermos o e-mail dos discentes diretamente representou outra limitação e fez com que tivéssemos que utilizar de outra estratégia para o convite dos doutorandos. Para tanto, foi necessário enviar e-mails para todos os programas de pós-graduação selecionados, solicitando para que eles reenviassem o convite a seus alunos. Nesse momento, perdemos um pouco o controle do número exato de discentes convidados, pois não sabemos, de fato, quais programas reenviaram o convite e quantos alunos o receberam.

Na Fase-II, duas limitações se sobressaíram: o tempo e a baixa adesão dos pesquisadores convidados, o que acarretou em uma reestruturação da etapa. A Fase-I, devido sua extensão, demandou bastante tempo para a seleção dos participantes, coleta dos e-mails, elaboração do questionário, envio dos convites e análise do grande volume de dados coletados. Dessa forma, restou pouco tempo para a condução da Fase-II. O Questionário da Fase-II, por exemplo, pôde ficar aberto por apenas dez dias, em virtude do pouco tempo disponível para o término da pesquisa. Em um cenário com tempo mais abundante, poderíamos ter insistido mais com os convidados, aumentando a taxa de resposta.

Adicionalmente, houve pouco engajamento dos convidados na Fase-II da pesquisa, o que acarretou na reestruturação da pesquisa. O que seria inicialmente uma entrevista semiestruturada, que poderia fornecer um leque maior de informações a respeito do contexto investigado, transformou-se em um segundo questionário.

Como encaminhamentos futuros, algumas direções são possíveis. Uma delas é a aplicação do questionário da Fase-I para outras áreas do conhecimento, tal como Ciências Sociais, dentro de Humanidades, que não foi contemplada aqui, ou outros colégios, como o de Ciências da Vida e Ciências Exatas e Multidisciplinar. Assim, seria possível traçar um panorama mais completo da pesquisa brasileira, em âmbito nacional e internacional, além de ser possível comparar com mais precisão a práticas das diferentes áreas.

Uma segunda possibilidade de encaminhamento futuro é a continuação da coleta de dados com os pesquisadores de Psicologia e a análise dos artigos de Psicologia, publicados em revistas de interesse para os pesquisadores brasileiros. Por fim, também é possível continuar o desenvolvimento desta pesquisa, por meio da criação do curso de escrita

acadêmica para fins de publicação, considerando as necessidades e os interesses delineados pelos respondentes nas duas fases. Para tal fim, o desenho de curso de Vieira (2019) parece adequado por contemplar as dimensões linguística, textual, discursiva, profissional e política que foram identificadas como de necessidade de nossos participantes.

REFERÊNCIAS

AAKER, D. A.; DAY, G. S; KUMAR, V. **Pesquisa de marketing**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

ACHINTE, A. A.. Pedagogías de la re-existencia. In: WALSH, C. *Pedagogías Decoloniales. Prácticas Insurgentes de resistir, (re)existir e (re)vivir*. Serie Pensamiento Decolonial. Editora Abya-Yala. Ecuador, 2017. 443-469.

ADLER-KASSNER, L.; WARDLE, E. **Naming what we know**. Colorado: University Press of Colorado, 2015.

AGUIA (AGÊNCIA USP DE GESTÃO DE INFORMAÇÃO ACADÊMICA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO). **Periódicos Qualis CAPES**. Disponível em: <https://www.aguia.usp.br/apoio-pesquisador/escrita-publicacao-cientifica/selecao-revistas-publicacao/qualis-periodicos/>. Acesso em: 3 ago. 2020.

AGUIAR, A. Illusio. IN: CATANI, A. M. et al. (orgs). **Vocabulário Bourdieu**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017, p. 231-233.

ALISSON, E.. **Número de artigos em inglês supera os publicados em português na SciELO Brasil. Agência Fapesp**. 2013. Disponível em: <https://agencia.fapesp.br/numero-de-artigos-em-ingles-supera-os-publicados-em-portugues-na-scielo-brasil/18109/>. Acesso em: 16 nov. 2020.

ALVES, V. B. A. OPEN ARCHIVES: VIA VERDE OU VIA DOURADA? **Ponto de Acesso**, v. 2, n. 2, p. 127–137, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/1780>. Acesso em: 17 dez. 2021.

ALPERIN, J. P. Ask not what altmetrics can do for you, but what altmetrics can do for developing countries. **Bulletin of the Association for Information Science and Technology**, v.39, n.4, p.18-21, 2013.

ALPERIN, J. P., FISCHMAN, G. E., & WILLINSKY, J. Scholarly communication strategies in Latin America's research-intensive universities. **Educación superior y sociedad**, 2011, v. 16, n.2, 1-19.

ALVES, V.B.A.. Open archives: via verde ou via dourada? **Ponto de Acesso**, 2008, V. 2, n.2, p. 127–137.

ANDRADE, D. P. O que é neoliberalismo? A renovação do debate nas ciências sociais. **Sociedade e Estado**, v. 34, n.1, p. 211 - 239, 2019.

APPADURAI, A. Disjuncture and difference in the global cultural economy. In: WILLIAMS, P.; CHRISMAN, L. (ed) **Colonial discourse and post-colonial theory**. New York: Columbia University Press, 1994, p. 324-329.

ARANHA, S. A argumentação nas introduções de trabalhos científicos da área de Química. 1996. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada ao Ensino de Línguas) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1996.

ARANHA, S. 2004. Contribuições lingüísticas para a argumentação da introdução acadêmica. Tese (Doutorado em Lingüística Aplicada ao Ensino de Línguas) Unesp, Araraquara, 2004.

BABINI, D. Acceso abierto a la producción científica de América Latina y el Caribe. Identificación de principales instituciones para estrategias de integración regional. **Revista Iberoamericana de Ciencia, Tecnología y Sociedad**, 2011, 6(17), p. 1-25.

BARDIN, L. (1977). Análise de conteúdo. Lisboa: Edições.

BAUMVOL, L. K.; SARMENTO, S. A INTERNACIONALIZAÇÃO EM CASA E O USO DE INGLÊS COMO MEIO DE INSTRUÇÃO. **Echoes**, Florianópolis, p. 65-82, 2016.

BECHER, T.; TROWLER, P. Academic tribes and territories: intellectual enquiry and the culture of disciplines. 2. ed. Buckingham: Society for Research into Higher Education & Open University Press, 2001.

BEIGEL, F. Introduction: Current tensions and trends in the World Scientific System. *Current Sociology*, v. 62, n.5, 2014, p. 617-625.

BELLANI, B. O que significa educação transnacional? 2017
<https://www.hotcourses.com.br/cross-border-study/choosing-how-to-study/what-is-cross-border-study/>

BELCHER, D. Seeking acceptance in an English-only research world. **Journal of Second Language Writing**, n. 16, p. 1–22, 2007.

BELCHER, D. What ESP Is and Can Be: An Introduction. In: BELCHER, D. (ed) **English for Specific Purposes in Theory and Practice**. University of Michigan: Michigan Publishing, 2009.

BENNETT; K. Introduction: The Political and Economic Infrastructure of Academic Practice: The ‘Semiperiphery’ as a Category for Social and Linguistic Analysis. In: Bennett K. (eds) **The Semiperiphery of Academic Writing**. London: Palgrave Macmillan, London., 2014.
https://doi.org/10.1057/9781137351197_1

BERNHEIM, C.T. Los desafíos de la Universidad en el siglo XXI y la Universidad del future. In: MENEGHEL,S.M.; CAMARGO,M.; SPELLER, P. De Havana a Córdoba: duas décadas de educação superior na América Latina. Blumenau: Editora Nova Letra, p.241- 278, 2018.

BHATIA, V. K. **Analysing genre:** language use in professional settings. UK: Longman Group , 1993.

BHATIA, V.K. **Worlds of Written Discourse: Integrating Research Methods**. London: Continuum, 2004.

BHATIA, V.K. **Critical Genre Analysis: Investigating interdiscursive performance in professional practice**. London: Routledge, 2015. 234 p.

BONACELLI, M. B. M. Além das fronteiras: a interdisciplinaridade para a interação entre (novos) conhecimentos. *Revista de Ensino Superior*, n. 12, 2014. Disponível em: <https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/artigos/alem-das-fronteiras-a-interdisciplinaridade-para-a-interacao-entre-novos-conhecimentos#_ftn1>

BOURDIEU, P. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 1989.

BOURDIEU, P. The forms of capital. IN: Richardson, J., **Handbook of Theory and Research for the Sociology of Education**. Westport, CT: Greenwood, 1986, p. 241–258. Disponível em: https://home.iitk.ac.in/~amman/soc748/bourdieu_forms_of_capital.pdf. Acesso em: 2 jul. 2020.

BOURDIEU, P. **Language and symbolic power**. Estados Unidos: Harvard University Press, 1991.

BRITISH COUNCIL. **Universidades para o mundo: desafios e oportunidade para a internacionalização**. 2018. Disponível em: https://www.britishcouncil.org.br/sites/default/files/guia_universidades_para_o_mundo.pdf. Acesso em: 2 jul. 2020.

BRITISH COUNCIL. **Universidades para o mundo: estratégias e avanços no caminho da internacionalização**. 2019. Disponível em: https://www.britishcouncil.org.br/sites/default/files/universidades_para_o_mundo_2019.pdf. Acesso em: 11 jul. 2020.

BRUNNER, J. J.; & SALAZAR, F. **La investigación educacional en Chile: Una aproximación bibliométrica no convencional**. Documento de Trabajo CPCE, 1, 2009.

BUQUET, D. Producción e impacto de las ciencias sociales en América Latina. *Documento de Trabajo*. Buenos Aires: CLACSO, 2013.

CAPES. **A internacionalização na Universidade Brasileira: resultados do questionário aplicado pela Capes**. CAPES. 2017. Disponível em: <https://www.capes.gov.br/images/stories/download/diversos/A-internacionalizacao-nas-IES-brasileiras.pdf>. Acesso em: 12 out. 2018.

CAPES. Documento da área de Psicologia. CAPES 2019. Disponível em <[psicologia-pdf \(www.gov.br\)](http://psicologia-pdf.www.gov.br)>. Acesso em: 12 dez. 2021.

CARGILL, M.; BURGESS, S. Introduction to the Special Issue: English for Research Publication Purposes. **Journal of English for Academic Purposes**, v. 7, n. 2, 2008, p. 75-76.

CARLETTO, L. A. **Um estudo e uma proposta de estratégia de implementação de e-learning**. Florianópolis, 2013. 110 p. Dissertação (Ciência da Computação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

CHARLES, M. English for Academic Purposes. In: PALTRIDGE, Brian (Org.); STARFIELD, Sue (Org.). **The Handbook of English for Specific Purposes**. Boston: Wiley-Blackwell, 2012. cap. 7, p. 137-153.

CINTRA, P. R.; SILVA, M. D. P.; FURNIVAL, A. C. Uso do inglês como estratégia de internacionalização da produção científica em Ciências Sociais Aplicadas: estudo de caso na SciELO Brasil. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 26, n. 1, p. 17-41, 2020. doi: <http://dx.doi.org/10.19132/1808-5245261.17-41>.

CODATO, A., MADEIRA, R., & BITTENCOURT, M. Political Science in Latin America: A Scientometric Analysis. **Brazilian Political Science Review**, 14(3), 2020.

COMO é calculado o Fator de Impacto das publicações?. **Pós-graduando**. Disponível em: [https://posgraduando.com/como-e-calculado-o-fator-de-impacto-das-publicacoes/#:~:text=O%20Fator%20de%20Impacto%20\(FI\)&text=Para%20o%20c%C3%A1lculo%20do%20Fator,de%20artigos%20publicados%20no%20per%C3%ADodo..](https://posgraduando.com/como-e-calculado-o-fator-de-impacto-das-publicacoes/#:~:text=O%20Fator%20de%20Impacto%20(FI)&text=Para%20o%20c%C3%A1lculo%20do%20Fator,de%20artigos%20publicados%20no%20per%C3%ADodo..) Acesso em: 3 ago. 2020.

CORCORAN, J. The Potential and Limitations of an Intensive English for Research Publication Purposes Course for Mexican Scholars. In: CURRY, Mary Jane (Coord.); LILLIS, Theresa (Coord.). **Global Academic Publishing: Policies, Perspectives and Pedagogies**. Bristol: Multilingual Matters, 2017. cap. 15, p. 233–248.

CORCORAN, J. N.; ENGLANDER, K.; MURESAN, L. (eds.) Pedagogies and policies on publishing research in English: Local initiatives supporting international scholars. Nova York: Routledge, 2019.

COSTA, T., LOPES, S., FERNÁNDEZ-LLIMÓS, F., AMANTE, M. J., & LOPES, P. F. **A Bibliometria e a Avaliação da Produção Científica: Indicadores e ferramentas**. 2012.

CRESWELL, J. W.; MILLER, D. L. Determining the validity in Qualitative Inquiry. **Theory into practice**, v. 39, n. 3, p. 124-130, 2000.

CRYSTAL, D. English as a global language. Nova York: Cambridge University Press, 2003.

CROSS, D.; THOMSON, Simon ; SINCLAIR, Alexandra . **Research in Brazil: A report for CAPES** by Clarivate Analytics. **Capes**. 2018. Disponível em: <https://www.capes.gov.br/images/stories/download/diversos/17012018-CAPES-InCitesReport-Final.pdf>. Acesso em: 6 jan. 2020.

CURRY, M.J.; LILLIS, T.M.. Multilingual Scholars and the imperative to publish in English: negotiating interests, demands, and rewards. **Tesol Quartely**, 2004, v.38, n.4, p. 663-688.

CURRY, M.J.; LILLIS, T.M.. Academic research networks: Accessing resources for English-medium publishing. **English for Specific Purposes**, 2010, v. 29, p. 281–295.

CURRY, M.J.; LILLIS, T.M.. Problematizing English as the Privileged Language of Global Academic Publishing. In: CURRY, M.J.; LILLIS, T.M (ed). **Global Academic Publishing: Policies, Perspectives and Pedagogies**. UK: Multilingual Matters Limited, 2017.

DE WIT, H. Internationalization of Higher Education: Nine Misconceptions . **International Higher Education**, 2011, n. 64, p. 6-7.

DILLMAN, D.A.; SMYTH, J.D.; CHRISTIAN, L.M. Internet, phone, mail and mixed-mode-surveys: the tailored design method. Nova York: Willey, 2014.

DORNEI, Z. **Questionnaires in Second Language Research Construction, Administration, and Processing**. Nova Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2003.

DRESSEN-HAMMOUDA, D. From novice to disciplinary expert: Disciplinary identity and genre mastery. *English for Specific Purposes*, v. 27, 2008, p. 233–252

DUDLEY-EVANS, T.; ST JOHN, M.J. 1998. **Developments in English for Specific Purposes: A Multi-Disciplinary Approach**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

ENGLANDER, K. **Writing and Publishing Science Research Papers in English: A Global Perspective**. Nova York: Springer, 2014.

ENGLANDER, K.; LÓPEZ-BONILLA, G.. Acknowledging or denying membership: Reviewers' responses to non-anglophone scientists' manuscripts. *Discourse Studies*, 2011, v.13, n.4, p.395-416.

FAIRCLOUGH, N. Language and globalization. **Semiotica**, v. 2009, no. 173, 2009, p. 317-342.

FALKENBERG, L.; SORRANO, P.A.. Reviewing Reviews: An Evaluation of Peer Reviews of Journal Article Submissions. *Limnology and Oceanography Bulletin*, 2018, v. 27, n.1, p. 1-5.

FERNANDES, V.; SALVIANO, L. R. **Indicadores JCR, SNIP, SJR e Google Scholar**. Disponível em< <http://portal.utfpr.edu.br/pesquisa-e-pos-graduacao/indicadores/indicadores-externos/indicadores-externos>> Acesso em: 17 dez 2021.

FIGUEIREDO, Carla Janaina. O falante nativo de inglês versus o falante não-nativo: representações e percepções em uma sala de aula de inglês. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v.14, n.1, p. 67-92, 2011.

FINARDI, K. R.; GUIMARÃES, F. F. Internacionalização, Rankings e Publicações em Inglês: A Situação do Brasil na Atualidade. *Revista Estudos em Avaliação Educacional*, v. 28, n. 68, p. 600-626, 2017.

FINARDI, K. R. Internationalization and multilingualism in Brazil: Possibilities of content and language integrated learning and intercomprehension approaches. *International Journal of Educational and Pedagogical Sciences*, v. 13, p. 656-659, 2019.

FINARDI, K. R. What can Brazil Learn from Multilingual Switzerland and its Use of English as a Multilingua Franca. *Acta Scientiarum (UEM)*, v. 39, n. 2, p. 219-228, 2017.

FINARDI, K. R. The Slaughter of Kachru's Five Sacred Cows in Brazil: Affordances of the Use of English as an International Language. *Studies in English Language Teaching*, v. 2, n. 4, p. 401-411, 2014.

FINARDI, K. R.; FRANÇA, C. O Inglês na Internacionalização da Produção Científica Brasileira: Evidências da Subárea de Linguagem e Linguística. *Intersecções*, v. 19, n. 2, p. 234-250, 2016.

FINARDI, K. R., GUIMARÃES, F. F., & Mendes, A. R. Reflecting on Brazilian higher education (critical) internationalization. *Revista Internacional de Educação Superior*, v.6, p.1-23, 2019.

FINARDI, K. R.; GUIMARAES, F. . Internationalization and the Covid-19 Pandemic: Challenges and Opportunities for the Global South. *Journal of Education, Teaching and Social Studies*, v. 2, p. 1-15, 2020.

FIORIN, J. L. Internacionalização da produção científica: a publicação de trabalhos de Ciências Humanas e Sociais em periódicos internacionais. *Revista Brasileira de Pós-Graduação*, Brasília, v. 4, n. 8, p. 263-281, 2007.

FLOWERDEW, J. A Multimethod Approach to research into process of Scholarly Writing for Publication. In: MATSUDA, Paul Key (Org.); SILVA, Tony (Org.). **Second Language Writing Research: Perspective on the Process of Knowledge Construction**. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2005. 254 p. cap. 5, p. 65-78.

FLOWERDEW, J. Corpus-based approaches to language description for specialized academic writing. **Language Teaching**, p. 1-17. Disponível em: http://journals.cambridge.org/abstract_S0261444814000378.

FLOWERDEW, J. English for Research Publication Purposes.. In: PALTRIDGE, B. (Org.); STARFIELD, S. (Org.). **The handbook of English for specific purposes**. Boston: Wiley-Blackwell, 2012. cap. 16, p. 301-321.

FLOWERDEW, L. Learner Corpus Research in EAP: Some key issues and future pathways. *English Language and Linguistics*, 2014, v. 20, n. 2, p. 43-60.

FLOWERDEW, J.; HABIBBIE, P. **Introducing English for Research Publication Purposes**. Nova York: Routledge, 2021.

FREIRE OLIVEIRA PICCIN, G.; FINARDI, K. R. Abordagens Críticas/Decoloniais na Educação Superior: (In)Visibilidades nas/das Epistemologias de (Des)Construção das Internacionalizações. *Línguas & Letras*, [S. l.], v. 22, n. 52, 2021. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/27121>.

GALTUNG, J. A structural theory of imperialism. *Journal of Peace Research*, 1971, v. 8, n.2, p. 81-117.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989. cap. 1, p. 13-41.

GENTIL, G.; SÉROR, J. Canada has two official languagesdOr does it? Case studies of Canadian scholars' language choices and practices in disseminating knowledge. **Journal of English for Academic Purposes**, 2014, v.3, p. 17-30.

GIL, B. **Comparação entre resumos e abstracts publicados em revistas brasileiras sobre tradução**. 2011. Relatório de Pesquisa (Iniciação Científica em Linguística Aplicada). Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São José do Rio Preto, 2011.

GIL, B. **O gênero acadêmico**: resumos nas áreas de Antropologia, Linguística e Ciência Política. 2014. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2014.

GIL, B. Metadiscorso e escrita acadêmica: o papel dos recursos interacionais na construção do discurso das disciplinas de Ciências Políticas e Linguística. **Revista de Estudos Linguísticos**, v. 50, n. 3, p. 1099-1117, 2021.

GIL, B.; ARANHA, S. Um estudo do gênero abstract na disciplina de Antropologia: a heterogeneidade da(s) área(s). **D.E.L.T.A.**, v. 33.3, p. 843-871, 2017.

GIL, B.; GALLI, F. Discurso acadêmico: a regulação do poder disciplinar e do panóptico. **Linguagem & Ensino**, v. 22, n. 3, p. 774-790, 2019.

GIMENEZ, T. A ausência de políticas para o ensino da língua inglesa nos anos iniciais de escolarização no Brasil. **Política e Políticas Linguísticas**. Campinas: Pontes Editores, p. 199-218, 2013.

GIRALDO, F. An English for Research Publication Purposes Course: Gains, Challenges, and Perceptions. **Gist Education and Learning Research Journal**, n. 18, p. 198-220, 2019.

GÓMEZ, I. C.; SANCHO, R; BORDONS, M; FERNÁNDEZ, M.T.M. La I+D en España a través de publicaciones y patentes. In: SEBASTIÁN, Jesús (Org.); MUÑOZEDS, Emilio (Org.). **Radiografía de la investigación pública en España**. Madrid: Biblioteca Nueva, 2006, p. 275-302.

GONÇALVES, D. I. F. P. Pesquisas de marketing pela internet: As percepções sob a ótica dos entrevistado. **Revista de administração mackenzie**, 2008, v. 9, n. 7, p.70-88.

GRAVES, H.; SHAHIN MOGHADDASI, S.; HASHIM, A.. Mathematics is the method: Exploring the macroorganizational structure of research articles in mathematics. **Discourse Studies**, v.15, n.4, p. 421–438.

GRAY, D. **Doing research in the real world**. UK: Sage Publications, 2009.

GUIMARÃES, F. F.; MENDERS, A. R. M.; RODRIGUES, L. M.; PAIVA, R. S. dos S.; FINARDI, K. R. Internationalization at Home, COIL and Intercomprehension: For More Inclusive Activities in the Global South. **SFU Educational Review**, v. 12, n.3, p.90-109, 2019. <https://doi.org/10.21810/sfuer.v12i3.1019>.

GUIMARÃES, M. Brasil é o país com mais publicação científica em acesso aberto. Revista Fapesp, 2018.

GÖPFERICH, S., MACHURA, I., & MURPHY, J.. Supporting English Medium Instruction at German Institutions of Higher Education. In: HICKEY, R. (ed.), **English in the German-Speaking World**. Cambridge: Cambridge University Press, 2019, p. 114-140.

GUIMARÃES, M. Brasil é o país com mais publicação científica em acesso aberto. **Revista da Fapesp**, 2018. <https://agencia.fapesp.br/brasil-e-o-pais-com-mais-publicacao-cientifica-em-acesso-aberto/27034/> Acesso em: 17 dez 2021

GUZMÁN-VALENZUELA, C. The geopolitics of research in teaching and learning in the university in Latin America. **Scholarship of Teaching and Learning in the South**, 2017, 1(1), 4-18.

GUZMÁN-VALENZUELA, C., & GÓMEZ, C. Advancing a knowledge ecology: Changing patterns of higher education studies in Latin America. *Higher Education*, 2019, 77(1), 115-133.

HAZELKORN, E. Rankings and the Global Reputation Race. **New Directions in Higher Education**, 2014, v. 168, 13-26. [HTTPS://DOI.ORG/10.1002/HE.20110](https://doi.org/10.1002/HE.20110)

HYLAND, K. English for Academic Purposes. In: LEUNG, Constant; STREET, Brian. **The Routledge Companion to English Studies**. London: Routledge, 2014.

HYLAND, K. Genre and Second Language Writing. In: LIONTAS, John I. (Org.). **The TESOL Encyclopedia of English Language Teaching**. 1. ed. John Wiley & Sons, 2018, p. 2359-2364.

HYLAND, K. Genre, discipline and identity. **Journal of English for Academic Purposes**, v. 19, p. 32-43, 2015. DOI: 10.1016/j.jeap.2015.02.005.

HYLAND, K. Directives: Argument and Engagement in Academic Writing. *Applied Linguistics*, v. 23/2, p. 215-239, 2002.

HYLAND, K. Metadiscourse – exploring interaction in writing. London: Continuum, 2005.
HYLAND, K. Disciplines and Discourse: Social Interactions in Construction of Knowledge. In: STARKE-MYERRING, D.; PARÉ, A.; ARTEMEVE, N.; HORNE, M.; YOUSOUBOVA, L. (ed.). *Writing in knowledge societies. Perspectives on Writings*. Fort Collins, Colorado: The WAC Clearinghouse and Parlor Press, 2011. p. 193-214.

HYLAND, K. Academic publishing and the myth of linguistic injustice. **Journal of Second Language Writing**, v. 31, 2016, p. 58-69

HYLAND, K. Genre and Second Language Writing. *The TESOL Encyclopedia of English Language Teaching*. Hoboken, NJ: Wiley-Blackwell, 2018. p. 2359-2364.

JOHNS, A. M. Introdução. In: JOHNS, A. M. **Genre in the classroom 2002.**: Multiple perspectives. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, 2002.. 349 p, p. 3-14.

JOHNS, A. M. The Future of Genre in L2 Writing. **The Journal of Second Language Writing**, 20 (1), 2013, p. 56-68

JORDÃO, C. ILA - ILF-ILE-ILG: Quem dá conta? **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, 14(1), 13-40. <https://doi.org/10.1590/S1984-63982014000100002>

JOYE, C.R.; JOYE, F. M. *Psicologia aplicada à Educação e ao Trabalho*. Fortaleza: : UAB/IFCE, 2013

KACHRU, B. B. Standards, codification, and sociolinguistic realism: The English language in the outer circle. In: Quirk, R. and H. Widdowson, (eds.) *English in the World: Teaching and Learning the language and the literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

KNIGHT, J.. An International Model: meaning, rationales, approaches and strategies. In: KNIGHT, J.. **Higher Education in Turmoil: the Changing World of Internationalization**. Rotterdam: Sense Publishers, 2008. 241 p. cap. 2, p. 19-38.

KNIGHT, J.. The internationalization of Higher Education in 21st century: new realities and complexities. In: KNIGHT, J.. **Higher Education in Turmoil: the Changing World of Internationalization**. Rotterdam: Sense Publishers, 2018. 241 p. cap. 1, p. 1-18.

KNIGHT, Jane. Global: Five Truths about Internationalization: International Higher Education, Fall 2012, Number 69. In: **Understanding Higher Education Internationalization**. Brill Sense, 2017. p. 13-15.

KOROTKINA, I.. Russian Educationa Research Papers in International Publication: the urge for academic writing. In: INTERNATIONAL CONFERENCE "EDUCATION ENVIRONMENT FOR THE INFORMATION AGE". 2018. **Anais eletrônicos**. UK: Future Academy, 2018. 309-318 p.

LANDER, E. **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2018.

LARIVIÈRE,V.; HAUSTEIN, S.; MONGEON, P. 2015. The Oligopoly of Academic Publishers in the Digital Era. **PLOS ONE**, 2015, v. 10, n.6. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.01275022015>.

LERNER, N. Writing Is a Way of Enacting Disciplinarity. In: ADLER-KASSNER, L.; WARDLE, E. (ed) **Naming what we know**. Colorado: University Press of Colorado, 2015, p. 40-42.

LESIAK-BIELAWASKA, E. D. English for specific purposes in historical perspective. **English for specific purposes world**, v. 46, p. 1-23.

LILLIS, T.; CURRY, M.J.. **Academic Writing in a Global Context**: The politics and practices of publishing in English. Nova York: Routledge, 2010.

LISBOA, F.S.; BARBOSA, A.J.G. Formação em Psicologia no Brasil: um perfil dos cursos de graduação. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 29 (4), 718-731.

LOPES, S. *ET AL.* A Bibliometria e a Avaliação da Produção Científica: indicadores e ferramentas. In: **Actas do congresso Nacional de bibliotecários, arquivistas e documentalistas**. 2012.

MARK WARE CONSULTING. Publishing Research Consortium Peer review survey 2015. 2016. Disponível em < https://www.elsevier.com/__data/assets/pdf_file/0007/655756/PRC-peer-review-survey-report-Final-2016-05-19.pdf> Acesso em: 10 jan 2021.

MAURANEN, A. The Corpus of English as Lingua Franca in Academic Settings. **TESOL Quarterly**, 37(3), 2003, p. 513–527. <https://doi.org/10.2307/3588402>

MAURANEN, A. English as a global Lingua Franca: changing language in changing global academia. In: MURATA, K. (ed.) **Exploring ELF in Japanese Academic and Business Contexts**. Amsterdam: John Benjamins, 2015, 29-46.

MEDEIROS, C. **Internacionalização para além dos artigos em inglês. Ciência em Revista**. 2017. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/cienciaemrevista/2017/03/03/internacionalizacao/>. Acesso em: 16 nov. 2020.

MIGNOLO, W.; WALSH, C. E. **On decoloniality: concepts, analytics, praxis**. London: Duke University Press, 2018.

MILLAR, M. M.; DILLMAN, D. A. . Improving response to web and mixed-mode surveys. **Public Opinion Quarterly**, v. 75, n. 2, p. 249-269, 2011.

MONTEIRO, J.M. **10 lições sobre Bourdieu**. Brasil: Editora Vozes, 2018.

MONTEIRO, K.; HIRANO A periphery inside a semi-periphery: The uneven participation of Brazilian scholars in the international community. **English for Specific Purposes**, v. 58, 2020, p. 15-29

MORAES, Fernando Tadeu. **Brasil aumenta produção científica, mas impacto dos trabalhos diminui. Folha de São Paulo**. São Paulo, 2017. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2017/10/1927163-brasil-aumenta-producao-cientifica-mas-impacto-dos-trabalhos-diminui.shtml>. Acesso em: 23 set. 2018.

MORENO, Ana I. et al. **The ENEIDA Questionnaire**: Publication Experiences in Scientific Journals in English and Spanish. **ENEIDA's Web site**. 2013. Disponível em: <http://eneida.unileon.es/eneidaquestionnaire.php>. Acesso em: 10 jan. 2019.

MORENO, A. I. **Introduction to the Spanish team for Intercultural Studies of Academic Discourse (ENEIDA) project and research group.** 2011. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10612/1824>. Acesso em: 10 jan. 2019.

MOTA, A. M. G. F., CARA, B. S. & MIRANDA, R. L.. História Da Psicologia, Por Quê? **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, 2018, v.18, n.4, p. 1049-1067.

MURESAN, L.M.; PÉREZ-LLANTADA, C. English for research publication and dissemination in bi-/multiliterate environments: The case of Romanian academics. **Journal of English for Academic Purposes**, 2014, v.13, p. 53–64.

NASSI-CALÓ, L. Métricas de avaliação em ciência: estudo atual e perspectivas. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, 2017, v. 25, p. 1-3.

NUNES, J.A.. O resgate da epistemologia. In SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010, p. 215-240.

NUNES, J. A. O resgate da epistemologia. In SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010b, p. 31-83

PAULA, A. S. do N.; COSTA, F. J. F.; LIMA, K. R. R. Diretrizes globais para o capitalismo acadêmico brasileiro dependente: a busca pela construção da World Class University. *Jornal de Políticas Educacionais*. V. 14, n. 02. Janeiro de 2020. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/jpe/article/view/69903/40299>>. Acesso em: 12 jan. 2022. doi:<http://dx.doi.org/10.5380/jpe.v14i0.69903>.

PAULTRIDGE, B. **The Discourse of Peer Review**: Reviewing Submissions to Academic Journals. London: Macmillan, 2017.

PARKER, A.L. A eclosão dos periódicos do Brasil e cenários para o seu porvir. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 40, n. 2, p. 301-323, 2014.

PALHARES, Isabela. **Idiomas sem fronteiras será encerrado pelo MEC**. *Estadão*.. São Paulo, 2019. Disponível em: <https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,idiomas-sem-fronteiras-sera-encerrado-pelo-mec,70002927793>. Acesso em: 16 jul. 2020.

PEREIRA, F. M.; PEREIRA NETO, A. P. O psicólogo no Brasil: notas sobre seu processo de profissionalização. *Psicologia em Estudo*, 2003, 8(2), 19-27.

PÉREZ-LLANTADA, C. Teasing out the tensions between English-monolingualism and plurilingualism in European academic and research settings. In PLO, R. & PÉREZ-LLANTADA (eds) **English as an Academic and Research Language. Debates and Discourses**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2015, p.353-362.

PRIEM, J.; HEMMINGER, B.H. Scientometrics 2.0: New metrics of scholarly impact on the social web. **First Monday**, 2010, v.15, n.7.

PRIEM, J.; GROTH, P.; TARABORELLI, D. The altmetrics collection. **PLoS One**, 2012, v.7, n.11, p.1-2.

POLITZER-AHLES, S.; GIROLAMO, T.; SPYCHALSKA, M.; BERKSON, K.H. Is linguistic injustice a myth? A response to Hyland. **Journal of Second Language Writing** 2016, v. 34, p; 3–8. Doi:10.1016/j.jslw.2016.09.003.

PRADHAM, A. English for Specific Purposes: Research Trends, Issues and Controversies. **English for Specific Purposes World**, v. 40, n. 14, 2013.

RAJAGOPALAN, K. Critical Pedagogy and Linguistic Imperialism in the EFL Context. **TESOL Journal**, v9, n.4, p.5-6, 2000.

RAMOS, Milena Yumi. Internacionalização da pós-graduação no Brasil: lógica e mecanismos. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 44, p.1-22, 2018. OI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-9702201706161579>.

ROSAS, P., ROSAS, A., & XAVIER, I. B. Quantos e quem somos. In Conselho Federal de Psicologia, *Quem é o psicólogo brasileiro?* São Paulo: EDICON, 1988, p.32-48.

ROSSONI, L. Em Defesa das Publicações em Português. **Revista Eletrônica de Ciência Administrativa**, 2018, v.17 n.3, p. I-XIII.

SEIDL, E. Estratégia/estratégias de reprodução. In: CATANI, A. M. et al. (Orgs.). **Vocabulário Bourdieu**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

SEIDLHOFER, B. English as a lingua franca. **ELT Journal**, 2005, v. 59, n. 4, October 2005, p. 339–341, <https://doi.org/10.1093/elt/cci064>

SCIMAGO INSTITUTION RANKINGS. **Country Rankings. SCIMAGO JOURNAL & COUNTRY JOURNALS. RANKING..** Disponível em: <https://www.scimagojr.com/countryrank.php>. Acesso em: 18 jul. 2020.

SIMONELI, B.; FINARDI, K. . Meeting the Other in Literature and ELT through the critical analysis of a short story. **Studies in English Language Teaching**, v. 8, p. 1-21, 2020.

SILVA, J.A.; BIANCHI, M.L.P. Cientometria: a métrica da ciência. **Paidéia**, 2001, v. 11, n.20, p .5-10.

SLAUGHTER, S.; LESLIE, L. Academic capitalism: politics, policies and the entrepreneurial university. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1999.

SLAUGHTER, S.; LESLIE, L. Expanding and elaborating the concept of academic capitalism. *Organization*, v. 8, n. 2, p. 154-161, 2001.

SPINAK, E. O que podem nos fornecer as “métricas alternativas” ou altmetrias. <https://blog.scielo.org/blog/2014/08/07/o-que-podem-nos-fornecer-as-metricas-alternativas-ou-altmetrias/#.Yb3DG2jMLIV> August 7, 2014.

SOLER, J. Academic Publishing in English: Exploring Linguistic Privilege and Scholars' Trajectories. **Journal of Language, Identity & Education**, v. 18, n. 6, 389-399

SOUZA, E. F. Psicologia Social. Disponível em: <<https://www.sabedoriapolitica.com.br/products/psicologia-social/>>. Acesso em: 20 nov. 2022.

SOUZA SANTOS, B. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. In SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010, p. 215-240.

STARFIELD, S.; PALTRIDGE, B. English for Specific Purposes. In: HINKEL, E. (ed.) **Handbook of Research in Second Language Teaching and Learning**. Routledge, 2017, p. 56-67.

STARFIELD, S.; PALTRIDGE, B.; RAVELLI, L. Researching academic writing: what textography affords. **International Perspectives on Higher Education Research**, v. 10, p. 103-120, 2014.

STERN, M.J.; BILGEN, I.; DILLMAN, D. A.. The State of Survey Methodology: The State of Survey Methodology. **Field Methods**, v. 26(3), p. 284-301, 2014. DOI: 10.1177/1525822X13519561.

SWALES, J. **Genre analysis**: English in academic and research settings. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

SWALES, J. **Research genre**: Explorations and Applications. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 2004.

SWALES, J. Textography: Toward a Contextualization of Written Academic Discourse. **Research on Language and Social Interaction**, v. 31, p. 109-121, 1998.

SWALES, J. Occluded Genres in the Academy: The Case of the Submission Letter. In: VENTOLA, E.; MAURANEN, A. **Academic Writing: intercultural and textual issues**. Amsterdam: John Benjins, 1996, p.45-58.

TABELA de áreas do conhecimento. **Capes**. 2017. Disponível em: http://www.capes.gov.br/images/stories/download/avaliacao/TabelaAreasConhecimento_042009.pdf. Acesso em: 7 dez. 2018.

TAGUE-SUTCLIFFE, J. An Introduction to Informetrics. **Information Processing and Management**, 1992, v.28, n.1 p1-3.

THARIRIAN, M. H.; SADRI, M.A. Peer Reviewers' Comments on Research Articles Submitted by Iranian Researchers. **The Journal of Teaching Language Skills**, 2013, v. 5, n.3, p. 107-123.

TARDY, C. The role of English in scientific communication: língua franca or *Tyranosaurus Rex*? **Journal of English for academic purposes**, v.3, 2004, p. 247-269.

TAQUINI, R.; FINARDI, K. R. English as a medium of instruction in Brazil: evidence from UFES. **Studies in English Language Teaching**, v.9, n. 1, p. 34-56, 2021. DOI:10.22158/SELT.V9N1P34.

THOMAZ, P. G.; ASSAD, R.S.; MOREIRA, L.F.P.. Uso do Fator de impacto e do índice H para avaliar pesquisadores e publicações. **Arquivo Brasileiro de Cardiologia**, 2011, v. 96, n.2, p. 90-93.

WORLD BANK. **The World Bank Annual Report 2002**: Volume 1. Main report. Washington, DC. © World Bank. <https://openknowledge.worldbank.org/handle/10986/13931>
License: CC BY 3.0 IGO.

VANTIE, N.; SANZ-CASADO, E. Altmtria: a métrica social a serviço de uma ciência mais democrática. **Transinformação**, 2016, v.28, n.2.

VESSURI, H., GUÉDON, J. C., & CETTO, A. M. Excellence or quality? Impact of the current competition regime on science and scientific publishing in Latin America and its implications for development. **Current sociology**, 2014, 62(5), p. 647-665.

VIEIRA, B. G. A. M. Do crítico ao complexo: uma pedagogia em inglês para fins específicos para a promoção do letramento acadêmico de pós-graduandos brasileiros a distância. 2019. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2019.

VIEIRA, L. F.; NICKENING, J.L.; OLIVEIRA, L.P.; VIEIRA, J.L.L. psicologia do esporte: uma área emergente da psicologia. **Psicologia em Estudo**, Maringá, 2010, v. 15, n. 2, p. 391-399.

VILAN FILHO, J. L. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, f. 215. Tese (Ciência da informação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

WALSH, Catherine. Pedagogías Decoloniales. Práticas Insurgentes de resistir, (re)existir e (re)vivir. Serie Pensamiento Decolonial. Editora Abya-Yala. Equador, 2017.

WASSEM, J. ; PEREIRA, E. M. A.; FINARDI, K. R. A internacionalização na educação superior: pressupostos, significados e impactos. **ETD: EDUCAÇÃO TEMÁTICA DIGITAL**, v. 22, p. 520-528, 2020.

YAKHONTOVA, T. “The authors have wasted their time...”: Genre features and language of anonymous peer reviews. **Topics in Linguistics**, v. 20, n. 2, p. 67-89, 2019.

YAMAMOTO, O. H. Graduação e pós-graduação em psicologia: relações possíveis. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, 2006, 3(6), 270-281.

APÊNDICE A — Universo de Pesquisa

Arqueologia				
Instituição de Ensino	UF	Conceito	Doutorandos	Docentes
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UNB)	DF	7		23
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP)	SP	6		21
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS (UNICAMP)	RS	5	55	
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO (UFPE)	PE	5		12
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC)	SC	5		22
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS (UFSCAR)	SP	5		13
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)	PR	5		18
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)	RJ	7	128	21
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE (UFRN)	RN	5		18
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS)	RS	6		21
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE (UFF)	RJ	5		21
Totais		11	183	190
Arqueologia				
Instituição de Ensino	UF	Conceito	Doutorandos	Docentes
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP)	SP	5		26
Totais		1	0	26

Artes				
Instituição de Ensino	UF	Conceito	Doutorandos	Docentes
ARTES VISUAIS UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP)	SP		73	
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP) MUSICA	SP			
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP)	SP			21
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA (UDESC)	SC			
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (UERJ)	RJ			
MUSICA (UNICAMP)	SP			39
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS (UNICAMP)	SP		69	29
UNESP - SEDE	SP			29
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA (UFBA)	BA	6	88	29
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG)	MG			
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG)	MG			
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UNIRIO)	RJ			
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UNIRIO)	RJ			32
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)	RJ			6
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS)	RS			18
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS)	RS			20
Totais		16	230	223

Ciência Política				
Instituição de Ensino	UF	Conceito	Doutorandos	Docentes
PUC/MG	MG	5		12
PUC-RIO	RJ	5		30
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UNB)	DF	6		
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UNB)	DF	6		
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP)	SP	7		22
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (UERJ)	RJ	6		15
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS (UNICAMP)	SP	6		
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG)	MG	7		23
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO (UFPE)	PE	6		
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS (UFSCAR)	SP	5		14
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ (UFPR)	PR	5		17
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS)	RS	5		
Totais		12	0	133

Educação				
Instituição de Ensino	UF	Conceito	Doutorandos	Docentes
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO (FUPF)	RS	5		12
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE MATO GROSSO DO SUL (UFMS)	MS	5		22
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ (FUFPI)	PI	5		21
PUC-GOIAS	GO	5		23
PUC/SP	SP	5		26
PUC/SP	SP	5		
PUC/SP	SP	5		
PUC/PR	PR	5		17
PUC-RIO	RJ	6		15
PUC/RS	RS	6		11
UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO (UCDB)	MS	5		13
UNIVERSIDADE CIDADE DE SÃO PAULO (UNICID)	SP	5		
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UNB)	DF	5		
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP)	SP	5		
UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA (UNEB)	BA	5		
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA (UDESC)	SC	5		28
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (UERJ)	RJ	7		
UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ (UNIVALI)	SC	5		13
UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS (UNISINOS)	RS	7		16
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS (UNICAMP)	SP	5		
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA (UEPG)	PR	5		12
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ (UECE)	CE	5		30
UNESP, ARARAQUARA (UNESP-ARAR)	SP	5		30
UNESP, MARÍLIA (UNESP-MAR)	SP	6		29
UNESP, PRESIDENTE PRUDENTE (UNESP-PP)	SP	5		
UNESP, RIO CLARO (UNESP-RC)	SP	5		28
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA (UFBA)	BA	5		19
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS (UFGD)	MS	5		17
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (UFG)	GO	5		32
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO (UFMT)	MT	5	61	
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG)	MG	7		
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS (UFPEL)	RS	5		
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO (UFPE)	PE	5		
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS (UFSCAR)	SP	5		33
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA (UFU)	MG	5		30
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO (UFES)	ES	5		
UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO (UNIRIO)	RJ	5		27
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)	PA	5		24
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ (UFPR)	PR	6		17
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)	RJ	6		
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE (UFRN)	RN	5		29
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS)	RS	6		
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE (UFF)	RJ	5		
UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA (UNIMEP)	SP	5		12
UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO (UMESP)	SP	5		
UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO (UNINOVE)	SP	5		
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (UNIJUI)	RS	5		19
UNIVERSIDADE TIRADENTES (UNIT-SE)	SE	5		11
UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ (UTP)	PR	5		
Totais		49	61	616

Filosofia				
Instituição de Ensino	UF	Conceito	Doutorandos	Docentes
PUC/SP	SP	5		16
PUC/PR	PR	5		12
PUC-RIO	RJ	5		
PUC/RS	RS	6		11
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP)	SP	7		44
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (UERJ)	RJ	5		
UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS (UNISINOS)	RS	5		12
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS (UNICAMP)	SP	6		
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA (UFBA)	BA	5		
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG)	MG	6		26
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC)	SC	6		
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA (UFSM)	RS	5		4
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS (UFSCAR)	SP	5		15
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ (UFPR)	PR	5		21
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)	RJ	5		26
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)	RJ	5		33
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS)	RS	5		25
Totais		17	0	245

245

Geografia				
Instituição de Ensino	UF	Conceito	Doutorandos	Docentes
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS (PUC/MG)	MG	5		14
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UNB)	DF	5		24
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP)	SP	5		45
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP)	SP	5		24
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (UERJ)	RJ	5		
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS (UNICAMP)	SP	6		53
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ (UEM)	PR	5	30	22
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA (UEPG)	PR	5		14
UNESP, PRESIDENTE PRUDENTE	SP	7		
UNESP, RIO CLARO	SP	5		
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (UFG)	GO	5		36
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG)	MG	6		32
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO (UFPE)	PE	5		24
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC)	SC	5		6
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA (UFSM)	RS	5		20
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA (UFU)	MG	5		26
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC)	CE	6		17
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ (UFPR)	PR	6		29
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)	RJ	7		38
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE (UFRN)	RN	5		20
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS)	RS	6		33
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE (UFF)	RJ	6		29
Totais		22	30	506

536

História				
Instituição de Ensino	UF	Conceito	Doutorandos	Docentes
FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS (FGV)	RJ	5		17
FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ - FIOCRUZ (FIOCRUZ)	RJ	5		14
PUC-RIO	RJ	5		31
PUC/RS	RS	5		11
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP)	SP	6		20
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA (UDESC)	SC	5		17
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (UERJ)	RJ	5		
UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS (UNISINOS)	RS	5		11
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS (UNICAMP)	SP	6		
UNESP, FRANCA (UNESP-FR)	SP	5	42	25
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (UFG)	GO	5		
UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF)	MG	5		
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG)	MG	7		26
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO (UFOP)	MG	5		25
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO (UFES)	ES	5		
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UNIRIO)	RJ	5		40
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)	PA	5		19
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ (UFPR)	PR	5		30
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)	RJ	6		31
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS)	RS	6		29
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE (UFF)	RJ	7		74
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO (UFRRJ)	RJ	5		
Totais		22	42	420
				462

Letras				
Instituição de Ensino	UF	Conceito	Doutorandos	Docentes
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO (FUPF)	RS	5		11
PUC/MG	MG	5		19
PUC/SP	SP	5		10
PUC-RIO	RJ	5		15
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UNB)	DF	5		35
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP)	SP	5		31
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP)	SP	5		
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP)	SP	5		18
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP)	SP	5		27
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (UERJ)	RJ	5		
UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA (UNISUL)	SC	5		16
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS (UNICAMP)	SP	7	98	20
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ (UEM)	PR	5		37
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ (UECE)	CE	5		21
UNIVERSIDADE DO OESTE DO PARANÁ (UNIOESTE)	PR	5	41	
UNESP, ARARAQUARA (UNESP-ARAR)	SP	6		21
UNESP, ASSIS (UNESP-ASSIS)	SP	5		18
UNESP, SJRP (UNESP-SJRP)	SP	6		24
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA (UFBA)	BA	5		35
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (UFG)	GO	5		
UFMG LITERATURA	MG	7	143	61
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG)	MG	7		72
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS (UFPEL)	RS	5		27
INGLES UNIVERSIDADE DE SANTA CATARINA (UFSC)	SC	6	43	26
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC)	SC	5		21
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC)	SC	5		38
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA (UFSM)	RS	5		29
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO (UFES)	ES	5		
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)	PA	5		35
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ (UFPR)	PR	6		12
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)	RJ	5		26
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)	RJ	6		
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)	RJ	5		
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE (UFRN)	RN	5		52
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS)	RS	7		79
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE (UFF)	RJ	6		37
UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE (UPM)	SP	6		17
Totais		37	325	890
				1215

Linguística				
Instituição de Ensino	UF	Conceito	Doutorandos	Docentes
PUC/SP	SP	5		14
PUC-RIO	RJ	5	57	15
PUC/RS	RS	7		24
UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO (UNICAP)	PE	5		16
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UNB)	DF	5		40
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP)	SP	6		21
UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS (UNISINOS)	RS	5	21	12
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS (UNICAMP)	SP	7	125	35
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS (UNICAMP)	SP	5	78	18
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA (UEL)	PR	5		20
UNESP, ARARAQUARA (UNESP)	SP	6		25
UNESP, SÃO JOSÉ DO RIO PRETO (UNESP)	SP	6	80	42
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA, JOÃO PESSOA (UFPB-JP)	PB	6	102	34
UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF)	MG	5		22
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC)	SC	6		33
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA (UFU)	MG	5		28
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC)	CE	5		30
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)	RJ	6		
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE (UFF)	RJ	5		
Totais		19	463	429

892

Psicologia				
Instituição de Ensino	UF	Conceito	Doutorandos	Docentes
PUCAMP	SP	5		12
PUC/MG	MG	5		
PUC-RIO	RJ	5		17
PUC/RS	RS	6		16
UNIVERSIDADE CATÓLICA DE BRASÍLIA (UCB)	DF	5		
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UNB)	DF	5		13
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UNB)	DF	5		23
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UNB)	DF	6		18
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP)	SP	7		20
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP)	SP	5		22
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, RIBEIRÃO PRETO (USP-RP)	SP	6		
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, RIBEIRÃO PRETO (USP-RP)	SP	5		
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (UERJ)	RJ	5		21
UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS (UNISINOS)	RS	5	29	9
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA (UFBA)	BA	6		26
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA, JOÃO PESSOA (UFPB-JP)	PB	5		16
UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF)	MG	5		
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG)	MG	5		26
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC)	SC	5		33
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS (UFSCAR)	SP	6		24
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO (UFES)	ES	5		
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)	PA	5		16
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)	RJ	5		
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)	RJ	5		
PSICOLOGIA (UFRN)	RN	6	48	29
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE (UFRN)	RN	6	92	17
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS)	RS	7		28
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS)	RS	5		22
UNIVERSIDADE SALGADO DE OLIVEIRA (UNIVERSO)	RJ	5		11
UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO (USF)	SP	7		12
Totais		30	169	431

600

Sociologia				
Instituição de Ensino	UF	Conceito	Doutorandos	Docentes
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE (FUFSE)	SE	5		13
PUC/MG	MG	5		12
PUC/RS	RS	5		12
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UNB)	DF	7		32
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP)	SP	6		33
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (UERJ)	RJ	5		20
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (UERJ)	RJ	6		14
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS (UNICAMP)	SP	6		
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG)	MG	5		22
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO (UFPE)	PE	6		22
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC)	SC	5	51	26
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS (UFSCAR)	SP	6		23
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC)	CE	5	72	
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ (UFPR)	PR	5		25
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)	RJ	7		
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS)	RS	7		34
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO (UFRRJ)	RJ	5		
Totais		17	123	288
				411

Teologia				
Instituição de Ensino	UF	Conceito	Doutorandos	Docentes
ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA (EST)	RS	5		
FACULDADE JESUÍTA DE FILOSOFIA E TEOLOGIA (FAJE)	MG	6		
PUC-GOIAS	GO	5		14
PUC/SP	SP	5		11
UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF)	MG	5		18
UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO (UMESP)	SP	5		
Totais		6	0	43
				43

APÊNDICE B — Questionário Inicial

16/07/2020

QUESTIONÁRIO

QUESTIONÁRIO

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Prezado(a),

Você está sendo convidado para participar do Projeto BRAPuH (Brazilian Publication in Humanities), cujo objetivo é traçar um panorama das práticas dos pesquisadores brasileiros, das áreas de Ciências Humanas, Letras, Linguística e Artes, no que tange à publicação de artigos acadêmico-científicos nacional e internacionalmente.

Sua participação consiste em, ao participar voluntariamente da pesquisa, responder este questionário eletrônico. Haverá riscos caracterizado por respostas a questões sensíveis, tais como dificuldades de escrita ou avaliações negativas já recebidas; além da tomada de tempo do sujeito ao responder ao questionário.

É importante frisar que, em nenhum momento, os participantes terão sua identidade e outras informações pessoais expostas. Os dados coletados constituirão um banco de dados para pesquisas futuras.

Além disso, os resultados desta pesquisa permitirão a criação de aulas e cursos para escrita de artigos de pesquisa, em língua inglesa e língua portuguesa.

A decisão em não participar da pesquisa não acarretará em nenhum tipo de constrangimento. O participante também poderá retirar seu consentimento a qualquer momento, sem qualquer tipo de prejuízo ou dano.

Sinta-se a vontade para fazer quaisquer perguntas aos pesquisadores. Eles terão prazer em prestar os devidos esclarecimentos.

Caso não se sinta esclarecido, você pode procurar a Comissão Permanente de Pesquisa (CPP), da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, campus de Araçatuba, pelo telefone (18) 3636-3234 ou pelo e-mail cep.foa@unesp.br

Termo de compromisso dos pesquisadores

Garantimos que este Termo de Consentimento será seguido e que responderemos a quaisquer questões colocadas pelo participante.

Pesquisador(a): Beatriz Gil (17) 99121-5397

E-mail: projeto-brapuh@gmail.com

Orientador(a): Solange Aranha

Coordenador(a) do Comitê de Ética em Pesquisa: Prof. Dr. Aldiéres Alves Pesqueira

Vice-Coordenador(a): Profa. Dra. Cristiane Duque

Telefone do Comitê: (18) 3636-3234

E-mail cep.foa@unesp.br

* Required

16/07/2020

QUESTIONÁRIO

1. Email address *

2. Declaro que li os detalhes descritos neste documento. Entendo que eu sou livre para aceitar ou recusar fazer parte desta pesquisa e que eu posso interromper minha participação a qualquer momento. Eu concordo que os dados coletados para o estudo sejam usados para os propósitos acima descritos. Para participar da pesquisa, é necessário que você concorde com o termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Você concorda em participar desta pesquisa? *

Mark only one oval.☐ Sim☐ Não

Perfil dos
pesquisadores

Esta seção tem por finalidade fazer o levantamento de qual é o perfil dos pesquisadores brasileiros das áreas de Ciências Humanas, Letras, Linguística e Artes. É importante frisar que os dados permanecerão em completo sigilo, em todas as etapas da pesquisa.

3. 1) Gênero de identificação *

Mark only one oval.☐ Masculino☐ Feminino☐ Outros

4. 2) Língua Materna *

Mark only one oval.☐ Português (brasileiro)☐ Inglês☐ Espanhol☐ Other:

16/07/2020

QUESTIONÁRIO

5. 3) Instituição da qual faz parte. *

Mark only one oval.

- ☐ EST
- ☐ FAJE
- ☐ FGV
- ☐ FIOCRUZ
- ☐ FUFPI
- ☐ FUFSE
- ☐ FUPF
- ☐ PUCCAMP
- ☐ PUC GOIÁS
- ☐ PUC MINAS
- ☐ PUC PARANÁ
- ☐ PUC RIO
- ☐ PUC RIO GRANDE DO SUL
- ☐ PUC SÃO PAULO
- ☐ UCB
- ☐ UCDB
- ☐ UECE
- ☐ UDESC
- ☐ UEL
- ☐ UEM
- ☐ UEPG
- ☐ UERL
- ☐ UFBA
- ☐ UFC
- ☐ UFES
- ☐ UFF
- ☐ UFG
- ☐ UFGD
- ☐ UFJF
- ☐ UFMG
- ☐ UFMS
- ☐ UFMT

16/07/2020

QUESTIONÁRIO

- ☐ UFOP
- ☐ UFPA
- ☐ UFPB
- ☐ UFPE
- ☐ UFPEL
- ☐ UFPR
- ☐ UFRGS
- ☐ UFRJ
- ☐ UFRN
- ☐ UFRRJ
- ☐ UFSC
- ☐ UFSCAR
- ☐ UFSM
- ☐ UFU
- ☐ UMESP
- ☐ UNB
- ☐ UNEB
- ☐ UNESP
- ☐ UNICAMP
- ☐ UNICAP
- ☐ UNICID
- ☐ UNIJUI
- ☐ UNIMEP
- ☐ UNINOVE
- ☐ UNIOESTE
- ☐ UNISINOS
- ☐ UNIRIO
- ☐ UNISUL
- ☐ UNIT
- ☐ UNIVALI
- ☐ UNIVERSO
- ☐ UPM
- ☐ USF
- ☐ USD
- ☐ USP

16/07/2020

QUESTIONÁRIO

- ☐ UTP
- ☐ Other: _____

6. 4) Nivel de escolaridade *

Mark only one oval.

- ☐ Doutorando
- ☐ Doutor
- ☐ Pós-doutorando
- ☐ Pós-doutor
- ☐ Livre docente
- ☐ Outros (graduando, graduado, mestre ou mestrando)

7. 5) Há quanto tempo você obteve o titulo de doutoramento? *

Mark only one oval.

- ☐ Estou com pesquisa de doutorado em andamento
- ☐ 5 anos, no máximo
- ☐ Entre 5 e 10 anos
- ☐ Mais de 10 anos

16/07/2020

QUESTIONÁRIO

8. 6) Subárea de pesquisa *

Mark only one oval.

- ☐ ANTROPOLOGIA (70300003)
- ☐ ARQUEOLOGIA (70400008)
- ☐ ARTES (80300006)
- ☐ CIÊNCIA POLÍTICA (70900000)
- ☐ EDUCAÇÃO (70800006)
- ☐ GEOGRAFIA (70600007)
- ☐ FILOSOFIA (70100004)
- ☐ HISTÓRIA (70500002)
- ☐ LETRAS (80200001)
- ☐ LINGUÍSTICA (80100007)
- ☐ PSICOLOGIA (70700001)
- ☐ SOCIOLOGIA (70200009)
- ☐ TEOLOGIA (71000003)
- ☐ Outros

Idiomas de
pesquisa e
publicação

O objetivo desta seção é mapear quais os idiomas mais relevantes para publicação nas áreas de Ciências Humanas, Letras, Linguística e Artes.

9. 1) Qual (quais) dos idiomas abaixo você já publicou? Selecione quantas opções quiser. *

Check all that apply.

- ☐ Ainda não publiquei artigos
- ☐ Português
- ☐ Inglês
- ☐ Espanhol

Other: ☐ _____

16/07/2020

QUESTIONÁRIO

10. 2) Qual (quais) dos idiomas abaixo você optaria em publicar seu próximo texto?
 Selecione quantas opções quiser. *

Check all that apply.

☐ Português

☐ Inglês

☐ Espanhol

Other: ☐ _____

11. 3) Você considera o artigo de pesquisa o principal gênero escrito de propagação de pesquisa de sua área? *

Mark only one oval.

☐ Sim

☐ Other: _____

12. 4) Qual é a principal língua franca de sua subárea de pesquisa (considere como subárea os itens que respondeu na seção anterior)? *

Mark only one oval.

☐ Português *Skip to question 28*

☐ Espanhol *Skip to question 28*

☐ Francês *Skip to question 28*

☐ Inglês

☐ Other: _____

Publicação de
Artigos em Língua
Inglês em
periódicos
internacionais

Esta seção tem como objetivo levantar dados sobre os motivos que levam os pesquisadores brasileiros a publicar em inglês, em periódicos internacionais, bem como a experiência nesta prática.

16/07/2020

QUESTIONÁRIO

13. 1) Qual seu posicionamento sobre o inglês ser língua franca de sua subárea? *

Mark only one oval.

- ☐ Positivo, vejo vantagens em o inglês ser língua franca.
- ☐ Negativo, vejo desvantagens em o inglês ser língua franca.
- ☐ Neutro/Indiferente
- ☐ Vejo pontos positivos e negativos.

14. 2) Justifique, brevemente, sua resposta na questão anterior.

16/07/2020

QUESTIONÁRIO

15. 3) Com qual frequência os seguintes fatores influenciam (ou influenciariam) sua decisão de publicar artigos em inglês? *

Mark only one oval per row.

	Nunca	Raramente	Às vezes	Frequentemente	Sempre
Comunicar meus resultados na comunidade nacional	☐	☐	☐	☐	☐
Comunicar meus resultados na comunidade internacional	☐	☐	☐	☐	☐
Ser citado com maior frequência	☐	☐	☐	☐	☐
Desenvolver-me intelectualmente com os comentários dos pares	☐	☐	☐	☐	☐
Conseguir promoção profissional	☐	☐	☐	☐	☐
Conseguir pagamento ou bônus	☐	☐	☐	☐	☐
Responder a um convite de uma editora ou de uma instituição	☐	☐	☐	☐	☐
Perseguir desafios constantes	☐	☐	☐	☐	☐
Avaliar minha habilidade em escrever nessa língua	☐	☐	☐	☐	☐
Avaliar a qualidade do meu artigo	☐	☐	☐	☐	☐
Melhorar as habilidades de escrita nessa língua	☐	☐	☐	☐	☐
Inserir-me/manter-me na prática de publicação da minha área	☐	☐	☐	☐	☐

16/07/2020

QUESTIONÁRIO

Melhorar minhas
métricas (índice-H, por
exemplo)

☐ ☐ ☐ ☐ ☐

16. 4) Indique quantos artigos em periódicos você publicou, em língua inglesa, nos últimos 10 anos: *

Mark only one oval.

- ☐ Ainda não publiquei artigos
- ☐ 1-5
- ☐ 6-10
- ☐ 11-15
- ☐ 16-20
- ☐ Mais de 20

17. 5) Como se dá a escrita de seus artigos, em inglês, em relação à autoria?

Mark only one oval per row.

	Nunca	Raramente	Frequentemente	Sempre
Não publico em coautoria	☐	☐	☐	☐
Publico em coautoria com outros pesquisadores brasileiros	☐	☐	☐	☐
Publico em coautoria com pesquisadores internacionais	☐	☐	☐	☐

16/07/2020

QUESTIONÁRIO

18. 6) Qual das seguintes estratégias de escrita em inglês você usa com maior frequência? (escolha apenas uma alternativa)

Mark only one oval.

- ☐ Escrevo em inglês e submeto sem revisões
☐ Escrevo em inglês e submeto o artigo para revisão de falantes nativos de inglês
☐ Escrevo em inglês e submeto o artigo para falantes nativos de português
☐ Escrevo em português e traduzo para o inglês
☐ Escrevo em português e alguém o traduz para o inglês
☐ Other: _____

19. 7) Em que tipo de periódico você já submeteu/publicou artigos? *

Mark only one oval per row.

	Nunca tentei publicar	Tentei, mas submeti e fui recusado	1-5	6-10	Mais de 10
Periódicos internacionais indexados de baixo impacto	☐	☐	☐	☐	☐
Periódicos internacionais indexados de médio impacto	☐	☐	☐	☐	☐
Periódicos internacionais indexados de alto impacto	☐	☐	☐	☐	☐
Periódicos internacionais não- indexados	☐	☐	☐	☐	☐

16/07/2020

QUESTIONÁRIO

20. 8) Como você acha que sua nacionalidade tem afetado o jeito pelo qual seus manuscritos são avaliados pelos periódicos internacionais em inglês? (Clique em quantas opções desejar) *

Check all that apply.

- ☐ Sinto que português como língua materna não afetou/afeta minhas avaliações
- ☐ Me sinto desfavorecido
- ☐ Me sinto favorecido

21. 9) Caso você tenha assinalado "me sinto desfavorecido", assinale as razões

Check all that apply.

- ☐ Me sinto desfavorecido devido ao fator língua (regras gramaticais, vocabulário, coesão e coerência)
- ☐ Me sinto desfavorecido por não conhecer as práticas acadêmicas internacionais
- ☐ Me sinto desfavorecido por não conhecer as regras de formatação utilizadas pelos periódicos internacionais
- ☐ Me sinto desfavorecido por não conhecer a estrutura textual e outros aspectos relacionados ao texto
- ☐ Sinto que há preconceitos contra a minha nacionalidade
- ☐ Me sinto desfavorecido devido minha pouca experiência de pesquisa e/ou instituição que faço parte

16/07/2020

QUESTIONÁRIO

22. 10) Pense a respeito dos artigos que você já submeteu, em língua inglesa, para periódicos internacionais. Com que frequência ocorreram as seguintes situações?

Check all that apply.

	Nunca	Raramente	Às vezes	Frequentemente	Sempre
Aceito, sem necessidade de correções	☐	☐	☐	☐	☐
Aceito, com necessidade de poucas correções (minor corrections)	☐	☐	☐	☐	☐
Aceito, com necessidade de muitas correções (major corrections)	☐	☐	☐	☐	☐
Recusado	☐	☐	☐	☐	☐

16/07/2020

QUESTIONÁRIO

23. 11) Qual tipo de comentário você já recebeu de pareceristas em artigos submetidos? *

Mark only one oval per row.

	Predominância de comentários positivos	Predominância de comentários negativos	Misto de comentários positivos e negativos	Nunca recebi/não me lembro de ter recebido comentários
Recorte de tema	☐	☐	☐	☐
Audiência/ Escopo do periódico	☐	☐	☐	☐
Perguntas de pesquisa	☐	☐	☐	☐
Revisão de literatura	☐	☐	☐	☐
Metodologia	☐	☐	☐	☐
Implicações pedagógicas	☐	☐	☐	☐
Resultado	☐	☐	☐	☐
Discussão de dados	☐	☐	☐	☐
Língua Ingleza	☐	☐	☐	☐

24. 12) Caso se sinta à vontade e ache pertinente, dê maiores informações sobre suas respostas da questão anterior.

16/07/2020

QUESTIONÁRIO

25. 13) Qual nível de dificuldade você encontra nos processos abaixo? *

Mark only one oval per row.

	Muita dificuldade	Dificuldade razoável	Pouca dificuldade	Nenhuma dificuldade
Escrita do resumo	☐	☐	☐	☐
Escrita da introdução	☐	☐	☐	☐
Escrita da revisão de literatura	☐	☐	☐	☐
Escrita dos materiais e métodos	☐	☐	☐	☐
Escrita dos resultados	☐	☐	☐	☐
Escrita da discussão	☐	☐	☐	☐
Escrita das considerações finais	☐	☐	☐	☐
Respostas e correspondências com os editores e parecerista	☐	☐	☐	☐
Pouco financiamento para publicação	☐	☐	☐	☐
Conhecimento de língua inglesa, em geral	☐	☐	☐	☐
Conhecimento de língua inglesa para fins acadêmicos	☐	☐	☐	☐
Conhecimento das expectativas do periódico	☐	☐	☐	☐
Escolha do periódico para publicação	☐	☐	☐	☐
Formatação do artigo para atender as normas para autores	☐	☐	☐	☐

16/07/2020

QUESTIONÁRIO

Publicação de artigos em inglês em periódicos nacionais

Esta seção tem como objetivo levantar dados sobre os motivos que levam os pesquisadores brasileiros a publicar em inglês, em periódicos nacionais, bem como a experiência nesta prática.

26. 1) Você já publicou em inglês em periódicos nacionais? *

Mark only one oval.

☐ Sim

☐ Não *Skip to question 28*

27. 2) O que o motiva em publicar, em língua inglesa, em periódicos nacionais?

Publicação de Artigos em Língua Portuguesa

Esta seção tem como objetivo levantar dados sobre os motivos que levam os pesquisadores brasileiros a publicar em português, bem como a experiência nesta prática.

28. 1) Indique quantos artigos em periódicos você publicou, em língua portuguesa, nos últimos 10 anos: *

Mark only one oval.

☐ Ainda não publiquei artigos

☐ 1-5

☐ 6-10

☐ 11-15

☐ 16-20

☐ Mais de 20

16/07/2020

QUESTIONÁRIO

29. 2) Com qual frequência os seguintes fatores influenciam (ou influenciariam) sua decisão de publicar artigos em português? *

Mark only one oval per row.

	Nunca	Raramente	Às vezes	Frequentemente	Sempre
Comunicar meus resultados na comunidade nacional	☐	☐	☐	☐	☐
Comunicar meus resultados na comunidade internacional	☐	☐	☐	☐	☐
Ser citado com maior frequência	☐	☐	☐	☐	☐
Desenvolver-me intelectualmente com os comentários dos pares	☐	☐	☐	☐	☐
Conseguir promoção profissional	☐	☐	☐	☐	☐
Conseguir pagamento ou bônus	☐	☐	☐	☐	☐
Responder a um convite de uma editora ou de uma instituição	☐	☐	☐	☐	☐
Perseguir desafios constantes	☐	☐	☐	☐	☐
Avaliar minha habilidade em escrever nessa língua	☐	☐	☐	☐	☐
Avaliar a qualidade do meu artigo	☐	☐	☐	☐	☐
Melhorar as habilidades de escrita nessa língua	☐	☐	☐	☐	☐
Inserir-me/manter-me na prática de publicação da minha área	☐	☐	☐	☐	☐

16/07/2020

QUESTIONÁRIO

Melhorar minhas
métricas (índice-H, por
exemplo)

☐ ☐ ☐ ☐ ☐

30. 3) Como se dá a escrita de seus artigos, em português, em relação à autoria? *

Mark only one oval per row.

	Nunca	Raramente	Frequentemente	Sempre
Não publico em coautoria	☐	☐	☐	☐
Publico em coautoria com outros pesquisadores brasileiros	☐	☐	☐	☐
Publico em coautoria com pesquisadores internacionais	☐	☐	☐	☐

31. 4) Qual das seguintes estratégias de escrita em português você usa com maior frequência? (escolha apenas uma alternativa)

Mark only one oval.

- ☐ Escrevo em português e submeto sem revisões
☐ Escrevo em português e submeto o artigo para revisão de língua
☐ Escrevo em português e submeto o artigo para revisão de conteúdo
☐ Escrevo em português e submeto o artigo para revisão de língua e conteúdo
☐ Other: _____

16/07/2020

QUESTIONÁRIO

32. 5) Pense a respeito dos artigos que você já submeteu, em língua portuguesa. Com que frequência ocorreram as seguintes situações?

Check all that apply.

	Nunca	Raramente	Às vezes	Frequentemente	Sempre
Aceito, sem necessidade de correções	☐	☐	☐	☐	☐
Aceito, com necessidade de poucas correções (minor corrections)	☐	☐	☐	☐	☐
Aceito, com necessidade de muitas correções (major corrections)	☐	☐	☐	☐	☐
Recusado	☐	☐	☐	☐	☐

16/07/2020

QUESTIONÁRIO

33. 6) Qual tipo de comentário você já recebeu de pareceristas em artigos submetidos? *

Mark only one oval per row.

	Predominância de comentários positivos	Predominância de comentários negativos	Misto de comentários positivos e negativos	Nunca recebi/não me lembro de ter recebido comentários
Recorte de tema	☐	☐	☐	☐
Audiência/ Escopo do periódico	☐	☐	☐	☐
Perguntas de pesquisa	☐	☐	☐	☐
Revisão de literatura	☐	☐	☐	☐
Metodologia	☐	☐	☐	☐
Implicações pedagógicas	☐	☐	☐	☐
Resultado	☐	☐	☐	☐
Discussão de dados	☐	☐	☐	☐
Língua Portuguesa	☐	☐	☐	☐
Outros	☐	☐	☐	☐

34. 7) Caso se sinta à vontade e ache pertinente, dê maiores informações sobre suas respostas da questão anterior.

16/07/2020

QUESTIONÁRIO

35. 8) Qual nível de dificuldade você encontra nos processos abaixo? *

Mark only one oval per row.

	Muita dificuldade	Dificuldade razoável	Pouca dificuldade	Nenhuma dificuldade
Escrita do resumo	☐	☐	☐	☐
Escrita da introdução	☐	☐	☐	☐
Escrita da revisão de literatura	☐	☐	☐	☐
Escrita dos materiais e métodos	☐	☐	☐	☐
Escrita dos resultados	☐	☐	☐	☐
Escrita da discussão	☐	☐	☐	☐
Escrita das considerações finais	☐	☐	☐	☐
Respostas e correspondência com os editores e parecerista	☐	☐	☐	☐
Pouco financiamento para publicação	☐	☐	☐	☐
Conhecimento de língua portuguesa, em geral	☐	☐	☐	☐
Conhecimento de língua portuguesa para fins acadêmicos	☐	☐	☐	☐
Conhecimento das expectativas do periódico	☐	☐	☐	☐
Escolha do periódico para publicação	☐	☐	☐	☐
Formatação do artigo para atender as normas para autores	☐	☐	☐	☐

16/07/2020

QUESTIONÁRIO

Cursos em escrita acadêmica para fins de publicação

A última seção objetiva entender as necessidades dos participantes para aula e cursos de escrita acadêmica, em inglês e português, para fins de publicação.

36. 1) Qual (quais) das seguintes estratégias te ajudariam a melhorar sua escrita acadêmica para fins de publicação? Selecione quantas opções julgar necessário. *

Check all that apply.

- ☐ Cursos que ensinem a escrever artigos de pesquisa
- ☐ Feedback de orientadores e supervisores sobre minha escrita
- ☐ Feedback de editores e pareceristas
- ☐ Feedback de outros colegas pesquisadores
- ☐ Participação em workshops e palestras sobre escrita acadêmica
- ☐ Consulta a manuais e outras fontes sobre como escrever artigos
- ☐ Observação pela forma como outros escrevem
- ☐ Observação de palavras e expressões online
- ☐ Sugestões e conselhos recebidos em estágios de pesquisa fora do país
- ☐ Sugestões de tradutores sobre meu texto

Other: ☐ _____

37. 2) Você acha que precisa continuar seus estudos em escrita de artigos de pesquisa com a finalidade de publicação? *

Check all that apply.

	Sim	Não	Talvez
Inglês	☐	☐	☐
Português	☐	☐	☐

16/07/2020

QUESTIONÁRIO

38. 3) Cursos sobre como escrever artigos de pesquisa, em língua portuguesa e em língua inglesa, devem contemplar... (selecione todas as opções que considerar apropriada)

Check all that apply.

	Português	Inglês
Escrita acadêmica para publicações em geral	☐	☐
Escrita acadêmica para publicações em áreas relacionadas a minha pesquisa	☐	☐
Escrita acadêmica para periódicos que pretendo publicar	☐	☐
Qualquer aspecto de escrita acadêmica	☐	☐
Problemas que autores brasileiros sofrem quando escrevem artigos de pesquisa	☐	☐
Escrita de cada seção do artigo de pesquisa (resumo, introdução, métodos, etc.)	☐	☐
Normas de formatação para periódicos	☐	☐
Políticas editoriais	☐	☐
Outros	☐	☐

16/07/2020

QUESTIONÁRIO

39. 4) Quais suas necessidades de aprendizagem com relação às etapas que envolvem a escrita de um artigo?

Mark only one oval per row.

	Nenhuma	Pouca	Alguma	Bastante	Muita
Expressar a relevância de minha contribuição para a área claramente	☐	☐	☐	☐	☐
Revisar a literatura apropriadamente	☐	☐	☐	☐	☐
Expressar claramente minha interpretação dos resultados	☐	☐	☐	☐	☐
Organizar minhas ideias de forma lógica e coerente	☐	☐	☐	☐	☐
Expressar minhas alegações com confiança e assertividade	☐	☐	☐	☐	☐
Progressão textual para os leitores entenderem minha argumentação	☐	☐	☐	☐	☐
Relacionar diferentes partes do artigo (ideias, parágrafos, seções)	☐	☐	☐	☐	☐
Escrever estilo acadêmico apropriado a minha disciplina. Ex: (im)personalidade	☐	☐	☐	☐	☐
Expressar claramente minha interpretação dos resultados de minha pesquisa	☐	☐	☐	☐	☐
Expressar minhas ideias com a gramática correta	☐	☐	☐	☐	☐
Aprender terminologia específica de minha área e da academia	☐	☐	☐	☐	☐

16/07/2020

QUESTIONÁRIO

40. 5) Você teria disponibilidade para participação de uma entrevista, via Skype, com duração aproximadamente de 20 minutos, para coleta de mais informações? *

Mark only one oval.

- ☐ Sim
☐ Não

41. 6) Você consentiria em, anonimamente, compartilhar aceites e recusas de artigos que já recebeu: *

Mark only one oval.

- ☐ Sim
☐ Não

This content is neither created nor endorsed by Google.

Google Forms

APÊNDICE C — E-mails de contato

Primeiro e-mail de contato

Prezad@ pesquisador@,

Você está sendo convidad@ a participar do projeto BRAPuH (Publicações Brasileiras em Humanidades), cujo objetivo é traçar um panorama dos pesquisadores brasileiros das áreas de Ciências Humanas, Letras, Linguística e Artes, no que tange à publicação de artigos nacional e internacionalmente para que, futuramente, essas informações possam fomentar a criação e desenvolvimento de cursos sobre escrita acadêmica de artigos para publicação. A divulgação científica se mostra tão relevante que se torna critério para as distribuições de bolsas de pesquisa, contratações, atribuição de notas a programas de pós-graduação e até mesmo prestígio de pesquisadores e universidade.

Sua resposta é extremamente importante para entendermos quais as práticas de publicação e pesquisa nas áreas de Humanidades, especialmente neste momento sociohistórico em que somos acometidos por cortes de verbas, questionados sobre a importância de nosso papel na sociedade e cobrados em ter desempenho similar com outras áreas que apresentam tradições de pesquisas diferentes das nossas.

Sua participação consiste em responder a um questionário eletrônico (link abaixo), com duração aproximada de 25 minutos.

<https://forms.gle/2935sKn6FyxHjhXy9>

Agradecemos antecipadamente sua atenção!

Colocamo-nos à disposição para quaisquer dúvidas ou comentários,

Atenciosamente,

Projeto BRAPuH

Publicações Brasileira em HUmanidades

Pesquisa desenvolvida com apoio CAPES

CAAE: 30729520.9.0000.5420

Pesquisadora responsável: Prof. Ms. Beatriz Gil

Pós-graduação em Estudos Linguísticos (UNESP SJRP)

Contato: 17 99121-5397

Segundo e-mail de contato

Prezad@ pesquisador@,

Gostaríamos de agradecer sua participação em nossa pesquisa. Todas as respostas geraram dados importantes e únicos para analisarmos e entendermos as práticas e necessidades dos pesquisadores brasileiros das áreas de Ciências Humanas, Letras, Linguística e Artes.

Caso ainda não tenha conseguido participar, o questionário eletrônico (link abaixo) ficará disponível até 12/07/2020.

<https://forms.gle/2935sKn6FyxHjhXy9>

Agradecemos sua atenção e participação!

Colocamo-nos à disposição para quaisquer dúvidas ou comentários,

Atenciosamente,

Projeto BRAPuH

Publicações Brasileira em Humanidades

Pesquisa desenvolvida com apoio CAPES

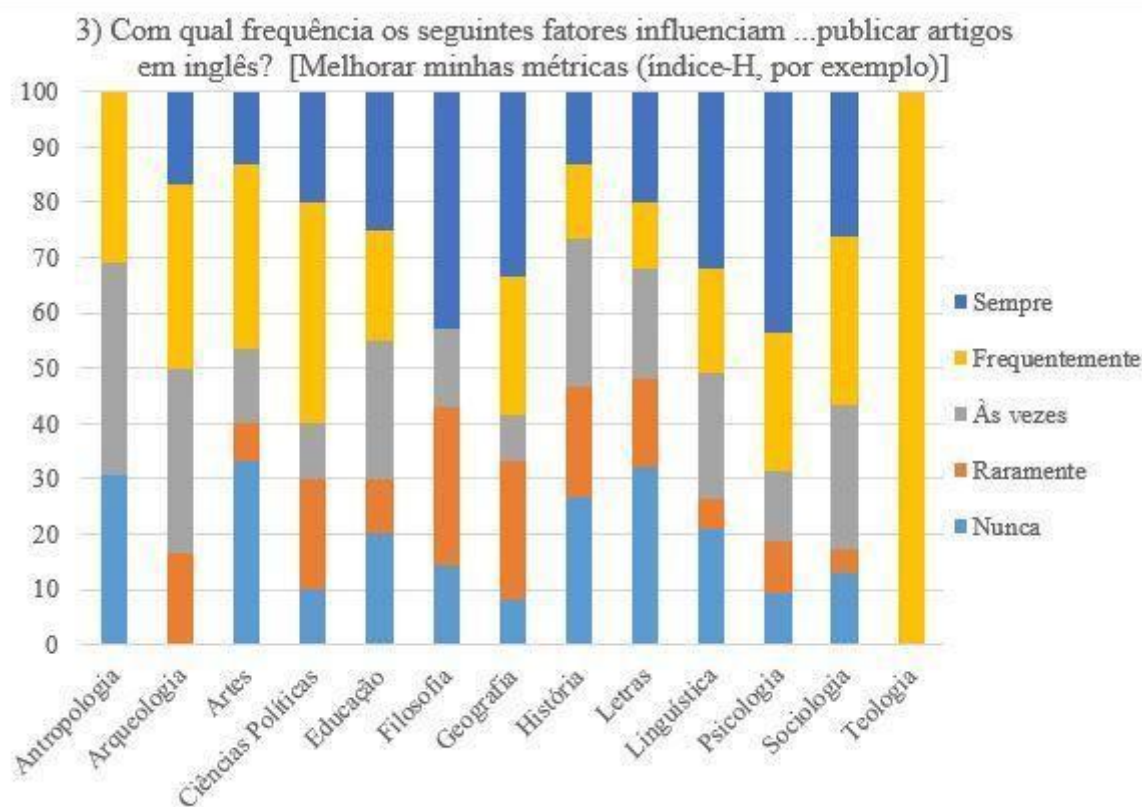
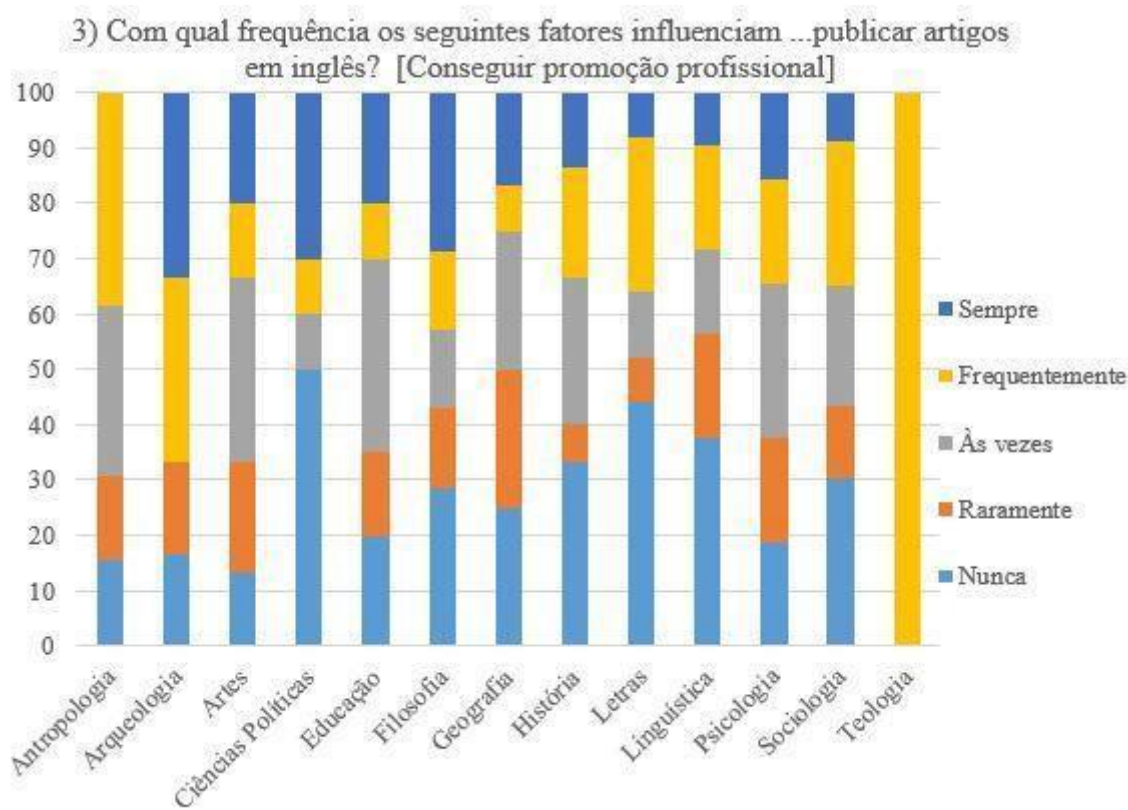
CAAE: 30729520.9.0000.5420

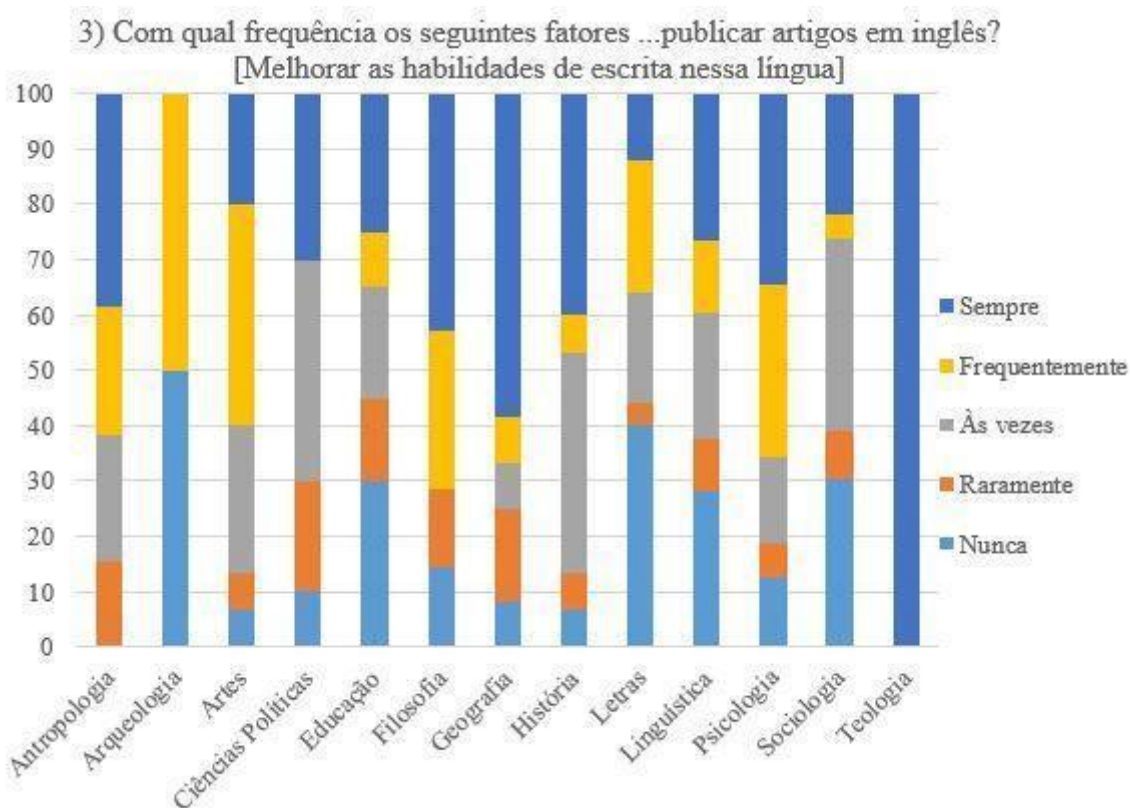
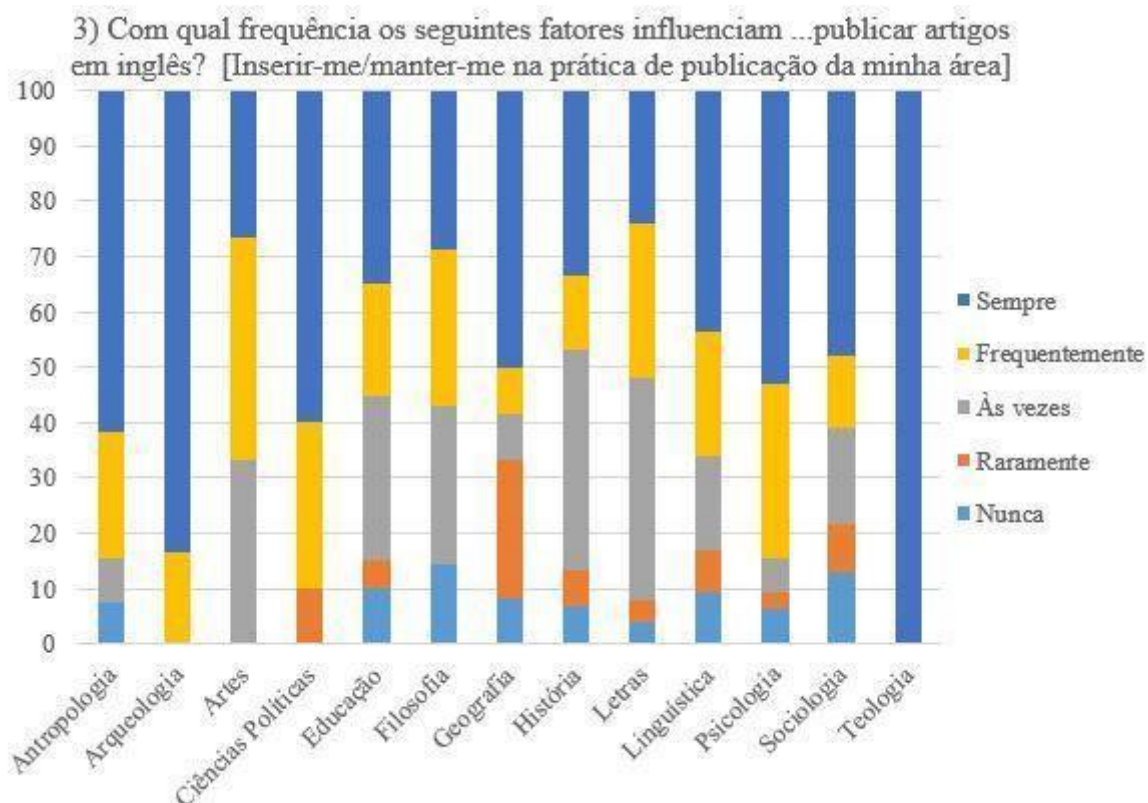
Pesquisadora responsável: Prof. Ms. Beatriz Gil

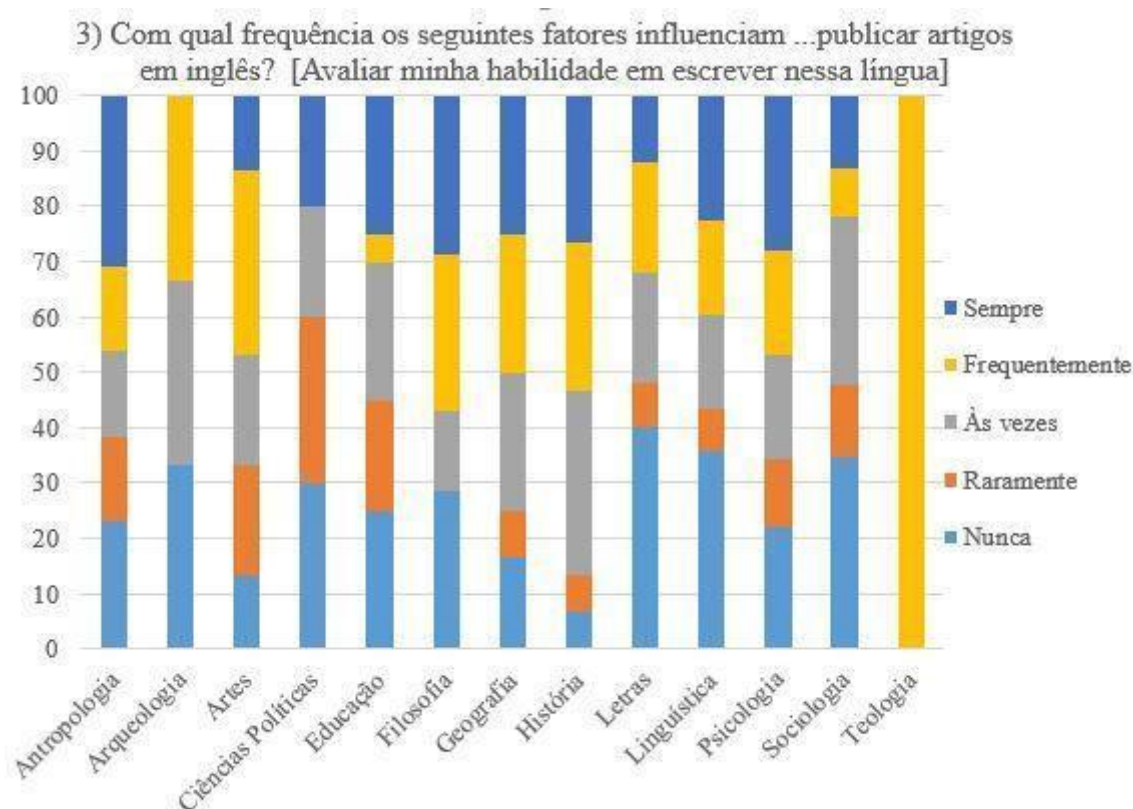
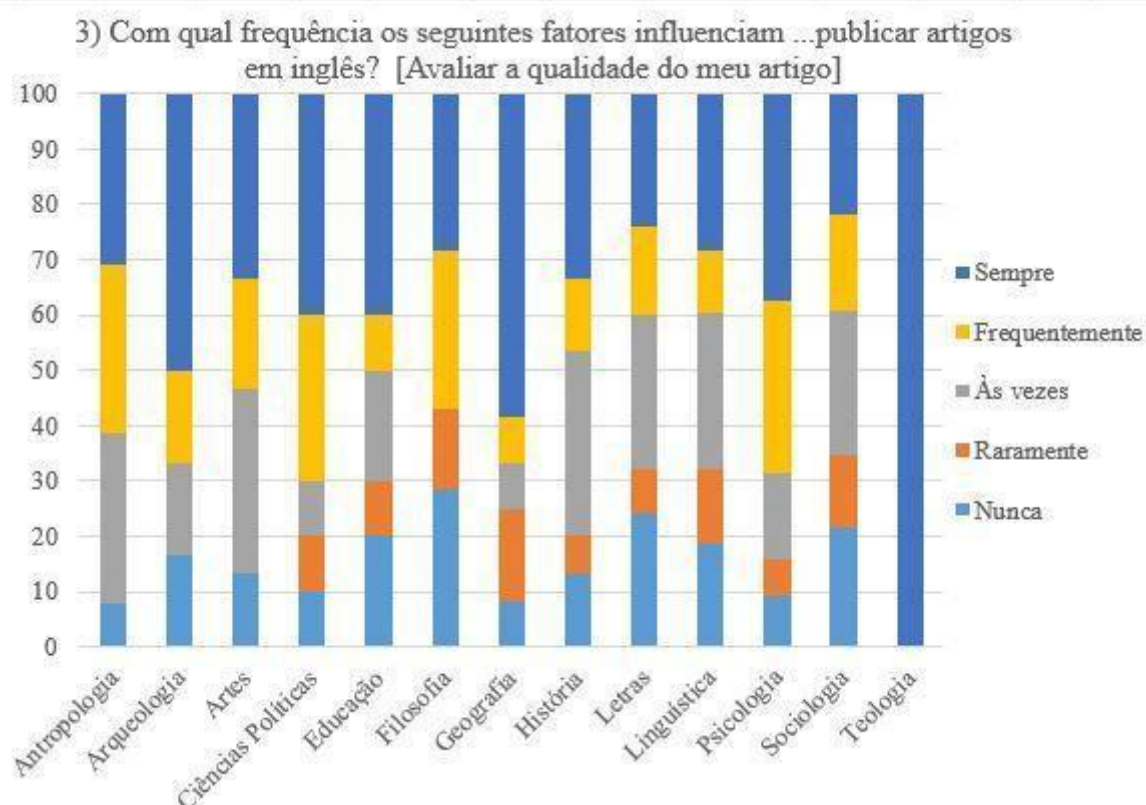
Pós-graduação em Estudos Linguísticos (UNESP SJRP)

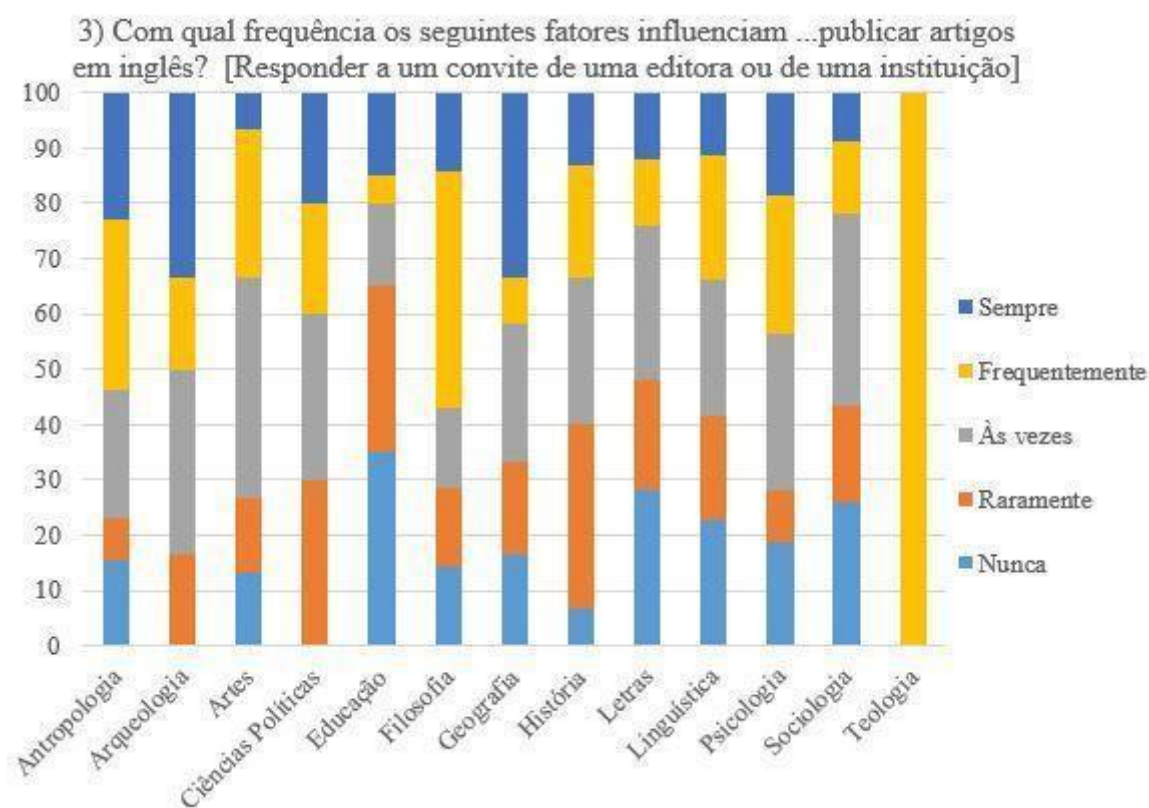
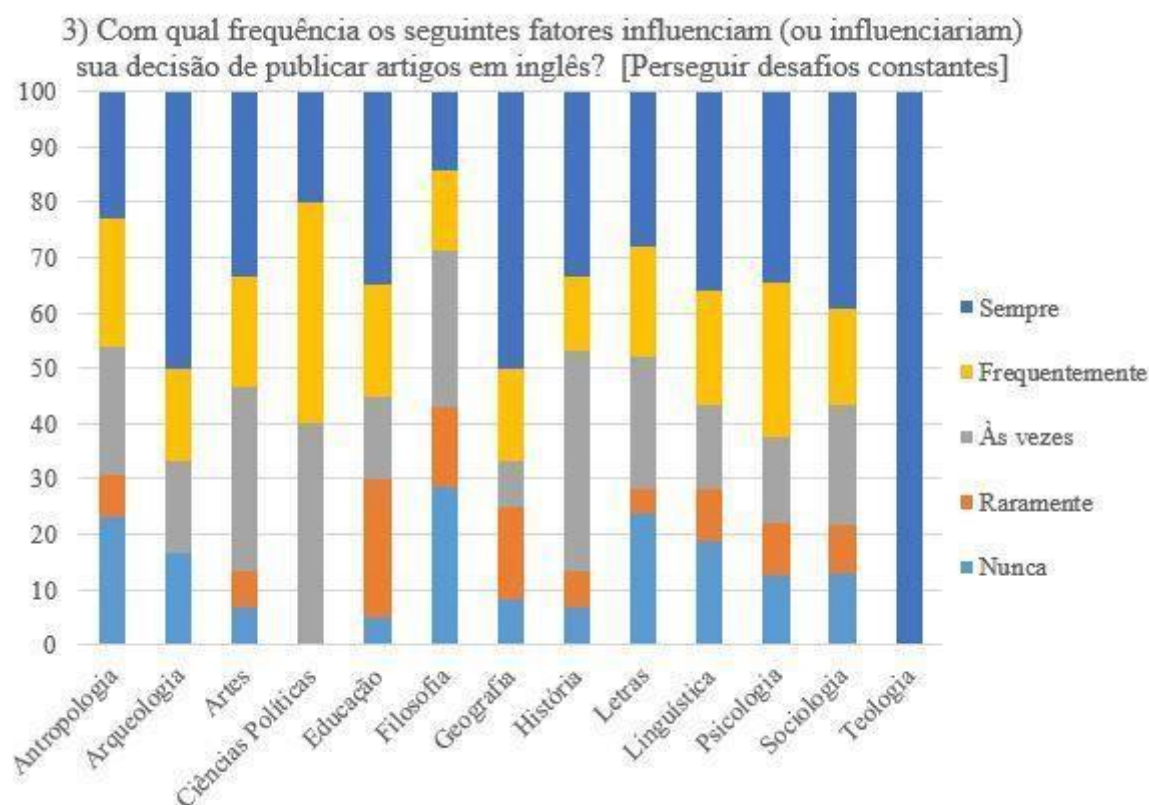
Contato: 17 99121-5397

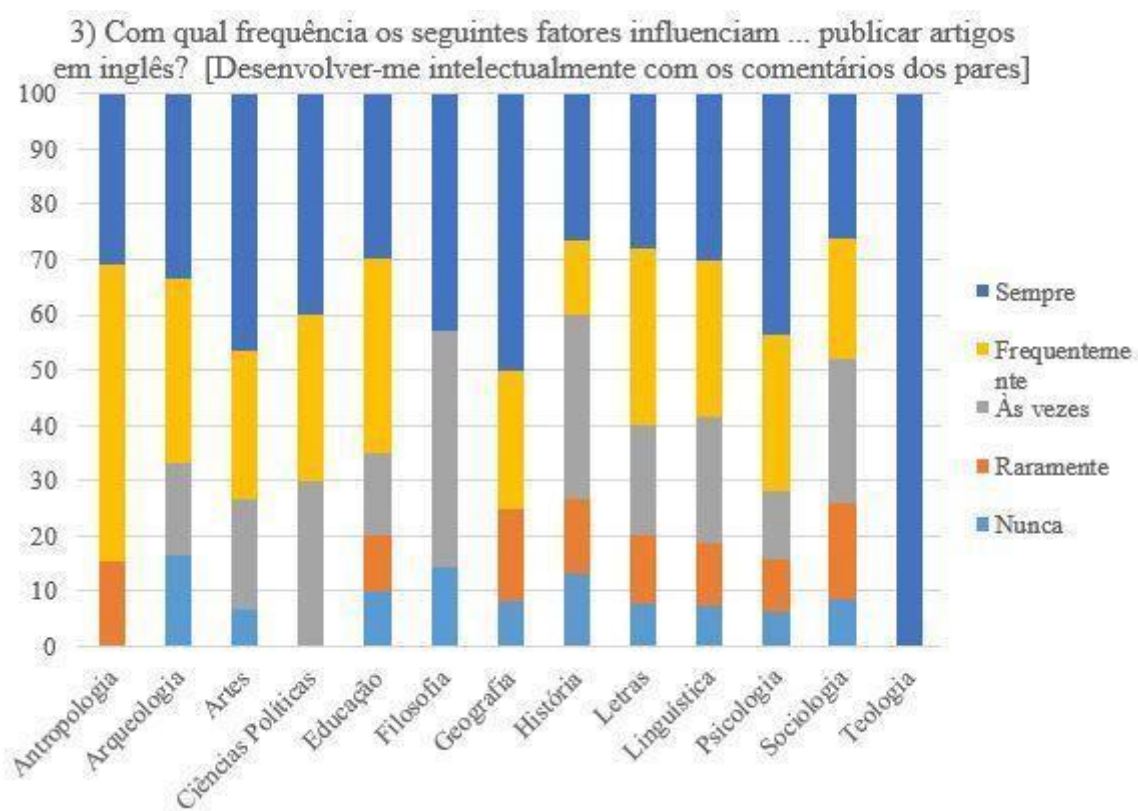
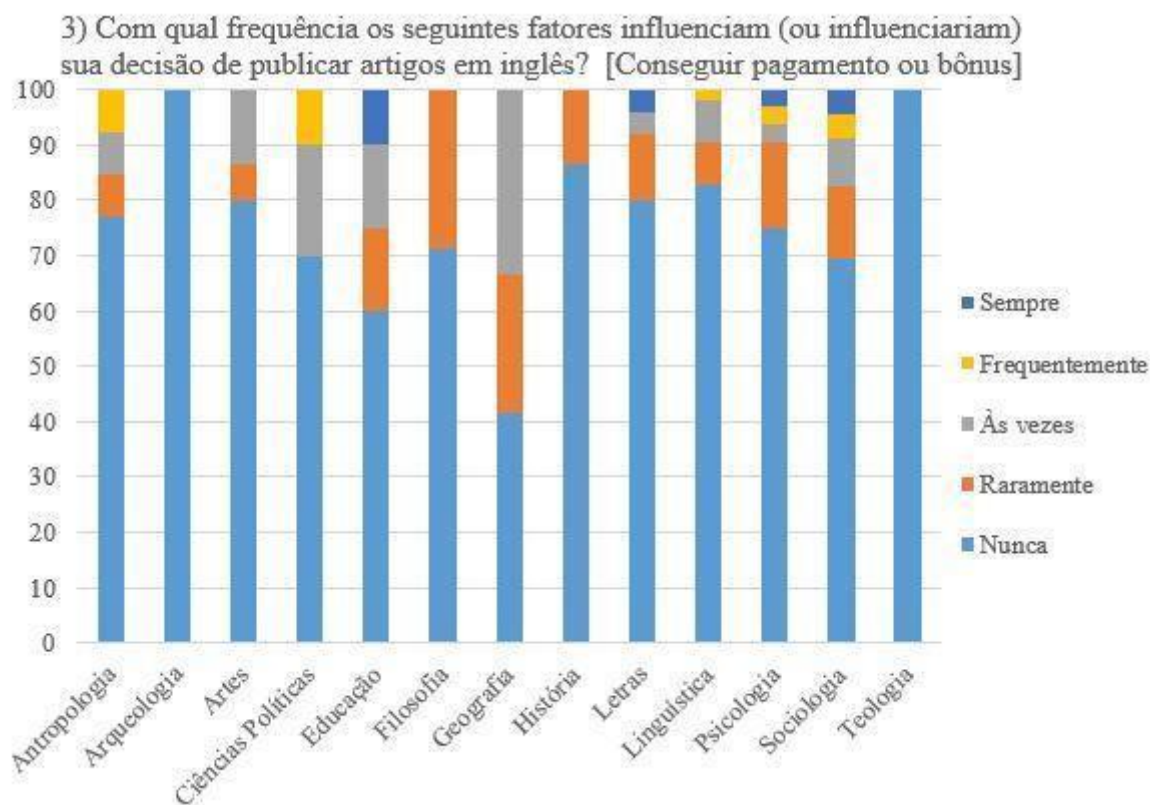
APÊNDICE D — Gráficos "Motivos para publicar em língua inglesa"

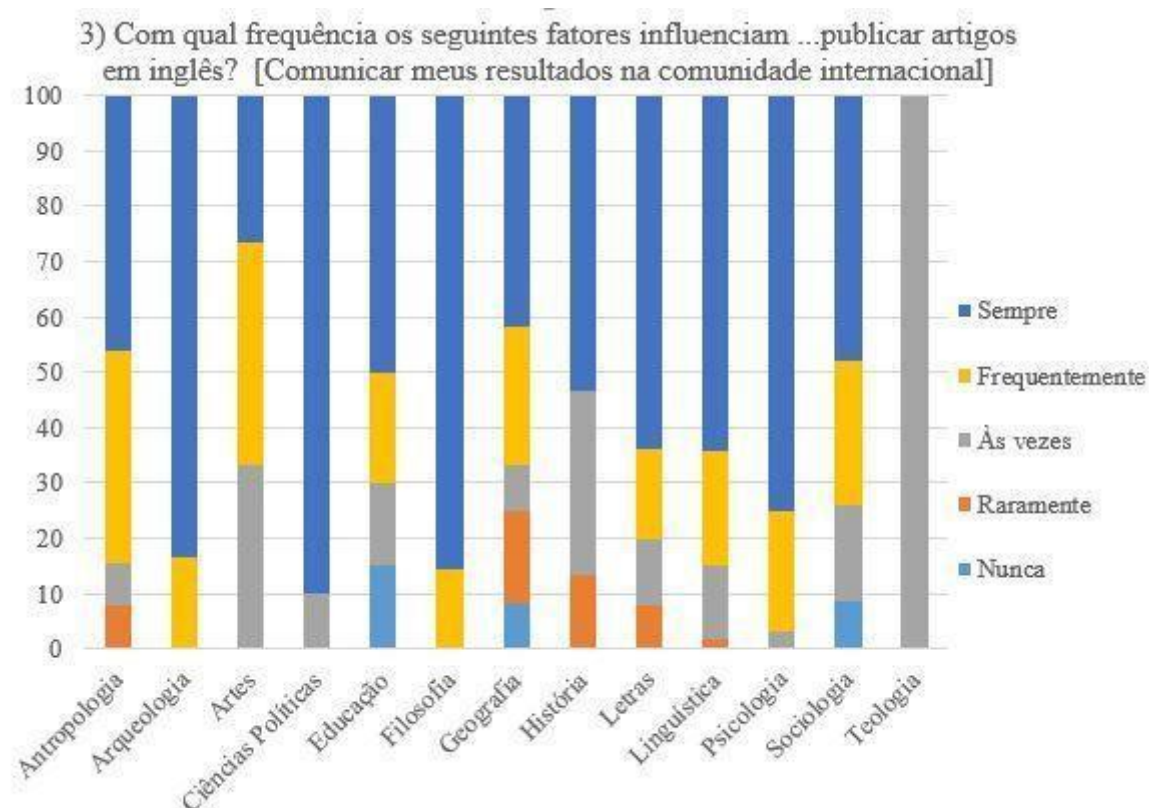
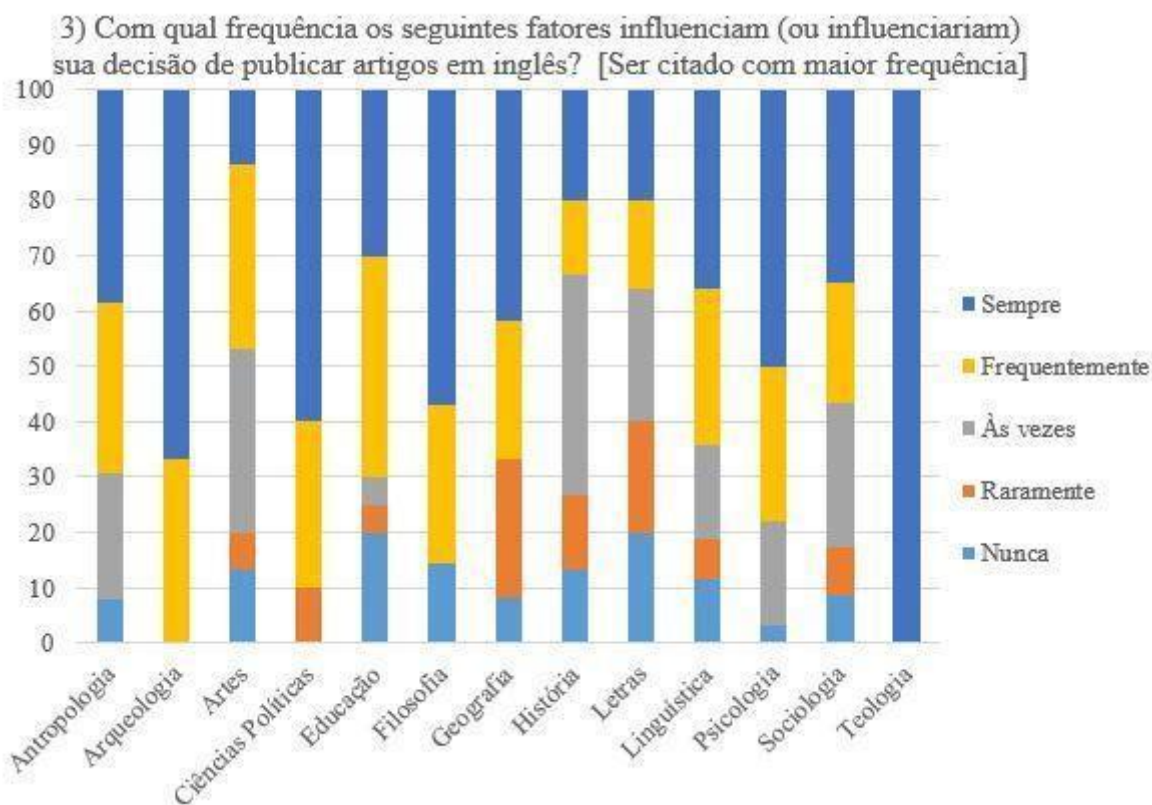




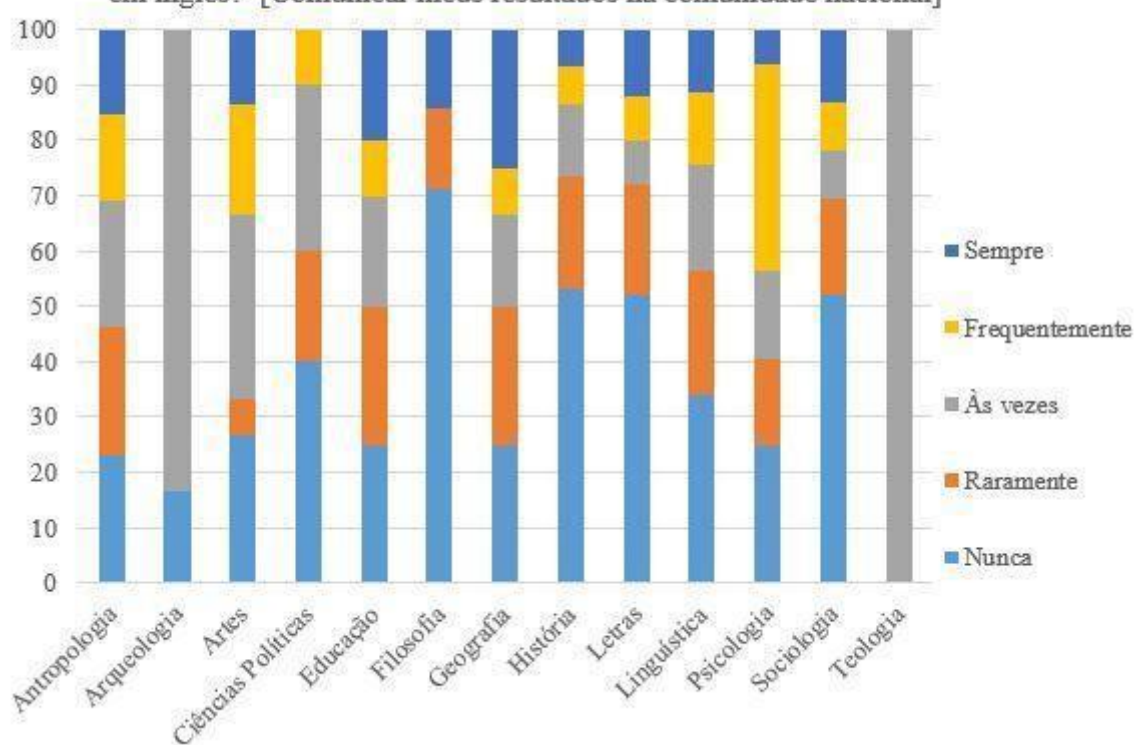






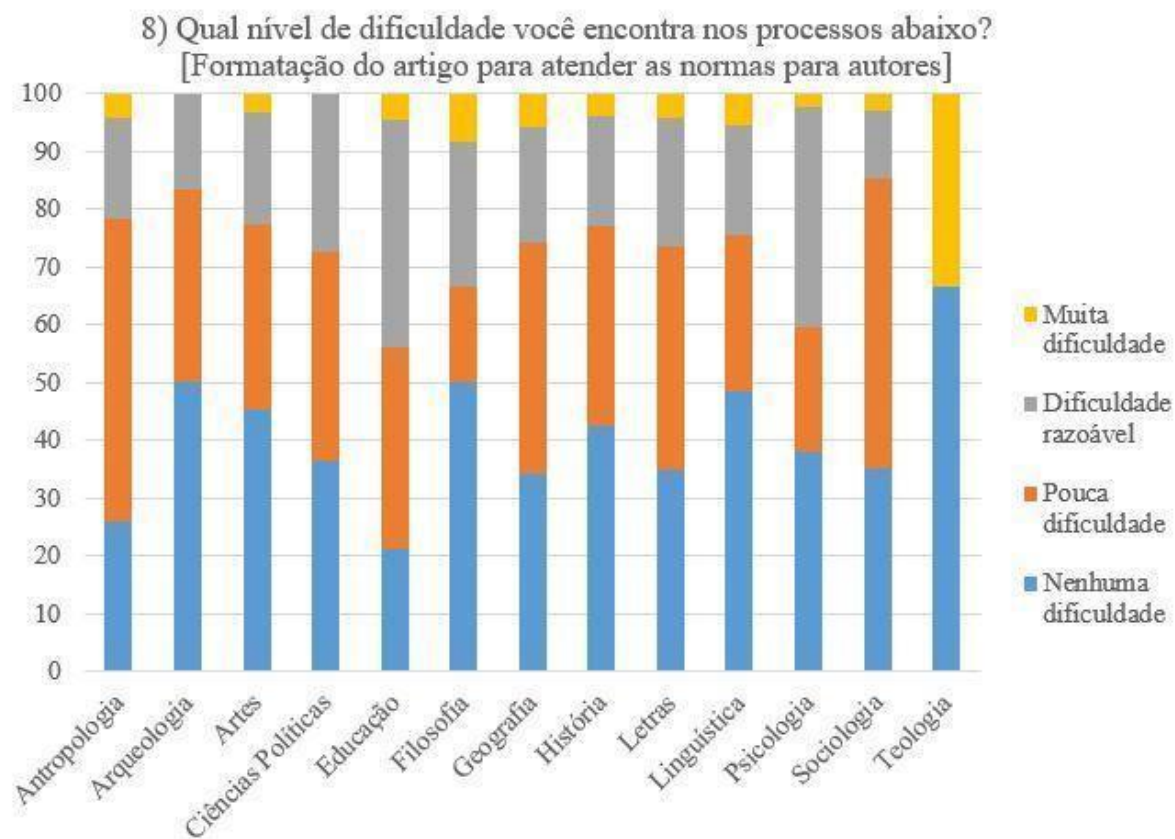


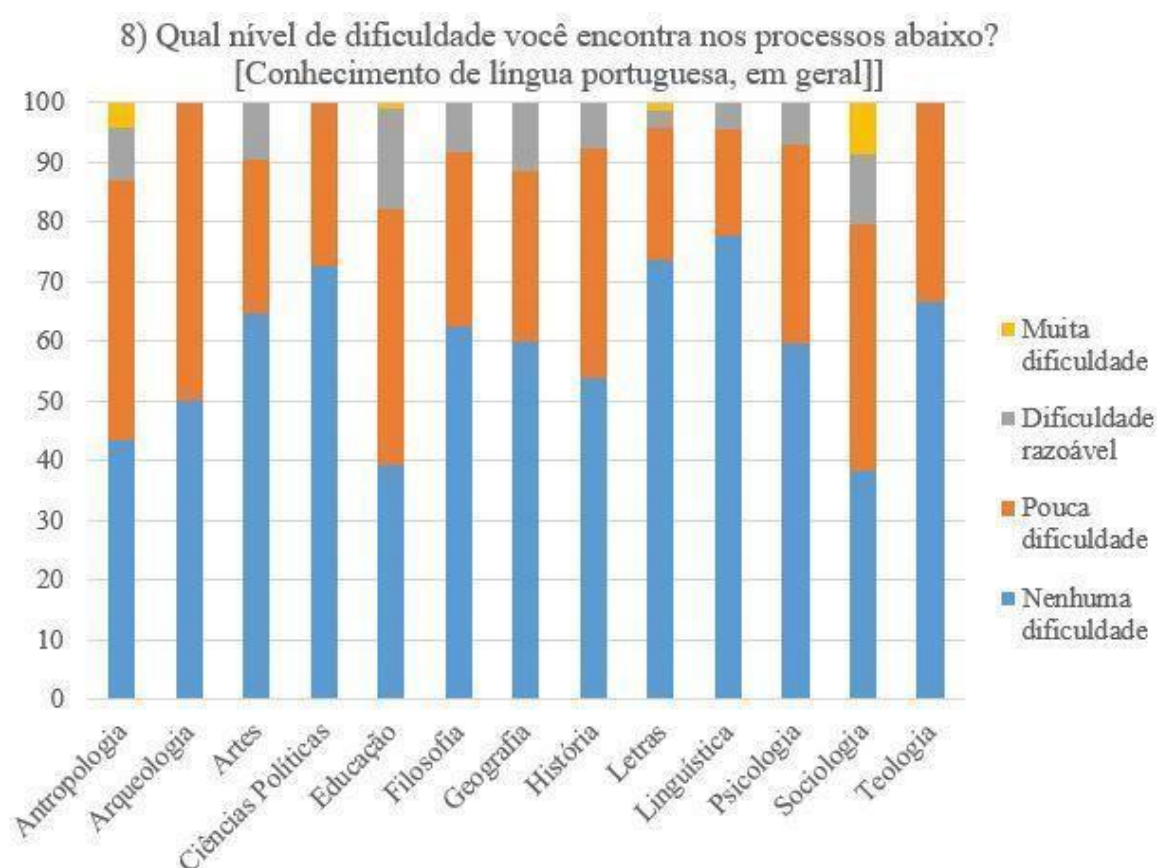
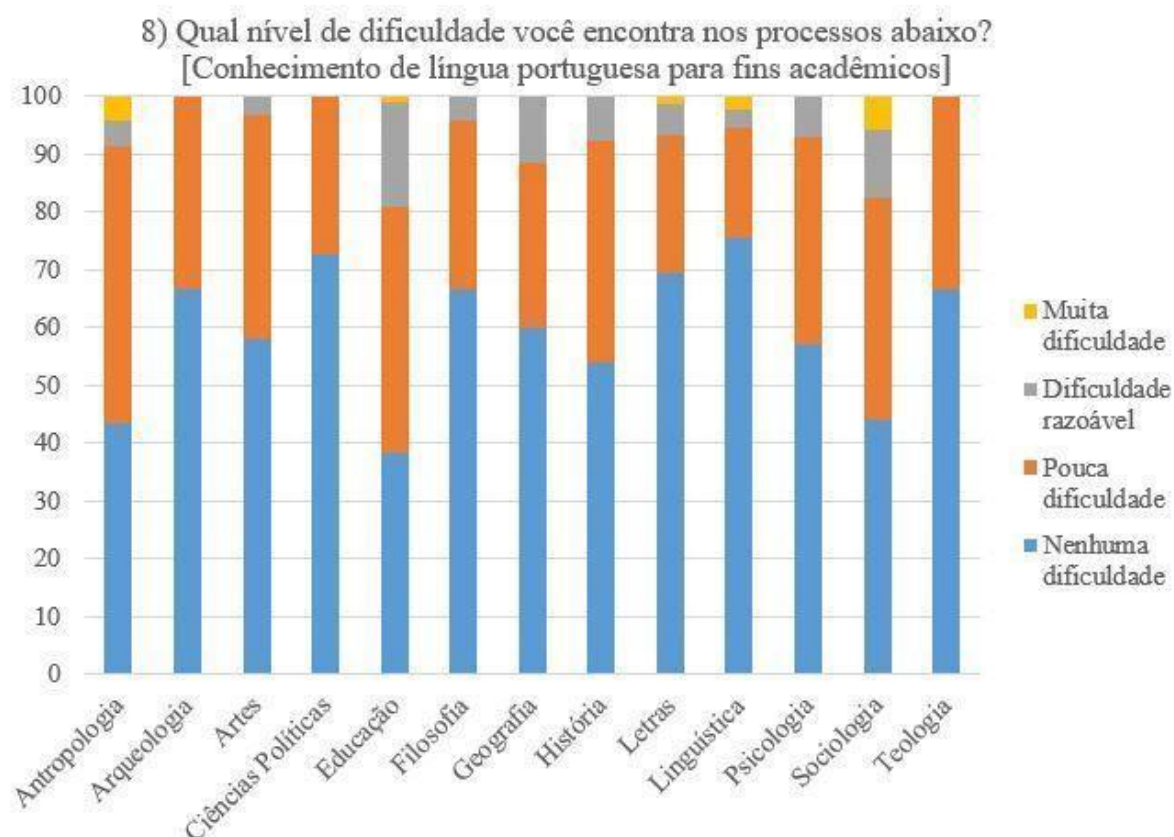
3) Com qual frequência os seguintes fatores influenciam ...publicar artigos em inglês? [Comunicar meus resultados na comunidade nacional]

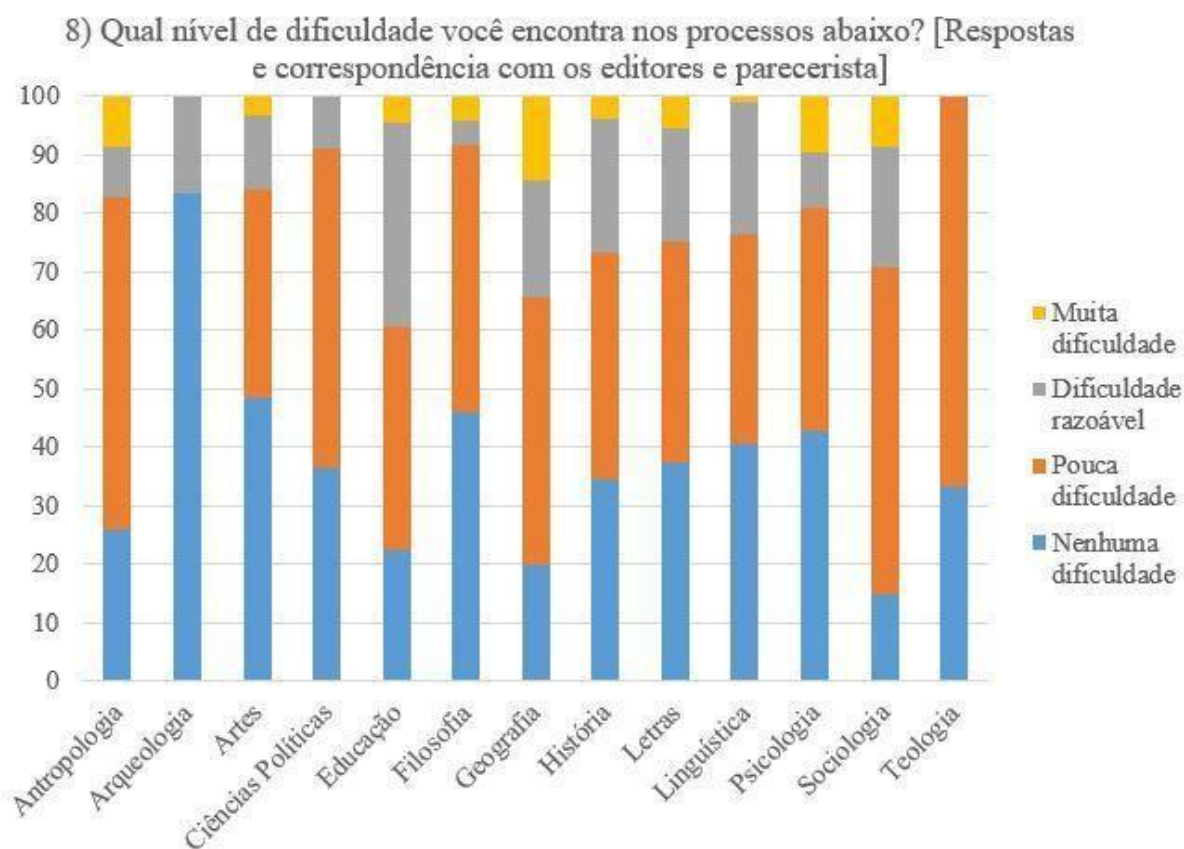
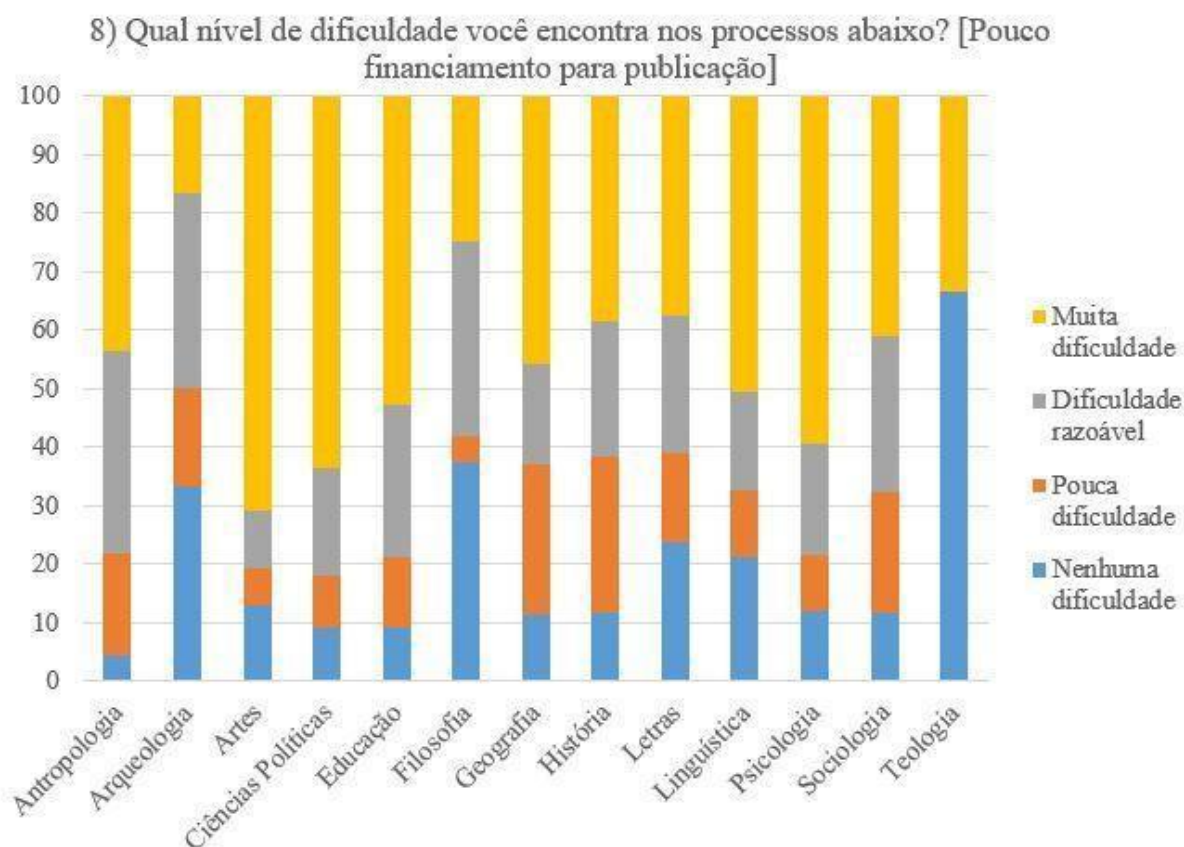


APÊNDICE E — GRÁFICOS "NÍVEL DE DIFICULDADE"

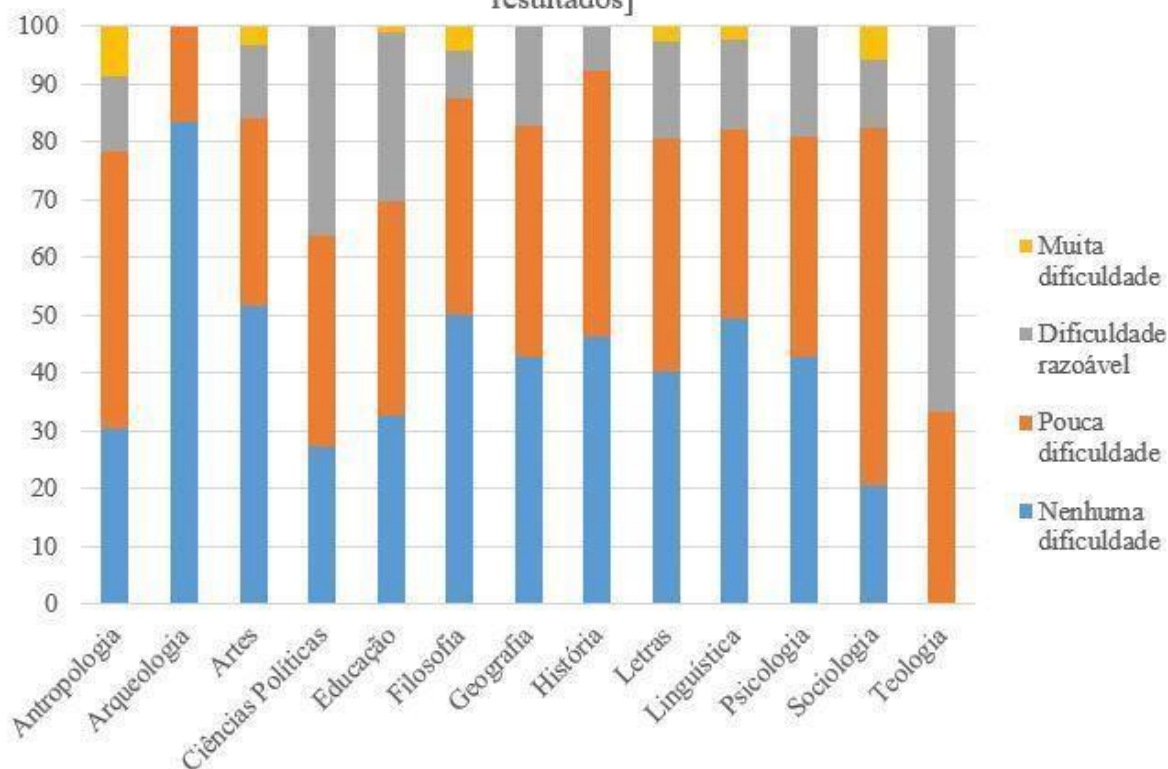
S6Q18 - Nível de dificuldade em língua portuguesa



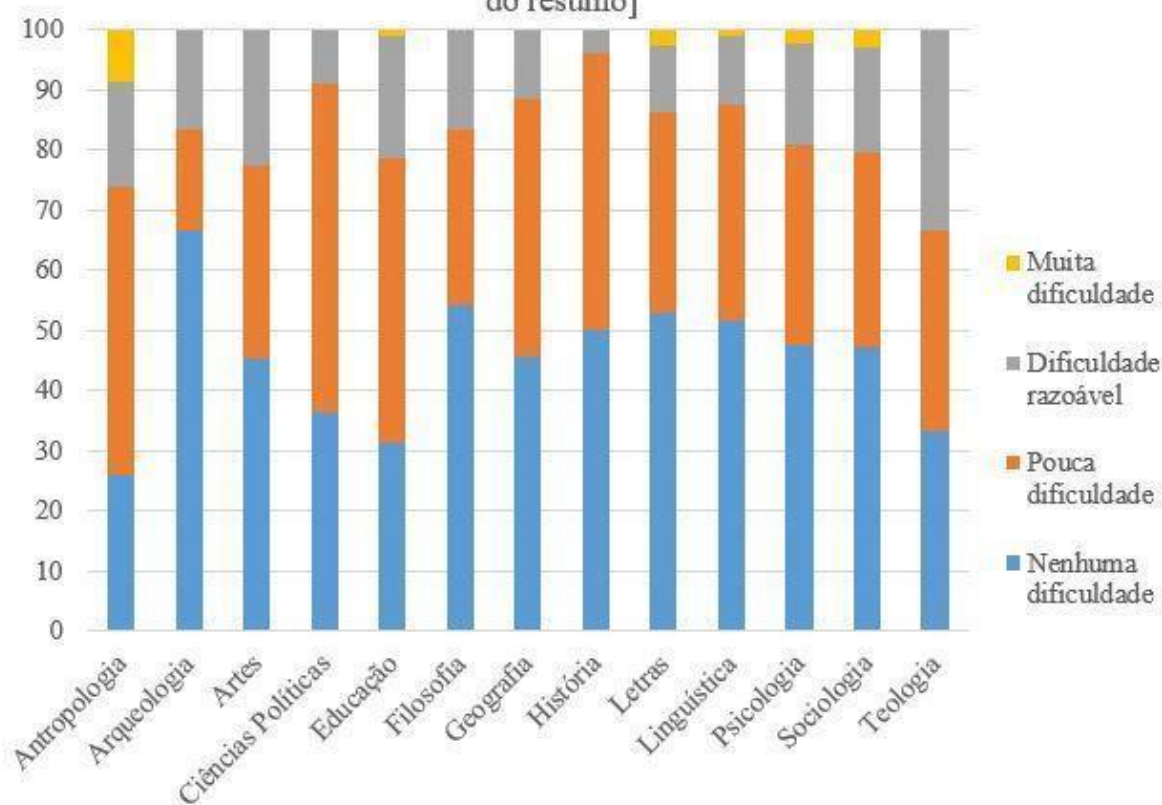


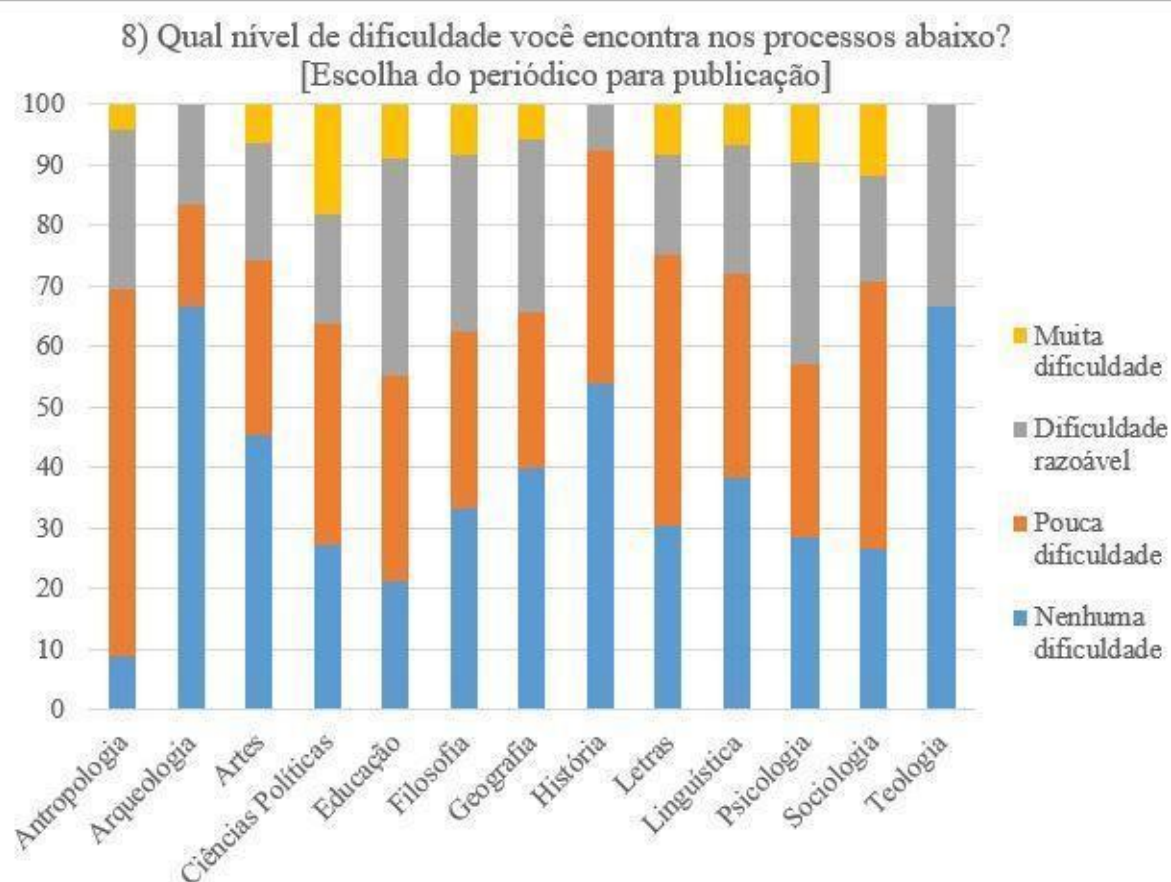
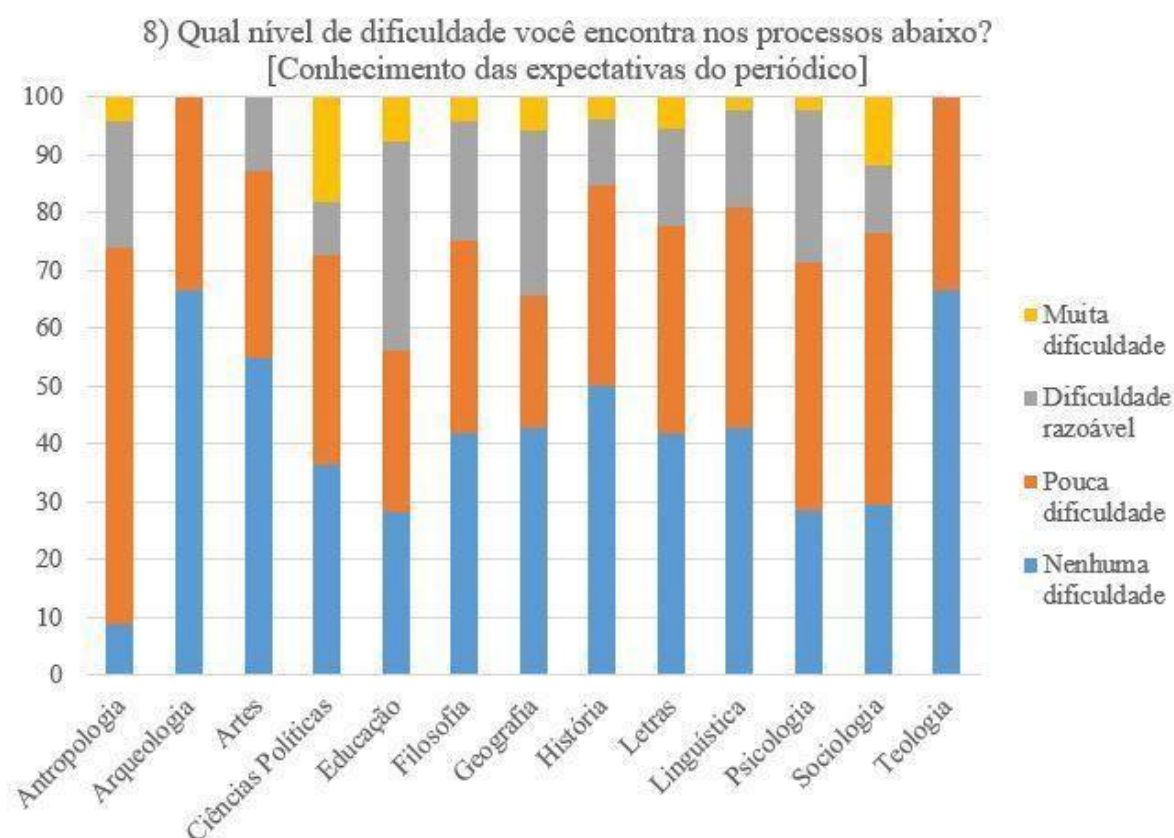


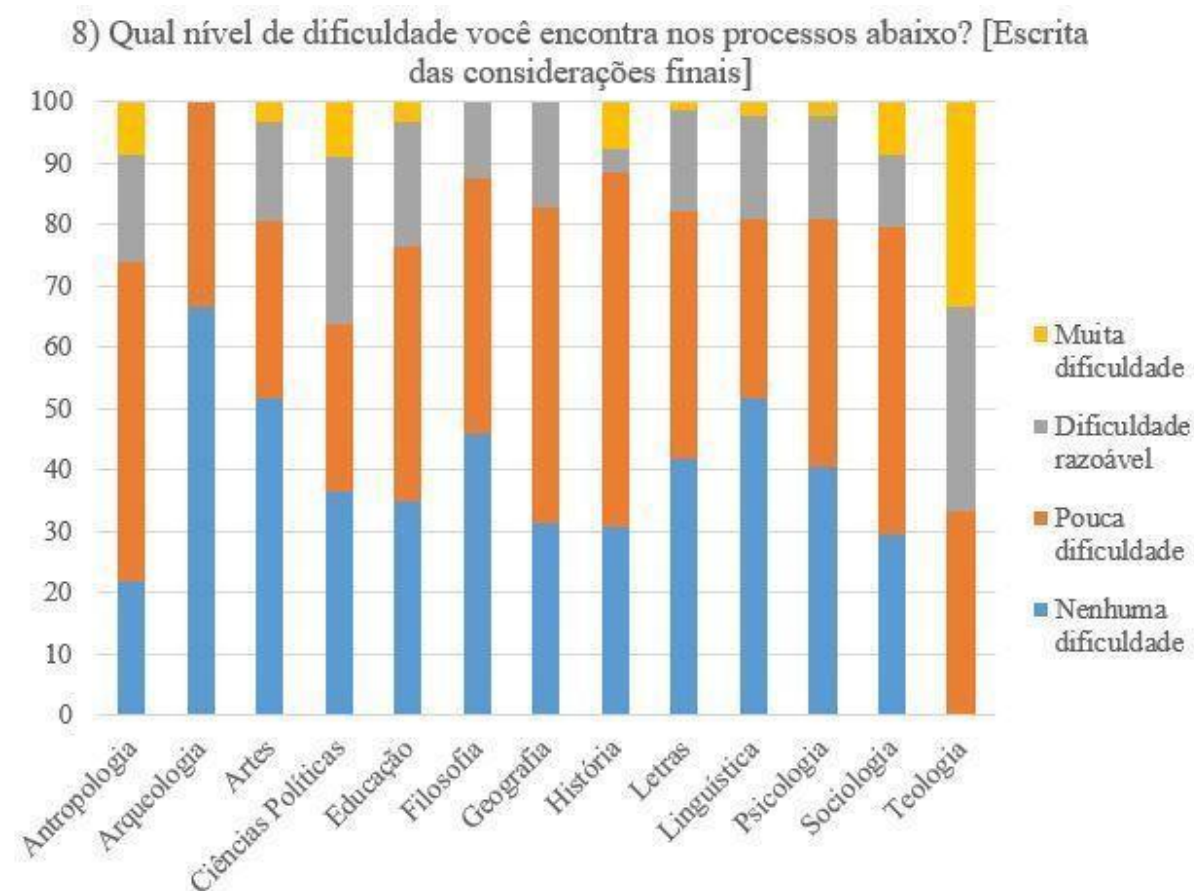
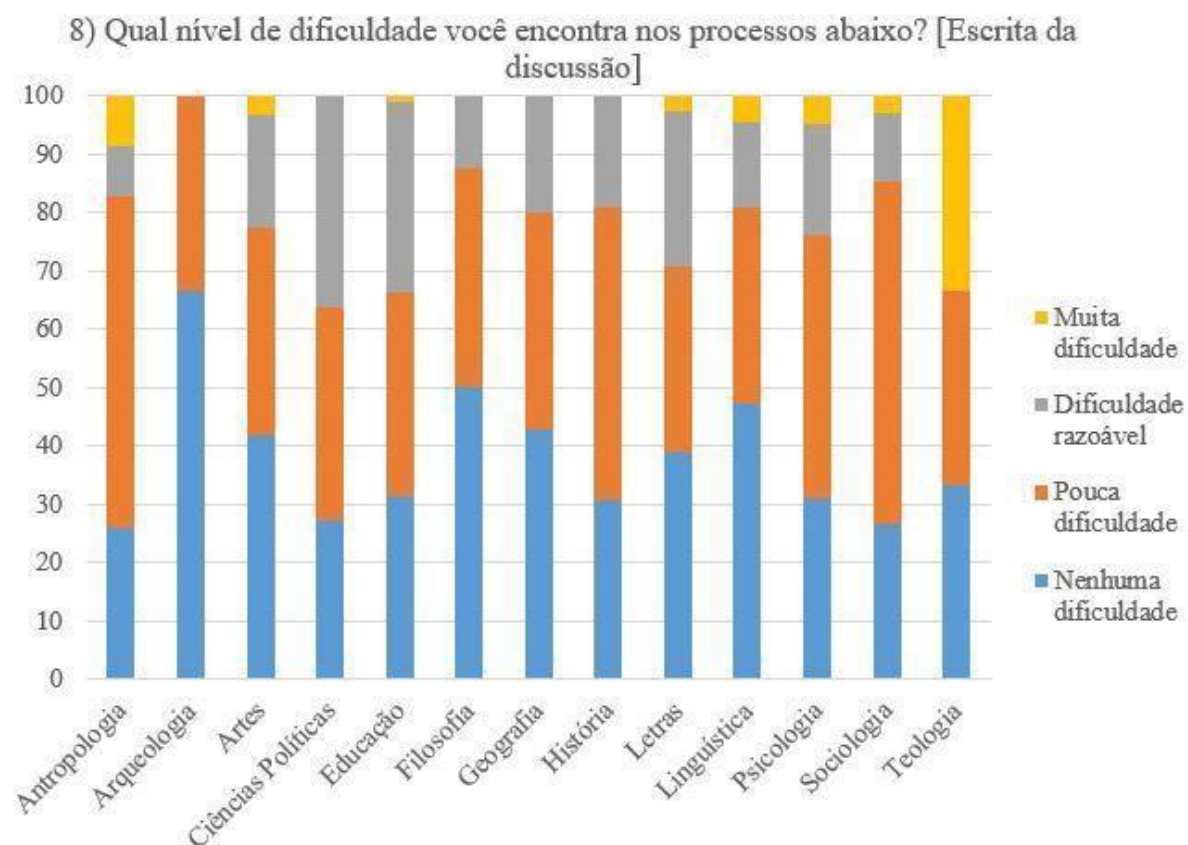
8) Qual nível de dificuldade você encontra nos processos abaixo? [Escrita dos resultados]



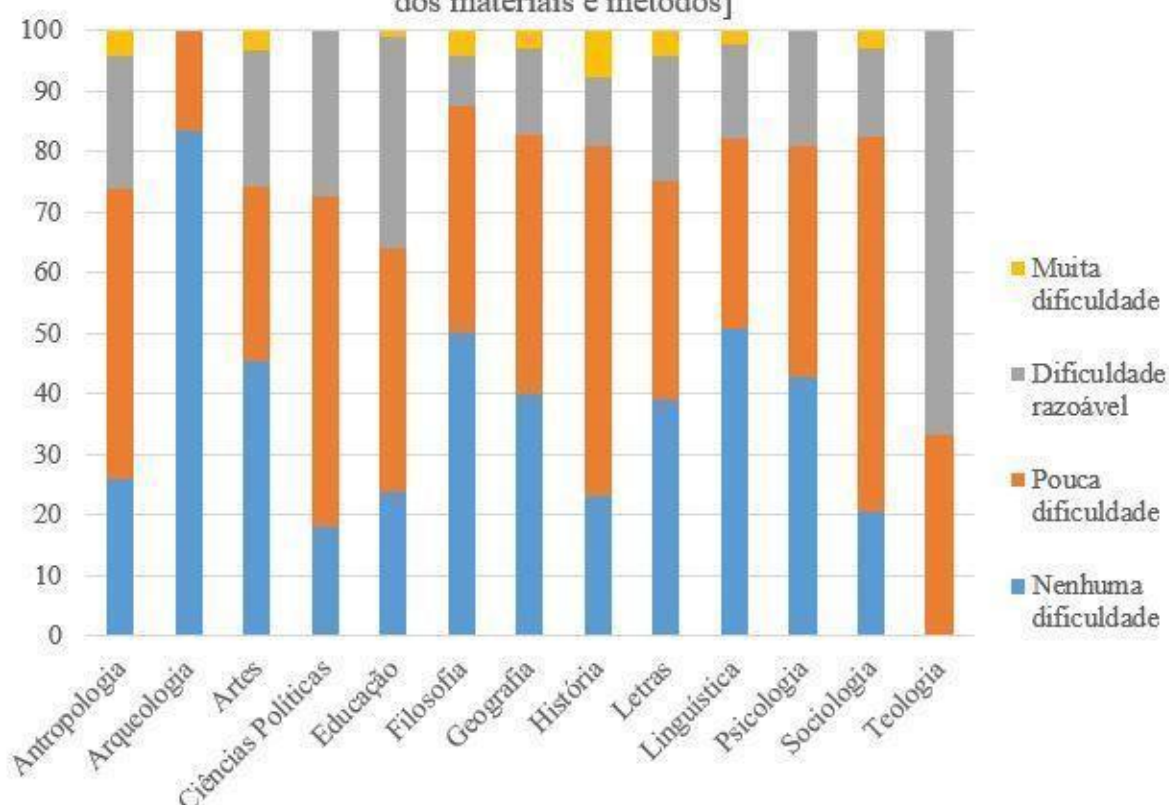
8) Qual nível de dificuldade você encontra nos processos abaixo? [Escrita do resumo]



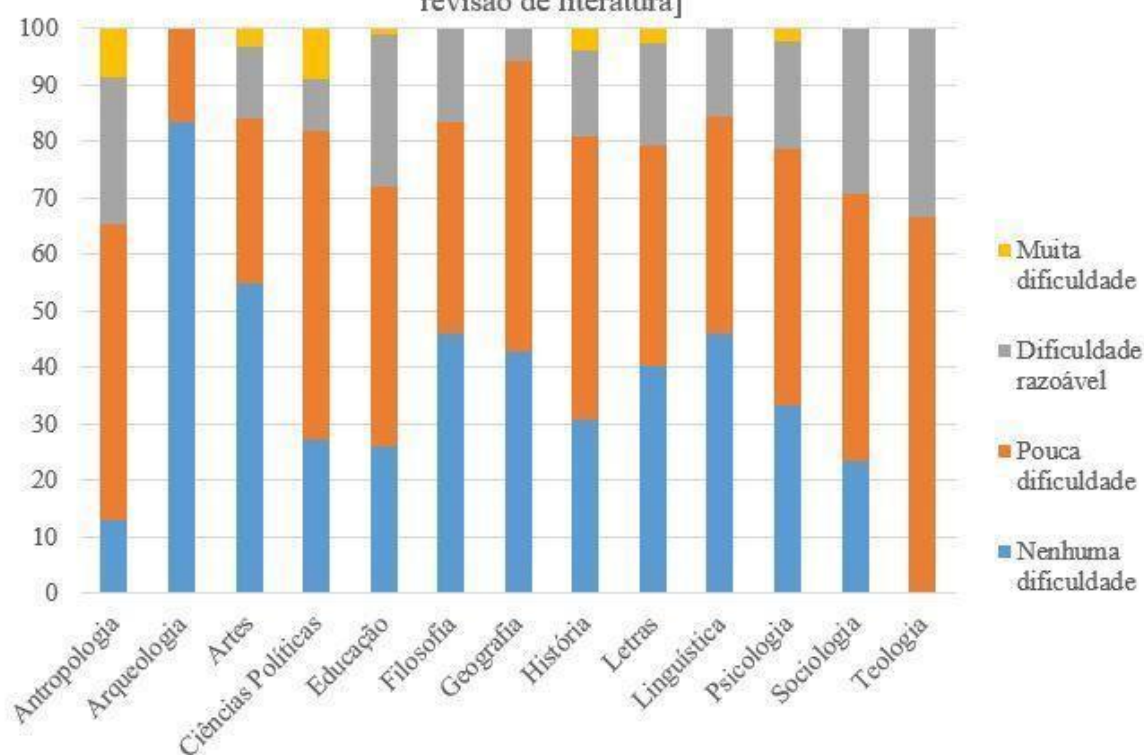


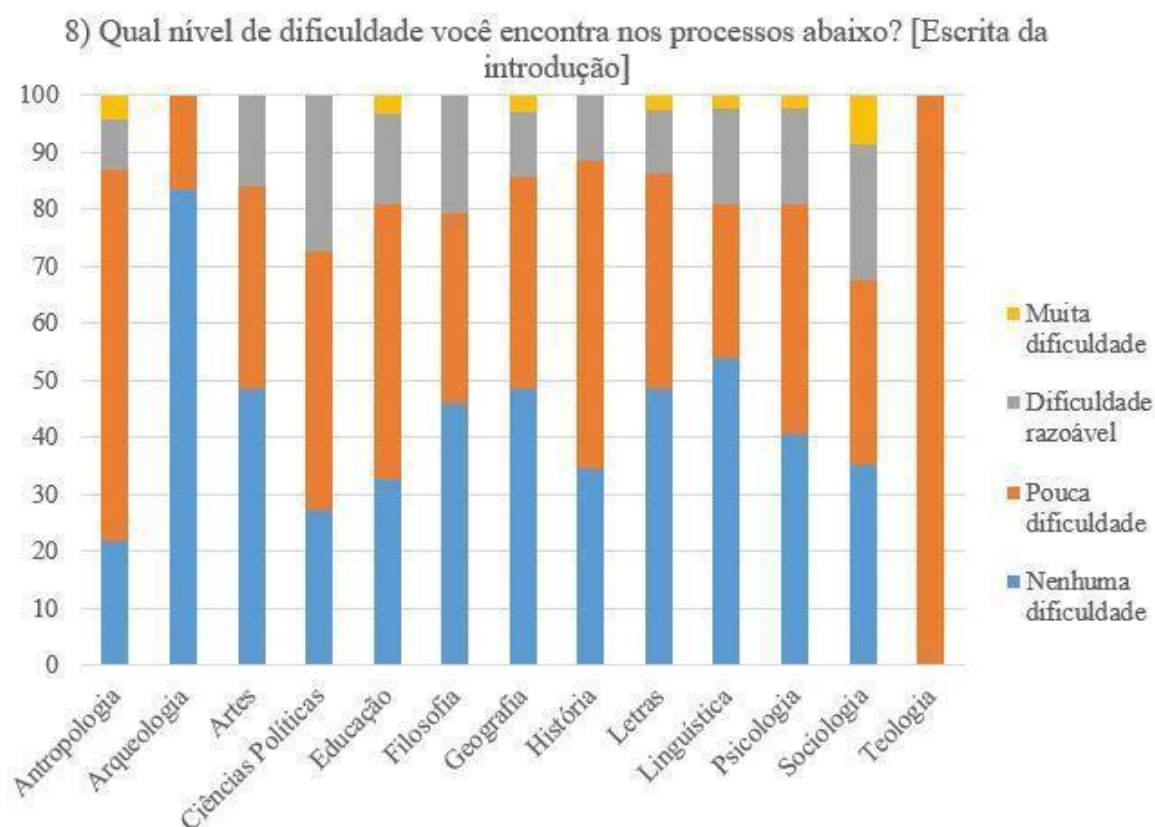


8) Qual nível de dificuldade você encontra nos processos abaixo? [Escrita dos materiais e métodos]

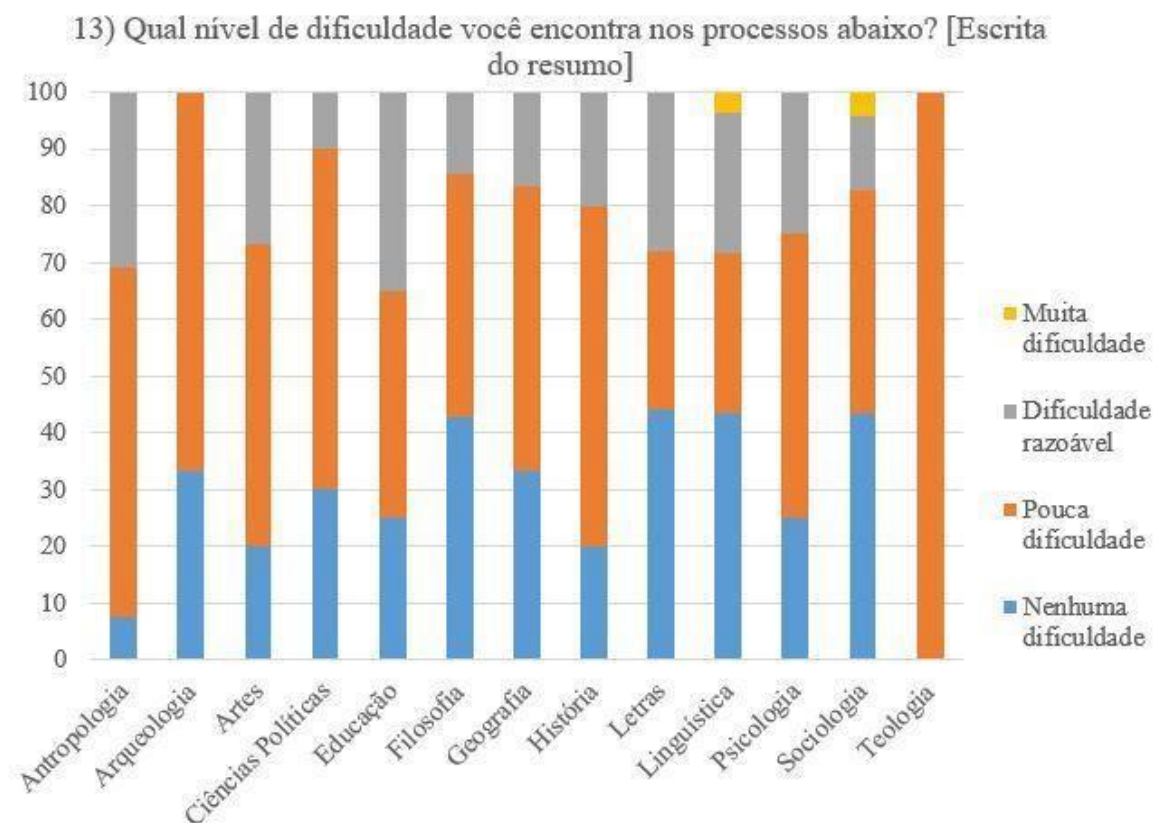


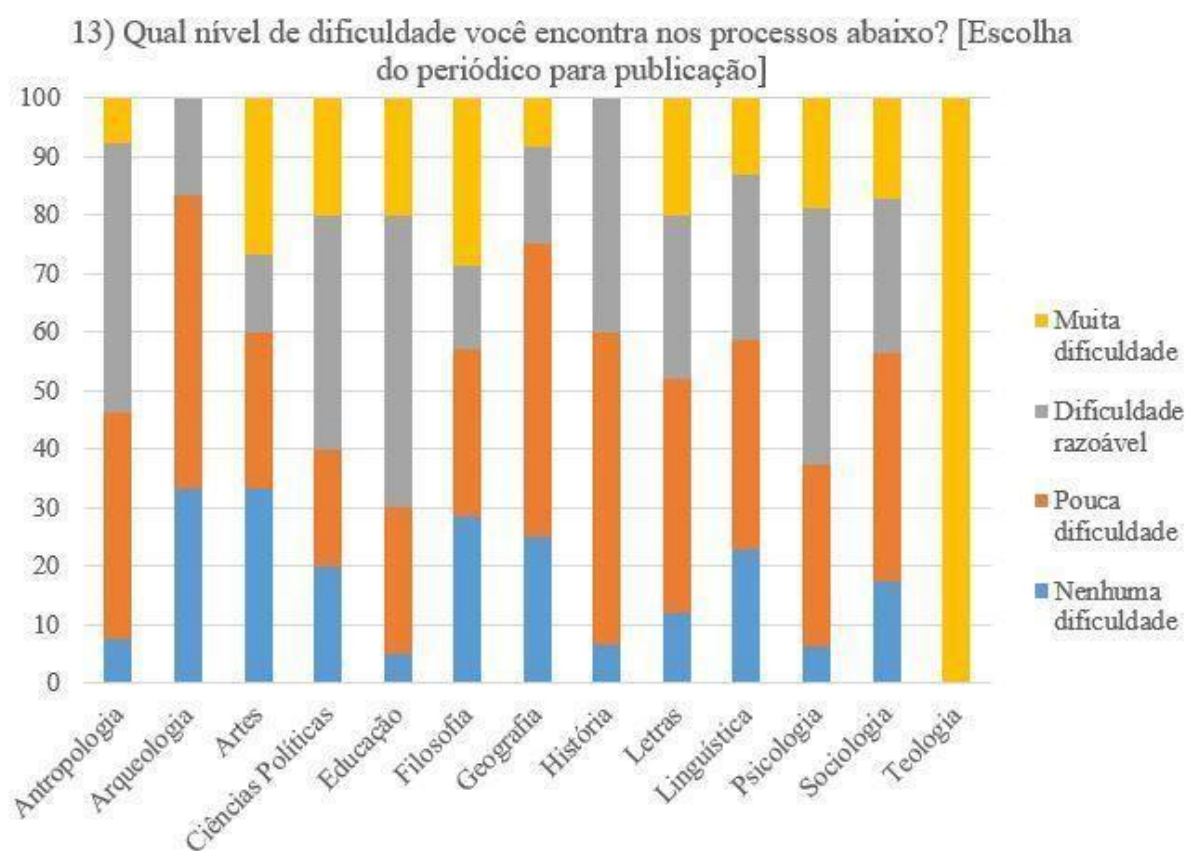
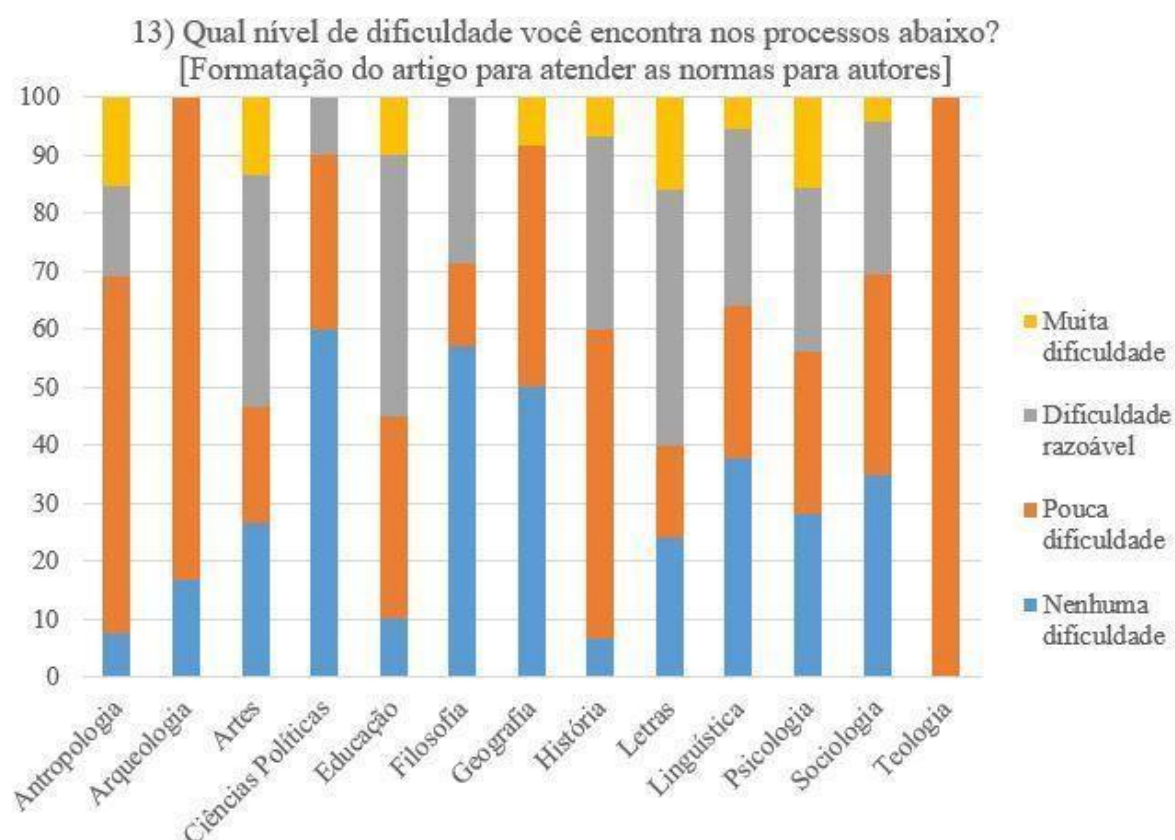
8) Qual nível de dificuldade você encontra nos processos abaixo? [Escrita da revisão de literatura]

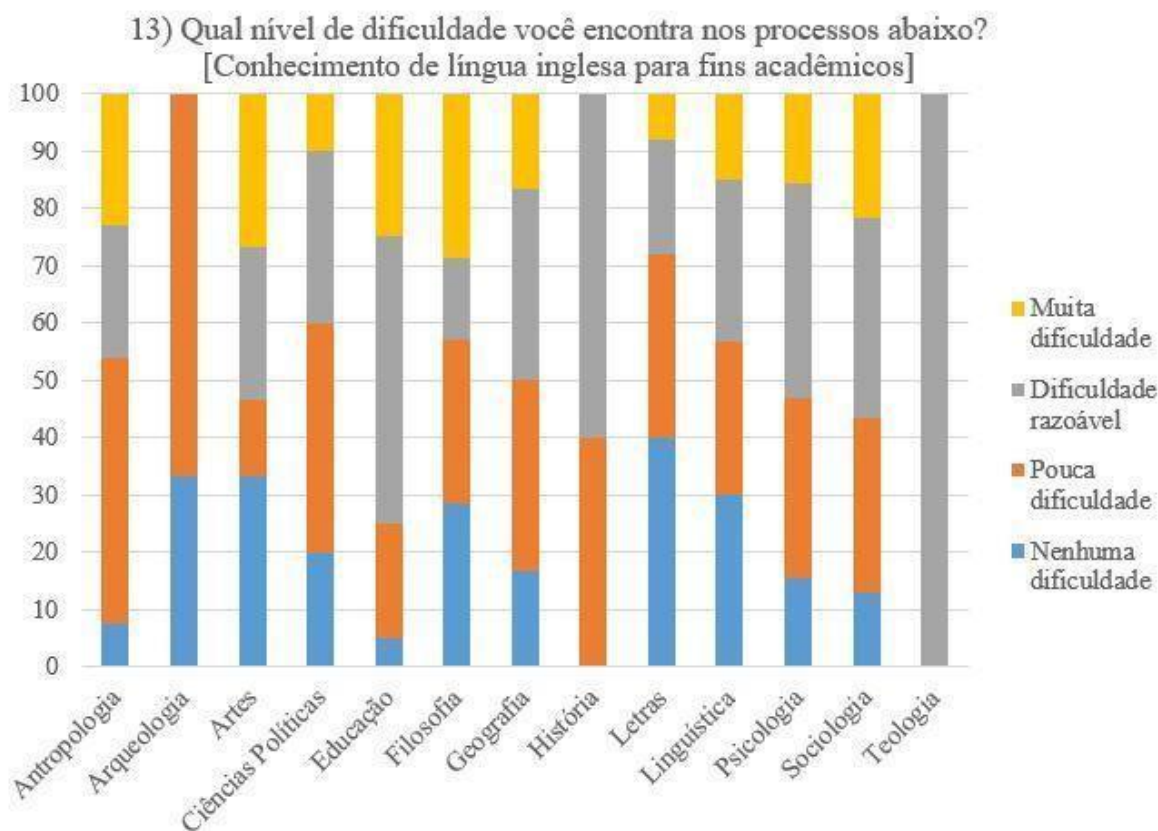
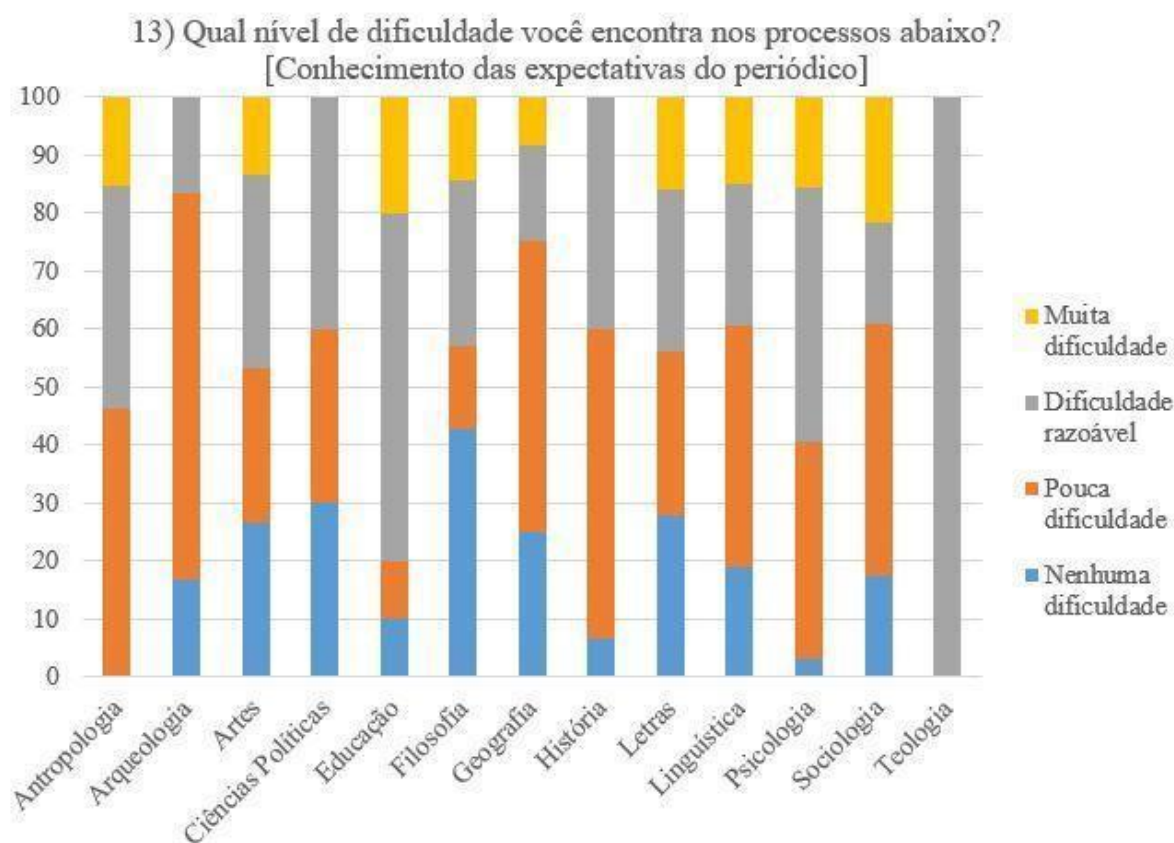




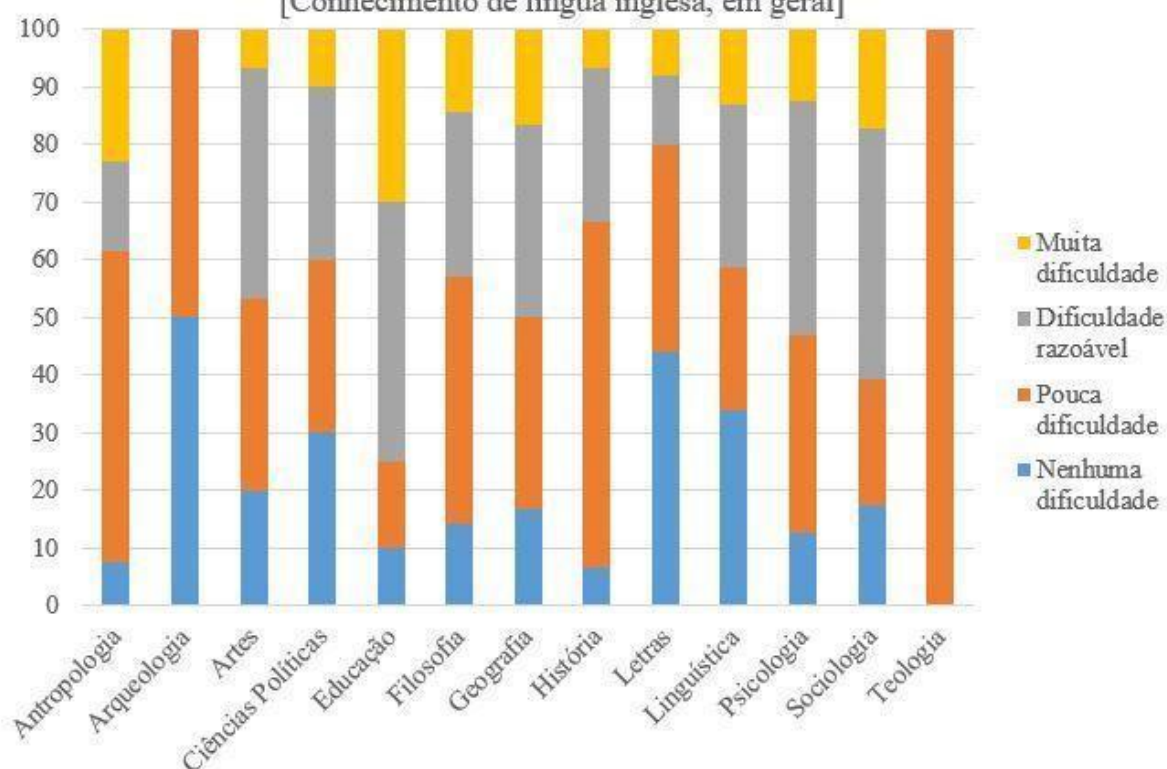
S4Q13 - Nível de dificuldade em língua inglesa



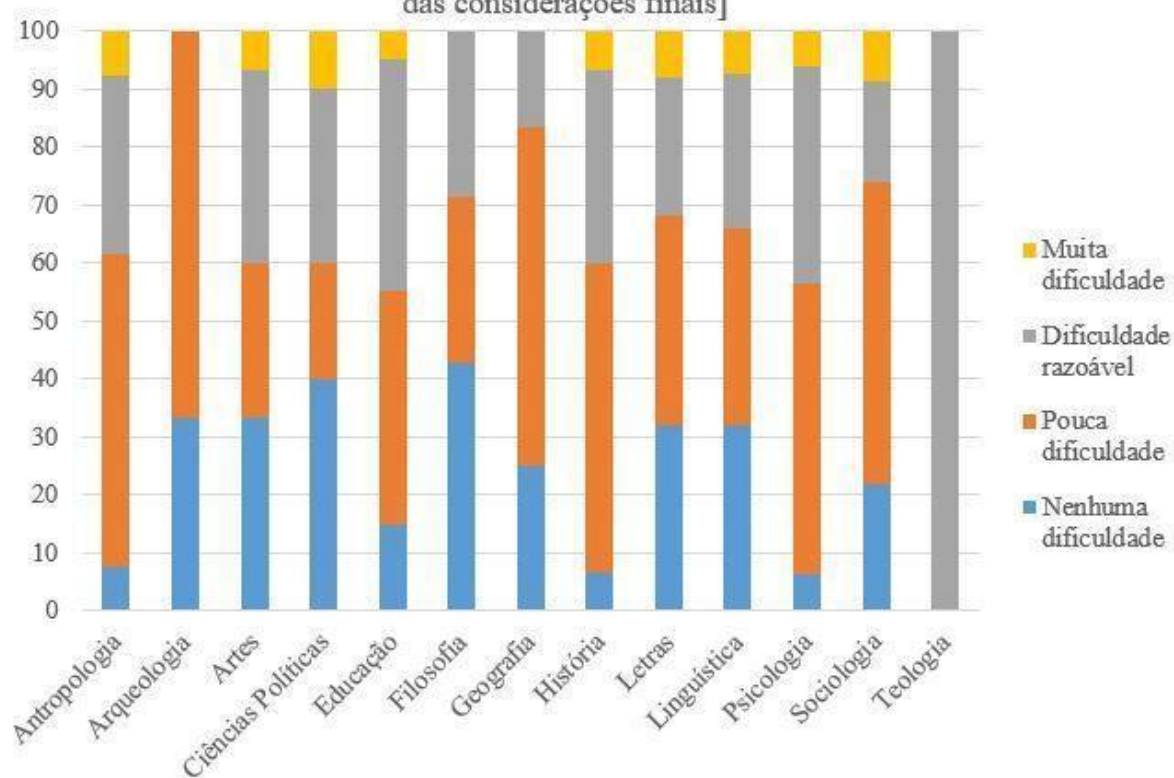




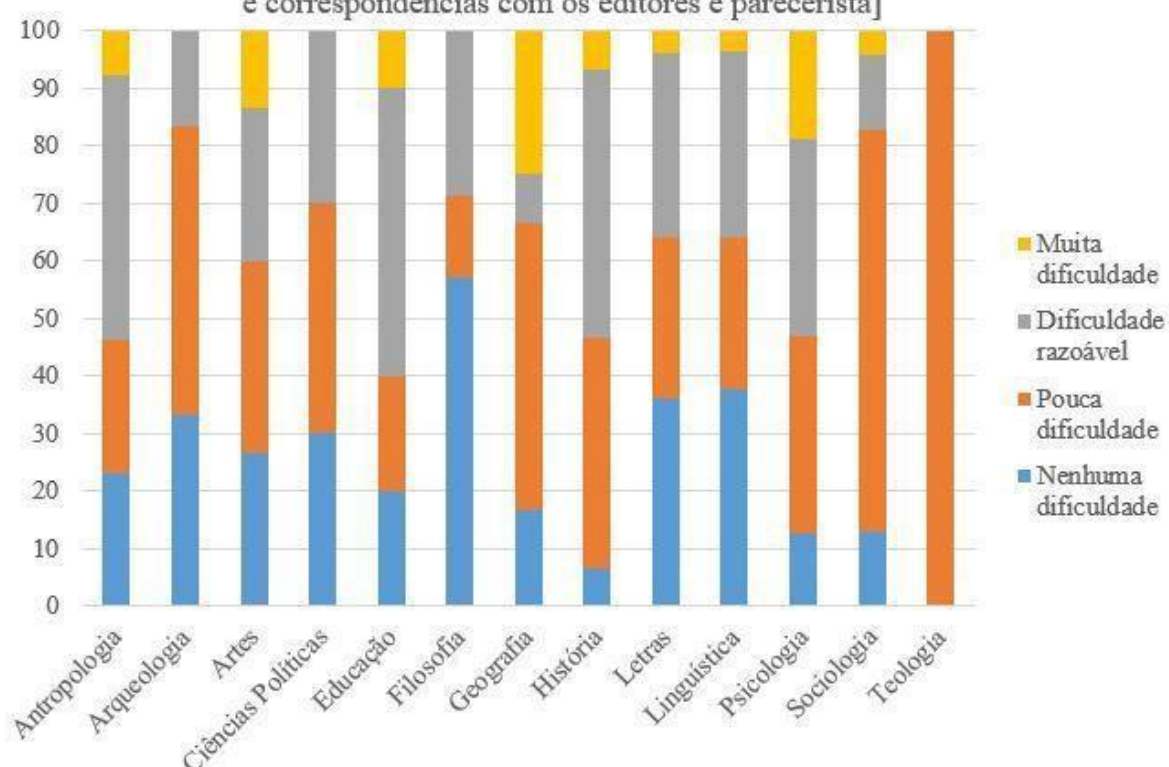
13) Qual nível de dificuldade você encontra nos processos abaixo?
[Conhecimento de língua inglesa, em geral]



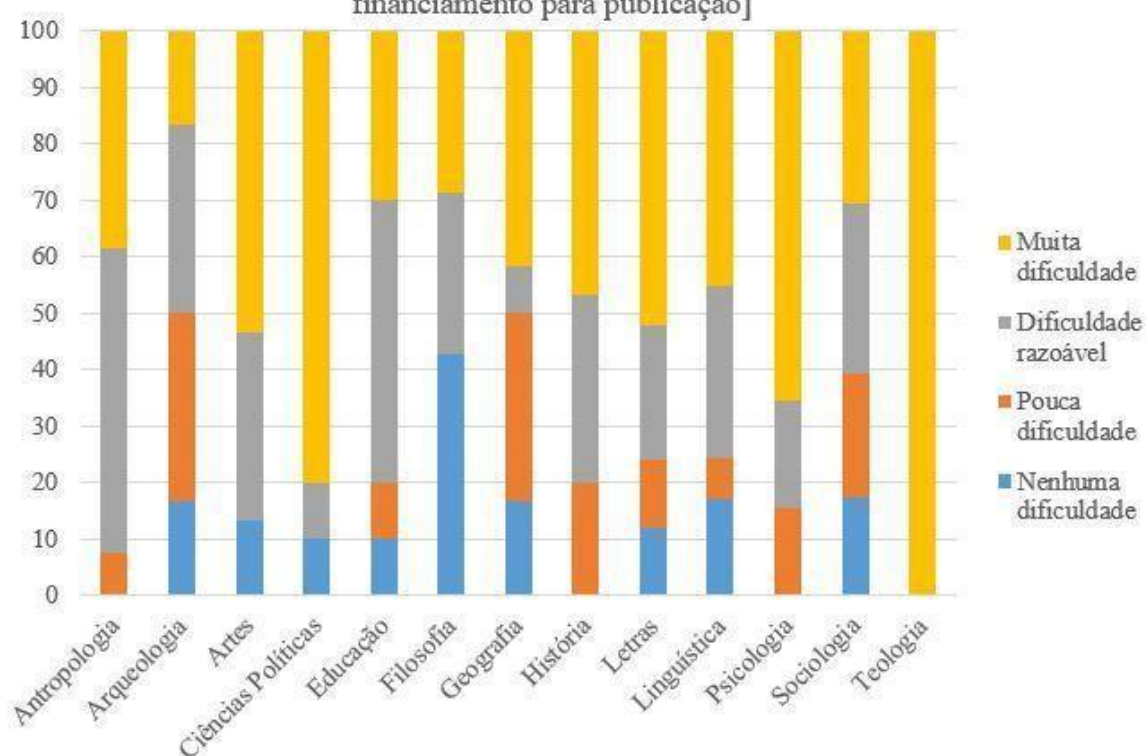
13) Qual nível de dificuldade você encontra nos processos abaixo? [Escrita das considerações finais]



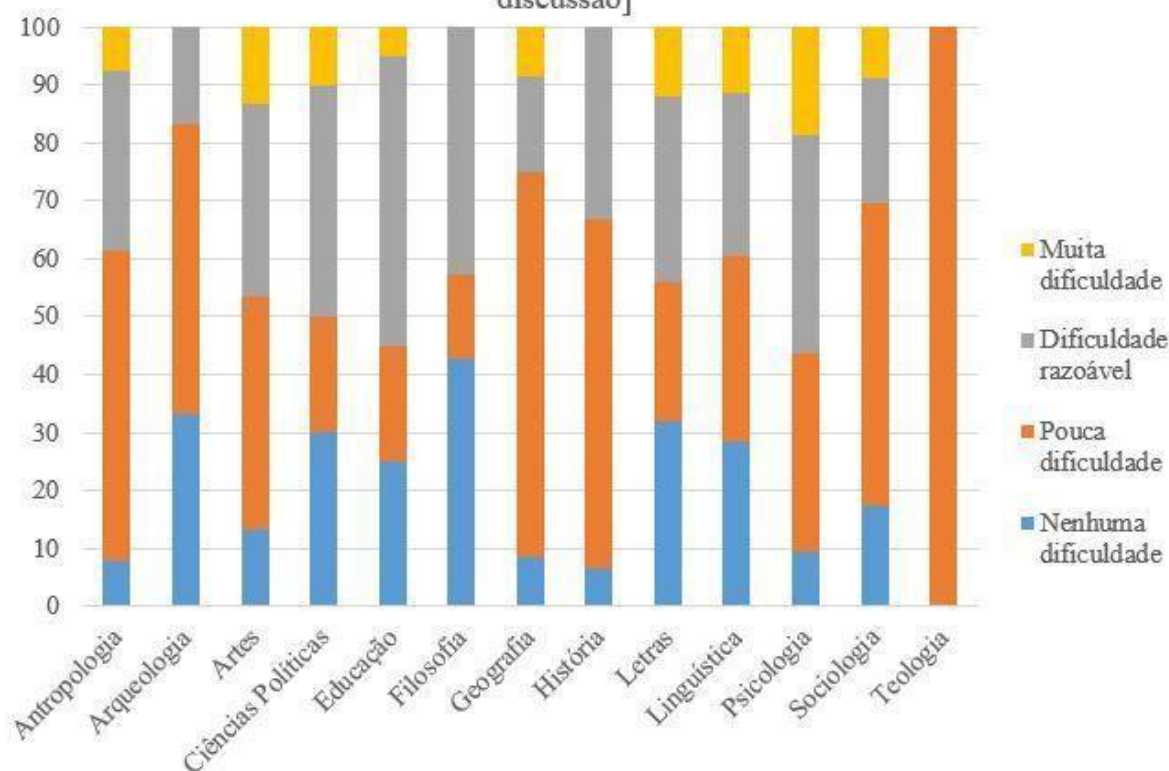
13) Qual nível de dificuldade você encontra nos processos abaixo? [Respostas e correspondências com os editores e parecerista]



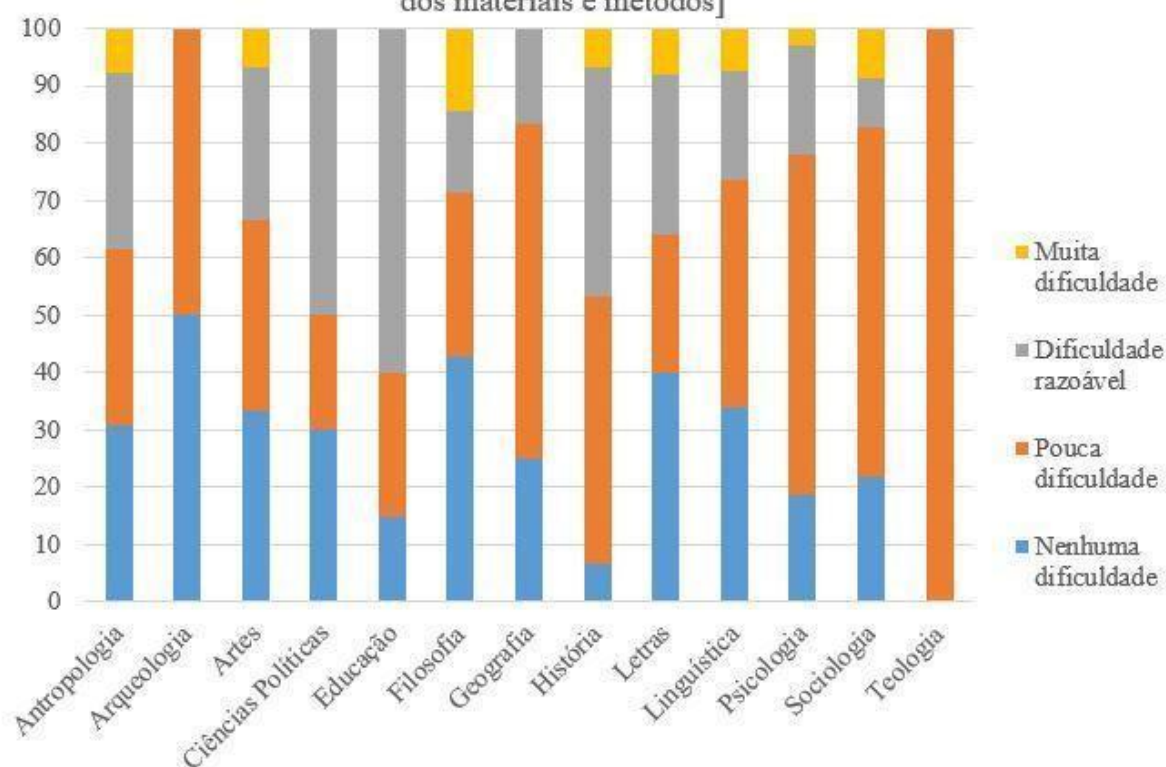
13) Qual nível de dificuldade você encontra nos processos abaixo? [Pouco financiamento para publicação]



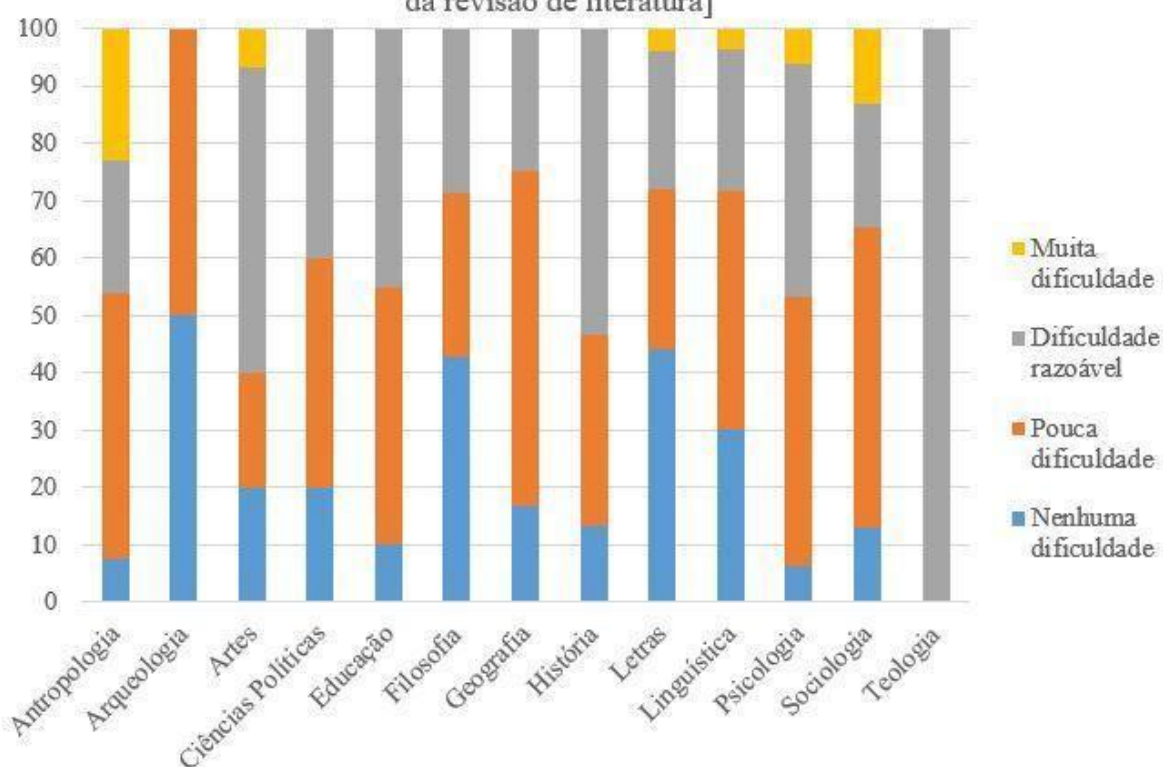
13) Qual nível de dificuldade você encontra nos processos abaixo? [Escrita da discussão]



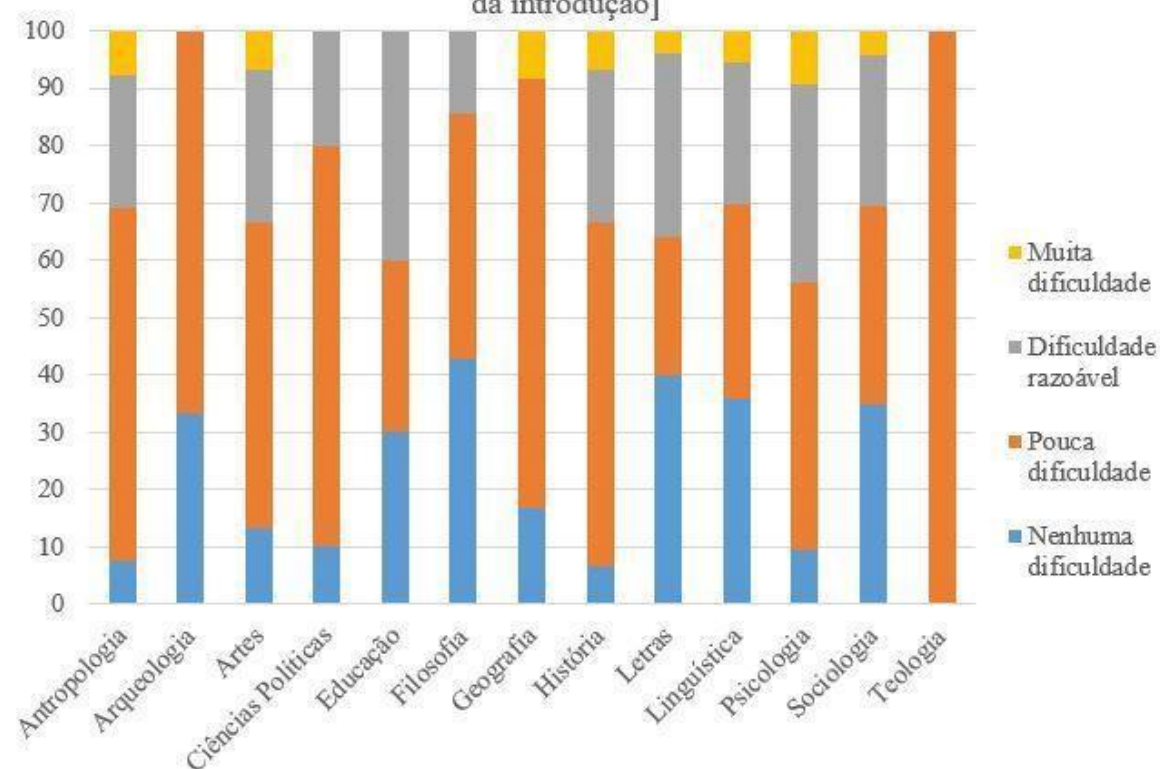
13) Qual nível de dificuldade você encontra nos processos abaixo? [Escrita dos materiais e métodos]



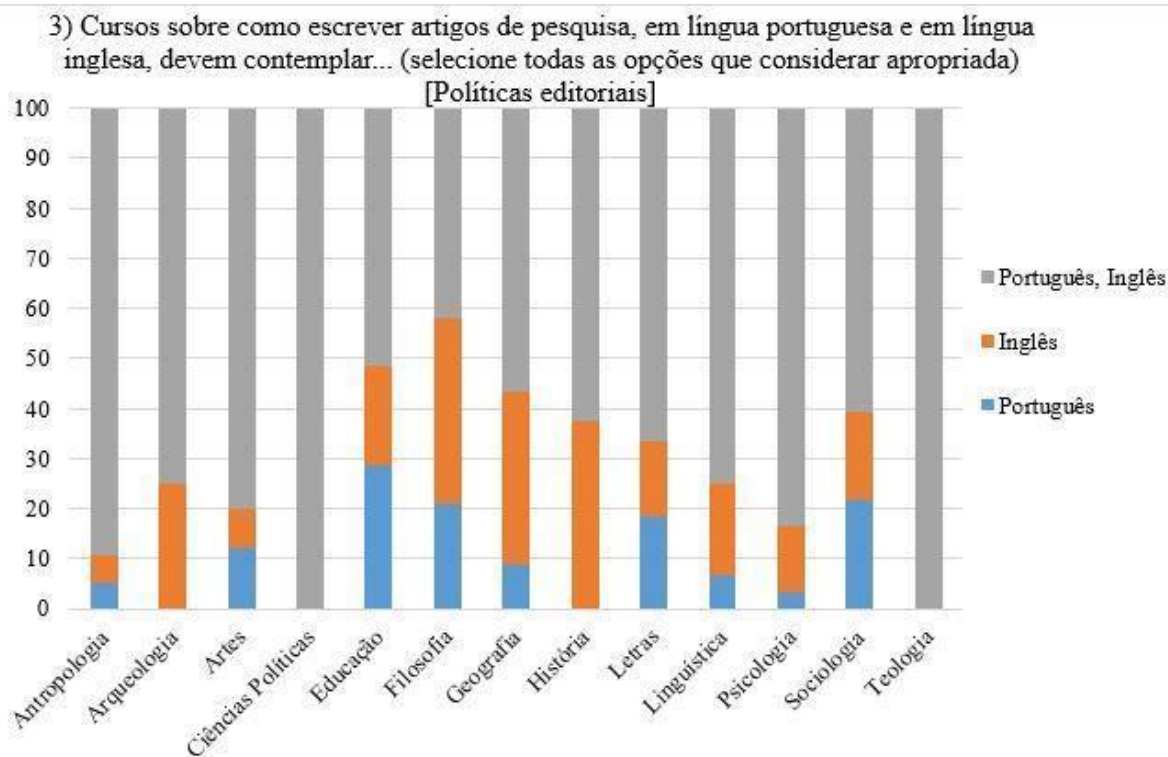
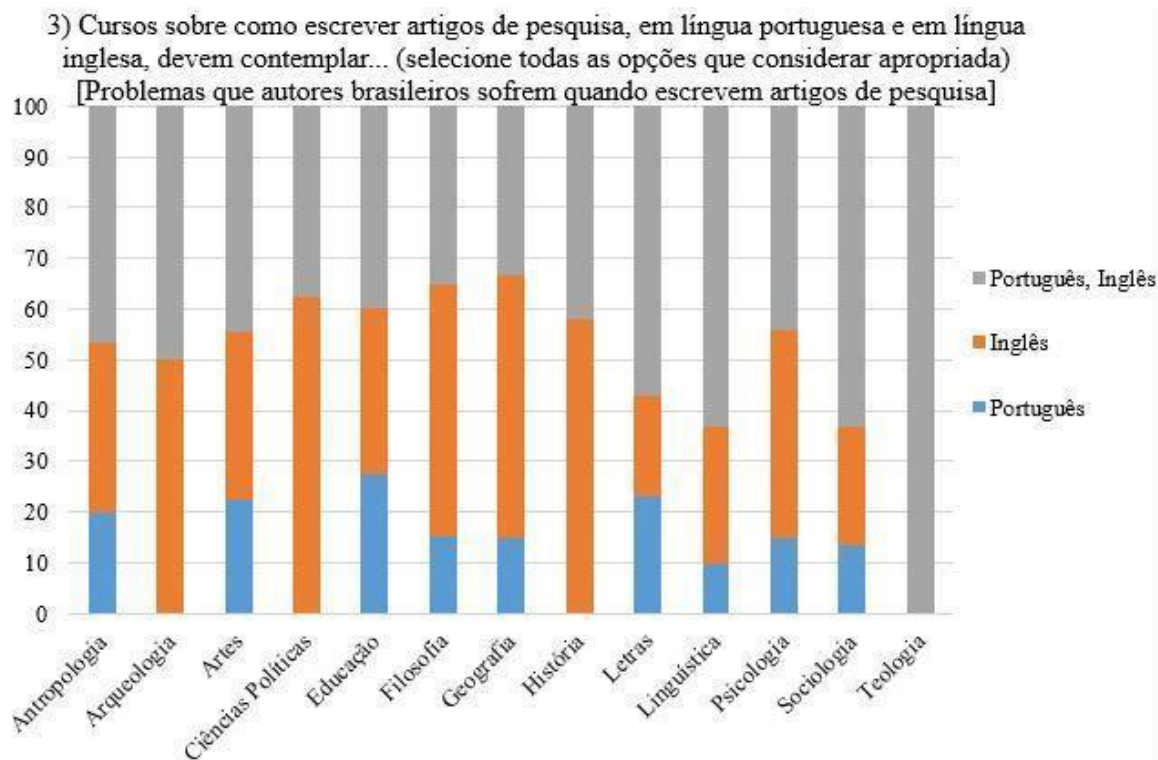
13) Qual nível de dificuldade você encontra nos processos abaixo? [Escrita da revisão de literatura]

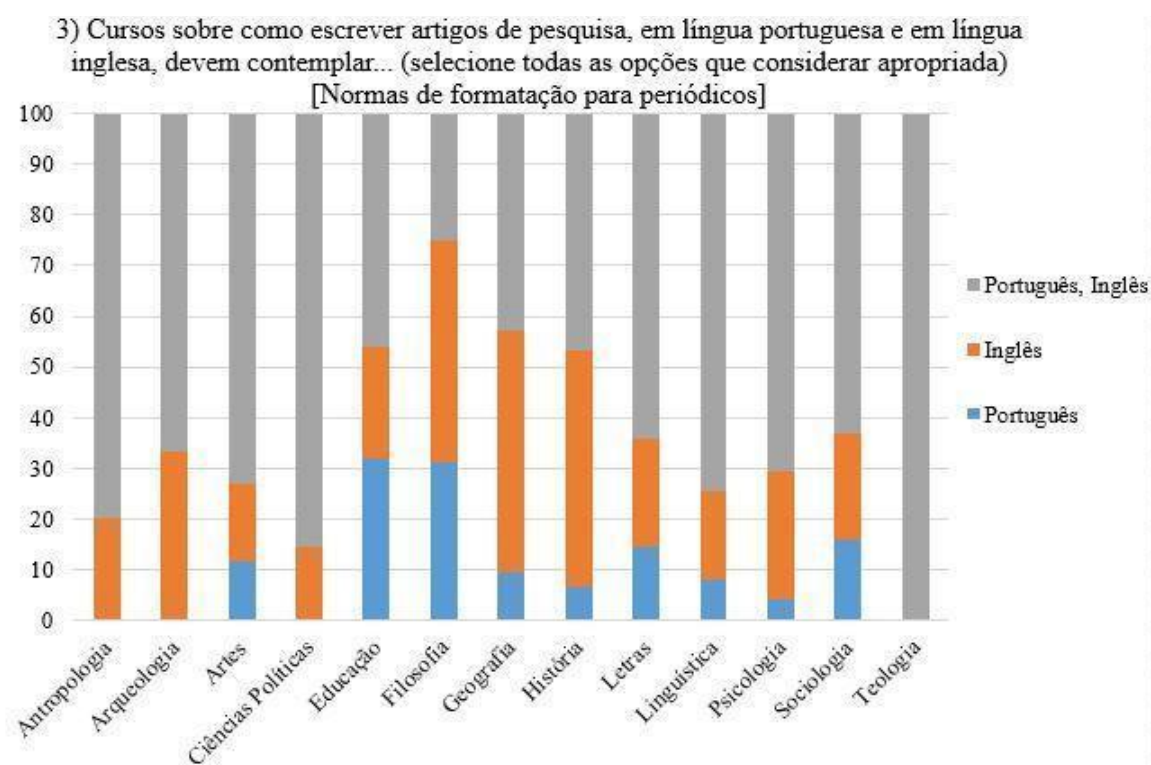
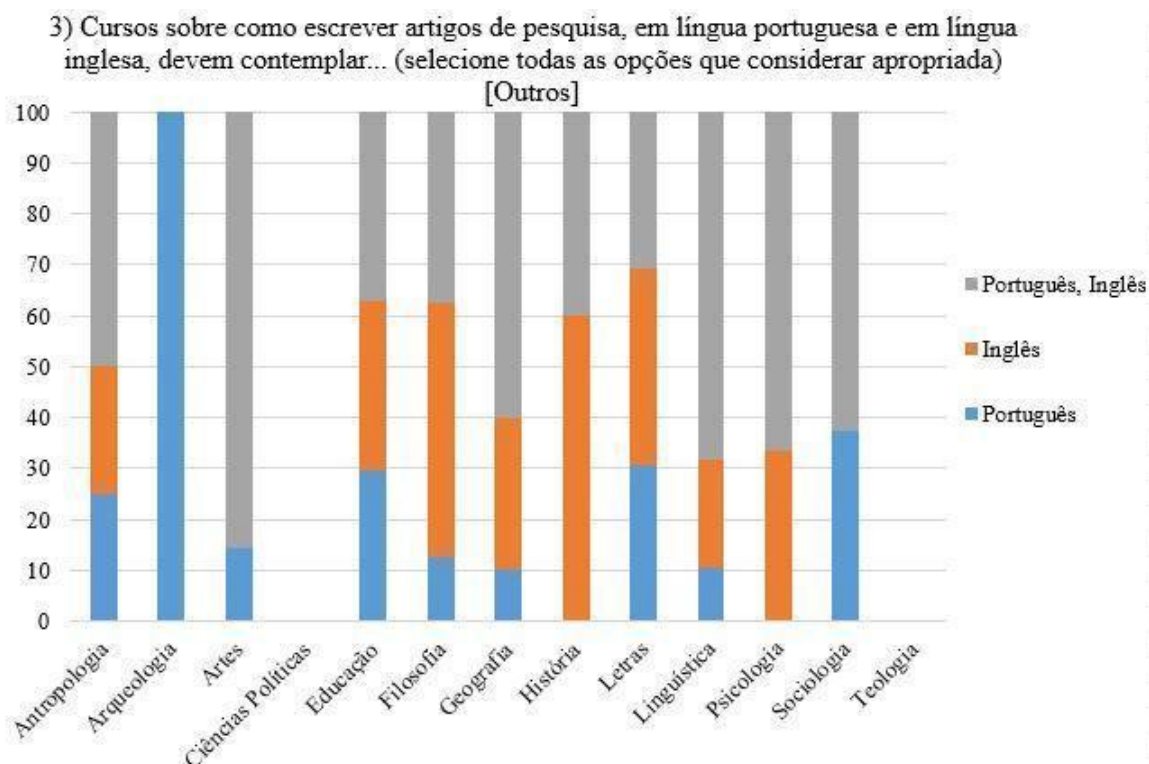


13) Qual nível de dificuldade você encontra nos processos abaixo? [Escrita da introdução]

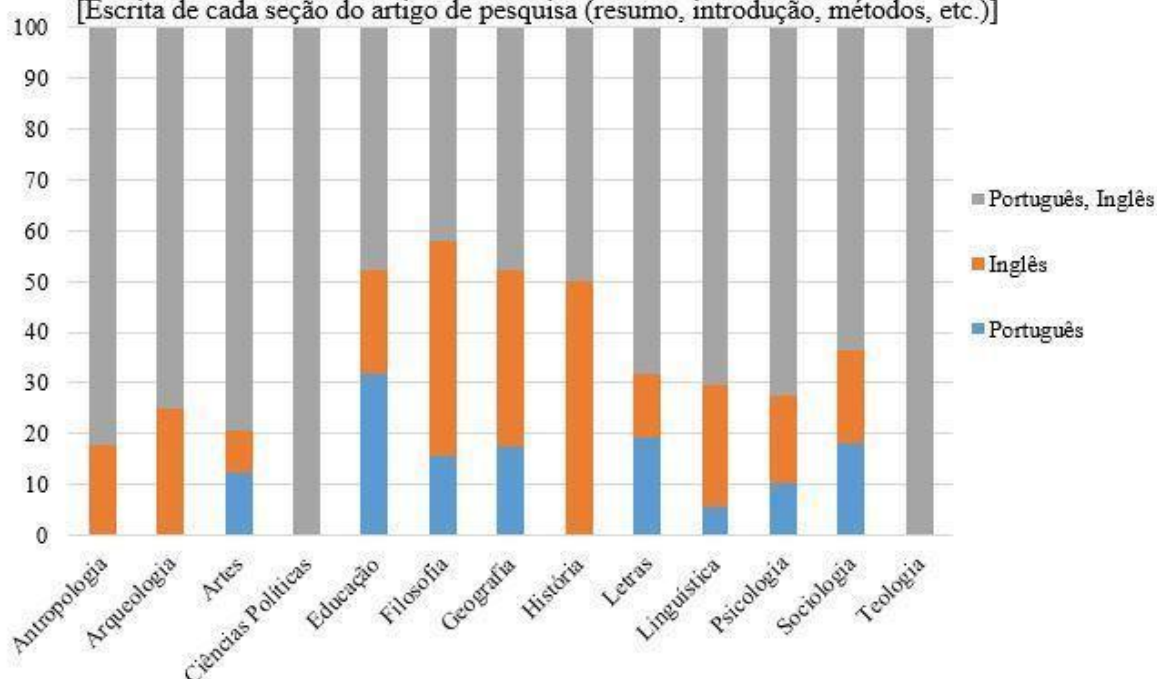


APÊNDICE F — Gráficos "Cursos devem contemplar" - S7Q3 - por subárea

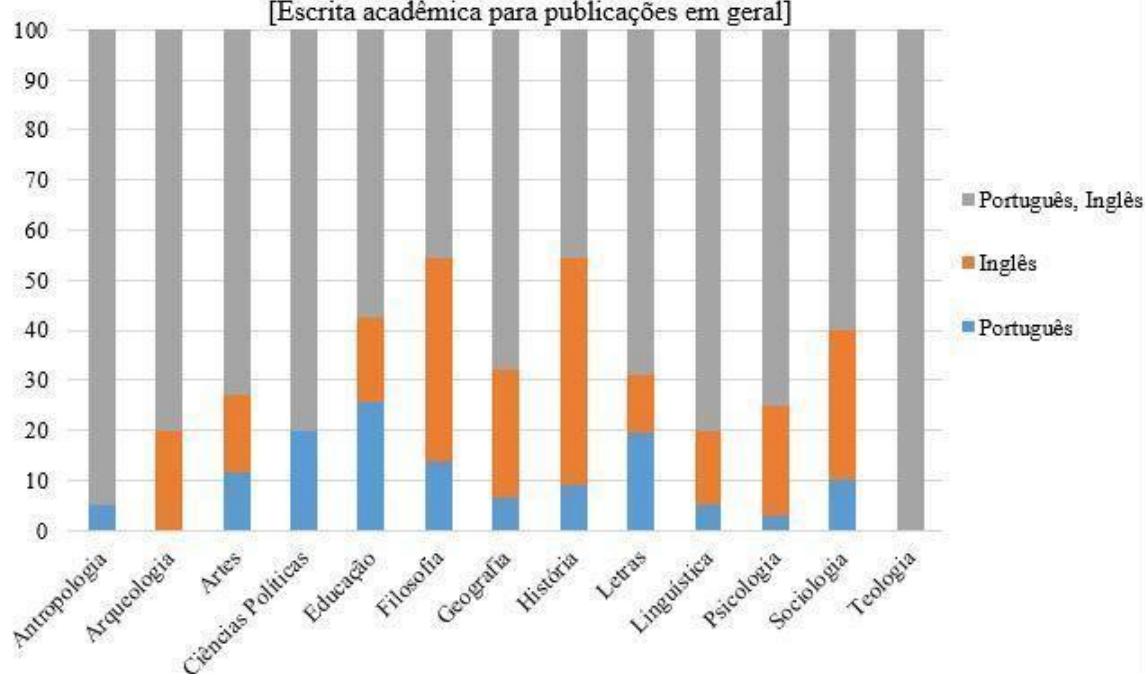




3) Cursos sobre como escrever artigos de pesquisa, em língua portuguesa e em língua inglesa, devem contemplar... (selecione todas as opções que considerar apropriada)
[Escrita de cada seção do artigo de pesquisa (resumo, introdução, métodos, etc.)]

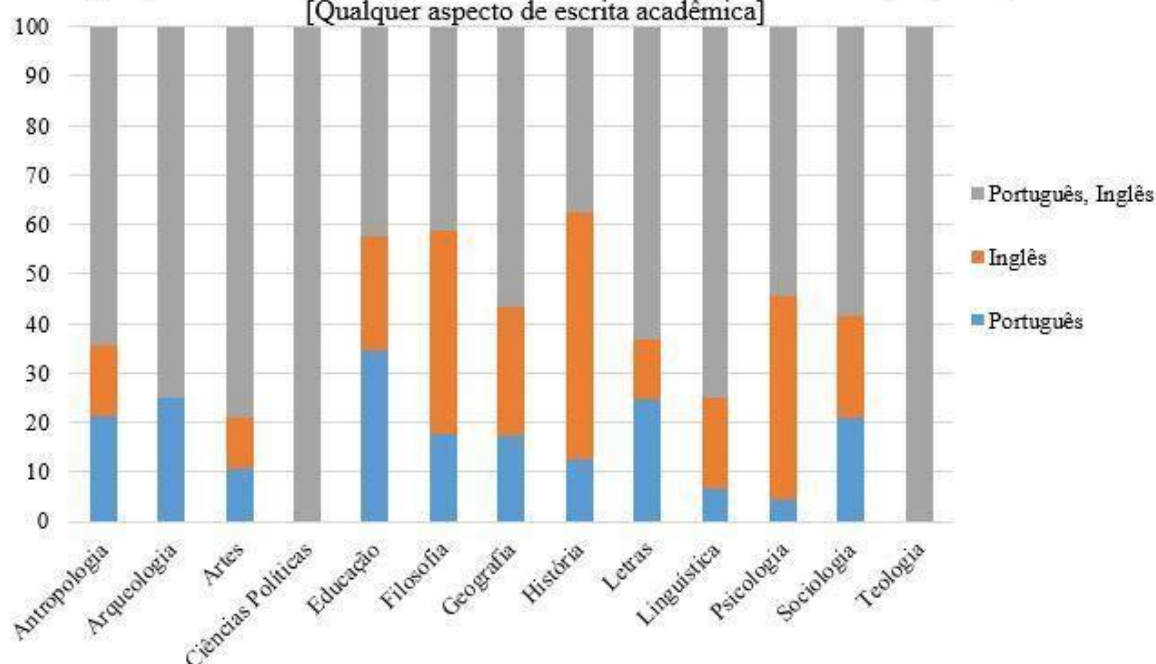


3) Cursos sobre como escrever artigos de pesquisa, em língua portuguesa e em língua inglesa, devem contemplar... (selecione todas as opções que considerar apropriada)
[Escrita acadêmica para publicações em geral]



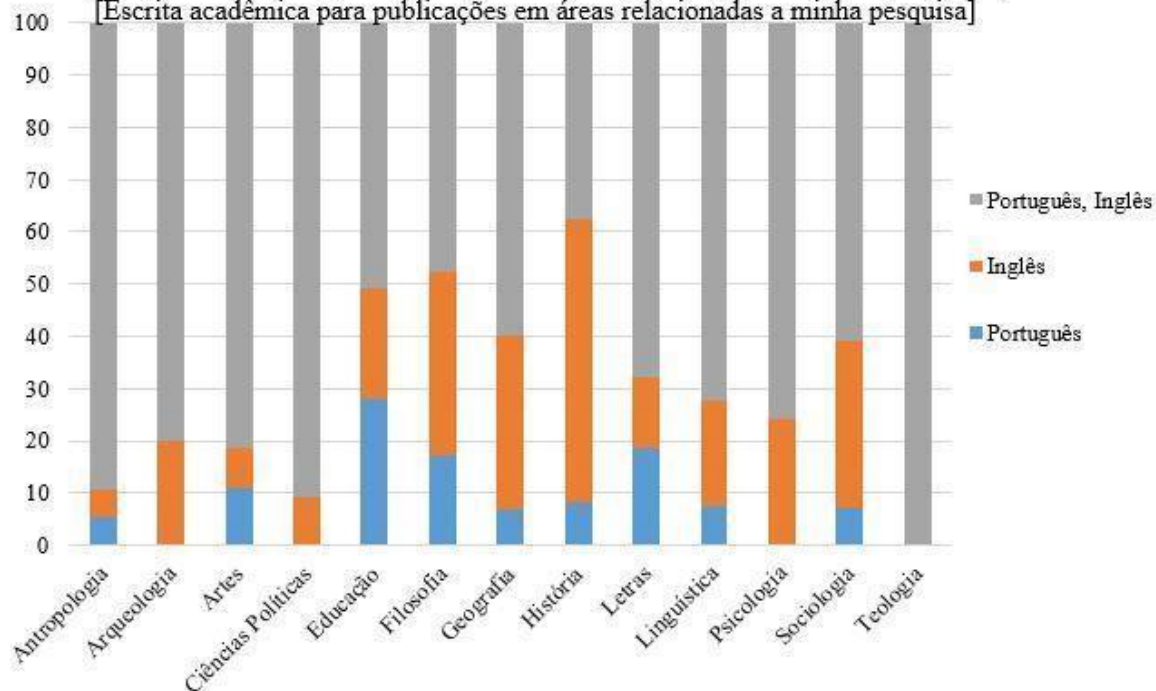
3) Cursos sobre como escrever artigos de pesquisa, em língua portuguesa e em língua inglesa, devem contemplar... (selecione todas as opções que considerar apropriada)

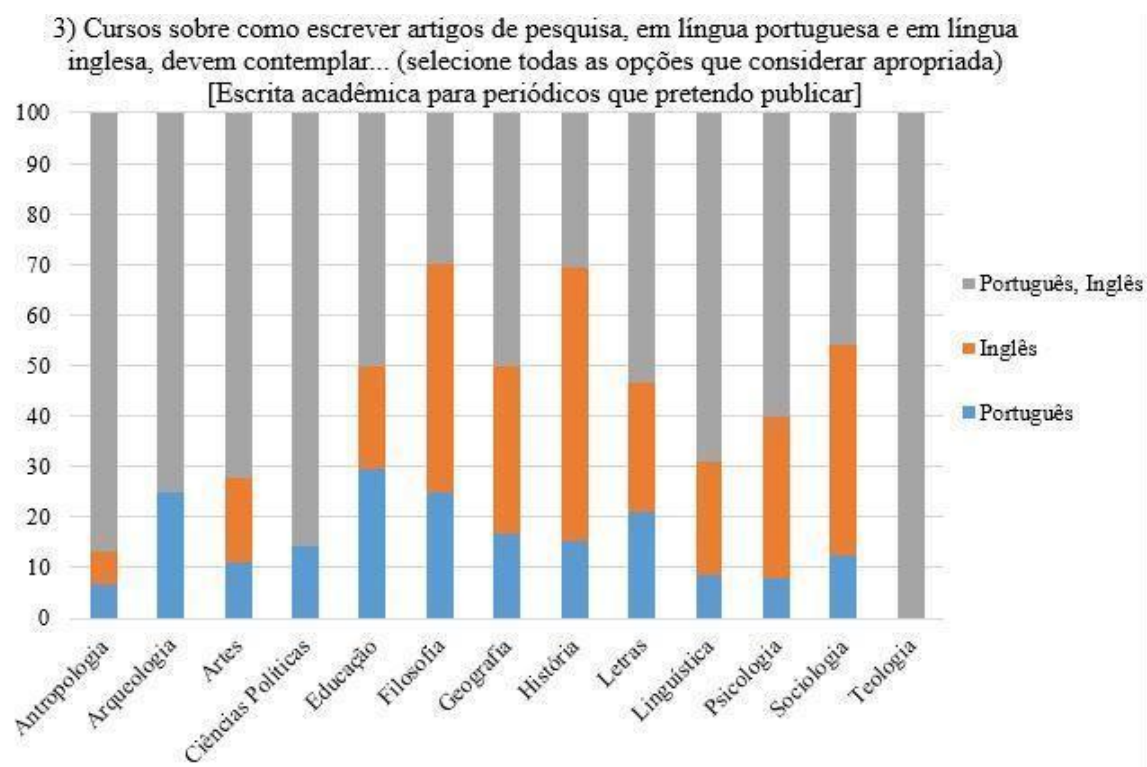
[Qualquer aspecto de escrita acadêmica]



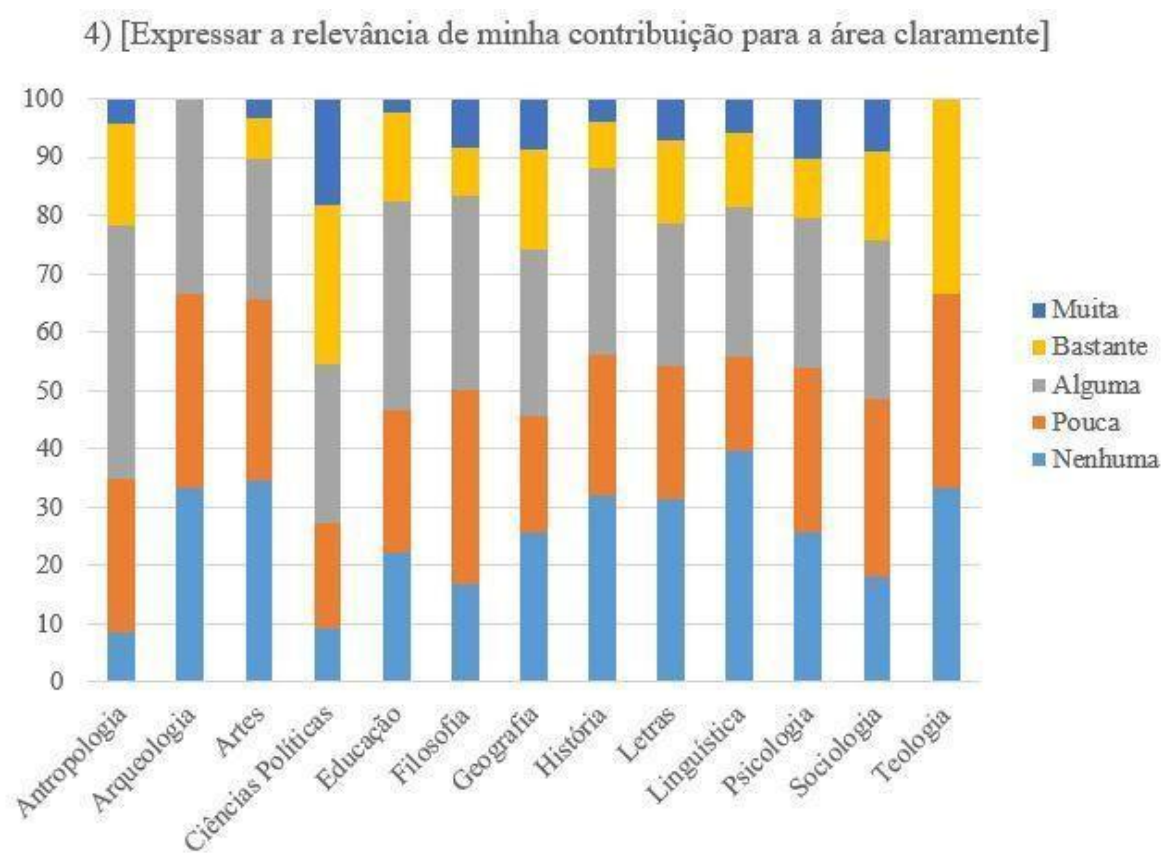
3) Cursos sobre como escrever artigos de pesquisa, em língua portuguesa e em língua inglesa, devem contemplar... (selecione todas as opções que considerar apropriada)

[Escrita acadêmica para publicações em áreas relacionadas a minha pesquisa]

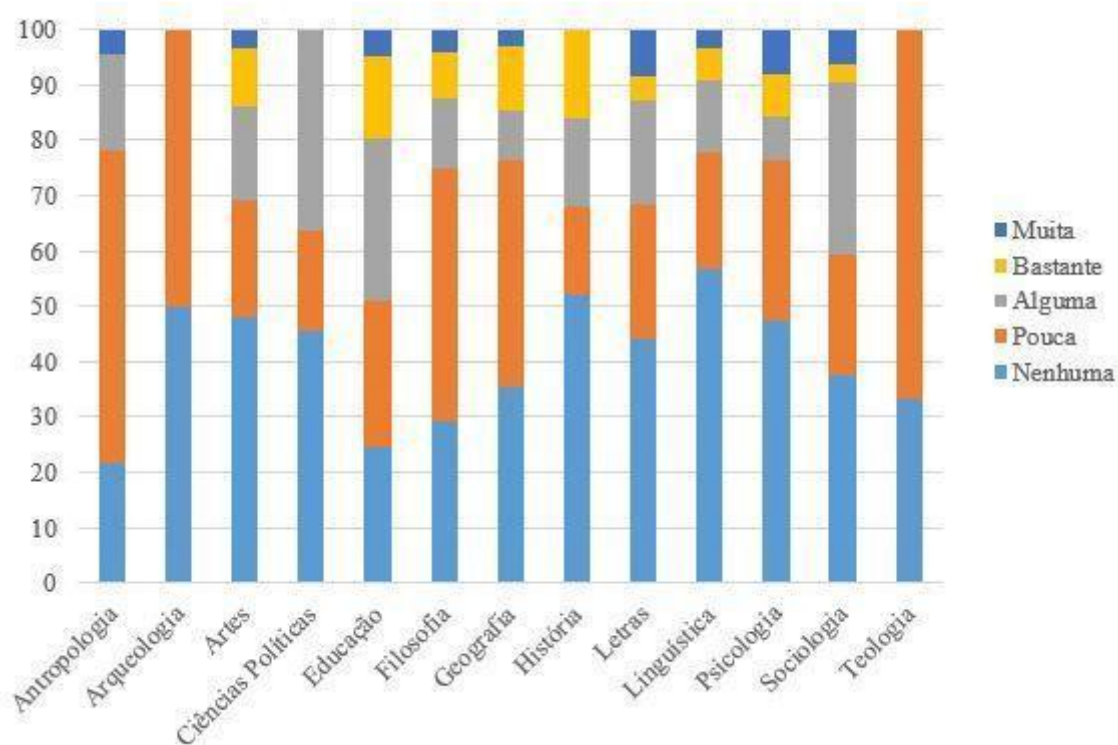




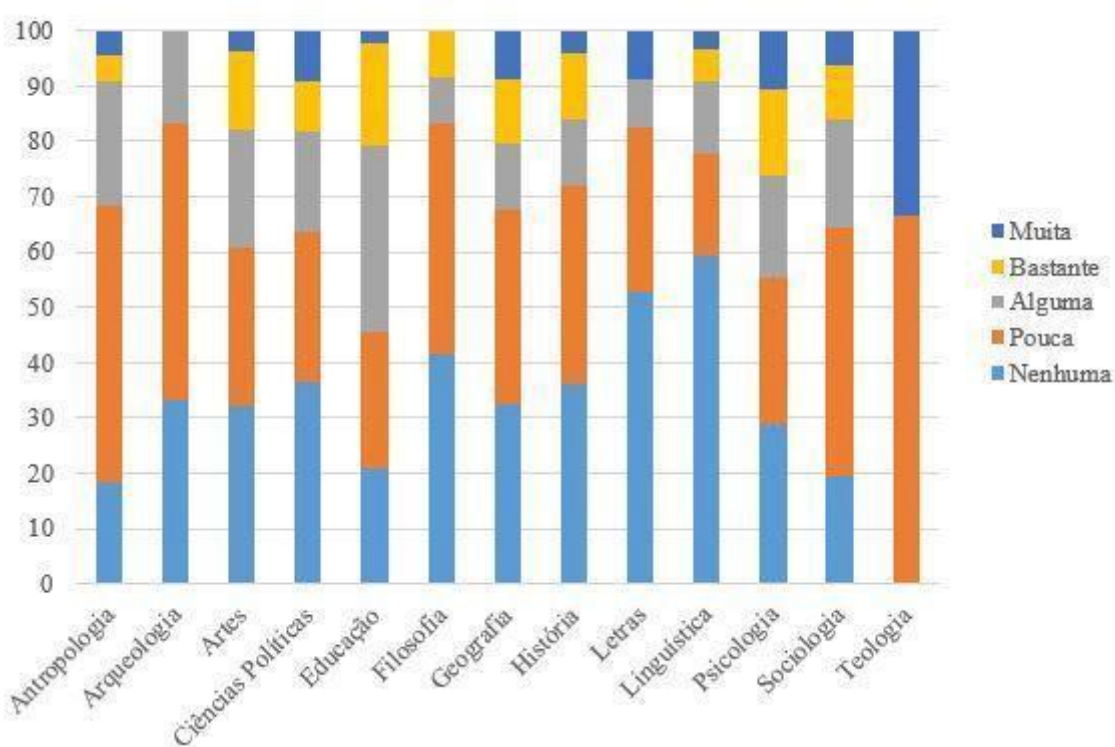
APÊNDICE G — Gráficos "Necessidades de aprendizagem com relação às etapas de escrita de um artigo" - S7Q4 - por subárea

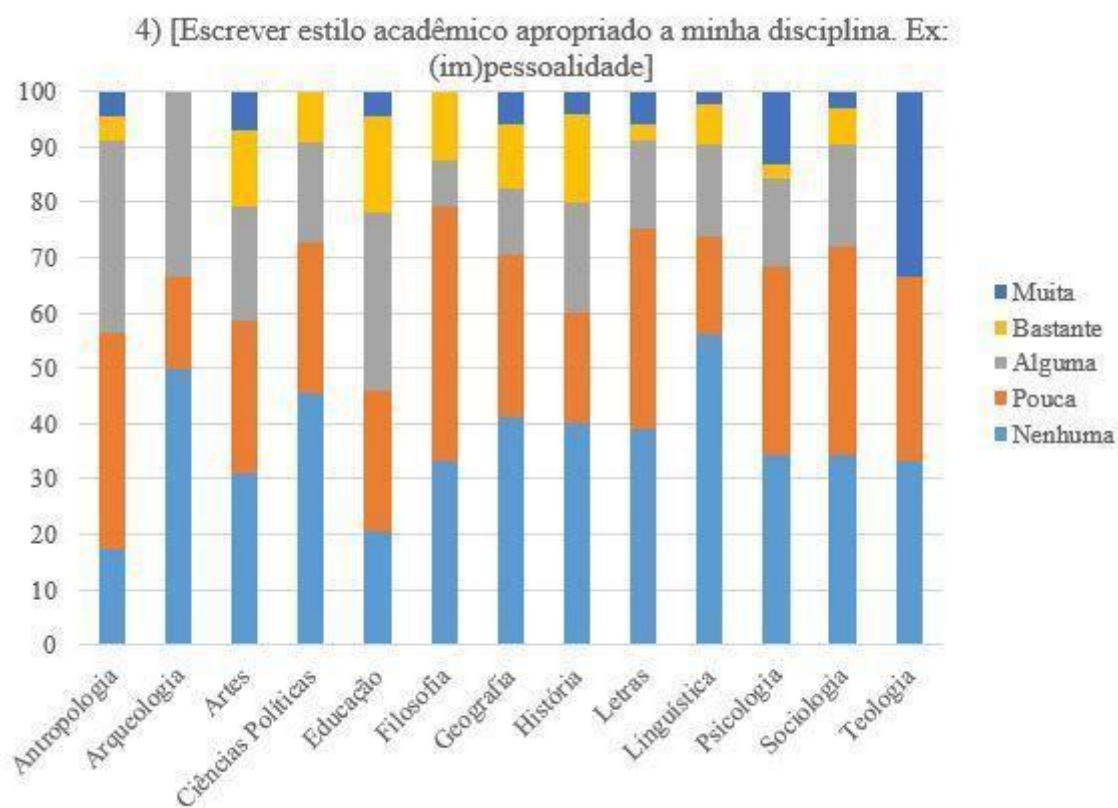
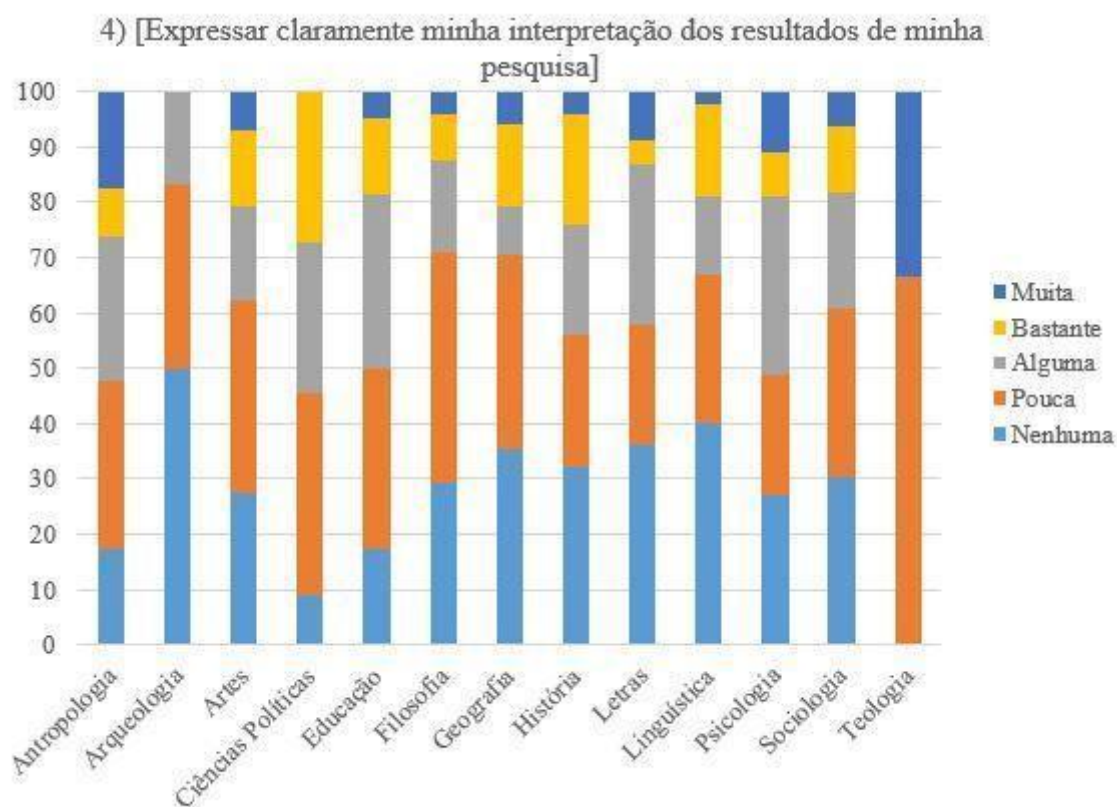


4) [Aprender terminologia específica de minha área e da academia]

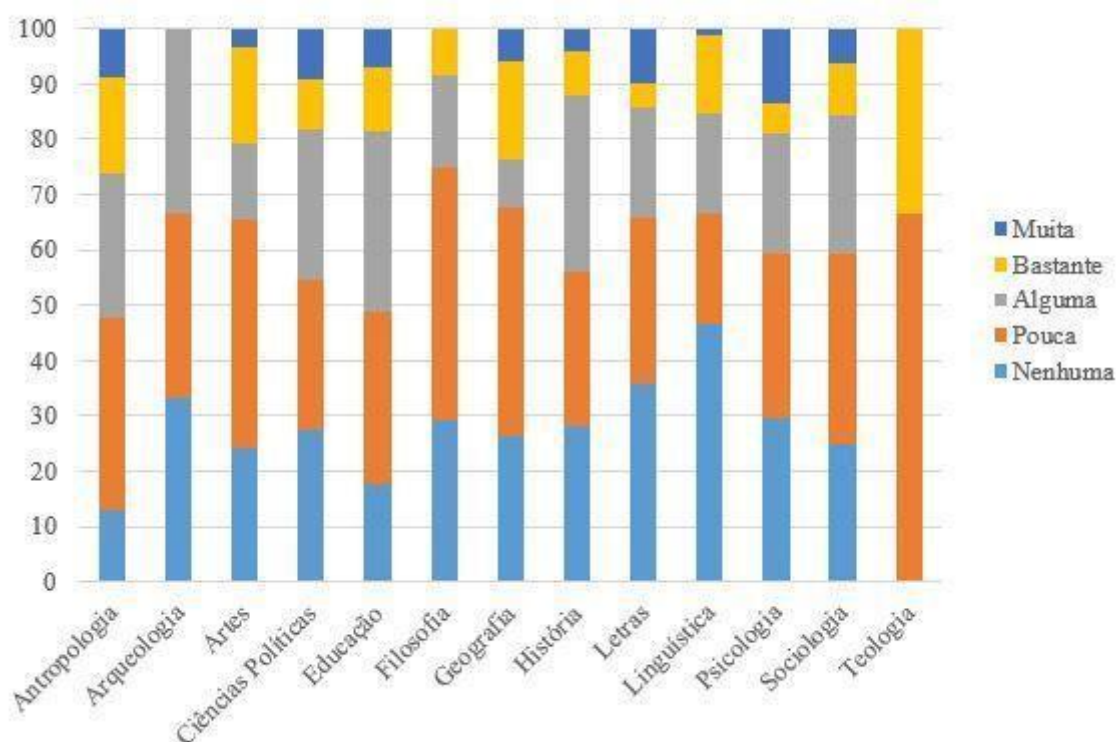


4) [Expressar minhas ideias com a gramática adequada]

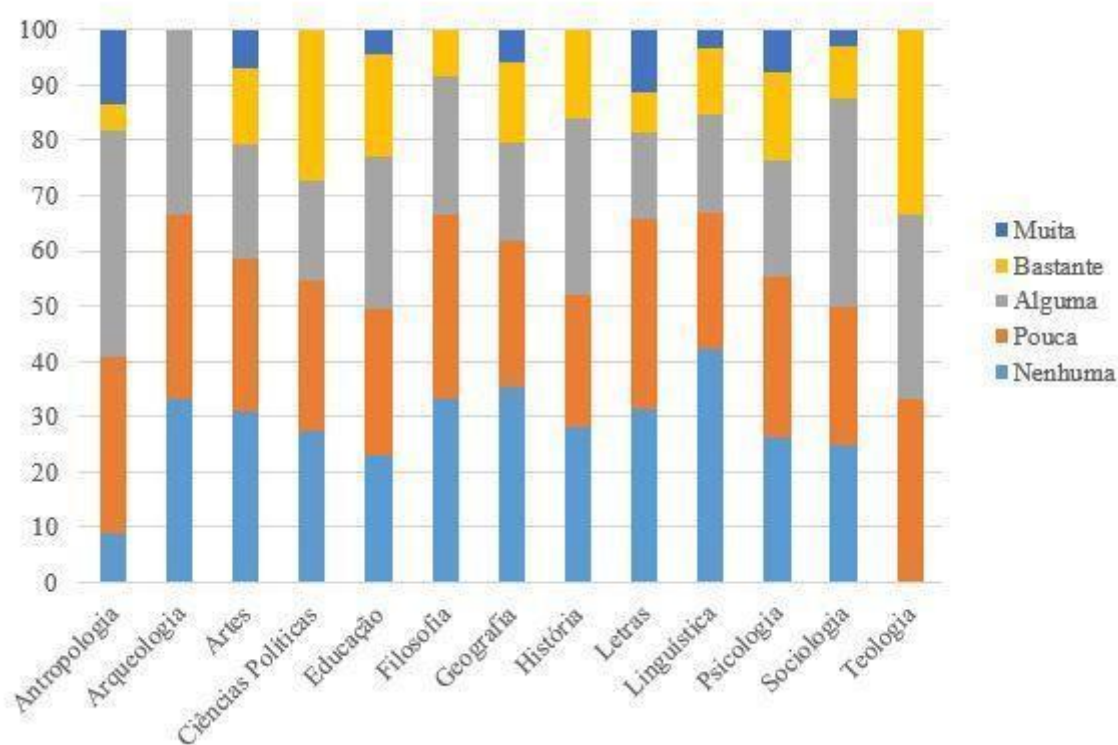




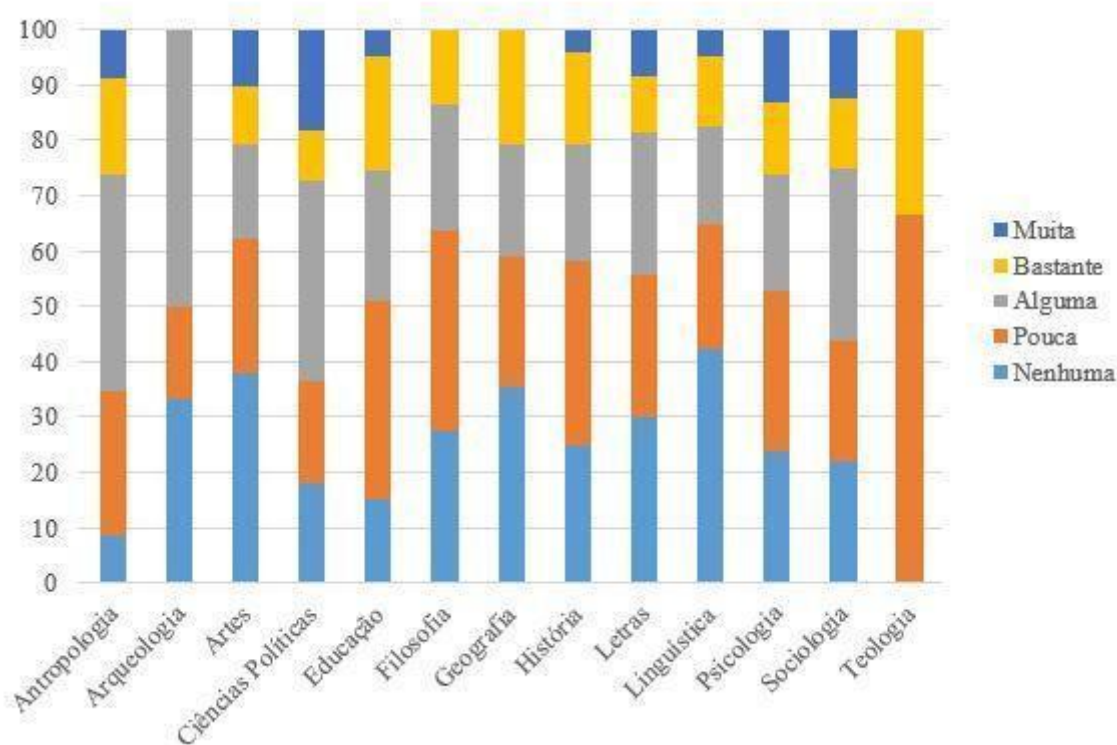
4) [Relacionar diferentes partes do artigo (ideias, parágrafos, seções)]



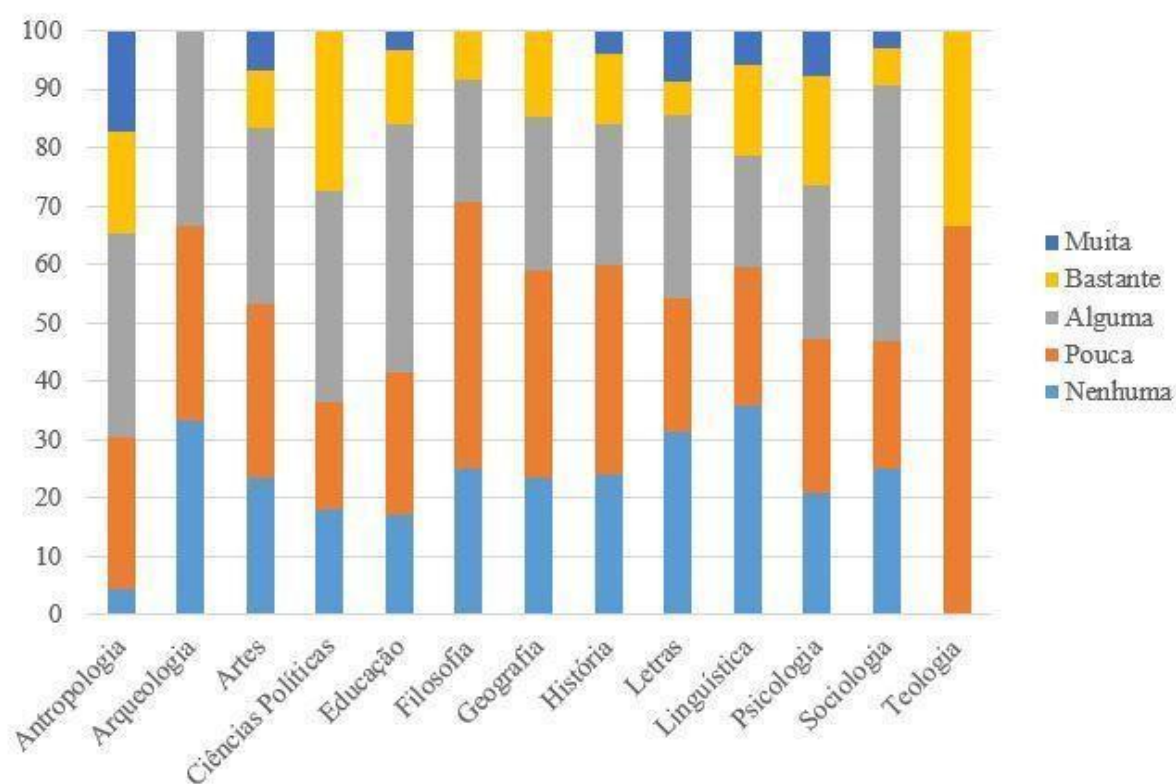
4) [Organizar minhas ideias de forma lógica e coerente]



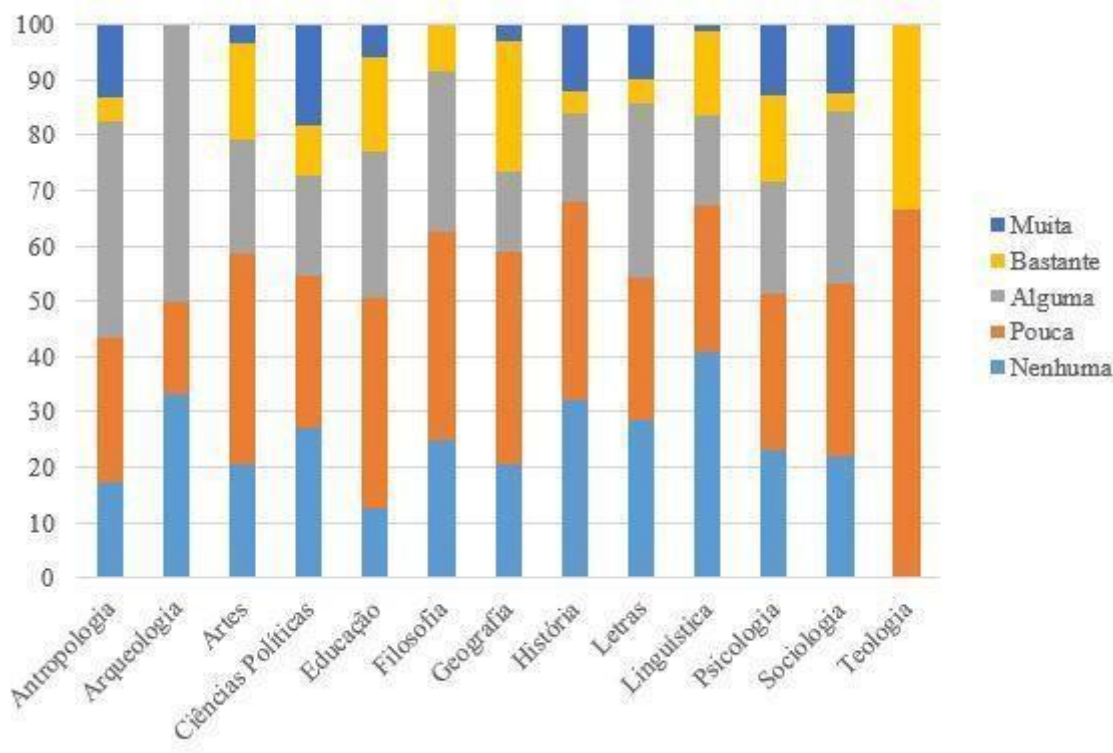
4) [Expressar minhas alegações com confiança e e assertividade]



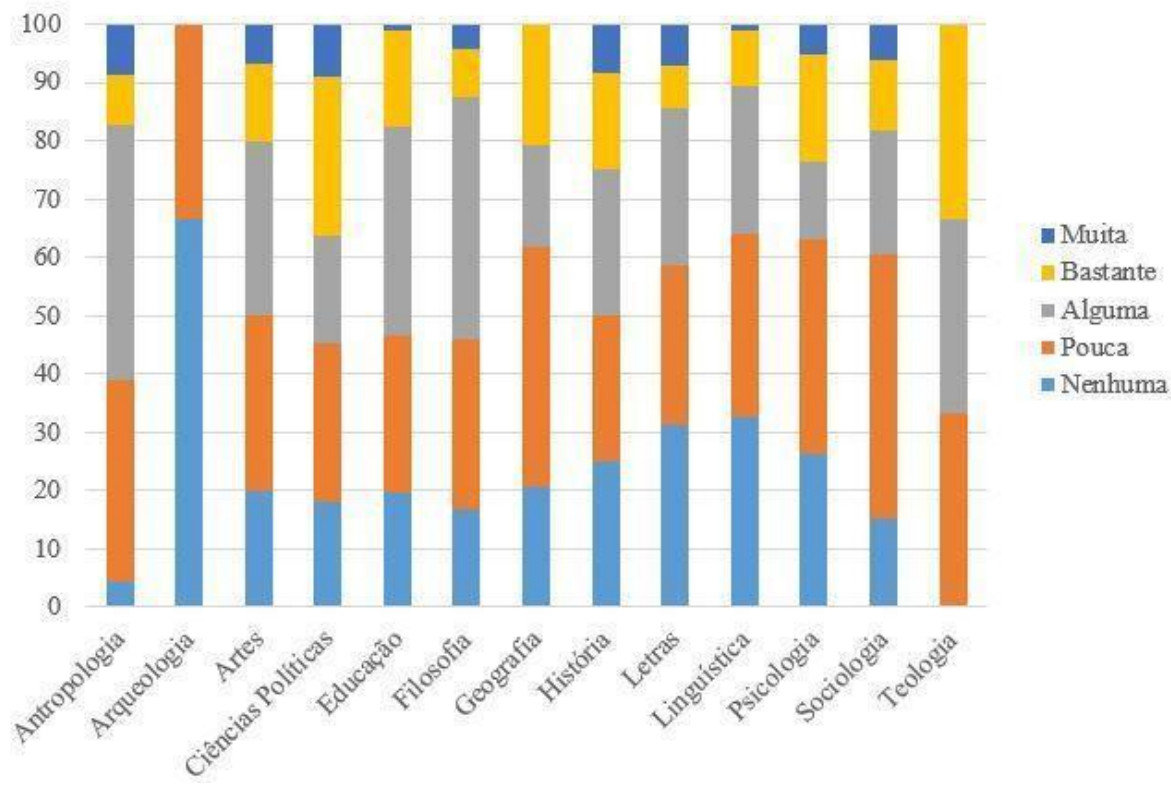
4) [Expressar claramente minha interpretação dos resultados]



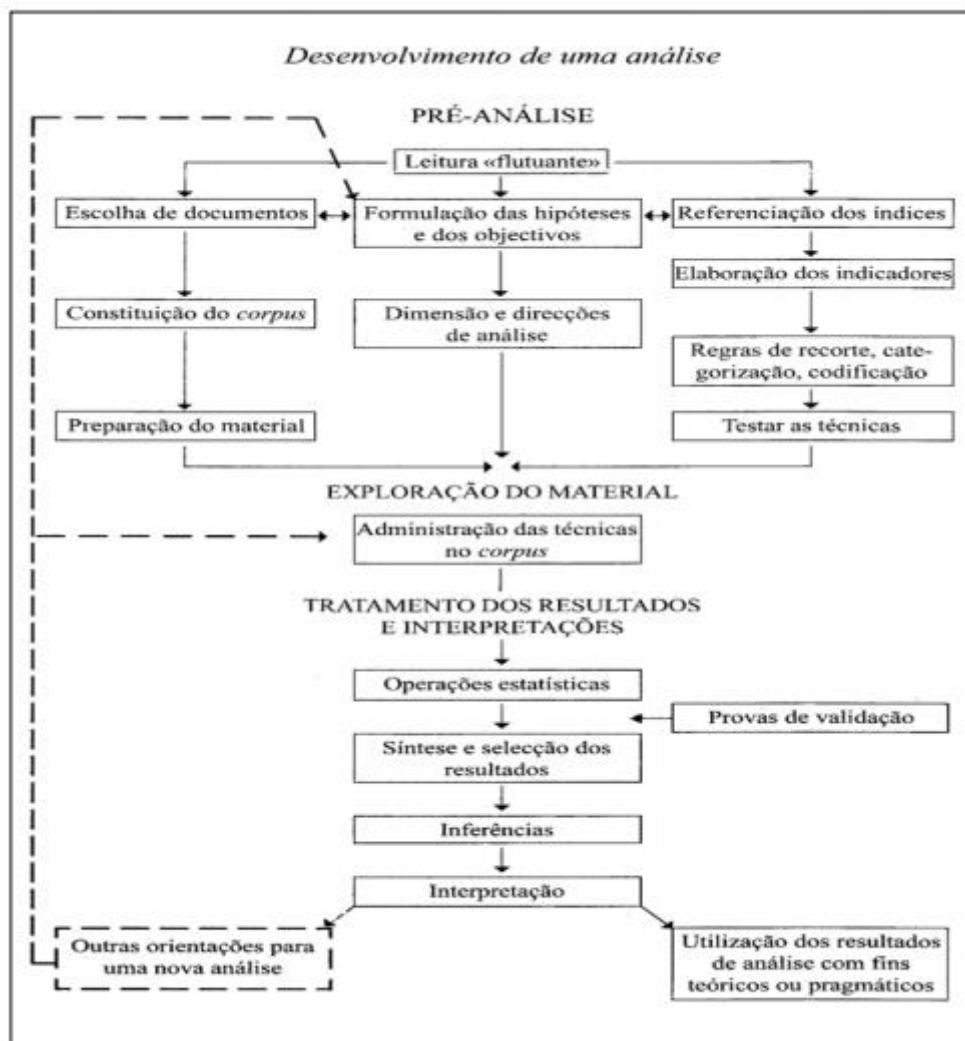
4) [Progressão textual para os leitores entenderem minha argumentação]



4) [Revisar a literatura apropriadamente]



ANEXO A — Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977, p.102)



ANEXO B — Charge "Corrida de Animais"



O nosso Sistema educacional em uma imagem.